O CONTO DA AIA

MARGARET ATWOOD

OS TESTAMENTOS

Rocco
DIGITAL

Box O conto da aia

ISBN: 978-65-5595-121-9

Contém os títulos:

O conto da aia | 978-85-8122-717-7

Os testamentos | 978-85-8122-782-5

Sumário

O conto da aia

Os testamentos

MARGARET ATWOOD

O CONTO DA AIA

THE HANDMAID'S TALE

ROCCO HITALI

MARGARET ATWOOD

O CONTO DA AIA

THE HANDMAID'S TALE

TRADUÇÃO
ANA DEIRÓ

ROCCO

Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob,
teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob:
Dá-me filhos, ou senão eu morro.

Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse:
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu
o fruto de teu ventre?

E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha;
Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos,
e eu, assim, receba filhos por ela.

– Gênesis, 30:1-3

Mas quanto a mim, tendo me exaurido ao longo de muitos
anos a oferecer pensamentos vãos, ociosos e visionários, e,
por fim, ter por completo perdido as esperanças de algum
dia ter sucesso, felizmente, encontrei esta proposta...

– Jonathan Swift, Uma modesta proposta

No deserto não existe nenhuma placa que diga:
Não comerás pedras.

– Provérbio sufi

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

I. Noite

II. Compras

III. Noite

IV. Sala de espera

V. Um cochilo

VI. Pertences da casa

VII. Noite

VIII. Dia do nascimento

IX. Noite

X. Escritos da alma

XI. Noite

XII. A casa de Jezebel

XIII. Noite

XIV. Salvamento

XV. NOITE

NOTAS HISTÓRICAS

CRÉDITOS

A AUTORA

I
NOITE

CAPÍTULO UM

Nós dormimos no que antes havia sido o ginásio esportivo. O assoalho era de madeira envernizada, com listras e círculos pintados, para os jogos que antigamente eram disputados ali; os aros para as redes das cestas de basquete ainda estavam em seus lugares, embora as redes tivessem desaparecido. Uma arquibancada cercava o salão para os espectadores, e imaginei que podia sentir, muito ligeiramente, como uma imagem residual, o cheiro pungente de suor, mesclado com a doçura latente de goma de mascar e o perfume das garotas assistindo aos jogos vestidas com saias de feltro, como eu tinha visto em fotografias, mais tarde de minissaias, em seguida calças, depois com um brinco só, os cabelos espetados com mechas pintadas de verde. Bailes teriam sido realizados ali, a música permanecia, um palimpsesto de sons jamais ouvidos, um estilo seguindo-se ao outro, uma cadência de tambores, um lamento desamparado, guirlandas feitas de flores de papel de seda, máscaras de cartolina, uma esfera giratória coberta de espelhos, salpicando os dançarinos com uma neve de luz.

Havia sexo antigo naquele espaço, e solidão, e expectativa, de alguma coisa sem forma nem nome. Lembro-me daquele anseio, por alguma coisa que estava sempre a ponto de acontecer e que nunca era a mesma como não eram as mãos que nos tocavam ali e, naquela época, por trás, bem lá embaixo nas costas, ou lá atrás no estacionamento nos fundos, ou na sala da televisão com o som bem baixinho e as imagens tremeluzindo sobre corpos que se levantavam.

Nós ansiávamos pelo futuro. Como foi que aprendemos aquilo, aquele talento pela insaciabilidade? Estava no ar; e ainda estava no ar, como uma reflexão tardia, enquanto tentávamos dormir, nos catres do exército que haviam sido dispostos em fileiras, espaçados de modo que não pudéssemos conversar. Tínhamos cobertas, lençóis de flanela de algodão, como as de crianças, e cobertores padrão fabricados para o exército, dos antigos que ainda diziam U.S. Dobrávamos nossas roupas cuidadosamente e as colocávamos sobre os

banquinhos aos pés das camas. As luzes eram diminuídas, mas não apagadas. Tia Sara e Tia Elizabeth patrulhavam; tinham aguilhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro.

Não tinham armas de fogo, porém, nem mesmo elas mereciam confiança para portar armas de fogo. As armas eram para os guardas. Especialmente escolhidos entre os Anjos. Os guardas não tinham permissão para entrar no prédio exceto quando eram chamados, e não tínhamos permissão para sair, exceto para as caminhadas, duas vezes por dia, duas a duas, ao redor do campo de futebol que agora estava cercado por uma cerca reforçada de malha metálica com rolos de arame farpado no alto. Os Anjos ficavam postados do lado de fora da cerca, de costas para nós. Eram objetos de medo para nós, mas também algo mais. Se ao menos nos olhassem. Se ao menos pudéssemos falar com eles. Alguma coisa poderia ser negociada, acreditávamos, algum acordo feito, alguma permuta, ainda tínhamos nossos corpos. Essa era a nossa fantasia.

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na quase-escuridão podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama:

Alma. Janine. Dolores. Moira. June.

II
COMPRAS

CAPÍTULO DOIS

Uma cadeira, uma cama, um abajur. Acima no teto branco, um ornamento em relevo na forma de uma coroa de flores, e no centro dele um espaço vazio, coberto de reboco, como o espaço em um rosto onde o olho foi tirado fora. Deve ter havido um lustre, antes. Eles tinham removido qualquer coisa em que você pudesse amarrar uma corda.

Uma janela, duas cortinas brancas. Sob a janela, um assento com uma pequena almofada. Quando a janela está parcialmente aberta – ela só se abre parcialmente – o ar pode entrar e fazer as cortinas se mexerem. Posso sentar na cadeira ou no banco junto à janela, as mãos com os dedos entrelaçados, e observar isso. A luz do sol também entra pela janela e bate no assoalho, que é feito de madeira, em ripas estreitas, muito bem enceradas. Há um tapete no chão, oval, feito de retalhos trançados. Esse é o tipo de detalhe de que eles gostam: arte folclórica, arcaica, feita por mulheres, em suas horas livres, de coisas que não têm mais utilidade. Um retorno aos valores tradicionais. Quem tudo economiza tem tudo que precisa. Não estou sendo desperdiçada. Por que ainda preciso?

Na parede acima da cadeira, um quadro, emoldurado mas sem vidro: uma estampa de flores, íris azuis, guache. Flores ainda são permitidas. Será que cada uma de nós tem a mesma estampa, a mesma cadeira, as mesmas cortinas brancas, eu gostaria de saber. Distribuídas pelo governo?

Pense nisso como servir ao exército, dizia Tia Lydia.

Uma cama. De solteiro, colchão de dureza média, coberto por uma colcha aveludada branca. Nada acontece na cama senão o sono; ou a falta de sono. Tento não pensar demais. Como outras coisas agora, os pensamentos devem ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar. Sei por que não há nenhum vidro, na frente do quadro de íris azuis, e por que a janela só se abre parcialmente e por que o vidro nela é inquebrável. Não é de fugas que eles têm medo. Não iríamos muito longe. São daquelas outras fugas, aquelas que você pode abrir em si

mesma, se tiver um instrumento cortante.

Muito bem. Exceto por esses detalhes, isso poderia ser um quarto de hóspedes de uma faculdade, para os visitantes menos importantes; ou um quarto de pensão, de tempos antigos, para senhoras em reduzidas condições de vida. Isso é o que somos agora. As condições de vida foram reduzidas; para aquelas dentre nós que ainda têm condições.

Mas uma cadeira, luz do sol, flores: essas coisas não devem ser descartadas. Estou viva, eu vivo, respiro, estendo minha mão para fora, aberta, para a luz do sol. Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia, que era apaixonada por ou isto ou aquilo.

O sino que mede o tempo está tocando. O tempo aqui é medido por sinos, como outrora nos conventos de freiras. Também como nos conventos, existem poucos espelhos.

Eu me levanto da cadeira, avanço meus pés para a luz do sol, até os sapatos vermelhos, sem salto para poupar a coluna e não para dançar. As luvas vermelhas estão sobre a cama. Pego-as, enfio-as em minhas mãos, dedo por dedo. Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas. Nunca fiquei bem de vermelho, não é a minha cor. Apanho a cesta de compras e a enfio no braço.

A porta do quarto – não do *meu* quarto, eu me recuso a dizer *meu* – não está trancada. Na verdade, ela não se fecha direito. Saio para o corredor bem encerado, que tem uma passadeira no centro, de um tom rosa-acinzentado. Como uma trilha aberta em meio à floresta, como um tapete para a realeza, mostra-me o caminho.

O tapete faz uma curva e desce a escadaria da frente e sigo por ele, com uma das mãos no corrimão, outrora uma árvore, abatida e transformada em outro século, polida até adquirir um brilho intenso. Do fim do período vitoriano, a casa é uma residência de família, construída para uma família rica e numerosa. Há um relógio de pé no vestíbulo, que distribui o tempo em quinhões, e então a

porta que dá para a maternal sala de estar da frente, com seus tons rosados e pequenos toques sugestivos. Uma sala onde nunca me sento, apenas fico de pé ou me ajoelho. No final do vestíbulo, acima da porta da frente, há uma bandeira semicircular de vidro colorido: flores vermelhas e azuis.

Resta um espelho, na parede da entrada. Viro minha cabeça de modo que as abas brancas da touca que emoldura meu rosto dirijam minha visão para ele, posso vê-lo enquanto desço as escadas, redondo, convexo. Um tremó, como um olho de peixe, e eu nele como uma sombra distorcida, uma paródia de alguma coisa, um personagem qualquer de conto de fadas com capa vermelha, descendo rumo a um momento de despreocupação que é o mesmo que perigo. Uma Irmã, banhada em sangue.

Ao pé da escada há um suporte para chapéus e guarda-chuvas, daqueles de madeira torneada, longos barrotes arredondados de madeira que se curvam suavemente para cima em forma de ganchos de formato semelhante ao dos fetos de folhas de samambaia ao se abrirem. Há vários guarda-chuvas nele: um preto para o Comandante, um azul para a Esposa do Comandante, e um que me é destinado, que é vermelho. Deixo o guarda-chuva vermelho onde está, porque sei da janela que o dia está ensolarado. Gostaria de saber se a Esposa do Comandante está na sala de estar ou não. Ela nem sempre senta. Por vezes posso ouvi-la andando de um lado para o outro, um passo pesado e depois um leve e o bater suave de sua bengala no tapete rosa-acinzentado.

Sigo caminhando pelo vestíbulo, passo pela porta da sala de estar e pela porta que dá para a sala de jantar, e abro a porta ao final do vestíbulo e entro na cozinha. Aqui o cheiro não é mais de lustra-móveis. Rita está aqui dentro, de pé diante da mesa da cozinha, que tem um tampo branco esmaltado lascado. Ela está com seu vestido habitual de Martha, que é verde desbotado como um traje cirúrgico dos tempos anteriores. O feitio de suas roupas é muito parecido com o das minhas, o vestido comprido escondendo as formas, mas com um avental de peitilho por cima e sem a touca com abas brancas e o véu. Ela põe o véu para sair, mas ninguém se importa muito com quem vê o rosto de uma Martha. As mangas estão arregaçadas até o cotovelo, deixando à vista seus braços morenos. Ela está fazendo pão, atirando os cones de massa para a rápida sovada final e depois dar a forma.

Rita me vê e acena com a cabeça, embora seja difícil dizer se é um cumprimento ou um simples reconhecimento de minha presença, e limpa as mãos cheias de farinha no avental e vai revirar a gaveta da cozinha em busca do talão de vales de alimentos. Franzindo o cenho, arranca três vales e os estende para mim. O rosto dela poderia ser gentil se ela sorrisse. Mas o cenho franzido não é nada pessoal contra mim: é o vestido vermelho que ela desaprova, e o que ele representa. Ela acha que pode ser contagioso, como uma doença ou algum tipo de má sorte.

Por vezes fico escutando do lado de fora de portas fechadas, algo que nunca teria feito no tempo de antes. Não escuto por muito tempo, porque não quero ser apanhada fazendo isso. Mas certa vez ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira.

Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer, se acontecesse?

Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha.

Com as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei.

Elas estavam descascando ervilhas; mesmo através da porta quase fechada eu podia ouvir o tilintar ligeiro das ervilhas caindo na tigela de metal. Ouvi Rita, um grunhido ou um suspiro, de protesto ou de concordância.

De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão ruim. Não é o que se consideraria trabalho pesado.

Antes ela do que eu, disse Rita, e eu abri a porta. Os rostos delas estavam da maneira como ficam os rostos de mulheres quando elas estiveram falando a seu respeito pelas costas e acham que você ouviu: constrangidos, mas ao mesmo tempo um pouco desafiadores, como se aquilo fosse direito delas. Naquele dia, Cora foi mais agradável comigo do que de costume, Rita mais rabugenta.

Hoje, a despeito do semblante carrancudo de Rita e dos lábios cerrados, eu gostaria de ficar aqui, na cozinha. Cora poderia entrar, vinda de alguma outra parte da casa, trazendo sua garrafa de óleo de limão e seu espanador, e Rita faria um café – nas casas dos Comandantes ainda existe café de verdade –, e nos sentaríamos à mesa da cozinha de Rita, que não é de Rita tanto quanto a minha

mesa não é minha, e conversaríamos, sobre nossos grandes e pequenos males, dores e incômodos, doenças, sobre nossos pés e nossas costas, todos os diferentes tipos de peças que nossos corpos, como crianças travessas, podem nos pregar. Daríamos acenos de cabeça, à guisa de pontuação para as vozes umas das outras, num sinal de que sim, sabemos tudo a respeito disso. Trocaríamos remédios e tentaríamos superar umas às outras no relato de nossos sofrimentos físicos, nos queixaríamos suavemente, as vozes mansas e em tom menor e chorosas como as de pombas nas calhas dos telhados. *Eu sei do que você está falando*, diríamos. Ou uma expressão antiquada que por vezes ainda se ouve, de gente mais velha: *Conheço os passos dessa estrada, já passei por ela*, como se a própria voz fosse um viajante, chegando de um lugar distante. O que de fato seria, o que de fato é.

Como eu costumava desprezar esse tipo de conversa. Agora anseio por elas. Pelo menos eram conversas. Uma troca, por menor que fosse.

Ou falaríamos da vida dos outros. As Marthas sabem de coisas, conversam entre si, transmitindo as notícias não oficiais de casa em casa. Assim como eu, elas ficam a escutar por trás das portas, sem dúvida, e veem coisas mesmo com os olhos desviados. Eu já as ouvi fazer isso em algumas ocasiões, escutei fragmentos de suas conversas particulares. *Natimorto, este nasceu morto*. Ou: *E a golpeou com uma agulha de tricô, bem na barriga. Só pode ter sido por ciúme, estava consumida pelo ciúme*. Ou de maneira torturante para minha curiosidade: *Foi um limpador de vaso sanitário que ela usou. Funcionou às mil maravilhas, embora seria de se imaginar que ele tivesse sentido o gosto. Devia estar caindo de bêbado; mas eles descobriram o que ela tinha feito*.

Ou eu ajudaria Rita a fazer o pão, mergulhando as mãos naquele calor resistente e suave que se parece tanto com o de nossa carne. Anseio por tocar alguma coisa, algo que não seja pano ou madeira. Anseio por cometer o ato do toque.

Mas mesmo se eu pedisse, mesmo se eu violasse o decoro a esse ponto, Rita não permitiria. Ela teria medo demais. As Marthas não devem confraternizar conosco.

Confraternizar significa comportar-se como um irmão. Luke me disse isso. Ele me disse que não existia palavra correspondente que significasse *comportar-se como uma irmã*. Teria que ser *consororizar*, disse ele. Do latim. Ele gostava de saber detalhes assim. As derivações de palavras, os usos curiosos. Eu costumava

caçoar dele, dizer que era pedante.

Pego os vales de alimentos da mão estendida de Rita. Os vales têm diferentes ilustrações, das coisas pelas quais podem ser trocados: doze ovos, um pedaço de queijo, uma coisa marrom que deveria ser um bife. Eu os guardo no bolso com zíper em minha manga, onde mantenho meu passe.

– Diga a eles que têm que ser frescos, os ovos – diz ela. – Não como da última vez. E um frango, não uma galinha. Diga a eles para quem é e eles não vão fazer corpo mole.

– Está bem – respondo. Não sorrio. Por que tentá-la com amizade?

CAPÍTULO TRÊS

Saio pela porta dos fundos, para o jardim, que é grande e bem cuidado: um gramado no meio, um salgueiro, amentilhos floridos; ao redor das bordas, os canteiros de flores, nos quais os narcisos agora começam a desaparecer e as tulipas estão abrindo suas pétalas, derramando-se em cores. As tulipas são vermelhas, de um tom carmesim mais escuro junto aos talos; como se tivessem sido cortadas ali e estivessem começando a sarar.

O jardim é o domínio da Esposa do Comandante. Olhando para fora por minha janela com vidro inquebrável, com frequência a vejo nele, os joelhos sobre uma almofada, um véu azul atirado sobre as abas largas do chapéu de jardineiro, uma cesta ao lado com podadeiras e pedaços de barbante para amarrar as flores no lugar. Um Guardião destacado para servir o Comandante faz o trabalho pesado de cavar, a Esposa do Comandante dá instruções, apontando com sua bengala. Muitas das Esposas têm jardins desse tipo, é alguma coisa para organizarem e manter e cuidar, dar as ordens.

Houve uma época em que eu tive um jardim. Posso lembrar do cheiro da terra revolvida, das formas roliças dos bulbos seguros nas mãos, plenitude, do farfalhar seco das sementes por entre os dedos. O tempo poderia passar mais depressa assim. Por vezes a Esposa do Comandante manda trazer uma cadeira para fora e apenas fica sentada lá, em seu jardim. Visto de longe isso parece paz.

Ela não está aqui agora, e começo a me perguntar onde estará: não gosto de cruzar com a Esposa do Comandante inesperadamente. Talvez esteja costurando, na sala de estar, com o pé esquerdo sobre um banquinho por causa da artrite. Ou tricotando echarpes para os Anjos nas frentes de batalha. Tenho dificuldade em acreditar que os Anjos tenham necessidade dessas echarpes; de todo modo, as que são feitas pela Esposa do Comandante são refinadas demais. Ela não se dá ao trabalho de fazer o padrão bordado de cruz e estrela usado por muitas das outras Esposas, não há desafio algum naquele. Pinheiros marcham ao longo das pontas de suas echarpes, ou águias, ou figuras humanoides rígidas, menino, menina,

menino, menina. Não são echarpes para adultos e sim para crianças.

Às vezes penso que essas echarpes não são enviadas para os Anjos no fim das contas, e sim desmanchadas e devolvidas em bolas de fio de lã, para serem mais uma vez tricotadas. Talvez seja apenas alguma coisa para manter as Esposas ocupadas, dar-lhes uma noção de objetivo a cumprir. Mas invejo a Esposa do Comandante por seu tricô. É bom ter pequenas metas que podem ser facilmente alcançadas.

O que ela inveja em mim?

Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade.

Nós nos vimos cara a cara pela primeira vez há cinco semanas, quando cheguei a este posto. O Guardião do meu posto anterior me trouxe até a porta da frente. Nos primeiros dias as portas da frente nos são permitidas, mas depois disso devemos usar os fundos. As coisas não se acomodaram, ainda é cedo demais, todo mundo ainda está inseguro sobre qual é exatamente o nosso status. Depois de algum tempo será sempre pelas portas da frente ou somente pelas dos fundos.

Tia Lydia dizia que estava fazendo lobby pelas da frente. A sua é uma posição de honra, dizia ela.

O Guardião tocou a campainha para mim, mas antes que houvesse tempo para alguém ouvir e vir depressa atender, a porta se abriu para dentro. Ela devia estar esperando atrás da porta. Eu esperava ser recebida por uma Martha, mas em vez disso era ela, em seu longo traje cerimonial azul-claro, inconfundível.

Então, é você a nova, disse ela. Não deu um passo ao lado para me deixar entrar, apenas ficou parada ali, no vão da porta, bloqueando a entrada. Queria fazer com que eu sentisse que não poderia entrar em sua casa a menos que ela me autorizasse. Há uma disputa de poder, hoje em dia, com relação a detalhes desse tipo.

Sou, respondi.

Deixe isso na varanda. Ela disse isso para o Guardião que estava carregando minha mala. A mala era de vinil vermelho e não era grande. Havia outra mala, com a capa de inverno e vestidos mais pesados, mas essa viria depois.

O Guardião largou a mala e bateu continência para ela. Então ouvi os passos dele atrás de mim, recuando até chegar à calçada, e o estalido do portão da

frente, e me senti como se um braço protetor estivesse sendo retirado. A soleira da porta de uma nova casa é um lugar solitário.

Ela esperou até que o carro desse a partida e se afastasse. Eu não estava olhando para o rosto dela, mas para a parte dela que podia ver com a cabeça baixa: o corpo de cintura larga do vestido azul, a mão esquerda no punho de marfim da bengala, os grandes diamantes no dedo anular, que outrora devia ter sido fino e delicado mas que ainda era bem cuidado, a unha na ponta do dedo nodoso bem lixada em forma de uma curva suave. Era como um sorriso irônico, naquele dedo, como algo que zombasse dela.

Talvez seja melhor você entrar, disse. Ela me deu as costas e saiu manquejando pelo corredor da entrada. Feche a porta quando passar.

Carreguei a mala vermelha para dentro, como sem dúvida deve ter sido o que ela queria, depois fechei a porta. Eu não disse nada para ela. Tia Lydia dizia que era melhor não falar a menos que fizessem uma pergunta direta a você. Tente pensar na situação sob o ponto de vista delas, dizia, as mãos apertadas e torcidas, com seu sorriso nervoso suplicante. Não é fácil para elas.

Entre aqui, disse a Esposa do Comandante. Quando entrei na sala de estar ela já estava sentada em sua cadeira, o pé esquerdo sobre o banquinho, com a almofada bordada em *petit point*, rosas numa cesta. O tricô estava no chão, ao lado da cadeira, as agulhas enfiadas.

Fiquei parada diante dela, as mãos unidas, dedos entrelaçados. Então, disse ela. Pegou um cigarro e o colocou entre os lábios e o segurou lá enquanto o acendia. Os lábios eram finos, apertados daquela forma, com as rugas verticais ao redor deles como se costumava ver nos anúncios de cosméticos para lábios. O isqueiro era cor de marfim. Os cigarros deviam ter vindo do mercado clandestino, pensei, e aquilo me deu esperança. Mesmo agora que não existe mais dinheiro de verdade, ainda há um mercado clandestino. Sempre existe um mercado clandestino, sempre existe alguma coisa que pode ser trocada. Então ela era uma mulher que talvez violasse as regras. Mas o que eu possuía que pudesse trocar?

Olhei para o cigarro com desejo. Para mim, como álcool e café, cigarros eram proibidos.

Então o velho, qual é mesmo o nome dele, não deu certo, disse ela.

Não, senhora, respondi.

Ela deu o que poderia ter sido uma risada, então tossiu.

Que azar o dele, comentou ela. Esse é o seu segundo, não é?

Terceiro, senhora, respondi.

Não tão bom para você também, observou ela. Houve outra risada misturada com tosse. Pode se sentar. Não tenho o hábito de fazer isso, mas apenas desta vez.

Eu me sentei, na beirada de uma das cadeiras de espaldar duro. Não queria ficar olhando ao redor da sala. Não queria parecer pouco atenciosa com ela; de modo que a cornija de mármore da lareira à minha direita e o espelho acima dela e os arranjos de flores eram apenas sombras naquele dia, vislumbrados pelos cantos de meus olhos. Mais tarde eu teria tempo mais do que suficiente para observá-los.

Agora o rosto dela estava na mesma altura que o meu. Tive a impressão de reconhecê-la; ou pelo menos que havia algo de familiar nela. Um pouco de seu cabelo estava à mostra, por baixo do véu. Ainda era louro. Então pensei que ela talvez o oxigenasse, que tinta de cabelo era outra coisa que ela poderia conseguir no mercado clandestino, mas agora sei que é louro de verdade. As sobrancelhas dela haviam sido tiradas com uma pinça de modo a formar linhas finas arqueadas, que lhe davam uma expressão permanente de surpresa, ou de ultraje, ou de curiosidade, como se pode ver numa criança espantada, mas abaixo delas as pálpebras tinham uma aparência cansada. Mas não os olhos, que eram do tom azul frio e hostil de um céu no meio do verão, sob a luz intensa do sol, um azul que isola e exclui você. O nariz devia um dia ter sido o que se chamava de gracioso, mas agora era pequeno demais para o rosto dela. O rosto não era gordo, mas era grande. Dois sulcos desciam dos cantos da boca; entre eles ficava o queixo, cerrado como um punho.

Quero ver você o mínimo possível, disse ela. Espero que se comporte da mesma forma com relação a mim.

Eu não respondi, uma vez que um sim teria sido insultuoso, um não, contraditório.

Sei que você não é ignorante, prosseguiu ela. Então tragou o cigarro e expeliu a fumaça. Li a sua ficha. No que me diz respeito, isto é uma transação comercial, um negócio. Mas se me trouxer problemas, darei o troco na mesma moeda, também lhe darei problemas. Está me entendendo?

Sim, senhora, respondi.

Não me chame de senhora, disse ela com irritação. Você não é uma Martha.

Não perguntei de que eu deveria chamá-la, porque podia ver que ela esperava que eu nunca tivesse a oportunidade de chamá-la de coisa nenhuma. Fiquei desapontada. Eu queria, naquela época, transformá-la numa irmã mais velha, numa figura maternal, alguém que me compreenderia e me protegeria. A Esposa em meu posto anterior àquele tinha passado a maior parte do tempo em seu quarto; as Marthas diziam que ela bebia. Eu queria que esta aqui fosse diferente. Queria pensar que eu teria gostado dela, em outra época e em outro lugar, em outra vida. Mas já podia ver que não teria gostado dela, nem ela de mim.

Ela apagou o cigarro, fumado pela metade, num pequeno cinzeiro ornamentado de arabescos sobre a mesa do abajur a seu lado. Fez isso de maneira decidida, uma estocada e uma amassada, não a série de leves batidas delicadas preferidas por muitas das Esposas.

Quanto a meu marido, disse ela, ele é apenas isso. Meu marido. Quero que isso fique perfeitamente claro. Até que a morte nos separe. É definitivo.

Sim, senhora, respondi de novo, me esquecendo. Costumava haver bonecas, para garotinhas, que falavam se você puxasse um cordão na parte de trás; pensei que minha voz estava soando assim, uma voz monótona, uma voz de boneca. Ela provavelmente estava com vontade de me dar uns tabefes na cara. Eles podem bater em nós, existe precedente nas Escrituras determinando isso. Mas não com qualquer instrumento. Somente com suas mãos.

É uma das coisas pelas quais lutamos, disse a Esposa do Comandante, e subitamente ela não estava mais olhando para mim, estava olhando para baixo, para suas mãos nodosas cheias de diamantes, e então me lembrei de onde a havia visto antes.

A primeira vez foi na televisão, quando eu tinha oito ou nove anos. Era quando minha mãe estava em casa dormindo, nas manhãs de domingo e eu acordava cedo e ia até o aparelho de televisão no estúdio de minha mãe e ficava passando de canal em canal em busca de desenhos animados. Por vezes, quando não conseguia encontrar nenhum, costumava assistir à *Hora dos Evangelhos das almas em crescimento*, onde contavam histórias da Bíblia para crianças e cantavam hinos. Uma das mulheres se chamava Serena Joy. Ela era a soprano principal. Era uma mulher de cabelos louro-acinzentados, de tipo *mignon*, com

um nariz arrebitado e enormes olhos azuis que reviravam para cima durante os hinos. Ela conseguia sorrir e chorar ao mesmo tempo, uma ou duas lágrimas escorrendo graciosamente pela face, como se respondendo a uma deixa, enquanto sua voz se elevava às notas mais altas, trêmula, sem nenhum esforço. Foi mais tarde que ela passou a se dedicar a outras coisas.

A mulher sentada na minha frente era Serena Joy. Ou tinha sido, outrora. De modo que a situação era pior do que eu havia imaginado.

CAPÍTULO QUATRO

Vou andando pelo caminho de cascalho que divide o gramado dos fundos, com esmero, como um repartido de cabelo. Choveu durante a noite; a grama dos dois lados está molhada, o ar úmido. Há minhocas por toda parte, evidência da fertilidade do solo, apanhadas pelo sol, semimortas, flexíveis e rosadas, como lábios.

Abro o portão de estacas brancas e prossigo, passando pelo gramado da frente e em direção ao portão da frente. Na entrada para carros, um dos Guardiões destacado para serviço em nossa residência está lavando o carro. Isso deve significar que o Comandante está na casa, em seus próprios aposentos, depois da sala de jantar e mais além, onde parece ficar a maior parte do tempo.

O carro é um modelo muito caro, um Tormentas; melhor que o Carruagem, muito melhor que o grandalhão e prático Beemoth.[1] É preto, claro, a cor do prestígio ou de um carro funerário, longo e de formas suaves e graciosas. O motorista está polindo o carro com um pano acamurçado, carinhosamente. Pelo menos isso não mudou, a maneira como os homens acariciam os bons carros.

Ele veste o uniforme dos Guardiões, mas está com o quepe inclinado num ângulo garboso e as mangas enroladas até o cotovelo, mostrando seus antebraços bronzeados, mas com um pontilhado de pelos escuros. Está com um cigarro enfiado no canto da boca, o que mostra que ele também tem alguma coisa que pode trocar no mercado clandestino.

Sei o nome desse homem: Nick. Sei disso porque ouvi Rita e Cora falando a respeito dele, e numa ocasião ouvi o Comandante falar com ele: Nick, não vou precisar do carro.

Ele mora aqui, na casa da família, em cima da garagem. Tem baixo status: oficialmente não lhe foi concedida uma mulher, nem sequer uma. Não conseguiu se classificar para isso: tem algum defeito, falta de bons contatos. Mas age como se não soubesse disso, ou pouco se importasse. É demasiado informal, não é servil o suficiente. É possível que seja por burrice, mas não acredito. Não me

cheira bem, como costumavam dizer; ou: Me deixa com a pulga atrás da orelha, cheira mal. Sem querer, não consigo deixar de pensar em como poderia ser o cheiro dele. Não um cheiro ruim, um fedor desagradável: pele bronzeada, úmida ao sol, coberta por uma película de fumaça. Eu suspiro, inalando.

Ele olha para mim e me vê olhando. Tem um rosto francês, magro, forte, pouco comum, ligeiramente jocoso, cheio de planos e ângulos, com sulcos fundos ao redor da boca onde sorri. Dá uma tragada final no cigarro, deixa cair no pavimento e pisa nele. Ele começa a assobiar. E então pisca um olho.

Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasse?

Talvez estivesse apenas sendo amistoso. Talvez tenha visto a expressão em meu rosto e a interpretado erroneamente como sendo outra coisa. Na verdade, o que eu queria era o cigarro.

Talvez tenha sido um teste, para ver o que eu iria fazer.

Talvez ele seja um Olho.

Abro o portão da frente e o fecho atrás de mim, olhando para baixo, mas não para trás. A calçada é de tijolos vermelhos. Essa é a paisagem em que me concentro, um campo de retângulos, suavemente ondulado onde a terra abaixo se dobrou, devido a décadas e décadas de geadas de inverno. A cor dos tijolos é antiga, mas ainda assim fresca e nítida. As calçadas são mantidas muito mais limpas do que costumavam ser.

Caminho até a esquina e espero. Eu costumava ser ruim em esperar. Eles também servem quem fica parada e espera, dizia Tia Lydia. Ela nos fez memorizar isso. Também disse: Nem todas vocês conseguirão se sair bem. Algumas de vocês cairão em solo infértil ou espinhoso. Algumas de vocês não têm raízes profundas. Ela tinha uma verruga no queixo que subia e descia à medida que falava. Ela disse: Pensem em si próprias como sementes, e naquele exato momento a voz dela adquiriu um tom adulador, lisonjeiro, conspirador, como as vozes daquelas mulheres que costumavam dar aulas de balé a crianças, e que diziam: Braços para cima no ar agora; vamos fingir que somos árvores.

Fico parada na esquina, fingindo que sou uma árvore.

Uma forma, vermelha com touca de abas brancas ao redor da cabeça, uma forma como a minha, uma mulher de aparência sem graça e desinteressante, de vermelho, carregando uma cesta, se aproxima pela calçada de tijolos em minha direção. Ela me alcança e examinamos uma o rosto da outra, olhando pelos túneis brancos de tecido que nos cercam. Ela é a mulher certa.

– Bendito seja o fruto – diz ela para mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós.

– Que possa o Senhor abrir – respondo, a resposta também correta. Viramo-nos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável.

Esta mulher tem sido minha parceira há duas semanas. Não sei o que aconteceu com a outra, a anterior. Um belo dia, ela simplesmente não estava mais lá, e esta aqui estava em seu lugar. Não é o tipo de coisa a qual você faça perguntas, porque as respostas não são, geralmente, respostas que você queira conhecer. De qualquer maneira, não haveria uma resposta.

Esta aqui é um pouco mais roliça do que eu. Seus olhos são castanhos. O nome dela é Ofglen, e isso é mais ou menos tudo que sei a seu respeito. Ela caminha com modéstia e gravidade afetadas, de cabeça baixa, as mãos enluvadas de vermelho entrelaçadas na frente, com pequenos passos curtos, como um porco treinado andando sobre as patas traseiras. Durante essas caminhadas ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo, no entanto, nem eu. Pode ser uma verdadeira crente, uma Aia em mais do que apenas o título. Não posso correr o risco.

– A guerra está indo bem – diz ela.

– Louvado seja – respondo.

– Tivemos a bênção do tempo bom.

– Que eu recebo com alegria.

– Derrotaram mais rebeldes, desde ontem.

– Louvado seja – respondo. Não lhe pergunto como sabe. – O que eram eles?

– Batistas. Tinham uma fortaleza nas Colinas Azuis. Eles os obrigaram a sair

de lá.

– Louvado seja.

Às vezes eu desejaria que ela apenas se calasse e me deixasse andar em paz. Mas estou faminta por notícias, qualquer tipo de notícias, mesmo que sejam falsas notícias, devem significar alguma coisa.

Chegamos à primeira barreira de controle, que é como as barreiras que bloqueiam trechos de estradas em obras, ou escavações de esgotos abertas: um obstáculo de madeira pintado num padrão de linhas cruzadas com listras amarelas e pretas, um hexágono vermelho que significa Parar. Perto do portão de passagem há algumas lanternas, que não estão acesas porque não é noite. Acima de nós, eu sei, existem holofotes, presos aos postes telefônicos, para serem usados em emergências, e há homens com metralhadoras nos abrigos de cimento armado no alto de pilares dos dois lados da estrada. Não vejo as metralhadoras nem os abrigos nos pilares por causa das abas ao redor de meu rosto. Apenas sei que estão lá.

Atrás da barreira, esperando por nós na passagem estreita do portão, estão dois homens, com os uniformes verdes dos Guardiões da Fé, com o escudo de armas nos ombros e nas boinas: duas espadas cruzadas, acima de um triângulo branco. Os Guardiões não são soldados de verdade. São usados no policiamento de rotina e em outras funções sem importância, cavar o jardim da Esposa do Comandante, por exemplo, e ou são burros ou mais velhos ou incapacitados ou muito jovens, exceto pelos que são Olhos ocultos.

Estes dois são muito jovens: em um o bigode ainda é de fios ralos, no outro o rosto ainda está cheio de espinhas. A juventude deles é comovente, mas sei que não posso me deixar enganar por ela. Os jovens são com frequência os mais perigosos, os mais fanáticos, os mais nervosos com suas armas. Ainda não aprenderam com o tempo sobre as coisas da vida. Você tem que ir bem devagar com eles.

Na semana passada mataram a tiros uma mulher, bem aqui. Era uma Martha. Estava remexendo em sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba. Pensaram que fosse um homem disfarçado. Já houve incidentes desse tipo.

Rita e Cora conheciam a mulher. Eu as ouvi falando sobre o ocorrido, na cozinha.

Estavam fazendo seu trabalho, disse Cora. Mantendo-nos seguras.

Nada é mais seguro que a morte, retrucou Rita, em tom zangado. Ela estava apenas cuidando de suas obrigações. Não havia necessidade de matá-la.

Foi um acidente, disse Cora.

Acidentes não existem. Tudo acontece intencionalmente. Eu podia ouvi-la batendo as panelas umas nas outras, na pia.

Bem, de qualquer maneira, alguém vai pensar duas vezes antes de explodir esta casa, disse Cora.

Mesmo assim, retrucou Rita. Ela trabalhava duro. Foi uma morte ruim.

Posso pensar em piores, disse Cora. Pelo menos foi rápida.

Você pode dizer isso, retrucou Rita. Eu preferiria ter algum tempo antes, sabe. Para botar as coisas em ordem.

Os dois Guardiões nos saúdam com uma continência, levando os dedos às bordas das boinas. Tais homenagens nos são concedidas. Espera-se que eles demonstrem respeito, devido à natureza de nosso serviço.

Apresentamos os passes, tirados de nossos bolsos com zíper nas mangas largas, e eles são inspecionados e carimbados. Um homem vai até o abrigo de concreto da direita, para digitar nossos números no Compucheque.

Ao devolver meu passe, o Guardião do bigode cor de pêssego inclina a cabeça para tentar dar uma olhadela no meu rosto. Levanto um pouco a cabeça, para ajudá-lo, e ele vê meus olhos e vejo os dele, e ele enrubesce. O rosto dele é comprido e triste, como o de uma ovelha, mas com os olhos grandes e redondos de um cachorro, um spaniel não um terrier. A pele é pálida e tem uma aparência delicada pouco saudável, como a da pele sob uma casca de ferida. Apesar disso, penso em pôr minha mão nela, naquela face exposta. É ele quem vira o rosto para o outro lado.

É um acontecimento, um pequeno desafio às regras, tão pequeno a ponto de ser indetectável, mas momentos como esse são as recompensas que guardo para mim mesma, como as balas que juntava e escondia, quando criança, no fundo de uma gaveta. Momentos como esse são possibilidades, minúsculos olhos mágicos.

E se eu viesse aqui à noite, quando ele estivesse montando guarda sozinho – embora nunca lhe fosse ser permitida tanta solidão – e permitisse que ele visse para além de minhas abas brancas? E se eu tirasse minha mortalha vermelha e

me mostrasse a ele, a eles, sob a luz bruxuleante das lanternas? É a respeito disso que devem pensar de vez em quando, enquanto estão de pé interminavelmente junto a esta barreira, pela qual ninguém passa, exceto os Comandantes dos Fiéis em seus longos carros negros murmuradores, ou suas Esposas de azul e filhas de véus brancos obedientes a caminho de Salvamentos e de "Rezavagâncias", ou as rechonchudas Marthas de verde, ou o Partomóvel ocasional, ou suas Aias de vermelho, a pé. Ou, às vezes, uma camionete pintada de preto, com o olho alado em branco dos lados. As janelas das camionetes têm vidros tingidos escuros, e os homens sentados nos assentos dianteiros usam óculos escuros: uma dupla obscuridade.

As camionetes são sem dúvida mais silenciosas que os outros carros. Quando passam, desviamos os olhos. Se há sons vindo de dentro delas, tentamos não ouvi-los. O coração de ninguém é perfeito.

Quando as camionetes pretas chegam a um posto de controle, são recebidas com acenos para passar direto sem nenhuma pausa. Os Guardiões não quereriam correr o risco de olhar para dentro, de revistá-las, de duvidar da autoridade delas. Não importa o que pensem.

Se é que pensam, não é possível dizer só de olhar para eles.

É mais provável, porém, que não pensem em termos de roupas descartadas, jogadas na grama. Se pensam em um beijo, devem então pensar imediatamente nos holofotes se acendendo, nos tiros de carabina. Em vez disso pensam em cumprir seu dever e serem promovidos a Anjos, e em possivelmente ter permissão de se casar, e então, se forem capazes de ganhar poder suficiente e viver até ficarem velhos o suficiente, de serem aquinhoados com uma Aia só deles.

O de bigode abre o pequeno portão de pedestres para nós e recua um bocado, postando-se bem longe de nosso caminho, e passamos. Enquanto nos afastamos sei que estão nos observando, esses dois homens que ainda não têm sequer permissão para tocar em mulheres. Eles tocam com os olhos, e eu remexo um pouco os quadris, sentindo a saia vermelha rodada balançar ao meu redor. É como dar uma banana quando se está atrás de uma cerca ou atiçar um cachorro com um osso mantido fora do alcance, e sinto-me envergonhada de meu comportamento, porque nada disso é culpa desses homens, são jovens demais.

Então descubro que afinal não estou envergonhada. Aprecio o poder; o poder de um osso de cachorro, passivo mas presente. E espero que fiquem de pau duro ao nos verem e que tenham que se esfregar contra as barreiras pintadas, às escondidas. Eles sofrerão, mais tarde, à noite, em suas camas de regimento. Agora não dispõem mais de quaisquer meios para dar vazão, exceto por si próprios, e isso é um sacrilégio. Não existem mais revistas, não existem mais filmes, não existem mais substitutos; só eu e minha sombra se afastando dos dois homens, que se perfilam, rigidamente, junto a uma barreira de estrada, impedindo um caminho, observando nossas formas que se distanciam.

1. Tormentas, Oséas, 8:7; Beemoth ou, Hipopótamo, Job, 40:15. (N.da T.)

CAPÍTULO CINCO

Duplicada, ando pela rua. Embora não estejamos mais na área cercada reservada aos Comandantes, aqui também há casas grandes. Diante de uma delas um Guardião está cortando a grama. Os gramados são bem cuidados, as fachadas, graciosas, em bom estado; elas são como as belas fotografias que se costumavam imprimir nas revistas sobre casas e jardins e decoração de interiores. Existe a mesma ausência de pessoas, a mesma aparência de estarem adormecidas. A rua é quase como um museu, ou uma rua numa cidade modelo construída para mostrar a maneira como as pessoas costumavam viver. Como naquelas fotografias, naqueles museus, naquelas cidades modelos, não há crianças.

Este é o coração de Gilead, onde a guerra não pode penetrar nem se intrometer, exceto pela televisão. Onde ficam os limites não sabemos ao certo, eles variam, de acordo com os ataques e contra-ataques; mas este é o centro, onde nada se move. A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você.

Houve uma época em que aqui moravam médicos, advogados, professores universitários. Não existem mais advogados, e a universidade está fechada.

Luke e eu costumávamos passear juntos, de vez em quando, por estas ruas. Costumávamos falar em comprar uma casa como uma dessas, uma grande casa velha, e restaurá-la. Teríamos um jardim, balanços para as crianças. Teríamos filhos. Embora soubéssemos que não era muito provável que algum dia viéssemos a ter condições para isso, era um assunto de conversa, uma brincadeira de domingo. Tamanha liberdade, agora, parece quase sem importância.

Dobramos a esquina e entramos numa rua principal, onde há mais tráfego. Carros passam, a maioria deles pretos, alguns cinzentos e marrons. Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde,

ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo.

Você não vê as Esposas de Comandantes nas calçadas. Só em carros.

As calçadas aqui são de cimento. Como uma criança, evito pisar nas rachaduras. Estou me lembrando de meus pés nessas calçadas, no tempo de antes, e o que eu costumava usar neles. Por vezes eram sapatos de corrida, com solas grossas acolchoadas para absorver o impacto e orifícios para ventilação, e estrelas de tecido fluorescente que refletiam a luz na escuridão. Embora eu nunca corresse durante a noite; nem durante o dia, só à beira das ruas bem frequentadas.

As mulheres não eram protegidas naquela época.

Lembro-me das regras, regras que nunca eram explicadas em detalhes, mas que toda mulher conhecia: não abra sua porta para um desconhecido, mesmo se ele disser que é da polícia. Faça-o passar o cartão de identificação por baixo da porta. Não pare na estrada para ajudar um motorista fingindo estar em dificuldade. Mantenha as portas trancadas e siga em frente. Se alguém assobiar, não se vire para olhar. Não entre numa lavanderia com máquinas de autoatendimento sozinha, à noite.

Penso a respeito de lavanderias de autoatendimento. O que eu vestia para ir a elas, shorts, jeans, calças de malha de corrida. O que eu punha nas máquinas: minhas próprias roupas, meu próprio sabão, meu próprio dinheiro, dinheiro que eu mesma ganhava. Penso sobre ter tanto controle.

Agora andamos pela mesma rua, aos pares de vermelho, e homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia.

Existe mais de um tipo de liberdade, dizia Tia Lydia. Liberdade para, a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de, que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos da anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a liberdade de. Não a subestimem.

À nossa frente, à direita, fica a loja onde mandamos fazer vestidos. Algumas pessoas chamam de *hábitos*, uma boa palavra para eles. Hábitos são difíceis de

abandonar ou despir. A loja tem uma enorme insígnia de madeira do lado de fora, com o formato de um lírio dourado; chama-se Lírios do Campo. Pode-se ver o lugar, debaixo do lírio, onde o nome inscrito foi apagado, repintado e coberto por uma tarja de tinta, quando decidiram que mesmo os nomes de lojas eram tentação demais para nós. Agora os lugares são conhecidos apenas pelas figuras desenhadas nas insígnias em madeira.

A Lírios do Campo costumava ser uma sala de cinema, antigamente. Estudantes costumavam ir muito lá; toda primavera havia um festival de Humphrey Bogart, com Lauren Bacall ou Katherine Hepburn, mulheres independentes, tomando suas decisões. Elas usavam blusas com botões abotoados na frente que sugeriam as possibilidades da palavra *desabotoar*, desatar. Aquelas mulheres podiam se desatar; ou não. Elas pareciam ser capazes de escolher. Nós parecíamos capazes de escolher naquela época. Éramos uma sociedade que estava morrendo, dizia Tia Lydia, de um excesso de escolhas.

Não sei quando pararam de realizar o festival. Eu já devia ter me tornado adulta. De modo que não reparei.

Não entramos na Lírios, mas seguimos para o outro lado da rua, e um pouco mais adiante por uma rua lateral. Nossa primeira parada é uma loja com outras figuras desenhadas na madeira: três ovos, uma abelha, uma vaca. Leite e Mel. Há uma fila e esperamos por nossa vez, de duas em duas. Vejo que hoje eles têm laranjas. Desde que a América Central foi perdida para os Libertheos, as laranjas são difíceis de encontrar: por vezes estão lá, por outras não. A guerra cria problemas para as laranjas da Califórnia, e mesmo a Flórida não é confiável, quando há bloqueios nas estradas ou quando as linhas de trens foram explodidas. Olho para as laranjas e anseio por uma, mas não trouxe vales para laranjas. Voltarei para casa e falarei com Rita sobre as laranjas, penso. Ela vai ficar satisfeita. Será alguma coisa, uma pequena conquista, ter conseguido fazer com que laranjas aconteçam.

Aquelas que chegam ao balcão entregam seus vales aos dois homens com uniformes de Guardiões, postados do outro lado. Ninguém fala muito, embora haja um farfalhar, e as cabeças das mulheres se movam furtivamente de um lado para o outro: aqui, fazendo compras, é onde você pode ver alguém que conhece, alguém que conheceu no tempo de antes, ou no Centro Vermelho. O simples fato de vislumbrar um rosto assim é um encorajamento. Se eu pudesse ver Moira,

apenas vê-la, saber que ela ainda existe. É difícil imaginar isso agora, ter uma amiga.

Mas Ofglen, ao meu lado, não está olhando. Talvez ela não conheça mais ninguém. Talvez todas tenham desaparecido, as mulheres que conhecia. Ou talvez ela não queira ser vista. Ofglen se mantém em silêncio, de cabeça baixa.

Enquanto esperamos em nossa fila dupla, a porta se abre e mais duas mulheres entram, ambas com os vestidos vermelhos e toucas brancas de abas largas das Aias. Uma delas está enorme de grávida, a barriga, sob as roupas largas, se avoluma triunfantemente. Há uma mudança no ambiente, um murmúrio, uma exalação de ar; sem querer viramos a cabeça, de maneira ostensiva, para ver melhor; nossos dedos anseiam por tocá-la. Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiçamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas.

As mulheres no aposento estão cochichando, quase falando, tão grande é a excitação delas.

– Quem é? – Ouço atrás de mim.

– Ofwayne. Não. Ofwarren.

– Exibida – sibila uma voz, e isso é verdade. Uma mulher grávida não tem que sair, não tem que fazer compras. A caminhada diária não é mais obrigatória, para manter os músculos abdominais exercitados e em bom estado de funcionamento. Ela precisa apenas dos exercícios de solo e de treinamento respiratório. Poderia ficar em casa. E é perigoso para ela estar fora de casa, deve haver um Guardião postado do lado de fora da porta, esperando por ela. Agora que é uma portadora de vida, está mais próxima da morte e precisa de segurança especial. Poderia ser vitimada pelo ciúme. Todas as crianças agora são queridas, mas não por todo mundo.

Mas a caminhada deve ser um capricho seu, e eles satisfazem caprichos, quando a coisa conseguiu chegar tão longe e não houve nenhum aborto. Ou talvez ela seja uma daquelas. *Podem mandar ver no sofrimento, eu aguento*, uma mártir. Consigo ver seu rosto de relance, quando o levanta para olhar ao redor. A voz atrás de mim estava correta. Ela veio para se mostrar. Está toda rosada, fulgurante, está adorando cada minuto disso.

– Silêncio – diz um dos Guardiões atrás do balcão, e nos calamos como

meninas em sala de aula.

Ofglen e eu chegamos ao balcão. Entregamos nossos vales, e um Guardião registra os números deles no Compubite, enquanto o outro nos entrega nossas compras, o leite, os ovos. Nós as colocamos nas cestas e saímos de novo, passando pela mulher grávida e sua parceira, que ao lado dela parece magra, murcha, como todas nós. A barriga da mulher grávida é como um imenso fruto. *Giganorme*, palavra da minha infância. Suas mãos repousam sobre a barriga como se para defendê-la, ou como se estivessem obtendo alguma coisa dela, calor e força.

Enquanto passo ela me encara abertamente, olhos nos olhos, e sei quem ela é. Esteve no Centro Vermelho comigo, era uma das queridinhas de Tia Lydia. Jamais gostei dela. O nome dela, no tempo de antes, era Janine.

Janine olha para mim e então, ao redor dos cantos de sua boca há uma sombra de sorriso malicioso. Ela baixa o olhar de relance para onde está minha barriga, lisa sob meu vestido vermelho, e as abas brancas cobrem seu rosto. Posso ver apenas um pouquinho de sua testa e a ponta rosada de seu nariz.

Em seguida entramos no Toda a Carne, que é identificado por uma grande costeleta de porco de madeira pendurada em duas correntes. Não há uma fila tão grande ali: a carne é cara, e mesmo os Comandantes não comem carne todos os dias. Ofglen, contudo, compra bife, e esta é a segunda vez esta semana. Contarei isso às Marthas: é o tipo de coisa que gostam de saber. Elas se interessam muito em saber como outras casas de família são administradas; esse tipo de bisbilhotice mesquinha lhes dá oportunidade de sentir orgulho ou descontentamento.

Pego a galinha, embrulhada em papel de açougue e amarrada com um barbante. Não existem mais muitas coisas feitas de plástico. Lembro-me daquelas infindáveis sacolas plásticas de compras do supermercado; eu detestava o desperdício de jogá-las no lixo e costumava juntá-las e enfiá-las no armário debaixo da pia, até que chegava um dia em que havia sacolas demais e eu abria a porta do armário e elas jorravam para fora, espalhando-se pelo chão. Luke costumava reclamar disso. Periodicamente ele tirava todas as sacolas e jogava fora.

Ela poderia enfiar uma dessas na cabeça, dizia ele. Você sabe como as crianças

gostam de brincar. Ela nunca faria isso, eu respondia. Já é crescida demais para isso. (Ou esperta demais, ou afortunada demais.) Mas sentia um calafrio de medo, e então me sentia culpada por ter sido tão descuidada. Era verdade, eu não dava o devido valor a muita coisa; eu confiava no destino, naquela época. Vou passar a guardá-las num armário mais alto, dizia. Simplesmente, não as guarde, respondia ele. Nunca as usamos para nada. Como saco de lixo, eu dizia. Ele respondia...

Não aqui e agora. Não onde as pessoas estão olhando. Viro-me, vejo minha silhueta na vitrine de vidro espelhado. Então já saímos, estamos na rua.

Um grupo de pessoas está vindo em nossa direção. São turistas, do Japão, ao que parece, uma delegação comercial talvez, numa excursão aos monumentos históricos ou passeando em busca de alguma cor local. São pequeninos e muito bem-vestidos; cada um tem a câmera dele ou dela, o sorriso dele ou dela. Olham ao redor, animados, alegres e bem-dispostos, inclinando a cabeça para um lado como rouxinóis, sua simples jovialidade vivaz uma agressão, e não consigo deixar de ficar olhando para eles. Faz muito tempo que não vejo mulheres vestidas com saias tão curtas. As saias chegam apenas até pouco abaixo dos joelhos e as pernas saem debaixo delas, quase nuas nas meias finas, ostensivas, provocadoras, os sapatos de salto alto com as tiras presas ao pé parecendo delicados instrumentos de tortura. As mulheres oscilam sobre os pés espigados como se sobre pequenas pernas de pau, mas sem equilíbrio; suas costas se arqueiam na cintura, projetando as nádegas para fora. Têm a cabeça descoberta, e os cabelos também estão expostos em toda a sua escuridão e sexualidade. Usam batom vermelho, delineando as cavidades úmidas de suas bocas, como desenhos numa parede de banheiro, do tempo de antes.

Paro de andar. Ofglen para ao meu lado e sei que ela também não consegue tirar os olhos daquelas mulheres. Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentimos repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa.

Então penso: eu costumava me vestir assim. Isso era liberdade.

Ocidentalizada, é como eles costumavam chamar isso.

Os turistas japoneses vêm em nossa direção, rindo nervosamente, e viramos a cabeça tarde demais: nossos rostos foram vistos.

Há um intérprete, vestindo o terno azul e gravata estampada vermelha padronizados, com o olho alado no alfinete da gravata. É ele quem dá um passo adiante, sai do grupo, para se postar à nossa frente, bloqueando nosso caminho. Os turistas se agrupam atrás dele; um deles levanta uma câmera.

– Com licença – diz ele para nós duas, muito educadamente. – Eles estão perguntando se podem tirar sua fotografia.

Baixo o olhar para a calçada, sacudo a cabeça para sinalizar Não. O que eles devem ver é apenas as abas brancas, um pedacinho de rosto, meu queixo e parte de minha boca. Não os olhos. Não sou estúpida de encarar de frente o intérprete. A maioria dos intérpretes são Olhos, ou pelo menos é o que dizem.

Também não sou estúpida de dizer Sim. Modéstia é invisibilidade, dizia Tia Lydia. Nunca se esqueçam disso. Ser vista – ser *vista* – é ser – a voz dela tremeu – penetrada. O que vocês devem ser, meninas, é impenetráveis. Ela nos chamava de meninas.

Ao meu lado Ofglen também está calada. Ela enfiou as mãos de luvas vermelhas dentro das mangas, para escondê-las.

O intérprete se vira de volta para o grupo, tagarela um pouco com eles em *staccato*. Sei o que estará dizendo, conheço essa fala. Ele lhes estará dizendo que as mulheres aqui têm costumes diferentes, que ficar observando-as através das lentes de uma câmera é, para elas, uma experiência de violação.

Estou de cabeça baixa, olhando para a calçada, hipnotizada pelos pés das mulheres. Uma delas está usando sandálias, com os dedos dos pés de fora, as unhas pintadas de rosa forte. Lembro-me do cheiro de esmalte de unhas e da maneira como embolava se você passasse a segunda mão cedo demais, do roçar acetinado de meias-calças finas contra a pele, da sensação nos dedos, quando empurrados em direção à abertura no sapato pelo peso do corpo inteiro. A mulher com as unhas dos pés pintadas se apoia, ora num pé ora no outro. Sinto os sapatos dela, em meus próprios pés. O cheiro de esmalte de unhas me deixou com fome.

– Com licença – diz o intérprete mais uma vez, para chamar nossa atenção. Faço um sinal com a cabeça, para mostrar a ele que o ouvi.

– Ele pergunta se vocês são felizes – diz o intérprete. Posso imaginá-la muito bem, a curiosidade deles: *Elas são felizes? Como podem ser felizes?* Posso sentir os olhos negros brilhantes de todos eles pousados sobre nós, a maneira como se

inclinam um pouco para frente para ouvir nossas respostas, especialmente as mulheres, mas os homens também: somos secretas, proibidas, nós os excitamos.

Ofglen não diz nada. Há um silêncio. Mas às vezes é igualmente perigoso não falar.

– Sim, somos muito felizes – murmuro. Tenho que dizer alguma coisa. Que outra coisa posso dizer?

CAPÍTULO SEIS

Um quarteirão depois do Toda a Carne, Ofglen faz uma pausa, como se hesitante quanto a que caminho tomar. Temos escolha. Poderíamos voltar direto para casa por onde viemos, ou poderíamos fazer um desvio e seguir pelo caminho mais longo. Já sabemos qual dos dois caminhos tomaremos, porque sempre seguimos por ele.

– Eu gostaria de passar pela igreja – diz Ofglen, como se cheia de devoção.

– Está bem – respondo, embora saiba tão bem quanto ela o que está realmente querendo.

Caminhamos, sossegadamente. O sol saiu, no céu há nuvens brancas felpudas, daquelas que parecem ovelhas sem cabeça. Por causa de nossas abas em forma de asas, nossos antolhos, é difícil olhar para o alto, difícil ter uma visão completa do céu ou de qualquer coisa. Mas podemos fazê-lo, um bocadinho de cada vez, um movimento rápido de cabeça, para cima e para baixo, para o lado e de volta. Aprendemos a ver o mundo aos arrancos, em arquejos, como se prendendo a respiração.

À direita, se fosse possível andar para lá, há uma rua que levaria você para baixo em direção ao rio. Há um galpão na margem do rio para abrigar barcos, onde outrora eram mantidos os botes de corrida de um só remador e algumas pontes; árvores, margens verdejantes, onde você podia sentar e observar a água, e os rapazes com seus braços nus, os remos se levantando à luz do sol, enquanto eles competiam para vencer. No caminho para o rio ficam os velhos dormitórios, agora usados para alguma outra coisa, com suas pequenas torres de contos de fadas, pintadas de branco e dourado e azul. Quando pensamos no passado são as coisas bonitas que escolhemos sempre. Queremos acreditar que tudo era assim.

O estádio de futebol também fica por lá, onde são realizados os Salvamentos dos Homens. Bem como os jogos de futebol. Estes ainda existem.

Não vou mais até o rio nem atravesso pontes. Nem ando de metrô, embora haja uma estação bem ali. Não temos permissão para usá-lo, agora há Guardiões,

não existe nenhum motivo oficial para que desçamos aquelas escadas, andemos nos trens subterrâneos que passam por baixo do rio e entram no centro da cidade. Por que haveríamos de querer ir daqui para lá? Estaríamos planejando algo ilícito e eles saberiam disso.

A igreja é uma igreja pequenina, uma das primeiras construídas aqui, centenas de anos atrás. Não é mais usada, exceto como museu. Dentro dela podem ser vistas pinturas de mulheres de vestidos longos e sombrios, com os cabelos cobertos por toucas brancas, e de homens aprumados, vestindo severos trajes escuros e de semblantes sérios. Nossos ancestrais. A entrada é gratuita.

Não entramos, contudo, em vez disso, ficamos paradas no caminho, olhando para o cemitério no terreno ao redor da igreja. As velhas lápides ainda estão lá, gastas pelo tempo, marcadas pelas intempéries, se erodindo, com seus crânios e ossos cruzados, *memento mori*, seus anjos com cara de broa, as ampulhetas aladas para nos recordar da passagem do tempo dos mortais, e, de um século posterior, as urnas e os salgueiros, para o luto.

Eles não mexeram nas lápides nem, tampouco, com a igreja. É apenas a história mais recente que os ofende.

A cabeça de Ofglen está curvada, como se estivesse rezando. Ela faz isso todas as vezes. Talvez, penso, haja alguém, alguém em particular que se foi, para ela também; um homem, um filho. Mas não consigo acreditar inteiramente nisso. Penso nela como uma mulher para quem todo ato é feito por exibicionismo, é atuação em vez de um verdadeiro ato. Ela faz essas coisas para causar boa impressão. Tem em mente tirar o máximo proveito.

Mas é assim que devo parecer para ela, também. Como poderia ser diferente?

Agora viramos as costas para a igreja e lá está a coisa que na verdade viemos ver: o Muro.

O Muro também tem centenas de anos de idade ou, pelo menos, mais de cem. Como as calçadas, é de tijolos vermelhos, e em outros tempos deve ter sido simples, mas bonito. Agora, os portões têm sentinelas e há novos holofotes medonhos montados sobre postes de metal acima dele, e arame farpado ao longo da base e cacos de vidro fixados com concreto ao longo do topo.

Ninguém passa por aqueles portões voluntariamente. As precauções são para aqueles que tentam sair, embora até mesmo conseguir chegar ao Muro, vindo de dentro, ultrapassando o sistema de alarme eletrônico, seria quase impossível.

Ao lado da entrada do portão principal há mais seis corpos pendurados pelo pescoço, com as mãos amarradas na frente, a cabeça enfiada em sacas brancas caídas para o lado sobre o ombro. Deve ter havido um Salvamento de Homens hoje cedo de manhã. Não ouvi os sinos. Talvez tenha acabado por me acostumar a eles.

Nós paramos, juntas como se atendendo a um sinal e olhamos para os corpos. Não faz mal se olharmos. Espera-se que olhemos: é para isso que estão lá, pendurados no Muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los.

O que segura as cordas em que estão pendurados são ganchos. Os ganchos foram fixados na alvenaria do Muro, para esse objetivo. Nem todos estão ocupados. Os ganchos parecem os mecanismos usados por pessoas sem braço. Ou pontos de interrogação de aço, de cabeça para baixo.

As sacas que cobrem as cabeças é que são o pior, pior do que seriam os próprios rostos em si. Fazem com que os homens pareçam bonecos nos quais os rostos ainda não foram pintados; como se fossem espantalhos, o que, de certo modo, é o que são, uma vez que a intenção é assustar. Ou como se as cabeças fossem sacas, enchidas com alguma substância indiscriminada, como farinha ou mistura de massa. É o peso evidente das cabeças, sua vacuidade, a maneira como a gravidade as puxa para baixo e como não há mais vida para fazer com que se levantem. As cabeças são zeros.

Contudo, se você olhar e olhar, como estamos fazendo, poderá ver os contornos das feições por baixo do pano branco, como sombras cinzentas. As cabeças são as cabeças de bonecos de neve, em que os olhos de carvão e os narizes de cenoura caíram. As cabeças estão se derretendo.

Mas num dos sacos há sangue, que vazou através do pano branco, onde deve ter sido a boca. Ele forma outra boca, pequena e vermelha, como as bocas pintadas com pincéis grossos por crianças do jardim de infância. A ideia da criança de um sorriso. Esse sorriso de sangue é o que fixa a atenção, finalmente. Afinal, na verdade esses não são bonecos de neve.

Os homens vestem jalecos brancos, como os que eram usados por médicos e cientistas. Médicos e cientistas não são os únicos, há homens de outras profissões, mas deve ter havido uma investida especial contra eles esta manhã.

Cada um tem um cartaz pendurado ao pescoço para mostrar por que foi executado: um desenho de um feto humano. Eles eram médicos, na época, no tempo de antes, quando coisas desse tipo eram legais. Fazedores de anjos, costumavam chamá-los: ou será que isso era alguma outra coisa? Foram descobertos, agora, por meio das buscas em arquivos de hospitais, ou – mais provavelmente, uma vez que a maioria dos hospitais destruiu esses arquivos assim que se tornou claro o que iria acontecer – por informantes: ex-enfermeiras talvez, ou um par delas, uma vez que o testemunho de uma única mulher não é mais admissível; ou outro médico, na esperança de salvar a própria pele; ou alguém já acusado, atacando um inimigo, ou ao acaso, em algum ato desesperado em busca de segurança. Embora informantes nem sempre sejam perdoados.

Esses homens, disseram-nos, são como criminosos de guerra. Não é desculpa o fato de que o que fizeram fosse legal na época. Cometeram atrocidades e devem ser transformados em exemplos, para os outros. Embora isso dificilmente seja necessário. Nenhuma mulher de plena posse de suas faculdades mentais, nos dias de hoje, tentaria impedir um nascimento, se tivesse a sorte imensa de conceber.

O que se espera que sintamos por esses corpos é ódio e desdém. Não é isso o que sinto. Esses corpos pendurados no Muro são viajantes do tempo, anacronismos. Vieram para cá do passado.

O que sinto por eles é um branco. O que sinto é que não posso, não devo, sentir. O que sinto é em parte alívio, porque nenhum desses homens é Luke. Luke não era médico. Não é.

Olho para aquele único sorriso vermelho. O vermelho do sorriso é igual ao vermelho das tulipas no jardim de Serena Joy, na base das flores onde elas estão começando a sarar. O vermelho é igual, mas não há nenhuma ligação. As tulipas não são tulipas de sangue, os sorrisos vermelhos não são flores, nenhuma das duas coisas faz um comentário sobre a outra. A tulipa não é um motivo para não acreditar nos homens pendurados, ou vice-versa. Cada coisa é válida e realmente existe. É através de um campo de objetos válidos desse tipo que tenho de encontrar meu caminho, todos os dias e em todos os sentidos. Invisto um enorme esforço para fazer essas distinções. Preciso fazê-las. Preciso ter uma compreensão muito clara em minha própria mente.

Sinto um tremor na mulher ao meu lado. Será que ela está chorando? De que maneira isso poderia fazê-la causar uma boa impressão? Não posso me dar ao luxo de saber. Minhas próprias mãos estão cerradas, percebo, com toda a força ao redor da alça de minha cesta. Não revelarei nada.

O costumeiro, dizia Tia Lydia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costumeiro.

III
NOITE

CAPÍTULO SETE

A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fique deitada quieta. A diferença entre o *deitar* e o *ir para a cama*. *Ser levada para a cama* é sempre passivo. Mesmo os homens costumavam dizer: Bem que eu queria ir para a cama. Embora às vezes também dissessem: Bem que gostaria de ir para a cama com ela. Tudo isso é pura especulação. Não sei ao certo o que os homens costumavam dizer. Sei apenas o que eles dizem que diziam.

Fico deitada, então, dentro do quarto, embaixo do olho de gesso no teto, atrás das cortinas brancas, entre os lençóis, asseada como eles, e entro em um paralelo fora de meu próprio tempo. Sem tempo. Embora isso seja tempo, e eu não esteja nem com falta nem fora dele.

Mas a noite é meu tempo livre. Aonde devo ir?

Para algum lugar bom.

Moira, sentada na beira da minha cama, de pernas cruzadas, o tornozelo no joelho, com seu macacão púrpura, um brinco pingente na orelha, a unha de ouro que usava para ser excêntrica, um cigarro entre os dedos roliços de pontas manchadas de amarelo.

Vamos sair para tomar uma cerveja.

Você está sujando minha cama de cinza, disse eu.

Se você topasse não teria esse problema, retrucou ela.

Daqui a meia hora, respondi. Eu tinha uma dissertação para entregar no dia seguinte. A respeito de que era? Psicologia, inglês, economia. Estudávamos coisas desse tipo. Espalhados no chão do quarto havia livros abertos, as páginas viradas para baixo, por todos os lados, de maneira extravagante.

Agora, disse Moira. Você não precisa pintar a cara, seremos só você e eu. Sobre o que é sua dissertação? Acabei de entregar uma sobre *date rape*, mulheres que são estupradas em encontros.

Date rape, disse eu. Você é tão moderna. Parece nome de sobremesa. *Date rape*.

Rá-rá, disse Moira. Pegue o seu casaco.

Ela mesma foi apanhá-lo e o atirou para mim. Vou pegar cinco paus emprestados com você, está bem?

Ou em um parque em algum lugar, com minha mãe. Que idade eu tinha? Estava frio, nossa respiração fazia fumaça à nossa frente, não havia nenhuma folha nas árvores; céu cinzento, dois patos no pequeno lago, desconsolados. Migalhas de pão sob meus dedos, em meu bolso. É isso mesmo: ela disse que iríamos dar de comer aos patos.

Mas havia algumas mulheres queimando livros, era por isso que ela estava ali na verdade. Para se encontrar com as amigas; tinha mentido para mim, os sábados deveriam ser dias só meus. Dei as costas para ela, emburrada, virando em direção aos patos, mas a fogueira me atraiu de volta.

Havia alguns homens, também, em meio às mulheres, e os livros eram revistas. Devem ter derramado gasolina, porque as chamas irromperam altas, e então começaram a descarregar as revistas, de caixas, não muitas de cada vez. Alguns estavam cantando hinos; curiosos começaram a se juntar.

Os rostos deles estavam felizes, extasiados, quase. O fogo é capaz de fazer isso. Mesmo o rosto de minha mãe, geralmente pálido, magrelo, parecia corado e alegre, como um cartão de Natal; e havia outra mulher, grande, com uma mancha de fuligem riscando-lhe o rosto e um gorro de tricô cor de laranja, lembro-me dela.

Você quer jogar uma, querida?, perguntou ela. Quantos anos eu tinha?

Que bom nos livrarmos dessa porcaria toda, já vai tarde, disse rindo, divertida. Se importa?, perguntou à minha mãe.

Se ela quiser, respondeu minha mãe; ela tinha uma maneira de falar a meu respeito com os outros como se eu não pudesse ouvir.

A mulher me deu uma das revistas. Tinha uma mulher bonita na capa, sem nenhuma roupa, pendurada do teto por uma corrente enrolada ao redor das mãos. Olhei para a capa da revista com interesse. Aquilo não me assustou. Pensei que estivesse se balançando num cipó, como Tarzan, na televisão.

Não deixe que ela *veja* isso, disse minha mãe. Vamos, disse para mim, depressa.

Atirei a revista nas chamas. As folhas cascatearam abertas com o sopro de sua própria combustão, grandes flocos de papel se soltaram, voaram no ar, ainda em chamas, partes de corpos de mulheres transformando-se em cinza negra no ar, diante dos meus olhos.

Mas então o que acontece, mas então, o que acontece?

Eu sei que perdi tempo.

Deve ter havido agulhas de injeção, comprimidos, alguma coisa assim. Eu não teria perdido tanto tempo assim, sem ajuda. Você sofreu um choque, diziam-me.

Eu vinha à tona e despertava em meio a um rugido e uma confusão, como uma arrebentação de ondas revoltas. Ainda me lembro de me sentir bastante calma. Ainda me lembro de gritar, tinha a sensação de gritar, embora pudesse ter sido apenas um sussurro: *Onde está ela? O que vocês fizeram com ela?*

Não havia nem noite nem dia; apenas um bruxuleio. Depois, passado algum tempo, havia cadeiras de novo, e uma cama, e depois disso uma janela.

Ela está em boas mãos, diziam. Com pessoas que são capacitadas. Você não está capacitada, mas você quer o melhor para ela. Não quer?

Mostraram-me uma fotografia dela, estava ao ar livre num gramado, seu rosto um oval perfeito. Os cabelos claros puxados para trás e presos atrás da cabeça. Segurando a mão dela havia uma mulher que eu não conhecia. Ela alcançava apenas o cotovelo da mulher.

Vocês a mataram, eu disse. Ela parecia um anjo, solene, compacto, feito de ar.

Estava com um vestido que eu nunca tinha visto, branco e comprido até o chão.

Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Tenho que acreditar nisso. Aquelas que conseguem acreditar que essas histórias são apenas histórias têm chances melhores.

Se for uma história que estou contando, então tenho controle sobre o final. Então haverá um final, para a história, e a vida real virá depois dele. Poderei recomeçar onde interrompi.

Isso não é uma história que estou contando.

É também uma história que estou contando, em minha cabeça, à medida que avanço.

Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa.

Mesmo quando não há ninguém.

Uma história é como uma carta. *Caro Você*, direi. Apenas você, sem nome. Acrescentar um nome acrescenta *você* ao mundo real, que é mais arriscado, mais perigoso: quem sabe quais serão as probabilidades lá fora de sobrevivência, da sua sobrevivência? Eu direi *você, você*, como uma velha canção de amor. *Você* pode ser mais de uma pessoa.

Você pode significar milhares.

Não estou correndo nenhum perigo imediato, direi a você.

Fingirei que você pode me ouvir.

Mas não adianta, porque sei que não pode.

IV
SALA DE ESPERA

CAPÍTULO OITO

O bom tempo se mantém. É quase como se estivéssemos em junho, quando sairíamos com nossos vestidos sem gola e sem mangas e nossas sandálias para tomar um sorvete na casquinha. Há três novos corpos no Muro. Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta. A batina foi posta nele para o julgamento, embora tenham desistido de usá-las há anos, quando as guerras entre as seitas começaram. Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero. Seus corpos ainda estão vestidos com os uniformes dos Guardiões. Foram apanhados juntos, devem ter sido, mas onde? Numa caserna, num chuveiro? É difícil dizer. O homem de neve com o sorriso vermelho sumiu.

– Nós deveríamos voltar – digo para Ofglen. Sempre sou eu quem diz isso. Às vezes tenho a impressão de que se não dissesse, ela ficaria aqui para sempre. Mas será que ela está pranteando ou exultando alguém? Ainda não sei dizer.

Sem uma palavra ela gira nos calcanhares, como se fosse ativada pela voz, como se fosse montada sobre rodinhas bem lubrificadas, como se estivesse na tampa de uma caixinha de música. Tenho ressentimento dessa graciosidade dela. Tenho ressentimento de sua cabeça humilde, sempre baixa como se diante de um vento forte. Mas não há vento.

Deixamos o Muro, andamos de volta pelo caminho por onde viemos, sob o sol cálido.

– Está um belo dia de maio – diz Ofglen. Sinto mais do que vejo ela se virar em minha direção, esperando por uma resposta.

– Está, sim – respondo. – Louvado seja – acrescento como reflexão tardia. *Mayday* costumava ser sinal radiotelefônico de pedido de socorro, muito tempo atrás, numa daquelas guerras que estudamos no colégio. Eu vivia confundindo umas com as outras, mas você podia distinguir umas das outras pelos aviões, se prestasse atenção. Contudo, foi Luke quem me falou sobre Mayday. *Mayday, Mayday,* para pilotos cujos aviões tivessem sido atingidos, e navios – será que era

para navios também? – no mar. Talvez SOS para navios. Gostaria de poder pesquisar isso e saber. E era alguma composição de Beethoven, para o começo da vitória, em uma dessas guerras.

Você sabe de onde saiu isso?, perguntou Luke. Mayday?

Não, respondi. É uma palavra estranha para se usar nisso, não é?

Jornais e café, nas manhãs de domingo, antes dela nascer. Ainda existiam jornais, naquela época. Costumávamos lê-los na cama.

É francês, disse ele. De *M'aidez*.

Ajudai-me.

Vindo em nossa direção há uma pequena procissão, um funeral: três mulheres, cada uma com um véu preto transparente sobre o chapéu que lhes cobre a cabeça. Uma Econoesposa e duas outras, pranteadoras enlutadas, Econoesposas também, suas amigas talvez. Os vestidos listrados têm um aspecto surrado, como os rostos delas. Algum dia, quando os tempos melhorarem, diz Tia Lydia, ninguém terá de ser uma Econoesposa.

A primeira é a enlutada, a mãe; ela carrega um pequeno jarro preto. Pelo tamanho do jarro se pode dizer que idade tinha quando foi a pique, dentro dela, e fluiu para sua morte. Dois ou três meses, jovem demais para se saber se era um Não bebê. Os mais velhos e os que morrem no parto têm caixões.

Paramos por um momento, em sinal de respeito, enquanto elas passam. Pergunto a mim mesma se Ofglen sente o que sinto, uma dor como uma pontada, na barriga. Colocamos as mãos sobre o coração para mostrar a essas mulheres desconhecidas que somos solidárias com elas em sua perda. Sob o véu, a primeira faz uma carranca para nós. Uma das outras se vira para o lado e cospe na calçada. As Econoesposas não gostam de nós.

Passamos pelas lojas e chegamos de novo à barreira de controle, e somos autorizadas a passar. Seguimos em frente em meio às grandes casas de aparência vazia, com os gramados sem ervas daninhas. Na esquina perto da casa onde é meu posto de serviço, Ofglen para, se vira para mim.

– Sob o Olho Dele – diz ela. A despedida correta.

– Sob o Olho Dele – respondo, e ela me faz um pequeno sinal de cabeça. Hesita, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas então se vira e sai andando

pela rua. Ela é como um reflexo de mim mesma, em um espelho do qual estou me afastando.

Na entrada para carros, Nick está lustrando o Tormentas de novo. Ele chegou ao cromado na traseira. Ponho minha mão enluvada no trinco do portão, abro-o, empurro para dentro. O portão estala ao se fechar atrás de mim. As tulipas ao longo dos canteiros estão mais vermelhas do que nunca, se abrindo, não mais como taças de vinho, mas cálices; se projetando para o alto, com que fim? Afinal, estão vazias. Quando ficam velhas se viram de dentro para fora, então explodem lentamente, as pétalas atiradas para longe como cacos de louça quebrada.

Nick levanta a cabeça e começa a assobiar. Então diz:

– Boa caminhada?

Faço que sim com a cabeça. Mas não respondo com minha voz. Ele não deveria falar comigo. É claro que alguns deles tentarão, dizia Tia Lydia. Toda a carne é fraca. Toda a carne *é* erva, eu a corrigi em minha cabeça. Eles não conseguem deixar de fazê-lo, dizia ela, Deus os fez assim, mas Ele não as fez assim. Ele as fez diferentes. Cabe a vocês impor os limites. Mais tarde receberão agradecimentos.

No jardim atrás da casa a Esposa do Comandante está sentada na cadeira que trouxe para fora. Serena Joy, que nome idiota. Parece algum produto que você usaria no cabelo, naquele outro tempo, no tempo de antes, para alisá-lo. *Serena Joy*, estaria escrito no frasco, com uma cabeça de mulher em silhueta recortada em papel, sobre um fundo oval cor-de-rosa com bordas de curvas douradas. Com tanta coisa para escolher para usar como nome, por que escolheu justo esse? Serena Joy nunca foi seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil sobre ela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão enquanto minha mãe dormia em casa nas manhãs de domingo. Na época ela já merecia um perfil: foi na *Time* ou *Newsweek*, creio, deve ter sido. Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesmo não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos.

Por volta daquela época, alguém tentou matá-la a tiros e errou; sua secretária, que estava parada bem atrás dela, foi morta em seu lugar. Alguma outra pessoa

pôs uma bomba em seu carro, mas a bomba explodiu antes da hora. Embora algumas pessoas dissessem que ela havia posto a bomba em seu próprio carro, para conquistar simpatia. Os ânimos estavam se acirrando a esse ponto.

Luke e eu costumávamos vê-la, de vez em quando, no último jornal da noite na televisão. De roupão e tomando um drink antes de deitar. Observávamos seu cabelo duro de laquê e sua histeria, e as lágrimas que ela ainda conseguia produzir sempre que queria, e o rímel tingindo de negro suas faces. Àquela altura estava usando mais maquiagem. Achávamos que era engraçada. Ou Luke achava que era engraçada. Eu apenas fingia que achava. Na verdade ela era um pouco assustadora. Estava falando sério.

Ela não faz mais discursos. Tornou-se incapaz de falar. Fica em casa, mas isso não parece lhe fazer bem. Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas a sério.

Está olhando para as tulipas. A bengala está a seu lado, na grama. Seu perfil está virado para mim, consigo perceber na rápida olhadela de soslaio que lanço para ela enquanto passo. Não seria apropriado ficar olhando. Não é mais um perfil perfeito recortado em papel, o rosto dela está afundando sobre si mesmo, e penso naquelas cidades construídas sobre rios subterrâneos, em que casas e ruas inteiras desaparecem da noite para o dia, engolidas por pântanos que surgem subitamente, ou cidades em regiões carboníferas que desmoronam dentro das minas debaixo delas. Alguma coisa semelhante deve ter acontecido com ela, depois de perceber o que estava por vir.

Ela não vira a cabeça. Não reconhece minha presença de nenhuma maneira, embora saiba que estou ali. Sei muito bem que ela sabe, seu conhecimento é como um cheiro; alguma coisa que azedou, como leite.

Não é com os maridos que vocês têm que ter cuidado, dizia Tia Lydia, é com as Esposas. Vocês deveriam sempre tentar imaginar o que devem estar sentindo. É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias, compadecer-se delas. Tia Lydia acreditava que tinha muito talento para ser solidária e compadecer-se de outras pessoas. Tentem se apiedar delas. Perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem. Mais uma vez o sorriso trêmulo, de uma mendiga, o piscar de olhos de vista fraca, o olhar voltado para o alto, através dos óculos de armação de aço, em direção ao fundo da sala de aula, como se o teto de reboco pintado de verde fosse uma abertura e Deus numa nuvem de pó facial

Pink Pearl estivesse descendo através dos fios e encanamentos dos sprinklers contra incêndio. Vocês têm que se dar conta de que elas são mulheres derrotadas. Não conseguiram.

A voz dela se embargava, e havia uma pausa, durante a qual eu podia ouvir um suspiro, um suspiro coletivo daquelas ao meu redor. Era uma péssima ideia perder a paciência ou mostrar inquietação durante essas pausas: Tia Lydia podia parecer distraída, mas ela percebia cada pequeno movimento. De modo que havia apenas o suspiro.

O futuro está nas mãos de vocês, prosseguia ela. E estendia suas próprias mãos para nós, no gesto antiquíssimo que era ao mesmo tempo uma oferenda e um convite, para nos aproximarmos, para um abraço, uma aceitação. Nas mãos de vocês, dizia ela, olhando para suas próprias mãos como se lhe tivessem dado a ideia. Elas estavam vazias. Eram as nossas mãos que deveriam estar cheias, do futuro; que podia ser pegado, mas não visto.

Ando até a porta dos fundos, abro-a, entro, ponho minha cesta na mesa da cozinha. A mesa foi lavada, esfregada, está limpa de farinha; o pão de hoje, recém-assado, está esfriando em seu suporte. A cozinha cheira a fermento, um cheiro nostálgico. Remete-me a outras cozinhas, cozinhas que eram minhas. É um cheiro de mães; embora minha própria mãe não fizesse pão. É um cheiro de mim, em tempos anteriores, quando eu era mãe.

Esse é um cheiro traiçoeiro, e sei que tenho que parar de senti-lo.

Rita está lá, sentada à mesa, descascando e fatiando cenouras. São cenouras velhas, grossas, guardadas por tempo demais no inverno, barbadas devido ao período de armazenamento. As cenouras novas, macias e claras, só estarão maduras daqui a semanas. A faca que ela usa é afiada e reluzente, e tentadora. Gostaria de ter uma faca como aquela.

Rita para de cortar as cenouras, se levanta, tira os embrulhos da cesta, quase que avidamente. Está impaciente para ver o que eu trouxe, embora sempre franza o cenho enquanto abre os embrulhos; nada que eu traga a agrada plenamente. Está pensando que ela poderia ter feito melhor. Preferiria fazer as compras, escolher exatamente o que quer; ela me inveja pela caminhada. Nesta casa todas nós invejamos umas às outras por alguma coisa.

– Eles têm laranjas – digo. – Na Leite e Mel. Ainda restam algumas. – Estendo

essa ideia para ela como uma oferenda. Desejo procurar a amizade dela. Vi as laranjas ontem, mas não contei a Rita; ontem ela estava mal-humorada demais. – Eu poderia comprar algumas, amanhã, se me der os vales para elas. Estendo-lhe a galinha. Ela queria bife hoje, mas não tinha.

Rita dá um resmungo, sem revelar prazer nem aceitação. Ela pensará a respeito disso, diz o resmungo, em seu próprio ritmo. Desamarra o barbante do embrulho da galinha e tira o papel lustroso. Cutuca a galinha, dobra uma asa, enfia um dedo na cavidade, tira os miúdos. A galinha fica lá, sem cabeça e sem pés, com a pele arrepiada como se tremendo de frio.

– Dia de banho – diz Rita, sem olhar para mim.

Cora entra na cozinha, vinda da despensa nos fundos, onde guardam os esfregões e vassouras.

– Uma galinha – diz ela, quase com prazer.

– Magrela – diz Rita –, mas vai ter que servir.

– Não havia muita escolha – digo. Rita me ignora.

– Parece bastante grande para mim – diz Cora. Será que ela está me defendendo? Olho para ela, para ver se devo sorrir; mas não, é só na comida que ela está pensando. Cora é mais moça que Rita; a luz do sol entrando inclinada agora pela janela de oeste, bate em seu cabelo repartido e puxado para trás. Deve ter sido bem bonitinha, até recentemente. Há uma pequena marca, como uma covinha, em cada uma de suas orelhas, onde os furos para brincos se fecharam.

– Comprida – diz Rita –, mas ossuda. Você deveria reclamar – diz para mim, olhando diretamente para mim pela primeira vez. – Você não é nenhuma inferior, sem graduação. – Ela está se referindo ao posto do Comandante. Mas no outro sentido, no sentido dela, acha que sou inferior. Ela tem mais de sessenta anos, sua opinião está formada.

Rita vai até a pia, lava as mãos rapidamente sob a torneira e as enxuga no pano de prato. O pano de prato é branco com listras azuis. Os panos de pratos são iguais ao que sempre foram. Às vezes esses lampejos de normalidade me pegam de surpresa, como emboscadas. O comum, o costumeiro, um lembrete, como um chute. Vejo o pano de prato, fora de contexto, e prendo a respiração. Para certas pessoas, de certa maneira, as coisas não mudaram tanto assim.

– Quem vai cuidar do banho? – pergunta Rita, para Cora, não para mim. – Tenho que amaciar e temperar esta ave.

– Cuido disso mais tarde – diz Cora –, depois de espanar a casa.

– Apenas não deixe de fazer – diz Rita.

Elas estão falando de mim como se eu não pudesse ouvir. Para elas eu sou uma tarefa doméstica, uma dentre muitas.

Fui dispensada. Apanho a cesta, passo pela porta da cozinha e sigo pelo corredor em direção ao relógio de pé. A porta para a sala de estar está fechada. O sol entra através da bandeira semicircular da porta, batendo em cores no chão: vermelho e azul, púrpura. Avanço um passo e ponho-me por um instante sob a luz, estendo minhas mãos; elas se enchem de flores de luz. Subo a escada, meu rosto, distante e pálido, distorcido, emoldurado no espelho do vestíbulo de entrada, que se projeta para fora como um olho sob pressão. Sigo o tapete rosa-acinzentado pelo longo corredor do segundo andar, de volta para o quarto.

Há alguém parado no corredor, perto da porta para o quarto onde fico. O corredor é escuro, sombrio, aquilo é um homem, de costas para mim; ele está olhando para dentro do quarto, um vulto escuro contra sua luz. Agora posso ver, é o Comandante, ele não deveria estar aqui. O Comandante ouve minha aproximação, se vira, hesita, anda para a frente. Em minha direção. Ele está violando o costume, o que faço agora?

Eu paro, ele faz uma pausa, não consigo ver o rosto dele, está olhando para mim, o que ele quer? Mas então ele se move para frente mais uma vez, dá um passo para o lado para evitar me tocar, inclina a cabeça, se vai.

Alguma coisa me foi mostrada, mas o que é? Como a bandeira de um país desconhecido, vista por um instante acima da curva de uma colina, poderia significar ataque, poderia significar parlamentação, poderia significar o limite de alguma coisa, um território. Os sinais que animais dão uns aos outros: pálpebras azuladas baixas, orelhas deitadas para trás, os pelos da nuca eriçados. Um lampejo de dentes arreganhados, que diabo ele pensa que está fazendo? Mais ninguém o viu. Espero. Estaria ele invadindo? Será que esteve em meu quarto?

Eu chamei de *meu*.

CAPÍTULO NOVE

Meu quarto, então, que seja. Tem de haver algum espaço, afinal, que eu chame de meu, mesmo neste tempo.

Estou esperando em meu quarto, que agora, neste momento, é uma sala de espera. Quando vou para a cama é um quarto. As cortinas ainda estão tremulando ao vento fraco, o sol lá fora ainda brilha, embora não entre diretamente através da janela. Ele se moveu para oeste. Estou tentando não contar histórias, ou pelo menos não esta.

Alguém já viveu neste quarto, antes de mim. Alguém como eu, ou prefiro acreditar que sim.

Descobri três dias depois que fui transferida para cá.

Tinha um bocado de tempo para fazer passar. Decidi explorar o quarto. Não apressadamente, como se exploraria um quarto de hotel, não esperando nenhuma surpresa, abrindo e fechando gavetas de escrivaninhas, as portas do armário, desembrulhando a minúscula barra de sabonete individualmente embrulhada, apertando os travesseiros. Será que algum dia estarei de novo em um quarto de hotel? Como eu os desperdicei, aqueles quartos, aquela liberdade para não ser vista.

Licença de aluguel.

Durante as tardes, quando Luke ainda estava fugindo de sua esposa, quando eu ainda era imaginária para ele. Antes de termos nos casado e de eu ter me solidificado. Eu sempre chegava lá antes, me registrava. Não foram assim tantas vezes, mas agora parece uma década, uma era; posso me lembrar do que eu vestia, cada blusa, cada echarpe. Ficava andando de um lado para o outro, esperando por ele, ligava a televisão e então desligava, passava um pouco de perfume atrás das orelhas, Opium, chamava-se. Vinha num frasco chinês, vermelho e dourado.

Eu ficava nervosa. Como iria saber que ele me amava? Poderia ser apenas um

caso. Por que algum dia dissemos *apenas*? Embora naquela época homens e mulheres experimentassem uns aos outros, casualmente, como se fossem roupas, rejeitando quaisquer que não servissem.

A batida soava na porta, eu abria, com alívio, desejo. Ele era tão momentâneo, tão condensado. E no entanto parecia não haver fim para ele. Ficávamos deitados naquelas camas vespertinas, depois, as mãos de um tocando o outro, conversando a respeito daquilo. Se era possível, impossível. O que podia ser feito? Pensávamos que tínhamos problemas assim. Como poderíamos saber que éramos felizes?

Mas agora é dos próprios quartos que também sinto falta, até mesmo das pinturas medonhas penduradas nas paredes, paisagens com folhagem de outono ou neve derretendo em faias ou carvalhos, ou mulheres em trajes de época, com rostos de bonecas de porcelana e anquinhas e guarda-sóis, ou palhaços de olhos tristes, ou tigelas de frutas, de aspecto duro e esbranquiçado. As toalhas limpas prontas para o desperdício, as latas de lixo escancaradas em seus convites, pedindo que se atirassem nelas as bobagens despreocupadas. Despreocupadas. Eu era despreocupada, naqueles quartos. Podia tirar o telefone do gancho e a comida apareceria numa bandeja, comida que eu havia escolhido. Comida que não me fazia bem, sem dúvida, e bebida também. Havia Bíblias nas gavetas das mesinhas de cabeceira, colocadas lá por alguma sociedade filantrópica, embora ninguém as lesse muito. Havia cartões-postais também, com fotografias do hotel, e você podia escrever e enviá-los para quem quisesse. Isso parece uma coisa tão impossível, agora; como algo que você inventasse.

Pois bem. Explorei este quarto, não apressadamente, então, como um quarto de hotel, desperdiçando-o. Não queria fazê-lo todo de uma vez só, queria fazer com que durasse. Dividi o quarto em seções, em minha cabeça; permitia a mim mesma uma seção por dia. Essa única seção, eu examinava com a maior das minúcias: a irregularidade do reboco debaixo do papel de parede, os arranhões na tinta do rodapé e do peitoril da janela, debaixo da última mão de tinta, as manchas no colchão, pois fui tão longe a ponto de tirar os cobertores e lençóis da cama dobrando-os para trás, um pedacinho de cada vez, de modo que pudessem ser rapidamente postos de volta no lugar se alguém aparecesse.

As manchas no colchão. Como pétalas de flor secas. Não recentes. Amor antigo; não existe nenhum outro tipo de amor neste quarto agora.

Quando vi aquilo, aqueles vestígios deixados por duas pessoas, de amor ou alguma coisa parecida, desejo pelo menos, pelo menos toque, entre duas pessoas agora talvez velhas ou mortas, cobri a cama novamente e me deitei nela. Olhei para cima, para o olho cego de gesso no teto. Eu queria sentir Luke deitado a meu lado. Eu os tenho, esses ataques de passado, como uma vertigem, uma onda engolfando e passando por cima de minha cabeça. Por vezes isso quase não pode ser suportado. O que se tem de fazer é o que se tem de fazer, pensei. Não há nada a fazer. Eles também servem aos que apenas ficam parados e esperam. Ou se deitam e esperam. Sei por que o vidro na janela é inquebrável, e por que tiraram o candelabro. Eu queria sentir Luke deitado ao meu lado, mas não havia espaço no quarto.

Deixei o armário para o terceiro dia. Examinei cuidadosamente, primeiro a porta, a parte de dentro e de fora, depois as paredes internas com seus ganchos de latão – como eles poderiam ter deixado passar os ganchos? Por que não os removeram? Ficavam próximos demais do assoalho? Mesmo assim, uma meia longa é tudo o que se precisa. E o bastão com os cabides de plástico, meus vestidos pendurados neles, a pelerine vermelha de lã para o frio do inverno, o xale. Eu me ajoelhei para examinar o piso do armário e lá estava, escrito em letras minúsculas, bem recentes, parecia, riscadas com um alfinete ou talvez apenas uma unha, no canto onde caía a sombra mais escura: *Nolite te bastardes carborundorum*.

Não sabia o que significava e nem sequer em que língua estava escrito. Pensei que talvez fosse latim, mas eu não sabia nada de latim. Apesar disso, era uma mensagem, e a mensagem era por escrito, proibida exatamente por esse fato, e não tinha sido descoberta. Exceto por mim, para quem era destinada. Era destinada a quem quer que viesse a seguir.

Agrada-me refletir sobre essa mensagem. Agrada-me pensar que estou em comunhão com ela, essa mulher desconhecida. Pois ela é desconhecida; ou se é conhecida, nunca foi mencionada para mim. Agrada-me saber que sua mensagem tabu conseguiu chegar a pelo menos outra pessoa, que se fez carregar por si mesma, deixada sobre a parede de meu armário, foi aberta e lida por mim. Por vezes repito as palavras para mim mesma. Elas me dão uma pequena alegria. Quando imagino a mulher que as escreveu, penso nela como sendo mais ou

menos da minha idade, talvez um pouco mais moça. Eu a transformo em Moira, Moira como ela era quando estava na faculdade, no quarto ao lado do meu, ardilosa, animada, atlética, outrora com uma bicicleta e uma mochila para caminhadas. Sardas, penso; irreverente, criativa.

Pergunto a mim mesma quem ela era ou é, e o que foi feito dela.

Tentei descobrir isso com Rita, no dia em que encontrei a mensagem.

Quem era a mulher que ficava naquele quarto?, perguntei. Antes de mim? Se tivesse perguntado de maneira diferente, se tivesse dito: Havia uma mulher que ficava naquele quarto antes de mim?, poderia não ter conseguido chegar a lugar nenhum.

Qual delas?, respondeu ela, sua voz me pareceu contrariada, rabugenta, desconfiada, mas, enfim, ela quase sempre usa esse tom quando fala comigo.

De modo que tinha havido mais de uma. Algumas não ficaram o período completo de seu tempo de serviço no posto, não cumpriram os dois anos completos. Algumas foram mandadas embora, por um motivo ou por outro. Ou talvez não tenham sido mandadas, tenham ido?

A que era cheia de vida. Isso era pura conjectura, mas arrisquei um palpite. A que tinha sardas.

Você a conhecia?, perguntou Rita, mais desconfiada do que nunca.

Eu a conheci antes, menti. Ouvi dizer que estava aqui.

Rita aceitou. Ela sabe que deve haver uma fonte de informações confidenciais, algum tipo de rede mais ou menos clandestina.

Ela não deu certo, disse ela.

Em que sentido?, perguntei, tentando fazer minha voz soar tão neutra quanto possível.

Mas Rita cerrou os lábios. Sou como uma criança por aqui, há coisas que não me devem ser contadas. O que você não souber não lhe trará sofrimento, foi tudo o que ela disse.

CAPÍTULO DEZ

Por vezes eu canto para mim mesma, em minha cabeça; alguma coisa bem lúgubre, chorosa, presbiteriana:

Maravilhosa graça, tão doce teu som
Pôde salvar um náufrago como eu
Que um dia se perdeu, mas ora se encontrou
Que esteve preso, mas ora está livre.[2]

Não sei se a letra está correta. Não me lembro. Essas canções não são mais cantadas em público, especialmente as que usam palavras como *livre*. São consideradas perigosas demais. Pertencem às seitas proscritas.

Me sinto tão só, baby,
Me sinto tão só, baby,
Me sinto tão só que poderia morrer.[3]

Essa também está proscrita. Eu a conheço de uma velha fita cassete, de minha mãe; ela tinha um aparelho de som distorcido e pouco confiável, que ainda podia tocar essas coisas. Costumava pôr a fita quando seus amigos se reuniam em nossa casa e tinham tomado alguns drinks.

Não canto esta com muita frequência. Ela faz doer minha garganta.

Não há muita música nesta casa, exceto a que ouvimos na televisão. De vez em quando Rita cantarola, enquanto amassa farinha para fazer massa ou descasca alguma coisa; é um cantarolar sem palavras, sem melodia, impenetrável. E por vezes da sala de estar virá o som tênue da voz de Serena, de um disco gravado há muito tempo e agora tocado com o volume baixo, de modo que ela não seja apanhada ouvindo, enquanto faz tricô, recordando-se de sua antiga glória agora amputada. *Aleluia.*

Está calor para esta época do ano. Casas como esta ficam quentes com o sol, não há isolamento suficiente. Ao meu redor o ar está estagnado, apesar da pequena corrente, o sopro que entra passando pelas cortinas. Eu gostaria de poder abrir a

janela inteira até onde acabasse. Logo teremos permissão para passar a usar os vestidos de verão.

Os vestidos de verão estão fora da mala e pendurados no armário, dois deles, de puro algodão, o que é melhor que os de tecidos sintéticos como os mais baratos, mesmo assim quando está quente e úmido, em julho e agosto, você sua dentro deles. Contudo não precisa se preocupar com queimaduras de sol, dizia Tia Lydia. A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer. *Coisas*, a palavra que ela usava quando não importa o que quer que fosse que substituísse era desagradável ou ofensivo ou obsceno ou horrível demais para passar por seus lábios. Uma vida bem-sucedida para ela era uma vida que evitasse *coisas*, que excluísse *coisas*. *Coisas* daquele tipo não acontecem com mulheres bem-educadas. E também não faz bem à pele, nem um pouco, faz com que fique toda enrugada como uma maçã seca. Mas não devíamos mais dar importância à nossa pele, ela havia se esquecido disso.

No parque, dizia Tia Lydia, deitados em mantas, homens e mulheres juntos às vezes, e depois de dizer isso ela começava a chorar, parada ali de pé na nossa frente, à vista de todas.

Estou dando tudo de mim, fazendo o melhor possível, dizia ela. Estou tentando dar a vocês a melhor oportunidade que podem ter. Ela piscava, a luz era forte demais para ela, sua boca tremia, ao redor dos dentes da frente, dentes que se projetavam um pouco para fora e eram compridos e amarelados, e eu pensava nos camundongos mortos que encontrávamos no degrau de nossa porta de entrada, quando morávamos numa casa, nós três, quatro, se contássemos nossa gata, que era quem fazia esses presentes.

Tia Lydia apertava a mão contra a boca de roedor morto. Depois de um minuto tirava a mão da boca. Eu queria chorar também, porque me fazia recordar. Se pelo menos ela antes não comesse metade deles, eu dizia a Luke.

Não pensem que é fácil para mim tampouco, dizia Tia Lydia.

Moira, entrando inesperadamente em meu quarto, deixando cair sua jaqueta de algodão grosso no chão. Tem cigarros, perguntava.

Na minha bolsa, eu respondia. Mas não tenho fósforos.

Moira revira minha bolsa. Você devia jogar fora uma parte desse lixo, diz. Estou fazendo uma reunião de putawear.

Uma o quê?, pergunto. Não adianta nada tentar estudar, Moira não vai permitir, ela é como uma gata que se esgueira para cima da página quando você está tentando ler.

Sabe como é, tipo Tupperware, só que com roupas de baixo. Coisas de puta. Calcinhas e ligas de meia de renda. Sutiã meia-taça com armação de metal que levanta os peitos. Ela encontra meu isqueiro, acende o cigarro que tira de minha bolsa. Quer um? Joga o maço para mim, com grande generosidade, considerando que são meus.

Muitíssimo obrigada, respondo em tom azedo. Você é louca. De onde tirou uma ideia como essa?

Dando duro para cursar essa faculdade, diz Moira. Tenho contatos. Uma amiga de minha mãe. Está fazendo o maior sucesso nos subúrbios, depois que elas começam a ficar com manchas de idade acham que têm que derrubar a concorrência. Daí os mercadinhos pornô e outras esquisitices.

Estou rindo às gargalhadas. Ela sempre me fazia rir.

Mas aqui?, pergunto. Quem virá? Quem precisa disso?

Nunca se é jovem demais para aprender, diz ela. Ande, venha, vai ser fantástico. Todas nós vamos fazer xixi nas calças de tanto rir.

Era assim que vivíamos então? Mas vivíamos como de costume. Todo mundo vive, a maior parte do tempo. Qualquer coisa que esteja acontecendo é de costume. Mesmo isto é de costume, agora.

Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo.

Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a pauladas ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. Nenhum deles eram os homens que conhecíamos. As matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins

sonhados por outros. Que horror, dizíamos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiado melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas.

Éramos as pessoas que não estavam nos jornais. Vivíamos nos espaços brancos não preenchidos nas margens da matéria impressa. Isso nos dava mais liberdade.

Vivíamos nas lacunas entre as matérias.

Lá de baixo, da entrada para carros, vem o som do carro dando partida. Esta área é silenciosa, não há muito tráfego, podem-se ouvir as coisas muito claramente: motores de carros, máquinas de cortar grama, a poda de uma cerca viva, o bater de uma porta. Você poderia ouvir um grito claramente, ou um tiro, se esses ruídos jamais fossem feitos aqui. Por vezes há sirenes a distância.

Vou até a janela e me sento no banquinho da janela, que é estreito demais para ser confortável. Há uma pequenina almofada nele, com uma capa bordada em *petit point*: FÉ, em letras grandes, retangulares, cercadas por uma coroa de lírios. FÉ tem um tom azul desbotado, as folhas dos lírios um verde descolorido. Essa é uma almofada que outrora era usada em outro lugar, gasta, mas não o suficiente para jogar fora. De alguma forma deixaram-na passar.

Posso passar minutos, dezenas de minutos, percorrendo as letras com os olhos: FÉ é a única coisa que me deram para ler. Se fosse apanhada fazendo isso, será que contaria? Eu não botei a almofada aqui.

O motor gira, e me inclino para fora, puxando a cortina branca sobre meu rosto, como um véu. É semitransparente, posso ver através dela. Se pressionar meu rosto contra o vidro e olhar para baixo, posso ver a metade de trás do Tormentas. Ninguém está lá, mas enquanto observo vejo Nick dar a volta até a porta de trás do carro, abri-la e postar-se rígido ao lado dela. O quepe agora está bem-posto e as mangas abaixadas e abotoadas. Não posso ver seu rosto porque estou olhando para ele de cima.

Agora o Comandante está saindo. Vejo-o de relance apenas por um instante, em dimensões reduzidas pela perspectiva, caminhando para o carro. Não está usando o chapéu, de modo que não é para uma atividade formal que está indo. O cabelo dele é grisalho. Ou prateado, você poderia dizer se quisesse ser gentil. Não tenho nenhuma vontade de ser gentil. O anterior a este era careca, de modo que

suponho que seja uma melhora.

Se eu pudesse cuspir, para fora pela janela, ou atirar alguma coisa, a almofada, por exemplo, talvez conseguisse acertá-lo.

Moira e eu, com sacolas de papel cheias de água. Bombas de água eram chamadas. Debruçadas na janela de meu quarto no dormitório, atirando-as na cabeça dos rapazes lá embaixo. Foi ideia de Moira. O que eles estavam tentando fazer? Subir numa escada de mão, para pegar alguma coisa. Para pegar nossa roupa de baixo.

Aquele dormitório outrora tinha sido misto, ainda havia mictórios para homens em um dos banheiros de nosso andar. Mas na época em que cheguei lá tinham posto os homens e mulheres de volta como era antes.

O Comandante se inclina, entra no carro, desaparece, e Nick fecha a porta. Um momento depois o carro se move em marcha a ré, descendo pela entrada, e então sai para a rua e some atrás da cerca viva.

Eu deveria sentir ódio por este homem. Sei que deveria senti-lo, mas não é o que realmente sinto. O que sinto é mais complicado do que isso. Não sei que nome dar a isso. Não é amor.

2. A letra do hino citado é apresentada em tradução livre cf. original: *Amazing grace, how sweet the sound/Could save a wretch like me,/Who once was lost, but now am found,/Was bound but now am free*. (N. da T.)

3. Letra de "Heartbreak Hotel", de Elvis Presley idem: *I feel so lonely, baby,/ I feel so lonely, baby,/ I feel so lonely, I could die*. (N. da T.)

CAPÍTULO ONZE

Ontem de manhã fui ao médico. Fui levada por um Guardião, um daqueles com as faixas vermelhas no braço que são encarregados dessas coisas. Fomos em um carro vermelho, ele na frente, eu atrás. Nenhuma outra veio fazer par para ir comigo; nessas ocasiões sou solitária.

Sou levada ao médico uma vez por mês, para fazer exames: de urina, hormônios, preventivo de câncer, exame de sangue; os mesmos que antes, só que agora isso é obrigatório.

O consultório do médico fica em um prédio de escritórios moderno. Subimos no elevador, em silêncio, o Guardião de frente para mim. Na parede preta espelhada do elevador posso ver sua nuca. No consultório propriamente dito, eu entro; ele espera do lado de fora, no corredor, com outros Guardiões, numa das cadeiras colocadas lá para isso.

Dentro da sala de espera há outras mulheres, três delas, de vermelho: este médico é um especialista. Dissimuladamente observamos umas às outras, avaliando as barrigas umas das outras: será que alguém teve sorte? O enfermeiro registra nossos nomes e os números de nossos passes no Compudoc, para ver se somos quem devemos ser. Ele tem um metro e oitenta e dois, cerca de quarenta anos, uma cicatriz que lhe risca a face; fica sentado digitando, suas mãos são grandes demais para o teclado, ainda usa a pistola no coldre de ombro.

Quando sou chamada passo por uma porta de entrada que dá para uma sala interna. É branca, sem traços distintivos, como a sala externa, exceto por um biombo dobrável, de tecido vermelho esticado sobre uma estrutura de madeira, um olho dourado pintado na superfície, com uma espada virada para cima com duas serpentes entrelaçadas abaixo dele, como uma espécie de punho. As cobras e a espada são fragmentos, cacos de simbolismo quebrado que restaram do tempo de antes.

Depois que enchi uma pequena garrafinha deixada pronta no pequenino lavabo, tiro minhas roupas atrás do biombo e deixo-as dobradas na cadeira.

Quando estou nua me deito na mesa de exame, no lençol descartável de papel frio e crepitante. Puxo o segundo lençol, o de pano, para cobrir meu corpo. Na altura do pescoço há outro lençol, suspenso do teto. Ele me divide, de modo que o médico nunca verá meu rosto. Ele lida apenas com meu torso.

Quando estou preparada estico a mão para fora, tateio em busca da pequena alavanca do lado direito da mesa e puxo para trás. Em algum outro lugar um sino toca, sem que eu o ouça. Depois de um minuto a porta se abre, passadas se aproximam, há o som de respiração. Ele não deve falar comigo, exceto quando for absolutamente necessário. Mas este médico é tagarela.

– Como estamos passando? – diz ele, alguma espécie de cacoete de fala do outro tempo. O lençol é levantado de cima de minha pele, um golpe de ar me deixa arrepiada. Um dedo frio, com luva de borracha e melado de vaselina, desliza para dentro de mim. Sou apalpada e cutucada. O dedo recua, entra de outra maneira, é retirado.

– Nada de errado com você – diz o médico, como se para si mesmo. – Alguma dor, querida? – Ele me chama de *querida*.

– Não – respondo.

Meus seios são apalpados por sua vez, em busca de madureza, de podridão. A respiração chega mais perto, sinto cheiro de fumaça velha, loção após barba, poeira de tabaco no cabelo. Então a voz, suave, bem baixa, perto de minha cabeça: aquilo é ele, abaulando o lençol.

– Eu poderia ajudar você – diz ele. Sussurros.

– O quê? – pergunto.

– Shh – diz ele. – Eu poderia ajudar você. Já ajudei outras.

– Me ajudar? – pergunto, a voz tão baixa quanto a dele. – Como? – Será que ele sabe de alguma coisa, viu Luke, será que encontrou, será que pode trazer de volta?

– Como você acha? – diz ele, ainda mal murmurando as palavras. Será que aquilo é a mão dele, deslizando pela minha perna acima? Ele tirou a luva. – A porta está trancada. Ninguém vai entrar. Nunca saberão que não é dele.

Ele levanta o lençol. A parte inferior de seu rosto está coberta pela máscara de gaze branca, regulamentar. Dois olhos castanhos, um nariz, uma cabeça com cabelos castanhos em cima. A mão dele está entre as minhas pernas.

– A maioria desses velhos não consegue mais ter uma ereção e ejacular – diz

ele. – Ou então são estéreis.

Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. *Estéril*. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei.

– Muitas mulheres fazem isso – prossegue ele. – Você quer um bebê, não quer?

– Sim, quero – respondo. É verdade, e não pergunto por que, porque eu sei. *Dá-me filhos, ou senão eu morro*. Há mais de um significado para isso.

– Você está macia – diz ele. – Está na hora. Hoje ou amanhã resolveria a questão, por que desperdiçar? Levaria apenas um minuto, querida. – Era assim que chamava sua esposa, outrora; talvez ainda chame, mas na verdade é um termo genérico. Todas nós somos *querida*.

Eu hesito. Ele está se oferecendo para mim, oferecendo seus serviços, com riscos para si mesmo.

– Detesto ver as coisas a que submetem vocês – murmura ele. É verdadeira, compreensão verdadeira; mas ao mesmo tempo ele está gostando disso, com compreensão e tudo o mais. Seus olhos estão úmidos de compaixão, a mão dele se move em mim, nervosamente e com impaciência.

– É perigoso demais – digo. – Não. Não posso. – A penalidade é a morte. Mas eles têm que apanhar você em flagrante no ato, com duas testemunhas. Quais são as probabilidades, a sala estaria grampeada, quem está esperando logo ali, do lado de fora da porta?

A mão dele para.

– Pense no assunto – diz ele. – Vi seu registro de dados clínicos. Você não tem mais muito tempo. Mas a vida é sua.

– Obrigada – digo. Tenho que deixar a impressão de que não estou ofendida, de que estou aberta à sugestão. Ele retira a mão, de maneira quase que preguiçosa, proteladamente, isso não é a palavra final no que lhe diz respeito. Ele poderia falsificar os resultados dos exames, me delatar, dar um laudo de que estou com câncer, que sofro de infertilidade, mandar me deportar para as Colônias, com as Não mulheres. Nada disso foi dito, mas o conhecimento de seu poder, ainda assim, paira no ar enquanto ele dá uma palmadinha em minha coxa, se retira atrás do lençol pendurado.

– Mês que vem – diz ele.

Visto as minhas roupas de novo, atrás do biombo. Minhas mãos estão tremendo. Por que estou com medo? Não violei quaisquer limites, não empenhei nenhuma confiança, não assumi nenhum risco. É a escolha que me apavora. Uma saída, uma salvação.

CAPÍTULO DOZE

O banheiro fica ao lado do quarto de dormir. É forrado de papel de parede com pequeninas flores azuis, não-me-esqueças, com cortinas combinando. Há um tapete de banho azul, uma capa de pele falsa azul no tampo do vaso sanitário; tudo que falta a este banheiro do tempo de antes é uma boneca cuja saia esconda o rolo adicional de papel higiênico. Exceto que o espelho sobre a pia foi retirado e substituído por um retângulo de folha de flandres, e a porta não tem fecho, e não há giletes nem barbeadores, é claro. Ocorreram incidentes em banheiros logo de início; houve casos de cortes, de afogamentos. Antes que eles conseguissem solucionar e acabar com todos os problemas. Cora fica sentada numa cadeira do lado de fora no corredor, para se certificar de que mais ninguém entre. Num banheiro, dentro de uma banheira, você fica vulnerável, dizia Tia Lydia. Ela não disse a quê.

O banho é uma exigência, mas também é um luxo. O simples fato de tirar a pesada touca com as abas brancas e o véu, o simples fato de sentir meu próprio cabelo de novo, com as minhas mãos, é um luxo. Meu cabelo agora é comprido, sem corte. O cabelo tem de ser comprido, mas coberto. Tia Lydia dizia: São Paulo disse é assim ou é raspado rente. Ela ria, dava aquele seu relincho contido, como se tivesse contado uma piada.

Cora preparou o banho. Levanta vapor como uma tigela de sopa. Tiro o resto de minhas roupas, o corpete de peitilho liso, a combinação e as anáguas, as meias brancas e vermelhas, as pantalonas largas de algodão. Usar meias-calças deixa a virilha fedida, costumava dizer Moira. Tia Lydia nunca teria usado uma expressão como *virilha fedida*. *Anti-higiênico* era o que ela dizia. Ela queria que tudo fosse muito higiênico.

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei trajes de banho, na praia? Usei, sem pensar, entre homens, sem me importar que minhas pernas, meus braços, minhas coxas e costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. *Vergonhoso, impudico*. Evito olhar para

baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente.

Entro na água, me deito, deixo que me abrace. A água é macia como mãos. Fecho meus olhos, e ela está lá comigo, subitamente, sem aviso. Deve ser o cheiro do sabão. Ponho meu rosto contra o cabelo macio na parte de trás do seu pescoço e inalo seu cheiro para dentro de mim, talco de bebê e de corpo lavado de criança e de xampu, com um subtom, o ligeiro cheirinho de urina. Essa é a idade que ela tem quando estou no banho. Ela volta para mim em diferentes idades. É assim que sei que não é, na verdade, um fantasma. Se fosse um fantasma teria sempre a mesma idade.

Um dia, quando ela tinha onze meses, pouco antes de começar a andar, uma mulher a roubou de um carrinho de supermercado. Era um sábado, que era quando Luke e eu fazíamos as compras da semana, porque nós dois trabalhávamos. Ela estava sentada numa das cadeirinhas de bebê que eles tinham na época, nos carrinhos de compras de supermercado, com buracos para enfiar as pernas. Estava muito satisfeita, e eu havia me virado de costas para ela, isso foi na seção de comida para gatos, creio; Luke estava na parte lateral da loja, fora de vista, no balcão de carnes. Ele gostava de escolher o que iríamos comer durante a semana. Dizia que homens precisavam mais de carne do que mulheres e que isso não era uma superstição e que não estava sendo um idiota, que estudos haviam sido feitos. Existem algumas diferenças, dizia. Ele gostava de dizer isso, como se eu estivesse tentando provar que não existiam. Mas na maioria das vezes dizia isso quando minha mãe estava lá. Ele gostava de provocá-la.

Eu a ouvi começar a chorar. Eu me virei e ela estava desaparecendo mais abaixo no corredor, nos braços de uma mulher que nunca tinha visto antes. Eu gritei, e a mulher foi detida. Devia ter cerca de uns trinta e cinco anos. Estava chorando e dizendo que era o bebê dela, que o Senhor o dera a ela, que lhe enviara um sinal. Eu senti pena da mulher. O gerente da loja se desculpou e eles ficaram com ela até a polícia chegar.

É apenas uma maluca, disse Luke.

Pensei que fosse um incidente isolado, na época.

Ela se desvanece, não posso mantê-la aqui comigo, agora se foi. Talvez eu realmente pense nela como um fantasma, o fantasma de uma menina morta, uma menininha que morreu quando tinha cinco anos. Lembro-me das fotografias de nós duas que um dia tive, de mim com ela no colo, poses padrão, mãe e bebê, enquadradas numa moldura, por segurança. Por trás de meus olhos fechados posso ver a mim mesma como sou agora, sentada ao lado de uma gaveta aberta ou de um baú de viagem, no porão, onde as roupinhas de bebê estão dobradas e guardadas, uma mecha de cabelo, cortada quando ela tinha dois anos, num envelope, louro quase branco. Depois ficou mais escuro.

Eu não tenho mais essas coisas, as roupas e o cabelo. Queria saber o que aconteceu com todas as nossas coisas. Saqueadas, jogadas fora, levadas embora. Confiscadas.

Aprendi a viver sem uma porção de coisas. Quando temos muitas coisas, dizia Tia Lydia, nos tornamos apegados a este mundo material e nos esquecemos dos valores espirituais. Vocês devem cultivar a pobreza de espírito. Abençoados os mansos. Ela não prosseguiu para dizer nada a respeito de herdarem a terra.

Fico deitada, acariciada pela água, ao lado de uma gaveta aberta que não existe, e penso numa menina que não morreu quando tinha cinco anos; que ainda existe, espero, porém não para mim. Será que existo para ela? Serei um retrato em algum lugar, no escuro do fundo de sua mente?

Devem ter-lhe dito que eu estava morta. Isso é o que pensariam em fazer. Diriam que assim seria mais fácil para ela se ajustar.

Oito anos ela deve ter agora. Preenchi o tempo que perdi, sei quanto já houve. Eles estavam certos, é mais fácil pensar nela como estando morta. Então não tenho que ter esperança nem fazer um esforço inútil. Por que bater a cabeça, dizia Tia Lydia, contra um muro? Por vezes ela tinha uma maneira muito vívida e descritiva de dizer as coisas.

– Eu não tenho o dia inteiro – diz a voz de Cora do lado de fora da porta. É verdade, ela não tem coisa alguma inteira. Não devo privá-la de seu tempo. Eu me ensaboo, uso o esfregão e o pedaço de pedra-pomes para lixar a pele morta. Esses acessórios puritanos são fornecidos. Quero estar totalmente limpa, sem germes, sem bactérias, como a superfície da lua. Não poderei me lavar esta noite

nem depois, não por um dia. Isso interfere, dizem eles, e por que correr riscos?

Não posso evitar ver agora a pequena tatuagem em meu tornozelo. Quatro números e um olho, um passaporte ao contrário. Supõe-se que isso garanta que eu nunca possa vir a desaparecer, por fim, em outra paisagem. Sou importante demais, escassa demais, para isso. Sou uma riqueza nacional.

Puxo a tampa do ralo, me enxugo, visto meu robe atoalhado vermelho. Deixo o vestido de hoje aqui, onde Cora o apanhará para ser lavado. De volta ao quarto me visto de novo. A touca branca não é necessária para a noite, porque não vou sair. Todo mundo nesta casa sabe como é meu rosto. Porém o véu vermelho tem que ser posto, para cobrir meu cabelo úmido, minha cabeça, que não foi raspada. Onde foi que vi aquele filme, sobre as mulheres ajoelhadas na praça da cidade, mãos segurando-as, os cabelos caindo em chumaços? O que elas tinham feito? Deve ter sido há muito tempo, porque não consigo me lembrar.

Cora traz meu jantar coberto, numa bandeja. Ela bate na porta antes de entrar. Gosto dela por causa disso. Significa que acredita que ainda me resta um pouco do que costumávamos chamar de privacidade.

– Obrigada – digo, pegando a bandeja de suas mãos, e ela sorri para mim, sorri de verdade, mas se vira sem responder. Quando estamos sozinhas juntas fica acanhada comigo.

Ponho a bandeja na pequena mesa pintada de branco e puxo a cadeira para junto dela. Tiro a tampa da bandeja. A coxa de uma galinha, cozida demais. É melhor que sangrenta, que é a outra maneira como ela faz. Rita tem maneiras de fazer seu ressentimento ser sentido. Uma batata cozida, ervilhas verdes, salada. Peras em conserva de sobremesa. É uma comida bastante boa, ainda que insossa. Comida saudável. Vocês têm que ingerir suas vitaminas e minerais, dizia Tia Lydia recatadamente. Têm de ser receptáculos dignos, adequados. Nada de café ou chá, no entanto, nada de álcool. Já foram feitos estudos. Há um guardanapo de papel, como nas cafeterias.

Penso nas outras, naquelas fora. Isto é a região mais central, aqui estou tendo uma vida cheia de mimos, que o Senhor nos faça verdadeiramente gratas, dizia Tia Lydia, ou será que era agradecidas, e começo a comer a comida. Não estou com fome esta noite. Sinto-me enjoada. Mas não há nenhum lugar onde possa pôr a comida, não há plantas em vasos, e não me arriscarei com o vaso sanitário. Estou nervosa demais, é isso. Será que poderia deixá-la no prato, pedir a Cora

que não me delate? Mastigo e engulo, mastigo e engulo, sentindo o suor aflorar. Em meu estômago a comida se junta numa bola, um punhado de papelão úmido, espremido.

No andar de baixo, na sala de jantar, haverá velas acesas na grande mesa de mogno, uma toalha branca, talheres de prata, flores, taças de vinho com vinho dentro. Haverá um tilintar de facas batendo contra porcelana, um tilintar quando ela descansa o garfo, com um suspiro apenas audível, deixando a metade do conteúdo de seu prato intocado. Possivelmente dirá que não está com apetite. Possivelmente não dirá nada. Se ela disser alguma coisa, será que ele faz um comentário? Se ela não disser nada, será que ele nota? Gostaria de saber como ela consegue se fazer notar. Imagino que deva ser difícil.

Há um naco de manteiga num dos lados do prato. Rasgo um canto do guardanapo de papel, embrulho a manteiga nele, levo para o armário e o enfio no bico de meu sapato direito, do par adicional, como já fiz antes. Embolo e amasso o resto do guardanapo: com certeza, ninguém vai se dar ao trabalho de desamarrotá-lo, para verificar se alguma parte está faltando. Usarei a manteiga mais tarde, esta noite. Seria melhor, neste anoitecer, não cheirar a manteiga.

Espero. Eu me componho. Aquilo a que chamo de mim mesma é uma coisa que agora tenho que compor, como se compõe um discurso. O que tenho de apresentar é uma coisa feita, não algo nascido.

V
UM COCHILO

CAPÍTULO TREZE

Há tempo de sobra. Esta é uma das coisas para as quais não estava preparada – a quantidade de tempo não preenchido, o longo parênteses de nada. Tempo como som de ruído fora de sintonia. Se ao menos eu pudesse bordar. Tecer, tricotar, alguma coisa para fazer com as mãos. Quero um cigarro. Lembro-me de andar por galerias de arte, em meio a obras do século XIX: a obsessão que eles tinham por haréns. Dúzias de pinturas de haréns, mulheres gordas deitadas à toa em divãs, com turbantes na cabeça ou barretes de veludo, sendo abanadas com rabos de penas de pavão, um eunuco ao fundo montando guarda. Estudos de carne sedentária pintados por homens que nunca tinham estado lá. Aquelas pinturas deveriam ser eróticas e eu achava que eram, na época; mas vejo agora o que realmente retratavam. Eram pinturas que retratavam animação suspensa, retratavam espera, retratavam objetos que não estavam em uso. Eram pinturas que retratavam o tédio.

Mas talvez o tédio seja erótico, quando são as mulheres que o fazem, para os homens.

Espero, lavada, escovada, alimentada, como um porco premiado. Em algum momento nos anos 1980 inventaram bolas para porcos, para porcos que estavam sendo cevados em chiqueiros; os porcos faziam-nas rolar pelo cercado com seus focinhos. Os comerciantes de porcos diziam que isso melhorava o tônus muscular; que os porcos eram curiosos, gostavam de ter alguma coisa em que pensar.

Li a respeito disso em *Introdução à psicologia*; isso e o capítulo sobre ratos enjaulados que escolhiam por vontade própria tomar choques elétricos para ter alguma coisa a fazer. E o capítulo sobre pombos, treinados para bicar um botão que fazia aparecer um grão de milho. Três grupos deles: os do primeiro ganhavam um grão por bicada, os do segundo um grão uma bicada sim uma não, os do terceiro ganhavam aleatoriamente. Quando o homem encarregado cortou

o fornecimento de grãos, o primeiro grupo desistiu muito depressa, o segundo grupo um pouco mais tarde. O terceiro grupo nunca desistiu. Eles bicaram até morrer, em vez de desistir. Quem saberia o que funcionava?

Eu gostaria de ter uma bola de porco.

Deito-me no tapete trançado. Vocês sempre podem praticar, dizia Tia Lydia. Fazer várias sessões por dia, encaixadas na rotina diária. Braços ao lado do corpo, joelhos dobrados, levantar a pelve, pressionar a coluna vertebral para baixo. Contrair. Repetir. Respirar depois de contar até cinco, prender a respiração, expelir. Fazíamos isso no que costumava ser a sala de ciências domésticas, agora livre e desimpedida de máquinas de costura e de máquinas de lavar e secar; em uníssono, deitadas em pequenas esteiras japonesas, uma fita tocando *Les Sylphides*. Isso é o que ouço agora, em minha cabeça, enquanto levanto, inclino e respiro. Por trás de meus olhos fechados dançarinas esguias de branco passam rápida e graciosamente entre as árvores, as pernas a esvoaçar ligeiras como as asas de pássaros aprisionados.

Durante as tardes ficávamos deitadas em nossas camas por uma hora no antigo ginásio, entre as duas e as quatro. Diziam-nos que era um período de descanso e meditação. Na época eu pensava que o faziam porque queriam para si próprias algum tempo de folga de nos dar aulas, e sei que as Tias que não estavam de serviço se retiravam para a sala de professoras para tomar uma xícara de café, ou seja lá o que chamassem por aquele nome. Mas agora creio que aquele descanso também era um exercício. Estavam nos dando uma chance de nos habituarmos ao tempo ocioso.

Um cochilo, era como chamava Tia Lydia, com seu jeito recatado.

A coisa estranha é que precisávamos de um descanso. Muitas de nós adormecíamos. Vivíamos cansadas lá, uma grande parte do tempo. Estávamos tomando algum tipo de comprimido ou droga, creio, que punham na comida, para nos manter calmas. Mas talvez não. Talvez fosse o próprio lugar em si. Depois do primeiro choque, depois que você havia aprendido a aceitar, era melhor estar letárgica. Você podia dizer a si mesma que estava poupando suas forças.

Eu devia estar lá há três semanas quando Moira chegou. Foi trazida para o

ginásio por duas das Tias, da maneira habitual, enquanto estávamos tirando nosso cochilo. Ela ainda vestia suas roupas, jeans e um blusão de malha azul – o cabelo estava curto, havia desafiado a moda como de costume –, de maneira que a reconheci imediatamente. Ela me viu também, mas me deu as costas, já sabia o que era seguro. Havia um hematoma em sua face esquerda, começando a ficar roxo. As Tias a levaram para uma cama vazia onde o vestido vermelho já estava estendido. Ela se despiu, começou a se vestir de novo, em silêncio, as Tias paradas diante do pé da cama, o resto de nós observando do interior de nossos olhos semicerrados. Enquanto ela se inclinava pude ver as vértebras de sua coluna.

Não pude falar com ela por vários dias; apenas nos olhávamos, pequenos relances, como golinhos. Amizades eram suspeitas, nós sabíamos, evitávamos uma à outra durante as filas da hora das refeições na cafeteria e nos corredores entre as aulas. Mas no quarto dia ela estava a meu lado durante a caminhada, de duas a duas ao redor do campo de futebol. Não receberíamos as toucas com abas brancas enquanto não nos formássemos, tínhamos apenas os véus; de modo que podíamos falar, desde que o fizéssemos baixinho e não olhássemos uma para a outra. As Tias andavam na frente da fila e atrás, de modo que o único perigo eram as outras. Algumas eram crentes e poderiam nos delatar.

Isto é um hospício, disse Moira.

Estou tão feliz de ver você, respondi.

Onde podemos conversar?, perguntou Moira.

Banheiro, respondi. Fique de olho no relógio. Último sanitário, duas e meia.

Isso foi tudo o que dissemos.

Faz com que eu me sinta mais segura o fato de que Moira esteja aqui. Podemos ir ao banheiro se levantarmos a mão, embora haja um limite para quantas vezes por dia, elas anotam numa papeleta. Observo o relógio, elétrico e redondo, lá na frente em cima do quadro-negro verde. Duas e meia chega durante o Testemunho. Tia Helena está presente, bem como Tia Lydia, porque o Testemunho é especial. Tia Helena é gorda, ela outrora chefiava uma operação de franquia dos Vigilantes do Peso em Iowa. Ela é boa em Testemunho.

É Janine, contando como foi currada por uma gangue aos catorze anos e fez um aborto. Ela contou a mesma história na semana passada. Parecia quase orgulhosa do ocorrido, enquanto o relatava. É possível que nem sequer seja

verdade. Durante o Testemunho é mais seguro inventar coisas do que dizer que você não tem nada a revelar. Mas sendo Janine, é provavel que seja mais ou menos verdade.

Mas de quem foi a culpa?, diz Tia Helena, levantando um dedo roliço.

Dela, foi *dela,* foi *dela,* foi *dela,* entoamos em uníssono.

Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.

Ela seduziu. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu.

Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?

Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*.

Na semana passada, Janine explodiu em lágrimas. Tia Helena a fez se ajoelhar na frente da turma, com as mãos atrás das costas, onde todas podíamos vê-la, o rosto vermelho e o nariz pingando. O cabelo de um louro opaco, os cílios tão claros que pareciam não estar lá, os cílios perdidos de alguém que esteve num incêndio. Olhos queimados. Ela tinha uma aparência repugnante: fraca, se retorcendo toda agitada, manchada, avermelhada, rosada como um camundongo recém-nascido. Nenhuma de nós queria ter aquela aparência nunca. Por um momento, apesar de sabermos o que estava sendo feito com ela, nós a desprezávamos.

Bebê chorão. Bebê chorão. Bebê chorão.

E falávamos sério, sinceramente, o que é o pior.

Eu costumava me ter em boa conta. Naquele momento eu não me tinha.

Aquilo foi na semana passada. Nesta semana Janine não espera que comecemos com as zombarias. Foi minha culpa, diz ela. Foi minha própria culpa. Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento.

Muito bem Janine, diz Tia Lydia. Você é um exemplo.

Tenho que esperar até que aquilo acabe antes de levantar minha mão. Às vezes, se você pede no momento errado, elas dizem Não. Se você realmente precisa ir, isso pode ser crucial. Ontem Dolores molhou o chão. Duas Tias arrastaram-na para fora da sala, com uma das mãos debaixo de cada axila. Ela não apareceu para a caminhada de tarde, mas à noite estava de volta em sua cama habitual. Durante a noite inteira pudemos ouvi-la gemer, de vez em quando.

O que as Tias fizeram com ela?, sussurramos de cama para cama.

Não saber faz com que seja pior.

Levanto minha mão, Tia Lydia faz que sim. Eu me levanto e saio para o corredor, tão imperceptível quanto possível. Do lado de fora do corredor, Tia Elizabeth está montando guarda. Ela assente, assinalando que posso entrar.

Este banheiro costumava ser de rapazes. Os espelhos aqui também foram substituídos por retângulos de metal cinzento fosco, mas os mictórios ainda estão lá, numa parede, louça branca esmaltada com manchas amarelas. Parecem estranhamente com caixões de bebês. Mais uma vez fico maravilhada com a nudez da vida dos homens: os chuveiros abertos bem à vista, o corpo exposto para inspeção e comparação, a exibição pública dos órgãos genitais. Para que é? A que propósito de reconforto isso serve? A exibição rápida de um distintivo, olhem, todos, está tudo em ordem, aqui é o meu lugar. Por que as mulheres não precisam provar umas às outras que são mulheres? Alguma forma de desabotoamento, alguma rotina de entrecoxas fendidas, igualmente casual. Uma focinhada canina.

O prédio do colégio é velho, as divisórias entre os sanitários são de madeira compensada, algum tipo de aglomerado feito com papelão reciclado. Entro no segundo a partir do fundo, empurro a porta para encostá-la. É claro que não há mais trancas. Na madeira há um pequeno buraco, no fundo, junto da parede, mais ou menos na altura da cintura, um suvenir de algum vandalismo anterior ou o legado de um antigo voyeur. Todo mundo no Centro sabe da existência desse buraco na madeira; todo mundo menos as Tias.

Estou temerosa de ter chegado tarde demais, retida pelo Testemunho de Janine: talvez Moira já tenha estado aqui, talvez ela tenha tido que voltar. Elas não nos dão muito tempo. Olho cuidadosamente para baixo, na diagonal por baixo da parede divisória, e lá estão dois sapatos vermelhos. Mas como posso saber quem é?

Ponho a boca no buraco de madeira. Moira?, sussurro.

É você?, diz ela.

Sou, respondo. Sinto-me tomada pelo alívio.

Deus, eu realmente preciso de um cigarro, diz Moira.

Eu também, respondo.

Sinto-me ridiculamente feliz.

Afundo dentro de meu corpo como se dentro de um pântano, um atoleiro, onde só eu conheço os pontos de apoio seguros para os pés. Terreno traiçoeiro, meu próprio território. Torno-me a terra contra a qual encosto minha orelha, para escutar rumores do futuro. Cada pontada, cada murmúrio de ligeira dor, ondulações sucessivas de matéria na época de muda periódica, inchaços e diminuições de tecido, as secreções viscosas da carne, esses são os sinais, essas são as coisas de que preciso saber. A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas.

Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização de minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim.

Agora a carne se arruma de maneira diferente, sou uma nuvem, congelada ao redor de um objeto central, com o formato de uma pera, que é duro e mais real do que eu e que incandesce vermelho dentro de seu invólucro translúcido. Dentro dele está um espaço, imenso como o céu à noite e curvo como ele, embora negro-avermelhado em vez de negro. Pontos infinitesimais de luz incham, chispam, explodem e murcham dentro dele, incontáveis como estrelas. Todo mês há uma lua, gigantesca, redonda, pesada, um augúrio. Ela transita, se detém, segue em frente e passa, desaparece de vista, e eu vejo o desespero vindo em minha direção como uma grande fome, uma escassez absoluta. E sentir aquele vazio, vezes sem fim, e outra vez. Escuto meu coração onda após onda, salgado e vermelho, batendo e batendo sem parar, marcando o tempo.

Estou em nosso primeiro apartamento, no quarto. Estou parada diante do armário, que tem portas dobradiças de madeira. Ao meu redor sei que está vazio, toda a mobília foi retirada, os assoalhos estão nus, não há nem sequer carpetes, mas mesmo assim o armário está cheio de roupas. Penso que são minhas roupas, mas não parecem minhas, nunca as vi antes. Talvez sejam as roupas que pertencem à mulher de Luke, a quem também nunca vi; apenas fotografias e uma voz ao telefone, tarde da noite, quando ficava nos ligando, chorando, fazendo

acusações, antes do divórcio. Mas, não, estas são minhas roupas sim. Preciso de um vestido, preciso de alguma coisa para usar. Tiro vestidos do armário, preto, azul, roxo, jaquetas, saias, nenhum deles resolve meu problema, nenhum deles nem sequer me serve, estão grandes demais ou pequenos demais.

Luke está lá, atrás de mim, me viro para vê-lo. Ele se recusa a olhar para mim, fica de olhos baixos voltados para o chão, onde a gata está se esfregando, roçando contra as pernas dele, miando e miando, chorosamente. Ela quer comida, mas como pode haver alguma comida com o apartamento tão vazio?

Luke, digo. Ele não responde. Talvez não me ouça. Ocorre-me que ele talvez não esteja vivo.

Estou correndo, com ela, segurando sua mão, puxando, arrastando-a em meio às samambaias, ela só está meio acordada por causa do comprimido que lhe dei, para que não chorasse nem dissesse alguma coisa que fosse nos entregar, ela não sabe onde está. O terreno é acidentado, há pedregulhos, galhos mortos, o cheiro de terra úmida, de folhas velhas, ela não consegue correr depressa o suficiente, sozinha eu poderia correr mais depressa, sou uma boa corredora. Agora ela está chorando, está assustada, quero carregá-la no colo, mas seria pesada demais. Estou com minhas botas de caminhada e penso, quando chegarmos à água terei que tirá-las, será que vai estar fria demais, será que ela vai conseguir nadar aquela distância toda, e como faremos com a tal correnteza, não estávamos esperando por isso. *Calada*, digo a ela em tom zangado. Penso nela se afogando e esse pensamento me faz ir mais devagar. Então os tiros soam atrás de nós, não altos, não como busca-pés, mas penetrantes e breves como um estalo de galho seco se partindo de repente. Aquilo me soa errado, nada nunca soa da maneira como você imagina que vá soar, e ouço a voz: *Abaixe-se*, será que é uma voz de verdade, uma voz dentro de minha cabeça ou minha própria voz, alta?

Puxo-a comigo para o chão e rolo por cima dela para cobri-la, para protegê-la. *Calada*, digo de novo, meu rosto está molhado, suor ou lágrimas, sinto-me calma e flutuando como se não estivesse mais em meu corpo; perto de meus olhos está uma folha, vermelha, que mudou de cor cedo, posso ver cada nervura luminosa. É a coisa mais bonita que já vi. Levanto um pouco, desprendendo-me, não quero sufocá-la, em vez disso me enrosco toda ao seu redor, mantendo minha mão sobre sua boca. Há respiração e o bater de meu coração, como um

esmurrar contínuo, na porta de uma casa à noite, onde você pensava que estaria em segurança. *Está tudo bem, estou aqui*, digo, sussurro: *Por favor fique calada*, mas como poderia ela? É pequena demais, é tarde demais, somos separadas, meus braços são agarrados, os cantos escurecem e não resta mais nada senão uma janelinha, uma janelinha muito pequenina, como a visão pela ponta errada de um telescópio, como uma janela em um cartão de Natal, um dos antigos, noite e gelo do lado de fora, e dentro uma vela acesa, uma árvore reluzente, uma família, posso ouvir até os sinos, sinos de trenó, do rádio, música antiga, mas através da janela posso ver, pequenina, mas muito clara, posso vê-la indo para longe de mim, em meio às árvores que já estão mudando de cor, vermelhas e amarelas, estendendo seus braços para mim, sendo carregada no colo por alguém, sendo levada embora.

O sino me acorda; e então Cora, batendo à minha porta. Levanto-me, ponho-me sentada no tapete, esfrego o rosto com a manga. De todos os sonhos este é o pior.

VI
PERTENCES DA CASA

CAPÍTULO CATORZE

Quando o sino para de tocar desço a escadaria, um breve vislumbre de movimento no olho do espelho pendurado na parede do andar de baixo. O relógio tiquetaqueia com seu pêndulo, marcando o tempo; meus pés em seus impecáveis sapatos vermelhos contam o caminho de descida.

A porta para a sala de estar está aberta, escancarada. Eu entro: até agora não há mais ninguém ali. Não me sento, mas me ponho em meu lugar, ajoelhada, perto da cadeira com o banquinho de apoio para os pés, onde Serena Joy logo virá se entronizar, apoiada em sua bengala enquanto arria-se para tomar assento. Possivelmente ela colocará uma das mãos sobre meu ombro, para se firmar, como se eu fosse uma peça de mobília. Já fez isso antes.

A sala de estar outrora teria sido chamada de sala de recepções, talvez; depois de sala de visitas. Ou talvez seja um palratório, do tipo com uma aranha e moscas. Mas agora é oficialmente uma sala de estar, porque é isso que é feito nela, por alguns que tomam assento. Para outros existe apenas espaço para manter-se de pé. A postura do corpo é importante, aqui e agora: pequenos desconfortos são instrutivos.

A sala de estar é discreta, simétrica; essa é uma das formas que o dinheiro assume quando congela. Dinheiro escorreu devagar por esta sala ao longo de anos e anos, como se através de uma caverna subterrânea, incrustando-se e endurecendo como estalactites, adquirindo essas formas. Silenciosamente, as superfícies variadas se apresentam: o veludo rosa-escuro discreto das cortinas fechadas, o lustro do par de cadeiras combinadas, século XVIII, o silêncio de cacto áspero e carnudo do espesso tapete chinês no assoalho, com suas peônias rosa-pêssego, o couro suave e elegante da cadeira do Comandante, o brilho do bronze na caixa logo ao lado.

O tapete é autêntico. Algumas coisas nesta sala são autênticas, outras não. Por exemplo, dois quadros, duas pinturas, ambas de mulheres, uma de cada lado da lareira. Ambas usam vestidos escuros, como os das mulheres na velha igreja,

embora de uma data posterior. Os quadros possivelmente são autênticos. Desconfio que quando Serena Joy os comprou, depois que se tornou evidente para ela que teria de redirecionar suas energias para alguma coisa que fosse doméstica de maneira convincente, ela tinha a intenção de fazer com que passassem por suas ancestrais. Ou talvez os quadros já estivessem na casa quando o Comandante a comprou. Não há nenhum meio de saber essas coisas. Em todo caso, lá estão elas penduradas, de costas e bocas rígidas, os seios comprimidos, os rostos atormentados, as toucas engomadas, a pele branco-acinzentada, guardando a sala com seus olhos estreitos.

Entre elas, acima da cornija da lareira, há um espelho oval, flanqueado por dois pares de castiçais de prata, com um Cupido de porcelana branca bem no centro entre eles, com o braço ao redor do pescoço de um carneiro. Os gostos de Serena Joy são uma estranha mistura: inflexível lascívia por qualidade, desejos ardentes de meloso sentimentalismo. Há um arranjo de flores desidratadas em cada uma das pontas da cornija da lareira, e um vaso de narcisos verdadeiros na bem lustrada mesa de canto com trabalho de marchetaria ao lado do sofá.

O aposento cheira a óleo de limão, tecido grosso e pesado, narcisos começando a murchar, restos de cheiros de comida que conseguiram abrir caminho vindos da cozinha ou da sala de jantar, e ao perfume de Serena Joy, Lírio dos Vales. Perfume é um luxo, ela deve ter algum fornecedor particular. Inalo o perfume, pensando que deveria apreciá-lo. É a fragrância de garotas pré-pubescentes, dos presentes que crianças pequenas costumavam dar a suas mães, no Dia das Mães; o cheiro de meias soquetes brancas de algodão e de anáguas brancas de algodão, de pó perfumado para o corpo, da inocência da carne feminina que ainda não cedeu ao surgimento de pelos e ao sangue. Faz com que eu me sinta ligeiramente nauseada, como se estivesse num carro fechado em um dia quente e úmido com uma mulher bastante idosa usando pó facial em excesso. É com isso que a sala de estar se parece, apesar de toda a sua elegância.

Eu gostaria de roubar alguma coisa deste aposento. Gostaria de levar alguma coisa pequenina, o cinzeiro com arabescos, a caixinha para comprimidos da cornija da lareira, talvez, ou uma flor desidratada: escondê-la nas pregas de meu vestido ou na manga com zíper, guardá-la ali até que esta noite esteja acabada, escondê-la em meu quarto, debaixo da cama, ou dentro de um sapato, ou numa abertura na almofada dura da FÉ bordada em *petit point*. De vez em quando eu a

tiraria e olharia para ela. Isso me faria sentir que tenho poder.

Mas um sentimento semelhante seria uma ilusão e arriscado demais. Minhas mãos ficam onde estão, juntas e cruzadas em meu regaço. As coxas unidas, os calcanhares recolhidos abaixo de mim, fazendo pressão para cima contra meu corpo. Cabeça baixa. Em minha boca há o gosto de pasta de dentes: falsa menta e pó de gesso.

Eu espero que as pessoas pertencentes à casa se reúnam. *Pertences da casa*: isso é o que somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe.

O porão de carga de um navio. Vazio.

Cora entra primeiro, depois Rita, esfregando as mãos no avental. Elas também foram convocadas pelo sino, ressentem-se disso, têm outras coisas a fazer, lavar os pratos, por exemplo. Mas precisam estar aqui, todos eles precisam estar aqui, a Cerimônia o exige. Todos nós somos obrigados a presenciar isso, de uma maneira ou de outra.

Rita faz uma carranca para mim antes de entrar e assumir sua posição de pé atrás de mim. É minha culpa, esse desperdício de seu tempo. Não minha, mas de meu corpo, se houver uma diferença. Até mesmo o Comandante está submetido a seus caprichos.

Nick entra, dá um cumprimento de cabeça para nós três, olha ao redor da sala. Ele também assume seu lugar atrás de mim, de pé. Está tão perto que o bico de sua bota está tocando meu pé. Será que é de propósito? Quer seja ou não, estamos nos tocando, duas formas de couro. Sinto meu sapato se amaciar, sangue flui para dentro dele, ele torna-se mais quente, torna-se uma pele. Movo meu pé ligeiramente, afastando-o.

– Gostaria que ele andasse logo – diz Cora.

– Ande logo e espere – diz Nick. Ele dá uma risada, move o pé de modo que toca no meu de novo. Ninguém pode ver, debaixo das pregas da roda ampla de minha saia, estendidas no chão. Eu me ajeito, está quente demais aqui dentro, o cheiro de perfume velho faz com que me sinta um pouco nauseada. Afasto meu pé.

Ouvimos Serena vindo, descendo as escadas, passando pelo corredor, o bater esmaecido de sua bengala no tapete, a pancada surda do pé bom. Ela entra coxeando pela porta, lança um olhar rápido para nós, contando mas sem ver. Dá

um aceno de cabeça para Nick, mas não diz nada. Está com um de seus melhores vestidos, azul-celeste com bordados em branco aplicados ao longo das orlas do véu: flores e ornamentos. Mesmo em sua idade ainda sente a necessidade de se engrinaldar com flores. Não têm nenhuma utilidade para você, penso dirigindo-me a ela, não pode mais usá-las, você está murcha. Flores são os órgãos genitais de plantas. Li isso em algum lugar, um dia.

Ela se encaminha até sua cadeira e o banquinho para os pés, vira-se, deixa-se arriar, aterrissa desgraciosamente. Levanta o pé esquerdo para o banquinho, remexe no bolso da manga. Posso ouvir o farfalhar, o estalido do isqueiro, cheiro o chamuscar ardente da fumaça, inalo, trazendo-a para dentro de mim.

– Atrasado como de costume – diz ela. Não respondemos. Há um tilintar metálico enquanto tateia na mesa do abajur, então um clique e o aparelho de televisão completa seu aquecimento.

Um coro masculino, com pele amarelo-esverdeada, a cor precisando de ajuste, eles estão cantando "Vem para a Igreja em Wildwood". Vem, vem, vem, vem, cantam os baixos. Serena aperta o botão de troca de canal. Ondas, zigue-zagues coloridos, uma confusão de som adulterado: é a estação de satélite de Montreal, com o sinal bloqueado. Então aparece um pregador fervoroso, de olhos castanhos brilhantes, inclinado em nossa direção sobre uma escrivaninha. Ultimamente eles se parecem muito com homens de negócios. Serena lhe dá alguns segundos, então clica o botão de novo.

Vários canais sem nada, então o telejornal. Isso é o que ela estava procurando. Ela se recosta, respira fundo. Eu, por outro lado, me inclino para a frente, uma criança com permissão para ficar acordada até mais tarde com os adultos. Essa é a única coisa boa a respeito dessas noites, as noites da Cerimônia: tenho permissão para assistir às notícias no telejornal. Parece ser uma regra não mencionada nesta casa: sempre chegamos aqui na hora, ele sempre chega atrasado, Serena sempre assiste às notícias.

Tais como são: quem sabe se alguma coisa nelas é verdade? Poderiam ser velhos clipes, poderiam ser matérias falsas, encenadas. Mas assisto de qualquer maneira, na esperança de ser capaz de ver o que está por trás delas. Qualquer notícia, agora, é melhor do que nenhuma.

Primeiro, as linhas de combate. Na verdade não são linhas de combate: a guerra parece estar em curso em vários lugares ao mesmo tempo.

Montanhas arborizadas, vistas do alto, as árvores de um tom amarelo doentio, eu gostaria que ela ajustasse a cor. É a região do planalto e das montanhas Apalachianas, diz a voz do locutor, onde os Anjos do Apocalipse, Quarta Divisão, estão desentocando um grupo de guerrilheiros batistas, com o apoio aéreo do Vigésimo Primeiro Batalhão dos Anjos da Luz. Vemos dois helicópteros, pretos com asas prateadas pintadas dos lados. Abaixo deles um grupo de árvores explode.

Agora uma tomada em close de um prisioneiro de rosto com barba por fazer e sujo, flanqueado por dois Anjos em seus elegantes uniformes pretos. O prisioneiro aceita um cigarro de um dos Anjos, põe desajeitadamente entre os lábios com as mãos amarradas. Ele dá um pequeno sorriso enviesado. O locutor está dizendo alguma outra coisa, mas não ouço: olho bem nos olhos daquele homem, tentando descobrir o que ele está pensando. Ele sabe que a câmera o está mostrando, será o sorriso uma demonstração de desafio ou de submissão? Será que está constrangido por ter sido apanhado?

Eles só mostram as vitórias, nunca as derrotas. Quem quer saber de más notícias?

Possivelmente ele é um ator.

O âncora agora aparece na tela. A expressão dele é gentil, paternal, olha para nós da tela, parecendo, com sua pele bronzeada, cabelo branco e olhos sinceros, cercados por rugas de sábia vivência, o avô ideal de todo mundo. O que ele está nos dizendo, seu sorriso comedido sugere, é para nosso próprio bem. Tudo estará resolvido brevemente. Eu prometo. Haverá paz. Vocês têm que ter confiança. Vocês devem ir dormir, como crianças bem-comportadas.

Ele diz o que ansiamos por acreditar. É muito convincente.

Luto contra ele. É como um velho ator de cinema, digo a mim mesma, com dentes falsos e o rosto trabalhado com plástica. Ao mesmo tempo me inclino de leve em sua direção, como uma pessoa hipnotizada. Quem dera isso fosse verdade. Quem dera eu pudesse acreditar nisso.

Agora ele está nos dizendo que uma quadrilha clandestina de espionagem foi desbaratada por uma equipe de Olhos, trabalhando com um informante infiltrado. A quadrilha estava contrabandeando preciosos recursos naturais através da fronteira com o Canadá.

– Cinco membros da seita herege de quacres foram presos – diz ele, sorrindo

gentilmente –, e mais prisões são previstas.

Dois dos quakers aparecem na tela, um homem e uma mulher. Eles parecem aterrorizados, mas estão tentando preservar alguma dignidade diante da câmera. O homem tem uma grande marca escura na testa; o véu da mulher foi arrancado e seu cabelo cai em mechas sobre a testa. Ambos têm cerca de cinquenta anos.

Agora podemos ver uma cidade, de novo uma vista aérea. Isso costumava ser Detroit. Ao fundo sob a voz do locutor há o som surdo de artilharia. Da linha do horizonte, com a cidade em silhueta, sobem rolos de fumaça.

– O reassentamento dos Filhos de Cam continua a ser feito de acordo com os planos – diz o rosto rosado tranquilizador, de volta à tela. – Três mil chegaram esta semana ao Território Nacional Autônomo Um, com mais dois mil em trânsito. – Como estão eles transportando tanta gente ao mesmo tempo? Trens, ônibus? Não nos mostram quaisquer imagens disso. O Território Nacional Autônomo Um fica em Dakota do Norte. Só Deus sabe o que eles irão fazer depois que chegarem lá. Ser fazendeiros é a teoria.

Serena Joy já se fartou de notícias. Impacientemente, aperta o botão de troca de canais, encontra um barítono baixo, de bochechas que parecem úberes vazios. "Whispering Hope", um hino gospel, é o que está cantando. Serena desliga a televisão.

Nós esperamos, o relógio no vestíbulo tiquetaqueia, Serena acende outro cigarro, eu entro no carro. É sábado de manhã, é um mês de setembro, ainda temos um carro. Outras pessoas tiveram que vender os seus. Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão.

É uma manhã de sábado em setembro, estou usando meu nome resplandecente. A garotinha que agora está morta está sentada no banco de trás,

com suas duas melhores bonecas, e o coelho de pelúcia, sarnento de velhice e de amor. Conheço todos os detalhes. Eles são detalhes sentimentais, mas não posso fazer nada para mudar isso. Entretanto, não posso pensar demais no coelho, não posso começar a chorar, aqui, no tapete chinês, respirando a fumaça que esteve dentro do corpo de Serena. Não aqui, não agora, posso fazer isso mais tarde.

Ela pensou que estivéssemos saindo para um piquenique, e de fato há uma cesta de piquenique no banco de trás, ao lado dela, com comida de verdade dentro, ovos cozidos, garrafa térmica e tudo o mais. Não queríamos que ela soubesse para onde estávamos realmente indo, não queríamos que ela contasse, por engano, que revelasse alguma coisa se fôssemos detidos. Não queríamos impor-lhe o fardo de nossa verdade.

Eu calçava minhas botinas de caminhada e ela seus tênis. Os cadarços dos tênis tinham um desenho de corações, vermelhos, roxos, cor-de-rosa e amarelos. Estava quente para a época do ano, as folhas já estavam mudando de cor, algumas; Luke dirigia, eu estava sentada ao lado dele, o sol brilhava, o céu estava azul, as casas pelas quais passávamos pareciam tranquilizadoras e comuns, cada casa à medida que era deixada para trás desaparecia num tempo já passado, desintegrava-se em um instante como se nunca tivesse existido, porque nunca iríamos vê-la novamente, ou pelo menos então assim pensávamos.

Não temos quase nada conosco, não queremos parecer que estamos indo para algum lugar distante ou permanente. Temos os passaportes falsos, garantidos, que valem o preço que custaram. Não pudemos pagar em dinheiro, é claro, nem pôr na Compuconta: usamos outras coisas, algumas joias que eram de minha avó, uma coleção de selos que Luke herdou de seu tio. Coisas desse tipo podem ser trocadas, por dinheiro, em outros países. Quando chegarmos à fronteira fingiremos que estamos apenas fazendo uma viagem de um dia; os vistos são para um dia. Antes disso, darei a ela o comprimido para dormir, de modo que esteja dormindo quando cruzarmos a fronteira. Desse modo ela não nos trairá. Não se pode esperar que uma criança minta de maneira convincente.

E não quero que ela se sinta assustada, que sinta o medo que agora está contraindo meus músculos, tensionando minha coluna, me deixando tão retesada que tenho certeza de que me quebraria se fosse tocada. Cada sinal para parar é uma tortura. Passaremos a noite em um motel, ou melhor, dormindo no carro numa estrada secundária de modo que não haja quaisquer perguntas

desconfiadas. Atravessaremos a fronteira de manhã, cruzando a ponte de carro, com facilidade, do mesmo modo que se vai de carro até o supermercado.

Entramos na autoestrada, seguimos rumo ao norte, fluindo em meio a não muito tráfego. Desde que a guerra começou, a gasolina tornou-se cara e escassa, difícil de obter. Fora da cidade passamos pelo primeiro posto de inspeção e controle. Tudo o que querem é examinar a licença, Luke se sai bem nisso. A licença é a mesma do passaporte: pensamos nisso.

Depois que voltamos à estrada, ele aperta minha mão, lança um olhar rápido para mim. Você está pálida como a morte.

É assim que eu me sinto: pálida, desanimada, diluída. Sinto-me transparente. Certamente, olharão para mim e perceberão minhas intenções. Pior, como poderei continuar agarrada a Luke, agarrada a ela, quando estou tão desanimada, tão pálida? Sinto-me como se não restasse mais muito de mim; eles escorregarão por entre os meus braços, como se eu fosse feita de fumaça, como se eu fosse uma miragem, desvanecendo-me diante de seus olhos. Não pense assim, diria Moira. *Fique pensando assim e você fará com que aconteça.*

Anime-se, diz Luke. Ele agora está dirigindo um pouco depressa demais. A adrenalina lhe subiu à cabeça. Agora ele está cantando. Ah, que linda manhã, ele canta.

Até seu cantar me preocupa. Fomos advertidos para não parecer muito contentes.

CAPÍTULO QUINZE

O Comandante bate à porta. O bater é prescrito: presume-se que a sala de estar seja território de Serena Joy, presume-se que ele deva pedir permissão para entrar. Ela gosta de fazê-lo esperar. É uma ninharia, mas nesta casa as ninharias são muito importantes. Esta noite, contudo, ela nem sequer tem essa satisfação, porque antes que Serena Joy possa falar ele avança e entra no aposento de qualquer maneira. Talvez apenas tenha se esquecido do protocolo, mas talvez seja deliberado. Quem sabe o que ela lhe disse, sentada do outro lado da mesa de jantar incrustada de prata? Ou não disse.

O Comandante está vestindo seu uniforme preto, no qual ele parece um guarda de museu. Um homem semiaposentado, cordial, mas cauteloso, matando tempo. Mas só a um primeiro olhar. Depois disso ele parece um presidente de banco do Meio-Oeste, com seu cabelo liso grisalho bem escovado, a postura sóbria, os ombros ligeiramente curvados. E depois disso há o bigode, também grisalho, e depois disso seu queixo, que realmente não se pode deixar de notar. Quando você chega até o queixo, ele parece um anúncio de vodca, numa revista luxuosa, de tempos passados.

A conduta dele é moderada, as mãos grandes, com dedos grossos e polegares aquisitivos, os olhos azuis pouco comunicativos, falsamente inócuos. Ele nos examina como se fizesse um inventário. Uma mulher ajoelhada de vermelho, uma mulher sentada de azul, duas de verde, de pé, um homem solitário, de rosto magro, ao fundo. Ele consegue parecer perplexo, como se não conseguisse se lembrar muito bem de como todos nós viemos parar aqui. Como se fôssemos alguma coisa que herdou, como um órgão pneumático vitoriano, e ele ainda não tenha descoberto o que fazer conosco. Quanto nós valemos.

Ele dá um aceno de cabeça, na direção geral de Serena Joy, que não dá um pio. Atravessa a sala até a grande cadeira de couro, reservada para ele, tira a chave do bolso, manuseia desajeitadamente a caixa revestida de couro, toda guarnecida de latão, que fica na mesa ao lado da cadeira. Insere a chave, abre a

caixa, tira a Bíblia, um exemplar comum, de capa preta e com as páginas de bordas douradas. A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler. Nossas cabeças se viram em sua direção, estamos cheios de expectativa, aqui vem nossa história de ninar.

O Comandante senta e cruza as pernas, observado por nós. Os marcadores de página estão no lugar. Ele abre o livro. Pigarreia um pouco, como se encabulado.

– Será que podiam me trazer um gole de água? – diz ele para o ar. – Por favor – acrescenta.

Atrás de mim, uma delas, Cora ou Rita, abandona seu espaço no quadro e sai para a cozinha. O Comandante fica sentado, olhando para baixo. O Comandante suspira, tira um par de óculos de leitura do bolso interno, com armação de ouro, e põe os óculos. Agora ele parece um sapateiro em um livro antigo de contos de fadas. Será que nunca se acabam os seus disfarces, de benevolência?

Nós o observamos atentamente: cada centímetro, cada movimento.

Ser um homem, observado com atenção por mulheres. Isso deve ser totalmente estranho. Tê-las observando-o o tempo todo. Tê-las se perguntando: O que ele vai fazer agora? Tê-las se encolhendo quando ele se move, mesmo se for um movimento bastante inofensivo, estender a mão para pegar um cinzeiro, talvez. Tê-las medindo-o, avaliando-o. Tê-las pensando, ele não pode, não é capaz de fazê-lo, ele não serve, ele terá de servir, este último como se ele fosse uma peça de vestuário, fora de moda ou ordinária, que deve não obstante ser vestida porque não há mais nada disponível.

Tê-las enganando-o, testando-o, provocando-o, experimentando-o, enquanto ele se enfia nelas para o ato sexual como se enfia uma meia num pé, até a base de seu próprio toco, aquele seu polegar adicional e sensível, seu tentáculo, seu olho de lesma de talo delicado, que se salienta, se expele, se expande, recua, e murcha encolhendo-se de volta para dentro de si mesmo quando tocado da maneira errada, cresce tornando-se grande de novo, fazendo um ligeiro bojo na ponta, viajando para a frente como se ao longo de uma folha, para penetrar nelas, ávido por uma visão. Alcançar a visão dessa maneira, essa jornada para o interior de

uma escuridão que é composta de mulheres, uma mulher, que pode ver na escuridão enquanto ele próprio se esforça cegamente para a frente.

Ela o observa de dentro. Todas nós o estamos observando. É uma coisa que realmente podemos fazer, e não é sem nenhum motivo: se ele vier a vacilar, falhar ou morrer, que seria feito de nós? Não é de admirar que ele seja como uma bota, duro por fora, dando forma a uma polpa de aprendiz. Isso é apenas um desejo. Eu o tenho observado há algum tempo e ele não deu nenhuma indicação de maciez.

Mas cuidado, Comandante, digo a ele em minha cabeça. Estou de olho em você. Um movimento em falso e estarei morta.

Ainda assim, deve ser um inferno ser um homem, dessa maneira.

Deve ser muito bom.

Deve ser um inferno.

Deve ser muito silencioso.

A água aparece, o Comandante bebe.

– Obrigado – diz ele. Cora retorna para seu lugar suavemente.

O Comandante faz uma pausa, olhando para baixo, esquadrinhando a página. Ele não se apressa, como se inconsciente de nós. Parece um homem brincando com um bife no prato, atrás da vidraça de um restaurante, fingindo não ver os olhos que o observam da escuridão faminta a menos de noventa centímetros de seu cotovelo. Inclinamo-nos um pouco em sua direção, limalha de ferro para seu ímã. Ele tem alguma coisa que não temos, tem a palavra. Como a desperdiçamos, um dia.

O Comandante, como se relutantemente, começa a ler. Não faz isso muito bem. Talvez esteja apenas entediado.

É a história habitual, as histórias habituais. Deus para Adão, Deus para Noé. *Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra*. Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela*. E assim por diante, interminavelmente. Ouvíamos isso ser lido para nós todo dia de manhã durante o desjejum, enquanto sentávamos na cafeteria da escola,

comendo mingau com creme e açúcar mascavo. Vocês estão recebendo o que há de melhor, dizia Tia Lydia. Temos uma guerra em curso, as coisas são racionadas. Vocês são garotas mimadas, dizia num piscar de olhos, como se zangando com uma gatinha de estimação. Sua gata levada.

Na hora do almoço eram as Beatitudes. Bem-aventurado isso bem-aventurado aquilo. Elas punham para tocar uma gravação em disco, a voz era de um homem. *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os misericordiosos. Bem-aventurados os mansos. Bem-aventurados os que se calam*. Eu sabia que este último eles tinham inventado, sabia que estava errado, e que tinham excluído partes também, mas não havia nenhuma maneira de verificar. *Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados*.

Ninguém disse quando.

Consulto o relógio, durante a sobremesa, peras em conserva com canela, padrão para o almoço, e procuro por Moira em seu lugar, duas mesas mais adiante. Ela já se foi. Levanto minha mão, e me dão licença para sair. Não fazemos isso com demasiada frequência, e sempre em horários diferentes do dia.

No banheiro, vou para o penúltimo sanitário, como de hábito.

Você está aí?, sussurro.

Em carne e osso e duas vezes mais feia, sussurra Moira em resposta.

O que você descobriu?, pergunto.

Não muita coisa. Eu tenho que sair daqui, estou ficando maluca.

Eu sinto pânico. Não, não, Moira, digo, não tente fugir. Não sozinha.

Vou fingir que estou doente. Eles mandam uma ambulância, já vi.

Você só vai conseguir chegar ao hospital.

Pelo menos será uma mudança. Não terei que ouvir aquela bruxa velha medonha.

Eles vão desmascarar você.

Não se preocupe, sou boa nisso. Quando era garota no colégio cortei tudo que tivesse vitamina C, tive escorbuto. Nos primeiros estágios eles não podem diagnosticar. Depois você apenas começa a tomar de novo e fica boa. Vou esconder meus comprimidos.

Moira, não.

Eu não podia suportar o pensamento de ela não estar aqui, comigo. Por mim.

Eles mandam dois sujeitos com você, na ambulância. Imagine só isso. Eles devem estar famintos pela coisa, merda, não têm permissão nem sequer de botar a mão nos bolsos, as possibilidades são...

Vocês aí dentro. Tempo esgotado, disse a voz de Tia Elizabeth do vão da porta. Eu me levantei, puxei a descarga. Dois dos dedos de Moira apareceram, através do buraco na parede. Era grande o bastante para apenas dois dedos. Encostei meus próprios dedos neles, rapidamente, os apertei. Larguei.

– "Então disse Lea, Deus me tem dado o meu galardão, pois tenho dado minha serva ao meu marido" – diz o Comandante. Ele deixa o livro cair fechado. Este faz um som de escape como o de uma porta acolchoada se fechando sozinha, ao longe: um bafo de ar. O som sugere a maciez das páginas finas como casca de cebola, que sensação daria senti-las sob o toque dos dedos. Macias e secas, como *papier poudre*, rosadas e cobertas de pó de arroz, do tempo de antes, que você comprava em envelopinhos de papelão para tirar o brilho do nariz, naquelas lojas que vendiam velas e sabonetes em formato de coisas: conchas, cogumelos. Como papel seda para enrolar cigarros. Como pétalas.

O Comandante fica sentado de olhos fechados por algum tempo, como se cansado. Ele trabalha até tarde. Tem muitas responsabilidades.

Serena começou a chorar. Posso ouvi-la, atrás de minhas costas. Não é a primeira vez. Ela sempre faz isso, na noite da Cerimônia. Está tentando não fazer nenhum barulho. Está tentando preservar sua dignidade, diante de todos nós. Os estofados e os tapetes abafam seus sons, mas podemos ouvi-la claramente a despeito disso. A tensão entre sua falta de controle e sua tentativa de reprimi-la é horrível. É como um peido numa igreja. Sinto, como sempre, uma enorme vontade de rir, mas não porque acho que seja engraçado. O cheiro de seu pranto se espalha sobre nós e fingimos ignorá-lo.

O Comandante abre os olhos, repara, franze o cenho, para de reparar.

– Agora teremos um momento de prece silenciosa – diz o Comandante. – Pediremos uma bênção e sucesso em todos os nossos empreendimentos.

Eu inclino minha cabeça e fecho os olhos. Ouço a respiração suspensa, os arquejos e ahs! contidos, quase inaudíveis, o tremor que acontece atrás de minhas costas. Como ela deve me odiar, penso.

Rezo silenciosamente: *Nolite te bastardes carborundorum*. Não sei o que significa, mas me soa correto, apropriado, e terá que servir, porque não sei mais o que dizer a Deus. Não agora. Não como se costumava dizer, nesta conjuntura. A escrita riscada na parede de meu armário flutua diante de mim, deixada por uma mulher desconhecida, com o rosto de Moira. Eu a vi sair, para a ambulância, numa maca, carregada por dois Anjos.

O que é?, perguntei movendo apenas os lábios para a mulher a meu lado; bastante segura, uma pergunta assim, para qualquer uma exceto uma fanática.

Uma febre, ela respondeu apenas com os lábios. Apendicite, dizem.

Eu estava jantando, naquela noite, almôndegas de carne de hambúrguer com batatas cozidas picadas e fritas com cebolas. Minha mesa ficava perto da janela, eu podia ver o lado de fora, até os portões da frente. Vi a ambulância voltar, sem sirene dessa vez. Um dos Anjos saltou rapidamente, falou com o guarda. O guarda entrou no prédio; a ambulância permaneceu estacionada; o Anjo ficou parado de costas para nós, como haviam sido ensinados a fazer. Duas das Tias saíram do prédio com o guarda. Elas foram para a parte de trás do veículo. Carregaram Moira para fora, arrastaram-na para dentro pelo portão e pelas escadas da frente, agarrando-a por baixo dos braços, uma de cada lado. Ela estava tendo dificuldade para andar. Parei de comer, não conseguia comer; a esta altura todas nós, do meu lado da mesa, estávamos olhando pela janela. A janela era esverdeada, com aquela tela de malha fina de metal que costumavam pôr dentro das vidraças. Tia Lydia disse: Comam seu jantar. Ela foi até a janela e puxou a persiana.

Elas a levaram para a sala que costumava ser o Laboratório de Ciência. Era uma sala onde nenhuma de nós entrava voluntariamente. Depois ela ficou sem poder andar durante uma semana, seus pés não entravam nos sapatos, estavam inchados demais. Eram nos pés que batiam, em caso de primeira ofensa. Usavam cabos de fios de aço, com as pontas destorcidas. Depois disso eram as mãos. Elas não se importavam com o que fizessem com seus pés e mãos, mesmo se fosse permanente. Lembrem-se, dizia Tia Lydia. Para nossos objetivos seus pés e suas mãos não são essenciais.

Moira foi deitada em sua cama, para servir de exemplo. Ela não deveria ter tentado, não com os Anjos, disse Alma, da cama ao lado mais adiante. Tivemos que carregá-la para as aulas. Roubamos saquinhos de papel de açúcar adicionais

para ela, da cafeteria nas refeições, os contrabandeávamos para ela, à noite, passando-os de uma cama para a outra. Provavelmente ela não precisava do açúcar, mas era a única coisa que pudemos encontrar para roubar. Para dar.

Ainda estou rezando, mas o que estou vendo são os pés de Moira, o estado em que estavam depois que a trouxeram de volta. Seus pés não pareciam absolutamente pés. Pareciam pés afogados, inchados e sem ossos, exceto pela cor. Eles pareciam pulmões.

Ah, Deus, suplico. *Nolite te bastardes carborundorum.*

É isso o que tinha em mente?

O Comandante pigarreia. Isso é o que ele faz para nos informar de que em sua opinião está na hora de pararmos de rezar.

– "Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte a favor daqueles cujo coração é perfeito para com ele" – diz ele.

Isso assinala o encerramento. Ele se levanta. Estamos dispensados.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A Cerimônia se desenrola como de hábito.

Deito-me de barriga para cima, completamente vestida exceto pelos amplos calções de algodão. O que poderia ver, se abrisse meus olhos, seria o grande dossel branco, da enorme cama de quatro colunas em estilo colonial de Serena Joy, suspenso como uma nuvem pendente acima de nós, uma nuvem ornada com minúsculas gotas de chuva de prata que, se olhadas de perto, se revelariam ser flores de quatro pétalas. Eu não veria o tapete, que é branco, nem as cortinas enfeitadas com ramos e a penteadeira orlada de saia com seu conjunto de escova e espelho com dorso de prata; apenas o dossel, que consegue sugerir exatamente e ao mesmo tempo, pela qualidade diáfana de seu tecido e do bojo de sua curva pesada para baixo, a qualidade de ser etéreo e matéria.

Ou a vela de um barco. Grandes velas enfunadas, costumavam dizer, em poemas. Vela bojuda, de barriga. Impelido para a frente pelo bojo profundo que forma a vela cheia e esticada pelo vento.

Uma névoa de Lírio dos Vales nos circunda, fria e desagradável, quase fria e seca. Não há calor neste quarto.

Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida.

Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e portanto do produto. Se houver algum. Os anéis de sua mão esquerda se enterram em meus dedos. Pode ser ou não vingança.

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está

fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi.

Portanto me mantenho deitada imóvel e imagino o dossel que não vejo acima de minha cabeça. Posso me lembrar do conselho da rainha Vitória para sua filha. *Feche os olhos e pense na Inglaterra.* Mas isto não é a Inglaterra. Eu gostaria que ele se apressasse.

Talvez eu esteja louca e isto seja algum novo tipo de terapia.

Gostaria que fosse verdade; então eu melhoraria e isto acabaria.

Serena Joy agarra minhas mãos como se ela, não eu, é quem estivesse sendo fodida, como se ela o achasse prazeroso ou doloroso, e o Comandante fode, com um ritmo regular de marcha de compasso dois por quatro, sem parar, como uma torneira gotejando. Ele está preocupado, como um homem cantarolando consigo mesmo no chuveiro sem saber que está cantarolando; como um homem que tem outras coisas em sua mente. É como se ele estivesse em algum outro lugar, esperando por si mesmo gozar, tamborilando com os dedos o tampo da mesa enquanto espera. Há uma impaciência em seu ritmo agora. Mas este não é o sonho erótico de todos, duas mulheres ao mesmo tempo? Eles costumavam dizer isso. Excitante, costumavam dizer.

O que está acontecendo neste quarto, sob o dossel argênteo de Serena Joy, não é excitante. Não tem nada a ver com paixão ou amor, ou romance ou qualquer daquelas outras noções com as quais costumávamos nos empolgar. Não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena. Excitação sexual e orgasmo não são mais considerados necessários; seriam meramente um sintoma de frivolidade, como ligas rendadas ou pintas falsas: distrações supérfluas para os volúveis. Fora de moda. Parece estranho que mulheres outrora gastassem tanto tempo e energia lendo a respeito dessas coisas, pensando nelas, se preocupando com elas, escrevendo a respeito delas. São tão evidentemente recreativas.

Isto não é recreação, nem mesmo para o Comandante. Isto é trabalho sério. O Comandante, também, está cumprindo seu dever.

Se eu entreabrisse meus olhos estreitamente, poderia vê-lo, com sua cara não desagradável pendendo sobre meu torso, com alguns fios de cabelo prateado

caindo talvez sobre sua testa, aplicado à sua jornada interna, aquele lugar para onde ele segue apressado, que recua como se num sonho na mesma velocidade com que dele se aproxima. Eu veria os olhos dele abertos.

Se ele tivesse melhor aparência será que eu gostaria mais?

Pelo menos ele é uma melhora se comparado com o anterior, que cheirava como um vestiário de igreja na chuva; como a boca da gente quando o dentista começa a escabichar com seus ferrinhos nossos dentes; como uma narina. O Comandante, em vez disso, cheira a bolinhas de naftalina, ou será esse odor alguma forma punitiva de loção após barba? Por que ele tem que usar aquele uniforme idiota? Mas será que eu gostaria mais de seu corpo branco nu e cru, com tufos de pelos?

Beijar é proibido entre nós. Isso faz com que seja suportável.

A gente se desliga, se distancia. A gente representa.

Ele goza finalmente, com um gemido abafado como se de alívio. Serena Joy, que esteve prendendo a respiração, a expele. O Comandante, que esteve se apoiando em seus cotovelos, mantendo-se afastado de nossos corpos combinados, não permite a si mesmo afundar e mergulhar em nós. Ele descansa um momento, retira, faz recuar, dá sumiço e fecha o zíper. Faz um cumprimento de cabeça, e então vira as costas e sai do quarto, fechando a porta com cuidado exagerado atrás de si, como se nós duas fôssemos sua mãe enferma. Há alguma coisa de hilariante nisso, mas não ouso rir.

Serena Joy solta minhas mãos.

– Você pode se levantar agora – diz ela. – Levante-se e saia daqui. – Ela deveria me fazer descansar por dez minutos, com os pés apoiados num travesseiro para melhorar as chances. Este deveria ser um momento de meditação silenciosa para ela, mas não está com estado de espírito para isso. Há repugnância em sua voz, como se o toque de minha carne lhe desse náuseas e a contaminasse. Eu me desenredo do corpo dela, me levanto; o esperma do Comandante escorre pelas minhas pernas abaixo. Antes de me virar para ir, vejo-a endireitar a saia azul, cerrar as pernas bem juntas; ela continua deitada na cama olhando para o alto, para o dossel acima dela, dura, rígida e empertigada como uma efígie.

Para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim?

CAPÍTULO DEZESSETE

Isto é o que faço quando volto a meu quarto:

Tiro minhas roupas e visto a camisola.

Procuro o naco de manteiga, na biqueira do pé direito de meu sapato onde o escondi depois do jantar. O armário estava quente demais, a manteiga está semilíquida. Grande parte dela derreteu no guardanapo de papel em que a embrulhei. Agora terei manteiga no sapato. Não será a primeira vez, porque sempre que há manteiga ou mesmo margarina guardo um pouco dessa maneira. Posso tirar a maior parte da manteiga do forro do sapato com uma toalhinha ou um pedaço de papel higiênico do banheiro amanhã.

Esfrego a manteiga sobre meu rosto, espalho na pele de minhas mãos. Não há mais nenhum tipo de loção ou creme facial, não para nós. Essas coisas são consideradas vaidades. Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes. O exterior pode se tornar duro e enrugado, pouco lhes importa, como a casca de uma noz. Isso foi um decreto das Esposas, essa ausência de loção para as mãos. Não querem que sejamos atraentes. Para elas as coisas já estão bastante ruins como estão.

A manteiga foi um truque que aprendi no Centro Raquel e Lea. O Centro Vermelho, como o chamávamos, porque havia tanto vermelho. Minha predecessora neste quarto, minha amiga com as sardas e a risada gostosa, deve ter feito isso também, passar manteiga. Todas nós fazemos.

Enquanto fizermos isso, passar manteiga em nossa pele para mantê-la macia, podemos acreditar que algum dia sairemos, que seremos tocadas de novo, com amor ou com desejo. Temos nossas próprias cerimônias, cerimônias privadas.

A manteiga é gordurosa e ficará rançosa e com cheiro de queijo velho, mas pelo menos é orgânica, como costumavam dizer.

Nós nos rebaixamos a esse tipo de expedientes.

Besuntada de manteiga, me deito em minha cama de solteiro, reta como uma

torrada. Não consigo dormir. Na semiescuridão olho fixamente para o olho cego de gesso no meio do teto, que me devolve o olhar, ainda que eu não possa ver. Não há brisa, minhas cortinas brancas são como bandagens de gaze, pendendo moles, tremeluzindo na aura lançada pela luz dos holofotes que iluminam esta casa à noite, ou será que há lua?

Afasto o lençol para trás, levanto-me cuidadosamente, sobre pés silenciosos, vestindo minha camisola, vou até a janela, como uma criança, eu quero ver. A lua no seio da neve recém-caída. O céu está claro mas difícil de distinguir por causa do holofote; mas sim, no céu obscurecido uma lua flutua, nova, uma lua mágica, uma lasca de pedra antiquíssima, uma deusa, um piscar de olho. A lua é uma pedra e o céu está repleto de máquinas letais, mas, ó Deus, como é bonito mesmo assim.

Quero Luke aqui, quero tanto. Quero ser abraçada e que me digam meu nome. Quero ser apreciada, de maneiras que não sou, não, quero ser mais do que valiosa. Repito meu nome antigo, recordo a mim mesma do que outrora eu podia fazer, de como os outros me viam.

Quero roubar alguma coisa.

No vestíbulo a lâmpada noturna está acesa, o longo espaço reluz ligeiramente banhado de rosa; eu ando, pondo um pé cuidadosamente no chão depois o outro, sem nenhum rangido, pela passadeira, como se sobre um solo de floresta, furtivamente, meu coração acelerado, em meio à casa na noite. Estou fora de lugar. Isso é inteiramente ilegal.

Passando pelo olho de peixe na parede do vestíbulo posso ver minha forma branca, de corpo armado como tenda, o cabelo descendo pelas costas como uma juba, os olhos faiscando. Gosto disso. Estou fazendo alguma coisa sozinha. O ativo é um tempo verbal? Acompanhado de tensão? O que eu gostaria de roubar é uma faca, da cozinha, mas não estou pronta para isso.

Chego à sala de estar, a porta está entreaberta, me esgueiro para dentro, deixo a porta um pouco aberta. Um rangido de madeira, mas quem está perto o suficiente para ouvir? Fico parada no aposento, deixando as pupilas de meus olhos se dilatarem, como as de um gato ou uma coruja. Perfume antigo, poeira de tecidos enchem minhas narinas. Há uma ligeira névoa de luz, penetrando através das fendas ao redor das cortinas fechadas, da luz do holofote lá fora, onde

dois homens sem dúvida fazem rondas de patrulha, já os vi, do alto, de trás de minhas cortinas, formas escuras, recortadas. Agora posso ver silhuetas, vislumbres: do espelho, as bases dos abajures, os vasos, o sofá assomando como uma nuvem ao anoitecer.

O que devo levar? Algo de que ninguém vá sentir falta. No bosque à meia-noite, uma flor mágica. Um narciso murcho, não um dos arranjos de flores desidratadas. Os narcisos logo serão jogados fora, estão começando a cheirar mal. Junto com as emanações de fumaça envelhecidas de Serena, o fedor de seu tricô.

Tateio, encontro uma mesa de canto, toco. Há um tilintar. Devo ter batido em alguma coisa. Encontro os narcisos, quebradiços nas pontas onde secaram, moles em direção aos talos, uso meus dedos para apertar e arrancar. Vou prensar isso em algum lugar. Debaixo do colchão. Deixar lá, para a próxima mulher, a que vier depois de mim, encontrar.

Mas há alguém na sala atrás de mim.

Ouço o passo, tão silencioso quanto o meu, o rangido da mesma tábua do piso. A porta se fecha atrás de mim, com um pequeno clique, cortando a luz. Fico imóvel, gelada: branco foi um erro. Sou neve à luz do luar, mesmo na escuridão.

Então um sussurro:

– Não grite. Está tudo bem.

Como se eu fosse gritar, como se estivesse tudo bem. Viro-me: uma forma, nada mais, reflexo da maçã do rosto, desprovido de cor.

Ele dá um passo na minha direção. Nick.

– O que você está fazendo aqui?

Não respondo. Ele também está ilegal, aqui, comigo, não pode me entregar. Nem eu a ele; por enquanto somos espelhos. Ele põe a mão no meu braço, me puxa contra seu corpo, sua boca sobre a minha, que mais resulta de tanta negação? Sem uma palavra. Os dois tremendo, ah, eu gostaria tanto. No palratório de Serena, com as flores secas, no tapete chinês, seu corpo magro. Um homem inteiramente desconhecido. Seria como gritar, seria como balear alguém. Minha mão desce, que tal isso, eu poderia desabotoar e então. Mas é perigoso demais, ele sabe, nos afastamos um do outro, não muito. Confiar demais, arriscar demais, já foi demais.

– Eu estava indo encontrar você – diz ele, quase exala em minha orelha.

Quero virar para cima, sentir o gosto de sua pele, ele me deixa com fome. Os dedos dele se movem, pegando meu braço por baixo da manga da camisola, como se a mão dele se recusasse a ouvir a sensatez. É tão bom ser tocada por alguém, ser pegada com tanta avidez, sentir-me tão ávida. Luke, você saberia, você compreenderia. É você aqui, em outro corpo.

Mentira.

– Por quê? – digo. É tão forte, para ele, que correria o risco de vir ao meu quarto à noite? Penso nos homens enforcados, pendurados em ganchos no Muro. Tenho que fugir daqui, voltar para as escadas, antes que me dissolva inteiramente. A mão dele em meu ombro agora, imóvel, pesada, me pressionando para baixo como chumbo quente. É por isso que eu morreria? Sou uma covarde, detesto a simples ideia de dor.

– Ele me disse para ir – responde Nick. – Ele quer ver você. No escritório dele.

– O que quer dizer? – digo. O Comandante, deve ser. Me ver? O que ele quer dizer com ver? Será que ainda não se fartou de mim?

– Amanhã – diz ele, a voz apenas audível. No salão escuro nos afastamos um do outro, lentamente, como se atraídos um pelo outro por uma força, corrente, separados também por mãos igualmente fortes.

Encontro a porta, giro a maçaneta, dedos na porcelana fria, abro. É tudo o que posso fazer.

VII
NOITE

CAPÍTULO DEZOITO

Fico deitada na cama, ainda tremendo. Você pode molhar a borda de um copo de vidro e correr o dedo ao redor da borda e ele emitirá um som. É assim que me sinto: esse som de vidro. Sinto-me como as palavras *em pedaços*. Quero estar com alguém.

Estou deitada na cama, com Luke, a mão dele sobre minha barriga arredondada. Nós três na cama, ela chutando, se virando dentro de mim. Uma tempestade com raios e trovões começa do lado de fora da janela, é por isso que ela está acordada, eles podem ouvir, dormem, podem se assustar, mesmo lá no reconforto do coração, como o marulhar de ondas numa praia ao seu redor. O clarão de um relâmpago, bastante perto, os olhos de Luke ficam brancos por um instante.

Não estou com medo. Estamos bem despertos, a chuva agora bate pesada, seremos lentos e cuidadosos.

Se eu pensasse que isso nunca mais aconteceria eu morreria.

Mas isso está errado, ninguém morre por falta de sexo. É por falta de amor que morremos. Não há ninguém que eu possa amar, todas as pessoas que eu podia amar estão mortas ou em outro lugar. Quem sabe onde estão ou quais são seus nomes agora? Poderiam muito bem não estar em lugar nenhum, como eu estou para elas. Também sou uma pessoa desaparecida.

De tempos em tempos posso ver-lhes os rostos, contra a escuridão, tremeluzindo como as imagens de santos, em velhas catedrais estrangeiras, iluminados pela luz intermitente das velas; velas que você acenderia a seus pés para fazer uma prece, ajoelhada, com a fronte apoiada no anteparo de madeira, na esperança de uma resposta. Posso conjurá-los, mas são miragens apenas, não duram. Posso ser culpada por querer um corpo de verdade para pôr meus braços ao redor? Sem isso também estou desprovida de corpo. Posso ouvir a batida de meu próprio coração contra o estrado de molas da cama, posso acariciar a mim mesma, debaixo dos lençóis brancos e secos, na escuridão, mas também estou

seca e branca, dura, granular; é como passar a mão sobre um prato cheio de arroz seco; é como neve. Há algo de morto nisso, algo que foi abandonado. Sou como um quarto onde outrora as coisas aconteciam e agora nada acontece, exceto o pólen das ervas que crescem do lado de fora da janela que entra trazido pelo vento, como poeira espalhada no chão.

Aqui estão as coisas em que acredito.

Eu acredito que Luke está caído de rosto no chão numa moita, um emaranhado de samambaias, as frondes marrons do ano passado debaixo das verdes que acabaram de se desenrolar, ou de cicuta-da-europa talvez, embora ainda seja cedo demais para os bagos vermelhos. O que resta dele: seu cabelo, os ossos, a camisa de lã xadrez, verde e preta, o cinto de couro, as botinas de trabalho. Sei exatamente o que ele estava vestindo, posso ver suas roupas em minha mente, em cores vívidas como numa litografia ou num anúncio em cores, de uma revista muito antiga, porém não seu rosto, não tão bem. O rosto dele está começando a se apagar, possivelmente porque não era sempre o mesmo: o rosto dele tinha expressões diferentes, as roupas não.

Rezo para que o buraco, ou dois ou três, houve mais de um tiro, disparados em rápida sucessão, rezo para que pelo menos um buraco tenha sido limpo, rápido e através do crânio, o lugar onde estavam todas as imagens, de modo que tenha havido apenas um clarão, de escuridão ou de dor, vago eu espero, como a palavra baque, apenas aquele único e então o silêncio.

Eu acredito nisso.

Também acredito que Luke está sentado, em um retângulo em um lugar qualquer, cimento cinzento, numa borda ou numa borla de uma coisa qualquer, uma cama ou uma cadeira. Deus sabe o que ele está vestindo. Deus sabe em que o puseram. Deus não é o único que sabe, de modo que poderia haver alguma maneira de descobrir. Ele não se barbeia há um ano, embora tenham lhe cortado o cabelo rente, sempre que lhes dá na telha, para tirar a piolhada, dizem. Terei que revisar isso: se cortaram o cabelo para tirar a piolhada, também teriam cortado a barba, acho.

De qualquer maneira, não o fazem direito, o cabelo está desigual, a parte da nuca tem pequenos cortes, mas isso nem de longe é o pior, ele parece dez anos mais velho, vinte, está encurvado como um velho, seus olhos estão encovados,

inchados, pequenas veias roxas se romperam em suas faces, há uma cicatriz, não, uma ferida, ainda não está fechada, da cor de tulipas, perto do talo, desce pelo lado esquerdo do rosto onde a pele foi fendida recentemente. O corpo é tão facilmente danificado, tão facilmente descartado, desfazer-se dele é tão fácil, água e substâncias químicas é tudo o que ele é, pouco mais complicado do que uma água-viva secando na areia.

Ele acha doloroso mexer as mãos, doloroso se mexer. Não sabe de que é acusado. Um problema. Deve haver alguma coisa, alguma acusação. Caso contrário por que o estariam mantendo preso, por que já não está morto? Deve saber de alguma coisa que eles querem saber. Não consigo imaginar. Não consigo imaginar que ele já não tenha dito seja lá o que for. Eu teria.

Está cercado por um cheiro, seu próprio cheiro. O cheiro de um animal preso numa jaula suja. Eu o imagino descansando, porque não consigo imaginá-lo em nenhuma outra hora, do mesmo modo que não consigo imaginar nada abaixo de seu colarinho, acima dos punhos das mangas, da bainha da calça. Não quero pensar no que fizeram com o corpo dele. Será que ele tem sapatos? Não, e o chão é frio e molhado. Será que sabe que estou aqui, viva, e que estou pensando nele? Tenho que acreditar que sim. Quando se está em condições de vida reduzidas você tem que acreditar em todo tipo de coisas. Agora acredito em transmissão de pensamento, vibrações no éter, aquele tipo de bobagem. Não costumava acreditar.

Também acredito que não o tenham apanhado nem que o tenham alcançado finalmente, que ele conseguiu escapar, alcançou a margem, nadou pelo rio, atravessou a fronteira, se arrastou para fora na costa distante, uma ilha, batendo os dentes, encontrou o caminho até uma casa de fazenda próxima, teve permissão para entrar, com desconfiança de início, mas depois, quando compreenderam quem ele era, foram amistosos, não do tipo que o entregaria, talvez fossem quakers, eles o levarão clandestinamente para o interior, de casa em casa, a mulher preparou um café quente para ele e lhe deu uma muda de roupas de seu marido. Imagino as roupas. Conforta-me vesti-lo com roupas agasalhadas.

Ele fez contato com os outros, deve haver uma resistência, um governo no exílio. Alguém deve estar lá, cuidando das coisas. Acredito na resistência do mesmo modo que acredito que não pode haver luz sem sombra; ou melhor, não

pode haver sombra a menos que também haja luz. Tem que haver uma resistência, senão de onde vêm todos os criminosos, na televisão?

A qualquer momento agora poderá haver uma mensagem dele. Ela virá da mais inesperada das maneiras, da pessoa menos provável, alguém que eu nunca teria suspeitado. Debaixo de meu prato, na bandeja do jantar? Enfiada em minha mão quando estendo os vales sobre o balcão no Toda a Carne?

A mensagem dirá que tenho de ter paciência: mais cedo ou mais tarde ele conseguirá me tirar daqui, nós a encontraremos, não importa onde a tenham posto. Ela se lembrará de nós e estaremos juntos todos os três. Enquanto isso devo resistir, me manter segura para depois. O que aconteceu comigo, o que está acontecendo comigo agora, não fará nenhuma diferença para ele, ele me ama de qualquer maneira, sabe que não é minha culpa. A mensagem também dirá isso. É essa mensagem, que poderá nunca chegar, que me mantém viva. Acredito em mensagens.

As coisas em que acredito não podem todas ser verdadeiras, embora uma delas tenha que ser. Mas acredito em todas elas, todas as três versões de Luke, exatamente ao mesmo tempo. Essa maneira contraditória de crer me parece, agora neste momento, a única maneira como posso acreditar em qualquer coisa. Qualquer que seja a verdade, estarei pronta para ela.

Essa também é uma de minhas crenças. E também pode não ser verdadeira.

Uma das lápides no cemitério perto da igreja mais antiga tem uma âncora e uma ampulheta gravadas, e as palavras: *Na Esperança.*

Na Esperança. Por que puseram aquilo acima de uma pessoa morta? Estaria o cadáver esperançoso ou aqueles ainda vivos?

Será que Luke tem esperança?

VIII
DIA DO NASCIMENTO

CAPÍTULO DEZENOVE

Estou sonhando que estou acordada.

Sonho que saio da cama e ando pelo quarto, não este quarto, e saio pela porta, não esta porta. Estou em casa, uma de minhas casas, e ela está correndo ao meu encontro, com sua camisolinha verde com o girassol na frente, os pés descalços, e a pego no colo e sinto seus braços e pernas se apertarem ao redor de mim e começo a chorar, porque sei então que não estou acordada. Estou de volta nesta cama, tentando acordar, e acordo e me sento na beira da cama, e minha mãe entra com uma bandeja e me pergunta se estou me sentindo melhor. Quando eu ficava doente, quando era criança, ela tinha que ficar em casa e faltar ao trabalho. Mas tampouco estou acordada desta vez.

Depois desses sonhos, afinal acordo e sei que estou realmente acordada porque lá está a coroa de flores, no teto, e minhas cortinas pendendo como cabelos brancos afogados. Sinto-me drogada. Considero a possibilidade: talvez estejam me drogando. Talvez a vida que penso estar levando seja um delírio paranoico.

Nenhuma esperança. Sei onde estou, e quem sou, e que dia é hoje. Esses são os testes, e estou sã. A sanidade é um bem valioso; eu a guardo escondida como as pessoas antigamente escondiam dinheiro. Economizo sanidade, de maneira a vir a ter o suficiente, quando chegar a hora.

O acinzentado penetra através das cortinas, luminoso enevoado, não há muito sol hoje. Saio da cama, vou até a janela, me ajoelho no assento da janela, na pequena almofada dura, FÉ, e olho para fora. Não há nada a ser visto.

Fico a me perguntar o que terá acontecido com as outras duas almofadas. Devem ter sido três, outrora. ESPERANÇA, CARIDADE, onde terão sido guardadas? Serena Joy tem hábitos meticulosos. Não jogaria fora nada que não estivesse completamente gasto. Uma para Rita, uma para Cora?

O sino toca, estou de pé antes dele, antes da hora. Visto-me sem olhar para

baixo.

Sento-me na cadeira e penso na palavra *cadeira*. Também pode significar o lugar ocupado pelo líder que preside uma reunião: ocupa a cadeira da presidência. Também pode significar um instrumento para execução de condenados. É a primeira sílaba de *caridade*. Em inglês é *chair*, que é a palavra francesa que significa carne. Nenhum desses fatos tem qualquer ligação com os outros.

Esses são os tipos de litanias que uso, para me compor.

Diante de mim está uma bandeja, e na bandeja estão um copo de suco de maçã, um comprimido de vitamina, uma colher, um prato com três fatias de pão tostado, um pratinho contendo mel e outro prato contendo um oveiro, do tipo que se parece com um torso de mulher, vestindo uma saia. Debaixo da saia está o segundo ovo, mantido aquecido. O oveiro é de porcelana branca com uma risca azul.

O primeiro ovo é branco. Empurro um pouco o oveiro, de modo que agora esteja na luz aquosa do sol, que entra pela janela e bate, ora mais luminosa, ora empalidecendo, ora mais luminosa de novo, sobre a bandeja. A casca do ovo é lisa mas também granulada; pequenos seixos de cálcio são definidos pela luz do sol, como crateras na Lua. É uma paisagem estéril, e no entanto perfeita; é o tipo de deserto para onde os santos iam, de modo que suas mentes não fossem distraídas pela profusão. Creio que é com isso que Deus deve se parecer: um ovo. A vida na Lua pode não estar na superfície, e sim dentro dela.

O ovo agora está incandescente, como se tivesse uma energia própria. Olhar para o ovo me dá intenso prazer.

O sol se vai e o ovo se apaga.

Tiro o ovo de dentro do oveiro e toco com os dedos por um momento. Mulheres costumavam carregar ovos assim entre seus seios, para incubá-los. Fazer isso deve ter sido gostoso.

A vida minimalista. O prazer é um ovo. Graças divinas que podem ser contadas nos dedos de uma única mão. Mas possivelmente é assim que se espera que eu reaja. Se tenho um ovo, que mais posso querer?

Em condições de vida reduzidas o desejo de viver se prende a estranhos objetos. Eu gostaria de um animal de estimação: um passarinho, digamos, ou um gato. Qualquer coisa familiar. Um rato serviria, numa emergência, mas não há

nenhuma chance disso. Esta casa é limpa demais.

Corto a parte de cima do ovo com a colher e como o conteúdo.

Enquanto estou comendo o segundo ovo, ouço a sirene, a uma grande distância de início, serpenteando em minha direção entre as grandes casas e gramados bem aparados, um som agudo como o zumbido de um inseto; depois se aproximando, abrindo-se, como uma flor de som se abrindo, para tornar-se uma trombeta. Uma proclamação, essa sirene. Repouso minha colher, meu coração se acelera, vou até a janela de novo: será ela azul e não para mim? Mas vejo-a dobrar a esquina, vir pela rua, parar na frente da casa, ainda tocando alto e estridente, e é vermelha. Uma alegria para o mundo, bastante rara nos dias de hoje. Deixo o segundo ovo pela metade, sigo apressada para o armário para pegar minha capa longa, e já posso ouvir o som de pés na escada e as vozes chamando.

– Depressa – diz Cora –, não vai esperar o dia inteiro – e ela me ajuda a pôr a pelerine, está sorrindo de verdade.

Quase corro pelo corredor, descer a escadaria é como esquiar, a porta da frente é larga, hoje posso sair por ela, e o Guardião está postado lá batendo continência. Começou a chover, uma garoa, e o cheiro grávido de terra e grama enche o ar.

O Partomóvel vermelho está estacionado na entrada para carros. A porta de trás está aberta e eu subo e entro. O carpete no chão é vermelho, cortinas vermelhas fechadas sobre as janelas. Há três mulheres já sentadas, lá dentro, nos bancos que se estendem pelo comprimento da camionete de ambos os lados. O Guardião fecha e tranca as portas duplas e embarca na frente, ao lado do motorista; através da grade de metal coberta de vidro podemos ver suas nucas. Damos partida com um solavanco, enquanto a sirene acima grita: Cedam passagem, cedam passagem!

– Quem é? – pergunto para a mulher ao meu lado; em sua orelha, ou onde deve estar sua orelha debaixo da touca com abas brancas. Quase tenho que gritar, o barulho é tão alto.

– Ofwarren – grita em resposta. Impulsivamente ela agarra minha mão, a aperta, enquanto aos solavancos dobramos uma esquina; ela se vira para mim e vejo seu rosto, há lágrimas escorrendo por suas faces, mas lágrimas de quê? Inveja, desapontamento? Mas não, ela está rindo, ela joga os braços ao redor de

mim; nunca a vi antes, ela me abraça, tem seios grandes, por baixo do hábito vermelho, ela esfrega a manga no rosto. Neste dia podemos fazer qualquer coisa, tudo que quisermos.

Reviso a afirmação: dentro de certos limites.

Diante de nós no outro banco, uma mulher está rezando, de olhos fechados, as mãos junto à boca. Ou ela pode não estar rezando. Pode estar mordendo as unhas dos polegares. Possivelmente está tentando se manter calma. A terceira mulher já está calma. Senta-se de braços cruzados, sorrindo ligeiramente. A sirene continua, sem parar, sem parar. Esse costumava ser o som da morte, para ambulâncias e carros do corpo de bombeiros. Possivelmente é o som da morte hoje também. Logo saberemos. A que Ofwarren dará à luz? Um bebê, como todas esperamos? Ou alguma outra coisa, um Não bebê, com uma cabeça de alfinete ou um focinho como o de um cachorro, ou com dois corpos ou um buraco no coração, ou sem braços, ou com mãos e pés colados como nadadeiras? Não há como saber. Houve um tempo em que eles podiam dizer, com o uso de máquinas, mas isso hoje está banido. De que serviria saber, de qualquer modo? Você não pode mandar tirá-los; seja lá o que for tem que ser levado a termo.

As probabilidades são de uma para cada quatro, aprendemos isso no Centro. Houve uma época em que o ar ficou carregado demais de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas, tudo isso leva anos para pôr em ordem, e enquanto isso elas penetram em seu corpo, se acumulam nas células adiposas do corpo. Quem sabe, sua própria carne pode estar poluída, suja como uma praia onde houve um derramamento de petróleo, morte certa para os pássaros marítimos e bebês ainda por nascer. Talvez um abutre morresse se comesse você. Talvez você se ilumine na escuridão, como um relógio de pulso de antigamente. Vigia de velório. Era assim que chamavam certo tipo de besouro, cujo zumbido era um tique-taque, que se alimenta de carniça.

Por vezes, não consigo pensar em mim mesma, em meu corpo, sem ver o esqueleto: como devo aparecer para um microscópio eletrônico. Um berço de vida feito de ossos; e no interior, riscos, proteínas deformadas, cristais defeituosos denteados como vidro quebrado. As mulheres tomavam medicamentos, comprimidos, os homens pulverizavam árvores, as vacas comiam a relva, todo esse mijo com a força comprimida fluía para os rios. Para não mencionar a explosão de usinas de energia atômica, ao longo da falha de San

Andreas, não por culpa de ninguém, durante terremotos, e a cepa mutante de sífilis que nenhum tipo de mofo conseguia tocar. Algumas fizeram sozinhas, mandaram fazer ligaduras de categute fechando-se ou feriram-se para sempre com substâncias químicas. Como foram capazes de fazer uma coisa dessas?, dizia Tia Lydia. Ah, mas como foram capazes de fazer uma coisa dessas. Jezebéis! Desprezando as dádivas de Deus! Torcendo as mãos.

É um risco que estarão correndo, dizia Tia Lydia, mas vocês são as tropas de choque, marcharão na vanguarda, em território perigoso. Quanto maior o risco, maior a glória. Ela juntava as mãos, radiante com nossa falsa coragem. Nós baixávamos os olhos para os tampos de nossas carteiras. Passar por tudo aquilo e dar à luz uma retalhadora: não era um pensamento nada atraente. Não sabíamos exatamente o que aconteceria com os bebês que não recebiam aprovação, que eram declarados Não bebês. Mas sabíamos que eram postos em algum lugar, rapidamente descartados.

Não houve uma causa única, diz Tia Lydia. Está postada na frente da sala, com seu vestido de cor cáqui, com uma batuta na mão. Desenrolado e estendido na frente do quadro-negro, onde outrora teria havido um mapa, está um gráfico, mostrando o coeficiente de natalidade por mil, ao longo de anos e anos: uma encosta escorregadia, descendo além da linha do zero de reposição, cada vez mais para baixo.

É claro, algumas mulheres acreditavam que não haveria futuro, pensaram que o mundo explodiria. Essa era a desculpa que usavam, diz Tia Lydia. Diziam que não havia sentido na procriação. As narinas de Tia Lydia se estreitam: tamanha maldade. Eram mulheres preguiçosas, diz ela. Eram mulheres vagabundas.

No tampo de minha carteira há iniciais entalhadas na madeira, e datas. As iniciais por vezes estão em duas duplas, unidas pela palavra *ama. J. H. ama B. P. 1954. O. R. ama L. T.* Elas me parecem aquelas inscrições a respeito das quais eu costumava ler, entalhadas nas paredes de pedra de cavernas, ou desenhadas com uma mistura de fuligem e gordura animal. Elas me parecem incrivelmente antigas. O tampo da carteira é de madeira clara; ele se inclina ligeiramente para baixo, e há um descanso para o braço do lado direito, para se apoiar quando estivesse escrevendo em papel, com uma caneta. Dentro da carteira você podia guardar coisas: livros, blocos de anotações. Esses hábitos de tempos passados

agora me parecem pródigos, quase decadentes; imorais, como as orgias de regimes bárbaros. *M. ama G., 1972.* Esse entalhe, feito com um lápis cravado muitas vezes no verniz gasto da carteira, tem o *páthos* de todas as civilizações desaparecidas. É como a impressão de uma mão na pedra. Quem quer que tenha feito aquilo algum dia esteve vivo.

Não há quaisquer datas depois da metade dos anos 1980. Esta deve ter sido uma das escolas que foi fechada na época, por falta de crianças.

Eles cometeram erros, diz Tia Lydia. Nós não pretendemos repeti-los. A voz dela é piedosa, condescendente, a voz daqueles cujo dever é nos dizer coisas desagradáveis para nosso próprio bem. Eu gostaria de estrangulá-la. Empurro esse pensamento para longe quase que tão logo penso nele.

Uma coisa é valiosa, diz ela, somente se for rara e difícil de obter. Queremos que vocês sejam valiosas, meninas. Ela é rica em pausas, que saboreia em sua boca. Pensem em si próprias como pérolas. Estamos sentadas em nossas fileiras, de olhos baixos, nós a fazemos salivar moralmente. Somos dela para definir, temos que tolerar seus adjetivos.

Penso em pérolas. Pérolas são cuspe congelado de ostra. Isso é o que direi a Moira, mais tarde; se puder.

Todas nós aqui tornaremos vocês apresentáveis, diz Tia Lydia, com o ânimo satisfeito.

A camionete para, as portas de trás são abertas, o Guardião nos arrebanha para fora. Na porta da frente está postado outro Guardião, com uma daquelas metralhadoras de cano bem curto pendurada ao ombro. Seguimos em fila em direção à porta da frente, debaixo da chuva fina, os Guardiões batendo continência. A grande camionete Emerge, a que tem as máquinas e os médicos móveis, está estacionada mais adiante na entrada para carro circular. Vejo um dos médicos olhando para fora pela janela da camionete. Só queria saber o que fazem lá dentro, esperando. Jogam cartas, muito provavelmente, ou leem; algum tipo de atividade masculina. A maior parte do tempo eles só têm permissão de entrar se não houver remédio.

Costumava ser diferente, eles costumavam estar no controle. Uma pouca vergonha, aquilo, disse Tia Lydia. Vergonhoso. O que ela havia acabado de nos mostrar era um filme, feito em um hospital dos tempos antigos: uma mulher

grávida ligada por fios a uma máquina, eletrodos saindo dela em todas as direções de modo que parecia um robô quebrado, um gotejamento de solução intravenosa introduzido em seu braço. Um homem qualquer com uma lanterna olhando para cima entre suas pernas, onde seus pelos haviam sido raspados, uma simples garota depilada, uma bandeja cheia de bisturis esterilizados, todo mundo de máscaras. Uma paciente cooperativa. Houve um tempo em que eles drogavam as mulheres, induziam o trabalho de parto, abriam-lhes cortes, depois as costuravam. Isso não existe mais. Nenhum anestésico tampouco. Tia Elizabeth disse que era melhor para o bebê, mas também: *Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos*. Foi isso o que tivemos de almoço, pão preto e sanduíches de alface.

Enquanto estou subindo a escadaria, degraus largos com um vaso de pedra de cada lado, o Comandante de Ofwarren deve ser de status mais alto do que o nosso, ouço outra sirene. É o Partomóvel azul, para as Esposas. Deve ser Serena Joy, chegando com pompa. Nada de bancos duros para elas, têm assentos de verdade, estofados. São virados para a frente e não escondidos por cortinas. Elas sabem para onde estão indo.

Provavelmente Serena Joy esteve aqui antes, nesta casa, para tomar chá. Provavelmente Ofwarren, em tempos passados aquela víbora manhosa Janine, foi levada a desfilar diante dela, dela e das outras Esposas, de modo que pudessem ver sua barriga, tocá-la talvez, e congratular a Esposa. Uma garota forte, bons músculos. Não há Agente Laranja em sua família, verificamos nos registros, nunca se pode ser cuidadoso demais. E talvez uma das mais gentis pergunte: Você gostaria de um biscoitinho, querida?

Ah, não, assim você vai estragá-la com mimos, açúcar demais não é bom para elas.

Certamente um só não vai fazer mal, só desta vez, Mildred.

E a trouxa da Janine: Ah, sim, posso, madame, por favor?

Tão boazinha, tão bem-comportada, não é grosseira e rabugenta como algumas delas, faz seu trabalho e pronto. Mais como uma filha para você, como se poderia dizer. Parte da família. Agradáveis risadinhas matronais. É só isso, querida, pode voltar para seu quarto.

E depois que ela sai: Umas putinhas, todas elas, mas apesar disso não se pode ser exigente demais. Você aceita o que eles oferecem, certo, meninas? Isso da

Esposa do Comandante.

Ah, mas você teve tanta sorte. Algumas delas, ora veja, não são nem sequer limpas. E não lhe darão um sorriso, ficam lastimando-se em seus quartos, não lavam o cabelo, elas fedem. Eu tenho que mandar as Marthas lavarem, quase tenho que segurá-la à força na banheira, você praticamente tem que suborná-la para conseguir que ela apenas tome um banho, tem que ameaçá-la.

Tive que adotar medidas rígidas com a minha, e agora ela não come seu jantar direito; e quanto à outra coisa, nem uma mordidela, e fomos tão regulares. Mas a sua, você merece elogios por ela. E agora a qualquer momento, ah, mas você deve estar tão empolgada, ela está enorme de grande, aposto que mal pode esperar.

Mais chá? Mudando de assunto com modéstia.

Conheço bem o tipo de coisas que acontecem.

E Janine, lá em cima em seu quarto, o que ela faz? Senta com o gosto de açúcar ainda na boca. Olha fixamente para fora pela janela. Inspira e expira. Acaricia seus seios inchados. Não pensa em nada.

CAPÍTULO VINTE

A escadaria central da casa é mais larga que a nossa, com um corrimão curvo de cada lado. Do andar de cima posso ouvir o cantar das mulheres que já estão lá. Subimos a escadaria, em fila indiana, tomando cuidado para não pisar nas bainhas dos vestidos umas das outras que se arrastam nos degraus. À esquerda, as portas duplas da sala de jantar estão dobradas para trás, e lá dentro posso ver a mesa comprida com a toalha branca e um bufê servido: presunto, queijo, laranjas – eles têm laranjas! –, e pães frescos e bolos recém-saídos do forno. Quanto a nós, seremos servidas de leite e sanduíches, numa bandeja, mais tarde. Mas elas têm uma cafeteira com torneira, e garrafas de vinho, pois por que as Esposas não deveriam ficar um bocadinho bêbadas num dia tão triunfante? Primeiro elas esperarão pelos resultados, depois vão se empanturrar. Estão reunidas na sala de visitas do outro lado da escada agora, animando e encorajando esta Esposa de Comandante, a Esposa de Warren. Uma mulher pequenina e magra, ela está deitada no chão, vestida numa camisola de algodão branca, seus cabelos grisalhos espalhados como mofo sobre o tapete; elas massageiam sua minúscula barriga, como se ela própria estivesse mesmo a ponto de dar à luz.

O Comandante, é claro, não está à vista. Foi para seja lá aonde for que homens vão nessas ocasiões, algum esconderijo. Provavelmente está tentando calcular quando a sua promoção deverá ser anunciada, se tudo correr bem. Ele com certeza terá uma, agora.

Ofwarren está no quarto do patrão, um bom nome para o quarto onde este Comandante e sua Esposa todas as noites se deitam juntos para dormir. Está sentada na grande cama de casal, recostada em travesseiros: Janine, inflada mas reduzida, destituída de seu nome anterior. Está usando uma combinação branca de algodão, que está puxada para cima sobre suas coxas; o cabelo comprido amarelo cor de giesta está puxado para trás, amarrado e preso atrás de sua

cabeça, para ficar fora do caminho e não atrapalhar. Os olhos dela estão fechados bem apertados e assim posso quase gostar dela. Afinal, é uma de nós, o que ela jamais quis senão viver sua vida tão agradavelmente quanto possível? Que mais qualquer de nós quis? É no possível que está o problema. Ela não está se saindo mal, de acordo com as circunstâncias.

Duas mulheres que não conheço estão postadas de pé uma de cada lado dela, apertando-lhe as mãos, ou ela as delas. Uma terceira levanta a camisola, derrama óleo de bebê na montanha de sua barriga, esfrega para baixo. A seus pés está Tia Elizabeth, com seu vestido de cor cáqui com os bolsos de estilo militar no peito; era ela a tal que lecionava educação ginecológica. Tudo o que posso ver dela é o lado da cabeça, seu perfil, mas sei que é ela, aquele nariz proeminente e o queixo bonito, severo. A seu lado está o Banco de Dar à Luz, com seu assento duplo, o de trás levantado como um trono atrás do outro. Elas não colocarão Janine nele antes de chegar a hora. Os cobertores estão prontos à mão, a pequena banheira para o banho, o balde com gelo para Janine chupar.

O resto das mulheres está sentada de pernas cruzadas no tapete, há uma porção delas, todo mundo deste distrito deve estar aqui. Deve haver vinte e cinco, trinta, nem todo Comandante tem uma Aia: algumas das Esposas têm filhos. *Que cada uma dê,* diz o slogan*, de acordo com sua capacidade; para cada um de acordo com suas necessidades*. Recitávamos isso, três vezes, depois da sobremesa. Era da Bíblia, ou pelo menos diziam que era. São Paulo de novo, em Atos.[4]

Vocês são de uma geração de transição, disse Tia Lydia. É muito mais difícil para vocês. Sabemos os sacrifícios que são esperados de vocês. É duro quando homens as insultam. Para as que vierem depois de vocês, será mais fácil. Elas aceitarão seus deveres de boa vontade com o acordo de seus corações.

Ela não disse: Porque elas não terão lembranças de nenhuma outra maneira.

Ela disse: Porque não vão querer coisas que não podem ter.

Uma vez por semana tínhamos uma sessão de cinema, depois do almoço e antes do descanso da tarde. Sentávamos no chão da sala de ciência doméstica, em nossos colchonetes cinzentos, e esperávamos enquanto Tia Helena ou Tia Lydia lutavam com o equipamento de projeção. Se tivéssemos sorte não veríamos o filme carregado de cabeça para baixo. O que aquilo me fazia lembrar era das

aulas de geografia, em minha própria escola de segundo ciclo milhares de anos antes, onde mostravam filmes do resto do mundo; mulheres de saias compridas ou vestidos baratos de algodão estampado carregando feixes de galhos, ou cestos, ou baldes plásticos com água, de um rio qualquer, com bebês pendurados nelas presos em xales ou boldriés de rede, na tela olhando para nós do lado de fora com os olhos franzidos ou assustados, sabendo que alguma coisa lhes estava sendo feita por uma máquina com um olho de vidro, mas sem saber o quê. Aqueles filmes eram confortadores e ligeiramente tediosos. Faziam com que me sentisse sonolenta, mesmo quando homens apareciam na tela, com os músculos nus, golpeando a terra dura com enxadas e pás primitivas, carregando pedregulhos. Eu preferia filmes que tivessem danças, cantos, máscaras cerimoniais, artefatos entalhados para fazer música: penas, botões de latão, buzinas de conchas e búzios, tambores. Gostava de ver essas pessoas quando estavam alegres, não quando estavam miseráveis, passando fome, emaciadas, esforçando-se mortalmente para fazer algo muito simples, escavar um poço, irrigar a terra, problemas que as nações civilizadas já tinham resolvido há muito tempo. Eu achava que alguém deveria apenas dar-lhes a tecnologia e permitir que progredissem na vida.

Tia Lydia não mostrava esse tipo de filme.

Por vezes a fita que ela exibia era um velho filme pornográfico, dos anos 1970 ou 1980. Mulheres ajoelhadas chupando pênis ou armas, mulheres amarradas ou com coleiras de cachorro ao redor do pescoço, mulheres penduradas em árvores ou de cabeça para baixo, nuas, com as pernas mantidas abertas, mulheres sendo estupradas, surradas, mortas. Uma vez tivemos que assistir a um, em que uma mulher era lentamente cortada em pedaços, os dedos e os seios retalhados com podadeiras de jardim, o estômago fendido aberto e os intestinos puxados para fora.

Reflitam cuidadosamente sobre as alternativas, dizia Tia Lydia. Vocês veem como as coisas costumavam ser? Isso era o que eles pensavam das mulheres na época. A voz dela tremia de indignação.

Moira disse mais tarde que não era de verdade, era feito com modelos, mas era difícil saber.

Por vezes, contudo, o filme seria o que Tia Lydia chamava de um documentário de Não mulheres. Imaginem, dizia Tia Lydia, desperdiçarem seu

tempo assim, quando deveriam estar fazendo alguma coisa útil. Naquela época, as Não mulheres estavam sempre desperdiçando tempo. Eram encorajadas a fazê-lo. O governo lhes dava dinheiro para fazerem exatamente aquilo. Notem bem, algumas de suas ideias eram bastante sensatas, prosseguia ela, a voz com a autoridade complacente de alguém que está em posição de julgar. Teríamos que desculpar e aceitar algumas de suas ideias mesmo hoje. Apenas algumas, vejam bem, dizia com falsa modéstia, levantando o dedo indicador, balançando-o para nós. Mas elas eram Ateias, e isso pode fazer toda a diferença, não estão de acordo?

Fico sentada em minha esteira, de mãos unidas e cruzadas, e Tia Lydia dá um passo para o lado, afastando-se da tela, e as luzes se apagam, e me pergunto se posso, no escuro, me inclinar até onde puder para a direita, sem ser vista, e sussurrar para a mulher a meu lado. O que sussurrarei? Eu direi: Você viu Moira. Porque ninguém viu, ela não estava presente no desjejum. Mas a sala, embora apagada, não é escura o suficiente, de modo que desvio minha mente para o compasso padrão de refreamento que se faz passar por atenção. Elas não tocam a trilha sonora em filmes como esses, embora o façam nos filmes pornô. Querem que ouçamos os gritos e grunhidos e uivos do que supostamente deve ser dor extrema ou prazer extremo ou ambos ao mesmo tempo, mas não querem que escutemos o que as Não mulheres estão dizendo.

Primeiro vêm o título e alguns nomes, com uma tarja preta riscada com crayon no filme para que não possamos lê-los, e então vejo minha mãe. Minha mãe jovem, mais jovem do que me lembro dela, tão jovem quanto deve ter sido outrora, antes que eu nascesse. Ela está vestindo o tipo de roupas que Tia Lydia nos disse que eram típicas das Não mulheres naquela época, macacão jeans com uma camisa xadrez verde e cor de malva por baixo e calçando tênis; o tipo de coisa que Moira outrora usava, o tipo de coisa que me lembro de ter usado, há muito tempo, eu mesma. O cabelo dela está enfiado num lenço cor de malva e preso para trás. Seu rosto é muito jovem, muito sério, até mesmo gracioso, atraente. Eu me esqueci que minha mãe um dia foi tão graciosa, atraente e determinada assim. Ela está num grupo de mulheres, vestidas no mesmo estilo; está segurando uma vara, não, é parte de uma bandeira, o punho. A câmera faz um movimento para cima e uma tomada panorâmica e vemos o que está escrito, com tinta, no que deve ter sido um lençol de cama: LEVEM DE VOLTA A

NOITE. Isso não foi coberto por tarja preta, apesar do fato de que não devemos estar lendo. As mulheres ao meu redor prendem a respiração, há uma agitação na sala, como o vento sobre a grama. Será isso um descuido, ou será que conseguimos nos safar com alguma coisa? Ou será uma coisa que nos foi mostrada deliberadamente, para nos recordarmos dos velhos tempos de nenhuma segurança?

Atrás dessa mensagem há outras faixas, e a câmera as mostra brevemente: LIBERDADE PARA ESCOLHER. QUE TODO BEBÊ SEJA UM BEBÊ QUERIDO. RETOMEMOS NOSSOS CORPOS. VOCÊS ACREDITAM QUE O LUGAR DE UMA MULHER SEJA NA MESA DA COZINHA? Debaixo da última faixa há um desenho de um corpo de mulher, deitada numa mesa, o sangue pingando dela.

Agora minha mãe está se movendo para a frente, está sorrindo, rindo, todas elas avançam e agora estão levantando os punhos cerrados no ar. A câmera se move, volta-se para o céu, onde centenas de bolas cheias de gás sobem, levando como esteira seus barbantes: bolas vermelhas, com um círculo pintado nelas, um círculo com um talo como o talo de uma maçã, o talo é uma cruz. De volta na terra, minha mãe agora faz parte de uma multidão e não posso mais vê-la.

Eu tive você quando tinha trinta e sete anos, disse minha mãe. Foi um risco, você poderia ter nascido deformada ou coisa assim. Você foi uma criança que eu quis ter, quis mesmo, de verdade, e, de fato, ouvi realmente um bocado de merda de certas pessoas! Minha amiga mais antiga, Tricia Foreman, me acusou de ser pró-natalista, a cretina. Ciúmes, foi o que achei. Algumas das outras, contudo, foram legais. Mas quando estava grávida de seis meses, uma porção delas começou a me mandar pelo correio aqueles artigos sobre como o índice de bebês com deformações ao nascer subia exponencialmente depois dos trinta e cinco anos. Exatamente o que eu precisava. E coisas sobre como era difícil ser mãe solteira. Fodam-se com essa merda, disse a elas, eu comecei isso e vou acabar. No hospital eles escreveram: “Primípara Velha”, nos meus registros, eu os apanhei no ato. É assim que você é chamada quando dá à luz seu primeiro bebê com mais de trinta anos, mais de trinta, pelo amor de Deus. Isso é besteira, eu disse a eles, biologicamente tenho vinte e dois anos, eu poderia superar vocês de longe na hora em que quisesse. Poderia ter trigêmeos e sair daqui andando enquanto

ainda estivessem tentando sair da cama.

Quando ela dizia isso, empinava e espichava o queixo para a frente. Eu me lembro dela assim, de queixo empinado, com um drink diante de si sobre a mesa da cozinha; não jovem e séria, graciosa e atraente como estava no filme, mas esguia e forte, cheia de energia, corajosa, impetuosa, o tipo de mulher mais velha que não permitirá que ninguém lhe passe à frente na fila do supermercado. Ela gostava de vir à minha casa e tomar um drink enquanto Luke e eu preparávamos o jantar e nos contar o que havia de errado com sua vida, que sempre acabava se transformando no que havia de errado com a nossa. Nessa época seu cabelo já estava grisalho, é claro. Ela se recusava a tingi-lo. Por que fingir, costumava dizer. De qualquer maneira para que precisaria disso, não quero um homem em minha vida, que utilidade eles têm, exceto pelos dez segundos que se leva para fazer metade de um bebê. Um homem é apenas a estratégia de uma mulher para fazer outras mulheres. Não que seu pai não fosse um bom sujeito e tudo o mais, mas ele não estava à altura das exigências da paternidade. Não que eu esperasse isso dele. Apenas faça o serviço, depois pode cair fora, eu disse, ganho um salário decente, tenho condições de pagar uma creche. De modo que ele foi morar na costa e mandava cartões de Natal. Aliás, ele tinha lindos olhos azuis. Mas há alguma coisa faltando neles, mesmo nos que são gentis e bons sujeitos. É como se estivessem permanentemente distraídos, como se não conseguissem se lembrar muito bem de quem são. Olham demais para o céu. Perdem o contato com os pés. Não se comparam a uma mulher, exceto pelo fato de que são melhores para consertar carros e jogar futebol, exatamente o que precisamos para o aperfeiçoamento da raça humana, certo?

Era assim que ela falava, mesmo na frente de Luke. Ele não se importava, costumava provocá-la fingindo que era machista, dizia-lhe que mulheres eram incapazes de pensamento abstrato e ela tomava mais um drink e sorria arreganhando os dentes para ele.

Porco chauvinista, dizia ela.

Você não acha que ela é excêntrica, Luke me dizia, e minha mãe assumia uma expressão ardilosa, quase furtiva.

Eu tenho o direito de ser. Sou velha o suficiente, já cumpri minhas obrigações, esta é a minha hora de ser excêntrica. Você mal saiu das fraldas. Porquinho, eu deveria ter dito.

Quanto a você, ela dizia para mim, você é apenas um ricochete. Fogo de palha. A história me absolverá.

Mas ela não dizia coisas desse tipo até depois do terceiro drink.

Vocês jovens não dão valor às coisas, dizia. Não sabem as coisas por que tivemos que passar, só para conseguir fazer com que vocês chegassem onde estão. Olhe só para ele cortando as cenouras. Vocês não sabem quantas vidas de mulheres, quantos *corpos* de mulheres os tanques tiveram que passar por cima só para chegar a este ponto?

Cozinhar é o meu hobby, dizia Luke. Gosto de cozinhar.

Hobby, coisa de trouxa, diria a minha mãe. Você não precisa inventar desculpas para mim. Houve um tempo em que não lhe teria sido permitido ter um hobby desses, teriam chamado você de bicha.

Não, mãe, eu dizia. Não vamos começar a discutir por nada.

Por nada, dizia ela com amargura. Você chama isso de nada. Você não entende, não é. Você não entende absolutamente nada do que estou falando.

De vez em quando ela chorava. Eu era tão sozinha, dizia. Você não tem ideia de como eu era só. E tinha amigos, era uma pessoa de sorte, mas era sozinha mesmo assim.

Eu admirava minha mãe em alguns sentidos, embora as coisas entre nós nunca fossem fáceis. Achava que ela tinha um excesso de expectativas, esperava demais de mim. Esperava que eu justificasse sua vida para ela, e as escolhas que havia feito. Eu não queria viver minha vida nos termos dela. Não queria ser a filha modelo, a encarnação de suas ideias. Costumávamos brigar por causa disso. Não sou a sua justificativa para existir, disse-lhe certa vez.

Eu a quero de volta. Quero tudo de volta, da maneira como era. Mas não adianta nada, não tem nenhum objetivo, esse querer.

4. Na verdade, uma releitura machista de uma citação de Marx (1875). (N. da T.)

CAPÍTULO VINTE E UM

Está quente aqui, e barulhento demais. As vozes das mulheres se elevam ao meu redor, um cântico suave que ainda assim é alto demais para mim, depois de dias e dias de silêncio. No canto do quarto há um lençol manchado de sangue, embolado e atirado lá, do momento em que a bolsa d'água arrebentou.

O quarto também cheira mal, o ar está viciado, deveriam abrir uma janela. O cheiro é de nossa própria carne, um cheiro orgânico, doce e com um traço de ferro, do sangue no lençol, e outro cheiro mais animal, que está vindo, só pode ser de Janine: um cheiro de tocas, de cavernas habitadas, o cheiro da manta xadrez na cama quando a gata pariu nela, uma vez, antes que fosse castrada. Cheiro de matriz.

– Respire, respire – entoamos, como fomos ensinadas a fazer. – Segure, segure. Empurre, empurre, empurre. – Entoamos contando até cinco. Inspirar contando até cinco, segurar contando até cinco, empurrar contando até cinco. Janine, de olhos fechados, tenta respirar mais devagar. Tia Elizabeth apalpa, checando as contrações.

Agora Janine está inquieta, ela quer andar. As duas mulheres ajudam-na a sair da cama, sustentam-na uma de cada lado enquanto anda de um lado para outro. Uma contração chega, ela se dobra para a frente. Uma das mulheres se ajoelha e esfrega suas costas. Todas nós somos boas nisso, tivemos aulas. Reconheço Ofglen, minha companheira de compras, sentada duas mulheres depois de mim. O cântico suave nos envolve como uma membrana.

Uma Martha chega, com uma bandeja: um jarro de suco de frutas, do tipo que você faz diluindo pó em água, de uva parece, e uma pilha de copinhos de papel. Ela a coloca no tapete diante das mulheres cantando. Sem perder um minuto, Ofglen serve, e os copinhos de papel são passados adiante de mão em mão.

Recebo um copinho, me inclino para o lado para passá-lo, e a mulher a meu lado diz baixinho em meu ouvido:

– Você está procurando por alguém?

– Moira – digo, em voz igualmente baixa. – Cabelo castanho, sardas.

– Não – diz a mulher. – Eu não conheço essa mulher, ela não esteve no Centro comigo, embora a tenha visto, fazendo compras. Ficarei de olho para você.

– E você é? – pergunto.

– Alma – diz ela. – Qual é seu nome verdadeiro?

Quero dizer a ela que havia uma Alma comigo no Centro. Quero dizer-lhe meu nome, mas Tia Elizabeth levanta a cabeça, olhando fixamente ao redor do quarto, deve ter ouvido uma interrupção no cântico, de modo que não há mais tempo. Às vezes você consegue descobrir coisas, em Dias de Nascimento. Mas não haveria sentido em perguntar a respeito de Luke. Ele não estaria em nenhum lugar onde alguma dessas mulheres tivesse a possibilidade de vê-lo.

O cântico continua, começa a se apoderar de mim. É trabalho duro, vocês devem se concentrar, identificar-se com seu corpo, dizia Tia Elizabeth. Já começo a sentir dores ligeiras em minha barriga, e meus seios estão pesados. Janine grita, um grito fraco, algo entre um grito e um gemido.

– Ela está entrando em transição – diz Tia Elizabeth.

Uma das ajudantes enxuga a testa de Janine com um pano úmido. Janine agora está transpirando, o cabelo escapando do elástico em fiapos, mechas se colam em sua testa e pescoço. A pele está úmida, saturada, lustrosa.

– Suspire! Suspire! Suspire! – entoamos.

– Eu quero sair – diz Janine. – Quero ir dar uma volta. Eu me sinto bem. Preciso ir ao banheiro.

Todas nós sabemos que ela está em estado de transição, que não sabe o que está fazendo. Qual dessas afirmações é verdadeira? Provavelmente a última. Tia Elizabeth faz sinal, duas mulheres se postam ao lado do toalete portátil, Janine é colocada delicadamente sobre ele. Há mais um cheiro, acrescentado a todos os outros no quarto. Janine geme de novo, a cabeça dobrada para baixo de modo que tudo o que podemos ver é o cabelo dela. Agachada assim, parece uma boneca, uma boneca velha que foi pilhada e descartada, em algum canto, com as mãos nos quadris.

Janine está de pé de novo e andando.

– Eu quero me sentar – diz ela.

Há quanto tempo estamos aqui? Minutos ou horas. Estou suando agora, meu vestido debaixo de meus braços está encharcado, sinto o gosto de sal em meu lábio superior, as falsas dores me atacam com força, as outras também as sentem, posso dizer pela maneira como se curvam e balançam devagar de um lado para o outro. Janine está chupando um cubo de gelo. Então, depois disso, a centímetros ou quilômetros de distância:

– Não – grita ela. – Ah, não, ah não, ah não. – É seu segundo bebê, já teve outra criança, uma vez, sei disso por conta de nossa estadia no Centro, quando ela costumava chorar por isso à noite, como o resto de nós, só que mais ruidosamente. De modo que deve poder se lembrar disso, de como é, do que está por vir. Mas quem pode se lembrar da dor, uma vez que passa? Tudo o que resta dela é uma sombra, nem mesmo na mente, na carne. A dor marca você, mas de maneira profunda demais para que se possa ver. Longe dos olhos, longe do pensamento.

Alguém reforçou o suco de uva com álcool. Alguém surrupiou uma garrafa, de lá de baixo. Não será a primeira vez em reuniões desse tipo; mas elas fingirão não perceber. Também precisamos de nossas orgias.

– Diminuam as luzes – diz Tia Elizabeth. – Digam a ela que está na hora.

Alguém se levanta, segue até a parede, a luz do quarto é reduzida a um crepúsculo, nossas vozes minguam, tornam-se um coro de rangidos, de sussurros enrouquecidos, como grilos num campo à noite. Duas saem do quarto, duas outras conduzem Janine ao Banco de Dar à Luz, onde ela senta no mais baixo dos dois assentos. Está mais calma agora, o ar é sugado regularmente para dentro de seus pulmões, nós nos inclinamos para a frente, tensas, os músculos em nossas costas e barrigas doem do esforço. Está vindo, está vindo, como um toque de clarim, um chamado às armas, como um muro caindo, podemos senti-lo como uma pedra pesada se movendo para baixo, puxada para baixo dentro de nós, pensamos que vamos explodir. Apertamos as mãos umas das outras, não estamos mais sozinhas.

A Esposa do Comandante entra apressada, com sua ridícula camisola branca, as pernas magrelas saindo de baixo dela. Duas das Esposas em seus vestidos e véus azuis seguram-na pelos braços, como se precisasse disso; ela tem no rosto um pequeno sorriso forçado, como uma anfitriã numa festa que preferiria não estar dando. Deve saber o que pensamos a seu respeito. Ela sobe rápido no Banco

de Dar à Luz, senta-se no assento atrás e acima de Janine, de modo que Janine fica emoldurada por ela: as pernas magras descem pelos dois lados, como os braços de uma cadeira excêntrica. De maneira bastante estranha ela está de meias brancas de algodão, e pantufas, azuis, feitas de material felpudo, como capas de assento de toaletes. Mas não prestamos nenhuma atenção na Esposa, mal a vemos, nossos olhos estão em Janine. Sob a luz fraca, em sua combinação branca, ela brilha como uma lua envolta em nuvem.

Janine agora está grunhindo, por causa do esforço.

– Empurre, empurre, empurre – sussurramos. – Relaxe. Respire depressa. Empurre, empurre, empurre. – Estamos com ela, estamos iguais a ela, estamos bêbadas. Tia Elizabeth se ajoelha, com uma toalha estendida para apanhar o bebê que está na fase da coroação, a glória, a cabeça, roxa e lambuzada com iogurte, mais um empurrão e ele escorrega, lustroso de fluidos e sangue, até a nossa espera. Ah, louvado seja.

Prendemos nossa respiração enquanto Tia Elizabeth o examina: uma menina, coitadinha, mas até agora tudo bem, pelo menos não há nada errado com ela, nada que possa ser visto, mãos, pés, olhos, contamos silenciosamente. Tia Elizabeth, com o bebê no colo, olha para nós e sorri. Sorrimos também, somos um único sorriso, lágrimas escorrem por nossas faces, estamos tão felizes.

Nossa felicidade é em parte lembrança. O que me lembro é de Luke comigo no hospital, de pé ao lado de minha cabeça, segurando minha mão, vestindo o traje cirúrgico verde e a máscara branca que lhe deram. Ah, disse ele, Ah, Jesus, uma exalação de assombro maravilhado. Naquela noite ele não conseguiu dormir nada, disse, estava tão eufórico, tão ligado.

Tia Elizabeth está lavando o bebê delicadamente, ele não está chorando muito, e para. Tão silenciosamente quanto é possível, de maneira a não assustá-lo, nos levantamos e nos reunimos ao redor de Janine, apertando-a de leve, dando palmadinhas. Ela também está chorando. As duas Esposas de azul ajudam a terceira Esposa, a Esposa da casa, a descer do Banco de Dar à Luz e a ir para a cama onde elas a fazem deitar-se e a cobrem. O bebê, agora lavado e calado, é colocado cerimoniosamente em seus braços. As Esposas vindas do andar de baixo agora estão se acotovelando no quarto, abrindo caminho entre nós, empurrando-nos para o lado. Falam alto demais, algumas ainda estão carregando seus pratos, as xícaras de café, os copos de vinho, algumas ainda estão

mastigando, elas se aglomeram ao redor da cama, da mãe e filha, arrulhando e parabenizando. A inveja irradia delas, posso cheirá-la, pequenas nuvens de ácido, mescladas com seu perfume. A Esposa do Comandante olha para o bebê como se fosse um buquê de flores: algo que ela ganhou, um tributo.

As Esposas estão aqui para testemunhar a escolha do nome. São as Esposas que escolhem o nome por aqui.

– Angela – diz a Esposa do Comandante.

– Angela, Angela – repetem as Esposas pipilando, trêmulas de excitação. – Que lindo nome! Ah, ela é perfeita! Ah, ela é maravilhosa!

Ficamos postadas entre Janine e a cama, de modo que ela não tenha que ver isso. Alguém lhe dá um pouco de suco de uva para beber, espero que tenha vinho misturado, ela ainda está sentindo as dores do pós-parto, está chorando desconsoladamente, lágrimas exaustas, angustiadas. Mesmo assim estamos eufóricas, é uma vitória, para todas nós. Conseguimos.

Janine terá permissão para amamentar o bebê, durante alguns meses, elas acreditam em leite materno. Depois será transferida, para ver se consegue fazer de novo, com alguma outra pessoa que precise de ajuda. Mas nunca será mandada para as Colônias, nunca será declarada uma Não mulher. Essa é sua recompensa.

O Partomóvel está lá fora, para nos levar de volta para as casas a que pertencemos. Os médicos ainda estão em sua van; seus rostos aparecem nas janelas, bolhas brancas, como rostos de crianças doentes confinadas em casa. Um deles abre a porta e vem em nossa direção.

– Correu tudo bem? – pergunta, ansioso.

– Sim – respondo. A esta altura estou acabada, exausta. Meus seios estão doloridos, secretando. Leite falso, isso acontece com algumas de nós. Sentamo-nos em nossos bancos, umas de frente para as outras, enquanto somos transportadas; agora estamos destituídas de emoção, quase destituídas de sentimento, poderíamos ser trouxas de tecido vermelho. Sofremos a dor da falta. Cada uma de nós segura no colo um fantasma, um bebê fantasma. O que nos confronta, agora que toda a agitação acabou, é nosso fracasso. Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. Dê graças a Deus pelo pouco que tem.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Quando afinal o Partomóvel chega diante da casa estamos no final da tarde. O sol passa fraco em meio às nuvens, o cheiro de grama molhada se aquecendo está no ar. Estive no Nascimento o dia inteiro; a gente perde a noção do tempo. Cora terá feito as compras hoje, estou dispensada de todos os meus deveres. Subo a escadaria, levantando meus pés pesadamente de um degrau para o seguinte, segurando-me no corrimão. Sinto-me como se tivesse passado dias acordada e correndo muito, meu peito dói, meus músculos se contraem em câimbras como se lhes faltasse açúcar. Por uma vez a solidão me é bem-vinda.

Deito-me na cama. Gostaria de descansar, de adormecer, mas estou cansada demais e ao mesmo tempo excitada demais, meus olhos não querem se fechar. Olho para cima para o teto, traçando a folhagem na grinalda. Hoje ela me faz pensar em um chapéu, os chapéus de grandes abas que mulheres costumavam usar em algum período nos tempos passados: chapéus que pareciam enormes halos, engrinaldados com frutas e flores, e as penas de pássaros exóticos; chapéus como uma ideia de paraíso, flutuando logo acima da cabeça, um pensamento solidificado.

Em um minuto a grinalda começará a se colorir e eu começarei a ver coisas. Estou cansada a esse ponto: como quando você havia passado a noite inteira dirigindo, até o amanhecer, por algum motivo, não pensarei nisso agora, cada um mantendo o outro acordado, contando histórias e se revezando na direção, e à medida que o sol começava a subir você via coisas pelos cantos dos olhos: animais púrpura, em arbustos na beira da estrada, silhuetas vagas de homens que desapareciam quando as olhava de frente.

Estou cansada demais para continuar com essa história, cansada demais para pensar sobre onde estou. Aqui vai uma história diferente, uma melhor. Esta é a história do que aconteceu com Moira.

Parte dela posso eu mesma preencher as lacunas, parte dela ouvi de Alma, que

ouviu de Dolores, que ouviu de Janine. Janine a ouviu de Tia Lydia. Mesmo em lugares como aquele, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode haver alianças. Isto é algo com que você pode contar: sempre haverá alianças, deste ou daquele tipo.

Tia Lydia chamou Janine a seu escritório.

Bendito seja o fruto, Janine, teria dito Tia Lydia, sem levantar os olhos de sua escrivaninha, onde estava escrevendo alguma coisa. Para toda regra sempre existe uma exceção: com isso também se pode contar. As Tias têm permissão para ler e escrever.

Que possa o Senhor abrir, Janine teria respondido, numa voz sem cor, sua voz transparente, sua voz de clara de ovo crua.

Creio que posso confiar em você, Janine, teria dito Tia Lydia, levantando os olhos da página e finalmente fitando Janine com aquele seu olhar, através das lentes dos óculos, um olhar que conseguia ser não só ameaçador como suplicante, na mesma medida e ao mesmo tempo. Ajude-me, dizia aquele olhar, estamos todas juntas nisso. Você é uma moça digna de confiança, não é como algumas das outras.

Ela achava que toda a choradeira e o arrependimento de Janine significavam alguma coisa, acreditava que Janine tinha sido subjugada, acreditava que Janine fosse uma verdadeira crente. Mas, àquela altura, Janine havia se tornado como um cachorrinho que foi chutado e castigado com demasiada frequência, por gente demais, ao acaso: ela se deitaria de barriga para cima para qualquer pessoa, diria qualquer coisa, só por um momento de aprovação.

De modo que Janine teria dito: Espero que sim, Tia Lydia. Espero que eu tenha me tornado merecedora de sua confiança. Ou alguma coisa parecida.

Janine, disse Tia Lydia, uma coisa terrível aconteceu.

Janine baixou os olhos para o chão. Seja lá o que fosse, sabia que a culpa não lhe seria atribuída, ela era inocente, não tinha culpa. Mas de que aquilo lhe servira no passado, o fato de não ter culpa? De modo que ao mesmo tempo sentiu-se culpada, como se estivesse prestes a ser punida.

Você tem conhecimento do que foi, Janine?, perguntou Tia Lydia baixinho.

Não, Tia Lydia, disse Janine. Ela sabia naquele momento que seria necessário levantar o olhar, para encarar Tia Lydia olhos nos olhos. Depois de um momento ela conseguiu.

Porque, se tiver, ficarei muito desapontada com você, disse Tia Lydia.

O Senhor é minha testemunha, disse Janine com uma demonstração de fervor.

Tia Lydia permitiu a si mesma uma de suas pausas. Brincou com a caneta. Moira não está mais conosco, disse afinal.

Ah, disse Janine. Ela era indiferente quanto a isso. Moira não era uma de suas amigas. Ela está morta?, perguntou depois de um momento.

Então Tia Lydia lhe contou a história. Moira tinha levantado a mão para ir ao banheiro, durante os Exercícios. Tinha ido. Tia Elizabeth estava de serviço nos lavatórios. Tia Elizabeth ficou do lado de fora da porta do banheiro, como de costume; Moira entrou. Depois de um momento Moira chamou Tia Elizabeth: o vaso sanitário estava transbordando, será que Tia Elizabeth podia consertá-lo. Pessoas não identificadas enfiavam chumaços de papel higiênico dentro dos vasos para fazer com que exatamente isso acontecesse. As Tias estiveram tentando encontrar alguma maneira totalmente segura de impedir isso, mas havia poucos recursos e naquele momento tinham que se virar com o que dispunham, e ainda não tinham descoberto uma maneira de trancar o papel higiênico. Possivelmente deveriam mantê-lo do lado de fora, sobre uma mesa e dar a cada pessoa uma folha ou várias folhas quando entrassem. Mas isso era um plano para o futuro. É preciso algum tempo para resolver todos os pequenos problemas, em qualquer coisa nova.

Tia Elizabeth, sem desconfiar de mal nenhum, entrou no banheiro. Tia Lydia tinha que admitir que havia sido um pouco de tolice de sua parte. Por outro lado, ela já tinha entrado para consertar um vaso em várias ocasiões anteriores sem nenhum problema.

Moira não estava mentindo, a água corria pelo chão, bem como vários pedaços de matéria fecal se desintegrando. Não era nada agradável e Tia Elizabeth ficou aborrecida. Moira manteve-se educadamente afastada, e Tia Elizabeth entrou depressa no cubículo que Moira havia indicado e se debruçou sobre a parte de trás do vaso. Ela pretendia retirar o tampo de louça da privada e mexer no encanamento e no batoque que ficava dentro. Estava com as duas mãos no tampo quando sentiu alguma coisa dura e cortante e possivelmente metálica cutucá-la nas costelas por trás. Não se mova, disse Moira, ou enfiarei inteiro em você, eu sei onde, vou perfurar seu pulmão.

Elas descobriram mais tarde que Moira tinha desmantelado o interior de um dos vasos sanitários e tirado a alavanca fina e pontuda, a parte que se prende à válvula de entrada numa das extremidades e à corrente na outra. Não é muito difícil de fazer se você souber como, e Moira tinha conhecimentos de mecânica, costumava consertar seu próprio carro, as coisas pequenas. Pouco depois disso os vasos sanitários foram equipados com correntes que prendiam seus tampos, e quando entupiam e transbordavam levavam um tempo enorme para abri-los. Tivemos vários alagamentos assim.

Tia Elizabeth não podia ver o que estava espetando suas costas, disse Tia Lydia. Ela era uma mulher corajosa...

Ah sim, disse Janine.

... mas não imprudente, disse Tia Lydia, franzindo um pouco o cenho. Janine tinha sido entusiástica demais na resposta, o que algumas vezes tem a força de uma negação. Ela fez o que Moira mandou, continuou Tia Lydia. Moira se apoderou de seu aguilhão de gado e de seu apito, ordenando que Tia Elizabeth os tirasse do cinto. Então correu com Tia Elizabeth pelas escadas até o porão. Estavam no segundo andar, não no terceiro, de modo que havia apenas dois lances de escada para descer. Era horário de aulas de maneira que não havia ninguém nos corredores. Elas viram outra Tia, mas estava na outra extremidade do corredor e não estava olhando na direção delas. Tia Elizabeth poderia ter gritado naquele ponto, mas sabia que Moira falava sério com relação ao que dissera; Moira tinha má reputação.

Ah, sim, disse Janine.

Moira conduziu Tia Elizabeth pelo corredor de armários vazios, passando pela porta do ginásio, até a sala da caldeira. Ela mandou Tia Elizabeth tirar toda a roupa...

Oh, disse Janine debilmente, como se protestasse pelo sacrilégio.

... e Moira tirou suas próprias roupas e vestiu as de Tia Elizabeth, que não lhe serviam muito bem, mas bem o bastante. Ela não foi excessivamente cruel com Tia Elizabeth, permitiu-lhe que vestisse seu vestido vermelho. O véu ela cortou em tiras e amarrou Tia Elizabeth com elas, atrás da caldeira. Enfiou parte do pano na boca de Tia Elizabeth e o fixou com outra faixa. Amarrou uma tira ao redor do pescoço de Tia Elizabeth. Então amarrou a outra ponta a seus pés, por trás. Ela é uma mulher ardilosa e perigosa, disse Tia Lydia.

Janine disse: Posso me sentar? Como se tudo aquilo tivesse sido demais para ela. Finalmente tinha alguma coisa para trocar, pelo menos por um vale.

Sim, Janine, disse Tia Lydia, surpresa, mas sabendo que naquela altura não podia recusar. Ela estava pedindo a atenção de Janine, sua cooperação. Indicou a cadeira no canto. Janine a puxou mais para a frente.

Eu poderia matar você, sabe, disse Moira quando Tia Elizabeth estava amarrada em segurança escondida fora de vista atrás da caldeira. Poderia feri-la gravemente, de forma que nunca mais possa se sentir bem em seu corpo. Poderia lhe dar choques com isso ou enfiar esta coisa em seu olho. Apenas lembre-se de que eu não fiz, se chegar a tanto.

Tia Lydia não repetiu nada dessa parte para Janine, mas imagino que Moira tenha dito algo semelhante. Em todo caso ela não matou nem mutilou Tia Elizabeth, que alguns dias mais tarde, depois de ter se recuperado de suas sete horas atrás da caldeira e presumivelmente do interrogatório – pois a possibilidade de cumplicidade não poderia ter sido excluída pelas Tias ou por nenhuma outra pessoa –, estava de volta em operação no Centro.

Moira se levantou, se pôs bem empertigada e olhou firmemente para a frente. Puxou os ombros para trás, esticou bem a coluna e apertou os lábios. Essa não era nossa postura costumeira. Habitualmente andávamos de cabeça baixa, os olhos fixos em nossas mãos ou no chão. Moira não se parecia muito com Tia Elizabeth, mesmo com a touca de freira marrom enfiada na cabeça, mas sua postura de costas rígidas aparentemente foi suficiente para convencer os Anjos montando guarda, que nunca olhavam para nenhuma de nós muito de perto, especialmente para as Tias; porque Moira saiu decidida pela porta da frente, com a postura de uma pessoa que sabia para onde estava indo, foi saudada com continências, apresentou o passe de Tia Elizabeth, que eles não se deram ao trabalho de verificar, porque quem afrontaria uma Tia daquela maneira? E desapareceu.

Ah, disse Janine. Quem sabe dizer o que ela sentiu? Talvez tenha querido dar vivas. Se foi isso, soube esconder muito bem.

Portanto, Janine, disse Tia Lydia. Aqui está o que quero que faça.

Janine abriu os olhos bem arregalados e tentou parecer inocente e atenta.

Quero que mantenha os ouvidos aguçados. Talvez uma das outras esteja envolvida.

Sim, Tia Lydia, disse Janine.

E virá me contar o que descobrir, não virá, querida? Se ouvir alguma coisa.

Sim, Tia Lydia, disse Janine. Sabia que não teria mais que se ajoelhar, diante da turma na sala, e ouvir todas nós gritando para ela que a culpa era dela. Agora seria alguma outra pessoa por algum tempo. Estava, temporariamente, liberada.

O fato de que ela contou tudo a Dolores a respeito desse encontro no escritório de Tia Lydia não significou nada. Não significava que ela não fosse depor contra nós, qualquer uma de nós, se tivesse oportunidade. Todas sabíamos disso. Àquela altura a estávamos tratando como as pessoas costumavam tratar aqueles que não tinham pernas, que vendiam lápis nas esquinas. Nós a evitávamos quando podíamos, éramos caridosas com ela quando não havia alternativa. Ela era um perigo para nós, sabíamos disso.

Dolores provavelmente lhe deu palmadinhas nas costas e disse que era uma boa companheira por nos contar. Onde essa conversa teve lugar? No ginásio de esportes, quando estávamos nos preparando para deitar. Dolores tinha a cama ao lado da de Janine.

A história passou de boca em boca entre nós naquela noite, na semiescuridão, em murmúrios, de cama em cama.

Moira estava lá fora em algum lugar. Ela estava livre, ou morta. O que iria fazer? O pensamento do que ela iria fazer se expandiu até que encheu a sala. A qualquer momento poderia haver uma explosão devastadora, as vidraças das janelas cairiam para dentro, as portas se abririam... Moira agora tinha poder, ela havia sido posta em liberdade, ela havia se posto em liberdade. Moira agora era uma mulher livre.

Creio que achávamos isso assustador.

Moira era como um elevador com as paredes laterais abertas. Ela nos deixava com vertigens. Já estávamos perdendo o apreço pela liberdade, já estávamos achando aquelas paredes seguras. Nos limites mais elevados da atmosfera você iria se desfazer em pedaços, iria se vaporizar, não haveria pressão para mantê-la inteira.

Mesmo assim Moira era nossa fantasia. Nós a mantínhamos carinhosamente sempre junto de nós, estava conosco em segredo, uma fonte de diversão; ela era lava sob a crosta da vida diária. À luz de Moira, as Tias eram menos assustadoras e mais absurdas. O poder delas tinha em si um defeito. Elas podiam ser

capturadas à força em toaletes. A audácia era do que gostávamos.

Esperávamos que fosse trazida de volta, arrastada a qualquer minuto, como havia sido antes. Não conseguíamos imaginar o que poderiam fazer com ela desta vez. Seria muito ruim, o que quer que fosse.

Mas nada aconteceu. Moira não reapareceu. Não reapareceu ainda, até agora.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Isso é uma reconstrução. Tudo, cada detalhe é uma reconstrução. É uma reconstrução agora, em minha cabeça, enquanto estou deitada estendida em minha cama de solteiro, ensaiando o que deveria ou não deveria ter dito, o que deveria ou não deveria ter feito, como deveria ter feito meu jogo. Se algum dia eu sair daqui...

Vamos parar nesse ponto. Pretendo sair daqui. Isto não pode durar para sempre. Outros pensaram essas coisas, em tempos difíceis antes deste, e estavam sempre certos, conseguiram sair de uma maneira ou de outra, e não durou para sempre. Embora para eles tenha durado todo o para sempre que tinham.

Quando eu sair daqui, se algum dia conseguir registrar isso, de qualquer modo, mesmo sob a forma de uma voz para outra, será uma reconstrução também, em um grau ainda mais distante. É impossível dizer alguma coisa exatamente da maneira como foi, porque o que você diz nunca pode ser exato, você sempre tem de deixar alguma coisa de fora, existem partes, lados, correntes contrárias e nuances demais; gestos demais, que poderiam significar isto ou aquilo, formas demais que nunca podem ser plenamente descritas, sabores demais, no ar ou na língua, semitonalidades, quase cores, demais. Se acontecer de você ser homem, em qualquer tempo no futuro, e tiver chegado até aqui, por favor lembre-se: você nunca será submetido à tentação de sentir que tem de perdoar um homem como uma mulher. É difícil de resistir, acredite. Mas lembre-se de que o perdão também é um poder. Suplicar por ele é um poder, e recusá-lo ou concedê-lo é um poder, talvez de todos o maior.

Talvez nada disso seja a respeito de controle. Talvez não seja realmente sobre quem pode possuir quem, quem pode fazer o que com quem e sair impune, mesmo que seja até levar à morte. Talvez não seja sobre quem pode se sentar e quem tem de se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas arreganhadas. Talvez seja sobre quem pode fazer o que com quem e ser perdoado por isso. Nunca me diga que dá no mesmo.

Quero que você me beije, disse o Comandante.

Bem, é claro que alguma coisa aconteceu antes disso. Pedidos desse tipo nunca surgem assim sem mais nem menos.

Adormeci, finalmente, e sonhei que estava usando brincos, e que um deles estava quebrado; nada além disso, apenas o cérebro passando em revista seus arquivos antigos, e fui acordada por Cora com a bandeja do jantar, e o tempo entrou de volta nos trilhos.

– É um bebê saudável? – pergunta Cora, enquanto repousa a bandeja. Cora já deve saber, elas têm uma espécie de telégrafo de transmissão oral, de casa em casa, as notícias circulam; mas lhe dá prazer ouvir sobre o que aconteceu, como se minhas palavras venham a torná-lo mais real.

– É perfeito – digo. – Veio para ficar. Uma menina.

Cora sorri para mim, um sorriso includente. Estes são os momentos que devem fazer com que seu trabalho pareça valer a pena para ela.

– Que bom – diz ela. Sua voz soa quase desejosa, e penso: é claro. Ela teria gostado de ter estado lá. É como uma festa a que ela não pôde ir.

– Talvez nós tenhamos um, em breve – diz ela, timidamente. Por *nós*, está se referindo a mim. Cabe a mim reembolsar a equipe, justificar minha comida e cuidados, como uma formiga rainha com ovos. Rita pode desaprovar minha existência, mas Cora não. Em vez disso conta comigo. Ela tem esperança, e eu sou o veículo de sua esperança.

Sua esperança é a do tipo mais simples. Ela quer um Dia de Nascimento, aqui, com convidados e comida e presentes, quer uma criancinha para encher de mimos na cozinha, para passar as roupas, para encher de biscoitinhos quando ninguém estiver olhando. Devo lhe proporcionar essas alegrias. Eu preferiria ter a desaprovação, sinto-me mais merecedora dela.

O jantar é ensopado de carne. Tenho alguma dificuldade para terminar, porque na metade dele me lembro do que o dia apagou por completo de minha cabeça. É verdade o que elas dizem, é um estado de transe, dar à luz ou estar lá quando acontece, você perde de vista o resto de sua vida, se concentra apenas naquele único instante. Mas agora aquilo me volta à mente, e sei que não estou preparada.

O relógio no vestíbulo lá embaixo bate nove horas. Pressiono minhas mãos contra os lados das coxas, respiro fundo, saio pelo corredor e desço a escada quieta. Serena Joy pode ainda estar na casa onde o Nascimento aconteceu; isso é sorte, ele não poderia tê-lo previsto. Nesses dias as Esposas ficam reunidas durante horas, ajudando a abrir os presentes, falando da vida alheia, se embebedando. Alguma coisa tem de ser feita para dissipar a inveja. Sigo o corredor do andar de baixo para os fundos, passo pela porta que leva à cozinha, continuo até a porta seguinte, a dele. Fico parada do lado de fora, sentindo-me como uma criança que foi chamada, na escola, ao gabinete do diretor. O que fiz de errado?

Minha presença aqui é ilegal. É proibido para nós estarmos sozinhas com os Comandantes. Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas gueixas, cortesãs. Pelo contrário: tudo o que era possível foi feito para nos distanciar dessa categoria. Presume-se que não há nada de divertido a nosso respeito, nenhum espaço para que luxúrias secretas floresçam é permitido; nem quaisquer favores devem ser obtidos por persuasão, por eles ou por nós, não devem existir quaisquer oportunidades ou atividades que possam dar ensejo a amor. Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes.

Portanto por que ele quer me ver, à noite, sozinha?

Se eu for apanhada, será à mercê dos ternos cuidados de Serena Joy que serei entregue. Ele não deve interferir nas questões de disciplina doméstica, isso é assunto de mulheres. Depois, reclassificação. Eu poderia me tornar uma Não mulher.

Mas recusar-me a vê-lo poderia ser pior. Não há nenhuma dúvida quanto a quem detém o poder de verdade.

Mas deve haver alguma coisa que ele quer de mim. Querer é ter uma fraqueza. É essa fraqueza, seja lá qual for, que me atrai. É como uma pequena rachadura numa parede, que antes, até este momento, era impenetrável. Se encostar meu olho nela, na fraqueza dele, pode ser que possa ver meu caminho se abrir.

Quero saber o que ele quer.

Levanto a mão, bato, na porta do aposento proibido onde nunca estive, onde mulheres não entram. Nem mesmo Serena Joy vem aqui, e a limpeza é feita por

Guardiões. Que segredos, que totens masculinos são guardados aqui?

Tenho ordem de entrar. Abro a porta, entro.

O que está do outro lado é vida normal. Eu deveria dizer: o que está do outro lado parece ser vida normal. Há uma escrivaninha, é claro, com um Compufala sobre o tampo, uma poltrona de couro preto atrás. Há uma planta num vaso sobre a escrivaninha, um conjunto de porta-canetas, papéis. Há um tapete oriental no assoalho, e uma lareira sem fogo aceso dentro dela. Há um pequeno sofá, estofado com tecido aveludado marrom, um aparelho de televisão, uma mesinha de canto, um par de cadeiras.

Mas por toda parte sobre as paredes há estantes. Elas estão cheias de livros. Livros e livros e livros, bem ali, bem visíveis a olho nu, sem trancas, sem caixas. Não é de espantar que não possamos entrar aqui. É um oásis do que é proibido. Tento não ficar olhando.

O Comandante está de pé diante da lareira sem fogo, de costas para ela, com um cotovelo apoiado no tampo de madeira entalhada da cornija, a outra mão no bolso. É uma pose tão estudada, alguma coisa do nobre rural, copiada de algum antigo anúncio de revista de luxo para homens com um modelo do tipo velho sedutor. Ele provavelmente decidiu que estaria parado assim quando eu entrasse. Quando bati, provavelmente foi depressa para junto da lareira e se posicionou. Deveria estar usando um tapa-olho, sobre um dos olhos, uma gravata larga de seda tipo plastrão estampada com ferraduras de cavalo.

Tudo isso está muito bem para mim enquanto penso essas coisas, rápida como um *staccato*, um tremor de agitação do cérebro. Um tremor interior. Mas é pânico. O fato é que estou apavorada.

Não digo nada.

– Feche a porta quando entrar – diz ele, em tom bastante agradável. Eu o faço e me viro de volta.

– Oi – diz ele.

É a antiga forma de cumprimento. Há um tempo enorme que não a ouço, há anos. Diante das circunstâncias parece fora de lugar, até mesmo cômica, um salto para trás no tempo, uma acrobacia. Não consigo pensar em nada apropriado para dizer em resposta.

Acho que vou chorar.

Ele deve ter percebido isso, porque olha para mim, confuso, dá uma ligeira franzida na testa que decido interpretar como preocupação, embora possa ser apenas irritação.

– Venha – diz ele. – Você pode se sentar.

Ele puxa uma cadeira para mim, posiciona na frente de sua escrivaninha. Então dá a volta, vai para trás da escrivaninha e senta-se, bem devagar, e me parece ensaiado. O que esse ato me diz é que não me trouxe aqui para me tocar de forma alguma, contra a minha vontade. Ele sorri. O sorriso não é sinistro nem predatório. É apenas um sorriso, um sorriso de tipo formal, amistoso mas um tanto distante, como se eu fosse uma gatinha numa vitrine. Uma gata que ele está olhando, mas que não pretende comprar.

Eu me sento bem empertigada na cadeira, as mãos cruzadas no colo. Sinto-me como se meus pés em seus sapatos baixos vermelhos quase não estivessem tocando no chão. Mas é claro que estão.

– Você deve achar isso estranho – diz ele.

Simplesmente olho para ele. O comentário mais eufemista do ano, era uma expressão que minha mãe usa. Usava.

Eu me sinto como algodão-doce: açúcar e ar. Aperte-me e me transformarei num pequeno chumaço enjoativo e úmido de vermelho-rosado lacrimejante.

– Imagino que seja um pouco estranho – diz ele, como se eu tivesse respondido.

Penso que deveria estar de chapéu, com um laço amarrado debaixo do queixo.

– Eu quero... – diz ele.

Tento não me inclinar para a frente. Sim? Sim, sim? O que, diga? O que ele quer? Mas não vou revelar isso, a minha avidez ansiosa. Estamos numa sessão de barganha, coisas estão prestes a ser trocadas. Aquela que não hesita está perdida. Não vou entregar nada de graça: somente venda.

– Eu gostaria... – diz ele. – Isso vai parecer tolice. – E ele de fato parece embaraçado, *acanhado* era a palavra, do jeito que homens costumavam parecer outrora. É velho o bastante para se lembrar de como parecer acanhado, e para se lembrar também de como as mulheres outrora achavam isso atraente. Os jovens não conhecem esses truques. Nunca tiveram que usá-los.

– Gostaria que você jogasse mexe-mexe comigo – diz ele.

Eu me mantenho absolutamente rígida. Mantenho meu rosto imóvel. Então é isso que há no aposento proibido! Mexe-mexe! Quero rir alto, quero dar gargalhadas escandalosas, cair de minha cadeira. Esse era o jogo de velhas senhoras e senhores, em casas de campo durante os verões ou na aposentadoria, para ser jogado quando não havia nada que prestasse na televisão. Ou de adolescentes, um dia, há muito, muito tempo. Minha mãe tinha um estojo, ficava guardado no fundo do armário do corredor, com os enfeites da árvore de Natal em suas caixas de papelão. Uma vez ela tentou fazer com que eu me interessasse pelo jogo, quando eu tinha treze anos e estava infeliz e sem saber o que fazer.

Agora é claro que é algo diferente. Agora é proibido para nós. Agora é indecente. Agora é algo que ele não pode fazer com sua Esposa. Agora é desejável. Agora ele se comprometeu. É como se tivesse me oferecido drogas.

– Está bem – digo, como se indiferente. Na verdade mal consigo falar.

Ele não diz por que quer jogar mexe-mexe comigo. Eu não lhe pergunto. Ele apenas tira uma caixa de uma das gavetas em sua escrivaninha e a abre. Lá estão os estojos com as peças de madeira plastificada de que me lembro, o tabuleiro dividido em quadrados, os pequenos encaixes para colocar as peças com as letras. Ele derrama as peças sobre a mesa e começa a virá-las para cima. Depois de um instante eu o ajudo.

– Você sabe jogar? – pergunta.

Faço que sim.

Jogamos duas partidas. *Laringe*. Eu soletro. *Cortinado. Marmeleiro. Zigoto*. Seguro as peças de madeira lustrosas com suas bordas lisas, passo o dedo nas letras. A sensação é voluptuosa. Isso é liberdade, um piscar de olhos dela. *Flácido*, soletro. *Garganta*. Que luxo. As peças são como balas, feitas de hortelã, frescas assim. Pastilhas salva-vidas era como eram chamadas. Eu gostaria de botá-las dentro de minha boca. Também existiam com sabor de limão. A letra F. Frescas, ligeiramente ácidas na língua, deliciosas.

Venço a primeira partida, deixo que ele vença a segunda: ainda não descobri quais são os termos, o que poderei pedir, em troca.

Finalmente ele me diz que está na hora de eu ir para casa. Estas são as palavras que usa: *ir para casa*. Ele quer dizer meu quarto. Pergunta-me se chegarei bem sozinha, como se a escada fosse uma rua escura. Digo que sim. Abrimos a porta de seu gabinete, só uma fresta, e ficamos à escuta de ruídos no

vestíbulo.

É como um encontro. É como se esgueirar de volta para o dormitório depois do horário.

Isto é uma conspiração.

– Obrigado – diz ele. – Pelo jogo. – Então diz: – Quero que você me beije.

Penso sobre como poderia desmontar a parte de trás do vaso sanitário, do vaso em meu próprio banheiro, numa noite de banho, rápida e silenciosamente, de modo que Cora não me ouvisse da cadeira no lado de fora. Eu poderia tirar a alavanca de metal de ponta afiada e escondê-la em minha manga, e contrabandeá-la para o gabinete do Comandante, da próxima vez, porque depois de um pedido como esse sempre há uma próxima vez, quer você diga sim ou não. Penso em como poderia me aproximar do Comandante, para beijá-lo, aqui sozinha, e tirar seu paletó, como se para permitir ou convidar algo além, alguma aproximação de amor verdadeiro, e pôr meus braços ao redor de seu pescoço e tirar a alavanca discretamente de minha manga e enfiar a ponta afiada nele, subitamente, entre as costelas. Penso no sangue saindo dele, quente como sopa, sexual, sobre minhas mãos.

Na verdade não penso a respeito de coisa nenhuma desse tipo. Só incluí isso depois. Talvez devesse ter pensado a respeito disso, na ocasião, mas não pensei. Como já disse, isto é uma reconstrução.

– Está bem – digo. Vou até junto dele e ponho meus lábios fechados sobre os dele. Sinto o cheiro da loção após barba, do tipo habitual, com um laivo de bolinhas de naftalina, bastante familiar para mim. Mas ele é como alguém a quem apenas acabei de conhecer.

Ele recua, baixa o olhar para mim. Lá está o sorriso de novo, o sorriso acanhado. Tanta candura.

– Não assim – diz ele. – Como se você quisesse.

Ele estava tão triste.

Isto também é uma reconstrução.

IX
NOITE

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Volto, pelo corredor escuro e escada acima nas pontas dos pés, furtivamente para o meu quarto. Lá sento na cadeira, com as luzes apagadas, com meu vestido vermelho fechado e abotoado. Só é possível pensar com clareza quando se está com as roupas vestidas.

O que preciso é de perspectiva. A ilusão de profundidade, criada por uma moldura, a disposição de formas numa superfície plana. A perspectiva é necessária. Caso contrário só existem duas dimensões. Caso contrário você vive com o rosto amassado contra uma parede, tudo um imenso primeiro plano, de detalhes, em close vistos de muito perto, cabelos, a trama do lençol da cama, as moléculas do rosto. Sua própria pele como um mapa, um diagrama de futilidade, riscado com linhas cruzadas de minúsculas estradas que levam a lugar nenhum. Caso contrário você vive no momento presente. Que não é onde quero estar.

Mas é nele que estou, não há como escapar disso. O tempo é uma armadilha e estou presa nele. Tenho que esquecer meu nome secreto e todos os caminhos de volta. Meu nome agora é Offred, e aqui é onde vivo.

Viva no presente, aproveite-o ao máximo, isso é tudo que você tem.

É tempo de fazer um balanço.

Tenho trinta e três anos. Tenho cabelos castanhos. Tenho um metro e setenta de altura descalça. Tenho dificuldade de me lembrar da aparência que eu costumava ter. Tenho ovários viáveis. Tenho mais uma chance.

Mas alguma coisa mudou, agora, esta noite. As circunstâncias se alteraram.

Posso pedir alguma coisa. Possivelmente não muito, mas alguma coisa.

Homens são máquinas movidas a sexo, dizia Tia Lydia, e não muito mais. Eles querem apenas uma coisa. Vocês têm que aprender a manipulá-los, para o bem de si mesmas. Levá-los pelo nariz para onde quiserem; isso é uma metáfora. É a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas.

Tia Lydia não dizia isso na verdade, mas estava implícito em tudo que ela de

fato dizia. Pairava acima de sua cabeça, como os lemas em dourado nos resplendores sobre os santos, de eras mais obscurantistas. Como eles também, era angulosa e descarnada.

Mas como encaixar o Comandante nisso, na forma como ele existe em seu estúdio, com seus jogos de palavras e seu desejo, de quê? De que se brinque com ele, de ser gentilmente beijado, como se eu quisesse de verdade.

Sei que preciso levar isso a sério, o seu desejo. Poderia ser importante, poderia ser um passaporte, poderia ser meu cadafalso. Preciso ser séria, convicta, com relação a isso, preciso ponderá-lo. Mas não importa o que faça, sentada aqui no escuro, com as luzes dos holofotes iluminando o oblongo de minha janela, do lado de fora, através das cortinas alvas e diáfanas como um vestido de noiva, como um ectoplasma, uma de minhas mãos segurando a outra, balançando-me um pouquinho para trás e para a frente, não importa o que eu faça há alguma coisa hilariante a respeito disso.

Ele queria que eu jogasse mexe-mexe com ele, e que o beijasse como se quisesse de verdade.

Essa é uma das coisas mais bizarras que já me aconteceu, em todos os tempos.

Contexto é tudo.

Lembro-me de um programa de televisão que vi certa vez; uma reprise, gravado anos antes. Devia ter sete ou oito anos, era criança demais para entender. Era o tipo de coisa a que minha mãe gostava de assistir: histórico, educativo. Ela tentou me explicar depois, me dizer que as coisas mostradas nele tinham realmente acontecido, mas para mim era apenas uma história. Pensei que alguém a havia inventado. Suponho que todas as crianças pensem assim a respeito de qualquer história anterior à delas. Se é apenas uma história, torna-se menos assustador.

O programa era um documentário sobre uma daquelas guerras. Eles entrevistavam pessoas e mostravam clipes de filmes da época em preto e branco, e fotografias. Não me lembro muito a respeito do programa, mas me lembro da qualidade das imagens, a maneira como tudo nelas parecia coberto por uma mistura de luz do sol e poeira, e como eram escuras as sombras sob as sobrancelhas e ao longo dos ossos das maçãs dos rostos das pessoas.

As entrevistas com as pessoas ainda vivas eram em cores. A de que eu me lembro melhor foi com uma mulher que tinha sido amante de um homem que

supervisionava um dos campos onde eles punham os judeus, antes de matá-los. Em fornos, disse minha mãe; mas não havia quaisquer imagens dos fornos, de modo que fiquei com uma ideia confusa de que essas mortes tinham ocorrido em cozinhas. Há algo de especialmente aterrador para uma criança nessa ideia. Fornos significam cozinhar, e cozinhar vem antes de comer. Pensei que aquelas pessoas tinham sido comidas. O que de certa forma suponho que tenham sido.

Pelo que diziam, o homem tinha sido cruel e brutal. A amante – minha mãe explicou o que era *amante*, ela não acreditava em mistificação, eu tive um livro ilustrado com figuras de papelão em três dimensões sobre órgãos sexuais quando tinha quatro anos –, a amante tinha sido muito bonita. Havia uma foto preto e branco dela e de outra mulher, em trajes de banho de duas-peças e sapatos com plataforma e chapéus elegantes de abas largas daqueles tempos; elas usavam óculos de sol olho de gato e estavam sentadas em espreguiçadeiras de madeira à beira de uma piscina. A piscina ficava ao lado da casa onde moravam, que era perto do campo com os fornos. A mulher disse que não havia reparado em muita coisa que achasse incomum. Negou ter conhecimento dos fornos.

Na ocasião da entrevista, quarenta ou cinquenta anos depois, ela estava morrendo de enfisema. Tossia muito, e estava muito magra, quase emaciada; mas ainda se orgulhava de sua aparência. (Veja só isso, disse minha mãe, meio de má vontade, meio com admiração. Ela ainda se orgulha de sua aparência.) Estava cuidadosamente maquiada, com os cílios carregados de rímel, ruge nas maçãs do rosto, sobre as quais a pele se esticava como uma luva de plástico bem puxada, justa e lisa. Usava pérolas.

Ele não era um monstro, disse ela. As pessoas dizem que era um monstro, mas não era.

No que poderia ela ter andado pensando? Não muito, imagino; não antes, não na ocasião. Estava pensando em como não pensar. Os tempos eram anormais. Ela se orgulhava de sua aparência. Não acreditava que ele fosse um monstro. Ele não era um monstro, para ela. Provavelmente tinha algum traço característico cativante: assobiava desafinado, no chuveiro, tinha uma paixão por trufas, chamava seu cachorro de Liebchen e o fazia sentar para ganhar pequenos pedaços de carne crua. Como é fácil inventar uma humanidade para qualquer pessoa, qualquer uma. Que tentação disponível. Uma criança grande, teria dito a si mesma. O coração dela teria se derretido, teria ajeitado para trás o cabelo caído

na testa dele, o teria beijado na orelha, e não apenas para ganhar alguma coisa dele. O instinto de acalmar, de tornar as coisas melhores. Calma, calma, diria, quando ele acordasse de um pesadelo. As coisas são tão difíceis para você. E teria acreditado em tudo isso, porque caso contrário como poderia ela ter continuado a viver? Era muito convencional, por baixo daquela beleza. Acreditava em decência, era boazinha com a empregada judia, ou boazinha o suficiente, mais boazinha do que precisava ser.

Vários dias depois que aquela entrevista com ela foi filmada, ela se matou. Disseram isso, na televisão.

Ninguém perguntou a ela se o havia amado ou não.

Do que me lembro agora, mais que tudo, é da maquiagem.

Eu me levanto, no escuro, começo a me desabotoar. Então ouço alguma coisa dentro de meu corpo. Eu quebrei, alguma coisa deve ter rachado, deve ser isso. O ruído está subindo, saindo, do lugar quebrado, em meu rosto. Sem aviso: eu não estava pensando a respeito daqui ou de lá ou de coisa alguma. Se deixar o ruído sair para o ar ele será riso, alto demais, excessivo, alguém vai ouvir com certeza, e então haverá som de passos apressados e ordens e quem sabe? Julgamento: emoção inapropriada para a ocasião. O útero errante, costumavam pensar. Histeria. E então uma agulha, um comprimido. Poderia ser fatal.

Aperto minhas duas mãos sobre a boca como se estivesse à beira de vomitar, caio de joelhos, o riso fervilhando como lava em minha garganta. Arrasto-me para dentro do armário, encolho os joelhos, vou sufocar com isso. Minhas costelas doem com o esforço de segurar, conter, eu tremo, ofego, ondulo, sísmica, vulcânica, vou explodir. Vermelho por toda parte no armário, rir rima com parir, ah morrer de rir.

Eu o abafo nas pregas da pelerine pendurada, cerro meus olhos, dos quais lágrimas estão escorrendo. Tento me compor.

Depois de algum tempo passa, como um ataque epiléptico. Aqui estou eu no armário. *Nolite te bastardes carborundorum.* Não posso ver no escuro, mas retraço a escrita minúscula arranhada com as pontas dos dedos, como se fosse um código em braile. Ela soa em minha cabeça agora menos como uma prece, mais como uma ordem, mas para fazer o quê? Inútil para mim em todo caso, um hieróglifo antiquíssimo para o qual a chave foi perdida. Por que ela escreveu isso,

por que se deu ao trabalho? Não existe nenhum meio de sair daqui.

Fico deitada no chão, respirando depressa demais, depois mais devagar, tornando minha respiração regular, como nos exercícios para parir. Tudo que posso ouvir agora é o som de meu próprio coração, abrindo e fechando, abrindo e fechando, abrindo.

X
ESCRITOS DA ALMA

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O que primeiro ouvi na manhã seguinte foi um grito e um estrondo. Cora, deixando cair a bandeja do café. Aquilo me acordou. Ainda estava com metade do corpo dentro do armário, a cabeça apoiada na pelerine amarfanhada. Devo tê-la puxado do cabide e adormecido ali; por um momento não consegui me lembrar de onde estava. Cora estava ajoelhada a meu lado, senti sua mão tocar minhas costas. Ela gritou de novo quando me mexi.

O que há de errado?, perguntei. Virei de barriga para cima e me ergui apoiada no cotovelo.

Ah, disse ela. Eu pensei.

Ela pensou o quê?

Como..., disse ela.

Os ovos tinham se quebrado no chão, havia suco de laranja e cacos de vidro quebrado.

Vou ter de trazer outra, disse ela. Que desperdício. O que estava fazendo no chão daquele jeito? Ela está me puxando, para me fazer levantar, ficar respeitavelmente de pé.

Eu não queria dizer a ela que não tinha ido em nenhum momento para a cama. Não haveria nenhuma maneira de explicar isso. Disse-lhe que devia ter desmaiado. Foi quase igualmente ruim, pois ela se agarrou nisso.

Isso é um dos primeiros sintomas, disse ela, satisfeita. Isso e vomitar. Ela deveria saber que não tinha havido tempo suficiente; mas estava muito esperançosa.

Não, não é isso, respondi. Eu estava sentada na cadeira. Tenho certeza de que não é isso. Apenas fiquei tonta. Estava apenas parada ali e tudo escureceu.

Deve ter sido a tensão, disse ela, de ontem e tudo o mais. Desgasta e enfraquece a gente.

Ela estava se referindo ao Nascimento, e eu disse que sim. A essa altura estava sentada na cadeira, e ela ajoelhada no chão, catando os cacos de vidro e os ovos,

juntando-os na bandeja. Enxugou parte do suco de laranja com o guardanapo de papel.

Vou ter que trazer um pano, disse ela. Eles vão querer saber por que os ovos a mais. A menos que pudesse passar sem eles. Ela levantou o olhar para mim de esguelha, dissimuladamente, e vi que seria melhor se ambas pudéssemos fingir que, afinal, eu tinha comido meu desjejum. Se ela contasse que tinha me encontrado deitada no chão, haveria perguntas demais. De qualquer maneira teria que explicar o copo quebrado; mas Rita ficaria mal-humorada se tivesse que preparar um segundo desjejum.

Posso ficar sem eles, disse. Não estou com fome. Isso era bom, combinava com uma vertigem, um pequeno desmaio. Mas vou querer a torrada, disse. Não queria ficar sem comer nada de manhã.

Mas caiu no chão, disse ela.

Não me importo, respondi. Sentei-me ali comendo o pedaço de pão tostado enquanto ela ia até o banheiro, jogava no vaso e puxava a descarga para se desfazer do punhado de ovo que não podia ser recuperado. Então ela voltou.

Vou dizer que deixei a bandeja cair quando estava saindo, disse.

Agradou-me que estivesse disposta a mentir por mim, mesmo numa questão tão pequena, mesmo para sua própria vantagem. Era um laço entre nós.

Sorri para ela. Espero que ninguém tenha ouvido você, disse.

Aquilo realmente me assustou, disse ela, enquanto parava junto à porta com a bandeja. Primeiro pensei que fossem só as suas roupas, sabe. Então disse a mim mesma, o que estão fazendo ali no chão? Pensei que você talvez...

Trate de ir, disse.

Bem, disse ela. Mas era você.

Sim, respondi. Era.

E era, e ela saiu com a bandeja e voltou com um pano para limpar o resto do suco de laranja, e Rita naquela tarde fez um comentário rabugento sobre algumas pessoas terem mãos de pilão. Vivem com a cabeça ocupada com coisas demais e não olham para onde estão indo, disse ela, e depois disso continuamos como se nada tivesse acontecido.

Isso foi em maio. A primavera agora já passou. As tulipas tiveram seu momento e agora se foram, deixando cair suas pétalas, uma por uma, como dentes. Um dia

encontrei Serena Joy ajoelhada numa almofada no jardim, a bengala a seu lado na grama. Estava cortando os pericarpos dos bulbos com uma podadeira. Eu a observei de esguelha enquanto passava, com minha cesta de laranjas e costeletas de ovelha. Ela estava apontando, posicionando as lâminas da podadeira, e então cortando com um tranco convulsivo das mãos. Estaria a artrite piorando? Ou aquilo era alguma *blitzkrieg*, algum tipo de ataque camicase, contra a genitália intumescida das flores. O corpo frutificante. Cortar os pericarpos dos bulbos deve fazer com que o bulbo armazene energia.

Santa Serena, de joelhos, fazendo penitência.

Eu com frequência me divertia assim, com pequenas piadas amargas e mesquinhas a seu respeito; mas não por muito tempo. Não é aconselhável ficar se demorando, observando Serena pelas costas.

O que eu invejava era a podadeira.

Bem. Depois tivemos as íris, elevando-se lindas e frescas em seus longos talos, como vidro soprado, como água pastel momentaneamente congelada num esguicho, azul-claras, cor de malva clara, e as mais escuras, aveludadas e roxas, orelhas de gatos negros no sol, azul-índigo na sombra, e depois os corações-de-maria, tão femininos em forma que era uma surpresa que há muito tempo não tivessem sido arrancados pela raiz. Há algo de subversivo com relação a esse jardim de Serena, uma sensação de coisas enterradas rebentando em direção ao alto, aflorando sem palavras, sob a luz, como se para apontar, para dizer: Tudo o que é silenciado clamará para ser ouvido ainda que silenciosamente. Um jardim de Tennyson, carregado de perfumes, lânguido; a volta da palavra desmaio. Luz se derrama do alto sobre o jardim, do sol, é verdade, mas também sobe o calor, eleva-se das próprias flores, pode-se senti-lo: como manter a mão estendida dois centímetros acima de um braço, um ombro. O jardim respira, no calor, inalando seu próprio perfume. Andar por ele nesses dias, de peônias, de rosas e cravos, faz minha cabeça rodar.

O salgueiro está no auge de sua plumagem e em nada ajuda, com seus insinuantes sussurros. *Rendez-vous*, diz ele, *terraços;* os sons sibilantes sobem correndo pela minha espinha, um tremor de calafrio como se de febre. O vestido de verão murmura e roça contra a pele de minhas coxas, a relva cresce embaixo, pelos cantos de meus olhos vejo movimentos nos galhos; penas, lampejos,

floreados musicais, árvore tornada em pássaro, metamorfoses desarvoradas. Deusas agora são possíveis e o ar se enche de desejo. Até os tijolos da casa estão amolecendo, tornando-se palpáveis; se eu me encostasse contra eles estariam mornos, aquiescentes. É espantoso o que a negação pode fazer. Será que a visão de meu tornozelo o fez sentir fraqueza, tonturas, no posto de controle, ontem, quando deixei cair meu passe e deixei que ele o apanhasse para mim? Não há lenço, não há leque, uso o que tenho à mão.

O inverno não é tão perigoso. Preciso de dureza, frio, rigidez; não desse peso, como se eu fosse um melão no talo, essa suculenta madurez.

O Comandante e eu temos um acordo. Não é o primeiro acordo desse tipo na história, embora tenha tomado uma forma não muito comum.

Visito o Comandante uma ou duas noites por semana, sempre depois do jantar, mas só quando recebo o sinal. O sinal é Nick. Se ele estiver polindo o carro quando saio para as compras, ou quando volto, e se seu quepe estiver torto ou não estiver posto na cabeça, então eu vou. Se ele não estiver lá ou se estiver com o quepe bem-posto, então fico em meu quarto da maneira habitual. Em noites de Cerimônia, é claro, nada disso se aplica.

A dificuldade é a Esposa, como sempre. Depois do jantar ela vai para o quarto deles, de onde seria possível que me ouvisse enquanto me esgueiro pelo corredor, embora tome cuidado para ser muito silenciosa. Ou ela fica na sala de estar, tricotando sem parar seus infindáveis cachecóis para os Anjos, produzindo mais e mais metros de gente complicada e inútil de lã: sua forma de procriação, só pode ser. A porta da sala de estar em geral é deixada entreaberta quando ela está lá dentro, e não ouso passar por ela. Quando recebo o sinal, mas não consigo ir, descer a escada ou seguir pelo corredor além da sala de estar, o Comandante compreende. Conhece a minha situação melhor do que ninguém. Ele conhece todas as regras.

Às vezes, contudo, Serena Joy está fora de casa, visitando outra Esposa de Comandante, uma que esteja doente; esse é o único lugar que seria concebível que ela fosse sozinha, à noite. Ela leva comida, um bolo ou uma torta ou um pão feitos por Rita, ou um pote de geleia das folhas de menta que são cultivadas em seu jardim. Elas ficam doentes com frequência, essas Esposas de Comandante. Isso acrescenta interesse às suas vidas. Quanto a nós, as Aias e mesmo as Marthas, evitamos doenças. As Marthas não querem ser obrigadas a se

aposentarem, porque quem sabe para onde vão? Você não vê mais tantas mulheres mais velhas circulando. E quanto a nós, qualquer doença real, qualquer indolência, fraqueza, uma perda de peso ou de apetite, uma queda de cabelo, uma deficiência das glândulas, seria terminal. Lembro-me de Cora, logo no início da primavera, cambaleando pela casa embora estivesse gripada, agarrando-se em umbrais de portas quando achava que ninguém estava olhando, tomando cuidado para não tossir. Um ligeiro resfriado, disse ela quando Serena perguntou.

A própria Serena de vez em quando tira uns dias de folga, fica enfiada na cama. Então é ela quem recebe as visitas, as Esposas com as saias farfalhando ao subir as escadas, alegres estalando a língua; ela ganha os bolos e as tortas, a geleia e os buquês de flores de seus jardins.

Elas se revezam. Há algum tipo de lista, invisível, não falada. Cada uma cuida para não exigir mais do que deve de sua parcela de atenção.

Nas noites em que Serena estará fora, tenho certeza de que serei chamada.

Da primeira vez, fiquei confusa. As necessidades dele eram obscuras para mim e o que eu conseguia perceber delas me parecia ridículo, risível, como um fetiche por sapatos de cadarço.

Além disso, tinha havido uma espécie de decepção. O que estivera eu esperando, por trás daquela porta fechada, da primeira vez? Alguma coisa indizível, ser posta de quatro talvez, perversões, chicotes, mutilações? No mínimo alguma pequena manipulação sexual, algum pecadilho do passado que agora lhe era negado, proibido por lei e punível com amputação. Em vez disso, ser convidada para jogar mexe-mexe, como se fôssemos um par de velhos casados há muitos anos, ou duas crianças, pareceu de uma extrema esquisitice, também uma violação à sua maneira. Como um pedido era obscuro.

De modo que quando deixava o quarto, ainda não estava claro para mim o que ele queria, ou por que, ou se eu poderia satisfazer algo daquilo para ele. Se vai haver uma negociação, os termos da troca devem ser estipulados antes. Isso era algo que ele certamente não havia feito. Pensei que pudesse estar brincando comigo, fazendo algum tipo de jogo tipo gato e rato, mas agora creio que seus motivos e desejos não eram evidentes nem para si mesmo. Eles ainda não haviam alcançado o nível das palavras.

A segunda noite começou da mesma maneira que a primeira. Fui até a porta, recebi a ordem de entrar. Então seguiram-se as mesmas duas partidas, com as peças lisas de cor bege. *Prolixo, quartzo, incerteza, sílfide, ritmo*, todos os velhos truques com consoantes que eu conseguia imaginar ou dos quais podia me lembrar. Minha língua me parecia grossa devido ao esforço de soletrar. Era como usar uma linguagem que eu uma vez conhecera, mas que havia quase esquecido, uma linguagem que tinha a ver com costumes passados que há muito tempo haviam deixado este mundo: *café au lait* numa mesa ao ar livre, com um brioche, absinto num copo longo, ou camarões numa cornucópia de jornal; coisas a respeito das quais um dia eu havia lido, mas que nunca tinha visto. Era como tentar andar sem muletas, como aquelas cenas em velhos filmes de TV. *Você consegue fazer isso. Tenho certeza de que consegue.* Era daquela maneira que minha mente avançava aos trancos e tropeçava em meio aos "r's" e "t's" afiados, deslizando sobre os ovoides das vogais como se fossem seixos.

O Comandante era paciente quando eu hesitava ou lhe perguntava como se soletrava corretamente. Nós podemos sempre consultar o dicionário, dizia ele. Ele dizia nós. Da primeira vez, me dei conta, ele havia deixado que eu ganhasse.

Naquela noite eu estava esperando que tudo fosse igual, inclusive o beijo de boa noite. Mas quando acabamos a segunda partida, ele se recostou em sua cadeira. Colocou os cotovelos nos braços da cadeira, as pontas dos dedos unidas, e olhou para mim.

Tenho um presentinho para você.

Ele sorriu um pouco. Então abriu a primeira gaveta da escrivaninha e tirou alguma coisa. Ele a segurou por um momento, de maneira bastante casual, entre o polegar e o indicador, como se decidindo se daria ou não para mim. Embora estivesse de cabeça para baixo de onde eu estava sentada, reconheci o que era. Houve uma época em que eram bastante comuns. Era uma revista, pela fotografia parecia ser uma revista feminina, uma modelo em papel lustroso, de cabelos soprados pelo vento, com uma echarpe no pescoço, a boca pintada de batom; os lançamentos da moda de outono. Pensei que todas as revistas desse tipo tivessem sido destruídas, mas ali estava uma, que havia sobrevivido, no gabinete particular de um Comandante, onde você menos esperaria encontrar uma coisa dessas. Ele olhou para a modelo, que estava de frente para ele; ainda estava sorrindo, aquele seu sorriso melancólico. Era um olhar que você daria a

um animal quase extinto, num zoológico.

Olhando fixamente para a revista, enquanto ele a levantava e balançava diante de mim como uma isca para peixe, eu a quis. Quis a revista com uma força que fez doerem as pontas de meus dedos. Ao mesmo tempo vi esse meu desejo intenso como algo trivial e absurdo, porque outrora havia menosprezado e considerado essas revistas muito levianamente. Eu as havia lido em consultórios de dentistas e às vezes em aviões; as havia comprado para levar para quartos de hotel, um artifício para preencher tempo vago enquanto estava esperando por Luke. Depois de folheá-las eu as jogava fora, pois eram infinitamente descartáveis, e um ou dois dias depois não seria capaz de me lembrar do que tinha nelas.

Mas eu me lembrava agora. O que havia nelas era promessa. Elas lidavam com transformações, sugeriam uma série infindável de possibilidades, estendendo-se como os reflexos em dois espelhos postos de frente um para o outro, prolongando-se ao infinito, réplica após réplica até o ponto de fuga. Sugeriam uma aventura após a outra, um guarda-roupa após o outro, uma aprimoração após a outra, um homem após o outro. Elas sugeriam rejuvenescimento, dor vencida e transcendida, amor eterno. A verdadeira promessa nelas era a imortalidade.

Isso era o que ele segurava, sem saber. Ele folheou rápido as páginas. Eu me senti inclinando para a frente.

É uma antiga, disse ele, de certo modo uma raridade. Dos anos 1970, creio. Uma *Vogue*. Disse como um grande conhecedor de vinhos citando um nome. Pensei que você poderia gostar de ver a revista.

Eu recuei. Ele poderia estar me testando, para ver a que profundidade chegara realmente a minha doutrinação. Isso não é permitido, disse.

Aqui dentro, é permitido, disse ele baixinho. Compreendi o raciocínio. Tendo violado o tabu principal, por que eu hesitaria diante de outro, algo banal? Ou mais outro e outro; quem saberia dizer onde poderia parar? Atrás daquela porta específica, os tabus se dissolviam.

Peguei a revista da mão dele e a virei na posição certa para mim. Lá estavam elas de novo, as imagens de minha infância, ousadas, caminhando a passos largos, confiantes, os braços abertos estendidos como se para se apossar do espaço, as pernas separadas, pés bem plantados na terra. Havia alguma coisa de

Renascença com relação à pose, mas foi sobre príncipes que pensei, não sobre donzelas com toucados e cabelos anelados. Aqueles olhos francos, sombreados com maquiagem, sim, mas como os olhos de gatos, fixos para lançar-se sobre a presa. Nenhum tremor, nenhuma fraqueza ou excesso de apego ali, não naqueles mantos e *tweeds* de lã grossa, áspera, naquelas botas que chegavam aos joelhos ásperos. Piratas, aquelas mulheres, com suas maletas refinadas para o butim e seus dentes cavalares e vorazes.

Senti o Comandante me observar enquanto virava as páginas. Eu sabia que estava fazendo algo que não deveria estar fazendo, e que ele encontrava prazer em me ver fazer. Eu deveria ter me sentido má; de acordo com a consciência e saber de Tia Lydia, eu era má. Mas não me senti má. Em vez disso me senti como um velho cartão-postal de beira-mar eduardiano: ligeiramente indecente, *sórdida*. O que ele iria me dar a seguir? Uma cinta?

Por que você tem isso?, perguntei.

Alguns de nós, disse ele, conservam um apreço pelas coisas antigas.

Mas todas as revistas deveriam ter sido queimadas, eu disse. Houve buscas de casa em casa, fogueiras...

O que é perigoso nas mãos das multidões, disse ele, com o que pode ter sido ou não ironia, é bastante seguro para aqueles cujos motivos são...

Irrepreensíveis, concluí.

Ele assentiu, gravemente. Impossível saber se estava falando sério ou não.

Mas por que mostrá-la para mim?, perguntei, e então me senti idiota. O que poderia ele dizer? Que estava se divertindo às minhas custas? Pois certamente devia saber quanto aquilo era doloroso para mim, ser lembrada de antes.

Não estava preparada para o que ele de fato disse. Para quem mais poderia eu mostrar?, disse, e lá estava de novo, aquela tristeza.

Será que devo prosseguir?, pensei. Não queria pressioná-lo demais, depressa demais. Eu sabia que era dispensável. Apesar disso disse bem baixinho: Que tal sua Esposa?

Ele pareceu pensar a respeito daquilo. Não, respondeu. Ela não compreenderia. De todo modo, ela não quer mais muita conversa comigo. Parecemos não ter mais muito em comum, ultimamente.

De modo que lá estava, dito com todas as palavras: a esposa dele não o compreendia.

Era para isso que eu estava ali, então. A mesma velha história. Era banal demais para ser verdade.

Na terceira noite pedi a ele uma loção para as mãos. Eu não queria soar suplicante, mas queria o que pudesse obter.

Uma o quê? disse ele, cortês como sempre. Estava do outro lado da escrivaninha diante de mim. Não tocava muito em mim, exceto por aquele único e obrigatório beijo. Nada de apalpadelas, de respiração ofegante, nada disso, teria sido inadequado, de alguma forma, para ele, bem como para mim.

Loção para as mãos, eu disse. Ou loção para o rosto. Nossa pele fica muito seca. Por algum motivo eu disse nossa em vez de minha. Também gostaria de ter pedido um pouco de óleo de banho, naqueles pequeninos glóbulos coloridos que se costumava poder ter, que eram tão parecidos com mágica quando existiam no grande pote de vidro redondo, em casa, no banheiro de minha mãe. Mas imaginei que ele não saberia o que eram. De qualquer maneira, provavelmente não eram mais fabricados.

Seca?, disse o Comandante, como se nunca tivesse pensado naquilo antes. O que vocês fazem contra isso?

Usamos manteiga, respondi. Quando conseguimos arranjar. Ou margarina. A maior parte do tempo é margarina.

Manteiga, disse ele, meditando. Isso é muito criativo. Manteiga. Deu uma gargalhada.

Tive vontade de lhe dar um tapa.

Acho que posso conseguir um pouco disso, disse, como se fazendo a vontade de uma criança pedindo chiclete de bola. Mas ela poderia sentir o cheiro em você.

Fiquei a me perguntar se esse temor dele vinha de experiências passadas. Há muito passadas: batom no colarinho, perfume nos punhos, uma cena, tarde da noite, em alguma cozinha ou quarto. Um homem desprovido de tal experiência não pensaria nisso. A menos que ele seja mais matreiro do que parece.

Eu serei cuidadosa, disse. Além disso, ela nunca está assim tão perto de mim.

Às vezes está, disse ele.

Baixei a cabeça. Eu havia me esquecido daquilo. Podia sentir meu rosto enrubescendo. Não usarei nessas noites, disse.

Na quarta noite ele me deu a loção para as mãos, numa garrafa plástica sem rótulo. Não era de muito boa qualidade; cheirava levemente a óleo vegetal. Nada de Lírio dos Vales para mim. Era possível que fosse algo que fabricassem para ser usado em hospitais, para escaras. Mas de qualquer maneira eu lhe agradeci.

O problema é, disse-lhe, não tenho nenhum lugar onde guardá-lo.

Em seu quarto, disse ele, como se fosse óbvio.

Elas o encontrariam, disse. Alguém encontraria.

Por quê?, perguntou, como se de fato não soubesse. Talvez não soubesse mesmo. Não era a primeira vez que dava prova de ser realmente ignorante quanto às verdadeiras condições em que vivíamos.

Elas procuram, respondi. Revistam tudo em nossos quartos.

Em busca de quê?, perguntou.

Creio que perdi o controle então, um pouquinho. Lâminas de barbear, disse. Livros, escritos, objetos do mercado clandestino. Todas as coisas que não devemos ter. Deus do céu, o senhor deveria saber. Minha voz soava mais irritada do que eu pretendia, mas ele nem sequer pestanejou.

Então você vai ter que guardar aqui, disse.

E foi o que fiz.

Ele me observou passando-a em minhas mãos e depois no rosto com aquele mesmo olhar de estar vendo algo através de grades. Eu queria lhe dar as costas – era como se ele estivesse no banheiro comigo –, mas não ousei.

Para ele, tenho que me lembrar, sou apenas um capricho.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando a noite da Cerimônia chegou de novo, duas ou três semanas depois, descobri que as coisas estavam mudadas. Havia um constrangimento agora que não existira antes. Antes, eu tratava aquilo como uma tarefa, uma tarefa desagradável para ser realizada o mais depressa possível de modo que pudesse estar logo terminada. Seja forte, dura como aço, minha mãe costumava dizer, antes de exames aos quais eu não queria me submeter ou de nadar em água fria. Nunca pensei muito na época o que aquela frase significava, mas tinha algo a ver com metal, com armadura, e isso era o que eu fazia, ficava dura como aço. Fingia não estar presente, não em carne e osso.

Esse estado de ausência, de existir separada do corpo, tinha sido verdade para o Comandante também, agora eu sabia. Provavelmente pensava a respeito de outras coisas o tempo todo em que estava comigo; conosco, pois é claro Serena Joy estava lá naquelas noites também. Ele poderia ficar pensando sobre o que fazia durante o dia, sobre jogar golfe ou sobre o que comera no jantar. O ato sexual, embora o desempenhasse de uma maneira mecânica, devia ser em grande medida inconsciente, para ele, como se coçar.

Mas naquela noite, a primeira desde o começo dessa nova combinação entre nós, fosse lá o que fosse – eu não tinha nome para ela –, senti vergonha dele, para começar, pois ele estava verdadeiramente olhando para mim, e não gostei disso. As luzes estavam acesas, como de hábito, uma vez que Serena Joy sempre evitava qualquer coisa que pudesse criar uma aura de romance ou erotismo, por mais ligeira que fosse: as luzes do teto, fortes, a despeito do dossel. Era como estar numa mesa de operação, sob o clarão intenso de luzes; como estar no palco. Tive consciência de que minhas pernas estavam cabeludas, da maneira esparsa de pernas que foram raspadas antes, mas cujos pelos cresceram de novo; tive consciência de que minhas axilas também estavam, embora, é claro, ele não pudesse vê-las. Eu me senti grosseira, canhestra. Esse ato de copulação, fertilização, talvez, que deveria ter sido nada mais para mim do que uma abelha é

para uma flor, havia se tornado indecoroso para mim, uma embaraçosa violação da decência, algo que não havia sido antes.

Ele não era mais uma coisa para mim. Esse era o problema. Eu me dei conta disso naquela noite e essa percepção ficou comigo. A coisa se complica.

Serena Joy tinha mudado para mim, também. Houve uma época em que eu apenas a odiava, pelo papel que desempenhava no que estava sendo feito comigo; e porque ela também me odiava e se ressentia de minha presença, e porque seria ela quem criaria meu filho, se eu afinal fosse capaz de ter um. Mas agora, embora ainda a odiasse, não mais do que antes, quando estava agarrando minhas mãos com tanta força que seus anéis se enterravam em minha carne, e ao mesmo tempo também puxando minhas mãos para trás, algo que deve ter feito de propósito para me deixar tão desconfortável quanto pudesse, o ódio não era mais puro e simples. Em parte eu tinha inveja, ciúmes dela; mas como poderia eu sentir inveja e ciúmes de uma mulher tão obviamente acabada, murcha e infeliz? Você só pode invejar e ter ciúmes de alguém que tem alguma coisa que acha que você mesma deveria ter. Mesmo assim a invejava.

Mas também me sentia culpada com relação a ela. Sentia que era uma intrusa, em um território que deveria ter sido seu. Agora que eu estava vendo o Comandante às escondidas, ainda que apenas para jogar seus jogos e ouvi-lo falar, nossas funções não eram mais tão separadas quanto deveriam ter sido em teoria. Estava tomando-lhe alguma coisa, ainda que ela não soubesse disso. Eu estava surrupiando. Pouco importa que fosse algo que ela aparentemente não queria ou para que não tivesse utilidade, que até tivesse rejeitado; ainda assim era dela, e se eu a tomasse, essa "coisa" que não conseguia definir exatamente – pois o Comandante não estava apaixonado por mim, eu me recusava a acreditar que ele sentisse por mim alguma coisa tão extrema quanto isso –, o que restaria para ela?

Por que deveria me importar?, disse a mim mesma. Ela não é nada para mim, não gosta de mim, me poria para fora da casa em um minuto ou coisa pior, se pudesse inventar uma desculpa qualquer, qualquer desculpa. Se descobrisse, por exemplo. Ele não teria possibilidade de intervir, de me salvar; as transgressões de mulheres pertencentes a casa, quer sejam Marthas ou Aias, são consideradas como sendo de jurisdição exclusiva das Esposas. Serena Joy era uma mulher mal-intencionada e vingativa, eu sabia disso. Mesmo assim não conseguia me livrar

daquilo, daquele pequeno remorso com relação a ela.

Além disso: eu agora tinha poder sobre ela, inferior, mas poder, embora ela não soubesse. E gostava disso. Por que fingir? Eu gostava muito disso.

Mas o Comandante podia me entregar tão facilmente, por um olhar, por um gesto, algum minúsculo deslize que revelaria a qualquer pessoa observando que agora havia alguma coisa entre nós. Ele quase o fez na noite da Cerimônia. Estendeu a mão para cima como se para tocar meu rosto; afastei a cabeça para o lado, para adverti-lo, na esperança de que Serena Joy não tivesse reparado, e ele retirou a mão, se retirou para dentro de si mesmo e de sua jornada obstinada.

Não faça aquilo de novo, disse-lhe na vez seguinte em que estávamos a sós.

Fazer o quê?, disse ele.

Tentar me tocar daquela maneira, quando estamos... quando ela está presente.

Eu tentei?, disse ele.

Poderia fazer com que eu fosse transferida, disse. Para as Colônias. Sabe disso. Ou pior. Eu achava que ele deveria continuar a agir, em público, como se eu fosse um grande vaso ou uma janela: parte do cenário, inanimada, transparente.

Perdoe-me, disse ele. Não tive a intenção. Mas acho...

O quê?, perguntei, quando ele não prosseguiu.

Impessoal, disse ele.

Quanto tempo levou para descobrir isso?, perguntei. É possível ver pela maneira como eu estava falando com ele que já estávamos em termos diferentes.

Para as gerações que vierem depois, dizia Tia Lydia, será tão melhor. As mulheres viverão juntas em harmonia, todas numa única família; vocês serão como filhas para elas, e quando o nível da população voltar a subir de acordo com as expectativas, não precisaremos transferir vocês de uma casa para outra porque haverá mulheres suficientes. Poderão existir verdadeiros laços de afeto, dizia ela, piscando para nós de maneira insinuante, sob condições como essas. Mulheres unidas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando sua tarefa determinada. Por que esperar que uma mulher desempenhe todas as funções necessárias à administração serena de um lar? Não é razoável nem humano. Suas filhas terão maior liberdade. Estamos trabalhando

para atingir a meta de um pequeno jardim para cada uma, cada uma de vocês – as mãos unidas com os dedos cruzados de novo, a voz suspirante –, e essa é apenas uma, *por exemplo*. O dedo levantado, balançando para nós. Mas não podemos ser porcos esganados e exigir demais antes que esteja pronto, não é mesmo?

O fato é que sou a amante dele. Homens no poder sempre tiveram amantes, por que as coisas haveriam de ser diferentes agora? As combinações e arranjos não são exatamente os mesmos, é verdade. A amante costumava ser mantida em uma pequena casa ou apartamento dela, e agora eles misturaram as coisas. Mas, por baixo da superfície, é a mesma coisa. Mais ou menos. A *mulher de fora*, elas costumavam ser chamadas, em alguns países. Eu sou a mulher de fora. É minha função oferecer o que de outro modo falta. Mesmo o mexe-mexe. É uma posição absurda bem como infame.

Por vezes acho que ela sabe. Por vezes acho que eles estão em conluio. Por vezes acho que ela o encorajou a fazê-lo, e que está rindo de mim; como eu rio, de vez em quando e com ironia, de mim mesma. Ela que faça o sacrifício, pode dizer para si mesma. Talvez tenha se afastado dele, quase que completamente; talvez essa seja a sua versão de liberdade.

Mas ainda assim, e de maneira bastante estúpida, estou mais feliz do que estava antes. É alguma coisa para fazer, para começar. Alguma coisa para encher o tempo, à noite, em vez de ficar sozinha em meu quarto. É alguma outra coisa em que pensar. Eu não amo o Comandante nem nada de parecido com isso, mas ele é interessante para mim, ocupa espaço, é mais do que uma sombra.

E eu para ele. Para ele não sou mais apenas um corpo usável. Para ele não sou apenas um barco sem carga, um cálice sem nenhum vinho dentro, uma barriga – para ser grosseira – que não está de barriga. Para ele eu não sou meramente vazia.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Caminho com Ofglen pela rua de verão. Está quente, úmido; outrora, este teria sido tempo de usar vestido solto de alças e sandálias. Em cada uma de nossas cestas há morangos – é a estação dos morangos agora, então vamos comê-los e comê-los até enjoarmos deles – e peixes embrulhados. Compramos os peixes na Pães e Peixes, com sua placa de madeira, um peixe com um sorriso e cílios. Embora não venda pães. A maioria das casas faz seu próprio pão, embora você possa comprar pães franceses duros e secos e rosquinhas murchas ressecadas na Pão Nosso de Cada Dia, se acontecer de lhe faltar. A Pães e Peixes raramente está aberta. Por que se dar ao trabalho de abrir quando não há nada para vender? Os lugares de pesca no mar tornaram-se extintos há vários anos; os poucos peixes que temos agora vêm de fazendas marinhas onde são criados em cativeiro, e têm gosto de lama. Os noticiários dizem que as áreas costeiras estão sendo deixadas "em repouso". Linguado, eu me lembro, e hadoque, peixe-espada, vieiras, atum; lagostas recheadas e assadas, salmão, a carne rosada e gorda grelhada em filés. Poderiam estar extintos, como as baleias? Ouvi esse boato, que me foi passado em palavras mudas, os lábios mal se movendo, enquanto estávamos na fila do lado de fora, esperando que a loja abrisse, atraídas pelo retrato de suculentos filés de carne branca na vitrine. Eles põem o retrato na vitrine quando têm alguma coisa, tiram quando não têm. Linguagem de sinais.

Ofglen e eu andamos devagar hoje; estamos com calor em nossos vestidos compridos, molhadas de suor debaixo dos braços, cansadas. Pelo menos nesse calor não temos que usar luvas. Tinha uma sorveteria, em algum lugar neste quarteirão. Não consigo me lembrar do nome. As coisas podem mudar tão depressa, prédios podem ser demolidos ou transformados em alguma outra coisa, é difícil mantê-las claras em sua mente da maneira como costumavam ser. Você podia pedir duas bolas e se quisesse eles colocavam raspas de chocolate salpicadas em cima. Estes tinham o nome de um homem. Johnnies? Jackies? Não consigo me lembrar.

Costumávamos ir lá, quando ela era pequena, e eu a levantava no colo para que pudesse ver através da lateral de vidro do balcão, onde os baldes de sorvete ficavam à mostra, tão delicadamente coloridos, laranja-claro, verde-claro, rosa-claro, e eu lia os nomes para ela de maneira que pudesse escolher. Mas ela não escolhia pelo nome, e sim pela cor. Seus vestidos e macacões eram daquelas cores também. Tons pastéis de sorvete.

Jimmies, era esse o nome.

Ofglen e eu agora estamos mais à vontade uma com a outra, nos acostumamos uma com a outra. Gêmeas siamesas. Não nos incomodamos mais com as formalidades quando nos cumprimentamos; sorrimos e seguimos em frente, lado a lado, cobrindo serenamente nosso percurso diário. De vez em quando variamos a rota; não há nada contra isso, desde que nos mantenhamos dentro dos limites das barreiras. Um rato num labirinto está livre para ir a qualquer lugar, desde que permaneça dentro do labirinto.

Já fomos às lojas e à igreja; agora estamos no Muro. Nada nele hoje, eles não deixam os corpos pendurados tanto tempo no verão como fazem no inverno, por causa das moscas e do cheiro. Antigamente esta era a terra de sprays para aromatizar ambientes, Pinho e Floral, e as pessoas conservam o gosto; especialmente os Comandantes, que pregam pureza em todas as coisas.

– Você conseguiu tudo em sua lista? – diz Ofglen para mim agora, embora saiba que sim. Nossas listas nunca são longas. Ela abriu mão de parte de sua passividade ultimamente, de parte de sua melancolia. Com frequência toma a iniciativa de falar comigo primeiro.

– Sim – digo.

– Vamos dar a volta – diz ela. Ela quer dizer descer, em direção ao rio. Não seguimos por ali já faz algum tempo.

– Ótimo – digo. Mas não me viro imediatamente, fico parada onde estou, dando um último olhar para o Muro. Lá estão os tijolos vermelhos, os holofotes, lá estão o arame farpado, os ganchos. De alguma maneira o Muro é ainda mais medonho, mais ameaçador, quando está vazio dessa forma. Quando tem alguém pendurado nele você já sabe do pior, pelo menos. Mas ele vazio é também potencialidade, como uma tempestade que se avizinha. Quando posso ver os corpos, os corpos de verdade, quando posso avaliar pelos tamanhos e formas que

nenhum deles é Luke, posso acreditar também que ainda esteja vivo.

Não sei por que espero que apareça nesse muro. Existem centenas de outros lugares onde poderiam tê-lo matado. Mas não consigo me livrar da ideia de que ele está lá dentro, neste momento, atrás dos vagos tijolos vermelhos.

Tento imaginar em que prédio ele está. Ainda consigo me lembrar de onde ficam os prédios dentro do Muro; costumávamos poder andar por lá com toda a liberdade, quando era uma universidade. Ainda entramos lá de vez em quando para Salvamentos de Mulheres. A maioria dos prédios era de tijolos vermelhos também; alguns têm vãos de portas arqueados, um estilo românico, do século XIX. Não temos mais permissão para entrar nos prédios; mas quem ia querer entrar? Esses prédios pertencem aos Olhos.

Talvez ele esteja na Biblioteca. Em algum lugar nas passagens abobadadas. As estantes.

A Biblioteca é como um templo. Há um longo lance de escadaria branca, conduzindo às fileiras de portas. E então, dentro, outra escadaria branca subindo. Em ambos os lados da escadaria, na parede, há anjos. Também há homens combatendo ou prontos para o combate, parecendo limpos e nobres, não sujos e ensanguentados e fedorentos como devem ter estado. A Vitória fica em um dos lados do vão da porta interna, conduzindo-os, e a Morte fica do outro. É um mural em homenagem a uma guerra qualquer. Os homens do lado da morte ainda estão vivos. Eles estão indo para o Céu. A Morte é uma bela mulher, com asas e um seio quase nu; ou será que essa é a Vitória? Não consigo me lembrar.

Eles não terão destruído isso.

Damos as costas para o Muro e seguimos para a esquerda. Aqui há várias fachadas de lojas vazias, as vidraças das vitrines rabiscadas com sabão. Tento me lembrar do que era vendido nelas, outrora. Cosméticos? Joias? A maioria das lojas vendendo artigos para homens ainda continua aberta; são apenas as que vendiam o que eles chamam de futilidades que foram fechadas.

Na esquina fica a loja conhecida como Escritos da Alma. É uma franquia: existem Escritos da Alma em cada área de comércio da cidade, em cada subúrbio, ou pelo menos é o que dizem. Deve dar muito lucro.

A vitrine da Escritos da Alma é de vidro inquebrável. Atrás dele estão máquinas impressoras, fileiras após fileiras delas; estas máquinas são conhecidas

como Holy Rollers, as Enroladoras Sagradas, mas só entre nós, é um apelido desrespeitoso. O que as máquinas imprimem são orações, rolo após rolo, preces saindo incessantemente. Elas são encomendadas por Compufone, já ouvi a Esposa do Comandante fazer isso. Encomendar orações da Escritos da Alma é considerado como sendo um sinal de devoção religiosa e de lealdade ao regime, de maneira que é claro que as Esposas dos Comandantes fazem muito isso. Ajuda a carreira de seus maridos.

Existem cinco orações diferentes: para a saúde, para a riqueza, para uma morte, para um nascimento, para um pecado. Você escolhe a que quer, digita o número, depois digita o seu próprio número para que seja debitada em sua conta, e digita o número de vezes que quer que a oração seja repetida.

As máquinas falam enquanto imprimem as orações; se lhe agradar você pode entrar e ouvi-las, as vozes metálicas sem cor repetindo a mesma coisa vez após vez. Depois que as orações são impressas e faladas, o papel se enrola de volta através de outra ranhura e é reciclado, processado para ser reutilizado como papel em branco mais uma vez. Não há gente dentro do prédio: as máquinas funcionam sozinhas. Não se podem ouvir as vozes do lado de fora; só um murmúrio, um zumbido, como uma multidão devota de joelhos. Cada máquina tem um olho pintado em ouro do lado, flanqueado por duas pequenas asas douradas.

Tento lembrar o que este lugar vendia quando era uma loja, antes de ser transformado em Escritos da Alma. Creio que era lingerie. Caixas rosa e prateadas, meias-calças coloridas, sutiãs com rendas, echarpes de seda? Alguma coisa perdida.

Ofglen e eu paramos do lado de fora da Escritos da Alma, olhando através das vitrines de vidros inquebráveis, observando as orações jorrando das máquinas e desaparecendo de novo através da fenda, de volta para o reino do não dito. Agora mudo meu olhar de posição. O que vejo não são as máquinas, e sim Ofglen, refletida na vidraça da vitrine. Ela está olhando direto para mim.

Podemos ver bem nos olhos uma da outra. Essa é a primeira vez que vi os olhos de Ofglen, de frente, firmemente, não de esguelha. O rosto dela é oval, rosado, gorducho mas não gordo, seus olhos são arredondados.

Ela enfrenta o meu olhar no vidro, francamente, sem vacilar. Agora é difícil desviar o olhar. Há um choque nessa visão, é como ver uma pessoa nua, pela

primeira vez. Subitamente, há risco no ar entre nós, onde antes não havia nenhum. Mesmo esse encontro de olhos contém perigo. Embora não haja ninguém perto.

Finalmente Ofglen fala.

– Você acha que Deus escuta – diz ela – estas máquinas? – Ela está sussurrando: nosso costume no Centro.

No passado esse teria sido um comentário bastante trivial, uma espécie de especulação acadêmica. Agora, neste momento, é traição.

Eu poderia gritar. Eu poderia sair correndo, fugir. Poderia dar-lhe as costas, silenciosamente, para mostrar-lhe que não vou tolerar esse tipo de conversa em minha presença. Subversão, sedição, blasfêmia, heresia, tudo ao mesmo tempo.

Eu me faço forte, dura como aço.

– Não – digo.

Ela deixa escapar a respiração, em um longo suspiro de alívio. Atravessamos juntas a linha invisível.

– Eu também não – diz ela.

– Embora imagine que seja fé, de uma forma inferior – digo. – Como as rodas de preces tibetanas.

– O que são elas? – pergunta.

– Eu apenas li a respeito delas – digo. – Giravam movidas pelo vento. Não existem mais agora.

– Como tudo – diz ela. Só agora paramos de olhar uma para a outra.

– É seguro aqui? – sussurro.

– Imagino que seja o lugar mais seguro – diz ela. – Parecemos estar rezando, só isso.

– E quanto a eles?

– Eles? – diz ela, ainda sussurrando. – Você está sempre mais segura na rua ao ar livre, não há microfones, e por que poriam um aqui? Eles acham que ninguém ousaria. Mas já ficamos tempo suficiente. Não faz sentido nos atrasarmos para voltar. – Viramos e nos afastamos juntas. – Mantenha a cabeça abaixada enquanto andamos – diz ela –, e incline-se apenas um pouquinho em direção a mim. Assim posso ouvir você melhor. Não fale quando houver alguém vindo.

Nós andamos, de cabeça baixa como de hábito. Estou tão entusiasmada que mal consigo respirar, mas mantenho um passo regular. Agora mais do que nunca

tenho que evitar atrair atenção para mim mesma.

– Pensei que você fosse uma verdadeira crente – diz Ofglen.

– E eu pensei que você fosse – digo.

– Você era sempre tão insuportavelmente devota.

– Você também – respondo. Tenho vontade de rir, gritar, abraçá-la.

– Você pode se juntar a nós – diz ela.

– Nós? – digo. Então existem outras, existe um nós. Eu sabia.

– Você não imaginou que eu fosse a única – diz ela.

Eu não imaginei isso. Ocorre-me que ela pode ser uma espiã, uma embusteira, preparando uma armadilha para me apanhar; tal é o solo em que crescemos. Mas não consigo acreditar nisso; a esperança está aflorando em mim, como seiva numa árvore. Sangue numa ferida. Nós fizemos uma abertura.

Quero perguntar a ela se viu Moira, se alguém pode descobrir o que aconteceu com Luke, com minha filha, até mesmo minha mãe, mas não há muito tempo; estamos nos aproximando cedo demais da esquina da rua principal, a que fica antes da primeira barreira. Haverá gente demais.

– Não diga uma palavra – me adverte Ofglen, embora não precise. – De maneira nenhuma.

– É claro que não – digo. A quem eu poderia contar?

Caminhamos pela rua principal em silêncio, passando pelos Lírios, passando pelo Toda a Carne. Há mais gente nas calçadas nesta tarde do que de costume: o tempo quente deve tê-los feito sair. Mulheres, de verde, azul, vermelho, listras; homens também, alguns de uniforme, alguns em trajes civis. O sol é de graça, ainda está lá para ser apreciado. Embora ninguém tome mais banho de sol, não em público.

Há mais carros também. Tormentas com seus choferes e seus ocupantes privilegiados, carros inferiores dirigidos por homens inferiores.

Alguma coisa está acontecendo: há uma comoção, um alvoroço em meio aos cardumes de carros. Alguns estão virando para o lado e encostando junto ao meio-fio, como se para sair do caminho. Levanto o olhar rapidamente: é uma camionete preta, com o olho alado branco do lado. Não está com a sirene ligada, mas os outros carros a evitam de todo modo. Ela passa lentamente pela rua,

como se à procura de alguma coisa: um tubarão à espreita.

Congelo, o frio percorre meu corpo inteiro, descendo até os pés. Devia haver microfones afinal, eles nos ouviram no final das contas.

Ofglen, sob a cobertura de sua manga, agarra meu cotovelo.

– Continue andando – sussurra. – Finja que não vê.

Mas não posso deixar de ver. Bem na nossa frente a camionete para. Dois Olhos, de ternos cinza, saltam pelas portas duplas que se abrem na traseira. Agarram um homem que vem andando paralelamente, um homem com uma maleta, um homem de aparência comum, atiram-no com violência de costas contra a lateral preta da camionete. Ele fica ali por um momento, de braços e pernas abertos, estendido contra o metal como se estivesse colado nele; então um dos Olhos avança para cima dele, faz alguma coisa violenta e brutal que o faz se dobrar sobre si numa trouxa frouxa de pano. Eles o levantam do chão e o atiram para dentro da traseira da camionete como se fosse uma saca de correspondência. Então entram também e as portas são fechadas e a camionete segue adiante.

Acabou-se, em segundos, e o tráfego na rua recomeça como se nada tivesse acontecido.

O que sinto é alívio. Não fui eu.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Não tenho vontade de tirar um cochilo esta tarde, ainda há muita adrenalina. Sento-me no assento da janela, olhando para fora através da semitransparência das cortinas. Camisola branca. A cortina está aberta até onde vai, há uma brisa, quente à luz do sol, e o tecido branco esvoaça enfunado contra o meu rosto. Vista de fora devo parecer um casulo, uma assombração, com o rosto encoberto assim, apenas os contornos visíveis, de nariz, boca enfaixada, olhos cegos. Mas gosto da sensação, o tecido macio roçando em minha pele. É como estar em uma nuvem.

Eles me deram um pequeno ventilador elétrico, que ajuda nessa umidade. Ele gira no chão, no canto, suas pás encerradas numa estrutura gradeada. Se eu fosse Moira, saberia como desmontá-lo, reduzi-lo às partes cortantes. Não tenho nenhuma chave de parafuso, mas se fosse Moira seria capaz de fazê-lo sem uma chave de parafuso. Eu não sou Moira.

O que me diria ela, sobre o Comandante, se estivesse aqui? Provavelmente desaprovaria. Ela desaprovava Luke, em tempos passados. Não Luke, mas o fato de que ele era casado. Dizia que eu estava invadindo, para roubar a caça, a propriedade de outra mulher. Eu dizia que Luke não era um peixe nem um pedaço de terra, tampouco, que era um ser humano e podia tomar suas próprias decisões. Ela dizia que eu estava racionalizando. Eu dizia que estava apaixonada. Ela dizia que isso não era desculpa. Moira sempre foi mais lógica do que sou.

Eu disse que ela própria não tinha mais aquele problema, desde que decidira que preferia mulheres e, até onde eu podia ver, não tinha quaisquer escrúpulos quanto a roubá-las ou pegá-las emprestado quando tinha vontade. Ela disse que isso era diferente, porque o equilíbrio de poderes era igual entre mulheres, de modo que sexo era uma transação elas por elas. Eu disse que "elas por elas" era uma expressão machista, se era assim que ela ia ser, e de qualquer maneira aquele argumento estava ultrapassado. Ela disse que eu banalizava a questão e que se pensava que estava ultrapassada, estava vivendo com a cabeça enfiada na areia.

Dissemos tudo isso na minha cozinha, tomando café, sentadas à minha mesa de cozinha, naquelas vozes baixas e intensas que usávamos para discussões daquele tipo quando tínhamos vinte e poucos anos; uma regressão a nossos tempos de faculdade. A cozinha ficava num apartamento em estado precário numa casa antiga revestida de tábuas de madeira perto do rio, do tipo com três andares e com uma escada externa nos fundos. Eu morava no segundo andar, o que significava que ouvia o barulho de cima e o de baixo, dois toca-discos indesejados vibrando alto, até tarde da noite. Estudantes, eu sabia. Ainda estava no meu primeiro emprego, que não pagava muito: operava um computador numa companhia de seguros. De modo que os hotéis com Luke não significavam apenas amor ou mesmo apenas sexo para mim. Também significavam um tempo longe das baratas, da torneira da pia pingando, do linóleo que estava se descascando em retalhos no chão, até mesmo de minhas tentativas de alegrar o ambiente colando pôsteres na parede e pendurando prismas nas janelas. Eu também tinha plantas; embora elas sempre tivessem pulgões ou secassem por não terem sido regadas. Saía com Luke e me esquecia de cuidar delas.

Eu disse que havia mais de uma maneira de viver com a cabeça enfiada na areia e que se Moira acreditava que podia criar a Utopia confinando-se em um enclave só para mulheres, estava tristemente enganada. Os homens não iriam simplesmente desaparecer, disse. Não era possível apenas ignorá-los.

Isso é como dizer que você deve sair e contrair sífilis apenas porque ela existe, disse Moira.

Você está chamando Luke de doença venérea?

Ela deu uma gargalhada. Escute só a gente, disse. Merda. Estamos parecendo sua mãe falando.

Nós duas rimos então, e quando ela foi embora nos abraçamos como de hábito. Houve uma época em que não nos abraçávamos, depois que ela me contou que era gay; mas então ela me disse que eu não a atraía, me tranquilizando, e havíamos retomado o hábito. Podíamos brigar e discutir feio e trocar palavrões, mas isso não mudava nada lá no fundo. Ela ainda era minha mais velha amiga.

É.

Consegui um apartamento melhor depois disso, onde morei durante os dois anos

que Luke demorou para ficar livre. Eu mesma o pagava, com o salário de meu novo emprego. Era numa biblioteca, não aquela grande com a Morte e a Vitória, uma menor.

Eu trabalhava transferindo livros para disquetes de computador, para reduzir o espaço de armazenagem e os custos de substituição, diziam. Disqueiros, era como nos chamávamos. Chamávamos a biblioteca de discoteca, o que era uma piada entre nós. Depois que os livros eram transferidos, eles deveriam ir para a máquina de picar papel, mas algumas vezes os levava para casa comigo. Gostava de tocar neles e de olhar para eles. Luke dizia que eu tinha a mente de um antiquário. Gostava disso, ele próprio gostava de coisas velhas.

É estranho, agora, pensar em ter um trabalho. Trabalho. É uma palavra engraçada. Isso é trabalho para homem. Já fez o trabalho, diziam para crianças quando estavam sendo ensinadas a usar o banheiro. Ou cachorros: ele fez o trabalho no tapete. Você devia bater neles com um jornal enrolado, minha mãe dizia. Lembro-me de quando havia jornais, embora nunca tenha tido um cachorro, só gatos.

O Livro de Job, a Bíblia, o livro do trabalho de Deus.

Todas aquelas mulheres tendo emprego fazendo seu trabalho: difícil de imaginar, agora, mas milhares delas tinham empregos, milhões. Era considerado uma coisa normal. Agora é como lembrar de dinheiro em papel-moeda, quando eles ainda tinham isso. Minha mãe guardou algumas notas, coladas em seu livro de lembranças, junto com as fotos antigas. Naquele tempo já era obsoleto, não se podia comprar nada com ele. Pedaços de papel, um tanto espesso, gorduroso ao toque, de cor verde, com ilustrações dos dois lados, de um velho qualquer de peruca e do outro lado uma pirâmide com um olho acima dela. Dizia: *Em Deus Confiamos*. Minha mãe dizia que as pessoas costumavam ter cartazes ao lado das caixas registradoras, para uma piada: *Em Deus Confiamos, Para Todos Os Outros Pagamento em Dinheiro*. Isso seria uma blasfêmia agora.

Você tinha que levar consigo aqueles pedaços de papel quando ia fazer compras, embora quando completei nove anos a maioria das pessoas usassem cartões de plástico. Mas não para compras de mercearia, isso veio depois. Parece tão primitivo, totêmico até, como conchas de cauri. Devo ter usado aquele tipo de dinheiro eu mesma, um pouco antes que tudo entrasse no Compubanco.

Imagino que tenha sido assim que puderam fazer, da maneira como fizeram,

tudo ao mesmo tempo de uma só tacada, sem que ninguém soubesse com antecedência. Se ainda tivesse sido dinheiro vivo, que se pudesse ter em mãos, teria sido mais difícil.

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos.

Mantenham a calma, diziam na televisão. Tudo está sob controle.

Fiquei atordoada. Todo mundo ficou, sei disso. Era difícil de acreditar. O governo inteiro massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu?

Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar.

Cuidado, disse Moira para mim, ao telefone. Está vindo por aí.

O que está vindo por aí?, perguntei.

Espere só, disse ela. Eles têm se preparado para isso. Seremos você e eu contra a parede, querida. Ela estava citando uma expressão típica de minha mãe, mas não tinha a intenção de que fosse engraçado.

As coisas continuaram naquele estado de animação suspensa durante semanas, embora algumas de fato tenham acontecido. Os jornais foram censurados e alguns foram fechados, por motivos de segurança, disseram. As barreiras nas estradas começaram a aparecer, e Identipasses. Todo mundo aprovava isso, já que era óbvio que não se podia ser cuidadoso demais. Eles diziam que novas eleições seriam realizadas, mas que levaria algum tempo para prepará-las. A coisa certa a fazer, diziam, era continuar como de costume.

Contudo, os Mercados Pornô foram fechados e não havia mais vans da Prazer Sobre Rodas e Garotas Motorizadas circulando na praça. Mas não me senti triste por vê-las sumir. Todos nós sabíamos o quanto haviam incomodado.

Já estava mais do que na hora de alguém fazer alguma coisa, disse a mulher atrás do balcão, na loja onde eu costumava comprar meus cigarros. Ficava numa esquina, fazia parte de uma rede de bancas de jornal: vendia jornais, balas e cigarros. A mulher era mais velha, de cabelos grisalhos; da geração de minha

mãe.

Eles simplesmente fecharam, ou o quê?, perguntei.

Ela deu de ombros. Quem sabe, quem se importa, disse. Talvez simplesmente tenham se mudado para algum outro lugar. Tentar se livrar disso completamente é como tentar matar camundongos com o pé, sabe? Ela digitou meu Compunúmero na caixa registradora, quase sem olhá-lo: eu era uma cliente habitual, àquela altura. As pessoas estavam reclamando, disse.

Na manhã seguinte, a caminho da biblioteca para o dia de trabalho, parei na mesma loja para comprar mais um maço. Porque tinha ficado sem cigarros. Eu estava fumando mais naqueles dias, era a tensão, você podia senti-la, como um zumbido subterrâneo, embora as coisas parecessem tão tranquilas. Também estava bebendo mais café, e tendo dificuldade para dormir. Todo mundo andava meio sobressaltado. Havia muito mais música no rádio do que o normal, e menos palavras.

Isso foi depois de estarmos casados, parecia há anos; ela estava com quatro anos, na creche.

Todos nós tínhamos acordado da maneira habitual e tomado café com leite, granola, me lembro, e Luke a levara de carro para a escola, com a roupinha que eu havia acabado de comprar para ela há apenas umas duas semanas, um macacão listrado e uma camiseta azul. Que mês era esse? Deve ter sido setembro. Havia um transporte coletivo na escola que deveria pegar as crianças em casa, mas por algum motivo eu queria que Luke buscasse, estava começando a ficar preocupada com o transporte coletivo. As crianças não iam mais a pé para a escola, tinham ocorrido desaparecimentos demais.

Quando cheguei à loja da esquina, a mulher de costume não estava lá. Em vez dela havia um homem, um rapaz, não podia ter mais de vinte anos.

Ela está doente?, perguntei a ele enquanto lhe entregava meu cartão.

Quem?, disse ele, agressivamente, achei.

A mulher que costuma estar aqui, disse.

Como poderia saber, disse ele. Estava digitando meu número, examinando cada número, digitando com um dedo. Era evidente que nunca tinha feito aquilo antes. Tamborilei os dedos sobre o balcão, impaciente por um cigarro, me perguntando se alguém nunca lhe dissera que era possível fazer alguma coisa a respeito daquelas espinhas em seu pescoço. Lembro-me muito claramente da

aparência dele: alto, ligeiramente corcunda, cabelo escuro cortado bem curto, olhos castanhos que pareciam se concentrar cinco centímetros atrás do alto do meu nariz, e aquela acne. Acho que me lembro dele tão claramente por causa do que disse a seguir.

Desculpe, disse ele. Este número não é válido.

Isso é ridículo, retruquei. Tem que ser válido, tenho milhares na minha conta. Acabei de receber o extrato com o saldo há dois dias. Tente de novo.

Não é válido, repetiu ele obstinadamente. Está vendo aquela luz vermelha? Significa que não é válido.

Você deve ter cometido um erro, disse. Tente de novo.

Ele deu de ombros e me deu um sorriso de quem está farto, mas tentou o número outra vez. Desta vez observei seus dedos, em cada número, e verifiquei os números que apareciam na tela. Era o meu número correto, mas lá estava a luz vermelha.

Viu?, disse ele de novo, ainda com aquele sorriso, como se soubesse de uma piada particular que não fosse me contar.

Vou ligar para eles do escritório, disse. O sistema já havia cometido erros antes, mas alguns telefonemas geralmente resolviam o problema. Ainda assim, estava furiosa, como se tivesse sido injustamente acusada de alguma coisa de que eu sequer tinha conhecimento. Como se eu mesma tivesse cometido o erro.

Faça isso, disse ele com indiferença. Deixei os cigarros no balcão, uma vez que não os havia pago. Imaginei que poderia filar alguns no trabalho.

Telefonei do escritório, mas tudo que obtive como resposta foi uma gravação. As linhas estavam sobrecarregadas, dizia a gravação. Poderia por favor voltar a ligar mais tarde?

As linhas permaneceram sobrecarregadas a manhã inteira, pelo que parecia. Liguei de volta várias vezes, mas nada feito. Até isso não era muito incomum.

Por volta das duas horas, depois do almoço, o diretor entrou na sala de transcrição para disquetes.

Tenho uma coisa para dizer a vocês, disse ele. Estava com uma aparência terrível; o cabelo desalinhado, os olhos avermelhados e hesitantes, como se tivesse andado bebendo.

Todos nós levantamos o olhar para ele, desligamos nossas máquinas. Devia haver oito ou dez de nós na sala.

Eu sinto muito, disse ele, mas é a lei. Eu realmente sinto muito.

Por quê?, perguntou alguém.

Vou ter que dispensar vocês, disse ele, é a lei, tenho que cumprir. Tenho que dispensar vocês todas. Ele disse isso delicadamente, como se fôssemos animais selvagens, sapos que tivesse apanhado num pote de vidro, como se estivesse sendo humanitário.

Estamos sendo demitidas?, perguntei. Eu me levantei. Mas por quê?

Não demitidas, disse ele. Dispensadas. Não podem trabalhar mais aqui, é a lei. Ele enfiou as mãos nos cabelos e eu pensei. Ele ficou maluco. A pressão foi demais para ele e entrou em curto-circuito.

Não pode simplesmente *fazer* isso, disse a mulher que sentava ao meu lado. Aquilo soava falso, improvável, como algo que se diria na televisão.

Não sou eu, disse ele. Vocês não compreendem. Por favor saiam, agora. A voz dele estava ficando mais alta. Vocês não querem criar confusão. Se houver confusão os livros poderiam ser perdidos, coisas serão quebradas... Ele olhou por cima do ombro. Eles estão ali fora, disse ele, em meu escritório. Se não saírem agora, eles vão entrar. Só me deram dez minutos. Àquela altura ele dava a impressão de estar mais louco do que nunca.

Ele pirou, disse alguém em voz alta; o que todas nós devíamos estar pensando.

Mas eu podia ver o corredor do lado de fora, e havia dois homens postados lá, de uniforme, com metralhadoras. Isso era teatral demais para ser verdade, e no entanto ali estavam eles: aparições repentinas, como marcianos. Havia neles uma sensação de algo saído de sonho; eram vívidos demais, destoavam demais do ambiente que os cercava.

Apenas deixem as máquinas, disse ele enquanto estávamos juntando nossas coisas, nos enfileirando para sair. Como se pudéssemos tê-las levado.

Ficamos paradas e agrupadas, na escada do lado de fora da biblioteca. Não sabíamos o que dizer umas para as outras. Uma vez que nenhuma de nós compreendia o que havia acontecido, não havia muito que pudéssemos dizer. Olhamos para os rostos umas das outras e vimos uma tristeza angustiada e certa vergonha, como se tivéssemos sido apanhadas fazendo alguma coisa que não deveríamos.

Isso é um ultraje, disse uma mulher, mas sem convicção. O que havia a respeito daquilo que fazia com que sentíssemos que o merecíamos?

Quando cheguei em casa não havia ninguém. Luke ainda estava no trabalho, minha filha estava na escola. Eu me sentia cansada, exausta até os ossos, mas quando me sentei logo me levantei, parecia não conseguir ficar sentada quieta. Andei pela casa, de quarto em quarto. Lembro-me de tocar nas coisas, não muito conscientemente, apenas encostando meus dedos nelas; coisas como a torradeira, o açucareiro, o cinzeiro na sala. Depois de algum tempo peguei a gata no colo e a carreguei comigo. Eu queria que Luke viesse para casa. Eu achava que devia fazer alguma coisa, tomar providências, mas não sabia que providências eu podia tomar.

Tentei ligar para o banco de novo, mas só ouvi a mesma gravação. Eu me servi de um copo de leite – disse a mim mesma que estava agitada demais para tomar mais um café – e fui para a sala e sentei no sofá e pus o copo de leite na mesinha de frente, sem beber nem um pouco. Abracei a gata apertando-a contra o peito de modo que pudesse senti-la ronronar encostada em meu pescoço.

Depois de algum tempo telefonei para minha mãe em seu apartamento, mas não havia resposta. Ela estava mais acomodada naquela altura, tinha parado de se mudar sempre a cada dois ou três anos; ela morava do outro lado do rio, em Boston. Esperei um pouco e telefonei para Moira. Também não estava em casa, mas quando tentei de novo meia hora depois ela tinha chegado. Nos intervalos entre essas chamadas telefônicas, apenas fiquei sentada no sofá. Foram nos lanches da minha filha na escola que eu pensei. Achava que talvez estivesse lhe dando sanduíches de manteiga de amendoim demais.

Fui demitida, contei a Moira quando falei com ela ao telefone. Ela disse que viria até minha casa. Naquela época estava trabalhando num coletivo de mulheres, na divisão de publicações. Publicavam livros sobre controle de natalidade e estupro e coisas desse tipo, embora não houvesse mais tanta demanda por essas coisas como costumava ter.

Eu vou até aí, disse. Ela deve ter percebido pela minha voz que era o que eu queria.

Chegou lá depois de algum tempo.

Então, disse ela. Tirou o casaco, se esparramou na poltrona grandalhona. Conte-me. Mas primeiro vamos tomar um drink.

Ela se levantou, foi até a cozinha, nos serviu dois copos de uísque, e voltou e sentou, e tentei lhe contar o que tinha acontecido comigo. Quando acabei, ela

disse: Você tentou comprar alguma coisa com seu cartão de débito na Compuconta hoje?

Tentei, disse. E lhe contei sobre aquilo também.

Eles congelaram as contas, disse ela. A minha também. A da cooperativa também. Qualquer conta com um F em vez de um M. Tudo que precisaram fazer foi apertar alguns botões. Estamos deserdadas. Confiscaram tudo.

Mas tenho mais de dois mil dólares no banco, eu disse, como se minha própria conta fosse a única que importasse.

Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela. É uma nova lei. Você ligou a televisão hoje?

Não, respondi.

Está sendo anunciado sem parar, disse Moira. Em todos os lugares. Ela não estava atordoada da maneira como eu estava. De alguma forma estranha ela estava alegre, entusiasmada, como se isso fosse o que ela esperasse há algum tempo e agora ficara provado que estava certa. Parecia até mais cheia de energia, mais determinada. Luke pode usar sua Compuconta para você, disse ela. Vão transferir seu número para ele, ou pelo menos é o que dizem. Marido ou parente mais próximo do sexo masculino.

Mas e você?, perguntei. Ela não tinha ninguém.

Eu vou entrar na clandestinidade. Alguns dos rapazes gays podem assumir nossos números e nos comprar as coisas que precisarmos.

Mas por quê?, perguntei. Por que fizeram isso?

Não nos cabe querer saber por quê, disse Moira. Eles tinham que fazer desse jeito, as Compucontas e os empregos, ambos ao mesmo tempo. Caso contrário, pode imaginar como estariam os aeroportos? Não querem que a gente vá para lugar nenhum, pode apostar nisso.

Fui buscar minha filha na escola. Dirigi com cuidado exagerado. Quando afinal Luke chegou em casa eu estava sentada à mesa na cozinha. Ela estava desenhando com canetinhas de ponta de feltro em sua mesinha no canto, onde seus desenhos eram colados ao lado da geladeira.

Luke se ajoelhou ao meu lado e me envolveu em seus braços. Eu ouvi a notícia, disse, no rádio do carro, quando estava vindo para casa. Não se preocupe. Tenho certeza de que é temporário.

Eles disseram por quê?, perguntei.

Ele não respondeu. Nós vamos superar isso, disse, me abraçando.

Você não sabe como é, eu disse. Sinto-me como se alguém tivesse me cortado os pés. Não estava chorando. Além disso não conseguia tomá-lo em meus braços.

É só um emprego, disse ele, tentando me acalmar.

Imagino que você vá receber todo o meu dinheiro, disse. E eu nem estou morta. Eu estava tentando fazer uma brincadeira, mas saiu como um comentário macabro.

Calma, disse ele. Ainda estava ajoelhado no chão. Você sabe que sempre cuidarei de você.

E eu pensei, ele já está começando a me tratar como criança. Depois pensei, você já está começando a ficar paranoica.

Eu sei, disse a ele. Amo você.

Mais tarde, depois que ela estava na cama e nós estávamos jantando e eu não estava me sentindo tão abalada, contei a ele a respeito de minha tarde. Descrevi o diretor entrando, de repente, fazendo seu anúncio. Teria sido engraçado se não fosse tão terrível, disse. Pensei que ele estivesse bêbado. Talvez estivesse. Até o exército estava lá, e tudo o mais.

Então me lembrei de algo que eu tinha visto, mas não havia reparado na ocasião. Não era o exército. Era outro exército.

Houve passeatas, é claro, muitas mulheres e alguns homens. Mas foram menores do que se teria imaginado. Creio que as pessoas estavam com medo. E quando se tornou de conhecimento público que a polícia ou o exército, ou fossem lá quem fossem, abririam fogo quase que tão logo quaisquer das passeatas começassem, as passeatas pararam. Algumas coisas foram explodidas, agências de correios, estações de metrô. Mas não se podia nem ter certeza de quem estava fazendo isso. Poderia ter sido o exército, para justificar as buscas via computador e as outras, de porta em porta.

Não fui a nenhuma das passeatas. Luke disse que seria inútil e que eu tinha que pensar a respeito deles, minha família, ele e ela. Pensei mesmo em minha família. Comecei a fazer mais tarefas domésticas, cozinhar mais. Tentava não chorar na hora das refeições. Àquela altura eu havia começado a chorar, sem mais nem menos, e a sentar ao lado da janela do quarto, olhando fixo para fora.

Não conhecia muitos dos vizinhos, e quando nos encontrávamos, lá fora na rua, éramos cuidadosos de não trocar nada além dos cumprimentos habituais. Ninguém queria ser delatado, por deslealdade.

Lembrando tudo isso, lembro-me também de minha mãe, anos antes. Eu devia ter catorze ou quinze anos, aquela idade em que as filhas se sentem embaraçadas ao extremo com suas mães. Lembro-me dela voltando para um de nossos muitos apartamentos, com um grupo de outras mulheres, parte de seu círculo sempre rotativo de amigas. Tinha participado de uma passeata naquele dia; foi durante a época dos tumultos contra pornografia, ou será que foi nos tumultos contra o aborto, ocorreram muito perto uns dos outros. Houve muitos ataques a bomba na época: clínicas, locadoras de vídeo; era difícil acompanhar tudo.

Minha mãe estava com um hematoma no rosto e um pouquinho de sangue. Não se pode enfiar a mão numa janela de vidro sem se cortar, foi tudo o que ela disse sobre o assunto.

Sangradores filhos da puta, uma das amigas disse. Elas chamavam o outro lado de *sangradores* por causa dos cartazes que carregavam com os dizerem: *Deixem que sangrem*. De modo que devem ter sido os tumultos contra o aborto.

Fui para o meu quarto, para ficar longe delas. Estavam falando demais, e alto demais. Elas me ignoravam e eu me ressentia delas. Minha mãe e suas amigas arruaceiras. Não entendia por que ela tinha que se vestir daquela maneira, de macacão, como se fosse jovem; ou porque tinha que dizer tanto palavrão.

Você é tão cheia de melindres, ela costumava me dizer, num tom de voz que, de maneira geral, era bem satisfeito. Ela gostava de ser mais abusada do que eu, mais rebelde. Adolescentes são sempre tão melindrosos.

Parte de minha desaprovação era isso, tenho certeza: mecânica, superficial, rotineira. Mas eu também queria dela uma vida mais cerimoniosa, menos sujeita a expedientes e retiradas repentinas.

Você foi uma criança desejada, Deus sabe, ela me dizia em outros momentos, se demorando debruçada sobre os álbuns de fotos nos quais me tinha emoldurada; aqueles álbuns eram grossos, cheios de bebês, mas minhas réplicas foram ficando mais finas à medida que eu ficava mais velha, como se a população de minhas duplicatas tivesse sido dizimada por alguma praga. Dizia isso pesarosamente, como se eu não tivesse acabado por me revelar inteiramente

como ela havia esperado. Mãe nenhuma jamais corresponde, completamente, à ideia de uma filha do que a mãe deveria ser, e imagino que isso também seja verdade no sentido inverso. Mas, apesar de tudo, não nos saímos mal uma com a outra, nos saímos tão bem quanto a maioria.

Gostaria que ela estivesse aqui, para que eu pudesse lhe dizer que finalmente sei disso.

Alguém saiu da casa. Ouço o fechar distante de uma porta, mais ao lado, o som de passos no caminho. É Nick, posso vê-lo agora; ele saiu do caminho, foi para o gramado, para respirar o ar úmido que fede a flores, a crescimento carnudo, o pólen lançado ao vento aos punhados, como ostras desovadas no mar. Toda essa pródiga procriação. Ele se espreguiça no sol, sinto o ondular de músculos percorrer seu corpo inteiro, como as costas de um gato se arqueando. Está em mangas de camisa, os braços nus se estendendo despudoradamente para fora do tecido enrolado. Onde acaba o bronzeado? Não falei com ele desde aquela única noite, paisagem de sonho na sala de estar plena de luar. Ele é minha única bandeira, meu sinaleiro. Linguagem corporal.

Nesse momento seu quepe está inclinado para o lado. Portanto fui chamada.

O que ele ganha com isso, seu papel de moço de recados? Como se sente, alcovitando dessa maneira ambígua para o Comandante? Será que o enche de repulsa, ou o faz querer mais de mim, me querer mais? Porque ele não faz nenhuma ideia do que realmente acontece lá dentro, entre os livros. Atos de perversão, ao que lhe é dado supor. O Comandante e eu, cobrindo um ao outro com tinta, tirando-a com lambidas, ou fazendo amor sobre pilhas de papel de jornal proibido. Bem, ele não estaria assim tão longe da resposta.

Mas podem ter certeza, ele ganha alguma coisa com isso. Todo mundo recebe suborno, de uma maneira ou de outra. Cigarros adicionais? Liberdades adicionais não permitidas às pessoas comuns? De qualquer maneira, o que pode ele provar? É a palavra dele contra a do Comandante, a menos que queira liderar uma batida policial com homens armados. Arrebentar a porta a pontapés, e o que tinha dito a vocês? Apanhados no ato, pecaminosamente no "mexe-mexe". Depressa, comam essas palavras.

Talvez ele goste apenas da satisfação de saber algo secreto. De estar me flagrando, como costumavam dizer. É o tipo de poder que se pode usar apenas

uma vez.

Eu gostaria de ter uma melhor opinião acerca dele.

Naquela noite, depois que perdi meu emprego, Luke queria fazer amor. Por que eu não quis? O puro desespero deveria ter me levado a querer. Mas ainda me sentia anestesiada. Mal conseguia sentir as mãos dele em mim.

O que houve?, perguntou.

Não sei, respondi.

Nós ainda temos..., disse ele. Mas não continuou, não disse o que ainda tínhamos. Ocorreu-me que ele não deveria estar dizendo *nós*, uma vez que nada que eu tivesse conhecimento tenha sido tirado dele.

Ainda temos um ao outro, eu disse. Era verdade. Então por que minha voz me pareceu, até para mim mesma, tão indiferente?

Ele me beijou então, como se depois de eu ter dito aquilo as coisas pudessem voltar ao normal. Mas alguma coisa havia se alterado, algum equilíbrio. Sentia-me abalada, de maneira que quando ele me tomou nos braços, me pegando no colo, estava pequena como uma boneca. E senti o amor seguindo adiante sem mim.

Ele não se importa com isso, pensei. Não se importa nem um pouco. Talvez até goste disso. Não somos mais um do outro, não mais. Em vez disso, eu sou dele.

Ignóbil, injusto, insincero. Mas foi isso o que aconteceu.

Então, Luke: o que quero lhe perguntar agora, o que preciso saber é: Eu estava certa? Porque nunca conversamos a respeito disso. No momento em que eu podia ter conversado, tive medo de fazer. Não podia me dar ao luxo de perder você.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Estou sentada no escritório do Comandante, defronte a ele, diante da escrivaninha, na posição do cliente, como se fosse uma correntista de um banco negociando um empréstimo volumoso. Mas exceto pelo meu posicionamento na sala, resta muito pouco daquela formalidade entre nós. Não me sento mais de pescoço duro, de costas retas, os pés lado a lado no chão de forma regimental, os olhos em posição de continência. Em vez disso meu corpo está frouxo, até confortável. Os sapatos vermelhos descalçados, as pernas encolhidas debaixo de mim na cadeira, rodeadas por um suporte de saia vermelha, é verdade, mas mesmo assim encolhidas, como se ao redor de uma fogueira de acampamento, de tempos passados e mais agradáveis. Se houvesse fogo aceso na lareira, sua luz estaria cintilando nas superfícies bem lustradas, luzindo calorosamente na carne. Acrescento à cena o fogo na lareira.

Quanto ao Comandante, ele está extremamente à vontade esta noite. Tirou o paletó, os cotovelos sobre a mesa. Tudo o que precisa é de um palito de dentes no canto da boca para ser um anúncio de publicidade em favor da democracia rural, como numa gravura em água-forte. Com manchas deixadas por excrementos de mosca, algum velho livro queimado.

Os quadrados no tabuleiro diante de mim estão quase todos preenchidos: estou fazendo minha penúltima jogada da noite. *Zás*, soletro, uma palavra conveniente com uma única vogal e com um caro "z".

– Isso é uma palavra? – diz o Comandante.

– Poderíamos olhar no dicionário – digo. – É arcaica.

– A sua palavra basta – diz ele. Sorri. O Comandante gosta quando me distingo, quando mostro precocidade, como um animal de estimação atento, de orelhas em pé e ansioso para desempenhar. A aprovação dele me envolve como um banho morno. Não percebo nele nada da animosidade que costumava perceber em homens, mesmo em Luke às vezes. Não está dizendo lá em sua cabeça, *sua vagabunda*. De fato ele é positivamente um pai. Gosta de pensar que

estou sendo entretida, me divertindo; e estou, estou.

Habilmente ele soma nossos pontos finais em seu computador de bolso.

– Você ganhou de lavada – diz ele. Desconfio que esteja trapaceando, para me lisonjear, para me deixar de bom humor. Mas por quê? Essa pergunta permanece. O que ele tem a ganhar ao me fazer esses mimos? Deve haver alguma coisa.

Ele se recosta na cadeira, junta as pontas dos dedos, um gesto familiar para mim agora. Pouco a pouco já formamos um repertório de gestos como esse, de familiaridades como essa, entre nós. Ele está olhando para mim, não sem benevolência, mas com curiosidade, como se eu fosse um quebra-cabeça a ser solucionado.

– O que gostaria de ler esta noite? – diz ele. Isso também se tornou uma rotina. Até agora já li uma revista *Mademoiselle*, uma velha *Esquire* dos anos 1980, uma *Ms.,* e um exemplar do *Reader's Digest*. Ele tem até romances. Li um de Raymond Chandler, e agora estou na metade de *Tempos difíceis* de Charles Dickens. Nessas ocasiões leio depressa, vorazmente, quase saltando trechos, tentando botar o máximo possível dentro de minha cabeça antes do próximo longo período de fome. Se estivéssemos comendo seria a glutonaria dos famintos, se fosse sexo seria uma rapidinha furtiva de pé em um beco em algum lugar.

Enquanto leio, o Comandante fica sentado e me observa sem falar, mas também sem tirar os olhos de mim. Essa observação é curiosamente um ato sexual, e sinto-me despida quando ele a faz. Gostaria que me desse as costas, que andasse pelo aposento, que lesse alguma coisa ele mesmo. Então talvez eu pudesse relaxar mais, ir mais devagar. Da forma como é, essa minha leitura ilícita parece uma espécie de performance.

– Acho que preferiria apenas conversar – digo. Fico surpreendida ao me ouvir dizer isso.

Ele sorri de novo. Não parece surpreso. Possivelmente esteve esperando por isso, ou algo parecido.

– Ah, é? – diz ele. – Sobre o que quer conversar?

Eu hesito.

– Qualquer coisa, acho. Bem, sobre você, por exemplo.

– Sobre mim? – Ele continua a sorrir. – Ora, não há muito o que dizer a meu

respeito. Sou apenas um sujeito comum.

A falsidade disso, mesmo a falsidade da maneira de falar – "sujeito"? –, me põe em guarda no mesmo instante. Sujeitos comuns não se tornam Comandantes.

– O senhor deve ser bom em alguma coisa – digo. Sei que o estou instigando, dando a deixa, contracenando com ele, atraindo-o a se mostrar, e não gosto de mim mesma por fazê-lo, é nauseante, na verdade. Mas estamos praticando esgrima. Ou ele fala ou eu vou falar. Sei disso, posso sentir a fala se levantando, empinando, dentro de mim, já faz tanto tempo desde que realmente conversei com alguém pela última vez. A concisa troca de palavras sussurradas com Ofglen, durante nossa caminhada hoje, mal conta; mas foi uma prévia, uma preliminar. Por sentir o alívio daquela conversa mínima que fosse, eu quero mais.

E se eu falar com ele direi alguma coisa errada, entregarei alguém, alguma coisa. Posso sentir isso vindo, uma traição de mim mesma. Não quero que ele saiba demais.

– Ah, trabalhei com pesquisa de mercado, para começar – diz ele timidamente. – Depois disso de certo modo me expandi.

Ocorre-me que, embora eu saiba que ele é um Comandante, não sei de que ele é Comandante. O que ele controla, qual é seu campo, como costumavam dizer? Eles não têm títulos específicos.

– Ah – digo, tentando parecer entender.

– Você poderia dizer que sou uma espécie de cientista – diz. – Dentro de limites, é claro.

Depois disso ele não diz nada por algum tempo, nem eu. Estamos tentando ver quem aguenta esperar mais antes que o outro fale.

Sou eu a primeira a quebrar o silêncio.

– Bem, talvez pudesse me dizer uma coisa a respeito da qual ando curiosa.

Ele demonstra interesse.

– O que seria?

Estou seguindo direto para o perigo, mas não consigo me deter.

– É uma frase que me lembro de algum lugar. – Melhor não dizer de onde. – Acho que é latim, e pensei que talvez... – Sei que ele tem um dicionário de latim. Tem dicionários de vários tipos, na prateleira do alto à esquerda da lareira.

– Diga-me – diz ele. Em tom distante, mas mais alerta, ou será que estou imaginando?

– *Nolite te bastardes carborundorum* – digo.

– O quê? – diz ele.

Não pronunciei corretamente. Não sei fazê-lo.

– Eu poderia soletrar – digo. – Escrever.

Ele hesita diante dessa ideia nova. Possivelmente não se lembra de que sei escrever. Nunca segurei uma caneta, um lápis ou qualquer aparato da escrita, nesta sala, nem mesmo para somar os pontos. Mulheres não sabem somar, disse ele certa vez, em tom brincalhão. Quando perguntei o que estava querendo dizer, ele explicou: para elas, um mais um mais um mais um não fazem quatro.

O que fazem?, perguntei, esperando cinco ou três.

Apenas um mais um mais um mais um, disse.

Mas agora ele diz:

– Está bem. – E empurra sua caneta de ponta esférica pelo tampo da escrivaninha para mim quase que provocadoramente, como se fazendo um desafio. Olho ao redor em busca de algo em que escrever e ele me passa o bloco onde anota os pontos, um bloco de anotações com uma carinha sorridente impressa no alto da página. Ainda fazem essas coisas.

Escrevo a frase cuidadosamente. *Nolite te bastardes carborundorum.* Aqui, neste contexto, não é nem uma prece nem uma ordem, mas um triste grafite, rabiscado, abandonado. Pegar a caneta entre meus dedos é sensual, parece quase viva, posso sentir seu poder, o poder que as palavras contêm. Inveja da Pena,[5] diria Tia Lydia, citando mais um dos lemas do Centro, advertindo-nos a nos manter longe de tais objetos. E elas estavam certas, é inveja. Só tê-la na mão é inveja. Eu invejo a pena do Comandante. É mais uma coisa que gostaria de roubar.

O Comandante pega a página com a carinha sorridente de minha mão e olha para ela. Então começa a rir, e será que está enrubescendo?

– Isto não é latim de verdade – diz ele. – É apenas uma piada.

– Uma piada? – digo, agora perplexa. Não pode ser apenas uma piada. Arrisquei isso, tentei me apoderar do conhecimento, por uma simples piada. – Que tipo de piada?

– Você sabe como são os garotos na escola – diz ele. Sua risada é nostálgica,

vejo agora, o riso de indulgência para com uma pessoa que um dia foi. Ele se levanta, cruza a sala até as estantes, tira um livro de sua coleção de tesouros; não o dicionário, contudo. É um livro antigo, um livro de ensino, parece, com as páginas marcadas com dobras e manchas de tinta. Antes de me mostrar ele o folheia, contemplativo, rememorando; então: – Aqui – diz ele, pondo o livro aberto sobre a escrivaninha na minha frente.

O que vejo primeiro é uma ilustração: a Vênus de Milo, numa foto em preto e branco, com um bigode e um sutiã preto e pelos nas axilas desenhados desajeitadamente. Na página oposta está o Coliseu em Roma, com uma legenda em inglês e abaixo uma conjugação: *sum es est, sum us estis sunt*.

– Aqui – diz ele, apontando, e na margem vejo, escrito com a mesma tinta dos cabelos desenhado na Vênus. *Nolite te bastardes carborundorum.*

– É meio difícil de explicar porque é engraçado a menos que você saiba latim – diz ele. – Costumávamos escrever todo tipo de coisas como essa, não sei de onde as tirávamos, talvez aprendêssemos com meninos mais velhos. – Esquecendo-se de mim e de si mesmo, ele está virando as páginas. – Veja isso – diz. A ilustração é chamada de *As mulheres sabinas*, e na margem está escrito: *pim pis pit, pimus pistis pants*. – Havia outra aqui – diz. – *Cim, cis, cit*... – Ele se cala, retornando ao presente, embaraçado. Mais uma vez sorri; desta vez se poderia chamar de um largo sorriso. Eu o imagino com sardas, um topete. Agora, neste exato momento quase gosto dele.

– Mas o que significava? – digo.

– Qual delas? – diz ele. – Ah. Significava: "Não deixe que os bastardos esmaguem você." Acho que nós nos achávamos muito espertos naquela época.

Eu forço um sorriso, mas está tudo diante de mim agora. Posso ver por que ela escreveu aquilo na parede do armário, mas também vejo que deve ter aprendido aqui, neste aposento. Com ele, durante algum período anterior de recordações de infância, de confidências trocadas. Não fui a primeira então. Para entrar em seu silêncio, faço jogos de palavras infantis com ele.

– O que aconteceu com ela? – digo.

Ele mal pestaneja.

– Você de certa forma a conheceu?

– De certa forma.

– Ela se enforcou – diz ele; pensativamente, não triste. – Foi por isso que

mandamos tirar o lustre. Em seu quarto. – Faz uma pausa. – Serena descobriu – diz ele, como se isso explicasse. E explica.

Se seu cachorro morre, arranje outro.

– Com quê? – digo.

Ele não quer me dar ideias.

– Isso tem importância? – diz. Lençol rasgado, imagino. Já considerei as possibilidades.

– Suponho que Cora a tenha encontrado – digo. Foi por isso que ela gritou.

– Sim – diz ele. – Pobre garota. – Está se referindo a Cora.

– Talvez eu não devesse mais vir aqui – digo.

– Pensei que estivesse gostando – diz em tom alegre, despreocupado, me observando, contudo, com olhos atentos e brilhantes. Se eu não soubesse que seria impossível pensaria que fosse de medo. – Eu gostaria que estivesse.

– O senhor quer que minha vida seja suportável para mim – digo. Isso sai não como uma pergunta, mas como uma afirmação clara; clara e sem dimensão. Se minha vida for suportável; talvez o que eles estão fazendo seja correto no fim das contas.

– Sim – diz ele. – Quero. Preferiria que fosse.

– Então está bem – digo. As coisas mudaram. Agora, tenho algo que posso usar para pressioná-lo em meu proveito. O que tenho para pressioná-lo é a possibilidade de minha morte. O que tenho para pressioná-lo é sua culpa. Finalmente.

– Do que você gostaria? – diz ele, ainda com aquela despreocupação, como se fosse apenas uma transação de dinheiro, e uma sem importância, além do mais: doces, balas, cigarros.

– Além da loção para as mãos, você quer dizer – digo.

– Além da loção para as mãos – concorda.

– Eu gostaria... – digo. – Eu gostaria de saber. – Isso me soa indeciso, idiota até, digo sem pensar.

– De saber o quê? – pergunta.

– O que há para saber – digo; mas isso é frívolo demais. – O que está acontecendo.

5. O jogo de palavras perde o sentido em português: *Pen is envy* i.e. literalmente, *Pena/caneta é inveja*, uma alusão à inveja do pênis, de Freud, i.e. *Penis envy*. (N. da T.)

XI
NOITE

CAPÍTULO TRINTA

A noite cai. Ou caiu a noite. Por que a noite cai, em vez de subir como o raiar do dia? Contudo, se você olhar para o leste, ao pôr do sol, pode ver a noite subindo, não caindo; a escuridão se eleva em direção ao céu, subindo do horizonte, como um sol negro atrás de uma coberta de nuvem. Como fumaça de chamas que não se vê, uma linha de fogo pouco abaixo do horizonte, um fogo em meio à mata ou uma cidade em chamas. Talvez a noite caia porque é pesada, uma cortina espessa puxada sobre os olhos. Cobertor de lã. Eu gostaria de poder ver no escuro, melhor do que vejo.

A noite caiu, então. Sinto-a pesando sobre mim como uma pedra. Não há brisa. Sento junto à janela parcialmente aberta, as cortinas puxadas para trás porque não há ninguém lá fora, não há necessidade de modéstia, vestida em minha camisola. De mangas compridas mesmo no verão, para nos livrar das tentações de nossa própria carne, para nos impedir de abraçarmos a nós mesmas, com os braços nus. Nada se move na luz de holofote do luar. O perfume do jardim sobe como o calor de um corpo, deve haver flores que só se abrem à noite, é tão forte. Posso quase vê-lo, radiação rubra, ondulação ascendente como a reverberação acima do asfalto numa estrada ao meio-dia.

Lá embaixo no gramado, alguém emerge da mecha de escuridão debaixo do salgueiro, atravessa na frente da luz, sua longa sombra nitidamente presa a seus calcanhares. Será Nick, ou alguma outra pessoa, alguém sem importância? Ele para, olha para cima para esta janela, e posso ver o alongado branco de seu rosto. Nick. Olhamos um para o outro. Não tenho nenhuma rosa para jogar, ele não tem nenhum alaúde. Mas é o mesmo tipo de fome.

À qual não posso ceder. Puxo a cortina do lado esquerdo de modo que caia entre nós, diante de meu rosto, um momento depois ele segue adiante, para a invisibilidade além da esquina.

O que o Comandante disse é verdade. Um mais um mais um mais um não é igual a quatro. Cada um permanece único, não há nenhuma maneira de uni-los

em um só. Não podem ser trocados um pelo outro. Não podem substituir um ao outro. Nick por Luke ou Luke por Nick. *Deveriam* não se aplica.

Você não pode controlar o que sente, disse Moira certa ocasião, mas pode controlar como se comporta.

O que está tudo muito bem.

Contexto é tudo; ou será que é amadurecimento? Um ou o outro.

Na noite antes de deixarmos a casa, aquela última vez, eu estava caminhando pelos aposentos. Nada havia sido embalado, porque não estávamos levando muita coisa conosco e não podíamos nos dar ao luxo, mesmo então, de parecer que estávamos partindo. De modo que estava apenas andando, para cá e para lá, olhando para as coisas, a arrumação que havíamos feito juntos, para nossa vida. Eu tinha alguma ideia de que seria capaz de me lembrar, depois, de como era.

Luke estava na sala. Ele me abraçou. Estávamos ambos nos sentindo desconsolados. Como poderíamos saber que éramos felizes, mesmo então? Porque pelo menos tínhamos aquilo: braços ao redor um do outro.

A gata, foi o que ele disse.

Gata?, perguntei, encostada na lã de seu suéter.

Não podemos apenas deixá-la aqui.

Não havia pensado na gata. Nenhum de nós pensara. Nossa decisão havia sido súbita, e então houvera o planejamento a fazer. Devo ter pensado que ela viria conosco. Mas não podia, não se pode levar uma gata numa viagem de um dia, para o outro lado da fronteira.

Por que não deixá-la fora de casa?, disse. Poderíamos apenas deixá-la.

Ela ficaria por aqui e ficaria miando em frente à porta. Alguém perceberia que fomos embora.

Poderíamos dá-la a alguém, eu disse. Para um dos vizinhos. No mesmo instante em que disse isso me dei conta de como seria idiotice.

Vou cuidar disso, disse Luke. E porque ele falou *disso*, em vez *dela*, eu soube que ele quis dizer *matar*. Isso é o que você tem de fazer antes de matar, pensei. Você tem que criar uma coisa, onde antes não havia nenhuma. Primeiro você faz isso, em sua cabeça, e então faz com que seja real. De modo que é assim que eles fazem, pensei. Eu parecia não saber disso antes.

Luke encontrou a gata, que estava se escondendo debaixo de nossa cama. Eles

sempre sabem. Luke foi para a garagem com ela. Não sei o que fez e nunca lhe perguntei. Fiquei sentada na sala com as mãos cruzadas no colo. Eu deveria ter saído com ele, deveria ter assumido aquela pequena responsabilidade. Deveria no mínimo ter perguntado sobre aquilo a ele depois, para que não tivesse que carregar o fardo sozinho; porque aquele pequeno sacrifício, aquela eliminação feita por amor, foi feita em meu nome também.

Essa é uma das coisas que eles fazem. Obrigam você a matar, dentro de você.

Inútil, conforme se revelou. Gostaria de saber quem contou a eles. Poderia ter sido um vizinho, observando nosso carro sair pela entrada para carros de manhã, agindo por palpite, passando-lhes a informação para ganhar uma estrela dourada na lista de alguém. Poderia ter sido até o homem que nos conseguiu os passaportes; por que não ser pago duas vezes? Seria bem do feitio deles, até, infiltrar falsificadores de passaportes eles mesmos, uma rede para capturar os incautos. Os Olhos de Deus passam por toda a terra.

Porque eles estavam prontos para nós, e esperando. O momento da traição é o pior, o momento em que você sabe, além de qualquer dúvida, que foi traído: que algum outro ser humano desejou a você tamanho mal.

Era como estar em um elevador que despenca do alto. Caindo, caindo, e sem saber quando baterá no fundo.

Tento conjurar, para levantar meu espírito, de onde quer que esteja. Preciso me lembrar de como é a aparência deles. Tento mantê-los imóveis por trás dos meus olhos, seus rostos, como fotografias em um álbum. Mas não ficam quietos para mim, eles se movem, há um sorriso e então desaparece, suas feições se enroscam e se dobram como se o papel estivesse queimando, o negrume os engole. Um vislumbre, uma pálida cintilação no ar; uma incandescência, aurora, dança de elétrons, então um rosto de novo, rostos. Mas eles se desvanecem, embora eu estenda meus braços para eles, escapolem de mim, fantasmas ao raiar do dia. De volta para onde quer que estejam. Fiquem comigo, quero dizer. Mas não ficam.

É minha culpa. Estou esquecendo demais.

Esta noite farei minhas orações.

Não mais ajoelhada ao pé da cama, os joelhos no chão duro de madeira do ginásio, com Tia Elizabeth postada diante das portas duplas, de braços cruzados,

o aguilhão de gado suspenso em seu cinto, enquanto Tia Lydia caminha em passadas largas ao longo das fileiras de mulheres de camisola ajoelhadas, batendo em nossas costas ou pés ou nádegas ou braços de leve, apenas um peteleco, uma pancadinha, com sua vareta de madeira, se curvarmos ou afrouxarmos a postura. Ela queria nossas cabeças inclinadas exatamente da maneira certa, os dedos dos pés unidos e em ponta, os cotovelos no ângulo correto. Parte de seu interesse nisso era estético: ela gostava da visão da cena. Queria que parecêssemos algo anglo-saxão, esculpido num túmulo, ou anjos de um cartão de Natal, uniformizadas em nossos trajes de pureza. Mas conhecia também o valor espiritual da rigidez corporal, do esforço muscular: um pouquinho de dor limpa a mente, dizia.

Aquilo por que orávamos era pelo vazio, de modo que pudéssemos ser preenchidas: com graça, com amor, com abnegação, sêmen e bebês.

Ó Deus, Rei do universo, obrigada por não me ter criado homem.

Ó Deus, oblitera-me. Torna-me fecunda. Mortifica a minha carne; para que eu possa ser multiplicada. Permite-me ser preenchida...

Algumas delas deixavam-se arrebatar com isso. O êxtase da degradação. Algumas gemiam e choravam.

Não há sentido em chamar atenção para si mesma, Janine, dizia Tia Lydia.

Rezo aqui onde estou, sentada ao lado da janela, olhando para fora através da cortina para o jardim vazio. Nem sequer fecho os olhos. Lá fora ou dentro da minha cabeça, há a mesma treva. Ou luz.

Meu Deus. Que estás no Reino dos Céus, que é interior.

Gostaria que me dissesses Teu Nome, quero dizer o nome verdadeiro. Mas Tu servirá como qualquer outro.

Gostaria de saber o que Tu estiveste fazendo. Mas seja lá o que for, ajuda-me a suportá-lo, por favor. Embora talvez não seja Tua obra; não creio nem por um instante que o que está acontecendo lá fora no mundo seja o que querias.

Tenho o pão suficiente de cada dia, então não perderei tempo com isso. Não é o problema principal. O problema é engoli-lo sem sufocar com ele.

Agora chegamos ao perdão. Não Te preocupes em me perdoar agora. Existem coisas mais importantes. Por exemplo: mantém os outros a salvo, se estiverem salvos. Não permitas que sofram demais. Se tiverem que morrer, que a morte seja

rápida. Poderias até oferecer-lhes um Céu. Precisamos de Ti para isso. O Inferno podemos fazer nós mesmos.

Suponho que eu deveria dizer que perdoo quem quer que tenha feito isso, e seja lá o que estiverem fazendo agora. Eu tentarei, mas não é fácil.

A tentação vem a seguir. No Centro, a tentação era qualquer coisa que fosse muito mais que comer e dormir. O conhecimento era uma tentação. O que vocês desconhecem não pode tentá-las, costumava dizer Tia Lydia.

Talvez eu não queira saber de verdade o que está acontecendo. Talvez eu prefira não ter conhecimento. Talvez não possa suportar o conhecimento. A Queda foi uma queda da inocência para o conhecimento.

Penso demais a respeito do candelabro, embora agora já tenha sido retirado. Mas poderia usar um dos ganchos, no armário. Já considerei as possibilidades. Tudo que você teria que fazer, depois de se amarrar, seria inclinar seu corpo para a frente e não lutar.Livrai-nos do mal.

Então há Reino, poder e glória. Custa muito acreditar neles agora. Mas tentarei de qualquer maneira. Na Esperança, como dizem nas lápides.

Deves Te sentir um bocado lesado. Imagino que não seja a primeira vez.

Se eu fosse quem Tu és estaria farto. Estaria realmente enojado de tudo. Creio que essa é a diferença entre nós.

Eu me sinto muito irreal, falando Contigo assim. Sinto-me como se estivesse falando com uma parede. Gostaria que Tu respondesses. Sinto-me tão sozinha.

Sozinha sentada ao lado do telefone. Só que não posso usar o telefone. E se pudesse, quem poderia chamar?

Ó Deus. Não é brincadeira. Ó Deus, ó Deus. Como posso continuar vivendo?

XII
A CASA DE JEZEBEL

CAPÍTULO TRINTA E UM

Toda noite quando vou para a cama penso: vou acordar de manhã em minha casa e as coisas estarão de volta como eram. Não aconteceu esta manhã, também.

Visto minhas roupas, roupas de verão, ainda é verão; o tempo parece ter parado no verão. Julho, seus dias sufocantes e suas noites de sauna, difícil dormir. Faço questão de registrar a passagem do tempo. Eu deveria riscar traços na parede, um para cada dia da semana, e riscar com uma linha quando tiver sete. Mas de que serviria, isso não é uma pena de prisão; aqui não há tempo que possa ser cumprido e encerrado. De qualquer maneira, tudo o que tenho de fazer é perguntar, para descobrir que dia é. Ontem foi quatro de julho, que costumava ser o Dia da Independência, antes que o abolissem. Primeiro de setembro será o Dia do Trabalho, ainda comemoram isso. Embora não tivesse nada a ver com o trabalho de parto das mães.

Mas conto o tempo pela lua. Lunar, não solar.

Eu me debruço para fechar meus sapatos vermelhos; são sapatos mais leves nessa época, com discretas fendas recortadas, embora nada tão ousado quanto sandálias. É um esforço me inclinar para a frente; a despeito dos exercícios, posso sentir meu corpo gradualmente se travando, se recusando. Ser uma mulher dessa maneira é como eu costumava imaginar que seria ser muito velha. Tenho a sensação de que até ando assim: curvada para a frente, minha coluna se contraindo num ponto de interrogação, meus ossos desprovidos de cálcio e porosos como pedra calcária. Quando era mais jovem, imaginando a velhice, pensava: talvez você aprecie mais as coisas quando não lhe restar muito mais tempo. Eu me esqueci de incluir a falta de energia. Em certos dias, de fato, aprecio mais as coisas, ovos, flores, mas então decido que estou apenas tendo um ataque de sentimentalismo, meu cérebro tornando-se um Technicolor pastel,

como os bonitos pores do sol dos cartões com mensagens de felicitações ou saudações que costumavam fazer em tão grande número na Califórnia. Corações em papel lustroso. O perigo está desativado.

Gostaria de ter Luke aqui, neste quarto enquanto estou me vestindo, para que pudesse brigar com ele. Absurdo, mas é o que quero. Uma discussão, sobre quem vai botar os pratos na máquina de lavar louça, de quem é a vez de separar a roupa suja, limpar o vaso; alguma coisa cotidiana e sem importância no grande esquema das coisas. Poderíamos até brigar a respeito disso, sobre *sem importância, importante*. Que luxo seria. Não que o fizéssemos muito. Ultimamente roteirizo brigas inteiras, na minha cabeça, e as reconciliações depois.

Sento em minha cadeira, a coroa de flores flutuando no teto acima de minha cabeça, como um halo congelado, um zero. Um buraco no espaço onde uma estrela explodiu. Um círculo na água onde uma pedra foi atirada. Tudo que é branco e circular. Espero que o dia se desenrole, que a Terra gire, de acordo com a face redonda do relógio implacável. Os dias geométricos, que se movem continuamente em círculos, macios e bem azeitados. Já há suor sobre o meu lábio, espero, pela chegada do inevitável ovo, que estará morno como o quarto e que terá uma película esverdeada sobre a gema e terá um ligeiro sabor de enxofre.

Hoje, mais tarde, com Ofglen, em nossa caminhada para as compras.

Vamos à igreja, como de hábito, e olhamos as sepulturas. Depois vamos ao Muro. Só dois pendurados nele hoje: um católico, porém não um padre, com um cartaz com uma cruz de cabeça para baixo, e alguma outra seita que não reconheço. O corpo está identificado apenas com um J, em vermelho. Isso não significa judeu, estes seriam identificados por estrelas amarelas. De qualquer maneira não tem havido muitos deles. Porque foram declarados Filhos de Jacob e portanto especiais, a eles foi dada uma escolha. Podiam se converter ou emigrar para Israel. Muitos emigraram, se pudermos acreditar nos noticiários. Vi um navio cheio deles, na televisão, inclinados sobre os parapeitos das amuradas com seus casacos e chapéus pretos e longas barbas, tentando parecer tão judeus

quanto fosse possível, vestidos em fantasias salvas do passado, as mulheres com xales cobrindo-lhes a cabeça, sorrindo e acenando, um tanto rigidamente, é verdade, como se estivessem posando; e outra imagem, dos mais ricos, fazendo filas para os aviões. Ofglen diz que algumas pessoas conseguiram escapar assim, fingindo ser judias. Mas que não foi fácil, por causa dos exames pelos quais eles as obrigavam a passar e que agora tornaram isso ainda mais rigoroso.

Contudo, você não é enforcado apenas por ser judeu. É enforcado por ser um judeu barulhento que se recusa a fazer a escolha. Ou por fingir se converter. Isso também foi mostrado na televisão: batidas noturnas, reservas secretas de coisas judaicas arrancadas debaixo de camas, Torás, *talits,* Estrelas de Davi. E seus donos, os rostos obstinados, sem mostrar arrependimento, empurrados pelos Olhos contra as paredes de seus quartos, enquanto a voz pesarosa do locutor nos fala em *voice-over* sobre sua perfídia e ingratidão.

De modo que o J não é de judeu. O que poderia ser? Testemunha de Jeová? Jesuíta? Seja lá o que significasse, está morto do mesmo jeito.

Depois dessa observação ritual continuamos nosso caminho, seguindo como de hábito rumo a algum espaço aberto, de modo que fosse possível conversar. Se é que se pode chamar isso de conversa, são sussurros truncados, projetados através dos funis de nossas abas brancas. É mais como um telegrama, uma sinalização com bandeiras verbal. Discurso amputado.

Nunca podemos ficar muito tempo em lugar nenhum. Não queremos ser presas por vadiagem.

Hoje viramos na direção oposta à do Escritos da Alma, para onde há uma espécie de parque, com um grande prédio antigo; ornamentado ao estilo do final do período vitoriano, com vitrais. Costumava ser chamado de Mansão Memorial, embora nunca tenha sabido de que era um memorial. Gente morta de algum tipo.

Moira certa vez me disse que costumava ser onde os estudantes comiam, nos primeiros tempos da universidade. Se uma mulher entrasse ali, atiravam pães nela.

Por quê?, perguntei. Moira se tornou, com o passar dos anos, cada vez mais versada nesse tipo de anedota. Eu não gostava muito disso, daquele ressentimento guardado contra o passado.

Para fazê-las sair, disse Moira.

Talvez fosse mais como atirar amendoins em elefantes, observei.

Moira deu uma gargalhada; ela sempre soube rir. Monstros exóticos, disse ela.

Ficamos paradas olhando para este prédio, que é em forma mais ou menos como uma igreja, uma catedral. Ofglen diz:

– Ouvi dizer que é aí que os Olhos realizam seus banquetes.

– Quem lhe disse? – pergunto. Não há ninguém por perto, podemos falar mais livremente, mas por hábito mantemos as vozes baixas.

– Um passarinho me contou – diz ela. Faz uma pausa, olha para o lado, para mim, percebo o borrão de branco enquanto as abas se movem. – Há uma senha – diz.

– Uma senha? – pergunto. – Para quê?

– Para que você possa saber – diz ela. – Quem é e quem não é.

Embora eu não perceba que utilidade há nisso, pergunto:

– Qual é?

– *Mayday* ou dia de maio – diz ela. – Experimentei com você uma vez.

– *Mayday* – repito. Lembro-me daquele dia. *M'aidez.*

– Não use a menos que precise – diz Ofglen. – Não é bom para nós conhecermos muitas das outras, da rede. Caso você seja apanhada.

Acho difícil acreditar nesses sussurros, nessas revelações, embora eu sempre acredite no momento. Depois, contudo, me parecem improváveis, infantis até, como algo que você faz por diversão; como um clube só de garotas, como os segredos na escola. Ou como os romances de espionagem que eu costumava ler, nos fins de semana, quando deveria estar acabando meu dever de casa, ou como televisão tarde da noite. Senhas, coisas que não podem ser contadas, pessoas com identidades secretas, ligações misteriosas: essa não parece que deva ser a verdadeira forma do mundo. Mas isso é a minha própria ilusão, uma ressaca de uma versão de realidade que aprendi no tempo de antes.

E redes. *Fazer networking*, uma das velhas frases de minha mãe, gíria embolorada de tempos passados. Mesmo quando já passava dos sessenta anos, ela ainda fazia algo que chamava por esse nome, embora até onde eu percebia tudo que significava era almoçar com outra mulher.

Deixo Ofglen na esquina.

– Vejo você mais tarde – diz ela. Se afasta suave e silenciosamente pela calçada enquanto eu subo pelo caminho em direção à casa. Lá está Nick, de chapéu torto; hoje ele nem sequer olha para mim. Contudo deve ter estado por ali me esperando, para transmitir sua mensagem silenciosa, porque assim que percebe que eu o vi dá uma última lustrada no Tormentas com a camurça e se afasta rápido em direção à porta da garagem.

Vou andando pelo cascalho, entre as placas de gramado excessivamente verde. Serena Joy está sentada debaixo do salgueiro, em sua cadeira, a bengala apoiada junto ao cotovelo. Seu vestido é de algodão fresco e bem passado. Para ela é azul, aguado de aquarela, não este vermelho meu, que suga o calor e arde em chamas com ele ao mesmo tempo. Seu perfil está virado para mim, ela está tricotando. Como consegue suportar tocar na lã, neste calor? Mas possivelmente sua pele perdeu a sensibilidade; possivelmente ela não sente nada; como alguém que foi escaldado antes.

Baixo meus olhos para o caminho, passo por ela silenciosamente, na esperança de ser invisível. Sabendo que serei ignorada. Mas não desta vez.

– Offred – diz ela.

Paro, insegura.

– Sim, você.

Viro para ela meu olhar de antolhos.

– Venha até aqui. Preciso de você.

Caminho sobre a grama e paro diante dela, de olhos baixos.

– Pode sentar – diz. – Aqui, pegue a almofada. Preciso que segure esta lã. – Ela tem um cigarro, o cinzeiro está na grama a seu lado, e uma xícara de alguma coisa, chá ou café. – Está abafado demais lá dentro, que diabo, você precisa de um pouco de ar – diz. Eu sento, pondo minha cesta no chão, morangos de novo, galinha de novo, e reparo na palavra de seu praguejar: algo novo. Ela encaixa a meada de lã em minhas duas mãos estendidas, começa a enrolar. Estou atada, parece, algemada; envolta numa teia de aranha, isso é mais próximo. A lã é cinza e absorveu a umidade do ar, é como um cobertor de bebê molhado e cheira ligeiramente a ovelha úmida. Pelo menos minhas mãos receberão a lanolina da lã.

Serena enrola, o cigarro seguro no canto da boca, queimando, lançando no ar

a fumaça tentadora. Ela enrola devagar e com dificuldade por causa de suas mãos cada vez mais incapacitadas, mas com determinação. Talvez o tricotar, para ela, envolva uma espécie de força de vontade; talvez até doa. Talvez tenha sido receitado pelo médico: dez fileiras por dia de ponto de tricô, dez fileiras de ponto de meia. Embora deva fazer mais do que isso. Vejo aquelas árvores perenes e meninos e meninas geométricos sob uma luz diferente: a prova de sua teimosia, e não de todo desprezíveis.

Minha mãe não tricotava nem fazia nada parecido. Mas sempre que trazia coisas de volta do tintureiro, as blusas finas, casacos de inverno, guardava os alfinetes e os prendia uns aos outros numa corrente. Então prendia a corrente em algum lugar – na cama, no travesseiro, nas costas de uma cadeira, na luva do forno na cozinha –, de modo que não os perdesse. Então se esquecia deles. Eu os encontrava, aqui e ali pela casa, pelas casas; rastros de sua presença, restos de alguma intenção perdida, como sinais numa estrada que acaba por não conduzir a lugar nenhum. Lembranças da vida doméstica.

– E então – diz Serena. Ela para de enrolar, deixando-me com as mãos ainda cingidas com o pelo animal, e tira o cigarro da boca para apagá-lo. – Nada ainda?

Eu sei de que ela está falando. Entre nós, não existem assim tantos assuntos sobre os quais se poderiam falar; não há muito que tenhamos em comum, exceto por essa única coisa misteriosa e fortuita.

– Não – respondo. – Nada.

– Uma pena – diz ela. É difícil imaginá-la com um bebê. Mas em grande medida as Marthas é que cuidariam dele. Contudo, ela gostaria de me ver grávida, afinal terminada e relegada ao meu canto, e fora do caminho, sem mais humilhantes entrelaçamentos de corpos suarentos, sem mais triângulos de carne sob seu dossel estrelado de flores prateadas. Paz e tranquilidade. Não posso imaginar que ela quereria tamanha boa sorte, para mim, por nenhum outro motivo.

– Seu tempo está se esgotando – diz ela. Não é uma pergunta, uma afirmação de fato.

– Sim – digo em tom neutro.

Está acendendo outro cigarro, manuseando com dificuldade o isqueiro.

Definitivamente suas mãos estão ficando piores. Mas seria um erro me oferecer fazê-lo para ela, ficaria ofendida. Um erro observar fraqueza nela.

– Talvez ele não possa – diz ela.

Não sei a quem está se referindo. Quer dizer o Comandante ou Deus? Se for Deus, deveria dizer queira. De todo modo é heresia. São só as mulheres que não podem, que permanecem teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas.

– Não – digo. – Talvez não possa.

Levanto o olhar para ela. Ela baixa o olhar para mim. É a primeira vez que olhamos nos olhos uma da outra em muito tempo. Desde que nos conhecemos. O momento se prolonga entre nós, desolado e uniforme. Ela está tentando ver se estou ou não à altura da realidade.

– Talvez – diz ela, segurando o cigarro, que não conseguiu acender. – Talvez você devesse tentar de outra maneira.

Será que ela quer dizer de quatro?

– Que outra maneira? – pergunto. Tenho que me manter séria.

– Um outro homem – diz ela.

– Sabe que não posso – digo, com cuidado para não revelar minha irritação. – É contra a lei. Sabe qual é a penalidade.

– Sim – diz ela. Está pronta para isso, pensou em todos os aspectos. – Sei que você não pode oficialmente. Mas se faz. Mulheres fazem com frequência. O tempo todo.

– Quer dizer, com médicos? – digo, lembrando-me dos olhos castanhos simpáticos, da mão sem luva. Da última vez que fui havia um médico diferente. Talvez alguém tenha apanhado o outro, ou uma mulher o delatou. Não que fossem acreditar em sua palavra, sem provas.

– Alguma coisa assim – diz ela, o tom quase afável agora, embora distanciado; é como se estivéssemos considerando uma escolha de esmalte para as unhas. – Foi assim que Ofwarren fez. A esposa sabia, é claro. – Ela faz uma pausa para deixar que isso seja bem compreendido. – Eu a ajudaria. Garantiria que nada desse errado.

Penso a respeito disso.

– Não com um médico – digo.

– Não – concorda ela, e pelo menos neste momento somos velhas amigas, aqui poderia ser uma mesa de cozinha, poderíamos estar conversando sobre um

encontro, algum estratagema de meninas envolvendo esquemas e flertes. – Às vezes eles fazem chantagem. Mas não tem que ser um médico. Poderia ser alguém em quem tenhamos confiança.

– Quem?

– Estava pensando em Nick – diz ela, e sua voz é quase suave. – Trabalha conosco há muito tempo. É leal. Eu poderia combinar com ele.

Então é ele quem cuida das comprinhas no mercado clandestino para ela. É isso o que ele recebe, em troca?

– E o Comandante? – digo.

– Bem – diz ela, com firmeza; não, mais do que isso, uma expressão bem fechada, como uma bolsa que estala ao se fechar. – Apenas não contaremos a ele, não é?

Essa ideia paira entre nós, quase visível, quase palpável: pesada, sem forma, escura; uma espécie de conspiração, uma espécie de traição. Ela realmente quer esse bebê.

– É um risco – digo. – Mais que isso. – É a minha vida em jogo; mas é onde ela estará mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra, quer eu faça ou não. Ambas sabemos disso.

– Mas você bem que poderia – diz ela. Que é o que penso também.

– Está bem – digo. – Sim.

Ela se inclina para a frente.

– Talvez eu pudesse lhe dar alguma coisa – diz ela. Porque me comportei bem. – Algo que você quer – acrescenta, de maneira quase aduladora.

– E o que seria? – digo. Não consigo pensar em nada que eu queira verdadeiramente que ela tenha a possibilidade ou capacidade de me dar.

– Um retrato – diz ela, como se me oferecendo alguma prenda juvenil, um sorvete, uma ida ao zoológico. Levanto o olhar e a encaro, confusa.

– Dela – diz. – De sua filhinha. Mas só talvez.

Então ela sabe onde a puseram, onde a estão mantendo. Soube o tempo todo. Alguma coisa engasga na minha garganta. A vadia, não me dizer, não me dar notícias, qualquer notícia que fosse. Nem sequer contar a ninguém. Ela é feita de madeira, ou de ferro, não é capaz de imaginar. Mas não posso dizer isso, não posso perder de vista, mesmo uma coisa tão pequenina. Não posso abandonar essa esperança. Não consigo falar.

Ela está sorrindo, mesmo, de verdade, de maneira até coquete; há uma sombra do encanto de seu antigo manequim de tela de televisão, cintilando em seu rosto como estática momentânea.

– Está quente demais para isso, não acha? – diz. Ela levanta a lã de minhas duas mãos, onde a estive segurando todo esse tempo. Então pega o cigarro que esteve manuseando e, um pouco desajeitadamente, o aperta na minha mão, fechando meus dedos ao redor dele. – Arranje um fósforo – diz ela. – Estão na cozinha, pode pedir um a Rita. Pode dizer a ela que eu deixei. Mas um só – acrescenta maliciosamente. – Não queremos arruinar sua saúde.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Rita está sentada à mesa da cozinha. Há uma tigela de vidro com cubos de gelo flutuando dentro, sobre a mesa, diante dela. Rabanetes cortados em forma de flores, rosas ou tulipas, boiam nela. Na tábua diante dela, está cortando mais, com uma faca bem afiada de ponta fina arredondada, as mãos grandes e ágeis, indiferentes. O resto de seu corpo não se move, nem seu rosto. É como se estivesse fazendo aquilo dormindo, aquele truque com a faca. Na superfície branca esmaltada há uma pilha de rabanetes, lavados mas não cortados. Pequeninos corações astecas.

Ela mal se dá ao trabalho de levantar a cabeça quando entro.

– Conseguiu tudo, hum – é o que diz, enquanto tiro os embrulhos para sua inspeção.

– Pode me dar um fósforo? – peço. É surpreendente a maneira como ela faz com que me sinta uma criança pequena pidona, apenas com seu olhar zangado, sua impassibilidade; como sou importuna e manhosa.

– Fósforos? – diz ela. – Para que você quer fósforos?

– Ela disse que eu podia pegar um – digo, não querendo admitir que ganhei o cigarro.

– Quem disse? – Rita continua a trabalhar nos rabanetes, seu ritmo inalterado. – Não há motivo para você ter fósforos. Queimar a casa inteira.

– Pode ir perguntar a ela, se quiser – digo. – Está lá no gramado.

Rita revira os olhos para o teto, como se consultando silenciosamente alguma deidade por lá. Então suspira, levanta-se pesadamente e esfrega as mãos no avental com afetação, para me mostrar como dou trabalho. Vai até o armário sobre a pia, sem nenhuma pressa, localiza seu molho de chaves no bolso, destranca a porta do armário.

– Guardo-os aqui, no verão – diz como se para si mesma. – Não há necessidade de acender lareiras com este tempo. – Lembro-me, de abril passado, que é Cora quem acende as lareiras, na sala de estar e na sala de jantar, quando o

tempo está mais frio.

Os fósforos são de madeira, numa caixa de papelão com outra que desliza sobre ela, do tipo que eu costumava cobiçar para fazer gavetas de bonecas. Ela abre a caixa, a examina atentamente, como se decidindo qual vai me dar.

– O problema é dela – resmunga. – Não há maneira de se poder dizer coisa nenhuma a ela. Mergulha a mão grande na caixa, escolhe um fósforo, passa-o para mim. – Agora, não vá atear fogo em nada – diz ela. – Não nas cortinas de seu quarto. Já está quente demais como está.

– Não vou – digo. – Não é para isso que vou usar.

Ela não se digna a me perguntar para que é.

– Pouco me importa se vai comê-lo ou sei lá o que – diz. – Ela disse que podia lhe dar um fósforo, por isso lhe dou um, só isso.

Ela me dá as costas e senta de novo à mesa. Então tira um cubo de gelo da tigela e o enfia na boca. Esse é um gesto incomum para ela. Nunca a vi mordiscar nada enquanto trabalha.

– Pode pegar um desses também – diz. – Uma vergonha, fazer vocês usarem todas essas fronhas na cabeça, com este tempo.

Fico surpreendida: ela em geral não me oferece nada. Talvez ache que se meu prestígio aumentou o suficiente para receber um fósforo, ela pode se dar ao luxo de fazer seu próprio pequeno gesto. Será que me tornei, subitamente, uma daquelas pessoas que devem ser apaziguadas?

– Obrigada – digo. Transfiro o fósforo cuidadosamente para dentro do zíper da manga onde está o cigarro, de modo que não se molhe, e pego um cubo de gelo. – Estes rabanetes estão bem bonitos – digo, em troca pelo presente que ela me deu, por livre e espontânea vontade.

– Gosto de fazer as coisas bem feitas, só isso – diz ela, resmungando de novo. – De outra maneira não há sentido.

Sigo pelo corredor, subo a escada, apressada. No espelho côncavo do vestíbulo passo num lampejo, uma forma vermelha no canto do campo de minha visão, uma aparição de fumaça vermelha. Tenho fumaça em minha mente com certeza, já posso senti-la em minha boca, tragada para dentro dos pulmões, enchendo-me num longo e rico suspiro de canela suja, e então a excitação à medida que a nicotina entra na corrente sanguínea.

Depois desse tempo todo poderia me deixar enjoada. Não ficaria surpresa. Mas mesmo esse pensamento é bem-vindo.

Avanço pelo corredor, onde devo fazê-lo? No banheiro, deixando a água correr para desanuviar o ar, no quarto, soprando as baforadas ofegantes pela janela aberta? Quem vai me pegar fazendo isso? Quem sabe?

Ao mesmo tempo em que me regalo no futuro assim, saboreando a antecipação em minha boca, penso em outra coisa.

Não preciso fumar este cigarro.

Poderia picá-lo em pedacinhos, jogar no vaso e puxar a descarga. Ou poderia comê-lo e ficar ligada assim, isso também poderia funcionar, um bocadinho de cada vez, guardar o resto.

Assim eu poderia guardar o fósforo. Poderia fazer um pequeno furo, no colchão, enfiá-lo para dentro cuidadosamente. Estaria lá, à noite, debaixo de mim enquanto estou na cama. Adiando a decisão.

Eu poderia incendiar a casa. Um pensamento tão maravilhoso que me dá arrepios.

Uma via de escape, rápida e rasteira.

Fico deitada na cama, fingindo cochilar.

O Comandante, na noite passada, com os dedos unidos, me observando enquanto passava a loção oleosa nas mãos. Estranho, pensei em pedir um cigarro a ele, mas decidi não fazê-lo. Sei o suficiente para não pedir demais de uma só vez. Não quero que pense que o estou usando. Também não quero interrompê-lo.

Na noite passada tomou um drink, uísque com água. Ele deu para beber na minha presença, para relaxar depois do dia de trabalho, pelo que percebi está sob pressão. Nunca me oferece um e eu não peço: nós dois sabemos para que é o meu corpo. Quando lhe dou o beijo de boa noite, como se fosse de verdade, seu hálito cheira a álcool e inalo o cheiro como fumaça. Admito que me delicio com isso, uma lambida de devassidão.

Às vezes depois de alguns drinks ele fica bobo, e trapaceia no jogo de mexe-mexe. E me encoraja a fazê-lo também, e pegamos letras a mais e com elas inventamos palavras que não existem, palavras como *sujur* e *cocor*, dando

risadinhas com isso. Por vezes ele liga o rádio de ondas curtas, sintonizando em minha presença a Rádio América Livre, só para mostrar que pode. Então desliga de novo. Malditos cubanos, diz ele. Toda aquela porcaria sobre assistência universal para crianças e idosos.

Às vezes, depois dos jogos, ele senta no chão ao lado de minha cadeira, segurando minha mão. Sua cabeça está um pouco abaixo da minha, de modo que quando ele olha para mim é em um ângulo juvenil. Deve diverti-lo essa falsa subserviência.

Ele está lá em cima, lá no alto, diz Ofglen. Está bem lá no topo, e quero dizer no mais alto escalão.

Nessas ocasiões é difícil imaginar isso.

De vez em quando tento me colocar na posição dele. Faço isso como tática, para adivinhar com antecedência de que maneira pode ser induzido a se comportar comigo. É difícil para mim acreditar que tenho poder sobre ele, de qualquer tipo, mas tenho; embora seja de um tipo equívoco. Vez por outra penso que posso me ver, ainda que num borrão meio indistinto, como é possível que ele me veja. Há coisas que ele quer provar para mim, presentes que quer dar, serviços que quer prestar, ternuras que quer inspirar.

Ele quer, e como. Especialmente depois de alguns drinks.

Por vezes se torna queixoso, em outras ocasiões, filosófico; ou quer explicar as coisas, se justificar. Como ontem à noite.

O problema não era só com as mulheres, diz ele. O problema principal era com os homens. Não havia mais nada para eles.

Nada?, pergunto. Mas eles tinham...

Não havia nada para fazerem, diz ele.

Eles poderiam ganhar dinheiro, digo, um tanto maldosamente. Agora, neste momento, não estou com medo dele. É difícil ter medo de um homem que está parado observando você passar loção nas mãos. Essa falta de medo é perigosa.

Não é o bastante, diz ele. É abstrato demais. Quero dizer que não havia nada para eles fazerem com as mulheres.

Como assim, que está querendo dizer?, pergunto. E todas as Esquinaspornô, eles tinham até serviços motorizados.

Não estou falando a respeito de sexo, diz ele. Aquilo era parte do problema, o sexo era fácil demais. Qualquer um podia apenas comprá-lo. Não havia nada

pelo que trabalhar, nada por que lutar. Temos as estatísticas daquela época. Você sabe do que eles mais estavam se queixando? Incapacidade de sentir. Os homens estavam perdendo o interesse pelo sexo. Perdendo o interesse pelo casamento.

Eles sentem agora?, pergunto.

Sim, diz ele, olhando para mim. Sentem. Ele se levanta, dá a volta na escrivaninha, vem até a cadeira onde estou sentada. Põe as mãos sobre meus ombros, por trás. Não posso vê-lo.

Gosto de saber o que você pensa, diz a voz dele, vinda de trás de mim.

Não penso muito, digo em tom despreocupado. O que ele quer é intimidade, mas não posso lhe dar isso.

Para mim, quase não há nenhum sentido em pensar, não é mesmo?, digo. O que penso não importa.

O que é o único motivo pelo qual ele pode me contar coisas.

Vamos, deixe disso, diz ele, pressionando-me ligeiramente com as mãos. Estou interessado em sua opinião. Você é bastante inteligente, deve ter uma opinião.

A respeito de quê?, digo.

Do que nós fizemos, diz ele. De como as coisas se resolveram.

Mantenho-me completamente imóvel. Tento esvaziar minha mente. Penso a respeito do céu, à noite, quando não há lua. Eu não tenho nenhuma opinião, digo.

Ele suspira, relaxa as mãos, mas as deixa sobre os meus ombros. Ele sabe o que penso, sabe muito bem.

Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, é o que diz. Pensamos que faríamos melhor.

Melhor?, digo, em voz baixa, apagada. Como ele pode pensar que isto é melhor?

Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns.

Fico deitada imóvel, o ar úmido acima de mim como uma tampa. Como terra. Eu gostaria que chovesse. Melhor ainda, que caísse uma tempestade, nuvens negras, raios, trovões de arrebentar os ouvidos. Poderia faltar eletricidade. Então eu poderia descer até a cozinha, dizer que estou com medo, sentar com Rita e

Cora ao redor da mesa da cozinha, elas permitiriam meu medo porque é um medo que também têm, me deixariam entrar. Haveria velas acesas, observaríamos os rostos umas das outras ir e vir no bruxulear, nos clarões de luz entrecortados do lado de fora das janelas. Ah, Senhor, diria Cora. Ah, Senhor, salve-nos.

O ar ficaria limpo depois disso, e mais leve.

Olho para o teto, o círculo redondo de flores de gesso. Risque um círculo, entre dentro dele, isso protegerá você. Do centro saía o candelabro, e do candelabro pendia uma tira retorcida de lençol. Era ali que ela balançava, bem leve, como um pêndulo; da maneira como você podia se balançar pendurado pelas mãos em um galho de árvore quando criança. Ela estava em segurança àquela altura, totalmente protegida, quando afinal Cora abriu a porta. Às vezes penso que ela ainda está aqui, comigo.

Sinto-me enterrada.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Final da tarde, o céu enevoado, a luz do sol difusa mas pesada e em toda parte, como poeira de bronze. Deslizo pela calçada com Ofglen; nós duas, e à nossa frente outro par e do outro lado da rua mais outro. Devemos fazer bela figura vistas de longe: pitorescas, como ordenhadoras holandesas no friso de um papel de parede, como uma prateleira cheia de recipientes de sal e pimenta de cerâmica em trajes nacionais de época, como uma pequena frota de cisnes ou qualquer coisa que se repete com pelo menos um mínimo de graça e sem variações. Calmante para o olho, os olhos, os Olhos, pois é para eles que este espetáculo é encenado. Estamos a caminho de uma Rezavagância, para demonstrar como somos obedientes e devotas.

Não há um dente-de-leão à vista por aqui, os gramados estão limpos, impecáveis. Anseio por um, apenas um, de aspecto bem vagabundo e crescendo insolente ao acaso, difícil de se livrar e perenemente amarelo como o sol. Alegre e plebeu, brilhando igual para todos. Anéis, costumávamos fazer com eles, coroas e colares, manchas da seiva amarga em nossos dedos. Ou eu segurava um debaixo de seu queixo: *Você gosta de manteiga?* Cheirando-os ela ficava com pólen no nariz. (Ou será que isso era com botões-de-ouro?) Ou espalhando sementes: posso vê-la correndo pelo gramado, aquele gramado logo ali bem à minha frente, com dois, três anos de idade, girando um no ar como se fosse uma estrelinha, uma varinha de fogo branco, o ar se enchendo de minúsculos paraquedas. *Voa, voa e saberá dizer as horas*. Todas aquelas horas, levadas embora no sopro da brisa de verão. Porém para saber de amor eram margaridas, e fazíamos isso também.

Formamos uma fila para o exame dos passes e para ter a passagem liberada no posto de controle, paradas de duas em duas, e duas, e duas, como uma escola particular de moças que saiu para um passeio e ficou fora por tempo demais. Anos e anos demais, de modo que tudo se tornou grande demais, pernas, corpos, vestidos, tudo junto. Como se encantadas. Um conto de fadas, eu gostaria de

acreditar. Em vez disso, somos conferidas e liberadas, de duas em duas, e continuamos a andar.

Depois de algum tempo viramos à direita, seguindo para depois dos Lírios, e descendo em direção ao rio. Gostaria de poder ir até lá, para onde as margens largas estão, onde costumávamos nos deitar ao sol, onde as pontes se abrem em arcos. Se você descesse o rio por tempo suficiente, ao longo de seus meandros vigorosos, chegaria ao mar; mas o que poderia fazer lá? Catar conchas, ficar à toa nas pedras cheias de óleo.

Contudo, não estamos indo para o rio, não veremos as pequenas cúpulas nos prédios que ficam naquela direção, brancas com enfeites em azul e dourado, uma alegria tão casta. Viramos e entramos num prédio mais moderno, uma imensa bandeira estendida acima de sua porta – REZAVAGÂNCIA DE MULHERES HOJE. A bandeira cobre o antigo nome do prédio, algum presidente morto, assassinado a tiros. Abaixo da escrita em vermelho há uma linha em letras menores, escrita em preto, com a silhueta de um olho alado de cada lado: DEUS É UMA RIQUEZA NACIONAL. De cada lado da porta estão postados os inevitáveis Guardiões, dois pares, quatro no total, perfilados, os braços ao lado do corpo, olhos fixos para a frente. São quase como manequins de loja, com os cabelos bem penteados, uniformes bem passados e rostos jovens duros como gesso. Nenhum com espinhas hoje. Cada um tem uma submetralhadora a tiracolo, para quaisquer atos perigosos ou subversivos que pensem que poderíamos cometer lá dentro.

A Rezavagância deverá ser realizada no pátio coberto onde há uma espaço oblongo, com um teto de claraboia. Não é uma Rezavagância para a cidade toda, se fosse, seria realizada no campo de futebol; é apenas para este distrito. Fileiras de cadeiras dobráveis de madeira foram colocadas ao longo do lado direito, para as Esposas e filhas de autoridades civis ou militares de alta patente, não há assim muita diferença. As galerias acima, com seus parapeitos de concreto, são para as mulheres de classes mais baixas, as Marthas, as Econoesposas em suas listras multicoloridas. O comparecimento à Rezavagância não é compulsório para elas, especialmente se estiverem de serviço ou tiverem filhos pequenos, mas as galerias parecem estar se enchendo de qualquer maneira. Suponho que seja uma forma de entretenimento, como um espetáculo ou um circo.

Um bom número de Esposas já estão sentadas, com seus melhores vestidos

bordados azuis. Posso sentir os olhos delas sobre nós enquanto andamos com nossos vestidos vermelhos, de duas em duas, encaminhando-nos para o lado oposto ao delas. Estamos sendo olhadas de alto a baixo, avaliadas, comentadas; podemos sentir isso, como minúsculas formigas correndo sobre nossa pele nua.

Aqui não há cadeiras. Nossa área é demarcada e isolada por uma corda de fios de seda torcido escarlate, do tipo que costumava ter em cinemas para conter os espectadores. Esta corda nos segrega, nos marca como excluídas, impede as outras de serem contaminadas por nós, faz para nós um curral ou um chiqueiro; de modo que entramos ali, nos arrumamos em fileiras, algo que sabemos fazer muito bem, então nos ajoelhamos no assoalho de cimento.

– Siga para o fundo – murmura Ofglen ao meu lado. – Poderemos falar melhor. – E quando estamos nos ajoelhando, de cabeça ligeiramente inclinada, posso ouvir por toda parte ao nosso redor um sussurrar, como o farfalhar de insetos em relva alta e seca: uma nuvem de murmúrios. Este é um dos lugares onde podemos trocar notícias mais livremente, passá-las de uma para a do lado. É difícil para eles escolher alguém entre nós para dar atenção ou ouvir o que está sendo dito. E não quereriam interromper a cerimônia, não diante das câmeras de televisão.

Ofglen me dá uma cutucada com o cotovelo, para chamar minha atenção e eu levanto os olhos lenta e furtivamente. De onde estamos ajoelhadas temos uma boa visão da entrada para o pátio, onde as pessoas estão entrando de maneira compassada. Deve ser Janine que ela queria que eu visse, porque lá está ela, lado a lado com uma nova mulher, não a anterior; alguém que não reconheço. Portanto Janine deve ter sido transferida, para uma nova casa, um novo posto. Ainda é cedo para isso, será que houve algo de errado com sua amamentação? Esse seria o único motivo pelo qual eles a transfeririam, a menos que tenha havido uma briga por causa do bebê; algo que acontece mais do que podem imaginar. Depois que ela o teve, pode ter resistido a entregá-lo. Posso ver isso. Seu corpo sob o vestido vermelho parece muito magro, quase esquelético, e ela perdeu aquele viço da gravidez. O rosto está branco e emaciado, como se sua força estivesse sendo sugada.

– Não serviu para nada, sabe – diz Ofglen perto do lado de minha cabeça. – Era uma retalhadora, afinal.

Ela está se referindo ao bebê de Janine, o bebê que veio ao mundo através de

Janine a caminho de algum outro lugar. O bebê Angela. Foi um erro dar-lhe um nome tão cedo. Sinto uma indisposição, lá dentro de meu estômago. Não uma indisposição, um vazio. Não sei o que há de errado comigo.

– Meu Deus – digo. Ter passado por tudo aquilo para nada. Pior que nada.

– É o segundo que ela tem – diz Ofglen. – Sem contar o dela mesmo, antes. Ela teve um aborto aos oito meses, você não sabia?

Observamos enquanto Janine entra no cercado demarcado pela corda, com seu véu de intocabilidade, de má sorte. Ela me vê, tem que me ver, mas olha através de mim, como se eu não estivesse ali. Não há sorriso de triunfo desta vez. Ela se vira, se ajoelha e tudo que posso ver são suas costas e os ombros magros encurvados.

– Acha que é culpa dela – sussurra Ofglen. – Dois seguidos. Por ser pecadora. Ela usou um médico, não foi seu Comandante afinal.

Não posso dizer que sei, senão Ofglen vai querer saber como. Até onde sabe, ela é minha única fonte desse tipo de informação; da qual tem uma quantidade surpreendente. Como pode ter descoberto a respeito de Janine? As Marthas? A companheira de compras de Janine? Escutando atrás de portas fechadas, as Esposas enquanto tomam seus chás e vinhos, tecendo suas teias. Será que Serena Joy vai falar de mim dessa maneira, se eu fizer o que ela quer? *Concordou com a proposta imediatamente, na verdade ela pouco se importou, qualquer coisa com duas pernas e um bom vocês-sabem-o-que estava ótimo para ela. Elas não têm escrúpulos, não têm os mesmos sentimentos que nós temos*. E o resto delas se inclinando para a frente em suas cadeiras: Minha *querida*, todo o horror e os pruridos. Como ela foi capaz? Onde? Quando?

Como sem dúvida fizeram com Janine.

– Isso é terrível – digo. É típico de Janine assumir a culpa por tudo, concluir que os defeitos do bebê se deviam somente a ela. Mas as pessoas são capazes de fazer qualquer coisa para não admitir que suas vidas não têm significado. Não têm utilidade, melhor dizendo. Não têm enredo.

Certa manhã, enquanto estávamos nos vestindo, reparei que Janine ainda estava com a camisola branca de algodão. Estava apenas sentada ali na beira da cama.

Olhei na direção das portas duplas do ginásio, onde geralmente a Tia ficava postada, para ver se havia reparado. Mas a Tia não estava lá. Àquela altura elas

estavam mais confiantes a nosso respeito; por vezes nos deixavam sem supervisão na sala de aula e até na cafeteria por alguns minutos de cada vez. Provavelmente ela tinha dado uma escapulida para fumar um cigarro ou tomar um café.

Veja, eu disse para Alma, que tinha a cama ao lado da minha.

Alma olhou para Janine. Então nós fomos até junto dela. Vista suas roupas, Janine, disse Alma, para as costas brancas de Janine. Não queremos ter preces adicionais por sua causa. Mas Janine não se moveu.

Nesse meio-tempo Moira também tinha se aproximado. Isso foi antes de ela fugir, pela segunda vez. Ainda estava mancando por causa do que tinham feito com seus pés. Deu a volta na cama de modo que pudesse ver o rosto de Janine.

Venham aqui, disse para Alma e para mim. As outras estavam começando a se aglomerar também, havia um pequeno grupo. Voltem para seus lugares, disse-lhes Moira. Não criem um caso com isso, e se *ela* entrar?

Eu estava olhando para Janine. Seus olhos estavam abertos, mas absolutamente não me viam. Estavam arredondados, arregalados, e seus dentes estavam arreganhados num sorriso fixo. Através do sorriso, por entre os dentes, ela estava sussurrando consigo mesma. Tive que me abaixar bem perto dela.

Alô, disse ela, mas não para mim. Meu nome é Janine. Sou a garçonete desta manhã. Posso lhes servir um café, para começar?

Meu Deus, disse Moira, ao meu lado.

Não blasfeme, disse Alma.

Moira pegou Janine pelos ombros e a sacudiu. Pare com isso, acorde, Janine, disse asperamente. E não use aquela *palavra*.

Janine sorriu. Agora, tenha um bom dia, disse ela.

Moira a esbofeteou, duas vezes, de um lado para o outro. Volte aqui, disse ela. Trate de voltar já para cá! Você não pode ficar *lá*, você não está mais *lá*. Aquilo tudo se acabou.

O sorriso de Janine vacilou. Ela pôs a mão no rosto. Por que você bateu em mim?, disse ela. Não estava bom? Posso lhe trazer outro. Não precisava me bater.

Você não sabe o que elas vão fazer?, disse Moira. Sua voz estava baixa, mas dura, concentrada. Olhe para mim. Meu nome é Moira e isto é o Centro Vermelho. Olhe para mim.

Os olhos de Janine começaram a recuperar o foco. Moira?, disse ela. Não

conheço nenhuma Moira.

Elas não vão mandar você para a Enfermaria, então nem pense nisso, disse Moira. Elas não vão fazer nada para tentar curar você. Não vão nem se dar ao trabalho de embarcá-la para as Colônias. Se for longe demais, simplesmente levarão você para o Laboratório de Química e a matarão com um tiro. Depois a queimarão junto com o lixo como uma Não mulher. Por isso esqueça.

Eu quero ir para casa, disse Janine. E começou a chorar.

Deus do céu, disse Moira. Agora chega. Ela vai estar aqui em um minuto, juro. De modo que trate de vestir as drogas de suas roupas e cale a boca.

Janine continuou choramingando, mas também se levantou e começou a se vestir.

Se ela fizer isso de novo e eu não estiver aqui, disse Moira para mim, você tem apenas que lhe dar uns tabefes como eu dei. Não pode deixar que ela saia de si assim. Esse negócio é contagioso.

Ela já devia estar planejando, naquela ocasião, como iria sair.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O espaço com assentos no pátio agora está cheio; nós sussurramos e esperamos. Por fim o Comandante encarregado do serviço entra. Ele é calvo e tem ombros largos e parece um técnico de futebol envelhecido. Está vestido em seu uniforme preto, sóbrio, com as fileiras de insígnias e condecorações. É difícil não ficar impressionada, mas faço um esforço: tento imaginá-lo na cama com sua Esposa e sua Aia, fertilizando sem parar como um louco, como um salmão no cio, fingindo não ter nenhum prazer com isso. Quando Deus disse frutificai e multiplicai-vos, estava se referindo a esse homem?

Esse Comandante ascende os degraus que levam ao pódio, que está coberto por um tecido vermelho bordado com um grande olho de asas brancas. Ele lança um olhar para o aposento, e nossas vozes suaves morrem. Nem sequer precisa levantar as mãos. Então a voz dele entra no microfone e sai pelos alto-falantes, destituída de seus tons mais baixos de modo que é cortante, aguda e metálica, como se estivesse sendo produzida não por sua boca, mas pelos próprios alto-falantes. A voz dele é cor de metal, tem formato de trombeta.

– Hoje é um dia de graças – começa ele –, um dia de louvação.

Eu saio de sintonia e desligo durante o discurso sobre a vitória e o sacrifício. Então há uma longa prece sobre os receptáculos indignos, depois um hino: "Há um Bálsamo em Gilead."

"Há uma Bomba em Gilead", era como Moira costumava chamar o hino.

Agora vem a parte principal. Os vinte Anjos entram, recém-chegados das frentes de combate, recém-condecorados, acompanhados de sua guarda de honra, marchando um-dois, um-dois, para o espaço central aberto. Sentido! Descansar! E agora as vinte filhas de branco, envoltas em véus brancos, avançam timidamente, com as mães segurando-as pelos cotovelos. São as mães, não os pais, que acompanham as filhas até os noivos nos dias de hoje e que ajudam nos preparativos dos casamentos. Os casamentos é claro são arranjados, casamentos de conveniência. A essas moças não foi permitido estar sozinhas com um

homem há anos; seja lá há quanto tempo que todas nós temos feito isso.

Será que têm idade para se lembrar de alguma coisa do tempo de antes, de jogar beisebol, de jeans e tênis. Andar de bicicleta? Ler livros, completamente sozinhas? Apesar do fato de que algumas não tenham mais que catorze anos – *É preciso começar cedo com elas*, é o sistema em vigor, *não há um momento a ser perdido* –, mesmo assim elas vão se lembrar. E as que vierem depois delas, por três ou quatro anos; mas depois disso não. Terão sempre estado vestidas de branco, em grupos de garotas; terão sempre sido silenciosas.

Demos-lhes mais do que tiramos, disse o Comandante. Pense nas dificuldades que tinham antes. Não se lembra dos bares de solteiros, a indignidade dos encontros às cegas no colégio? O mercado da carne. Não se lembra do terrível abismo entre as que podiam conseguir um homem com facilidade e as que não podiam? Algumas delas ficavam desesperadas, passavam fome para ficar magras, enchiam os seios de silicone mandavam cortar pedaços do nariz. Pense na infelicidade humana.

Ele abana a mão na direção de sua pilha de revistas antigas. Estavam sempre reclamando. Problemas disso, problemas daquilo. Lembra-se dos anúncios nas Colunas Pessoais, *Mulher inteligente e atraente, trinta e cinco anos*... Da maneira como fazemos, todas elas conseguem um homem, ninguém é excluído. E depois, então, se de fato se casassem, podiam ser abandonadas com uma criança, duas crianças, o marido podia simplesmente achar que estava farto e largá-las, desaparecer, elas tinham que viver às custas dos serviços sociais do governo. Ou então o marido ficava por lá e batia nelas. Ou se tivessem emprego, as crianças ficavam em creches ou eram deixadas aos cuidados de alguma mulher brutal e ignorante, e tinham que pagar por isso elas próprias, com seus salariozinhos miseráveis. O dinheiro era a única medida de valor, para todo mundo, não recebiam nenhum respeito pelo fato de serem mães. Não é de espantar que estivessem desistindo da coisa inteira. Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz. Com pleno apoio e encorajamento. Agora, diga-me. Você é uma pessoa inteligente, gosto de ouvir o que pensa. O que foi que deixamos de levar em conta?

Amor, respondi.

Amor?, disse o Comandante. Que tipo de amor?

Se apaixonar, disse eu.

O Comandante olhou para mim com seus olhos sinceros de menino. Ah, sim, li as revistas, era isso que elas vendiam, não era? Mas veja as estatísticas, minha cara. Será que valia realmente a pena, *se apaixonar*? Casamentos arranjados sempre funcionaram igualmente bem, se não melhor.

Amor, dizia Tia Lydia, com desagrado. Não me deixem pegar vocês nisso. Nada de ficarem no mundo da lua e sonharem acordadas por aqui, meninas. Balançando o dedo para nós. *Amor* não é o que interessa.

Aqueles anos foram apenas uma anomalia, historicamente falando, disse o Comandante, apenas uma feliz casualidade. Tudo o que fizemos foi pôr as coisas de volta, de acordo com a norma da Natureza.

As Rezavagâncias de mulheres são para casamentos coletivos como este, em geral. As dos homens são para vitórias militares. Estas são as coisas com que devemos mais nos regozijar, respectivamente. Por vezes, contudo, nas das mulheres, elas são para uma freira que abjura os votos. A maioria desses votos aconteceu antes, quando as estavam arrebanhando, mas ainda descobrem algumas nos dias de hoje, arrancam-nas da clandestinidade, onde tinham estado se escondendo como toupeiras. Elas têm aquela mesma expressão também: os olhos fracos, atordoados pela luz excessiva. As velhas eles mandam para as Colônias imediatamente, mas as jovens e férteis eles tentam converter e, quando conseguem, todas nós nos reunimos aqui para vê-las passar pela cerimônia, renunciar ao celibato, sacrificar-se pelo bem comum. Elas se ajoelham e o Comandante reza e então elas tomam o véu vermelho, como o resto de nós fez. Contudo, não lhes é permitido tornarem-se Esposas; são consideradas, ainda, perigosas demais para posições de tanto poder. Há certa reputação de bruxa que as envolve, algo misterioso e exótico; permanece a despeito dos banhos com esfregão e dos vergões em seus pés e do tempo que passaram em confinamento Solitário. Elas sempre têm aqueles vergões, sempre cumpriram a pena, ou pelo menos é o que dizem os boatos: não abandonam os votos com facilidade. Muitas, em vez disso, preferem ir para as Colônias. Nenhuma de nós gosta de ter uma como companheira de compras. Foram mais quebrantadas do que o resto de nós;

é difícil sentir-se confortável com elas.

As mães deixaram as garotas de véus brancos em posição e retornaram a suas cadeiras. Há um pouco de choro entre elas, algumas trocas de palmadinhas confortadoras e de mãos segurando mãos, o uso ostentoso de lenços. O Comandante dá continuidade ao serviço:

– Ordeno que estas mulheres se adornem com vestes modestas – diz ele –, com pudor e sobriedade; sem cabelos trançados ou ouro, ou pérolas ou vestimentas caras.

"Mas (conforme são apropriadas às mulheres que professam a meiguice) com boas obras.

"Que a mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição." Aqui ele lança um olhar para nós. – Toda – repete ele.

– Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio.

"Pois primeiro Deus criou Adão, depois Eva.

"E Adão não foi enganado, mas a mulher ao ser enganada cometeu a transgressão.

"Não obstante isso ela será salva pela concepção, se continuar na fé e caridade e santidade com sobriedade."

Salva pela concepção, penso. O que supúnhamos que nos salvaria, no tempo de antes?

– Ele deveria dizer isso às Esposas – murmura Ofglen –, quando estão entregues ao xerez. – Ela quer dizer a parte sobre a sobriedade. É seguro falar de novo, o Comandante concluiu o ritual principal e eles estão trocando as alianças e levantando os véus. Buu, penso em minha cabeça. Dê uma boa olhada, porque agora é tarde demais. Os Anjos se qualificarão para ter Aias, mais tarde, especialmente se suas novas Esposas não forem capazes de dar frutos. Mas vocês meninas não têm saída, o que cada uma vê é o que terá, com espinhas e tudo. Mas não se espera que você o ame. Vai descobrir isso em bem pouco tempo. Apenas cumpra seu dever em silêncio. Quando em dúvida, quando deitada estendida na cama, poderá olhar para o teto. Quem sabe o que poderá ver lá em cima? Coroas fúnebres de flores e anjos, constelações de poeira estelar ou não, os enigmas deixados por aranhas. Sempre há alguma coisa para ocupar uma mente

inquisitiva.

Há alguma coisa errada, querida?, dizia a velha piada.

Não, por quê?

Você se mexeu.

Apenas não se mexa.

O que temos como objetivo, diz Tia Lydia, é um espírito de camaradagem entre mulheres. Todas nós devemos nos unir.

Camaradagem, que merda, diz Moira através do buraco no cubículo do toalete. Porra, é isso aí, Tia Lydia, como se costumava dizer. Quanto você quer apostar que ela fez Janine se ajoelhar? O que acha que andam fazendo naquele escritório dela? Aposto que ela a faz trabalhar direitinho naquela coisa velha, seca, murcha...

Moira!, digo.

Moira o quê?, sussurra. Você sabe que pensou nisso.

Não adianta nada falar assim, digo, sentindo mesmo assim um impulso de rir baixinho. Mas ainda fingia para mim mesma, nessa época, que deveríamos tentar preservar algo que se assemelhasse à dignidade.

Você sempre foi uma frouxa, diz Moira, mas com afeição. Isso faz tão, mas tão bem. Faz mesmo.

E ela tem razão, sei disso agora enquanto estou ajoelhada neste chão inegavelmente duro, ouvindo a cerimônia monótona continuar. Há algo de poderoso em sussurrar obscenidades sobre aqueles que estão no poder. Há algo de delicioso nisso, algo de malicioso, secreto, proibido, estimulante. É como uma espécie de feitiço. Isso os esvazia, os reduz ao denominador comum onde se pode lidar com eles. Na pintura do cubículo do banheiro alguém desconhecido havia rabiscado: *Tia Lydia gosta de chupeta*. Era como uma bandeira acenada do alto de uma colina em sinal de rebelião. A simples ideia de Tia Lydia fazendo uma coisa dessas era por si só animadora.

Então agora imaginem, entre esses Anjos e suas noivas brancas esgotadas, gemidos momentosos e suores, encontros peludos úmidos; ou melhor, fracassos vexaminosos, paus que parecem cenouras velhas de três semanas, apalpadas angustiadas sobre carne fria e tão sem reação como peixe cru.

Quando afinal está tudo acabado e estamos nos encaminhando para a saída, Ofglen me diz em seu sussurro leve e penetrante.

– Sabemos que você o está vendo sozinho.

– Quem? – digo, resistindo ao impulso de olhar para ela. Eu sei quem.

– Seu Comandante – diz ela. – Sabemos que tem visto.

Pergunto-lhe como.

– Apenas sabemos – diz ela. – O que ele quer? Sexo pervertido?

Poderia ser difícil explicar o que ele quer, porque eu ainda não tenho nome para aquilo. Como posso descrever o que realmente acontece entre nós? Ela acharia graça, para começar. É mais fácil para mim dizer:

– De certo modo. – Isso pelo menos tem a dignidade da coerção.

Ela reflete sobre isso.

– Você ficaria surpresa – diz – com quantos deles querem isso.

– Não posso fazer nada – digo. – Não posso dizer que não irei. – Ela deveria saber disso.

Estamos na calçada agora e não é seguro falar, estamos perto demais das outras e o sussurrar protetor da multidão desapareceu. Caminhamos em silêncio, ficando um pouco para trás, até que finalmente ela julga que pode dizer:

– É claro que não pode. Mas descubra e conte-nos.

– Descobrir o quê? – digo.

Sinto mais do que vejo o ligeiro virar de sua cabeça.

– Qualquer coisa que puder.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Agora há espaço a ser preenchido, o ar quente demais do quarto, e um tempo também; um espaço-tempo, entre aqui e agora e lá e então, pontuado pelo jantar. A chegada da bandeja, carregada até o andar de cima como se para uma inválida. Uma inválida, que foi invalidada. Sem passaporte válido. Sem saída.

Foi isso o que aconteceu, no dia em que tentamos cruzar a fronteira, com nossos passaportes novos que diziam que não éramos quem éramos: que Luke, por exemplo, nunca fora divorciado, e que portanto éramos legitimamente casados, de acordo com a lei.

O homem entrou com nossos passaportes, depois de termos explicado sobre o piquenique e ele ter olhado para dentro do carro e visto nossa filha adormecida, em meio a seu zoológico de animais sarnentos. Luke deu uma palmadinha em meu braço e saltou do carro como se para esticar as pernas e observou o homem através da vidraça do prédio da imigração. Eu fiquei no carro. Acendi um cigarro, para me acalmar, e traguei a fumaça, uma longa inalação de relaxamento falso. Estava observando os dois soldados nos uniformes pouco familiares que estavam começando, àquela altura, a ser familiares. Eles estavam postados à vontade junto à barreira com a cancela amarela e preta. Não estavam fazendo grande coisa. Um deles observava um bando de pássaros, gaivotas, levantando voo, girando em círculos e pousando no parapeito da ponte mais adiante. Observando-o, eu também as observava. Tudo tinha a cor que costuma ter, só que mais intensa.

Vai correr tudo bem, eu disse, supliquei em minha cabeça. Ah, permita que sim. Permita que atravessemos. Só desta vez e eu farei qualquer coisa. O que pensei que pudesse fazer por quem quer que estivesse ouvindo aquilo que fosse de alguma utilidade ou sequer de algum interesse jamais saberei.

Então Luke entrou de volta no carro, depressa demais, e girou a chave na ignição e deu marcha a ré. Ele estava pegando no telefone, disse Luke. E então

começou a dirigir em alta velocidade, e depois disso havia a estrada de terra batida e a floresta e saltamos do carro e começamos a correr. Um chalé, uma cabana, onde possamos nos esconder, um barco, eu não sei em que pensamos. Ele disse que os passaportes eram perfeitamente seguros, e tivemos tão pouco tempo para planejar. Talvez Luke tivesse um plano, algum tipo de mapa em sua cabeça. Quanto a mim, estava apenas correndo: fugindo, fugindo.

Não quero estar contando essa história.

Não quero contá-la. Não tenho que contar nada, nem para mim mesma nem para mais ninguém. Poderia apenas ficar aqui sentada, sossegadamente. Poderia me retirar. É possível ir tão longe para dentro, descer tão fundo e recuar tanto, que eles jamais conseguiriam fazer você sair.

Nolite te bastardes carborundorum. Que grandes maravilhas isso fez por ela.

Por que lutar?

Isso nunca será o bastante.

Amor?, disse o Comandante.

Isso é melhor. É algo que conheço bem. Podemos conversar a respeito disso.

Apaixonar-se, eu disse. Deixar-se arrebatar, se entregar, cair de amor, todos nós fazíamos isso, na época, de uma forma ou de outra. Como poderíamos ter menosprezado tanto? Até zombado disso. Como se fosse trivial para nós, algo superficial, um capricho. Era, pelo contrário, uma tarefa difícil. Era a coisa principal, era a maneira como você compreendia a si mesmo; se nunca lhe acontecesse, nunca, jamais, você seria como um mutante, uma criatura vinda do espaço. Todo mundo sabia disso.

Estou me apaixonando, dizíamos, *estou caidinha por ele*. Éramos mulheres que caíam. Acreditávamos nisso, nesse movimento para baixo: tão adorável quanto voar, e ao mesmo tempo tão terrível, tão extremo, tão improvável. Deus é amor, disseram um dia, mas invertemos isso, e o amor, como o Céu, estava sempre ali, logo depois da esquina. Quanto mais difícil fosse amar aquele homem específico ao nosso lado, mais acreditávamos no Amor, abstrato e total. Estávamos esperando, sempre, pela encarnação. A palavra, tornada carne.

E às vezes acontecia, por algum tempo. Aquele tipo de amor que vem e vai e

que é difícil de se lembrar depois, como a dor. Você olhava para o homem um belo dia e pensava: *Eu amei você*, e o tempo verbal estava no passado, e você se sentia tomada por um sentimento de assombro, porque era algo tão espantoso e precário e bobo de ter feito; e você sabia também por que seus amigos tinham se mostrado tão evasivos com relação àquilo, na época.

Há muito conforto, agora, em lembrar isso.

Ou às vezes, mesmo quando ainda estava amando, ainda estava caindo de amores, você acordava no meio da noite, quando a luz do luar entrava pela janela derramando-se sobre o rosto adormecido dele, tornando as sombras nas órbitas de seus olhos mais escuras e mais cavernosas que durante o dia, você pensava: Quem sabe o que eles fazem, quando estão sozinhos ou com outros homens? Quem sabe o que dizem ou por onde eles devem andar? Quem sabe o que realmente são? Por baixo da cotidianidade?

É provável que você pensasse nessas ocasiões: E se ele não me amar?

Ou se lembraria de histórias que tinha lido nos jornais, sobre mulheres que tinham sido encontradas – com frequência mulheres, mas às vezes eram homens, ou crianças, isso era o pior – em valas ou florestas ou geladeiras, em quartos alugados abandonados, vestidas ou despidas, abusadas sexualmente ou não; de qualquer forma, mortas. Havia lugares por onde não se queria andar, precauções que se tomavam, que tinham a ver com trancas em janelas e portas, fechar as cortinas, deixar luzes acesas. Essas coisas que fazia eram como orações; você as fazia e esperava que elas a salvassem. E na maioria das vezes salvavam. Ou alguma coisa salvava; você sabia pelo fato de ainda estar viva.

Mas tudo aquilo era pertinente apenas à noite, e não tinha nada a ver com o homem que você amava, pelo menos à luz do dia. Com aquele homem você queria que a relação funcionasse, que fosse trabalhada, bem-resolvida, e que desse certo. Exercícios também era algo que se fazia para manter seu corpo em forma para o homem. Se você se exercitasse o suficiente, talvez o homem resolvesse também. Talvez pudessem trabalhar a relação juntos, como se vocês dois fossem um enigma que pudesse ser solucionado; caso contrário, um de vocês, muito provavelmente o homem, se desencaminharia e seguiria uma trajetória própria, levando seu corpo viciante consigo e deixando-a com uma terrível crise de abstinência, que você neutralizaria com exercício. Se vocês não dessem certo era porque um dos dois tinha a atitude errada. Acreditava-se que

tudo que acontecia na vida da gente era devido a alguma energia positiva ou negativa emanando de dentro de nossas cabeças.

Se você não gosta, mude, dizíamos, umas para as outras e para nós mesmas. E assim mudávamos, trocávamos o homem por outro. A mudança, tínhamos certeza, era sempre para melhor. Éramos revisionistas; revisávamos a nós mesmas.

É estranho lembrar como costumávamos pensar, como se tudo estivesse disponível para nós, como se não houvesse quaisquer contingências, quaisquer limites; como se fôssemos livres para moldar e remoldar para sempre os perímetros sempre em expansão de nossas vidas. Eu era assim também, fazia isso também. Luke não foi o primeiro homem para mim, e poderia não ter sido o último. Se não tivesse sido congelado daquela maneira. Parado de repente no tempo, no ar, entre as árvores lá naquele lugar, no ato de cair.

Nos tempos passados eles costumavam lhe enviar um pequeno embrulho, com os objetos pessoais: o que ele tinha consigo quando morreu. Isso era o que faziam, em tempo de guerra, disse minha mãe. Quanto tempo se esperava que você ficasse de luto, e o que diziam? Faça de sua vida um tributo ao seu amado. E ele era o amado. O meu.

É, eu digo. *É*, *é,* apenas uma letra, sua cretina idiota, será que não consegue se lembrar disso, nem mesmo uma palavra curta como essa?

Esfrego a manga sobre meu rosto. Houve um tempo em que não teria feito isso, por medo de borrar ou manchar, mas não sai nada. Qualquer que seja a expressão que lá está, sem ser vista por mim, é de verdade.

Você vai ter que me perdoar. Sou uma refugiada do passado e, como outros refugiados, repasso os costumes e hábitos de vida que deixei ou fui obrigada a deixar para trás, e tudo aquilo parece igualmente antigo e curioso, visto daqui, e sou igualmente obsessiva a respeito disso. Como um exilado russo tomando chá em Paris, aprisionada no século XX, divago e retorno ao passado, tentando recuperar aqueles caminhos distantes; torno-me sentimental demais, me perco. Pranteio. Isso é prantear, não chorar. Sento-me nesta cadeira e gotejo como uma esponja.

Então. Mais espera. Como uma dama de companhia: era como costumavam chamar aquelas lojas em que se podiam comprar roupas para a gravidez. Mulher

à espera parece mais como alguém em uma estação de trem. A espera também é um lugar: é onde quer que você espere. Para mim é este quarto. Sou uma lacuna, aqui, entre parênteses. Entre outras pessoas.

Vem a batida à minha porta. Cora com a bandeja.

Mas não é Cora.

– Eu trouxe para você – diz Serena Joy.

E então olho para cima e ao redor, e me levanto de minha cadeira e avanço em sua direção. Ela a está segurando, uma foto Polaroid, quadrada e brilhante. Então eles ainda fazem câmeras como aquela. E haverá álbuns de família, também, com todas as crianças neles; nenhuma Aia, contudo. Do ponto de vista da história futura, desse tipo, seremos invisíveis. Mas as crianças estarão nelas, sem dúvida, alguma coisa para as Esposas olharem, no andar de baixo, mordiscando os petiscos no bufê e esperando pelo nascimento.

– Só pode ficar com ela um minuto – diz Serena Joy, mas a voz é baixa, conspiradora. – Tenho que devolvê-la, antes que deem por falta.

Deve ter sido uma Martha que a apanhou para ela. Há uma rede clandestina de Marthas, então, com algum proveito a tirar. Isso é bom saber.

Pego a foto da mão dela, viro-a ao contrário de modo que possa vê-la na posição correta. Será que é ela, é assim que ela está? Meu tesouro.

Tão crescida e mudada. Sorrindo um pouco agora, tão depressa, e com seu vestido branco como se fosse para uma Primeira Comunhão dos tempos passados.

O tempo não parou. Ele correu sobre mim como água, me arrastou e me apagou como água, como se eu nada mais fosse que uma mulher de areia, deixada por uma criança descuidada perto demais da água do mar. Fui obliterada por ela. Sou apenas uma sombra, agora, lá atrás bem longe da superfície lisonjeira e reluzente dessa fotografia. Uma sombra de uma sombra, como se tornam mães mortas. Pode-se ver isso nos olhos dela: eu não estou lá.

Mas ela existe, em seu vestido branco. Ela cresce e está viva. Isso não é uma coisa boa? Uma bênção?

Mesmo assim não posso suportar isso, ter sido apagada dessa maneira. Melhor que ela não tivesse me trazido nada.

Sento à pequena mesa, comendo creme de milho com um garfo. Tenho um

garfo e uma colher, mas nunca uma faca. Quando há carne eles cortam para mim antes de trazer, como se me faltasse capacidade manual ou dentes. Tenho ambos, contudo. É por isso que não me permitem ter uma faca.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Bato à porta dele, ouço sua voz, ajusto meu rosto e entro. Ele está parado junto da lareira; na mão tem um copo de bebida quase vazio. Geralmente espera até que eu chegue aqui para começar a beber álcool, embora eu saiba que eles tomam vinho com o jantar. O rosto dele está um pouco avermelhado. Tento estimar quantos ele já bebeu.

– Saudações – diz ele. – Como vai a bela pequenina esta noite?

Alguns, posso dizer pela complexidade do sorriso que ele compõe e mira. Está na fase lisonjeira.

– Estou bem – digo.

– Disposta a uma pequena diversão?

– Como disse? – digo. Por trás dessa encenação dele percebo constrangimento, uma incerteza a respeito de até onde pode ir comigo, e em que direção.

– Esta noite tenho uma pequena surpresa para você – diz. E ri; é mais como um riso silencioso. Reparo que tudo esta noite é *pequeno*. Ele quer diminuir as coisas, inclusive a mim mesma. – Algo de que você vai gostar.

– E o que é? – pergunto. – Jogo de damas? – Posso tomar essas liberdades; parece apreciá-las, especialmente depois de um par de drinks. Prefere que eu seja frívola.

– Algo melhor – diz ele, tentando ser atormentador.

– Mal posso esperar.

– Ótimo – diz ele. Vai até sua escrivaninha, remexe numa gaveta. Então vem em minha direção, com uma das mãos atrás das costas.

– Adivinhe – diz.

– Animal, vegetal ou mineral? – pergunto.

– Ah, animal – diz com seriedade zombeteira. – Definitivamente animal, eu diria. – Tira a mão de trás das costas. Está segurando um punhado, parece, de penas, cor de malva e rosa. Então as sacode. É uma peça de vestuário,

aparentemente, e para uma mulher: tem taças para os seios, cobertas de lantejoulas púrpura. As lantejoulas são minúsculas estrelas. As penas ficam ao redor das aberturas para as coxas, e ao longo da parte de cima. De modo que eu não estava tão errada quanto às ligas, afinal.

Gostaria de saber onde ele a encontrou. Todas as roupas desse tipo supostamente deveriam ter sido destruídas. Lembro-me de ter visto isso em matérias curtas de noticiário de televisão filmadas em uma cidade após a outra. Em Nova York, foi chamada de A Limpeza de Manhattan. Havia grandes fogueiras em Times Square, multidões cantando ao redor delas, mulheres atirando os braços para o alto em agradecimento quando sentiam as câmeras focalizá-las, rapazes jovens de feições regulares e rostos impassíveis atirando as peças nas chamas, braçadas de seda e náilon e imitação de peles, verde-limão, vermelha, violeta; cetim preto, lamê dourado, prateado cintilante; calcinhas, biquínis, sutiãs transparentes, com corações de cetim rosa costurados para cobrir os mamilos. E os fabricantes e importadores e vendedores ajoelhados, arrependendo-se em público, com chapéus cônicos de papel, como chapéus de bobo de antigamente, na cabeça, com a palavra VERGONHA, impressa em vermelho.

Mas algumas peças devem ter sobrevivido às fogueiras, não teria sido possível que pudessem ter recolhido tudo. Ele deve ter conseguido encontrar aquela da mesma maneira que conseguia arranjar as revistas, não honestamente: recende a mercado clandestino. E não é novo, foi usado antes, o tecido debaixo dos braços está amarrotado e ligeiramente manchado do suor de alguma outra mulher.

– Tive que adivinhar o tamanho – diz ele. – Espero que sirva.

– Espera que eu vista isso? – digo. Sei que minha voz soa pudica, desaprovadora. Mesmo assim há algo de atraente na ideia. Nunca usei nada remotamente parecido com isso, tão cintilante e teatral, e é isso o que deve ser, uma antiga fantasia de teatro ou algo de um espetáculo de clube noturno desaparecido; o mais próximo a que jamais cheguei foram trajes de banho, e um conjunto de camisolinha e robe curto, de renda de cor pêssego, que Luke comprou para mim certa vez. Contudo há uma sedução nisso, traz consigo o encantamento infantil de vestir uma fantasia. E seria tão ostensivo, uma tamanha zombaria para com as Tias, tão pecaminoso, tão livre. A liberdade, como tudo o mais, é relativa.

– Bem – digo, não querendo parecer impetuosa demais. Quero que o Comandante sinta que estou lhe fazendo um favor. Agora é possível que cheguemos a ele, a seu verdadeiro, profundo desejo oculto. Será que o Comandante tem um pequenino chicote, escondido atrás da porta? Será que vai aparecer com botas, se curvar ou me curvar sobre a escrivaninha?

– É um disfarce – diz ele. – Você vai precisar pintar o rosto também, tenho o material para isso. Nunca poderá entrar sem isso.

– Entrar onde? – pergunto.

– Esta noite vou levar você para sair.

– Sair? – É uma expressão tão arcaica. Certamente, não há lugar nenhum, não existe mais lugar, onde um homem possa levar uma mulher, para sair.

– Fora daqui – diz ele.

Sei, sem que me diga, que o que está propondo é arriscado, para ele, mas especialmente para mim; mas quero ir de qualquer maneira. Quero qualquer coisa que quebre a monotonia, que subverta a ordem respeitável percebida das coisas.

Digo-lhe que não quero que me olhe enquanto visto essa coisa; ainda sou tímida na frente dele, com relação a meu corpo. Ele diz que vai virar de costas e o faz, e tiro os sapatos e as meias, e os calções de algodão, e visto as penas, por baixo da tenda de meu vestido. Então tiro o vestido e puxo as tiras finas de lantejoulas sobre os ombros. Há sapatos também, de cor malva, com saltos absurdamente altos. Nada me serve muito bem; os sapatos estão um pouco grandes demais, a cintura da fantasia está justa demais, mas cabe.

– Pronto – digo, e ele se vira. Sinto-me idiota; quero me olhar num espelho.

– Encantadora – diz ele. – Agora tome aqui para o rosto.

Tudo o que ele tem é um batom, velho e meio derretido, cheirando a uvas artificiais, um delineador e um rímel para os olhos. Não tem sombra para os olhos nem ruge. Por um momento penso que não me lembrarei de como fazer nada disso, e minha primeira tentativa com o delineador me deixa com uma pálpebra preta manchada, toda borrada, como se tivesse estado numa briga; mas limpo tudo com a loção para as mãos de óleo vegetal e tento de novo. Esfrego um pouco do batom nas maçãs de meu rosto, suavizando a cor. Enquanto faço tudo isso, ele segura um grande espelho de mão com as costas e o punho de prata para mim. Reconheço-o como sendo o de Serena Joy. Deve tê-lo apanhado

emprestado do quarto dela.

Nada pode ser feito com meu cabelo.

– Excelente – diz ele. A essa altura está bastante animado; é como se estivéssemos nos vestindo para ir a uma festa.

O Comandante vai até o armário e tira uma capa longa com um capuz. É azul-clara, a cor das Esposas. Isso também deve ser de Serena.

– Puxe o capuz para baixo sobre o seu rosto – diz ele. – Tente não borrar a maquiagem. É para passar pelos postos de controle.

– Mas e o meu passe? – pergunto.

– Não se preocupe com isso – diz ele. – Tenho um para você.

E assim saímos.

Seguimos juntos silenciosamente pelas ruas que escurecem. O Comandante segura a minha mão direita, como se fôssemos adolescentes no cinema. Aperto bem a capa azul-celeste ao redor de meu corpo, como faria uma boa Esposa. Através do túnel feito pelo capuz posso ver a nuca de Nick. Seu quepe está bem-posto, reto, está sentado direito, reto, o pescoço duro, reto, ele está todo muito reto. Sua postura me desaprova ou estou imaginando? Será que sabe o que estou vestindo por baixo desta capa, terá sido ele quem arranjou? E se foi, isso faz com que sinta raiva, desejo ou inveja, ou alguma coisa, qualquer que seja? Na verdade temos algo em comum: supõe-se que ambos sejamos invisíveis, somos ambos funcionários. Gostaria de saber se ele sabe disso. Quando abriu a porta do carro para o Comandante e, por extensão, para mim, tentei atrair seu olhar, fazer com que olhasse para mim, mas agiu como se não me visse. Por que não? É um trabalho fácil para ele, encarregar-se de pequenos serviços, fazer pequenos favores, e de jeito nenhum ele ia querer pôr isso em risco.

Os postos de controle não são nenhum problema, tudo corre perfeitamente como o Comandante disse que correria, a despeito do coração batendo disparado, da pressão do sangue em minha cabeça. Frouxa, diria Moira.

Depois do segundo posto de controle, Nick diz:

– Aqui, senhor? – E o Comandante responde:

– Sim.

O carro estaciona e o Comandante diz:

– Agora terei que pedir que você se deite no chão do carro.

– Deitar? – pergunto.

– Temos que passar pelo portão – diz ele, como se isso significasse alguma coisa para mim. Tentei lhe perguntar aonde estávamos indo, mas disse que queria me fazer uma surpresa. – Esposas não podem entrar.

Então me estico no chão e o carro dá partida de novo, e durante os primeiros minutos não vejo nada. Debaixo da capa está um calor sufocante. É uma capa de inverno, não uma de algodão de verão, e cheira a naftalina. Ele deve tê-la tirado do baú de roupas de inverno, sabendo que ela não perceberia. O Comandante afastou os pés consideravelmente para me dar espaço. Mesmo assim minha testa está encostada em seus sapatos. Nunca estive tão perto de seus sapatos assim. São duros, muito lisos, sem nenhuma dobra, como as carapaças de besouros: negros, reluzentes, inescrutáveis. Parecem não ter nada a ver com pés.

Passamos por outro posto de controle. Ouço vozes, impessoais, respeitosas, e a janela elétrica descendo e subindo para que os passes sejam mostrados. Desta vez ele não mostrará o meu, o que deveria ser meu, uma vez que publicamente não existo mais, por ora.

O carro volta a dar partida e então para de novo, e o Comandante está me ajudando a levantar.

– Vamos ter que ser rápidos – diz ele. – Esta é uma entrada pelos fundos. Você deve deixar a capa com Nick. Na hora habitual, como sempre – diz para Nick. Então isso também é algo que já fez antes.

Ele me ajuda a tirar a capa; a porta do carro é aberta. Sinto o ar em minha pele quase nua, e me dou conta de que estive suando. Quando me viro para fechar a porta depois de saltar, posso ver Nick me olhando através do espelho. Ele me vê, agora. Será desprezo o que percebo ou indiferença, será isso apenas o que esperava de mim?

Estamos em uma ruela estreita atrás de um prédio de tijolos vermelhos e bastante moderno. Uma fileira de latas de lixo está disposta ao lado da porta, e há um cheiro de galinha frita, estragando. O Comandante tem uma chave para a porta que é lisa, cinzenta e embutida na parede e, creio, feita de aço. No interior há um corredor de concreto aparente com lâmpadas fluorescentes no teto; uma espécie de túnel funcional.

– Tome – diz o Comandante. Ele enfia ao redor de meu pulso uma etiqueta, púrpura, presa numa tira de elástico, como as etiquetas para bagagem em

aeroportos. – Se alguém perguntar, diga que você foi alugada para a noite – diz. Ele me segura pela parte de cima do braço e me conduz em frente. O que quero é um espelho, para ver se meu batom está direito, se as penas estão ridículas demais, desalinhadas demais. Sob esta luz devo estar terrível. Embora agora seja tarde demais.

Idiota, diz Moira.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Seguimos pelo corredor e passamos por outra porta lisa cinzenta e entramos em outro corredor, de iluminação suave e acarpetado desta vez, de uma cor de cogumelo, um rosa-amarronzado. Portas estendem-se ao longo dele, com números estampados: cento e um, cento e dois, da maneira como você conta durante uma tempestade com raios, para ver a que distância está de ser atingido. É um hotel, então. De trás de uma das portas vem o som de gargalhadas, de um homem e também de uma mulher. Faz muito tempo que não ouço isso.

Emergimos em um pátio central. É largo e também alto: se eleva por vários andares até um teto de claraboia. Há uma fonte no meio, na forma de um dente-de-leão em flor. Plantas e árvores em vasos vicejam aqui e ali, trepadeiras pendem das varandas. Elevadores de vidro com paredes laterais ovaladas deslizam subindo e descendo pelas paredes como moluscos gigantes.

Eu sei onde estou. Já estive aqui antes: com Luke, passando tardes, há muito tempo. Era um hotel, na época. Agora está cheio de mulheres.

Fico parada, imóvel e as olho fixamente. Aqui, posso ficar olhando, olhar ao meu redor, não há abas brancas para me impedir de olhar. Minha cabeça despojada das abas parece-me curiosamente leve; como se dela tivesse sido removido um peso, ou substância.

As mulheres estão sentadas, reclinadas preguiçosamente, caminhando descontraídas, encostadas umas nas outras. Há homens circulando entre elas, muitos homens, mas em seus uniformes escuros ou ternos, tão semelhantes uns aos outros que formam apenas uma espécie de pano de fundo. As mulheres por outro lado são tropicais, estão vestidas com todo tipo de trajes festivos bem coloridos. Algumas usam peças como a minha, com penas e brilhos, de corte cavado bem alto nas coxas, bem fundo nos decotes. Algumas vestem lingerie de tempos passados, camisolinhas bem curtas, conjuntos de baby-doll, de vez em quando um négligé transparente. Outras estão em trajes de banho, de uma peça ou biquíni; uma, vejo, está usando uma roupinha de crochê, com grandes

conchas de vieiras cobrindo-lhe os seios. Algumas vestem shorts de corrida com coletes curtos colantes, outras, malhas de ginástica como as que costumavam mostrar na televisão, justas, coladas ao corpo, com perneiras de tricô em tons pastel para aquecimento. Há até mulheres com uniformes de animadoras de torcida, pequenas saias plissadas, letras de tamanho exagerado no peito. Imagino que tenham tido que lançar mão de uma mistura, tudo o que pudessem surrupiar ou recuperar. Todas usam maquiagem, e me dou conta de quanto fiquei desacostumada de ver isso, em mulheres, porque seus olhos me parecem grandes demais, escuros e cintilantes, as bocas vermelhas demais, molhadas demais, mergulhadas em sangue e reluzentes; ou, por outro lado, exageradas demais, grotescas.

Em um primeiro olhar há uma atmosfera bem-humorada nessa cena. É como uma festa à fantasia; elas parecem crianças grandes, vestidas com roupas que encontraram em velhos baús. Será que há alegria nisso? Poderia haver, mas será que escolheram que houvesse? Não dá para saber só de olhar.

Há uma vasta quantidade de nádegas neste aposento. Não estou mais acostumada a elas.

– É como entrar de volta no passado – diz o Comandante. A voz soa satisfeita, deliciada até. – Não acha?

Tento me lembrar se o passado era exatamente assim. Não tenho certeza, agora. Sei que continha essas coisas, mas de algum modo a mistura é diferente. Um filme sobre o passado não é igual ao passado.

– Acho – digo. O que sinto é apenas uma coisa. Certeza de que não estou atemorizada por estas mulheres, não estou chocada com elas. Eu as reconheço como faltosas. O credo oficial as nega, nega sua própria existência, contudo aqui estão elas. Isso pelo menos é alguma coisa.

– Não fique embasbacada – diz o Comandante. – Assim você vai se entregar. Apenas aja com naturalidade. – Mais uma vez ele me conduz adiante. Outro homem o avistou, o cumprimentou e começou a se encaminhar em nossa direção. O aperto da mão do Comandante em meu braço se torna mais forte. – Calma – sussurra ele. – Não perca a calma.

Tudo o que você tem de fazer, digo a mim mesma, é manter a boca fechada e parecer bem burra. Não deve ser tão difícil.

O Comandante se encarrega de toda a conversa por mim, com este homem e com os outros que o seguem. Não diz muito a meu respeito, não precisa. Diz que sou nova, e todos olham para mim e me descartam, e confabulam entre si sobre outras coisas. Meu disfarce desempenha sua função.

Ele mantém meu braço bem seguro, e enquanto fala sua coluna se endireita imperceptivelmente, o peito se expande, a voz adquire mais e mais a vivacidade e a jocosidade da juventude. Ocorre-me que esteja me exibindo, para eles, e eles compreendem isso, são bastante decorosos, mantêm as mãos longe de mim, mas examinam meus seios, minhas pernas, como se não houvesse motivo para não fazerem. Mas ele também está se mostrando para mim. Está demonstrando, para mim, sua maestria do mundo. Está violando as regras, debaixo dos narizes deles, dando-lhes uma banana e se saindo numa boa. Talvez tenha alcançado aquele estado de embriaguez que dizem que o poder inspira, o estado em que você acredita que é indispensável e que portanto pode fazer qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa que tiver vontade, realmente qualquer coisa. Duas vezes, quando acha que ninguém está olhando, dá uma piscadela para mim.

É uma exibição adolescente, a encenação inteira, e patética; mas é algo que compreendo.

Depois de se fartar disso, ele me conduz novamente para outro lugar, até um sofá florido macio do tipo que havia em lobbies de hotel, de fato, é uma estampa floral de que me lembro, o fundo azul-escuro com flores cor-de-rosa *art nouveau*.

– Pensei que seus pés pudessem estar ficando cansados – diz ele – com esses sapatos. – Está certo a respeito disso, e fico grata. – Ele me convida a sentar, depois senta-se a meu lado. Põe um braço ao redor de meus ombros. O tecido áspero de sua manga roça contra a minha pele, ultimamente tão desacostumada a ser tocada.

– E então? – pergunta. – O que acha de nosso clubezinho?

Olho ao meu redor de novo. Os homens não são homogêneos, como pensei de início. Lá adiante, junto à fonte, há um grupo de japoneses, de ternos de um tom cinza mais para o claro, e no canto mais afastado há uma mancha branca: árabes, naquelas amplas túnicas longas que eles usam, o pano que cobre a cabeça cingido por tiras listradas.

– É um clube? – pergunto.

– Bem, é assim que chamamos, entre nós. O clube.

– Pensei que esse tipo de coisa fosse estritamente proibido.

– Bem, oficialmente, é – diz ele. – Mas, afinal, todo mundo é humano.

Espero que ele explique isso, mas não o faz, então eu digo:

– O que isso significa?

– Significa que não se pode trapacear com a Natureza – diz ele. – A Natureza exige variedade para homens. É lógico, razoável, faz parte da estratégia de procriação. É o plano da Natureza. – Não digo nada, de modo que ele prossegue. – As mulheres sabem disso instintivamente. Por que elas compravam tantas roupas diferentes, nos velhos tempos? Para enganar os homens levando-os a pensar que eram várias mulheres diferentes. Uma nova a cada dia.

Ele diz isso como se de fato acreditasse, mas diz muitas coisas assim. Talvez acredite mesmo, talvez não acredite ou talvez faça ambas as coisas ao mesmo tempo. Impossível saber em que ele acredita.

– Então, agora que não temos roupas diferentes – digo –, vocês apenas têm mulheres diferentes. – Isso é ironia, mas ele não demonstra ter notado.

– Resolve uma porção de problemas – diz, sem sequer pestanejar.

Não respondo a isso. Estou começando a ficar farta dele. Tenho vontade de dar-lhe um gelo, passar o resto da noite sem dizer uma palavra. Mas não posso me dar a esse luxo, e sei disso. Não importa o que seja isto, ainda é sair à noite, um programa.

O que realmente gostaria de fazer é conversar com as mulheres, mas vejo pouca chance disso.

– Quem são estas pessoas? – pergunto.

– É apenas para oficiais – diz ele. — De todas as áreas e para funcionários mais graduados. E delegações comerciais, é claro. Estimula o comércio. É um bom lugar para conhecer pessoas. É praticamente impossível fazer negócios sem isso. Tentamos proporcionar algo no mínimo tão bom quanto podem encontrar em outros lugares. Aqui também se podem ouvir coisas; obter informações. Um homem por vezes dirá coisas a uma mulher que não diria a outro homem.

– Não – explico –, quero dizer as mulheres.

– Ah – diz ele. – Bem, algumas delas são profissionais de verdade. Garotas de programa – ele ri – do tempo de antes. Não podiam ser assimiladas; de qualquer maneira, a maioria delas prefere estar aqui.

– E as outras?

– As outras? – diz ele. – Bem, temos uma coleção e tanto. Aquela ali, a de verde, é uma socióloga. Ou era. Aquela era uma advogada, aquela outra era administradora de empresa, tinha um cargo executivo em alguma rede de fast-food, ou talvez fosse de hotéis. Disseram-me que se pode ter uma conversa muito boa com ela se só o que você quiser for conversar. Elas também preferem estar aqui.

– Preferem a quê? – pergunto.

– Às alternativas – diz ele. – Você talvez prefira também, comparado ao que tem. – Ele diz isso com falso recato, está jogando isca, quer ser elogiado, e sei que a parte séria da conversa chegou ao fim.

– Não sei, não – digo, como se refletindo sobre a possibilidade. – Deve ser um trabalho difícil.

– É necessário cuidar do peso, isso com certeza – ele diz. – Eles são rigorosos quanto a isso. Ganhe cinco quilos e eles te mandam para a Solitária – Ele está brincando? É provável que sim, mas eu não quero descobrir.

– Agora – diz ele –, para fazer você entrar no estado de espírito do lugar, que tal um pequeno drink?

– Não devo beber – digo. – Como bem sabe.

– Uma vez não vai fazer mal – responde. – De qualquer maneira pareceria estranho se não o fizesse. Não há tabus, nenhuma proibição ao consumo de nicotina e de álcool por aqui! Como vê, elas de fato têm algumas vantagens aqui.

– Está bem – digo. Em segredo, bem que gosto da ideia, há anos que não tomo um drink.

– O que vai ser então? – pergunta. – Aqui eles têm de tudo. Importado.

– Um gin-tônica – respondo. – Mas fraco, por favor. Não gostaria de fazer você passar vergonha.

– Você não vai fazer – diz, sorrindo. E se levanta; então, surpreendentemente, pega minha mão e beija, na palma. Depois se afasta, encaminhando-se para o bar. Ele poderia ter chamado uma garçonete, há algumas delas, vestindo minissaias pretas idênticas, e com pompons nos seios, mas parecem ocupadas e difíceis de atender.

Então a vejo. Moira. Ela está parada junto com duas outras mulheres, mais

adiante perto da fonte. Tenho que olhar com muita atenção, de novo, para ter certeza de que é ela; faço isso em pulsações, rápidos movimentos dos olhos, de forma que ninguém repare. Está vestida absurdamente, numa fantasia de cetim que um dia foi brilhante, que parece ser a pior coisa para se usar. É sem alças, com barbatanas de metal por dentro, como um corpete, para sustentar e levantar os seios, mas não veste bem em Moira, é grande demais, de modo que um seio está empinado, roliço sobre o decote e o outro não. Ela está repuxando distraidamente a beira do decote, puxando-a para cima. Há um chumaço de algodão preso na parte de trás, posso ver quando ela faz uma meia-volta; parece um absorvente higiênico que foi estourado como uma pipoca. Eu me dou conta de que deveria ser um rabo. Presas à sua cabeça há duas orelhas, de um coelho ou veado, não é fácil dizer; uma das orelhas perdeu a goma ou a armação de arame e metade está caída, desengonçada, para baixo. Ela tem uma gravata-borboleta preta ao pescoço e usa meias arrastão pretas e sapatos de salto alto pretos. Moira sempre detestou sapatos de salto alto.

A fantasia inteira, antiga e bizarra, me faz lembrar de alguma coisa do passado, mas não consigo descobrir o quê. Uma peça de teatro, uma comédia musical? Meninas vestidas para a Páscoa, fantasiadas de coelho. Qual é o significado disso aqui, por que se supõe que coelhos sejam sexualmente atraentes para homens? Como é possível que essa fantasia velha e caindo aos pedaços tenha apelo?

Moira está fumando um cigarro. Dá uma tragada, passa-o para a mulher à sua esquerda, que está de lantejoulas vermelhas com um longo rabo pontudo preso atrás e chifres prateados; uma fantasia de diabo. Agora está com os braços cruzados diante do corpo, debaixo dos seios com armação de metal. Se apoia num pé, depois no outro, os pés devem estar doendo; sua coluna se curva ligeiramente. Ela lança um olhar sem interesse nem especulação ao redor da sala. Este deve ser um cenário familiar.

Através da força de meu desejo tento fazer com que olhe para mim, com que me veja, mas os olhos dela deslizam sobre mim como se eu fosse apenas mais uma palmeira, mais uma cadeira. Com certeza ela tem de se virar, estou desejando isso com tanta intensidade, tem que olhar para mim, antes que um dos homens se aproxime dela, antes que desapareça. A outra mulher com ela, a loura com o paletó de pijama curto cor-de-rosa com a barra orlada de pele esfiapada, já

foi escolhida, entrou no elevador de vidro, subiu e desapareceu de vista. Moira gira a cabeça de novo em mais uma volta pela sala, em busca talvez de pretendentes. Deve ser duro ficar parada ali sem que ninguém a queira, como se estivesse num baile de faculdade, sendo olhada, examinada. Desta vez os olhos dela se detêm, se engancham em mim. Ela me vê. Sabe o suficiente para não reagir.

Olhamos fixamente uma para a outra, mantendo os rostos inexpressivos, apáticos. Então ela faz um pequeno movimento com a cabeça, dá uma ligeira inclinação para a direita. Pega o cigarro de volta da mulher de vermelho, leva-o à boca, deixa a mão descansar no ar por um momento, todos os cinco dedos bem abertos. Então se vira e me dá as costas.

Nosso velho sinal. Tenho cinco minutos para chegar ao banheiro das mulheres, que deve ficar em algum lugar à sua direita. Olho ao redor: nenhum sinal dele. Também não posso me arriscar a me levantar e ir a lugar nenhum sem o Comandante. Não sei o suficiente, não conheço as regras, poderia ser confrontada.

Um minuto, dois. Moira começa a se afastar despreocupadamente, sem olhar em volta. Só pode esperar que eu a tenha compreendido e que a seguirei.

O Comandante volta com dois drinks. Ainda de pé baixa o olhar para mim e sorri, põe os drinks na longa mesinha em frente do sofá e senta-se.

– Está se divertindo? – pergunta. Ele quer que eu me divirta. Afinal tudo isto é um luxo.

Sorrio para ele.

– Há um banheiro que eu possa usar? – pergunto.

– Mas é claro – diz ele. Beberica seu drink. Não me dá instruções para o caminho.

– Preciso ir. – Estou contando em minha cabeça agora, segundos, não minutos.

– Fica ali. – Balança a cabeça.

– E se me detiverem?

– Apenas mostre sua etiqueta – diz ele. – Não haverá problema. Eles saberão que você já está ocupada.

Eu me levanto, meio trôpega avanço atravessando o salão. Cambaleio ligeiramente, quase caio perto da fonte. São os saltos. Sem o braço do

Comandante para me firmar estou desequilibrada. Vários dos homens olham para mim, com surpresa, penso, mais do que com luxúria. Sinto-me uma idiota. Levanto o braço esquerdo de maneira conspícua à minha frente, dobrado no cotovelo, com a etiqueta virada para fora. Ninguém diz nada.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Encontro a entrada para o banheiro das mulheres. Ainda tem *Damas* escrito, em caligrafia antiga com letras douradas. Há um corredor conduzindo à porta, e uma mulher sentada a uma mesa ao lado dela. Supervisionando as entradas e saídas. É uma mulher mais velha, vestindo um cafetã púrpura e com sombra dourada nos olhos, mas sei mesmo assim que é uma Tia. O aguilhão de gado está sobre a mesa, a tira de couro ao redor de seu pulso. Nada de bobagens aqui.

– Quinze minutos – me diz ela. Ela me dá um retângulo de papelão de cor púrpura tirado de uma pilha sobre a mesa. É como uma sala de provar roupas, numa das grandes lojas de departamentos do tempo de antes. Para a mulher atrás de mim a ouço dizer: – Você esteve aqui ainda há pouco.

– Preciso ir de novo – diz a mulher.

– Intervalo de descanso só uma vez por hora – diz a Tia. – Você conhece as regras.

A mulher começa a protestar, numa voz chorosa, desesperada. Abro a porta e empurro.

Eu me lembro disso. Há uma área de descanso, suavemente iluminada em tons rosados, com várias poltronas e um sofá, com estampa de brotos de bambu de cor verde-limão, com um relógio de parede acima dele numa moldura dourada trabalhada em filigrana. Aqui, eles não retiraram o espelho, há um comprido em frente ao sofá. Aqui, você precisa saber como está sua aparência. Mais adiante, depois de uma arcada, fica a fileira de cubículos de toaletes, também cor-de-rosa, e pias e mais espelhos.

Várias mulheres estão sentadas nas cadeiras e no sofá, descalças, fumando. Ficam olhando para mim quando entro. Há perfume no ar e um aroma de fumaça velha, e o cheiro de carne suada.

– Você é nova? – pergunta uma delas.

– Sou – respondo, olhando ao redor em busca de Moira, que não está à vista.

As mulheres não sorriem. Retornam a seus cigarros como se fumá-los fosse coisa séria. Na sala mais além, uma mulher com uma fantasia de gato, com um rabo feito de pele falsa cor de laranja está retocando a maquiagem. Isto aqui é como uma coxia: maquiagem, fumaça, os materiais da ilusão. Paro hesitante, sem saber o que fazer. Não quero perguntar por Moira, não sei se é seguro. Então a descarga de um toalete é dada e Moira sai de um cubículo cor-de-rosa. Ela se aproxima de mim se equilibrando nos saltos; espero por um sinal.

– Está tudo bem – diz ela, para mim e para as outras mulheres. – Eu a conheço. – As outras agora sorriem, e Moira me abraça. Meus braços a envolvem, as barbatanas sustentando seus seios me espetam o peito. Nós nos beijamos, numa face depois na outra. Então recuamos um passo.

– Deus, mas que horror – diz ela. Sorri para mim. – Você parece a Prostituta da Babilônia.

– Não é isso mesmo que devo parecer? – pergunto. – Você parece com alguma coisa que o gato trouxe para dentro de casa.

– É mesmo – diz ela, puxando o decote –, não faz o meu estilo e esta coisa está a ponto de se desmanchar em farrapos. Gostaria que arranjassem alguém que soubesse fazê-las. Então poderia conseguir alguma coisa decente.

– Você escolheu isso? – digo. Pergunto-me se ela teria escolhido aquela fantasia entre as outras, porque é menos espalhafatosa. Pelo menos é apenas preta e branca.

– Não mesmo – diz ela. – É material de distribuição do governo. Imagino que tenham pensado que combinava comigo.

Ainda não consigo acreditar que é ela. Toco em seu braço de novo. Então começo a chorar.

– Não faça isso – diz ela. – Seus olhos vão ficar borrados. De qualquer maneira, não há tempo. Cheguem para lá – ela diz para as duas outras mulheres no sofá, em seu tom imperioso, duro e sem rodeios habitual, e como de hábito, consegue o que quer, sem problema.

– De qualquer maneira meu intervalo acabou – diz uma mulher, que está usando uma fantasia de Viúva Alegre com um espartilho azul-bebê fechado por cordões e meias brancas. Ela se levanta e me dá um aperto de mão. – Bem-vinda – diz ela.

A outra mulher de boa vontade se afasta para o canto e Moira e eu nos

sentamos. A primeira coisa que fazemos é tirar os sapatos.

– Que diabo está fazendo aqui? – diz Moira então. – Não que não seja maravilhoso ver você. Mas não é tão maravilhoso para você. Que foi que fez de errado? Riu do pau dele?

Levanto os olhos para o teto.

– Não tem microfones? – pergunto. Com cuidado, enxugo as lágrimas ao redor de meus olhos com as pontas dos dedos. Saem borrados de preto.

– Provavelmente – diz Moira. – Quer um cigarro?

– Adoraria – respondo.

– Aqui – diz ela para a mulher a seu lado. – Me arranje um, está bem?

A mulher lhe dá um cigarro, sem reclamar. Moira ainda é uma filante de talento. Sorrio ao ver isso.

– Por outro lado, poderia não ter – diz Moira. – Não consigo imaginar que possam se interessar por qualquer coisa que tenhamos a dizer. Já ouviram a maior parte do que queriam, e ninguém sai daqui exceto numa camionete preta. Mas você deve saber disso, se está aqui.

Puxo a cabeça dela para mim de modo que possa cochichar em seu ouvido.

– Sou temporária – digo-lhe. – É só por esta noite que estou aqui. Não deveria de forma alguma estar. Ele me fez entrar às escondidas.

– Quem? – sussurra ela em resposta. – Aquele merda com quem você está, ele é o pior.

– Ele é meu Comandante – digo.

Ela assente.

– Alguns deles fazem isso, têm prazer nisso. É como trepar no altar ou coisa parecida: a sua turma deve ser de receptáculos tão castos. Eles gostam de ver você toda pintada. É só mais uma demonstração de poder nojenta.

Esta interpretação não havia me ocorrido. Eu a aplico ao Comandante, mas parece simples demais para ele, crua demais. Certamente as motivações dele são mais delicadas que isso. Mas pode ser apenas vaidade que me leva a pensar assim.

– Não nos resta muito tempo – digo. – Conte-me tudo.

Moira dá de ombros.

– De que adianta? – diz ela. Mas sabe que adianta alguma coisa, por isso que me conta.

Isto é o que ela diz, sussurra, mais ou menos. Não consigo me lembrar com exatidão, porque não tive meio de escrevê-lo. Completei o relato para ela o máximo que pude: não tínhamos muito tempo, por isso ela me deu apenas as linhas gerais. Além disso também me contou em duas sessões, conseguimos ter mais um intervalo juntas. Tentei fazer com que soasse ao seu jeito tanto quanto pude. É uma maneira de mantê-la viva.

– Deixei aquela bruxa velha da Tia Elizabeth amarrada como um peru de Natal atrás da fornalha. Eu queria matá-la, realmente tive muita vontade, mas agora estou bem satisfeita por não ter feito isso, caso contrário as coisas teriam sido muito piores para mim. Não consegui acreditar em como foi fácil sair do Centro. Vestindo aquele uniforme marrom, apenas saí andando e segui adiante como se soubesse para onde estava indo, até estar fora do raio de visão. Não tinha nenhum grande plano; não foi uma coisa organizada, como eles pensaram, embora quando estavam tentando arrancar a história de mim eu tenha inventado uma porção de coisas. Você faz isso quando eles usam os eletrodos e as outras coisas. Você não se importa com o que diz.

"Mantive meus ombros retos para trás e o queixo levantado e segui marchando, tentando pensar o que faria a seguir. Quando eles desmantelaram a imprensa, prenderam muitas das mulheres que eu conhecia, e imaginei que, muito provavelmente, teriam apanhado o resto àquela altura. Tinha certeza de que tinham uma lista. Fomos burras de pensar que poderíamos continuar como fizemos, mesmo clandestinamente, mesmo depois que tínhamos retirado tudo dos escritórios e escondido em adegas e quartinhos nos fundos de casas de gente amiga. Então eu sabia que não deveria nem tentar nenhuma daquelas casas.

"Eu tinha alguma ideia de onde estava com relação à cidade, embora estivesse andando por uma rua que não conseguia me lembrar de ter visto antes. Mas calculei pelo sol onde ficava o norte. Ter sido escoteira afinal serviu para alguma coisa. Achei que bem que poderia seguir naquela direção, ver se conseguia encontrar o pátio ou a praça ou alguma coisa ao redor. Então eu saberia com certeza onde estava. Também pensei que ficaria melhor para mim estar na direção ao centro das coisas, em vez de me afastar. Pareceria mais plausível.

"Eles tinham montado mais postos de controle enquanto estávamos internadas no Centro, estavam por toda parte. O primeiro quase me fez borrar de

medo. Dei com ele de repente ao dobrar uma esquina. Sabia que despertaria suspeitas se desse meia-volta bem na cara deles e voltasse por onde tinha vindo, de modo que arrisquei blefar para passar como tinha feito no portão, fazendo aquela cara amarrada e me mantendo rígida e franzindo os lábios, e olhando para eles como se não estivessem ali, como se fossem feridas pustulentas. Você sabe a expressão que as Tias fazem quando dizem a palavra *homem*. Funcionou como mágica, e depois nos outros postos de controle também.

"Mas minha massa cinzenta estava a pleno vapor. Eu sabia que só tinha um tempo limitado, antes que encontrassem a bruxa velha e dessem o alarme. Dentro de pouco tempo estariam procurando por mim: uma falsa Tia, andando a pé. Tentei pensar em alguém, passei e repassei todas as pessoas que conhecia. Afinal tentei lembrar o que podia sobre a nossa lista de correspondência. Tínhamos destruído a lista, é claro, logo no início; ou não a destruímos, a dividimos entre nós e cada uma memorizou uma seção, e depois a destruímos. Ainda estávamos usando cartas nessa época, mas não púnhamos mais nosso logotipo nos envelopes. Estava ficando arriscado demais.

"De modo que tentei me lembrar da minha parte da lista. Não vou lhe contar o nome que escolhi, porque não quero que eles tenham problemas, se é que já não tiveram. É possível que eu tenha contado tudo isso, é difícil lembrar o que você diz quando estão fazendo aquilo. Você é capaz de dizer qualquer coisa.

"Eu os escolhi porque eram um casal bem casado, e estes eram mais seguros que qualquer pessoa solteira e especialmente qualquer um que fosse gay. Também me lembrei da indicação ao lado do nome deles. Q, dizia, o que significava que eram quakers. Incluíamos uma indicação da fé religiosa ao lado dos nomes, se houvesse alguma, para as passeatas. Dessa maneira você sabia quem poderia aparecer para o quê. Não adiantava convocar os Cs para passeatas a favor do aborto, por exemplo; não que tivéssemos feito muitas dessas naqueles últimos tempos. Lembrei-me do endereço deles, também. Tínhamos testado umas às outras com relação aos endereços, era importante lembrá-los exatamente, com CEP e tudo.

"Àquela altura eu tinha chegado à avenida Mass e sabia onde estava. E sabia também onde ficava a casa deles. Agora estava me preocupando com outra coisa: quando aquelas pessoas vissem uma Tia subindo pela entrada, simplesmente não trancariam a porta e fingiriam não estar em casa? Mas eu tinha que tentar de

qualquer maneira, era minha única chance. Calculei que provavelmente não fossem atirar em mim. Eram cerca de cinco horas naquele momento. Estava cansada de andar, especialmente daquele jeito das Tias, como um maldito soldado, com uma vara enfiada no rabo, e não tinha comido nada desde o café da manhã.

"O que eu não sabia, é claro, era que naqueles primeiros tempos as Tias e mesmo o Centro não eram de conhecimento público. Era tudo secreto inicialmente, por trás de cercas de arame farpado. Poderia ter havido objeções ao que estavam fazendo, mesmo então. De maneira que embora as pessoas tivessem visto uma Tia aqui e ali, não sabiam para que elas serviam realmente. Devem ter pensado que fossem algum tipo de enfermeira do exército. As pessoas já haviam parado de fazer perguntas, a menos que de fato precisassem.

"De modo que essas pessoas me deixaram entrar imediatamente. Foi a mulher quem atendeu à porta. Disse-lhe que estava encarregada de fazer um questionário. Fiz isso para que ela não demonstrasse surpresa, caso alguém estivesse observando. Mas assim que entrei e a porta fechou, tirei o pano da cabeça e contei a eles quem eu era. Poderiam ter ligado para a polícia ou sei lá o que, sei que estava me arriscando, mas como disse não havia nenhuma escolha. De qualquer maneira não fizeram isso. Deram-me algumas roupas, um vestido dela, e queimaram o uniforme de Tia e o passe na fornalha; sabiam o que precisava ser feito imediatamente. Não lhes agradava me ter ali, isso ficou bem claro, os deixava muito nervosos. Tinham duas crianças pequenas, ambas com menos de sete anos. Eu podia entender o ponto de vista deles.

"Fui ao banheiro, que alívio foi aquilo. Uma banheira cheia de peixes de plástico e assim por diante. Então fiquei sentada no andar de cima, no quarto das crianças, brinquei com elas e com os blocos de plástico, enquanto seus pais ficavam no andar de baixo e decidiam o que fazer a meu respeito. Não estava mais com medo, na verdade, estava me sentindo bastante bem. Fatalista, você poderia dizer. Então a mulher me fez um sanduíche e uma xícara de café e o homem disse que me levaria para outra casa. Não tinham arriscado telefonar antes.

"A outra casa também era de quakers, e chegar ali foi tirar a sorte grande, porque eles eram uma estação na Rota Clandestina Feminina. Depois que o primeiro homem foi embora, disseram que iriam tentar me tirar do país. Não

vou lhe contar como, porque algumas das estações podem ainda estar em operação. Cada uma delas estava em contato apenas com mais outra, sempre a seguinte. Havia vantagens nisso – era sempre melhor se você fosse capturada –, mas desvantagens também, porque se uma estação fosse estourada a rede inteira parava até que pudessem fazer contato com um de seus mensageiros, que pudesse estabelecer uma rota alternativa. Contudo, eram mais organizados do que se poderia imaginar. Tinham agentes infiltrados em alguns lugares úteis, um deles era o correio. Tinham um motorista com um daqueles caminhões pequenos e práticos. Consegui atravessar a ponte e entrar na cidade propriamente dita dentro de uma sacola de correspondência. Posso lhe contar isso agora, porque eles o apanharam, pouco depois disso. Ele acabou no Muro. A gente fica sabendo dessas coisas; aqui se fica sabendo de um bocado de coisas, você ficaria surpresa. São os próprios Comandantes que nos contam, imagino que eles pensam, por que não, não há ninguém para quem a gente possa contar, exceto para nós mesmos, e isso não conta.

"Estou fazendo com que tudo pareça fácil, mas não foi. Eu vivia me borrando de medo o tempo todo. Uma das coisas mais difíceis era saber que aquelas outras pessoas estavam arriscando suas vidas por você quando não precisavam disso. Mas diziam que o estavam fazendo por motivos religiosos e que não deveríamos tomá-lo pessoalmente. Isso ajudava um pouco. Eles diziam suas preces em silêncio todas as noites. Achei aquilo difícil de me habituar, de início, porque me recordava demais daquela merda no Centro. Fazia com que me sentisse nauseada, para dizer a verdade. Eu tinha que fazer um esforço, dizer a mim mesma que isso era uma coisa inteiramente diferente. Eu detestava, no começo. Mas imagino que fosse o que lhes dava forças para continuar. Sabiam mais ou menos o que lhes aconteceria se fossem capturados. Não com detalhes, mas sabiam. Àquela altura tinham começado a exibir parte da coisa na TV, os julgamentos e assim por diante.

"Foi antes que as batidas policiais para prisão dos sectários começassem para valer. Desde que você dissesse que professava algum tipo de fé cristã e fosse casado, isto é, pela primeira vez ainda estavam deixando as pessoas mais ou menos em paz. Estavam se concentrando primeiro nos outros. Trataram de tê-los mais ou menos sob controle antes de começarem a agir contra todos os outros.

“Fiquei na clandestinidade por volta de oito ou nove meses. Era transferida de uma casa segura para outra, havia um número maior delas naquela época. Nem todas eram de quakers, alguns não eram nem religiosos. Eram apenas pessoas que não gostavam da maneira como as coisas estavam evoluindo.

“Quase consegui sair. Eles conseguiram me levar até Salem, então embarquei num caminhão carregado de galinhas para o Maine. Quase vomitei por causa do cheiro; você alguma vez pensou em como seria ser cagada por um monte de galinhas, todas elas enjoadas por causa do movimento do caminhão? Eles estavam planejando me fazer atravessar a fronteira ali; não de carro ou de caminhão, isso já havia se tornado difícil demais, mas de barco, subindo pela costa. Não fiquei sabendo até a noite em que seria feito, eles nunca contavam o próximo passo até estar quase na hora de acontecer. Eram cuidadosos com isso.

“Por isso não sei o que aconteceu. Talvez alguém tenha ficado com medo e desistido na última hora; ou alguém de fora desconfiou. Ou talvez até tenha sido o barco, talvez tenham pensado que aquele sujeito andava saindo demais à noite com seu barco. Àquela altura devia haver Olhos por todos os cantos naquela área e em todos os outros lugares perto da fronteira. Não importa o que tenha sido, o fato é que nos apanharam justamente quando íamos saindo pela porta dos fundos em direção ao embarcadouro. Eu e o sujeito, e a esposa dele também. Eles eram um casal mais velho, de cinquenta e poucos anos. Ele tinha trabalhado pescando lagostas antes que tudo aquilo acontecesse com a pesca costeira por lá. Não sei o que foi feito deles depois disso, porque fui levada numa camionete diferente.

“Achei que poderia ser o fim para mim. Ou voltar ao Centro e às atenções de Tia Lydia e seu cabo de fios de aço. Ela tinha prazer naquilo, você sabe. Fazia toda aquela encenação com aquele negócio de amar-o-pecador, odiar-o-pecado, mas tinha prazer com aquilo. Pensei seriamente em me matar, e talvez o tivesse feito se tivesse encontrado alguma maneira. Mas eles tinham dois guardas na parte de trás da camionete comigo, me vigiando como falcões; não diziam grande coisa, apenas ficavam sentados ali e me vigiavam com aquele olhar duro e vazio como uma parede que eles têm. Então eu não tive nenhuma chance.

“De qualquer forma não fomos parar no Centro, fomos para outro lugar. Não vou falar sobre o que aconteceu depois disso. Prefiro não falar sobre o assunto. Tudo que posso lhe dizer é que eles não deixaram nenhuma marca.

“Quando aquilo acabou eles me mostraram um filme. Sabe sobre o que era? Era sobre a vida nas Colônias. Nas Colônias as pessoas passam o tempo fazendo limpeza. Atualmente a limpeza é muito importante para eles. Por vezes são apenas cadáveres, depois de uma batalha. Os corpos daqueles que vivem nos guetos das cidades são os piores, são deixados expostos aos elementos por mais tempo e ficam mais decompostos. Essa turma não gosta de corpos de gente morta abandonados por aí, têm medo de uma praga ou coisa parecida. De modo que as mulheres nas Colônias por lá cuidam de queimá-los. As outras Colônias, contudo, são piores, há os depósitos de lixo tóxico e a radiação que vaza. Nessas, eles calculam que você tenha três anos no máximo, antes que sua pele se despregue e saia como luvas de borracha. Não se dão ao trabalho de lhe dar muito o que comer, ou de lhe dar trajes de proteção ou coisa nenhuma, é mais barato assim. De qualquer maneira são pessoas de quem eles querem se livrar, na maioria. Dizem que existem outras Colônias, não tão ruins, onde há agricultura: plantações de algodão e de tomates e tudo o mais. Mas o filme que me mostraram não era sobre essas.

“São mulheres idosas, aposto que você andou se perguntando por que não tem visto mais muitas delas circulando, e Aias que estragaram suas três oportunidades, e incorrigíveis como eu. Descartáveis, todas nós. São estéreis, é claro. Se ainda não forem inicialmente, passam a ser depois de ficar algum tempo por lá. Quando eles não têm certeza, fazem uma pequena operação em você, de modo que não haja nenhum erro. Eu diria que cerca de um quarto da população nas Colônias é de homens, também. Nem todos aqueles Traidores de Gênero acabam no Muro.

“Todos eles usam aqueles vestidos compridos, como os do Centro, só que de cor cinza. As mulheres e os homens também, a julgar pelas fotografias de grupos. Imagino que a intenção seja de desmoralizar os homens, obrigando-os a usar vestidos. Que merda, isso me desmoralizaria o suficiente. Como você suporta? Considerando tudo, gosto mais desta minha fantasia.

“Então, depois disso, eles disseram que eu era perigosa demais para que me fosse concedido o privilégio de voltar para o Centro Vermelho. Disseram que eu seria uma influência corruptora. Eu tinha a minha escolha, isto aqui ou as Colônias. Bem, merda, ninguém exceto uma freira escolheria as Colônias. Quero dizer, eu não sou uma mártir. Já tinha mandado ligar minhas trompas, anos

antes, então nem precisava da operação. Ninguém aqui tem ovários viáveis também, você pode imaginar o tipo de problemas que causaria.

"De modo que aqui estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. Teria três ou quatro bons anos antes que a boceta ficasse gasta e eles mandassem você para o cemitério. A comida não é má e tem bebida e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite."

– Moira – digo. – Você não está falando sério. – Ela agora está me assustando, porque o que ouço em sua voz é indiferença, uma falta de volição. Então, será que realmente fizeram isso com ela, tiraram-lhe alguma coisa, o quê?, que costumava ser uma parte tão essencial dela? Mas como posso esperar que Moira continue, com minha idealização de sua coragem, que viva à altura dela, que aja de acordo com ela, quando eu mesma não o faço?

Não quero que Moira seja como eu. Que desista, que aceite submeter-se, salve a própria pele. É nisso que se resume. Quero bravura de sua parte, valentia, heroísmo, combate individual. Algo que me falta.

– Não se preocupe comigo – diz ela. Deve saber parte do que estou pensando. – Ainda estou aqui, você pode ver que sou eu. De qualquer maneira, veja dessa forma: não é tão ruim, há muitas mulheres por aqui. Paraíso de sapatão, você poderia chamar.

Agora ela está caçoando, mostrando alguma energia, e me sinto melhor.

– Eles deixam vocês ficarem juntas? – pergunto.

– Se deixam, cacete, eles encorajam. Sabe como chamam este lugar, entre eles? A Casa de Jezebel. As Tias acham que estamos todas condenadas ao inferno de qualquer maneira, desistiram de nós, de modo que não importa que tipo de vício tenhamos, e os Comandantes estão pouco se lixando com o que façamos em nossas horas de folga. Em todo caso, o fato é que mulher com mulher, digamos, lhes dá tesão.

– E quanto às outras? – pergunto.

– Pense da seguinte maneira – diz ela –, elas não gostam muito de homens. – Moira dá de ombros de novo. Poderia ser resignação.

Aqui está o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar uma história sobre como Moira escapou, para sempre dessa vez. Ou se não pudesse contar isso, gostaria de dizer que ela explodiu a Casa de Jezebel, com cinquenta

Comandantes dentro. Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um ultraje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O Comandante tem uma chave de quarto. Ele a apanhou no balcão da recepção, enquanto eu esperava no sofá florido. Mostra a chave para mim, timidamente. Espera que eu compreenda.

Subimos no elevador de vidro que parece um ovo cortado ao meio, passando pelas varandas ornamentadas com drapeados de trepadeiras. Devo compreender também que estou em exposição.

Ele destranca a porta do quarto. Tudo está igual, exatamente igual ao que era, era uma vez em outro tempo. As cortinas são as mesmas, as de tecido grosso com estampa florida que combinam com a colcha da cama, papoulas cor de laranja sobre um fundo azul-escuro, e as brancas bem finas para diminuir a luminosidade do sol; a escrivaninha e as mesinhas de cabeceira, de cantos em ângulos retos, impessoais; os abajures; os quadros nas paredes: frutas numa tigela, maçãs estilizadas, flores em um vaso, botões-de-ouro e piloselas-alaranjadas combinando com as cortinas. Tudo está igual.

Peço ao Comandante que me dê só um minuto e entro no banheiro. Meus ouvidos estão zumbindo por causa da fumaça, o gim me encheu de lassidão. Molho uma toalhinha e a pressiono sobre a testa. Depois de algum tempo olho para ver se há algum daqueles sabonetes pequeninos em embalagens individuais. Sim, há. Do tipo com a ilustração de cigana, vindos da Espanha.

Inalo o cheiro do sabão, o cheiro desinfetante, e fico parada no banheiro branco, ouvindo os sons distantes de água correndo, de descargas de vasos sanitários sendo puxadas. De uma maneira estranha sinto-me confortada, em casa. Há algo tranquilizador com relação a vasos sanitários. Pelo menos as funções corporais permanecem democráticas. Todo mundo caga, como diria Moira.

Sento-me na borda da banheira, olhando para as toalhas não usadas. Houve um tempo em que teriam me deixado excitada. Teriam significado o que vem depois, do amor.

Eu vi sua mãe, disse Moira.

Onde?, perguntei. Senti-me abalada, surpreendida e confusa. Eu me dei conta de que vinha pensando nela como se estivesse morta.

Não em pessoa, foi naquele filme que eles nos mostraram, sobre as Colônias. Houve um *close-up*, e era ela com certeza absoluta. Estava embrulhada numa daquelas coisas cinza, mas sei que era ela.

Graças a Deus, disse eu.

Por que graças a Deus?, disse Moira.

Pensei que estivesse morta.

Deveria estar, seria melhor para ela, disse Moira. Você deveria desejar que estivesse.

Não consigo me lembrar da última vez em que a vi. Está misturada com todas as outras; foi em alguma ocasião trivial. Ela deve ter aparecido lá em casa; costumava fazer isso, entrava e saía de minha casa como se eu fosse a mãe e ela a filha. Ainda tinha aquela vivacidade. Por vezes, quando estava entre apartamentos, acabando de se mudar para um ou acabando de sair de um, usava minha máquina para lavar e secar a roupa. Talvez tivesse vindo para pegar alguma coisa emprestada comigo; uma panela, um secador de cabelo. Esse também era um de seus hábitos.

Eu não sabia que seria a última vez, se soubesse me lembraria melhor. Não consigo me lembrar nem ao menos do que dissemos.

Uma semana depois, duas semanas, três semanas, quando as coisas se tornaram subitamente tão piores, tentei ligar para ela. Mas ninguém respondia, e não houve resposta quando tentei de novo.

Ela não tinha me dito que pretendia ir para lugar nenhum, mas também talvez não tivesse dito; nem sempre dizia. Ela tinha seu próprio carro e não era velha demais para dirigir.

Finalmente consegui falar com o zelador do apartamento ao telefone. Ele disse que não a tinha visto ultimamente.

Fiquei preocupada. Pensei que tivesse tido um ataque de coração ou um derrame, não era algo fora de questão, embora ela não tivesse estado doente que eu soubesse. Sempre havia sido tão saudável. Ainda se exercitava com aparelhos Nautilus e ia nadar de duas em duas semanas. Eu costumava dizer a meus amigos

que ela era mais saudável do que eu e talvez fosse verdade.

Luke e eu fomos de carro até o centro da cidade, e Luke intimidou o zelador e o obrigou a abrir o apartamento. Ela poderia estar morta, caída no chão, disse Luke. Quanto mais tempo deixar passar, pior será. Já pensou no cheiro? O zelador disse alguma coisa a respeito de precisar de uma autorização, mas Luke sabia ser persuasivo. Deixou bem claro que não iríamos esperar nem ir embora. Eu comecei a chorar. Talvez isso tenha sido o que enfim o convenceu.

Quando o homem destrancou a porta o que encontramos foi um caos. Havia mobília virada, o colchão estava rasgado em tiras, gavetas de cômodas estavam viradas de cabeça para baixo no chão, as coisas que continham espalhadas e amontoadas. Mas minha mãe não estava lá.

Vou chamar a polícia, disse. Eu tinha parado de chorar; me sentia gelada da cabeça aos pés, meus dentes estavam batendo.

Não chame, disse Luke.

Por que não?, perguntei. Estava olhando furiosa para ele, agora estava com raiva. Ele ficou parado ali na ruína da sala de visitas, apenas olhando para mim. Enfiou as mãos nos bolsos, um daqueles gestos sem sentido que as pessoas fazem quando não sabem mais o que fazer.

Apenas não chame, foi o que ele disse.

Sua mãe é uma pessoa impecável, Moira costumava dizer, quando estávamos na faculdade. Mais tarde: ela tem estilo. Mais tarde ainda: ela é uma gracinha.

Ela não é uma gracinha. É minha mãe.

Puxa, dizia Moira, você precisava ver a minha.

Penso em minha mãe varrendo toxinas mortíferas; da mesma maneira como costumavam explorar as velhas na Rússia, varrendo a sujeira. Só que essa sujeira a matará. Não consigo acreditar de todo. Certamente sua insolência, seu otimismo e energia, seu estilo, conseguirão tirá-la disso. Ela vai inventar alguma coisa.

Mas sei que isso não é verdade. É pura transferência de responsabilidade, como crianças fazem, com as mães.

Eu já vivi um luto por ela. Mas o farei de novo e de novo.

Eu me obrigo a voltar, para o aqui, para o hotel. É aqui que preciso estar. Agora,

neste amplo espelho sob a luz branca, lanço um olhar para mim mesma.

É um bom olhar, lento e firme. Estou um desastre. O rímel está borrado de novo, apesar dos reparos feitos por Moira, o batom vermelho-arroxeado escorreu como sangue, o cabelo espalha-se em mechas lambidas, sem direção. As penas em muda cor-de-rosa são berrantes como bonecas de parque de diversões e algumas das lantejoulas estreladas caíram. Provavelmente estavam faltando desde o início e eu não reparei. Sou uma caricatura, de maquiagem ruim e com as roupas de outra pessoa, falso brilho, espalhafato de segunda mão.

Gostaria de ter uma escova de dentes.

Eu poderia ficar parada aqui e pensar no assunto, mas o tempo está passando.

Tenho que estar de volta à casa antes da meia-noite; caso contrário virarei abóbora, ou será que era a carruagem? Amanhã é a Cerimônia, de acordo com o calendário, de modo que esta noite Serena quer que eu preste os serviços devidos, e se não estiver lá ela vai descobrir por que, e então o quê?

E o Comandante, para variar, está esperando; posso ouvi-lo andar de um lado para o outro no quarto principal. Agora ele para diante da porta do banheiro, pigarreia, um *harrum* teatral. Abro a torneira de água quente, para sinalizar que estou pronta ou perto de estar. Eu deveria acabar logo com isso. Lavo minhas mãos. Devo tomar cuidado com a inércia.

Quando saio ele está deitado na grande cama de casal, tendo, reparo, descalçado os sapatos. Deito-me ao lado dele, não preciso ser mandada. Preferiria não fazê-lo; mas é bom me deitar, estou tão cansada.

Enfim sós, penso. O fato é que não quero estar sozinha com ele, não numa cama. Preferiria ter Serena presente também. Preferiria jogar mexe-mexe.

Mas meu silêncio não o intimida.

– Amanhã, não é? – pergunta baixinho. – Pensei que pudéssemos nos antecipar. – Ele se vira para mim.

– Por que me trouxe aqui? – pergunto friamente.

Ele está acariciando meu corpo agora, como se costuma dizer da proa à popa, afago felino ao longo do flanco esquerdo, descendo até a perna esquerda. Ele para no pé, os dedos se fechando ao redor do tornozelo, por um breve instante, como um bracelete, onde fica a tatuagem, um braile que ele sabe ler, uma marcação de gado. Significa propriedade e posse.

Recordo a mim mesma que ele não é um homem sem gentileza; que, em

outras circunstâncias, até gosto dele.

A mão dele faz uma pausa.

– Pensei que você pudesse gostar disso para variar. – Ele sabe que não é o suficiente. – Creio que foi uma espécie de experiência. – Isto também não é o suficiente. – Você disse que queria saber.

Ele se senta, começa a desabotoar a roupa. Será que vai ser pior tê-lo despido de todo o seu poder fardado? Chegou à camisa, então, debaixo dela, tristemente, uma barriguinha. Fiapos de cabelo.

Ele abaixa uma de minhas alças, desliza a outra mão para dentro em meio às penas, mas não adianta, fico deitada ali como um pássaro morto. Ele não é um monstro, penso. Não posso me dar ao luxo de ter orgulho ou aversão, há todo tipo de coisas que têm de ser descartadas, diante das circunstâncias.

– Talvez eu devesse apagar as luzes – diz o Comandante, desanimado e sem dúvida desapontado. Eu o vejo por um momento antes que o faça. Sem seu uniforme ele parece menor, mais velho, como algo ficando seco. O problema é que não posso ser, com ele, em nada diferente da maneira como habitualmente sou com ele. Habitualmente sou inerte. Com certeza deve haver alguma coisa aqui para nós, além dessa futilidade digna de pena.

Finja, berro para mim mesma dentro de minha cabeça. Você deve se lembrar como. Vamos acabar logo com isso, senão você ficará aqui a noite inteira. Movimente-se. Mexa esta sua carne um pouco, respire de maneira audível. É o mínimo que você pode fazer.

XIII
NOITE

CAPÍTULO QUARENTA

O calor à noite é pior do que o calor de dia. Mesmo com o ventilador ligado, nada se move, e as paredes retêm calor, e o irradiam como um forno quente apagado. Com certeza há de chover brevemente. Por que quero que chova? Vai significar apenas mais umidade. Há relâmpagos bem ao longe, mas sem trovão. Olhando pela janela posso vê-los, um ligeiro lampejo, como a fosforescência que se tem nas águas do mar agitadas, por trás do céu que está encoberto e baixo demais e de um cinza fosco infravermelho. Os holofotes estão apagados, o que não é comum. Deve estar faltando eletricidade ou Serena arranjou isso.

Sento na escuridão; não há sentido em acender a luz, para anunciar o fato de que ainda estou acordada. Estou toda vestida com meu hábito vermelho de novo, tendo tirado as lantejoulas, limpado o batom com papel higiênico. Espero que nada apareça, espero não estar com cheiro daquilo, nem dele.

Ela chega à meia-noite, como disse que chegaria. Posso ouvi-la, uma ligeira cadência de batidas, um ligeiro movimento arrastado abafado pelo tapete do corredor, antes que soe seu leve bater à porta. Não digo nada, mas sigo-a de volta pelo corredor e descendo a escada. Ela pode andar mais depressa, é mais forte do que eu havia imaginado. A mão esquerda aperta o corrimão, com dor talvez, mas se sustentando, firmando-a. Penso: ela está mordendo o lábio, está sofrendo. Ela o quer mesmo, quer de verdade, este bebê. Vejo nós duas, uma forma azul, uma forma vermelha, no breve olho de vidro do espelho enquanto descemos. Eu, meu anverso.

Saímos pela cozinha. Está vazia, uma luz fraca para a noite é deixada acesa; tem a calma de cozinhas vazias durante a noite. As tigelas no balcão, as vasilhas e a louça de faiança se avolumam redondas e pesadas em meio à luz sombreada. As facas estão enfiadas no suporte de madeira.

– Não vou sair com você – sussurra ela. Estranho, ouvi-la sussurrando, como se fosse uma de nós. Em geral as Esposas não baixam a voz. – Saia pela porta e vire à direita. Há outra porta, está aberta. Suba a escada e bata, ele está esperando

por você. Ninguém a verá. Ficarei sentada aqui. – Então ela vai esperar por mim, caso haja algum problema; caso Cora e Rita acordem, sem que ninguém saiba por que, saiam do quarto nos fundos da cozinha. O que vai dizer a elas? Que não conseguiu dormir. Que queria tomar um leite quente. Ela será hábil o suficiente para mentir bem, disso posso ter certeza.

– O Comandante está em seu quarto no andar de cima – diz ela. – Não descerá mais a esta hora, nunca desce. – Isso é o que ela pensa.

Abro a porta da cozinha, saio, espero um momento para habituar a visão. Faz tanto tempo que não saio de casa, sozinha, à noite. Agora há trovoadas, a tempestade está se aproximando. O que ela fez quanto aos Guardiões? Eu poderia ser morta a tiros, tomada por um gatuno. Ela os subornou de alguma forma, espero: cigarros, uísque, ou talvez eles saibam de tudo, sobre seu haras de garanhões, talvez, se não funcionar, da próxima vez ela experimente com eles.

A porta para a garagem fica a apenas alguns passos de distância. Atravesso, pés silenciosos sobre a grama, e a abro rapidamente, esgueiro-me para dentro. A escada está escura, mais escura do que meus olhos conseguem ver. Subo tateando, degrau por degrau: carpete aqui, imagino-o da cor de cogumelo. Outrora deve ter sido um apartamento, para um estudante, uma pessoa jovem e solteira com um emprego. Muitas das grandes casas por aqui os tinham. Um conjugado, um estúdio, eram os nomes para apartamentos desse tipo. Fico satisfeita de ser capaz de me lembrar disso. *Entrada independente*, diriam os anúncios de jornal, isso significava que você podia fazer sexo, sem que ninguém soubesse.

Chego ao alto da escada, bato à porta que há ali. Ele a abre pessoalmente, quem mais eu estava esperando? Há um abajur aceso, apenas um, mas claro o suficiente para me fazer piscar. Olho para além dele, não querendo encontrar seus olhos. É um único aposento, com uma cama dobrável aberta, a cama feita, e um balcão quitinete no canto oposto, e outra porta que deve dar para o banheiro. É um quarto despojado, militar, minimalista. Não há quadros nas paredes, não há plantas. Ele está acampado. O cobertor sobre a cama é cinza e diz U.S.

Ele dá um passo para trás e para o lado para me deixar entrar. Está em mangas de camisa e com um cigarro na mão, aceso. Cheiro a fumaça nele, no ar quente do quarto, por toda parte. Gostaria de tirar minhas roupas, banhar-me

nela, esfregá-la sobre minha pele.

Nada de preliminares; ele sabe por que estou aqui. Nem sequer diz coisa alguma, por que perder tempo com brincadeiras, isto é uma missão. Ele se afasta de mim, apaga a luz. Do lado de fora, como pontuação, há o clarão de um raio; quase nenhuma pausa e então o trovão. Ele está desabotoando meu vestido, um homem feito de escuridão, não consigo ver seu rosto e mal consigo respirar, mal consigo resistir, e não estou resistindo. Sua boca está me beijando, suas mãos em mim, não posso esperar e ele está se movendo, já, amor, faz tanto tempo, estou viva em minha pele, mais uma vez, envolvendo-o em meus braços, caindo e água a cair suave por toda parte, parece que para nunca se acabar. Eu sabia que poderia ser apenas uma vez.

Eu inventei isso. Não aconteceu assim. Aqui está o que aconteceu.

Chego ao alto da escada, bato à porta. Ele a abre pessoalmente. Há um abajur aceso; eu pisco. Olho para além dos olhos dele. É um único aposento, a cama está feita, é despojado, militar. Não há quadros, mas no cobertor está escrito U.S. Ele está em mangas de camisa, com um cigarro na mão.

– Tome – diz para mim –, dê um trago. – Nada de preliminares; ele sabe por que estou aqui. Para embarrigar, ficar prenha, se meter em apuros, houve um tempo em que esses eram todos nomes que se davam a isso. Pego o cigarro da mão dele, trago profundamente, passo de volta. Nossos dedos mal se tocam. Mesmo toda essa fumaça me deixa tonta.

Ele não diz nada, apenas olha para mim, o rosto sério. Seria melhor, mais amistoso, se ele me tocasse. Sinto-me burra e feia, embora saiba que não sou nem uma coisa nem outra. Apesar disso, o que ele pensa, por que não diz alguma coisa? Talvez pense que andei me fazendo de vadia, na Jezebel, com o Comandante ou outros. Aborrece-me o fato de que esteja sequer me preocupando com o que ele pensa. Sejamos práticos.

– Eu não tenho muito tempo – digo. Isso é desajeitado e deselegante, não é o que quero dizer.

– Eu poderia apenas esguichar numa garrafa e você poderia botar para dentro. – Ele não sorri.

– Não precisa ser cruel – digo. Possivelmente ele se sente usado. Possivelmente quer alguma coisa de mim, alguma emoção, algum

reconhecimento de que ele também é humano, é mais do que uma máquina de semear. – Eu sei que é difícil para você – tento.

Ele dá de ombros.

– Eu sou pago para isso – diz, mau humor de moleque malcriado. Mas apesar disso não faz nenhum movimento.

Eu sou pago para isso, você faz o serviço, rimo em minha cabeça. Então é assim que vamos fazer. Ele não gostou da maquiagem, das lantejoulas. Vamos jogar duro.

– Você vem aqui com frequência?

– E o que uma boa moça como eu está fazendo num lugar como este – respondo. Nós dois sorrimos: assim está melhor. Isso é uma admissão de que estamos representando, pois o que mais poderíamos fazer numa situação como esta?

– Na abstinência o amor aumenta. – Estamos citando diálogos de velhos filmes, do tempo de antes. E os filmes de então eram de um tempo antes daquele: um tipo de conversa que data de uma era muito anterior à nossa. Nem mesmo minha mãe falava assim, não quando a conheci. Possivelmente ninguém jamais falou assim na vida real, era tudo uma invenção desde o princípio. Ainda assim é espantoso com que facilidade tudo volta à mente, esta conversa falsamente despreocupada e brincalhona, de adocicada sedução sexual. Posso ver agora para que serve, para que sempre serviu: para que cada um mantenha o âmago de si mesmo fora de alcance, fechado, protegido.

Estou triste agora, a maneira como estamos falando é infinitamente triste: música distante, flores de papel descoloridas, cetim gasto, um eco de um eco. Tudo se foi, perdido, não mais possível. Sem nenhum aviso começo a chorar.

Finalmente ele se aproxima, me toma nos braços, acaricia minhas costas, fica a me abraçar assim, para me consolar.

– Vamos – diz ele. – Não temos muito tempo. – Com o braço ao redor de meus ombros ele me conduz até a cama, me deita. Até puxa o cobertor antes. Começa a desabotoar, depois a acariciar, beijos ao lado de minha orelha. – Nada de romance – diz ele. – Está bem?

Isso teria significado outra coisa, outrora. Outrora teria significado: *sem compromissos*. Agora significa: *sem heroísmo*. Significa: não se arrisque por mim, se porventura chegar a isso.

E assim seguimos adiante. E assim.

Eu sabia que poderia ser somente uma vez. Adeus, pensei, mesmo naquele momento, adeus.

Contudo, não houve nenhum trovão, eu acrescentei aquilo. Para encobrir os sons; que tenho vergonha de ter feito.

Também não aconteceu dessa maneira. Não tenho certeza de como aconteceu; não exatamente. Tudo o que posso ter esperança de conseguir é uma reconstrução: a maneira como se sente o amor é sempre apenas uma aproximação.

Em algum momento por volta da metade, pensei em Serena Joy, sentada lá na cozinha. Pensando: vagabunda. Elas abrem as pernas para qualquer um. Tudo o que você tem de fazer é lhes dar um cigarro.

E pensei depois: isto é uma traição. Não o ato em si, mas minha própria reação. Se eu soubesse com certeza que ele estava morto, será que faria diferença?

Eu gostaria de não ter vergonha. Gostaria de ser sem-vergonha. Gostaria de ser ignorante. Assim eu não saberia o quanto era ignorante.

XIV
SALVAMENTO

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Eu gostaria que esta história fosse diferente. Gostaria que fosse mais civilizada. Gostaria que me mostrasse sob uma luz melhor, se não mais feliz, pelo menos mais ativa, menos hesitante, menos distraída por trivialidades. Gostaria que tivesse mais forma. Gostaria que fosse sobre o amor, ou sobre súbitas tomadas de consciência importantes para a vida da gente, ou mesmo sobre pores do sol, passarinhos, temporais ou neve.

Talvez seja sobre todas essas coisas, em certo sentido; mas nesse meio-tempo há tantas outras coisas interferindo no caminho, tanto sussurrar, tanta dúvida e suposição a respeito dos outros, tanta bisbilhotice que não pode ser averiguada, tantas palavras não ditas, tantos movimentos furtivos e sigilo. E existe tanto tempo para ser suportado, tempo pesado como fritura ou cerração espessa; e então simultaneamente estes acontecimentos em vermelho, como explosões, em ruas que de outra maneira seriam decorosas e matronais e sonambúlicas.

Lamento que haja tanto sofrimento nesta história. Lamento que esteja em fragmentos, como um corpo apanhado num fogo cruzado ou desfeito em pedaços à força. Mas não há nada que eu possa fazer para mudá-la.

Mesmo assim me dói contá-la outra vez, mais uma vez. Uma vez não foi o bastante: uma vez não foi o bastante para mim na ocasião? Mas continuo com esta história triste e faminta e sórdida, esta história manca e mutilada, porque afinal quero que você a ouça, como ouvirei a sua também se algum dia tiver a chance, se encontrar você ou se você escapar, no futuro ou no Céu ou na prisão ou na clandestinidade, em algum outro lugar. O que elas têm em comum é que não estão aqui. Ao contar a você qualquer coisa que seja, pelo menos estou acreditando em você, acredito que esteja presente, ao acreditar faço com que você exista. Pelo fato de estar lhe contando esta história determino a sua existência. Conto, portanto você existe.

Assim continuarei. Assim obrigo-me a continuar. Estou chegando a uma parte da qual você absolutamente não vai gostar, porque nela não me comportei

bem, mas tentarei, apesar disso, não deixar nada de fora. Depois de tudo pelo que passou, você merece o que ainda possa restar, o que não é muito, mas inclui a verdade.

Esta é a história, então.

Voltei a procurar Nick. Repetidas vezes, sozinha, sem que Serena soubesse. Não havia razão para isso, não havia nenhuma desculpa. Não o fiz por ele, e sim inteiramente por mim mesma. Nem sequer pensava naquilo como estar me dando a ele, porque o que tinha eu para dar? Não me sentia munificente e sim agradecida, a cada vez ele sempre me deixava entrar. Não tinha nenhuma obrigação de deixar.

Ao fazer isso, tornei-me imprudente, corri riscos idiotas. Depois de estar com o Comandante eu subia da maneira habitual, mas então seguia pelo corredor e descia pela escada das Marthas nos fundos e atravessava a cozinha. A cada vez, ouvia a porta da cozinha se fechar com um estalido às minhas costas e quase me virava e voltava, soava tão metálica, como uma ratoeira ou uma arma, mas não voltava. Eu me apressava em atravessar os poucos metros de gramado iluminado, os holofotes estavam acesos de novo, esperando a qualquer momento sentir as balas me trespassar antes mesmo de ouvi-las. Seguia meu caminho pelo tato enquanto subia a escada escura e parava para descansar encostada na porta, com o martelar do sangue em meus ouvidos. O medo é um poderoso estimulante. Então batia bem de leve, um bater de mendiga. A cada vez esperava que ele não estivesse; ou pior, esperava que dissesse que eu não podia entrar. Ele poderia dizer que não iria mais violar quaisquer regras, enfiar o pescoço na forca, por mim. Ou ainda pior, me dizer que não estava mais interessado. Apesar de minhas expectativas, o fato de ele não fazer nenhuma dessas coisas, era para mim a mais inacreditável boa vontade e sorte.

Eu lhe disse que isso era ruim.

Aqui vai como prossegue.

Ele abre a porta. Está em mangas de camisa, as fraldas da camisa para fora da calça, pendendo soltas; tem na mão uma escova de dentes, ou um cigarro ou um copo com alguma coisa dentro. Ele tem sua própria reserva escondida aqui em cima, coisas do mercado clandestino, imagino. Sempre tem alguma coisa na mão,

como se estivesse cuidando de sua vida como de costume, não contando que eu venha, não esperando por mim. Talvez não conte que eu venha nem espere. Talvez não tenha nenhuma noção do futuro, ou não se dê ao trabalho ou ouse imaginá-lo.

– Está muito tarde? – pergunto.

Ele sacode a cabeça fazendo que não. Agora já está entendido entre nós que nunca é tarde demais, mas cumpro o ritual de cortesia de perguntar. Isso faz com que eu me sinta mais no controle, como se houvesse uma escolha, uma decisão que poderia ser tomada de uma maneira ou de outra. Dá um passo para o lado e entro e ele fecha a porta. Então atravessa o quarto e fecha a janela. Depois disso apaga a luz. Não há mais muita conversa entre nós, não neste estágio. Já tirei metade das roupas. Guardamos a conversa para mais tarde.

Com o Comandante eu fecho os olhos, mesmo quando estou apenas dando-lhe o beijo de boa noite. Não quero vê-lo de perto. Mas agora, aqui, a cada vez, mantenho os olhos abertos. Gostaria de uma luz acesa em algum lugar, uma vela talvez, enfiada numa garrafa, algum eco dos tempos de faculdade, mas qualquer coisa desse tipo seria um risco grande demais; de modo que tenho que me satisfazer com o holofote, seu brilho vindo do terreno gramado abaixo, infiltrado através das cortinas brancas de Nick, que são iguais às minhas. Quero ver o que pode ser visto dele, absorvê-lo, memorizá-lo, preservá-lo de modo que eu possa viver da imagem, depois: as formas de seu corpo, a textura de sua carne, o reluzir de suor em seus pelos, o rosto afilado, sardônico e enigmático. Eu deveria ter feito isso com Luke, prestado mais atenção, aos detalhes, aos sinais e cicatrizes, às rugas singulares, não o fiz e aos poucos ele está se apagando. Dia a dia, noite a noite, ele se retira e me torno mais descrente, mais infiel.

Por este aqui eu usaria penas cor-de-rosa, estrelas purpúreas, se fosse isso o que quisesse; ou qualquer outra coisa, até um rabo de coelho. Mas ele não precisa de enfeites desse tipo. Fazemos amor a cada vez como se soubéssemos, sem qualquer sombra de dúvida, que nunca mais haverá mais, para nenhum de nós dois, com nenhuma outra pessoa, jamais. E então quando há, é sempre uma surpresa também, um extra, um presente.

Estar aqui com ele é segurança; é uma caverna, onde nos aconchegamos juntos enquanto a tempestade continua lá fora. É uma ilusão, é claro. O quarto dele é um dos lugares mais perigosos em que eu poderia estar. Se fosse apanhada

não haveria quartel. Mas está além de minhas forças me importar. E como passei a confiar nele assim, o que é temerário por si só? Como posso presumir que o conheço, ou a mínima coisa a seu respeito e o que ele realmente faz?

Descarto esses sussurros incômodos. Eu falo demais. Conto-lhe coisas que não deveria. Conto a ele sobre Moira, sobre Ofglen; porém não sobre Luke. Quero contar a ele sobre a mulher em meu quarto, a que esteve lá antes de mim, mas não o faço. Tenho ciúmes dela. Se também esteve aqui antes de mim, nesta cama, não quero ouvir falar.

Digo-lhe meu verdadeiro nome, e sinto que portanto sou conhecida. Ajo como uma pateta ignorante. Deveria ter juízo suficiente para não fazer isso. Faço dele um ídolo, uma máscara de papelão.

Ele, por outro lado, fala pouco: não há mais evasivas nem brincadeiras. Mal faz perguntas. Parece indiferente à maior parte do que digo, alerta apenas para as possibilidades de meu corpo, embora me observe enquanto estou falando. Observa meu rosto.

Impossível pensar que qualquer pessoa por quem sinto tamanha gratidão possa me trair.

Nenhum de nós diz a palavra *amor*, nem uma única vez. Seria tentar o destino; seria romance, daria azar.

Hoje há flores diferentes, mais secas, mais definidas, as flores do auge do verão: margaridas, margaridas-amarelas e malmequeres, para começar a nos levar de volta pela longa encosta de descida em direção ao outono. Vejo-as nos jardins, quando passo com Ofglen, indo e vindo. Mal ouço o que diz, não confio mais nela. As coisas que sussurra me parecem irreais. Que utilidade têm, para mim, agora?

Você poderia ir ao gabinete dele à noite, diz ela. Revistar a escrivaninha. Deve haver documentos, anotações.

A porta fica trancada, murmuro.

Poderíamos lhe conseguir uma chave, diz ela. Você não quer saber quem ele é, o que faz?

Mas o Comandante não é mais de interesse imediato para mim. Tenho que fazer um esforço para impedir que minha indiferença com relação a ele seja visível.

Continue fazendo tudo exatamente da maneira como estava fazendo antes, diz Nick. Não mude nada. Caso contrário eles saberão. Ele me beija, olhando-me atentamente o tempo todo. Promete? Não dê escorregões.

Ponho a mão dele sobre a minha barriga. Aconteceu, digo. Sinto que sim. Mais duas semanas e saberei com certeza.

Isso eu sei que é o desejo de que minha esperança se torne realidade.

Ele amará você até a morte, diz ele. E ela também.

Mas é seu, digo. Será seu, na verdade. Quero que seja.

Contudo, não damos continuidade a isso.

Não posso, digo a Ofglen. Tenho medo demais. De qualquer maneira não saberia fazer isso direito. Seria apanhada.

Eu mal me dou ao trabalho de parecer lamentar, tornei-me tão preguiçosa.

Poderíamos tirar você daqui. Podemos levar pessoas para fora do país, diz ela, se realmente for necessário, se estiverem em perigo. Perigo imediato.

O fato é que não quero mais partir, escapar, cruzar a fronteira para a liberdade. Quero estar aqui, com Nick, onde posso tocá-lo, tê-lo.

Ao contar isso, sinto vergonha de mim mesma. Mas significa mais do que parece. Mesmo agora, reconheço essa admissão como uma espécie de autoelogio. Há orgulho nisso, porque demonstra o quanto foi extremo e, portanto, foi justificado, para mim. Quanto realmente valeu a pena. É como aquelas histórias de doença e quase morte, de que a pessoa se recuperou; como histórias de guerra. Demonstram seriedade.

Tanta seriedade com relação a um homem, então, não havia parecido possível antes para mim.

Alguns dias eu era mais racional. Não definia aquilo, para mim mesma, em termos de amor. Dizia: em alguma medida, criei uma vida para mim mesma, aqui. Deve ter sido assim que pensavam as esposas dos colonos e mulheres que sobreviviam às guerras, se ainda tivessem um homem. A humanidade é tão adaptável, diria minha mãe. É verdadeiramente espantoso as coisas com que as pessoas conseguem se habituar, desde que existam algumas compensações.

Agora não deve demorar muito, diz Cora, entregando-me minha pilha de absorventes higiênicos. Não deve demorar muito, sorrindo para mim timidamente, mas também com uma expressão astuta. Será que ela sabe? Será que ela e Rita sabem o que ando fazendo, descendo sorrateira pela escada dos

fundos à noite? Será que me traio, sonhando acordada, sorrindo por nada, de leve tocando meu rosto quando penso que não estão olhando?

Ofglen está desistindo de mim. Ela sussurra menos, fala mais a respeito do tempo. Não sinto arrependimento por isso. Sinto alívio.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

O sino está dobrando; podemos ouvi-lo de muito longe. É de manhã e hoje não tivemos desjejum. Quando chegamos ao portão principal, entramos enfileiradas de duas em duas. Há um contingente reforçado de guardas, um destacamento especial de Anjos, com equipamento de choque – os capacetes com as viseiras escuras protuberantes de acrílico que fazem com que pareçam besouros, os longos porretes, as pistolas de gás –, formando um cordão de isolamento ao redor da parte externa do Muro, para o caso de haver histeria em meio ao público. Os ganchos no Muro estão vazios.

Isto é um Salvamento de distrito, só para mulheres. Os Salvamentos são sempre segregados. Foi anunciado ontem. Eles nos avisam somente na véspera. Não é tempo suficiente, para se habituar com o fato.

Acompanhando o dobrar do sino andamos ao longo dos caminhos outrora usados por estudantes, passando por prédios que outrora eram salões de conferências e dormitórios. É muito estranho estar aqui de novo. Pela aparência externa não se pode dizer que nada tenha mudado, exceto que as venezianas da maioria das janelas estão fechadas. Estes prédios agora pertencem aos Olhos.

Seguimos em fila pelo amplo gramado em frente ao que costumava ser a biblioteca. A escadaria de degraus brancos para subir ainda é a mesma, a entrada principal está inalterada. Há um palco de madeira erigido no gramado, um tanto parecido com o que usavam a cada primavera para a cerimônia de formatura, no tempo de antes. Penso nos chapéus, chapéus de tons pastel, usados por algumas das mães, e nas becas pretas que os alunos vestiam, e nas vermelhas. Mas este palco não é o mesmo afinal, por causa dos três travessões de madeira que se erguem nele, com as cordas com nós corrediços e laçadas.

Na frente do palco há um microfone; a câmera de televisão está posicionada discretamente afastada para o lado.

Só assisti a um desses antes, dois anos atrás.

Salvamentos de Mulheres não são frequentes. Há menos necessidade deles.

Nos dias que correm somos tão bem-comportadas.

Não quero estar contando esta história.

Ocupamos nossos lugares na ordem padrão: Esposas e filhas nas cadeiras dobráveis de madeira posicionadas mais para trás, Econoesposas e Marthas ao redor das beiras e nos degraus da escadaria da biblioteca, e Aias na frente, onde todo mundo pode nos vigiar. Não nos sentamos em cadeira e sim nos ajoelhamos, e desta vez temos almofadas, pequenas, de veludo vermelho, sem nada escrito nelas, nem mesmo *Fé*.

Por sorte o tempo está bom: não está quente demais, claro mas encoberto. Seria horrível ficar aqui de joelhos na chuva. Talvez seja por isso que eles deixem até tão tarde para nos avisar: para poderem saber como o tempo vai estar. É um motivo tão bom quanto qualquer outro.

Ajoelho-me em minha almofada de veludo. Tento pensar sobre esta noite, sobre fazer amor, no escuro, na luz refletida pelas paredes brancas. Lembro-me de ser abraçada.

Há um longo pedaço de corda que serpenteia como uma cobra diante da primeira fila de almofadas, ao longo da segunda, e de volta seguindo para trás em meio às fileiras de cadeiras, dobrando-se em curvas como um rio muito velho e muito vagaroso visto do ar. Estendendo-se até o fundo. A corda é grossa e marrom e cheira a alcatrão. A ponta da frente da corda está esticada e se estende subindo pelo palco. É como um rastilho, ou o barbante de um balão.

No palco, à esquerda, estão aquelas que serão submetidas ao Salvamento: duas Aias e uma Esposa. Esposas são incomuns, e a despeito de mim mesma olho para esta com interesse. Quero saber o que ela fez.

Elas foram postas em seus lugares aqui antes que os portões fossem abertos. Todas estão sentadas em cadeiras dobráveis de madeira, como alunos formandos que estão prestes a receber prêmios. As mãos descansam nos regaços, parecendo que estão unidas com os dedos entrelaçados sossegadamente. As mulheres oscilam um pouco estonteadas, provavelmente foram medicadas com injeções ou comprimidos, de modo a não ficarem agitadas. É melhor se as coisas correrem sem percalços. Estarão amarradas às cadeiras? Impossível dizer, debaixo de todo aquele pregueado.

Agora a procissão oficial está se aproximando do palco, subindo os degraus à

direita: três mulheres, uma Tia na frente, duas Salvadoras com seus capuzes e capas pretos um passo atrás dela. Em seguida estão todas as outras Tias. Os sussurros entre nós se calam. As três se posicionam, viram-se em nossa direção, a Tia flanqueada pelas duas Salvadoras de vestes cerimoniais pretas.

É Tia Lydia. Quantos anos faz desde que a vi? Tinha começado a pensar que existia somente em minha cabeça, mas aqui está ela, um pouco mais velha. Tenho boa visão, posso ver as dobras mais aprofundadas, uma de cada lado do nariz, o cenho franzido entalhado. Seus olhos piscam, ela sorri nervosamente, apertando os olhos, espiando à direita e à esquerda, examinando a plateia, e levanta a mão para ajeitar o ornato de cabeça. Um estranho som estrangulado sai do sistema de alto-falantes: ela está pigarreando.

Comecei a tremer. O ódio enche a minha boca como saliva.

O sol sai, e o palco e suas ocupantes se iluminam como um presépio de Natal. Posso ver as rugas sob os olhos de Tia Lydia, a palidez das mulheres sentadas, os fiapos da corda na minha frente sobre a grama, as lâminas das folhas de relva. Há um dente-de-leão, bem na minha frente, da cor de gema de ovo. Sinto fome. O sino para de dobrar.

Tia Lydia se levanta, alisa a saia com as duas mãos e avança em direção ao microfone.

– Boa tarde, senhoras – diz ela, e há um imediato e ensurdecedor gemido de retorno de som no sistema de alto-falantes. Entre nós, inacreditavelmente, eleva-se o som de risadas. É difícil não rir, é a tensão, e a expressão de irritação no rosto de Tia Lydia enquanto ela ajusta o som. Tudo deve ser cheio de dignidade.

– Boa tarde, senhoras – diz ela de novo, sua voz agora baixa e sem cor. É *senhoras* em vez de *meninas,* por causa das Esposas. – Tenho certeza de que todas nós temos pleno conhecimento das circunstâncias desafortunadas que fazem com que estejamos aqui reunidas nesta bela manhã, quando estou certa de que preferiríamos estar fazendo alguma outra coisa, falo pelo menos por mim mesma, mas o dever é um capataz exigente ou, permitam-me dizer nesta ocasião, uma capataz, é em nome do dever que estamos aqui hoje.

Ela continua assim por mais alguns minutos, mas não escuto. Já ouvi esse discurso, ou um parecido, com demasiada frequência antes: os mesmos lugares-comuns, os mesmos slogans, as mesmas frases: a tocha que iluminará o futuro, o berço da raça, a tarefa diante de nós. É difícil acreditar que não haverá um bater

de palmas educado ao final do discurso e chá com biscoitinhos servidos no gramado.

Aquilo foi o prólogo, penso. Agora ela vai tratar do que interessa. Tia Lydia remexe no bolso, retira um pedaço de papel amassado, e leva um tempo excessivo para desdobrar e ler. Ela o está esfregando em nossos narizes, deixando que tomemos conhecimento de quem realmente é, obrigando-nos a observá-la enquanto lê silenciosamente, ostentando sua prerrogativa. Obscena, reflito. Vamos acabar logo com isso.

– No passado – diz Tia Lydia –, o costume era que um relato detalhado dos crimes pelos quais as prisioneiras foram condenadas precedesse o Salvamento propriamente dito. Contudo, concluímos que uma revelação tão pública, especialmente quando televisionada, é invariavelmente seguida por uma erupção, se me permitem chamar assim, um surto, talvez eu devesse dizer, de crimes exatamente similares. De modo que decidimos, tendo em vista os melhores interesses de todos, não dar continuidade a essa prática. Os Salvamentos irão prosseguir sem mais delongas.

Um murmúrio coletivo se eleva de nós. Os crimes de outras são uma linguagem secreta entre nós. Através deles mostramos a nós mesmas de que poderíamos ser capazes, afinal. Esse anúncio não é bem recebido. Mas nunca se perceberia isso pela expressão de Tia Lydia, que sorri e pestaneja como se banhada por aplausos. Agora ficamos entregues a nossos próprios recursos, nossas próprias especulações. A primeira, a que agora está sendo levantada da cadeira, com luvas pretas em seus antebraços: leitura? Não, isso é punido apenas com a amputação de uma das mãos, na terceira condenação. Falta de castidade ou uma tentativa de assassinar seu Comandante? Ou a Esposa do Comandante, mais provavelmente. Isso é o que estamos pensando. Quanto à Esposa, há basicamente apenas um motivo que as leva ao Salvamento. Podem fazer quase tudo conosco, mas não lhes é permitido nos matar, não legalmente. Não com agulhas de tricô nem tesouras de podar nem facas furtadas da cozinha, e especialmente não quando estamos grávidas. Pode ser adultério, é claro. Sempre pode ser isso.

Ou tentativa de fuga.

– Ofcharles – anuncia Tia Lydia. Não é ninguém que eu conheça. A mulher é trazida para a frente; ela anda como se estivesse realmente se concentrando nisso,

um pé, depois o outro, sem sombra de dúvida está drogada. Há um sorriso grogue incongruente em sua boca. Um lado de seu rosto se contrai, uma piscadela descoordenada, endereçada à câmera. Eles nunca vão mostrar, é claro, não é transmitido ao vivo. As duas Salvadoras amarram-lhe as mãos atrás das costas.

Atrás de mim há um som de engulho.

É por isso que não tivemos desjejum.

– Janine, muito provavelmente – sussurra Ofglen.

Já assisti a isso antes, o saco branco colocado sobre a cabeça, a mulher ser ajudada a subir no banco alto como se estivesse sendo ajudada a subir a escada de um ônibus, mantida firme no lugar, o laço ajustado com delicadeza ao redor do pescoço, como um traje, o banco chutado para longe. Ouvi o longo suspiro se elevar, de toda parte à minha volta, o suspiro como ar escapando de um colchão de ar, eu vi Tia Lydia botar a mão sobre o microfone, para abafar os outros ruídos vindo ali de trás, me inclinei para a frente para tocar na corda diante de mim, ao mesmo tempo que as outras, com as duas mãos, a corda felpuda, pegajosa de alcatrão sob o sol quente, então pus minha mão sobre o coração para mostrar minha unidade com as Salvadoras e meu consentimento, e minha cumplicidade na morte dessa mulher. Eu vi os pés chutando e as duas de preto que agora os agarram com firmeza e os puxam para baixo com todo o seu peso. Não quero mais ver isso. Em vez disso olho para a grama. Descrevo a corda.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Os três corpos estão lá pendurados, apesar dos sacos brancos sobre as cabeças, parecendo curiosamente alongados, como galinhas dependuradas pelo pescoço numa vitrine de açougue; como pássaros com as asas cortadas, como pássaros que não voam, anjos destroçados. É difícil tirar os olhos deles. Abaixo das bainhas dos vestidos os pés balançam, dois pares de sapatos vermelhos, um par de sapatos azuis. Se não fosse pelas cordas e os sacos poderia ser uma espécie de dança, um balé capturado por uma câmera com flash: em pleno ar. Parecem dispostos de maneira deliberada. Parecem frutos da indústria do entretenimento. Deve ter sido Tia Lydia quem botou os azuis no meio.

– O Salvamento de hoje agora está concluído – anuncia Tia Lydia ao microfone. – Mas...

Nós nos viramos para ela, paramos para ouvi-la, para observá-la com atenção. Ela sempre soube calcular bem suas pausas. Uma agitação nos atravessa, uma animação. Alguma outra coisa, talvez, vai acontecer.

– Mas podem se levantar e formar um círculo. – Ela sorri do alto para nós, generosa, munificente. Está a ponto de nos dar alguma coisa. *Conceder*. – Agora, ordenadamente.

Ela está falando conosco, com as Aias. Algumas das Esposas estão indo embora, algumas das filhas. A maioria delas fica para trás, fora do caminho, apenas observam. Não fazem parte do círculo.

Dois Guardiões deslocaram-se para a frente e estão enrolando a corda grossa, tirando-a do caminho. Outros retiram as almofadas. Estamos nos movimentando de maneira desorganizada, no espaço gramado na frente do palco, algumas disputando posições na frente, perto do centro, muitas empurrando com a mesma força para abrir caminho para o meio, onde estarão protegidas. É um erro ficar para trás de maneira muito evidente em um grupo como este; deixa você marcada como indiferente, carecendo de zelo. Há uma energia crescendo aqui, um murmúrio, um tremor de prontidão e raiva. Os

corpos ficam tensos, os olhos mais brilhantes, como se fazendo mira.

Não quero ficar na frente nem atrás tampouco. Não estou certa do que está por vir, embora pressinta que não será nada que queira ver muito de perto. Mas Ofglen está segurando meu braço, me puxa com ela, e agora estamos na segunda fila, com apenas uma cerca fina de corpos na nossa frente. Não quero ver, contudo, também não recuo. Ouvi boatos, nos quais acreditei apenas em parte. Apesar de tudo que já sei, digo a mim mesma: eles não iriam assim tão longe.

– Vocês sabem quais são as regras para a Particicução – diz Tia Lydia. – Esperarão até que eu dê o sinal com o apito. Depois disso, o que fizerem cabe a vocês decidir, até eu tocar o apito de novo. Entendido?

Um barulho se eleva entre nós, um assentimento sem forma.

– Bem, então vamos – diz Tia Lydia. Ela balança a cabeça. Dois Guardiões, não os mesmos que retiraram a corda, agora avançam saídos de trás do palco. Entre eles meio que carregam, meio que arrastam um terceiro homem. Ele também está com um uniforme de Guardião, mas não usa chapéu e o uniforme está sujo e rasgado. Seu rosto está cortado e cheio de hematomas, profundos hematomas marrom-avermelhados, a pele está inchada e encaroçada, coberta de pelos curtos da barba que não foi feita. Não parece ser um rosto, mais parece um legume desconhecido, um bulbo ou tubérculo mutilado, algo que cresceu deformado. Mesmo de onde estou parada posso sentir seu cheiro: ele cheira a merda e vômito. O cabelo é louro e cai sobre seu rosto, arrepiado e endurecido de quê? Suor seco?

Olho fixamente para ele com repulsa. Parece bêbado. Parece um bêbado que esteve numa briga. Por que trouxeram um bêbado para cá?

– Este homem – diz Tia Lydia – foi condenado por estupro. – A voz dela treme de raiva, e de uma espécie de triunfo. – Um dia foi um Guardião. Ele envergonhou seu uniforme. Abusou de seu posto de confiança. Seu parceiro de depravação já foi fuzilado. A pena para estupro, como sabem, é a morte. Deuteronômio 22:23-29. Eu poderia acrescentar que esse crime envolveu duas de vocês e foi cometido à mão armada. Também foi brutal. Não ofenderei seus ouvidos com quaisquer detalhes, exceto para dizer que uma mulher estava grávida e o bebê morreu.

Um suspiro se eleva de nós; a despeito de mim mesma sinto minhas mãos se cerrarem. É demais, essa violação. O bebê também; depois do que passamos. É

verdade, há uma sede de sangue; quero rasgar, arrancar olhos, despedaçar.

Avançamos nos acotovelando, empurrando umas às outras, nossas cabeças viram de um lado para o outro, nossas narinas se alargam de cólera. Fuzilamento seria bom demais. A cabeça do homem gira de lá para cá de maneira estonteada: será que ele ao menos a ouviu?

Tia Lydia espera um momento; então dá um pequeno sorriso e levanta o apito até os lábios. Nós o ouvimos, penetrante e eloquente, um eco de um jogo de voleibol de muito tempo atrás.

Os dois Guardiões soltam os braços do terceiro homem e recuam. Ele cambaleia – será que está drogado? – e cai de joelhos. Os olhos estão franzidos, apertados dentro da carne inchada de seu rosto, como se a luz estivesse clara demais para ele. Enquanto esteve preso mantiveram-no na escuridão. Ele levanta uma das mãos até o rosto, como se para sentir se ainda está lá. Tudo isso acontece depressa, mas parece ser devagar.

Ninguém se move para a frente. As mulheres estão olhando para ele com horror; como se fosse um rato semimorto arrastando-se pelo piso de uma cozinha. Ele está olhando ao redor para nós com os olhos semicerrados, o círculo de mulheres vermelhas. Um canto de sua boca se move para cima, incrível – um sorriso?

Tento olhar dentro dele, dentro do rosto desfigurado, ver como devia ser sua verdadeira aparência. Creio que tem cerca de trinta anos. Não é Luke.

Mas poderia ter sido, sei disso. Poderia ser Nick. Sei que não importa o que tenha feito, não posso tocar nele.

Ele diz alguma coisa. Sai engrolado, como se a garganta estivesse machucada, a língua imensa em sua boca, mas ouço de qualquer maneira. Ele diz:

– Eu não...

Há um impulso repentino para a frente, como uma multidão em um concerto de rock do tempo anterior, quando as portas se abriam, aquela premência se avolumando e passando como uma onda através de nós. O ar está radiante de adrenalina, nos é permitido fazer qualquer coisa e isso é liberdade, em meu corpo também, estou inebriada, cambaleante, o vermelho se espalha por toda parte, mas antes que aquela maré de pano e corpos o golpeie Ofglen está abrindo caminho em meio às mulheres na nossa frente, propelindo-se com os cotovelos, à esquerda, à direita, e correndo para ele. Ela o empurra no chão, de lado, depois

chuta-lhe a cabeça furiosamente, uma, duas, três vezes, golpes violentos e dolorosos com o pé, dados com boa pontaria. Agora há sons, gritos sufocados, um ruído semelhante a rosnado, bramidos, e os corpos vermelhos saltam para a frente e não posso mais ver, ele está obscurecido por braços, punhos, pés. Um grito alto e agudo vem de algum lugar, como o relinchar de um cavalo aterrorizado.

Fico recuada, tento me manter de pé. Algo me acerta por trás. Cambaleio. Quando recupero meu equilíbrio e olho ao redor, vejo as Esposas e filhas se inclinando para a frente em suas cadeiras, as Tias na plataforma observando com interesse o que se passa abaixo. Elas devem ter uma vista melhor lá de cima.

Ele se tornou uma *coisa*.

Ofglen está de volta a meu lado. Seu rosto contraído, sem expressão.

– Eu vi o que você fez – digo-lhe. Agora estou começando a sentir de novo: choque, ultraje, náusea. Barbárie. – Por que fez aquilo? Você! Pensei que você...

– Não olhe para mim – diz. – Elas estão observando.

– Não me importo – digo. Minha voz está se elevando. Não consigo impedir.

– Trate de se controlar – ordena. Ela finge estar limpando minha roupa, meu braço e ombro, trazendo o rosto para perto de minha orelha. – Não seja burra. Ele não era um estuprador coisa nenhuma, era um preso político. Era um dos nossos. Eu o fiz perder os sentidos. Para poupá-lo de mais sofrimento. Você não sabe o que estão fazendo com ele?

Um dos nossos, penso. Um Guardião. Parece impossível.

Tia Lydia sopra o apito de novo, mas elas não param imediatamente. Os dois Guardiões avançam, arrancando-as dali, do que restou. Algumas ficam caídas, estendidas no gramado, onde foram golpeadas ou chutadas por acidente. Algumas desmaiaram. Elas se dispersam em pares ou trincas ou sozinhas. Parecem atordoadas.

– Vocês devem encontrar suas parceiras e entrar de novo em fila – diz Tia Lydia ao microfone. Poucas prestam atenção a ela. Uma mulher vem em nossa direção, andando como se estivesse tateando o caminho com os pés, no escuro: Janine. Há uma mancha de sangue riscando sua face e mais sangue no branco das abas de sua touca. Ela está sorrindo, um alegre e pequenino sorriso. Seus olhos estão vagos.

– Olá – diz ela. – Como têm passado? – Está segurando alguma coisa, com

muita força, na mão direita. É uma mecha de cabelos louros. Dá uma risadinha.

– Janine – digo. Mas ela se deixou levar, perdeu o controle, completamente agora, está em queda livre, está em estado de fuga, fora daqui.

– Tenham um bom dia – diz ela, e continua a caminhar passando por nós, em direção ao portão.

Acompanho-a com o olhar. Saída fácil, é o que penso. Nem sequer sinto pena de Janine, embora devesse. Sinto raiva. Não estou orgulhosa de mim mesma por isso, nem por nada do que aconteceu. Entretanto, é exatamente essa a ideia.

Minhas mãos cheiram a alcatrão aquecido. Quero voltar para a casa e subir até o banheiro e me esfregar e me esfregar, com o sabão áspero e a pedra-pomes, para tirar qualquer resquício desse cheiro de minha pele. O cheiro faz com que me sinta nauseada.

Mas também estou com fome. Isso é monstruoso, mas mesmo assim é verdade. A morte me dá fome. Talvez seja porque fui esvaziada; ou talvez seja a maneira do corpo de garantir que eu permaneça viva, continue a repetir sua mais sólida prece fundamental: *Eu estou. Eu estou*. Eu estou, ainda.

Quero ir para a cama, fazer amor, neste instante.

Penso na palavra *regalar-se*.

Seria capaz de comer um cavalo.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

As coisas voltam ao normal.

Como posso chamar isso de *normal*? Mas comparado com a manhã de hoje, é normal.

No almoço havia um sanduíche de queijo, com pão preto, um copo de leite, talos de aipo, compota de peras. Um almoço de criança na escola. Comi tudo, não rapidamente, mas me regalando com o gosto, os sabores suculentos em minha língua. Agora, vou sair para as compras, como de costume. Até sinto prazer diante dessa perspectiva. Existe um certo consolo que pode ser encontrado na rotina.

Saio pela porta dos fundos, seguindo pelo caminho de cascalho. Nick está lavando o carro, com o quepe enfiado na cabeça inclinado para o lado. Ele não olha para mim. Evitamos olhar um para o outro ultimamente. Com certeza daríamos a perceber alguma coisa se o fizéssemos, mesmo aqui, a céu aberto, sem ninguém para ver.

Espero na esquina por Ofglen. Ela está atrasada. Finalmente a vejo ao longe, uma forma vermelha e branca de pano, como uma pipa, caminhando naquele passo sereno e constante que aprendemos a manter. Vejo-a e não percebo nada de início. Então, à medida que se aproxima, tenho a impressão de que deve haver alguma coisa errada com ela. Sua aparência está errada. Está alterada de alguma maneira indefinível; não está ferida, não está mancando. É como se tivesse encolhido.

Então, quando está ainda mais perto vejo o que é. Ela não é Ofglen. É da mesma altura, mas mais magra, e a pele de seu rosto tem a cor bege e não rosada. Chega junto de mim, para.

– Bendito seja o fruto – diz ela para mim. Impassível. Severa, austera.

– Que possa o Senhor abrir – respondo. Tento não demonstrar surpresa.

– Você deve ser Offred – diz ela. Digo que sim, e começamos nossa caminhada.

E agora, penso. Minha cabeça está fervilhando, isso não é uma boa notícia, que terá acontecido com ela, como faço para descobrir sem demonstrar demasiado interesse? Não devemos criar laços de amizade, lealdades, umas com as outras. Tento me lembrar de quanto ainda falta para Ofglen cumprir seu tempo de serviço no posto atual.

– Tivemos a bênção de tempo bom – digo.

– Que eu recebo com alegria. – A voz plácida, insípida, inexpressiva.

Passamos pelo primeiro posto de controle sem dizer mais nada. Ela é taciturna, mas eu também. Estará esperando que eu comece alguma coisa, me revele, ou será ela uma verdadeira crente, mergulhada numa meditação interior?

– Ofglen já foi transferida, tão cedo? – pergunto, mas sei que não foi. Eu a vi ainda esta manhã. Ela teria me contado.

– Eu sou Ofglen – diz a mulher. Perfeita em cada palavra. E é claro que ela é, a nova, e Ofglen, onde quer que esteja, não é mais Ofglen. Nunca soube seu nome verdadeiro. É assim que você pode se perder, num mar de nomes. Não seria fácil encontrá-la, agora.

Vamos ao Leite e Mel, e ao Toda a Carne, onde compro galinha e a nova Ofglen compra cerca de um quilo de hambúrguer. Encontramos as filas de costume, vejo várias mulheres que reconheço, troco com elas os infinitesimais acenos de cabeça com os quais mostramos umas às outras que somos conhecidas, pelo menos para alguém, ainda existimos. Na saída do Toda a Carne digo à nova Ofglen:

– Deveríamos ir ao Muro. – Não sei o que espero; talvez alguma maneira de testar sua reação. Preciso saber se ela é ou não uma de nós. Se for, se eu conseguir determinar isso, talvez ela possa me contar o que realmente aconteceu com Ofglen.

– Como quiser – diz ela. Isso é indiferença ou cautela?

No Muro estão penduradas as três mulheres desta manhã, ainda com seus vestidos, ainda com seus sapatos, ainda com os sacos brancos sobre a cabeça. Os braços foram desamarrados e estão rígidos e retos, estendidos ao longo dos flancos. A azul está no meio, as duas vermelhas, uma de cada lado, embora as cores não estejam mais tão vívidas; parecem ter desbotado, ficado pardas, como borboletas mortas ou peixes tropicais secando em terra. Perderam o brilho.

Ficamos paradas e as olhamos em silêncio.

– Que isto seja um lembrete para nós – diz a nova Ofglen finalmente.

Não digo nada de início, porque estou tentando compreender o que ela quer dizer. Poderia querer dizer que isso é um lembrete para nós da injustiça e da brutalidade do regime. Nesse caso eu deveria responder *sim*. Ou poderia querer dizer o oposto, que deveríamos nos lembrar de fazer o que nos mandam fazer e não nos meter em encrencas, porque se o fizermos seremos devida e merecidamente punidas. Se ela quer dizer isso, eu deveria responder, *louvado seja*. A voz dela é amena, sem cor, não dá nenhuma pista.

Decido arriscar.

– Sim – digo.

A isso ela não responde, embora eu perceba um lampejo de branco no canto de minha visão, como se ela tivesse olhado para mim rapidamente.

Depois de um momento fazemos meia-volta e começamos a longa caminhada de volta, harmonizando nossos passos da maneira aprovada, de modo que pareçamos estar em uníssono.

Penso que talvez deva esperar antes de tentar qualquer outra coisa além disso. É cedo demais para fazer pressão, para sondar. Deveria deixar passar uma semana, talvez mais, observá-la cuidadosamente, procurar ouvir os tons em sua voz, palavras irrefletidas, da maneira como Ofglen me ouviu. Agora que Ofglen se foi estou alerta de novo, minha preguiça me abandonou, meu corpo não é mais apenas para o prazer, também tem a percepção do perigo que corre. Eu não deveria ser precipitada, não deveria correr riscos desnecessários. Mas preciso saber. Consigo ficar calada até depois de termos passado pelo último posto de controle e faltarem apenas alguns quarteirões, mas então não consigo me controlar mais.

– Não conhecia Ofglen muito bem – digo. – Quero dizer a antiga.

– Ah? – diz ela. O fato de ela ter dito qualquer coisa, por mais que tenha sido cautelosa, me encoraja.

– Só a conheci em maio – digo. Posso sentir minha pele ficando quente, meu coração se acelerando. Isso é perigoso. Para começar, é uma mentira. E como passar para a próxima palavra vital? – Por volta de primeiro de maio, acho que foi isso. O dia que costumavam chamar de dia de maio, Mayday.

– Costumavam? – diz ela, o tom leve, indiferente, ameaçador. – Esse não é um

termo de que eu me lembre. Estou surpreendida que você se lembre. Deveria fazer um esforço... – Ela faz uma pausa. – Para livrar sua mente desses... – Ela faz mais uma pausa. – Ecos.

Agora sinto frio, infiltrando-se sobre minha pele como água. O que ela está fazendo é me advertir.

Não é uma de nós. Mas sabe.

Percorro os últimos quarteirões dominada pelo terror. Fui burra, de novo. Mais do que burra. Não havia me ocorrido antes, mas agora vejo: se Ofglen foi capturada, Ofglen pode falar, a respeito de mim dentre outras. Ela vai falar. Não será capaz de deixar de falar.

Mas eu não fiz nada, digo a mim mesma, não realmente. Tudo que fiz foi saber. Tudo que fiz foi não contar.

Eles sabem onde está minha filha. E se a trouxerem, ameaçarem fazer alguma coisa com ela na minha frente? Ou se fizerem. Não suporto nem pensar no que poderiam fazer. Ou com Luke, e se estiverem com Luke. Ou com minha mãe ou Moira ou quase qualquer outra pessoa. Meu Deus, não me faça escolher. Não seria capaz de suportar isso; Moira estava certa a meu respeito. Eu direi qualquer coisa que quiserem, incriminarei qualquer pessoa. É verdade, o primeiro grito, até mesmo soluço, e me transformarei em gelatina, confessarei qualquer crime, acabarei pendurada num gancho no Muro. Passe despercebida, não se faça notar, costumava dizer a mim mesma, e leve isso até o fim. Não adianta nada.

É assim que falo comigo mesma, a caminho de casa.

Na esquina nos viramos uma para a outra da maneira habitual.

– Sob o Olho Dele – diz a nova e traiçoeira Ofglen.

– Sob o Olho Dele – digo, tentando parecer fervorosa. Como se uma encenação desse tipo pudesse ajudar, agora que já chegamos a este ponto.

Então ela faz uma coisa estranha. Se inclina para a frente, de modo que os duros antolhos em nossas cabeças estejam quase se tocando, de modo que eu possa ver seus olhos claros de cor bege bem de perto, a delicada teia de rugas nas maçãs do rosto, e sussurra, muito rapidamente, a voz tênue como folhas secas.

– Ela se enforcou – diz. – Depois do Salvamento. Viu a camionete vindo para buscá-la. Foi melhor.

Então segue caminhando pela rua e se afastando de mim.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Fico parada um momento, esvaziada de ar, como se tivesse sido chutada.

Então ela está morta, e eu estou segura, afinal. Ela o fez antes que eles viessem. Sinto um imenso alívio. Sinto-me agradecida a ela. Morreu para que eu possa viver. Chorarei sua morte mais tarde.

A menos que esta mulher esteja mentindo. Sempre existe essa possibilidade.

Inspiro, sorvendo o ar profundamente, expiro, para dar oxigênio a mim mesma. O espaço na minha frente escurece, depois clareia. Posso ver meu caminho.

Viro, abro o portão, mantendo a mão nele por um momento para me firmar, entro. Nick ainda está lá, lavando o carro, assobiando um pouco. Parece muito distante.

Meu Deus, penso, farei qualquer coisa que quiseres. Agora que me deixaste escapar impune, eu me anularei, se é o que realmente queres; esvaziarei a mim mesma, verdadeiramente, tornar-me-ei um cálice. Deixarei Nick, esquecerei os outros, pararei de reclamar, aceitarei meu destino. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Abdicarei. Renunciarei.

Sei que isso não pode estar certo, mas penso de qualquer maneira. Tudo que me ensinaram no Centro Vermelho, tudo a que resisti, flui para dentro de mim numa torrente. Não quero dor. Não quero ser uma dançarina, com os pés no ar, minha cabeça um retângulo sem rosto de pano branco. Não quero ser uma boneca dependurada no Muro, não quero ser um anjo sem asas. Quero continuar vivendo, de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente, para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta.

Sinto, pela primeira vez, o verdadeiro poder deles.

Sigo passando pelos canteiros de flores, o salgueiro, me dirigindo à porta dos fundos. Entrarei, estarei em segurança. Cairei de joelhos, em meu quarto, com

gratidão respirarei enchendo os pulmões de ar não renovado, cheirando a cera e lustra-móveis.

Serena Joy saiu pela porta da frente; está parada na escada. Ela me chama em voz alta. O que ela quer? Será que quer que eu vá para a sala de estar e a ajude a enrolar a lã cinzenta? Não vou conseguir manter minhas mãos firmes, ela vai perceber que há alguma coisa. Mas, de qualquer maneira, me encaminho para onde está, uma vez que não tenho escolha.

No degrau mais alto ela se eleva altaneira sobre mim. Seus olhos faíscam enfurecidos, azuis incandescentes em contraste com o branco enrugado de sua pele. Desvio o olhar de seu rosto, baixando-o para o chão; para seus pés, a ponta da bengala.

– Eu confiei em você – diz ela. – Tentei ajudá-la.

Ainda assim não levanto o olhar para ela. A culpa me trespassa, fui descoberta, em quê? De qual de meus muitos pecados sou acusada? A única maneira de descobrir é me manter em silêncio. Começar a me desculpar agora, por isso ou por aquilo, seria um erro grave. Eu poderia revelar alguma coisa de que ela nem sequer desconfia.

Poderia não ser nada. Poderia ser o fósforo escondido em minha cama. Deixo minha cabeça pender.

– Bem, e então? – pergunta ela. – Não tem nada a dizer em sua defesa?

Levanto o olhar para ela.

– A respeito de quê? – consigo gaguejar. Tão logo as palavras são ditas me soam impudentes.

– Veja – diz ela. Tira a mão livre de trás das costas. É sua capa longa que está segurando, a de inverno. – Havia batom nela – diz. – Como pôde ser tão vulgar? Eu *disse* a ele... – Ela deixa cair a capa, está segurando mais outra coisa, a mão é toda ossos. Ela atira aquilo no chão também. As lantejoulas de cor púrpura caem, escorregando para baixo pelo degrau como escamas de serpente, rebrilhando na luz do sol. – Pelas minhas costas – diz ela. – Você poderia ter-me deixado alguma coisa. – Será que ela o ama, afinal, apesar de tudo? Ela levanta a bengala. Penso que vai me bater, mas não bate. – Apanhe essa coisa nojenta e vá para o seu quarto. É igualzinha à outra. Uma vadia. Vai acabar exatamente como ela.

Eu me inclino para baixo, recolho. Atrás de mim Nick parou de assobiar.

Quero me virar, correr para ele, atirar meus braços ao redor dele. Seria tolice.

Não há nada que possa fazer para me ajudar. Ele também se afogaria.

Caminho de volta até a porta dos fundos, entro na cozinha, deixo minha cesta sobre a mesa, subo a escadaria. Meu comportamento é ordeiro e calmo.

XV
NOITE

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Fico sentada em meu quarto, junto da janela, esperando. Em meu colo há um punhado de estrelas amassadas.

Esta poderia ser a última vez que tenho de esperar. Mas não sei o que estou esperando. O que você está esperando?, costumavam dizer. Isso significava *apresse-se*. Não se esperava nenhuma resposta. Pelo que você está esperando é uma pergunta diferente, e não tenho resposta para ela tampouco.

Entretanto não é esperar, exatamente. É mais como uma forma de suspensão. Sem suspense. Finalmente não há tempo.

Estou em desgraça, o que é o oposto de graça. Deveria me sentir pior quanto a isso.

Mas sinto-me serena, em paz, impregnada de indiferença. Não deixe que os bastardos esmaguem você. Repito isso para mim mesma, mas não me transmite nada. Seria a mesma coisa que você dizer: Que não haja ar; ou: Não seja.

Suponho que você poderia dizer isso.

Não há ninguém no jardim.

Gostaria de saber se vai chover.

Lá fora, a luz está pouco a pouco se apagando. Já está avermelhada. Logo estará escuro. Agora, neste instante, já está mais escuro. Não demorou muito.

Há uma variedade de coisas que eu poderia fazer. Poderia atear fogo na casa, por exemplo. Poderia empilhar algumas de minhas roupas e os lençóis, e acender meu único fósforo escondido. Se o fogo não pegasse, estaria acabado. Mas se pegasse, haveria pelo menos um acontecimento, um sinal de algum tipo para marcar minha saída. Algumas chamas, que seriam facilmente apagadas. Enquanto isso eu poderia produzir nuvens de fumaça e morrer sufocada.

Poderia rasgar os lençóis de minha cama em tiras e torcê-los numa corda

ordinária e amarrar uma ponta na perna de minha cama e tentar quebrar a janela. Que é inquebrável.

Poderia ir procurar o Comandante, me atirar no chão, com os cabelos desgrenhados, como dizem, agarrá-lo pelos joelhos, confessar, chorar, implorar. *Nolite te bastardes carborundorum,* eu poderia dizer. Sem chance alguma. Visualizo seus sapatos pretos, bem engraxados, impenetráveis, sem denunciar suas intenções.

Em vez disso, poderia fazer um laço ao redor do pescoço com os lençóis da cama, pendurar-me no armário, arremessar meu peso para a frente, sufocar até morrer.

Poderia me esconder atrás da porta, esperar até ela vir, mancando pelo corredor, trazendo qualquer que seja a sentença, penitência, punição, saltar em cima dela, derrubá-la, chutá-la com violência e precisão na cabeça. Para acabar com seu sofrimento e o meu também. Acabar com nosso sofrimento.

Isso pouparia tempo.

Eu poderia caminhar em passo comedido, descer as escadas e sair pela porta da frente e seguir pela rua, tentando parecer que sei para onde estou indo, e ver até onde conseguiria chegar. Vermelho é tão visível.

Poderia ir até o quarto de Nick, em cima da garagem, como fizemos antes. Poderia me perguntar se ele me deixaria entrar ou não, se me daria abrigo. Agora que a necessidade é real.

Considero todas essas possibilidades ociosamente. Cada uma delas parece ter a mesma medida que todas as outras. Nem uma parece preferível. A fadiga está aqui, em meu corpo, em minhas pernas e olhos. Isso é o que derruba você no final. Fé é apenas uma palavra bordada.

Olho para fora para o crepúsculo e penso sobre o fato de ser inverno. A neve caindo, com suavidade, com facilidade, cobrindo tudo de cristal macio, a névoa do luar antes de uma chuva, borrando os contornos, eliminando cor. Morrer de frio é indolor, dizem, passado o primeiro calafrio e tremor. Você se deita de costas na neve como um anjo feito por crianças e adormece.

Atrás de mim sinto sua presença, de minha antepassada, minha duplicata, girando no ar abaixo do candelabro, com sua fantasia de estrelas e penas, um

pássaro detido ao voar, uma mulher transformada em um anjo, esperando para ser encontrada. Por mim desta vez. Como pude ter acreditado que estava sozinha aqui dentro? Sempre houve duas de nós. Acabe logo com isso, diz ela. Estou cansada desse melodrama, estou cansada de guardar o silêncio. Não há ninguém que você possa proteger, sua vida não tem valor para ninguém. Quero que ela chegue ao fim.

Enquanto estou me levantando ouço a camionete preta. Ouço-a antes de vê-la; mesclada com o crepúsculo, aparece saída de seu próprio som como uma solidificação, uma coagulação da noite. Faz a curva na entrada para carros e para. Consigo ver apenas o olho branco, as duas asas. A tinta deve ser fosforescente. Dois homens se destacam daquela forma, sobem os degraus da escada da frente, tocam a campainha. Eu ouço a campainha tocar, ding-dong, como o fantasma de uma mulher vendedora de cosméticos, lá embaixo no vestíbulo.

Ainda há pior por vir, então.

Estive perdendo meu tempo. Deveria ter cuidado das coisas eu mesma enquanto tinha a possibilidade. Deveria ter roubado uma faca da cozinha, encontrado alguma maneira de passar a mão na tesoura de costura. Havia a tesoura de poda, as agulhas de tricô; o mundo está cheio de armas, se você estiver procurando por elas. Deveria ter prestado atenção.

Mas é tarde demais para pensar a respeito disso agora, os passos deles já soam sobre o carpete rosa-acinzentado da escadaria; um pesado ruído de passos abafados, uma pulsação na testa. Minhas costas estão coladas na janela.

Espero um estranho, mas é Nick quem abre e empurra a porta, acende a luz. Não consigo situar isso, a menos que ele seja um deles. Sempre houve essa possibilidade. Nick, o Olho, investigador particular. Trabalho sujo é feito por gente suja.

Seu merda, penso. Abro minha boca para dizê-lo, mas ele avança, chega bem junto de mim e sussurra.

– Está tudo bem. É Mayday. Vá com eles. – Ele me chama por meu verdadeiro nome. Por que isso deveria significar alguma coisa?

– Eles? – digo. Vejo dois homens parados atrás dele, a luz acima no corredor transformando as cabeças em caveiras. – Você deve estar louco. – Minha suspeita paira no ar acima dele, um anjo sombrio advertindo-me para não acreditar.

Posso quase vê-lo. Por que ele não deveria saber da existência de Mayday? Todos os Olhos devem saber de sua existência; eles a terão arrancado à força, espremendo, esmagando, retorcendo um número suficiente de corpos, um número suficiente de bocas a esta altura.

– Confie em mim – diz ele; o que por si só nunca foi um talismã, não traz nenhuma garantia.

Mas eu a agarro, essa oferta. É tudo o que ainda me resta.

Um na frente, um atrás, eles me escoltam na descida da escadaria. O ritmo dos passos é descansado, as luzes estão acesas. Apesar do medo, como isso é corriqueiro. Daqui posso ver o relógio. Não é nenhuma hora específica.

Nick não está mais conosco. Pode ter descido pela escada dos fundos, não desejando ser visto.

Serena Joy está parada no vestíbulo, abaixo do espelho, olhando para cima, incrédula. O Comandante está atrás dela, com a porta da sala de estar aberta. O cabelo dele está muito grisalho. Parece preocupado e impotente, mas já se afastando de mim, se distanciando. Não importa o que mais eu seja para ele, neste ponto sou também um desastre. Sem dúvida estiveram brigando, por minha causa; sem dúvida ela o esteve fazendo passar o diabo. Ainda tenho sentimentos em mim para ter pena dele. Moira está certa, sou uma frouxa.

– O que ela fez? – diz Serena Joy. Não foi ela quem os chamou, então. Não importa o que ela tivesse reservado para mim, seriam mais privado.

– Não podemos dizer, madame – diz o que está na minha frente. – Desculpe.

– Preciso ver a sua autorização – diz o Comandante. – Tem um mandado?

Eu poderia gritar agora, agarrar-me ao corrimão, abrir mão da dignidade. Poderia detê-los, pelo menos por um momento. Se forem verdadeiros, ficarão, se não, fugirão. Deixando-me aqui.

– Não que precisemos de um, senhor, mas está tudo em ordem – responde o primeiro mais uma vez. – Violação de segredos de Estado.

O Comandante põe a mão na cabeça. O que terei andado dizendo, e para quem, e qual de seus inimigos descobriu? Possivelmente ele será um risco de segurança, agora. Estou acima dele, olhando do alto; ele está encolhendo. Já houve expurgos entre eles, haverá mais. Serena Joy fica branca.

– Sua vadia – diz ela. – Depois de tudo o que ele fez por você.

Cora e Rita aparecem vindas da cozinha. Cora começou a chorar. Eu era a sua esperança, fracassei. Agora nunca terá uma criança.

A camionete está na entrada para carros, as portas duplas permanecem abertas. Os dois, agora um de cada lado, me seguram pelos cotovelos para me ajudar a entrar. Se isto é o meu fim ou um novo começo não tenho nenhum meio de saber: eu me entreguei às mãos de desconhecidos; porque não há outro jeito.

E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz.

NOTAS HISTÓRICAS

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE O CONTO DA AIA

Consistindo em uma transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadeanos, realizado como parte da Convenção da Associação Histórica Internacional, que teve lugar na Universidade de Denay, Nunavit, em 25 de junho de 2195.

Presidente: *Professora Maryann Crescent Moon, Departamento de Antropologia Caucasiana, Universidade de Denay, Nunavit.*

Apresentador do Tema Principal: *Professor James Darcy Pieixoto, diretor, Arquivos dos Séculos XX e XXI, Universidade de Cambridge, Inglaterra.*

CRESCENT MOON:

É com grande prazer que dou as boas-vindas a todos os presentes aqui esta manhã, e estou muito satisfeita por ver que tantos dos senhores compareceram para ouvir a apresentação do professor Pieixoto, que, tenho certeza, será fascinante e valerá a pena ser ouvida. Nós da Associação de Pesquisas de Gilead acreditamos que este período é rico em recompensar o estudo adicional, por ter sido responsável como foi, em última instância, por redesenhar o mapa do mundo, especialmente neste hemisfério.

Mas antes de prosseguirmos, algumas comunicações. A expedição de pesca será realizada amanhã conforme planejado, e para aqueles dos senhores que não trouxeram o equipamento adequado e repelente de insetos, eles estarão disponíveis a um custo nominal no Balcão de Inscrições. A Caminhada na Natureza e a Apresentação dos Grupos de Canções Folclóricas em Trajes de Época ao Ar Livre foram adiadas e remarcadas para depois de amanhã, uma vez que nos foi garantido por nosso infalível professor Johnny Running Dog que as

condições do tempo terão melhorado até lá.

Permitam-me recordar-lhes os outros eventos patrocinados pela Associação de Pesquisa de Gilead oferecidos aos senhores nesta convenção, como parte de nosso Décimo Segundo Simpósio. Amanhã à tarde, o professor Gopal Chatterjee, do Departamento de Filosofia Ocidental, Universidade de Baroda, Índia, apresentará uma palestra sobre "Os Elementos Krishna e Kali na Religião de Estado do Período Inicial de Gilead", e há uma palestra programada para a manhã de quinta-feira, do professor Sieglinda van Buren do Departamento de História Militar na Universidade de San Antonio, República do Texas. O professor Van Buren proferirá o que tenho certeza de que será uma palestra fascinante sobre "A Tática de Varsóvia: Métodos de Cerco de Centro Urbano nas Guerras Civis de Gilead". Tenho certeza de que todos nós desejaremos assistir a ela.

Devo recordar também a nosso apresentador do tema principal – embora tenha certeza de que não é necessário – que o período de tempo que lhe foi concedido deverá ser respeitado, uma vez que desejamos deixar espaço para perguntas, e imagino que nenhum de nós queira perder o almoço como aconteceu ontem. (*Risos.*)

O professor Pieixoto dispensa quaisquer apresentações, uma vez que é bem conhecido por todos nós, se não pessoalmente, então através de suas várias obras publicadas. Estas incluem, "Leis Suntuárias Através das Eras: Uma Análise de Documentos", e o bem conhecido estudo "Irã-Gilead: Duas Monoteocracias do Final do Século XX, Vistas Através de Diários". Como todos os senhores sabem ele é o coeditor, com o professor Knotly Wade, também de Cambridge, do manuscrito que será examinado hoje, tendo colaborado para sua transcrição, anotação e publicação. O título de sua palestra é "Problemas de Autenticação com Relação a *O conto da aia*".

Professor Pieixoto.

Aplausos.

PIEIXOTO:

Obrigado. Tenho certeza de que todos nós tivemos grande prazer em apreciar nossa encantadora truta do Ártico ontem à noite no jantar, e agora estamos tendo grande prazer em apreciar nossa igualmente encantadora presidente do

Ártico. Emprego aqui a palavra "apreciar" em dois sentidos distintos, excluindo, é claro, o terceiro, obsoleto. (*Risos*.)

Mas permitam-me falar sério. Desejo, conforme o título de minha pequena palestra subentende, considerar alguns dos problemas associados com o *soi-disant* manuscrito com o qual agora todos os senhores já estão bastante familiarizados, e que é conhecido pelo título de *O conto da aia.* Digo *soi-disant* porque o que temos diante de nós não é o objeto em sua forma original. No sentido exato da palavra, não era absolutamente um manuscrito quando foi descoberto, e não tinha nenhum título. O sobrescrito *O conto da aia* foi anexado a ele pelo professor Wade, sendo *conto, tale,* em parte uma homenagem ao grande Geoffrey Chaucer; mas aqueles dentre os senhores que conhecem o professor Wade informalmente, como eu, compreenderão quando digo que tenho certeza de que todos trocadilhos foram intencionais, especialmente aquele que diz respeito ao significado vulgar arcaico da palavra *rabo, tail*; este último sendo, em certa medida, por assim dizer, o pomo da discórdia naquela fase da sociedade de Gilead de que trata a nossa saga. (*Risos, aplausos*.) Por esse motivo, nossa associação mantém um interesse em particular no objeto.

Este objeto – eu hesito em usar a palavra *documento* – foi escavado no sítio arqueológico do que um dia foi a cidade de Bangor, no que em tempos anteriores ao princípio do regime de Gilead, teria sido o estado do Maine. Sabemos que aquela cidade era uma proeminente estação intermediária do que a autora se refere como "A Rota Clandestina Feminina", desde então apelidada por alguns de nossos trocistas históricos de "A Rota Clandestina do Sexo Frágil". (*Risos, resmungos*.) Por esse motivo, nossa associação dedicou-lhe um interesse muito especial.

O objeto em seu estado prístino consistia em um pequeno baú de metal, tipo padrão de distribuição do exército dos Estados Unidos, de *circa* talvez 1955. O fato por si só não tem necessariamente nenhum significado, uma vez que tais baús eram com frequência vendidos como "material excedente do exército" e devem portanto ter sido muito comuns. Dentro desse baú, que estava vedado com fita adesiva do tipo outrora usado em pacotes a serem enviados por correio, havia aproximadamente trinta fitas cassete, do tipo que se tornou obsoleto em algum momento durante a década de 1980 ou 1990 com o advento do compact disc.

Quero recordá-los de que não foi o primeiro achado desse tipo. Os senhores sem dúvida estão familiarizados, por exemplo, com o objeto conhecido pelo nome de "As Memórias de A.B.", localizadas numa garagem em um subúrbio de Seattle e com "O Diário de P.", escavado acidentalmente durante a construção de um novo templo quaker nas vizinhanças do que outrora foi Syracuse, Nova York.

O professor Wade e eu ficamos muito entusiasmados com essa nova descoberta. Por sorte tínhamos, com a ajuda de nosso excelente residente técnico especialista em antiguidades, reconstruído uma máquina capaz de tocar essas fitas, e imediatamente demos início ao trabalho meticuloso de transcrição.

Havia no total em torno de trinta fitas na coleção, com proporções variadas de música e narrativa em palavras. De maneira geral, cada fita começa com duas ou três canções, como camuflagem sem dúvida: então a música é interrompida e a voz da narradora ocupa o resto. A voz é de uma mulher e, de acordo com nossos especialistas em impressão de voz, é a mesma em todas elas. As etiquetas nos cassetes eram autênticas de época, datando, é claro, de algum tempo antes do princípio da era inicial de Gilead, uma vez que toda música secular desse tipo foi banida durante o regime. Havia, por exemplo, quatro fitas intituladas "Anos Dourados de Elvis Presley", três de "Canções Folclóricas da Lituânia", três de "Boy George Takes It Off", e duas de "As Cordas Melodiosas de Mantovani", bem como alguns títulos que identificavam uma única fita cada: um dos quais é "Twisted Sister no Carnegie Hall" de que gosto especialmente.

Embora as etiquetas fossem autênticas, elas nem sempre estavam apensas à fita com as canções correspondentes. Além disso, as fitas estavam dispostas sem nenhuma ordem particular, estando soltas no fundo da caixa; tampouco eram numeradas. Desse modo coube ao professor Wade e a mim organizar os blocos de narrativa na ordem em que pareciam seguir; mas, como já disse em outra ocasião, todas as organizações desse tipo são baseadas em um pouco de adivinhação e suposição, e devem ser consideradas como sendo aproximadas; dependendo de pesquisa posterior.

Depois de termos a transcrição em mãos – e tivemos que refazê-la e revisá-la várias vezes, devido a dificuldades criadas por sotaque, referências obscuras e arcaísmos –, tivemos que tomar algumas decisões quanto à natureza do material que havíamos tão laboriosamente adquirido. Várias possibilidades nos confrontaram. Primeira, as fitas poderiam ser uma falsificação. Como os

senhores sabem já foram registrados vários casos de falsificações desse tipo, pelas quais os editores pagaram grandes somas, desejando sem dúvida tirar proveito do sensacionalismo de tais histórias. Parece que certos períodos da história se tornam rapidamente, tanto para outras sociedades quanto para aquelas que as seguem, o material de lendas não especialmente edificantes e a ocasião para muita autocongratulação hipócrita. Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permitam-me dizer que, em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadeana. Sem dúvida já aprendemos a esta altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade gileadeana estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender. (*Aplausos*.)

Para retornar ao tema anterior à minha digressão: gravação em fitas como estas são, contudo, muito difíceis de falsificar de maneira convincente, e fomos assegurados pelos peritos que as examinaram que os objetos físicos em si são genuínos. Certamente a gravação em si, isto é, a superposição de voz sobre fitas de música não poderia ter sido feita no período dos últimos cento e cinquenta anos.

Supondo, então que as fitas sejam genuínas, que dizer da natureza do relato em si? Evidentemente, não poderia ter sido gravado durante o período de tempo que relata, uma vez que, se a autora está contando a verdade, nem máquinas nem fitas teriam estado disponíveis para ela, nem ela teria tido um lugar para escondê-las. Além disso, a narrativa tem um certo caráter reflexivo que, em minha opinião, exclui a possibilidade de sincronicidade. Ela possui um sopro de emoção recordada, se não em tranquilidade, pelo menos *post facto*.

Se pudéssemos determinar uma identidade para a narradora, acreditávamos, poderíamos avançar no caminho de uma explicação para como este documento – permitam-me chamá-lo assim em prol da brevidade – veio a existir. Para fazer isso, tentamos seguir duas linhas de investigação.

Primeiro, tentamos, através de velhas plantas da cidade de Bangor e de outros tipos de documentações que ainda existem, identificar os habitantes da casa que deve ter ocupado o lugar da descoberta por volta daquela época. Possivelmente, raciocinamos, essa casa pode ter sido uma "casa segura" da Rota Clandestina

Feminina, durante nosso período, e nossa autora pode ter sido mantida escondida nela no sótão, por exemplo, ou no porão, ao longo de algumas semanas ou meses, durante os quais teria tido a oportunidade de fazer as gravações. É claro, não havia nada que excluísse a possibilidade de as fitas terem sido transferidas para o lugar em questão depois de terem sido feitas. Esperávamos poder rastrear e localizar os descendentes dos hipotéticos ocupantes, os quais, esperávamos poderiam nos conduzir a outros materiais: diários, talvez, ou mesmo anedotas de família relatadas de geração em geração.

Infelizmente esse caminho não conduziu a lugar nenhum. Possivelmente essas pessoas, se de fato tinham uma ligação com o movimento clandestino, haviam sido descobertas e presas, caso em que qualquer documentação referente a elas teria sido destruída. De modo que seguimos outra linha de abordagem. Pesquisamos os registros do período, tentando correlacionar personagens históricos conhecidos com os indivíduos que aparecem no relato da autora. Os registros sobreviventes da época são incompletos e pouco confiáveis, uma vez que o regime de Gilead tinha o hábito de apagar seus próprios computadores e destruir as listas impressas depois de vários expurgos e levantes internos, mas restam algumas das listas impressas com informações dos computadores. Algumas de fato foram contrabandeadas para a Inglaterra, para uso em propaganda pelas várias sociedades engajadas em movimentos Salvem as Mulheres, dos quais muitos existiam nas Ilhas Britânicas naquela época.

Não tínhamos nenhuma esperança de rastrear a narradora, ela própria, diretamente. Estava claro pelos fatos e dados internos que fazia parte da primeira leva de mulheres recrutadas para propósitos reprodutivos e fora destinada àqueles que não só requeriam esses serviços bem como podiam reivindicá-los por meio de sua posição na elite. O regime criou uma reserva imediata dessas mulheres ao declarar adúlteros todos os segundos casamentos e ligações extraconjugais, prendendo as parceiras de sexo feminino, e, com o fundamento de que elas eram moralmente inaptas, confiscando os filhos e filhas que já tivessem, que foram adotados por casais sem filhos dos escalões superiores que eram ávidos por ter progênie, quaisquer que fossem os meios empregados. (No período médio, essa política foi ampliada de modo a cobrir todos os casamentos que não tivessem sido contraídos no seio da igreja do Estado.) Desse modo, homens ocupando altas posições no regime puderam escolher a dedo entre as

mulheres que tinham demonstrado ser aptas reprodutivamente ao terem concebido e dado à luz uma ou mais crianças saudáveis, uma característica desejável numa era de índices de natalidade caucasianos em queda livre, um fenômeno observável não só em Gilead, mas também na maioria das sociedades caucasianas do norte na época.

Os motivos desse declínio não estão totalmente esclarecidos para nós. Parte do insucesso em se reproduzir pode sem dúvida ser atribuído à disponibilidade ampla de meios de controle de natalidade de vários tipos, inclusive o aborto, no período pré-Gilead imediatamente anterior. Parte da infertilidade, portanto, era desejada, o que pode ser responsável pelas estatísticas divergentes entre caucasianos e não caucasianos; mas o resto não era. Será que preciso recordar-lhes que aquela foi a era da cepa-R de sífilis e também da infame epidemia de Aids que, uma vez disseminadas livremente entre a população, eliminaram muitas pessoas jovens sexualmente ativas da combinação de recursos genéticos? Bebês natimortos e com deformidades genéticas tornaram-se comuns e seus números entraram em crescimento, e essa tendência tem sido relacionada aos vários acidentes em usinas nucleares, panes e ocorrências de sabotagem que caracterizaram o período, bem como os vazamentos de estoques de armas químicas e biológicas e de locais de depósito de lixo tóxico, dos quais muitos milhares existiam, tanto legais quanto ilegais – em alguns casos esses materiais eram simplesmente lançados no sistema de esgotos –, e ao uso descontrolado de inseticidas químicos, herbicidas e outras substâncias líquidas pulverizadas.

Mas qualquer que tenha sido a causa, os efeitos foram visíveis, e o regime de Gilead não foi o único a reagir a eles na época. A Romênia, por exemplo, havia se antecipado a Gilead nos anos 1980 ao banir todas as formas de controle de natalidade, impondo testes de gravidez compulsórios a toda a população de sexo feminino, e vinculando promoções e aumentos de salários à fertilidade.

A necessidade do que eu poderia chamar de serviços de reprodução humana já era reconhecida no período pré-Gilead, no qual estava sendo atendida inadequadamente por "inseminação artificial", "clínicas de fertilidade", e pelo uso de "mães de aluguel", que eram contratadas com esse propósito. Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos; assim substituíram a poligamia serial, comum no período pré-Gilead,

pela forma mais antiga de poligamia simultânea, praticada tanto nos tempos primitivos do Velho Testamento bem como no antigo estado de Utah, no século XIX. Como sabemos pelo estudo da história, nenhum novo sistema pode se impor a um anterior sem incorporar muitos dos elementos a serem encontrados neste último, como comprovam os elementos pagãos no cristianismo medieval e a evolução da KGB russa a partir do serviço secreto czarista que a precedeu, e Gilead não foi exceção a essa regra. Suas políticas racistas, por exemplo, estavam firmemente enraizadas no período pré-Gilead, e temores racistas forneceram parte do combustível emocional que permitiu que o golpe de Gilead para a tomada do poder fosse tão bem sucedido quanto foi.

Nossa autora, então, foi uma dentre muitas, e deve ser vista dentro do escopo mais amplo do momento na história do qual era uma participante. Mas o que mais sabemos a respeito dela, exceto pela idade, algumas características físicas que poderiam ser de qualquer pessoa e seu local de residência? Não muito. Ela parece ter sido uma mulher instruída, tanto quanto poderia-se dizer que fosse instruída qualquer pessoa graduada por uma faculdade norte-americana da época. (*Risos, alguns resmungos*.) Mas as classes trabalhadoras brancas, como se costuma dizer por aqui, eram repletas de mulheres como ela, de modo que isso não ajuda em nada. Ela não achou conveniente nos fornecer seu nome original, e de fato, todos os registros oficiais dele teriam sido destruídos por ocasião de sua entrada no Centro de Reeducação Raquel e Lea. "Offred" não nos dá nenhuma pista, uma vez que, como "Ofglen" e "Ofwarren", era um patronímico, composto da preposição possessiva "of", ou seja "de", e o nome de batismo do cavalheiro em questão. Tais nomes eram assumidos por essas mulheres por ocasião de sua entrada em contato com a casa e a família de um Comandante específico e abandonados por elas ao deixá-las.

Os outros nomes no documento são igualmente inúteis para os propósitos de identificação e autenticação. "Luke" e "Nick" não resultaram em nada, da mesma maneira que "Moira" e "Janine". De todo modo, há uma alta probabilidade de que fossem pseudônimos, adotados para proteger esses indivíduos caso as fitas viessem a ser descobertas. Se for assim, isso confirmaria nossa opinião de que as fitas foram gravadas *dentro* das fronteiras de Gilead, e não fora, para serem contrabandeadas de volta a fim de serem usadas pelo movimento clandestino de resistência Mayday.

A eliminação das possibilidades anteriores nos deixou com uma restante. Se pudéssemos identificar o fugidio "Comandante", acreditávamos, pelo menos algum progresso teria sido feito. Raciocinamos que um indivíduo tão altamente colocado tinha, provavelmente, sido um participante nos primeiros dos ultrassecretos Laboratórios de Ideias dos Filhos de Jacob, nos quais a filosofia e estrutura social de Gilead foram concebidas e forjadas. Esses grupos foram organizados pouco depois do reconhecimento do empate forçado em termos de poderio de armas pelas superpotências e da assinatura em segredo do Acordo de Esferas de Influência, que deixou as superpotências livres para lidar, sem os empecilhos criados por interferência, com o número crescente de rebeliões em seus próprios impérios. Os registros oficiais das reuniões dos Filhos de Jacob foram destruídos depois do Grande Expurgo do período médio, que desacreditou e liquidou um número considerável dos arquitetos originais de Gilead, mas temos acesso a algumas informações através do diário mantido em código cifrado por Wilfred Limpkin, um dos sociobiólogos atuais. (Como sabemos, a teoria sociobiológica da poligamia natural foi usada como justificativa para algumas das mais estranhas práticas do regime, do mesmo modo que o darwinismo foi usado por ideologias anteriores.)

A partir do material de Limpkin sabemos que há dois possíveis candidatos, isto é, dois cujos nomes incorporam o elemento "Fred": Frederick R. Waterford e B. Frederick Judd. Não sobrevivem quaisquer fotografias de nenhum deles, embora Limpkin descreva este último como um almofadinha presunçoso, e, citando suas palavras, "alguém para quem preliminares é o que se faz num campo de golfe". (*Risos*.) O próprio Limpkin não sobreviveu muito tempo após a instauração do regime de Gilead, e temos seu diário somente porque ele previu seu próprio fim e o deixou com sua cunhada em Calgary.

Waterford e Judd possuem ambos características que os recomendam para nosso caso. Waterford tinha uma formação e passado de trabalho em pesquisa de mercado, e foi, de acordo com Limpkin, responsável pelo design das indumentárias femininas e pela sugestão de que as Aias usassem vermelho, o que ele parece ter tomado emprestado dos uniformes dos prisioneiros de guerra alemães nos campos de "prisioneiros de guerra" canadenses da época da Segunda Guerra Mundial. Ele parece ter sido o criador do termo *Particicução*, que roubou de um programa de exercícios muito apreciado em algum momento no último

terço do século passado; a cerimônia coletiva da corda, contudo, foi sugerida por um costume de aldeia da Inglaterra do século XVII. *Salvamento*, pode ter sido criação dele também, embora por ocasião do princípio do regime de Gilead tivesse se disseminado de sua origem nas Filipinas a fim de se tornar um termo genérico para denominar a eliminação de inimigos políticos. Como já disse antes, havia muito pouco de verdadeiramente original ou nativo em Gilead: sua genialidade foi a síntese.

Judd, por outro lado, parece ter estado menos interessado na apresentação e mais preocupado com a tática. Foi ele quem sugeriu o uso de um obscuro manual da "CIA" sobre a desestabilização de governos estrangeiros como guia estratégico para os Filhos de Jacob, e foi ele, também, quem redigiu as primeiras listas de "americanos" proeminentes da época a serem alvos de assassinato. Também é suspeito de ter orquestrado o Massacre do Dia do Presidente, que deve ter exigido um nível máximo de infiltração no sistema de segurança ao redor do Congresso, e sem o qual a Constituição nunca poderia ter sido suspensa. Os Territórios Nacionais e o plano de embarcar em navios as pessoas de religião judaica foram ambos dele, bem como a ideia de privatização do esquema de repatriação dos judeus, com o resultado de que mais de uma carga inteira de navio lotado de judeus foi simplesmente despejada no Atlântico, para maximizar os lucros. Pelo que sabemos de Judd, isso não o teria incomodado muito. Ele era um linha-dura, e Limpkin lhe dá o crédito pelo comentário: "Nosso grande erro foi ensiná-los a ler. Não faremos isso de novo."

É a Judd quem se credita a invenção da forma, em vez do nome, da cerimônia de Particicução, com o argumento de que era não apenas uma maneira especialmente aterrorizante e eficiente de se livrar de elementos subversivos, mas que também agiria como uma válvula de escape para dar vazão à pressão para os elementos femininos em Gilead. Bodes expiatórios têm sido notoriamente úteis ao longo dos tempos na história, e deve ter sido muitíssimo gratificante para aquelas Aias, tão rigidamente controladas em todos os outros momentos, poderem rasgar um homem em pedaços com as mãos nuas de vez em quando. Tão apreciada e eficiente se tornou essa prática que foi regulamentada no período médio, quando era realizada quatro vezes por ano, nos solstícios e nos equinócios. Há ecos aqui dos ritos de fertilidade dos cultos primitivos da deusa Terra. Como ouvimos no debate sobre o tema por especialistas, ontem à tarde,

Gilead era, embora inquestionavelmente patriarcal na forma, ocasionalmente matriarcal no conteúdo, como alguns setores da estrutura social que lhe deu origem e a levou ao poder. Como sabiam os arquitetos de Gilead, para instituir um sistema totalitarista eficaz ou, de fato, qualquer sistema, seja lá qual for, é preciso que se ofereçam alguns benefícios e liberdades, pelo menos para uns poucos privilegiados, em troca daqueles que se retiram.

Com relação a isso talvez sejam relevantes alguns comentários sobre a agência de controle de elite conhecida pelo nome de as "Tias". Judd – de acordo com o material de Limpkin – era desde o início de opinião que a melhor maneira e a mais eficiente em termos de custos de controlar mulheres, para propósitos reprodutivos e outros, era por meio das próprias mulheres. Quanto a isso havia muitos precedentes históricos; de fato, nenhum império imposto pela força ou de outro modo jamais deixou de ter essa feição característica: o controle dos nativos por membros de seu próprio grupo. No caso de Gilead, existiam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, fosse por causa de uma crença genuína no que chamavam de "valores tradicionais", ou pelos benefícios que poderiam desse modo adquirir. Quando o poder é escasso, ter um pouco dele é tentador. Havia também um induzimento negativo: mulheres sem filhos ou estéreis ou mais velhas que não eram casadas podiam se alistar para servir como Tias e assim escapar à inutilidade e consequente embarque para as infames Colônias, que eram compostas de populações portáteis usadas principalmente como esquadrões descartáveis de limpeza de materiais tóxicos, embora se você tivesse sorte pudesse ser destacado para tarefas menos arriscadas como apanhar algodão e trabalhar na colheita de frutas.

A ideia, então, era de Judd, mas a implementação tem estampada a marca característica de Waterford. Quem mais dentre os membros dos Grupos de Estudos e Trabalhos teria concebido a ideia de que as Tias deveriam ter nome procedentes de produtos comerciais disponíveis para as mulheres no período imediatamente pré-Gilead, e assim ser familiares e tranquilizadoras para elas – nomes de linhas de cosméticos, de misturas de massa para bolos, de sobremesas congeladas e mesmo de preparados medicinais? Foi um golpe de mestre, e nos confirma em nossa opinião de que Waterford era, em seu auge, de considerável engenho e criatividade. Do mesmo modo, à sua maneira, era Judd.

Sabe-se que ambos os cavalheiros não tinham filhos, e portanto qualificavam-

se para uma sucessão de Aias. O professor Wade e eu abordamos a possibilidade em nosso estudo conjunto, "A Noção de 'Semente' no Período Inicial de Gilead", de que ambos – como muitos dos Comandantes – tinham sido contaminados por um vírus causador de esterilidade, desenvolvido em experiências secretas de recombinação de genes a partir do vírus da caxumba no período pré-Gilead, e que estava destinado a ser inserido no fornecimento de caviar usado por altos oficiais e autoridades em Moscou. (A experiência foi abandonada depois do Acordo de Esferas de Influência, porque o vírus foi considerado por muitos como sendo incontrolável e portanto perigoso demais, embora alguns desejassem pulverizá-lo sobre a Índia.)

Entretanto, nem Judd nem Waterford eram casados com uma mulher que fosse ou jamais tivesse sido conhecida pelo nome de "Pam" ou de "Serena Joy". Este último parece ter sido uma invenção um tanto maliciosa de nossa autora. O nome da esposa de Judd era Bambi Mae, e o da esposa de Waterford era Thelma. Esta última tinha, entretanto, trabalhado anteriormente como personalidade de televisão do tipo descrito. Sabemos disso por Limpkin, que faz vários comentários grosseiros a respeito do fato. O próprio regime se esforçou muito para encobrir lapsos passados contra ortodoxias desse tipo por parte das esposas de sua elite.

No total, os indícios favorecem Waterford. Sabemos, por exemplo, que ele foi morto, provavelmente pouco depois dos acontecimentos que nossa autora descreve, em um dos primeiríssimos expurgos; foi acusado de tendências liberais, de estar de posse de uma coleção substancial e não autorizada de materiais heréticos pictóricos e literários, e de abrigar um elemento subversivo. Isso foi antes de o regime começar a realizar seus julgamentos em segredo e ainda os estava televisionando, de modo que os acontecimentos foram gravados na Inglaterra em transmissão via satélite e estão registrados em videoteipe confiado aos cuidados de nossos Arquivos. As imagens de Waterford não são boas, mas são nítidas o suficiente para determinar que seus cabelos eram realmente grisalhos.

Quanto ao elemento subversivo que Waterford foi acusado de abrigar, este poderia ter sido a própria "Offred", uma vez que sua fuga a teria incluído nessa categoria. Mas mais provavelmente foi "Nick", que, de acordo com a prova da simples existência das fitas, deve ter ajudado "Offred" a fugir. A maneira por

meio da qual ele pôde fazê-lo o distingue como membro do misterioso grupo de resistência clandestino Mayday, que não era idêntico à organização Rota Clandestina Feminina, mas que tinha ligações com ela. Esta última era apenas uma operação de resgate, o primeiro quase militar. Sabe-se que um número considerável de agentes do Mayday estavam infiltrados na estrutura de poder de Gilead nos mais altos escalões, e ter um de seus agentes ocupando o posto de motorista de Waterford com certeza teria sido um golpe magistral; um golpe duplo, uma vez que "Nick" deve ter sido ao mesmo tempo membro dos Olhos, uma vez que todos os motoristas e criados pessoais desse nível quase sempre eram. Waterford teria, é claro, tido conhecimento disso, mas, como todos os Comandantes de alto escalão eram automaticamente diretores dos Olhos, não teria prestado muita atenção ao fato e não teria permitido que isso interferisse com sua infração ao que considerava serem regras pouco importantes. Como a maioria dos primeiros Comandantes de Gilead que mais tarde foram expurgados, ele considerava sua posição acima de qualquer ataque. O estilo do período médio de Gilead foi mais cauteloso.

Este foi o resultado de nossas conjecturas e deduções. Supondo que esteja correto – isto é, supondo que Waterford tenha sido de fato o "Comandante" –, muitas lacunas permanecem. Algumas delas poderiam ter sido preenchidas por nossa autora anônima, tivesse ela tido outra maneira de pensar. Poderia ter nos contado muito sobre o funcionamento do império de Gilead, se tivesse tido os instintos de uma repórter ou de uma espiã. O que não daríamos, agora, por até mesmo vinte páginas impressas tiradas do computador particular de Waterford? Contudo devemos ser gratos por quaisquer migalhas que a Deusa da História tenha se dignado a nos conceder.

Quanto ao destino final que teve nossa narradora, ainda permanece obscuro. Terá ela sido levada clandestinamente para fora das fronteiras de Gilead, para o que então era o Canadá, e terá conseguido dali ir para a Inglaterra? Isso teria sido prudente, uma vez que o Canadá daquele período não desejava antagonizar seu poderoso vizinho, e houve batidas policiais para recolhimento e extradição de refugiadas como ela. Se foi assim, por que não levou sua narrativa gravada consigo? Talvez sua viagem tenha sido repentina; talvez temesse intercepção. Por outro lado, pode ter sido recapturada. Se de fato chegou à Inglaterra, por que não tornou pública sua história, como tantas fizeram ao chegar ao mundo exterior?

Ela pode ter temido retaliação contra "Luke", supondo que ainda estivesse vivo (o que é uma improbabilidade), ou mesmo contra a filha; pois o regime de Gilead não estava acima de tais medidas, e as usava para desencorajar publicidade adversa em países estrangeiros. Temos conhecimento de mais de um refugiado incauto que recebeu uma orelha, mão ou um pé, embalado a vácuo enviado por encomenda expressa de correio, escondido em, por exemplo, uma lata de café. Ou talvez ela estivesse dentre aquelas Aias que escaparam que tiveram dificuldade de se ajustar à vida no mundo exterior, depois da vida protegida que tinham levado. Pode ter se tornado, como elas, uma reclusa. Não sabemos.

Nós podemos apenas deduzir, também, as motivações para "Nick" ter planejado sua fuga. Podemos presumir que uma vez que a associação de Ofglen, parceira de Offred, com o grupo Mayday havia sido descoberta, ele próprio estava correndo algum perigo, pois como sabia muito bem, na qualidade de membro dos Olhos, era certo que a própria Offred seria interrogada. As penalidades por atividade sexual não autorizada com uma Aia eram severas, nem mesmo seu status de Olho necessariamente o protegeria. A sociedade de Gilead era bizantina ao extremo, e qualquer transgressão poderia ser usada contra qualquer um por seus inimigos não declarados dentro do regime. Ele poderia, é claro, tê-la assassinado pessoalmente, o que teria sido o caminho mais prudente, mas o coração humano se mantém como um fator, e, como sabemos, ambos acreditavam que ela pudesse estar grávida dele. Que homem do período de Gilead poderia resistir à possibilidade da paternidade, carregada de status, tão altamente privilegiada? Em vez disso, "Nick" convocou uma equipe de resgate de Olhos, que poderia ou não ter sido autêntica, mas que de qualquer modo estava sob suas ordens. Ao fazê-lo, ele pode ter causado sua própria desgraça. Isso também é algo que nunca saberemos.

Terá a nossa narradora chegado ao mundo exterior em segurança e construído uma nova vida para si mesma? Ou terá sido descoberta em seu esconderijo no sótão, presa, mandada para as Colônias ou para a Casa de Jezebel, ou até mesmo executada? Nosso documento, embora à sua própria maneira seja eloquente, quanto a essas questões é mudo. Podemos fazer Eurídice surgir do mundo dos mortos, mas não podemos obrigá-la a responder; e quando nos viramos para olhar para ela, nós a entrevemos de relance por apenas um momento, antes que escape de nosso alcance e nos abandone. Como todos os

historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar a partir de lá; mas o que dizem é imbuído da obscuridade da matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente à luz mais clara de nosso próprio tempo.

Aplausos.

Os senhores têm perguntas?

Título original:
THE HANDMAID'S TALE

Copyright © O.W. Toad Limited, 1985

Versos de 'Heartbreak Hotel' © 1956 Tree Publishing a/c
Dunbar Music Canada Ltd. Reproduzido com a autorização.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FÁTIMA FADEL
TIAGO LYRA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: novembro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A899c
Atwood, Margaret
O conto da aia [recurso eletrônico] / Margaret Atwood; tradução Ana Deiró. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.
recurso digital

Tradução de: The handmaid's tale
ISBN 978-85-8122-717-7 (recurso eletrônico)

1. Romance canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Deiró, Ana. II. Título.

17-45234

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Uma das maiores escritoras de língua inglesa, a canadense MARGARET ATWOOD foi consagrada com alguns dos mais importantes prêmios internacionais, como o Man Booker Prize (*O assassino cego*, 2000) e o Príncipe de Astúrias pelo conjunto de sua obra (2008). Transita com igual talento pelo romance, o conto, a poesia e o ensaio, se destacando também por suas sólidas incursões no terreno da ficção científica, em obras como *Oryx e Crake* e *O ano do dilúvio*, publicadas pela Rocco.

MARGARET

ATWOOD

OS TESTAMENTOS

Da autora de ***O conto da Aia***

ROCCO DIGITAL

OS TESTAMENTOS

Margaret Atwood

TRADUÇÃO DE
SIMONE CAMPOS

ROCCO DIGITAL

"Espera-se que toda mulher tenha as mesmas motivações, ou então que seja um monstro."

George Eliot, *Daniel Deronda*

"Quando olhamos um no rosto do outro, nenhum de nós está somente olhando um rosto que odeia – não, estamos olhando para um espelho. (...). Vocês realmente não se reconhecem em nós (...)?"

Obersturmbannführer Liss ao Velho Bolchevique Mostovskoy, Vasily Grossman, *Vida e destino*

"A liberdade é uma carga pesada, um enorme e estranho fardo para o espírito suportar. (...). Não se trata de uma dádiva recebida, mas de uma escolha feita, e a escolha pode ser difícil."

Ursula K. Le Guin, *As tumbas de Atuan*

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

I | *Estátua*

II | FLOR VALIOSA

III | *Hino*

IV | THE CLOTHES HOUND

V | *Van*

VI | A SEIS MORREU

VII | *Estádio*

VIII | CARNARVON

IX | *Thank Tank*

X | VERDE PRIMAVERIL

XI | *Pano de saco*

XII | CARPITZ

XIII | *Podão*

XIV | ARDUA HALL

XV | *Raposa e gato*

XVI | PÉROLAS

XVII | *Dentição perfeita*

XVIII | SALÃO DE LEITURA

XIX | *Escritório*

XX | LINHAGENS

XXI | *Bate-estaca*

XXII | SOCO NO CORAÇÃO

XXIII | *Muro*

XXIV | O *NELLIE J. BANKS*

XXV | *Despertar*

XXVI | TERRA À VISTA

XXVII | *Despedida*

O décimo terceiro simpósio

Agradecimentos

I

Estátua

O hológrafo de Ardua Hall

1

Apenas os mortos têm permissão para ter estátuas, mas eu ganhei uma ainda em vida. Eu já estou petrificada.

Aquela estátua era um pequeno sinal de agradecimento por minhas várias contribuições, dizia o discurso, que foi lido pela Tia Vidala. Ela fora incumbida dessa tarefa pelos nossos superiores e estava longe de transmitir entusiasmo. Agradeci-lhe com o máximo de modéstia que pude e puxei a corda que desatava o manto que me encobria; ele flutuou morosamente ao chão, e lá estava eu. Aqui em Ardua Hall não se ovaciona ninguém, mas ouviu-se uma discreta salva de palmas. Inclinei minha cabeça em agradecimento.

A minha estátua é algo descomunal, como tende a ser toda estátua, e me retrata mais jovem, mais magra e em melhor forma do que tenho estado há tempos. Estou ereta, ombros para trás, meus lábios curvos num sorriso firme, mas benevolente. Meus olhos se fixam em algum ponto de referência cósmico que se presume representar meu idealismo, meu compromisso inabalável com o dever, minha determinação em seguir em frente a despeito de qualquer obstáculo. Não que qualquer parte do céu esteja à vista da minha estátua, plantada onde está, naquele melancólico aglomerado de árvores e arbustos ao lado da trilha de pedestres que passa em frente do Ardua Hall. Nós, as Tias, não podemos ter grandes pretensões, mesmo em forma de pedra.

Agarrada à minha mão esquerda há uma menina de sete ou oito anos, mirando-me cheia de confiança. Minha mão direita está apoiada na cabeça de uma mulher agachada a meu lado, de cabelos cobertos, seus olhos voltados para cima em uma expressão que poderia ser lida tanto como amedrontada quanto como grata – uma de nossas Aias –, e atrás de mim há uma de minhas Pérolas, pronta para partir em seu trabalho missionário. Pendendo do cinto que contorna

minha cintura está minha arma de choque. Esta arma me lembra de minhas limitações: se eu tivesse sido mais eficiente, não teria necessitado desse acessório. A persuasão da minha voz teria sido suficiente.

Como grupo estatuário, não somos um grande sucesso: há elementos demais. Eu preferiria uma maior ênfase na minha pessoa. Mas pelo menos eu pareço estar em meu perfeito juízo. Poderia ter sido bem outro o caso, dado que a escultora idosa – uma crente fervorosa que veio a falecer – tendia a esbugalhar os olhos das modelos para sinalizar devoção. O busto que ela fez da Tia Helena tem ares de hidrofobia, o de Tia Vidala está com hipertireoidismo, e o de Tia Elizabeth parece prestes a explodir.

Na inauguração, a escultora estava nervosa. Será que havia me adulado o suficiente com sua escultura? Eu a aprovava? As pessoas iam *entender* que aprovei? Cogitei franzir a testa assim que o manto caísse, mas achei melhor não: não sou totalmente destituída de compaixão.

– Ficou muito realista – falei.

Isso foi há nove anos. Desde esse dia minha estátua vem se deteriorando: pombos me adornaram, musgo brotou nas minhas dobras mais úmidas. Devotos adquiriram o hábito de deixar oferendas a meus pés: ovos pela fertilidade, laranjas para sugerir a corpulência da gravidez, croissants em referência à lua. Ignoro os artigos de padaria – geralmente eles pegaram chuva –, mas embolso as laranjas. Laranjas são muito refrescantes.

Escrevo essas palavras no meu gabinete particular dentro da biblioteca do Ardua Hall – uma das poucas bibliotecas restantes após as animadas fogueiras de livros que têm ocorrido em nossa terra. As digitais pútridas e ensanguentadas do passado precisam ser expurgadas para deixar uma tábula rasa para a geração moralmente pura que com certeza vai nos suceder. Em teoria, pelo menos, é isso.

Mas entre estas digitais sangrentas estão as que nós mesmos deixamos, e estas não são tão fáceis de apagar. Com o passar dos anos enterrei muitos ossos; agora minha vontade é de exumá-los – nem que seja só para te edificar, meu leitor desconhecido. Se você estiver lendo isso, pelo menos este manuscrito terá sobrevivido. Embora talvez eu esteja fantasiando: talvez eu nunca venha a ter um leitor. Talvez eu só esteja falando com as paredes, ou muros, em todos os sentidos.

Chega de escrevinhar por hoje. Minha mão está doendo, minhas costas ardendo, e meu copo noturno de leite morno me aguarda. Vou guardar essa arenga no seu devido esconderijo, evitando as câmeras de vigilância – que sei bem onde estão, já que eu mesma as instalei. Apesar dessas precauções, estou ciente do risco que corro: escrever pode ser perigoso. Que traições, e então que acusações, podem estar à minha espera? Há muita gente em Ardua Hall que adoraria se apoderar dessas páginas.

Aguardem, aconselho-os silenciosamente: pois vai ficar pior.

II

FLOR VALIOSA

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

2

Você me pediu para contar como foi crescer em Gilead. Você diz que isso vai ajudar, e eu quero ajudar, é claro. Imagino que você esteja esperando apenas horrores, mas a verdade é que muitas crianças eram amadas e queridas, assim em Gilead como em todo lugar, e muitos adultos eram bondosos, mas falíveis, assim em Gilead como em todo lugar.

Espero que você também se lembre de que todos temos certa nostalgia por qualquer forma de bondade que nos tenha acalentado na infância, seja lá quão bizarras as condições dessa infância pareçam para quem está de fora. Concordo com você que Gilead deve sumir de vista – há muita coisa errada, muita coisa falsa, e muita coisa francamente contrária ao plano de Deus –, mas você precisa me dar espaço para lamentar a parte boa do que se vai.

Em nossa escola, rosa era a cor da primavera e do verão, violeta a do outono e do inverno, branco a dos dias especiais: domingos e comemorações. Braços cobertos, cabelos cobertos, saias até o joelho antes dos cinco anos e no máximo dois dedos acima da canela a partir de então, porque os impulsos dos homens eram terríveis e esses impulsos precisavam ser coibidos. Os olhos dos homens que estavam sempre rondando e perscrutando feito olhos de tigre, aqueles olhos de refletor, precisavam ser protegidos do poder tentador e ofuscante que nós detínhamos – com nossas pernas formosas, magricelas ou gorduchas, com nossos braços graciosos, roliços ou flácidos, com nossa pele de pêssego ou empelotada, com nossos cabelos, fossem eles lustrosas melenas cacheadas, ásperos ninhos de rato ou mirradas tranças de palha loura, não fazia diferença. Seja lá quais fossem nossos traços e características, éramos sempre sedutoras arapucas involuntárias, éramos os ensejos inocentes pela própria natureza,

podíamos deixar os homens bêbados de luxúria, levando-os a vacilar, tropeçar, e acabar caindo – caindo de quê, e onde? Ficávamos pensando. Seria como um precipício? – e então eles tombariam em chamas, feito bolas de enxofre ardente arremessadas pela mão furiosa de Deus. Devíamos zelar pelo tesouro invisível de valor incalculável que residia em nosso íntimo; éramos flores valiosas que precisavam ser guardadas dentro de estufas bem seguras, ou seríamos atacadas e nossas pétalas arrancadas e nosso tesouro pilhado e seríamos estripadas e pisoteadas pelos homens vorazes que podiam estar à espreita em qualquer esquina, no mundo lá fora, assolado pelo pecado e com arestas pontiagudas.

Era esse tipo de coisa que nos dizia a Tia Vidala, com seu eterno nariz escorrendo, na escola, enquanto bordávamos lenços, pufes e porta-retratos em *petit point*: vasos de flores e cestas de frutas eram os motivos mais frequentes. Mas a Tia Estée, a professora de que mais gostávamos, dizia que a Tia Vidala estava exagerando e que não havia necessidade de nos encher de medo, já que instilar uma aversão tão extrema poderia ter efeitos adversos sobre nossa futura felicidade conjugal.

– Nem todo homem é assim, meninas – dizia ela, nos tranquilizando. – Os melhores têm excelente caráter. Alguns têm uma medida decente de autocontrole. E quando estiverem casadas isso vai parecer muito diferente a vocês, e não vai dar tanto medo assim. – Não que ela soubesse muito a respeito, já que as Tias não eram casadas; não podiam se casar. Era por isso que podiam escrever e ler livros.

– Nós, e seus pais e suas mães, vamos escolher seus maridos para vocês com toda sabedoria quando chegar a hora – dizia a Tia Estée. – Então não tenham medo. Basta fazer seus deveres e confiar na sabedoria dos mais velhos, e tudo vai acontecer naturalmente. Eu vou orar por isso.

Mas apesar das covinhas e do sorriso agradável da Tia Estée, foi a versão da Tia Vidala que prevaleceu. Ela despontava nos meus pesadelos: a estufa se estilhaçava, depois tudo era despedaçado e retalhado, cascos galopando sobre fragmentos róseos, brancos e violeta de mim sobre a terra. Eu odiava a ideia de ficar mais velha – velha o suficiente para me casar. Não tinha a menor confiança na sabedoria das escolhas das Tias: meu medo era de acabar casada com um bode em fúria.

Os vestidos em rosa, branco e violeta eram a norma para meninas especiais como nós. Meninas comuns das Econofamílias usavam a mesma coisa o tempo todo – as listras multicoloridas feias e os hábitos de cor cinza, iguais às roupas de suas mães. Elas nem sequer aprendiam a bordar em *petit point* ou a fazer crochê, faziam apenas a costura ordinária, a confecção de flores de papel e outras tarefas parecidas. Não eram pré-selecionadas para se casar com os melhores homens – os Filhos de Jacob e os outros Comandantes ou seus filhos – como nós; embora pudessem ser escolhidas quando mais velhas, se fossem bonitas o bastante.

Ninguém falava nisso. Não era bem-visto você se envaidecer pela sua aparência, era falta de modéstia, e também não era de bom tom você notar boa aparência nos outros. Ainda assim, nós, meninas, sabíamos a verdade: que era melhor ser bonita do que ser feia. Até as Tias davam mais atenção às meninas bonitas. Mas, se você era uma pré-selecionada, a beleza não importava tanto.

Eu não era vesga como a Huldah nem tinha um franzido na testa de nascença que nem a Shunammite, e nem tinha sobrancelhas semi-invisíveis como a Becka, mas eu ainda me encontrava em estado bruto. Minha cara parecia ser feita de massa crua, feito a dos biscoitos que minha Martha preferida, a Zilla, fazia para mim em ocasiões especiais, com olhos de passas e dentes de semente de abóbora. Mas, apesar de não ser especialmente bonita, eu tinha sido muito, muito escolhida. Duplamente escolhida: não apenas pré-escolhida para me casar com um Comandante, mas escolhida, em primeiro lugar, pela Tabitha, que era minha mãe. Era isso que Tabitha costumava me contar:

– Fui passear na floresta – dizia ela – e lá cheguei a um castelo encantado, onde havia um monte de menininhas presas, e nenhuma delas tinha mãe, e estavam todas enfeitiçadas pelas bruxas más. Eu tinha um anel mágico que abria o castelo, mas eu só podia resgatar uma menininha. Então olhei uma por uma, com todo o cuidado, e, de todas elas, eu escolhi você!

– O que aconteceu com as outras? – eu perguntava. – Com as outras garotinhas?

– Outras mães foram lá resgatá-las – dizia ela.

– Elas também tinham anéis mágicos?

– É claro, meu amor. Para virar mamãe, você precisa de um anel mágico.

– Cadê o anel mágico? – eu perguntava. – Aonde ele foi parar?

– Está aqui no meu dedo – dizia ela, mostrando o terceiro dedo de sua mão

esquerda. Ela o chamava de dedo do coração. – Mas meu anel só tinha um desejo, e eu o usei com você. Então agora é um anel comum de mãe, como qualquer outro.

Nesse momento ela me deixava experimentar o anel, que era de ouro, com três diamantes: um grande, e um pequeno de cada lado. Parecia mesmo já ter sido mágico um dia.

– Você me pegou no colo e me carregou? – eu perguntava. – Até sair da floresta? – Eu sabia a história de cor, mas gostava de ouvi-la de novo.

– Não, minha querida, você já era grande demais para isso. Se eu te pegasse no colo, eu teria tossido, e aí as bruxas iriam nos ouvir. – Isso eu via que era verdade: de fato ela tossia bastante. – Então eu peguei na sua mão, e saímos de mansinho do castelo para as bruxas não nos ouvirem; as duas dizendo *Shh, shh*... – Nessa hora ela punha o dedo sobre os lábios, e eu fazia o mesmo, dizendo, *Shh, shh*... e adorando. – E aí tivemos que correr muito, muito pela floresta, para fugir das bruxas más, porque uma delas nos viu quando saímos do castelo. A gente saiu correndo, e se escondeu em uma árvore oca. Foi muito perigoso!

De fato, eu tinha uma memória difusa de correr por uma floresta com alguém segurando a minha mão. Será que eu tinha me escondido numa árvore oca? Me parecia mesmo ter me escondido em algum lugar. Então talvez fosse verdade.

– E depois, o que aconteceu? – perguntava eu.

– E depois eu te trouxe para essa casa bonita. Você está feliz? Nós te amamos tanto! Não foi sorte nossa eu ter te escolhido?

Eu ficava aninhada junto dela, com seu braço ao meu redor e minha cabeça apoiada no seu corpo magro, sentindo as costelas que despontavam pela pele. Minha orelha ficava apertada contra seu peito, e eu ouvia seu coração martelando forte lá dentro – cada vez mais rápido, me parecia, enquanto ela esperava eu responder alguma coisa. Eu sabia que minha resposta tinha poder: eu podia fazê-la sorrir, ou não.

O que eu poderia ter respondido senão sim e sim? Sim, eu estava feliz. Sim, eu tinha sorte. De qualquer maneira, era verdade.

3

Qual era a minha idade então? Seis ou sete anos, talvez. É difícil saber, pois não tenho lembranças claras de antes dessa época.

Eu amava muito a Tabitha. Ela era linda, embora magérrima, e passava horas brincando comigo. Tínhamos uma casa de bonecas que parecia a nossa casa, com sala de estar e de jantar e uma cozinha grande para as Marthas, e um escritório para o pai com escrivaninha e estantes de livros. Todos os livros de mentirinha nas prateleiras estavam em branco. Perguntei por que não havia nada dentro deles – eu tinha uma vaga noção de que deveria haver marcas naquelas páginas – e minha mãe disse que livros eram decorativos, feito vasos de flor.

Quantas mentiras ela precisou inventar por minha causa! Para a minha segurança! Mas ela estava à altura da tarefa. Tinha muita imaginação.

Tínhamos quartos grandes e bonitos no segundo andar da casa de bonecas, com cortinas e papel de parede e quadros – quadros bonitos, com frutas e flores – e quartos menores no terceiro andar, e ao todo eram cinco banheiros, embora um fosse uma sala de maquiagem – Por que será que tinha esse nome? O que era "maquiagem"? – e um porão com mantimentos.

Tínhamos todas as bonecas para a casa que se podia querer: uma boneca-mãe com o vestido azul das Esposas dos Comandantes, uma boneca-menininha com três vestidos – rosa, branco e violeta, que nem os meus –, três bonecas-Martha com aventais sobre vestidos verde fosco, um Guardião da Fé de boné para dirigir o carro e cortar a grama, dois Anjos para se postarem no portão com suas miniarminhas de plástico impedindo qualquer um de entrar para nos fazer mal, e um boneco-pai em seu empertigado uniforme de Comandante. Ele nunca falava muito, mas vivia dando voltas pela casa e sentava-se na cabeceira da mesa de jantar, e as Marthas lhe traziam coisas em bandejas, e aí ele entrava no escritório

e fechava a porta.

Nisto, o boneco-Comandante era como meu próprio pai, o Comandante Kyle, que sorria para mim e perguntava se eu estava sendo boazinha, e depois sumia. A diferença era que eu conseguia ver o que o boneco-Comandante estava fazendo dentro do escritório dele, que era ficar sentado na escrivaninha com seu Compufone e uma pilha de papel, ao passo que com meu pai de verdade eu não podia saber: era proibido entrar no escritório dele.

Dizia-se que o que meu pai estava fazendo ali era muito importante – as coisas importantes que os homens faziam, importantes demais para mulheres se meterem porque possuíam cérebros menores, incapazes de formar pensamentos mais amplos, segundo a Tia Vidala, que nos ensinava Religião. Seria como tentar ensinar um gato a tricotar, disse Tia Estée, que nos ensinava Artesanato, e isso nos provocava risadas, porque que ridículo! Gatos nem dedos tinham!

Então os homens tinham algo em suas cabeças que era como dedos, porém uma espécie de dedos que as meninas não tinham. E isso explicava tudo, dizia a Tia Vidala, e chega de perguntas sobre esse assunto. Sua boca se fechou com um clique, trancando lá dentro as demais palavras que poderiam ter sido ditas. Eu sabia que deveria haver mais palavras, pois já naquela época aquela explicação dos gatos não pareceu muito certa. Gatos não queriam saber de tricotar. E nós não éramos gatos.

O proibido é uma abertura para a imaginação. Foi por isso que Eva comeu o Fruto do Conhecimento, disse a Tia Vidala: imaginação demais. Então era melhor não ficar a par de certas coisas. Senão suas pétalas acabariam esparramadas por aí.

No jogo da casa de bonecas, havia uma boneca de Aia com um vestido vermelho e uma barriga inchada e um chapéu branco escondendo a cara, ainda que minha mãe tivesse dito que na nossa casa não precisávamos de uma Aia porque já tínhamos a mim, e as pessoas não devem cobiçar mais uma menininha se já têm uma. Então embrulhamos a Aia em papel de seda, e Tabitha disse que depois eu poderia doá-la a alguma outra menininha que não tivesse uma casa de bonecas tão bonita quanto a minha, para que ela brincasse bastante com a boneca da Aia.

Eu gostei de guardar a Aia na caixa porque as Aias de verdade me davam nervoso. Passávamos por elas em nossos passeios escolares, quando

caminhávamos em uma comprida fila dupla com uma Tia em cada ponta. Os passeios eram ou para igrejas, ou para parques onde fazíamos brincadeiras em círculo ou olhávamos os patos no lago. Mais tarde poderíamos ir a Salvamentos ou Rezavagâncias com nossos vestidos brancos e véus para assistir a gente sendo enforcada ou se casando, mas ainda não tínhamos a maturidade para isso, dizia a Tia Estée.

Havia balanços nos parques, mas, por causa de nossas saias, que podiam ser levantadas pelo vento e permitir a visão de seu interior, não podíamos nem pensar em tomar a liberdade de andar de balanço. Só os meninos podiam desfrutar dessa liberdade; só eles podiam ascender e arremeter; só eles tinham direito ao voo.

Até hoje nunca andei de balanço. Continua sendo um dos meus sonhos.

Enquanto andávamos pela rua, as Aias andavam duas a duas com suas cestas de compras. Elas não olhavam para nós, ou não muito, e não era para olharmos para elas porque isso era falta de educação, dizia a Tia Estée, assim como era falta de educação olhar para aleijados ou qualquer pessoa diferente. Também não podíamos fazer perguntas sobre as Aias.

– Vocês vão ficar sabendo dessas coisas todas quando chegarem na idade – dizia a Tia Vidala. *Essas coisas todas*: as Aias faziam parte *dessas coisas todas*. Era algo ruim, então; algo daninho, ou algo danificado, o que talvez fosse a mesma coisa. Será que algum dia as Aias já tinham sido como nós, brancas, rosas e violetas? Será que se descuidaram, deixando alguma parte tentadora delas de fora?

Agora não era possível ver muita coisa delas. Nem os rostos delas podiam ser vistos por causa daqueles chapéus brancos que usavam. Pareciam todas iguais.

Em nossa casa de bonecas havia uma boneca de Tia, ainda que ela não fizesse exatamente parte de uma casa, e sim de uma escola, ou do Ardua Hall, onde diziam que as Tias moravam. Quando eu estava brincando sozinha com a casa de bonecas, eu costumava trancar a boneca-Tia no sótão, uma pequena maldade que eu fazia. Ela esmurrava feito louca a porta do sótão e gritava "Me solta", mas a boneca-menininha e a boneca-Martha que poderiam ajudá-la não lhe davam atenção, e às vezes até riam dela.

Não tenho orgulho de registrar essa crueldade, embora o objeto dessa

crueldade tenha sido uma boneca. É um lado vingativo da minha natureza que, sinto dizer, não tive sucesso em subjugar por completo. Mas, em um relato como este, é melhor ser escrupulosa quanto a suas faltas, bem como quanto a todas as suas demais atitudes. Senão ninguém vai entender por que você tomou as decisões que tomou.

Foi minha mãe, Tabitha, quem me ensinou a ser honesta comigo mesma, algo um tanto irônico em vista das mentiras que me pregou. A bem da verdade, ela devia ser honesta em se tratando dela mesma. Ela tentava – creio eu – ser uma pessoa tão boa quanto possível, dadas as circunstâncias.

A cada noite, depois de me contar uma história, ela me botava na cama com meu bichinho de pelúcia preferido, uma baleia – porque Deus fez as baleias para no mar brincar, então tudo bem você brincar com uma baleia –, e aí nós orávamos.

A oração era em forma de uma canção, que cantávamos juntas:

Vou deitar pra descansar
Rogo a Deus pra me guardar
Se eu morrer sem acordar
Rogo a Deus pra me levar

Quatro anjos a velar
Dois no pé, dois no espaldar
Um guardando, outro a rezar
E dois pra minh'alma levar

Tabitha tinha uma linda voz, feito uma flauta de prata. Muito ocasionalmente, quando estou caindo no sono, à noite, quase consigo ouvi-la cantar.

Havia uma ou duas coisas nessa música que me incomodavam. Primeiro de tudo, os anjos. Sei que eram para ser anjos de camisolão e penas, mas não era assim que eu os imaginava. Eu os imaginava como nosso tipo de Anjo: homens de uniforme preto com asas de pano bordadas em suas roupas, e armas. Não me agradava a ideia de quatro Anjos armados de pé junto da minha cama enquanto eu dormia, porque afinal de contas eram homens, e o que seria das partes de

mim que ficassem para fora das cobertas? Meus pés, por exemplo. Isso não lhes inflamaria os desejos? Inflamaria sim, não havia nada que se pudesse fazer. Então os quatro Anjos não eram uma ideia que me tranquilizasse.

Além disso, era desanimador orar sobre morrer enquanto dorme. Eu não achava que morreria, mas e se morresse? E como seria minha alma, a coisa que os anjos levariam embora? Tabitha disse que era a parte espiritual, e ela não morria quando seu corpo morria, e isso era para ser uma ideia animadora.

Mas como seria a aparência dessa minha alma? Eu a imaginei exatamente igual a mim, só que muito menor: tão pequena quanto a boneca-menininha da minha casa de bonecas. Estava dentro de mim, então talvez fosse a mesma coisa que a Tia Vidala falou que tínhamos que resguardar com tanto fervor. Você podia perder a sua alma, dizia a Tia Vidala, assoando o nariz, e nesse caso a alma cairia e se despenharia sem parar, até pegar fogo, como no caso dos homens animalescos. Eu faria de tudo para evitar uma coisa dessas.

4

No começo deste período que vou descrever agora, eu devia ter oito anos, na primeira vez, ou talvez nove. Lembro desses acontecimentos, mas não da minha idade exata. É difícil se lembrar de datas, especialmente porque não tínhamos calendários. Mas vou continuar da melhor forma que puder.

Meu nome, nessa época, era Agnes Jemima. Agnes queria dizer "ovelha", dizia minha mãe, Tabitha. Ela costumava recitar uma rima:

Ovelhinha, quem te criou?
Sabes tu quem te criou?

Havia mais depois disso, mas me esqueci.

Quanto a Jemima, esse nome vinha de uma história da Bíblia. Jemima era uma menininha muito especial, porque seu pai, Jó, recebeu muito azar de Deus como uma espécie de prova, e a pior parte da prova foi que todos os filhos de Jó foram mortos. Todos os seus filhos, todas as suas filhas: mortos! Eu tinha calafrios toda vez que ouvia isso. Deve ter sido horrível o que Jó sentiu quando recebeu essa notícia.

Mas Jó passou na prova, e Deus lhe deu novos filhos – vários filhos homens, e também três meninas –, então ele ficou feliz de novo. E uma dessas filhas se chamava Jemima.

– Deus a deu para Jó assim como Deus deu você para mim – disse minha mãe.

– Você tinha azar? Antes de me escolher?

– Tinha, sim – respondeu ela, sorrindo.

– Você passou na prova?

– Devo ter passado – disse minha mãe. – Ou não teria chance de escolher uma

filha tão maravilhosa quanto você.

Essa história me agradava. Foi só mais tarde que passou pela minha cabeça: como Jó pode ter deixado Deus engabelá-lo com uma penca de filhos novos, como se quisesse que ele fingisse que os filhos mortos não importavam mais?

Quando eu não estava na escola nem com a minha mãe – e eu ficava com minha mãe cada vez menos, porque cada vez mais ela ficava no segundo andar da casa deitada na cama, fazendo aquilo que as Marthas chamavam de "descansar" –, eu gostava de ficar na cozinha, olhando as Marthas fazerem pão, biscoitos, tortas, bolos, sopas e caldos. Todas as Marthas eram conhecidas como Martha porque era isso o que eram, e todas usavam o mesmo tipo de roupa, mas cada uma tinha um primeiro nome também. As nossas se chamavam Vera, Rosa e Zilla; tínhamos três Marthas porque meu pai era muito importante. A Zilla era minha preferida porque falava com muito carinho, enquanto que a Vera era ríspida e a Rosa era carrancuda. Mas não era culpa dela, era só o jeito do rosto dela. Era mais velha do que as outras duas.

– Posso ajudar? – eu perguntava às Marthas. E elas me davam sobras de massa de pão para brincar, e eu fazia um hominho de massa, e elas colocavam no forno para assar com o que mais estivessem assando. Eu sempre fazia hominhos de massa, nunca mulherzinhas, porque depois de assados eu os comia, e isso me dava a sensação de que eu tinha um poder secreto sobre os homens. Estava ficando claro para mim que, apesar dos ímpetos que Tia Vidala dizia que eu atiçava neles, eu não tinha nenhum outro poder sobre eles.

– Posso fazer o pão todo? – perguntei um dia quando a Zilla estava pegando o recipiente para fazer a massa. Eu assistira a elas fazendo aquilo tantas vezes que tinha certeza de que saberia fazer igual.

– Não precisa se dar ao trabalho – disse Rosa, com a carranca mais pronunciada que o normal.

– Por quê? – perguntei.

Vera deu sua risada áspera:

– Você vai ter Marthas para fazer tudo para você – disse ela. – Quando tiverem escolhido um marido bem fofo pra você.

– Não vai ser fofo. – Eu não queria um marido gordo.

– Claro que não. É modo de dizer – disse Zilla.

– Você também não vai precisar fazer compras – disse Rosa. – A sua Martha vai fazer isso. Ou então uma Aia, se você precisar de uma.

– Talvez ela não precise de uma – disse Vera. – Pensando em quem a mãe dela...

– Não fala nisso – disse Zilla.

– O quê? – perguntei. – O que tem a minha mãe?

Eu sabia que havia um segredo relacionado à minha mãe – tinha a ver com o jeito como falavam *está descansando* – e ele me apavorava.

– Assim como sua mãe pôde ter o próprio bebê – disse Zilla, conciliatória –, tenho certeza de que você também vai poder. Você gostaria de ter um, não é, querida?

– Sim – falei –, mas marido eu não quero. Acho eles um nojo. – As três deram risada.

– Nem todos – disse Zilla. – Seu pai é um marido. – A isso, não tive como dar nenhuma resposta.

– Eles vão arranjar um bom para você – disse Rosa. – Não vai ser um velho qualquer.

– Eles têm um orgulho a zelar – disse Vera. – Não vão te casar com alguém inferior, isso com certeza.

Eu queria parar de pensar em marido.

– Mas e se eu quiser? – falei. – Fazer pão? – Eu estava magoada: parecia que estavam se fechando num círculo, me expulsando dele. – E se eu mesma quiser fazer pão?

– Bem, é claro que suas Marthas teriam que te deixar fazer – disse Zilla. – Você vai ser a patroa. Mas elas iriam te menosprezar por isso. E iam sentir que você estaria usurpando o lugar que é delas por direito. As coisas em que elas são as melhores. Você não ia gostar de vê-las se sentindo assim, não é, querida?

– O seu marido também não ia gostar – disse Vera com outra de suas risadas rudes. – Faz mal para as mãos. Olha só as minhas! – Ela as estendeu para mim: seus dedos eram nodosos, a pele áspera, as unhas curtas, com as cutículas esfarrapadas. Bem diferentes das mãos finas e elegantes da minha mãe, com seu anel mágico. – Trabalho duro acaba com as mãos. Ele não vai querer você cheirando a massa de pão.

– Ou a água sanitária – disse Rosa. – De limpar a casa.

– Ele vai querer que você fique só no bordado mesmo – disse Vera.

– No *petit point* – disse Rosa. Sua voz transbordava de desdém.

Bordar não era o meu forte. Eu vivia sendo criticada por meus pontos frouxos e desleixados.

– Eu odeio fazer *petit point*. Quero fazer pão.

– Nem sempre podemos fazer o que queremos – disse Zilla com doçura. – Nem você.

– E às vezes temos que fazer o que odiamos – disse Vera. – Até você.

– Não deixem, então! – falei. – Vocês são más!

E saí correndo da cozinha.

A essa altura, eu já estava chorando. Embora tivesse recebido ordens para não incomodar minha mãe, subi de mansinho até o andar de cima e entrei em seu quarto. Ela estava coberta por sua linda colcha branca com flores azuis. Estava de olhos fechados, mas deve ter me ouvido, porque os abriu. A cada vez que eu a via, seus olhos me pareciam maiores e mais luminosos.

– Que houve, meu amor? – perguntou ela.

Me enfiei sob a coberta e me acheguei a ela. Ela estava muito quente.

– Não está certo – solucei. – Eu não quero me casar! Por que preciso me casar?

Ela não disse *Porque é seu dever*, como a Tia Vidala teria dito, nem *Quando chegar a hora, você vai querer*, que era o que a Tia Estée diria. No começo, ela não disse nada. Em vez disso, me abraçou e me fez cafuné.

– Lembre que eu te escolhi – disse ela – dentre todas as outras.

Mas agora eu já tinha idade para duvidar da história da escolha: o castelo trancafiado, o anel mágico, as bruxas más, a fuga.

– Isso é só uma historinha – falei. – Eu saí da sua barriga, igual aos outros nenéns.

Ela não falou nada. Por algum motivo, isso me deixou assustada.

– Saí sim! Não é? – perguntei. – A Shunammite me contou. Na escola. Essa história da barriga.

Minha mãe me abraçou mais forte.

– Aconteça o que acontecer – disse ela depois de um tempo –, quero que se lembre de que eu sempre te amei muito.

5

Você já deve ter adivinhado o que eu vou te contar a seguir, e não é nada bom.

Minha mãe estava morrendo. Todo mundo sabia, menos eu.

Eu descobri pela Shunammite, que se dizia a minha melhor amiga. Supostamente não devíamos ter melhores amigas. Era feio formar panelinhas, dizia Tia Estée: fazia as outras meninas se sentirem excluídas e devíamos ajudar umas às outras a ser as meninas perfeitas.

A Tia Vidala dizia que essa história de melhor amiga levava a sussurros, tramoias e segredos, e tramoias e segredos levavam a desobedecer a Deus, e desobediência levava à rebelião, e meninas rebeldes se tornavam mulheres rebeldes, e uma mulher rebelde era ainda pior do que um homem rebelde porque o homem rebelde virava um traidor, mas as mulheres rebeldes viravam adúlteras.

Nisso, a Becka levantou sua voz vacilante e perguntou: o que é adúltera? Nós meninas ficamos muito surpresas porque a Becka quase nunca fazia qualquer tipo de pergunta. O pai dela não era Comandante que nem os nossos. Ele era só dentista: o melhor dentista de todos, e nossas famílias todas iam se consultar com ele, e era por isso que Becka podia frequentar nossa escola. Mas isso queria dizer que as outras meninas a menosprezavam e esperavam que ela se sujeitasse a elas.

Becka estava sentada a meu lado – ela sempre tentava sentar do meu lado se a Shunammite não a enxotasse –, e eu a senti estremecer. Eu tinha medo de que a Tia Vidala fosse castigá-la por impertinência, mas teria sido difícil para qualquer pessoa, até mesmo para a Tia Vidala, acusá-la de impertinência.

Shunammite sussurrou por cima de mim para Becka: *Deixa de ser burra!* A Tia Vidala sorriu o máximo que chegava a sorrir e disse que torcia para Becka jamais descobrir o que era aquilo por experiência própria, porque as mulheres

que se tornavam adúlteras terminavam apedrejadas ou enforcadas com um saco na cabeça. A Tia Estée disse que não havia necessidade de assustar as meninas desse jeito; e então sorriu e disse que todas nós éramos flores valiosas, e quem jamais ouviu falar em flores rebeldes?

Olhamos para ela, olhos bem arregalados como sinal de nossa inocência, e assentimos para mostrar que concordávamos com o que ela dissera. Nada de flores rebeldes por aqui!

A casa da Shunammite tinha apenas uma Martha e a do meu pai tinha três, então meu pai era mais importante do que o dela. Agora percebo que era por isso que ela me queria como melhor amiga. Ela era uma menina atarracada, com duas tranças longas e grossas que eu invejava, porque as minhas eram mirradas e curtas, e sobrancelhas pretas que a faziam parecer mais velha do que era. Ela era briguenta, mas só pelas costas das Tias. Quando brigávamos entre nós, ela sempre tinha que ter razão. Se você a contrariasse, só fazia repetir sua primeira opinião, só que mais alto. Era grossa com muitas outras meninas, inclusive a Becka, e infelizmente devo admitir que eu era fraca demais para sobrepujá-la. Lidando com meninas da minha idade, eu era fraca, embora em casa as Marthas me chamassem de teimosa.

– Sua mãe está morrendo, não está? – Shunammite me cochichou certo dia no almoço.

– Não está, não – cochichei de volta. – Ela só tem um problema de saúde! – Era assim que as Marthas falavam: *o problema de saúde da sua mãe*. Era por causa desse problema de saúde que ela ficava tossindo e tinha que descansar tanto. Ultimamente nossas Marthas andavam levando bandejas para o quarto dela; as bandejas voltavam com a comida praticamente intocada.

Quase não me deixavam visitá-la mais. Quando deixavam, o quarto estava na penumbra. Não exalava mais o cheiro dela, um aroma doce e leve como os lírios hostas do nosso jardim, mas sim o de algum desconhecido sujo e fétido que tivesse se esgueirado pela janela e se instalado embaixo da cama.

Eu ficava sentada ao lado da minha mãe encolhida sobre a colcha bordada de flores azuis e segurava sua mão esquerda magrinha com o anel mágico e lhe perguntava quando seu problema de saúde iria passar, e ela respondia que estava orando para a dor passar logo. Aquilo me acalmava: queria dizer que ela ia ficar

melhor. Então ela me perguntava se eu estava me comportando bem, e se eu estava feliz, e eu sempre dizia que sim, e então ela apertava minha mão e me pedia para orar com ela, e cantávamos a música sobre os anjos ao redor da cama dela. E ela dizia obrigada, e que estava bom por aquele dia.

– Ela está morrendo, sim – cochichou Shunammite. – Esse que é o problema de saúde dela. É que ela vai morrer!

– Mentira sua – cochichei, alto demais. – Ela está melhorando. A dor vai passar logo. Ela orou pra isso.

– Meninas – disse a Tia Estée. – Na hora da refeição a boca é para mastigar, e não se pode falar de boca cheia. Essa comida tão gostosa não está uma bênção? – Era sanduíche de ovo, de que normalmente eu gostava. Mas naquela hora o cheiro estava me dando enjoo.

– Minha Martha que me contou – sussurrou Shunammite quando a atenção da Tia Estée estava em outra coisa. – E foi sua Martha que contou para ela. Então é verdade.

– Qual delas? – perguntei. Eu não conseguia acreditar que qualquer das nossas Marthas cometeria a deslealdade de mentir que minha mãe estava morrendo. Nem mesmo Rosa, a carrancuda.

– Como é que eu vou saber qual Martha? São todas iguais – disse Shunammite, com um meneio de suas tranças longas e firmes.

Naquela tarde, quando nosso Guardião me levou da escola para casa, entrei na cozinha. Zilla estava abrindo massa de torta; Vera retalhava um frango. Havia uma panela de sopa borbulhando na parte de trás do fogo: as sobras da galinha entrariam nela, assim como todos os restos de verdura e ossos. As nossas Marthas eram muito eficientes com comida, nunca desperdiçavam mantimentos.

Rosa estava junto da enorme pia dupla enxaguando louça. Nós tínhamos um lava-louça, mas as Marthas não o usavam a não ser depois de jantares de Comandantes em nossa casa, porque gastava muita luz, dizia Vera, e por causa da guerra a energia andava escassa.

Às vezes as Marthas chamavam de guerra de olhar a panela, porque ela nunca chegava à fervura, ou então de guerra da Roda de Ezequiel, porque rodava por toda a parte mas não chegava a lugar nenhum; mas só diziam essas coisas quando estavam sozinhas.

– A Shunammite falou que uma de vocês contou para a Martha dela que minha mãe está morrendo – despejei de uma vez. – Quem foi? Que mentira!

Na mesma hora as três pararam de fazer o que estavam fazendo. Parecia que eu tinha brandido uma varinha mágica e as transformado em estátuas: a Zilla com o rolo de massa no ar, a Vera com um cutelo na mão e um longo pescoço branco de frango na outra, Rosa com uma travessa e um pano de prato. Então elas se entreolharam.

– A gente achou que você soubesse – disse Zilla com suavidade. – Pensamos que sua mãe tivesse lhe contado.

– Ou o seu pai – disse Vera. Isso foi bobagem, porque quando ele poderia ter feito isso? Ele mal parava em casa naquela época, e quando parava, ou estava jantando sozinho na sala de jantar, ou trancado em seu escritório fazendo coisas importantes.

– Sentimos muito – disse Rosa. – A sua mãe é muito boa mulher.

– Uma Esposa modelo – disse Vera. – Está padecendo sem uma queixa.

A esta altura eu estava recurvada sobre a mesa da cozinha, chorando com o rosto entre as mãos.

– Todo mundo tem que suportar as tribulações enviadas para nos testar – disse Zilla. – Precisamos ter esperança.

Esperança em quê?, pensei eu. Que esperança me restava? Do meu ponto de vista, só havia luto e trevas no meu caminho.

Minha mãe morreu duas noites depois, mas só fiquei sabendo de manhã. Fiquei com raiva dela por estar moribunda e não me contar – embora ela tenha me contado, de certa forma: ela havia orado para sua dor passar logo, e sua oração foi atendida.

Quando minha raiva passou, eu sentia como se um pedaço de mim tivesse sido cortado – um pedaço do meu coração, que agora também me parecia morto. Eu torci para que os quatro anjos ao redor de sua cama fossem de verdade, afinal de contas, e que tivessem velado por ela e levado sua alma ao céu, igual dizia a música. Tentei imaginá-los ascendendo com ela, cada vez mais alto, até chegar a uma nuvem cor de ouro. Mas eu não conseguia acreditar nisso com firmeza.

III

Hino

6

Ao me preparar para dormir, noite passada, soltei meu cabelo, o pouco que sobrou dele. Em um dos meus estimulantes sermões às outras Tias, há alguns anos, preguei contra a vaidade, sempre à espreita apesar de nossa constante vigilância. "A vida não é só feita de cabelo", falei na ocasião, gracejando apenas em parte. O que é verdade, mas também é verdade que cabelo é feito de vida. Ele é a chama da vela que é o corpo, e conforme ele vai definhando, o corpo vai minguando e se esvaindo. Eu já tive cabelo suficiente para um coque alto, na época dos coques altos; para um coque baixo, na era dos coques baixos. Mas agora meu cabelo é feito as nossas refeições aqui no Ardua Hall: esparso e curto. A chama da minha vida está se abreviando, com mais vagar do que certas pessoas ao redor talvez desejem, mas mais rápido do que talvez percebam.

Contemplei meu reflexo. O inventor do espelho não foi gentil com a maioria de nós: devíamos ser mais felizes antes de conhecer nossa própria aparência. Podia ser pior, disse a mim mesma: meu rosto não dá sinais de fraqueza. Ele retém sua textura coriácea, sua verruga cheia de personalidade no queixo, suas linhas vincadas tão familiares. Nunca fui bonitinha no sentido banal, mas já fui vistosa: agora já não se pode dizer isso. *Imponente* é o melhor que se pode aventar.

Como será que vou terminar?, ponderei. Será que vou chegar a uma velhice de parcos cuidados, ossificando pouco a pouco? Será que vou me tornar minha própria estátua reverenciada? Ou será que o regime e eu cairemos e minha réplica em pedra cairá junto, sendo removida e vendida à guisa de curiosidade, ornamento de jardim, ou amostragem do kitsch mais repulsivo?

Ou será que vou ser arrastada a julgamento feito um monstro, depois

executada por um pelotão e pendurada num poste para apreciação do público? Será que vou ser esquartejada por uma turba e minha cabeça vai ser espetada numa estaca para desfilar pelas ruas, sob risos e chacota? Sei que inspirei raiva suficiente para isso.

Nesse momento sei que ainda tenho algum poder de escolha nesta questão. Não se morro ou não, mas sim quando e como. Não há certa liberdade nisso?

Ah, e quem levar comigo se eu cair. Minha lista está pronta.

Estou bem ciente de quanto você deve estar me julgando, meu leitor; quer dizer, isso se minha reputação me precedeu e você descobriu quem eu sou, ou era.

Na minha própria época sou uma lenda, viva porém mais do que viva, morta porém mais do que morta. Sou uma foto pendurada no alto das salas de aula, de meninas bem-nascidas o suficiente para frequentarem salas de aula – sorrindo com severidade, censurando em silêncio. Sou um bicho-papão que as Marthas usam para assustar crianças pequenas: *Se você não se comportar, a Tia Lydia vai vir te pegar!* Também sou um modelo de perfeição moral a ser imitado – *O que a Tia Lydia gostaria que você fizesse?* – e uma juíza ou árbitra na inquisição nebulosa da imaginação – *O que a Tia Lydia diria de uma coisa dessas?*

Estou inchada de tanto poder, é verdade, mas ele também me torna nebulosa – amorfa, mutável. Estou em toda parte e em lugar nenhum: até nas cabeças dos Comandantes projeto uma sombra perturbadora. Como posso me reaver? Como encolher de volta a meu tamanho normal, o tamanho de uma mulher comum?

Mas talvez já seja tarde demais para isso. Você dá o primeiro passo e, para se salvar das consequências, você dá o seguinte. Em tempos como os nossos, só há duas direções: ou subir, ou desabar.

Hoje foi a primeira lua cheia depois de 21 de março. Em outros lugares do mundo, cordeiros estão sendo abatidos e consumidos; ovos de Páscoa também estão sendo comidos, por motivos relacionados a deusas da fertilidade neolíticas que ninguém lembra por vontade própria.

Aqui no Ardua Hall abdicamos do cordeiro, mas conservamos os ovos. Excepcionalmente, como distração, permito que sejam tingidos em rosa-bebê e azul-bebê. Você não tem ideia do prazer que isso dá às Tias e Postulantes reunidas para a ceia no Refeitório! Nossa dieta é monótona, de forma que a

variação é bem-vinda, mesmo que seja apenas uma variação de cor.

Depois que as bacias de ovos cor de creme já haviam chegado e sido admiradas, mas antes do início do nosso humilde banquete, puxei a Oração de Graças de antes das refeições – *Abençoai este alimento e conservai-nos em Teu caminho, e que possa o Senhor abrir* – e a seguir a oração especial de Equinócio da Primavera:

Assim como o ano entra em sua primavera, Senhor, entrai em nossos corações; abençoai nossas filhas, abençoai nossas Esposas, abençoai nossas Tias e Postulantes, abençoai nossas Pérolas em missão além de nossas fronteiras, e derramai Vossa graça Paternal sobre nossas irmãs caídas, as Aias, e redimi-as pelo sacrifício de seus corpos e por suas dores de parto, conforme a Vossa vontade.

E abençoai a Bebê Nicole, raptada pela própria mãe, Aia traiçoeira, e escondida no Canadá pelos incréus; abençoai todo inocente que ela representa, todo aquele condenado a ser criado pelo ímpio. Enviai-lhe nossas lembranças e preces. Que nossa Bebê Nicole nos seja restituída, ó Senhor; que a Vossa graça a traga de volta.

Per Ardua Cum Estrus. Amém.

Me agrada muito ter urdido um mote tão dúbio. Será que *Ardua* era "dificuldade" ou "trabalho de parto da mulher"? Será que Estrus tinha a ver com hormônios ou com os ritos pagãos de primavera? As habitantes de Ardua Hall não sabem nem se importam. Elas apenas repetem as palavras certas na ordem certa, e, assim, estão seguras.

E além disso há a Bebê Nicole. Enquanto eu orava por seu retorno, todos os olhos repousavam em sua foto pendurada atrás de mim, na parede. Como é útil, a Bebê Nicole: ela inflama os crentes, inspira ódio contra nossos inimigos, é uma prova da possibilidade de traição dentro de Gilead, e de como as Aias são perversas e ardilosas, e de que nunca se podia confiar nelas. E nem sua utilidade se resumiria a isso, refleti: em minhas mãos – se viesse parar aqui – a Bebê Nicole teria um futuro brilhante.

Foram esses meus pensamentos durante o hino de encerramento, cantado em harmonia por três jovens Postulantes. Suas vozes eram puras e límpidas, e o resto de nós ouvia com toda a atenção. Apesar do que você possa ter ouvido, caro leitor, havia alguma beleza em Gilead. Por que nós não haveríamos de buscá-la?

Éramos seres humanos, afinal.

Percebi que acabei de falar de nós no passado.

A música tinha a melodia de um velho salmo, mas a letra era nossa:

Sob o Olho Dele brilha a verdade,
Vemos todo pecado;
Te observamos sempre que saíres
Até teres voltado.
Do coração extirpar todo vício,
Chorando e orando em sacrifício.

Nosso caminho é o da obediência
Nunca desviaremos!
Tarefa difícil, conte conosco
Sorrindo nós serviremos.
Vaidade, egoísmo e indolência,
Nós os podamos sem indulgência.

Versos banais e sem charme: tenho autoridade para dizê-lo, já que fui eu que os escrevi. Mas hinos assim não são para ser poéticos. São simplesmente para lembrar aqueles que os cantam do alto preço que pagariam ao se desviarem do caminho que lhes foi traçado. Não somos de perdoar os lapsos umas das outras, aqui no Ardua Hall.

Depois do canto, começou a mastigação festiva. Percebi que a Tia Elizabeth pegou um ovo além de sua cota e que Tia Helena pegou um a menos, fazendo questão de que todas percebessem isso. Quanto à Tia Vidala, assoando o nariz num guardanapo, vi seus olhos de bordas vermelhas pulando de uma para a outra, e depois para mim. O que será que ela está tramando? Para que lado vai soprar o vento?

Depois de nossa pequena comemoração, realizei minha peregrinação noturna à Biblioteca Hildegard, que fica no extremo do Hall, trilhando a vereda banhada em luar e passando por minha estátua na penumbra. Entrei, cumprimentei a bibliotecária noturna, cruzei a seção Geral onde três de nossas Postulantes se

encontravam às turras com sua recém-adquirida capacidade de leitura. Atravessei o Salão de Leitura, para o qual é necessária uma autorização especial e onde as Bíblias jazem na escuridão de suas caixas trancadas, resplandecentes de energia arcana.

Então abri uma porta trancada e me enfurnei pelos Arquivos das Linhagens Genealógicas, com suas pastas sigilosas. É essencial registrar quem tem parentesco com quem, tanto oficialmente, quanto de fato: devido ao sistema das Aias, o filho de um casal pode não ser biologicamente descendente da mãe de elite e nem mesmo do pai oficial, porque uma Aia desesperada tem chances de tentar engravidar seja lá como puder. É nossa função nos informar, porque o incesto deve ser prevenido; já está bom de Não bebês. Também é função do Ardua Hall guardar este conhecimento ciosamente: os Arquivos são o coração do Ardua Hall.

Por fim cheguei a meu nicho secreto, nas profundezas da seção de Literatura Mundial Proibida. Nas minhas prateleiras particulares, separei minha seleção pessoal de livros proscritos, vetados às menos graduadas. *Jane Eyre, Anna Kariênina, Tess dos D'Urbervilles, Paraíso perdido, Vidas de meninas e mulheres* – que pânico moral qualquer um deles causaria se fosse parar entre as Postulantes! Aqui também guardo outra coleção de arquivos, acessíveis apenas a muito poucos; penso neles como a história secreta de Gilead. Nem tudo que aqui jaz é ouro, mas pode ter valor de maneiras não monetárias: conhecimento é poder, especialmente conhecimento danoso à reputação. Eu não sou a primeira pessoa a reconhecer isso, nem a primeira a ter capitalizado em cima disso quando possível: todas as agências de inteligência do mundo sempre souberam disso.

Uma vez isolada, retirei meu manuscrito em gestação de seu esconderijo, um retângulo oco cortado no interior de um de nossos livros sob censura máxima: *Apologia pro vita sua: Uma defesa da própria vida,* do cardeal Newman. Ninguém mais lê aquele tomo tão pesado, sendo o catolicismo considerado uma heresia e praticamente irmão do vodu, de forma que dificilmente devem espiar aqui dentro. Ainda assim, se alguém espiar, será uma bala na cabeça para mim; uma bala prematura, porque ainda estou bem longe de estar pronta para partir. Se e quando eu partir, planejo fazê-lo com um estrondo bem maior que esse.

Escolhi meu título sabiamente, porque o que mais estou fazendo aqui senão

defendendo minha vida? A vida que levei. A vida – pelo que digo a mim mesma – que não tive escolha senão levar. Houve época, antes do advento do regime atual, em que defender a minha vida nem me passava pela cabeça. Não achei que fosse necessário. Eu era juíza de vara familiar, um cargo que adquiri após décadas de trabalho desgastante e uma árdua escalada profissional, e eu vinha cumprindo minha função tão equitativamente quanto possível. Eu agia em prol de um mundo melhor conforme minha visão desse "melhor", dentro dos limites práticos de minha profissão. Eu contribuía para instituições de caridade, votava nas eleições federais e municipais, professava opiniões dignas. Presumia que estava vivendo de forma virtuosa; presumi até que minha virtude mereceria moderados aplausos.

Ainda que eu tenha vindo a perceber o quanto estava errada a respeito disso, e de muitas outras coisas, no dia em que fui presa.

IV

THE CLOTHES HOUND

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

7

Dizem que vou ficar com a cicatriz para sempre, mas estou quase boa; então, sim, acho que agora estou bem o bastante para fazer isso. Você disse que gostaria que eu lhe contasse como me envolvi nessa história toda, então vou tentar; ainda que seja difícil de saber por onde começar.

Vou começar pouco antes do meu aniversário, ou do que eu costumava acreditar que era meu aniversário. Neil e Melanie mentiram para mim sobre isso: seus motivos foram os mais justos e sua intenção das melhores, mas, quando descobri, fiquei com muita raiva deles. Foi uma raiva difícil de sustentar, porém, porque àquela altura ambos já haviam morrido. É possível ficar com raiva de gente que morreu, mas você nunca pode conversar com eles sobre o que fizeram; ou você pode ter apenas um lado dessa conversa. E além de raiva eu sentia culpa, porque eles tinham sido assassinados, e, na ocasião, eu acreditava que tinha sido por minha causa.

Supostamente eu estava completando dezesseis anos. Minha maior expectativa era tirar minha carteira de motorista. Festa de aniversário me parecia coisa de criança, ainda que Melanie sempre arrumasse um bolo com sorvete e cantasse "*Daisy, Daisy, give me your answer true*", uma música antiga que eu adorava quando era criança e agora achava um vexame. Eu cheguei a ganhar o bolo, mais tarde – bolo de chocolate, sorvete de baunilha, meus preferidos –, mas a esta altura eu não fui capaz de comê-lo. Àquela altura, Melanie não estava mais lá.

Aquele aniversário foi o dia em que descobri que eu era uma fraude. Ou não uma fraude, como um mágico incompetente: era falsificada, como uma antiguidade falsa. Eu fora forjada, e de propósito. Eu era muito imatura naquela ocasião – e parece mal ter passado um segundo –, mas agora não sou mais.

Como é rápido transformar um rosto: esculpi-lo feito madeira, endurecê-lo. Acabou aquela minha mania de olhar para o nada e ficar devaneando. Fiquei afilada, mais concentrada. Fiquei mais estreita.

Neil e Melanie eram meus pais; eles tinham uma loja chamada The Clothes Hound. Era basicamente de roupas usadas: a Melanie chamava de "previamente amadas" porque dizia que "usadas" tinha uma conotação de "surradas". O letreiro na fachada mostrava uma poodle rosa sorridente de saia felpuda e laço rosa na cabeça, com uma sacola de compras na pata. Embaixo dela havia um slogan em itálico e entre aspas: *"Ninguém diria!"* Isso queria dizer que as roupas usadas eram tão boas que ninguém jamais diria que tinham sido usadas, mas isso não era nem um pouco verdade pois a grande maioria das nossas roupas eram umas porcarias.

A Melanie dizia que herdara o Clothes Hound da avó. Dizia também que sabia que o letreiro era antiquado, mas que as pessoas estavam acostumadas com ele e que trocá-lo agora seria desrespeito.

O nosso brechó era na Queen West, em uma série de quarteirões que antigamente eram todos daquele jeito, segundo Melanie – tecidos, armarinhos, roupa de cama barata, lojas de um dólar. Mas agora estava ficando chique: abriam-se cafés com opções orgânicas e *fair trade*, pontas de estoque de grandes marcas, butiques de grife. Em reação, Melanie pendurou uma placa na vitrine: *A arte que veste.* Mas, lá dentro, a loja estava lotada de roupas que jamais poderiam ser chamadas de arte que veste. Havia um canto meio que de marca, embora coisas caras de verdade nem mesmo entrassem na Clothes Hound. O resto tinha mesmo de tudo. E todo tipo de gente entrava e saía dali: jovens, velhos, caçadores de pechinchas ou achados, ou gente que só queria dar uma olhada. Ou vender: até morador de rua vinha tentar faturar uns dólares por camisetas que haviam arranjado em bazares caseiros.

Melanie trabalhava no brechó. Usava cores vivas, como laranja e rosa-choque, pois dizia que criavam uma atmosfera positiva e dinâmica, e de qualquer forma ela gostava de acreditar que tinha sangue cigano. Estava sempre animada e sorrindo, ainda que de olho em possíveis furtos. Depois de fechar, ela separava e empacotava: isso para caridade, isso para reciclagem, isso para arte que veste. Enquanto separava as roupas ela cantava canções de musicais – velhos, de muito

tempo atrás. "*Oh what a beautiful morning*" era uma de suas preferidas, e "*When you walk through a storm*". Ela cantando me irritava; hoje me sinto culpada por isso.

Às vezes ela ficava atordoada: era muito pano, mais parecia um mar com ondas de tecido estourando em cima dela, ameaçando engolfá-la. Caxemira! Quem é que ia comprar caxemira de trinta anos de idade? Não era algo que melhorasse com a idade, dizia ela – diferente dela própria.

O Neil tinha uma barba que estava ficando grisalha e nem sempre estava aparada, e não tinha muito cabelo. Ele não parecia um homem de negócios, mas lidava com o que chamavam de "a parte do dinheiro": as faturas, a contabilidade, os impostos. Tinha um escritório no segundo andar, após um lance de escadas com degraus forrados com borracha. Lá havia um computador, um arquivo e um cofre, mas fora isso a sala não parecia lá muito um escritório: era tão atulhada e desordenada quanto a loja, porque o Neil curtia colecionar trecos. Caixinhas de música a corda, ele tinha um monte. Relógios, muitos relógios diferentes. Calculadoras antigas que funcionavam a manivela. Brinquedos de plástico que andavam ou pulavam pelo piso, como ursos, sapos e dentaduras falsas. Um projetor de slides para aquele tipo de slides coloridos que ninguém mais tinha. Câmeras – ele gostava de câmeras antiquíssimas. Algumas delas podiam tirar fotos melhores do que qualquer coisa hoje em dia, dizia ele. Ele tinha uma prateleira inteira só de câmeras.

Uma vez ele deixou o cofre aberto e eu dei uma espiada dentro. Em vez de encontrar os maços de dinheiro que eu esperava, não havia nada lá a não ser um trequinho de metal e vidro que eu achei que seria outro brinquedo, como as dentaduras falsas. Mas eu não conseguia ver onde dar corda nele, e fiquei com medo de encostar naquilo, porque era velho.

– Posso brincar com ele? – perguntei a Neil.

– Brincar com o quê?

– Com aquele brinquedo do cofre.

– Hoje não – disse ele, sorrindo. – Quando você for mais velha, talvez. – Então ele fechou a porta do cofre, e eu esqueci daquele estranho brinquedinho até que chegou o momento certo de recordá-lo, e entender o que ele era.

Neil tentava consertar todos os objetos, embora muitas vezes não conseguisse porque não conseguia encontrar peças. Aí as coisas ficavam lá paradas,

“juntando poeira”, como dizia a Melanie. Neil detestava jogar coisas fora.

Nas paredes ele tinha uns pôsteres velhos: BOCAS FECHADAS SALVAM ARMADAS, de uma guerra de muito tempo atrás; uma mulher mostrando o muque para indicar que mulheres eram capazes de fabricar bombas – esse era da mesma guerra antigona que o outro; e um vermelho e preto contendo um homem e uma bandeira que Neil falou que era da Rússia antes de ela virar a Rússia. Tinham sido de seu bisavô, que morava em Winnipeg. Tudo que eu sabia sobre Winnipeg era que lá era frio.

Eu adorava a Clothes Hound quando era pequena: parecia uma caverna cheia de tesouros. Não era para eu entrar sozinha no escritório de Neil porque eu iria “ficar mexendo” nas coisas, e aí quebrá-las. Mas eu tinha permissão para brincar com os brinquedos de corda e as caixinhas de música e as calculadoras, desde que com um adulto do lado. Mas as câmeras não, porque valiam muito, disse Neil, e de qualquer modo nem continham filme, então de que serviria mexer nelas?

Nós não morávamos em cima da loja. A nossa casa ficava bem longe, em um bairro residencial desses com bangalôs velhos e algumas casas mais novas e maiores construídas em terrenos de bangalôs demolidos. A nossa casa não era um bangalô – tinha um segundo andar com quartos –, mas também não era lá muito nova. Era de tijolos amarelos e muito genérica. Não havia nada nela que fosse fazer você olhar com atenção. Em retrospecto, acho que a ideia deles era essa.

8

Eu ficava na Clothes Hound muito tempo nos sábados e domingos porque Melanie não queria que eu ficasse sozinha em casa. Por que não?, comecei a perguntar a partir dos doze anos. Porque e se tiver um incêndio, disse Melanie. De qualquer forma, deixar uma criança sozinha em casa era contra a lei, disse Melanie. Então eu respondia para ela que não era criança, e ela suspirava e dizia que eu não sabia direito o que era e não era uma criança, e que filhos eram uma grande responsabilidade, e que quando fosse mais velha eu entenderia. Então ela dizia que eu a estava deixando com dor de cabeça, e entrávamos no carro dela e íamos para a loja.

Eles me deixavam ajudar com a loja – arrumando camisetas por tamanho, colocando o preço, separando as que precisavam ser limpas ou descartadas. Eu gostava de fazer isso: sentava a uma mesa nos fundos da loja, em meio ao cheiro de naftalina, olhando quem entrava.

Nem todos eram fregueses. Alguns eram mendigos que queriam usar nosso banheiro de funcionários. Melanie deixava desde que os conhecesse, especialmente no inverno. Havia um homem de mais idade que vinha com frequência. Ele usava casaca de tweed que havia ganhado de Melanie, e coletes de tricô. Quando eu tinha uns treze anos, eu o achava esquisito, porque tínhamos tido uma aula sobre pedófilos na escola. O nome dele era George.

– Você não devia deixar o George usar o banheiro – falei para a Melanie. – Ele tem cara de tarado.

– Daisy, que grosseria – disse Melanie. – Por que você acha isso?

Estávamos em casa, na cozinha.

– É o jeito dele. Ele está sempre por perto. Pede dinheiro bem em frente à loja, amola as pessoas. Além disso, ele é seu *stalker*. – Eu podia dizer que ele era meu

stalker, o que teria causado muito alarme, mas não era verdade. O George não prestava a menor atenção em mim.

Melanie riu e disse:

– Não é nada!

Para mim, ela estava sendo ingênua. Eu estava naquela idade em que os pais deixam de ser aqueles que sabem tudo para ser aqueles que não sabem nada.

Havia outra pessoa que vivia entrando e saindo da loja, mas não era moradora de rua. Eu estimava que teria uns quarenta anos, ou talvez quase cinquenta: com pessoas mais velhas era difícil dizer. Em geral ela usava uma jaqueta de couro preta, jeans pretos, e botas pesadas; seu cabelo era preto e sempre puxado para trás, e ela não usava maquiagem. Ela parecia uma motoqueira, mas não exatamente – mais tipo um anúncio com uma motoqueira. Não era freguesa – entrava pelos fundos da loja e pegava roupas para caridade. Melanie dizia que as duas eram velhas amigas, de forma que, quando Ada pedia, era difícil dizer não. De qualquer modo, Melanie dizia que só dava a ela produtos que seriam difíceis de vender, e se as pessoas dessem algum fim útil a eles, tanto melhor.

Ada não me parecia ser do tipo caridosa. Ela não era gentil e sorridente, era brusca, caminhando sempre a passos largos ao andar. Ela nunca ficava muito tempo, e nunca ia embora sem um par de caixas de papelão de refugos, que guardava no carro que estivesse estacionado no beco atrás da loja daquela vez. Dava para ver esses carros de onde eu sentava. Nunca eram os mesmos.

Havia um terceiro tipo de gente que vinha à Clothes Hound sem comprar nada. Eram as moças de vestido comprido e prateado e chapéu branco que se identificavam como as Pérolas, e diziam ser missionárias a serviço de Deus por Gilead. Eram muito mais esquisitas do que o George. Andavam pelo centro conversando com moradores de rua e infernizando a paciência nas lojas. Havia quem fosse rude com elas, mas a Melanie nunca era, pois dizia que não adiantaria nada.

Elas sempre apareciam em dupla. Usavam colares de pérolas brancas e davam muitos sorrisos, mas não eram sorrisos verdadeiros. Ofereciam a Melanie seus folhetos impressos com imagens de ruas limpas, crianças felizes, e sol nascendo, além de legendas que em teoria poderiam te atrair a Gilead: “Vivendo em

pecado? Deus ainda pode te perdoar!" "Sem teto? Em Gilead há um lar para você."

Sempre havia pelo menos um folheto sobre a Bebê Nicole. "Devolvam a Bebê Nicole!" "O lugar da Bebê Nicole é em Gilead!". Na escola, haviam passado um documentário sobre a Bebê Nicole: sua mãe era uma Aia, e havia tirado a Bebê Nicole de Gilead clandestinamente. O pai da Bebê Nicole era um Comandante de alta patente supermau em Gilead, de forma que a comoção foi enorme, e Gilead exigiu que ela fosse devolvida para reuni-la com aqueles que eram seus pais perante a lei. O Canadá primeiro fez corpo mole, mas afinal cedeu e disse que empreenderia amplos esforços, mas àquela altura a Bebê Nicole havia desaparecido e nunca mais fora encontrada.

Agora a Bebê Nicole era uma espécie de símbolo de Gilead. Em todos os folhetos das Pérolas estava a mesma foto dela. Ela tinha cara de bebê, nada de especial, mas era praticamente uma santa em Gilead, disse nossa professora. Ela também era um ícone para nós: sempre que havia um protesto anti-Gilead no Canadá, lá estava a foto, e palavras de ordem como BEBÊ NICOLE! SÍMBOLO DA LIBERDADE! Ou BEBÊ NICOLE! MOSTRANDO O CAMINHO!. Como se um bebê pudesse mostrar qualquer tipo de caminho, eu ficava pensando.

Eu basicamente detestava a Bebê Nicole desde que tive que fazer um trabalho sobre ela. Minha nota foi 7 porque falei que ela parecia uma bola de futebol sendo jogada de um lado para o outro, e que mais gente ficaria feliz se ela fosse simplesmente devolvida a Gilead. A professora disse que eu estava sendo insensível e deveria aprender a respeitar os direitos e sentimentos das outras pessoas, e eu falei que as pessoas em Gilead também eram gente, e seus direitos e sentimentos não deveriam ser respeitados também? Ela perdeu a paciência e disse que eu precisava era crescer, o que talvez fosse verdade: eu estava sendo irritante de propósito. Mas é que eu estava com raiva da nota 7.

Sempre que as Pérolas vinham nos visitar, a Melanie aceitava os folhetos e prometia deixar uma pilha deles junto do caixa. Às vezes ela até devolvia alguns folhetos velhos para elas: elas recolhiam os antigos para reutilizar em outros países.

– Por que você faz isso? – perguntei a ela quando estava com catorze anos e comecei a me interessar mais por política. – O Neil diz que somos ateus. Você só está estimulando elas. – Tínhamos tido três módulos sobre Gilead na escola: era

um lugar péssimo, terrível, onde as mulheres não podiam trabalhar fora nem dirigir, e onde as Aias eram forçadas a engravidar como se fossem vacas, sendo que as vacas ainda tinham mais vantagens. Que tipo de pessoa poderia ficar ao lado de Gilead e não se considerar um monstro? Especialmente sendo mulher. – Por que você não diz para elas que são do mal?

– Não há por que discutir com elas – disse Melanie. – São fanáticas.

– Então eu digo. – Eu achava que sabia o que havia de errado com as pessoas naquela época, especialmente as adultas. Pensava que podia ensinar-lhes uma lição. As Pérolas eram moças mais velhas do que eu, não era como se fossem crianças; como é que podiam acreditar naquela baboseira?

– Não – disse Melanie com aspereza. – Fique lá nos fundos. Não quero que você converse com elas.

– Por que não? Eu sei lidar...

– Elas tentam tapear garotas da sua idade para ir a Gilead com elas. Vão dizer que as Pérolas ajudam mulheres e meninas. Vão apelar para o seu idealismo.

– Eu jamais cairia nessa! – falei, indignada. – Não sou retardada, porra. – Geralmente eu não falava palavrão perto de Melanie e Neil, mas às vezes eles simplesmente escapuliam.

– Olha a boca suja – disse Melanie. – Pega mal.

– Foi mal. Mas não sou.

– Claro que não – disse Melanie. – Mas deixe elas em paz. Se eu aceito os folhetos, elas vão embora.

– As pérolas delas são de verdade?

– Falsas – disse Melanie. – Tudo nelas é falso.

9

Apesar de tudo que tinha feito por mim, a Melanie tinha um cheiro distante. Cheiro de sabonete floral para visitas na casa de alguém que você não conhece. O que quero dizer é que, para mim, ela não tinha cheiro de mãe.

Quando eu era mais nova, um dos meus livros preferidos na biblioteca da escola era sobre um homem que passou a fazer parte de uma alcateia. Esse homem não podia mais tomar banho porque o cheiro dos lobos ia sair dele e aí os lobos o rejeitariam. No nosso caso, eu e Melanie, era mais como se precisássemos acrescentar essa camada de cheiro de alcateia, aquilo que nos marcaria como nós-duas – nós, juntas. Mas nunca aconteceu. Nunca fomos muito grudadas.

Além disso, Neil e Melanie eram diferentes dos pais das crianças que eu conhecia. Eram cuidadosos demais comigo, como se eu fosse de vidro. Era como se eu fosse um gato premiado de quem estivessem cuidando: o seu gato você tratava de qualquer jeito, não teria grande preocupação a respeito, mas o gato de outra pessoa era outra história, porque esse, se você perdesse, sentiria culpa de uma ordem completamente diferente.

E tinha mais uma coisa: as crianças da escola tinham fotos delas mesmas – muitas fotos. Seus pais documentavam cada momento de suas vidas. Havia gente que tinha até fotos do próprio parto, que levavam para apresentar na escola. Eu costumava achar nojento – sangue e pernas gigantescas, com uma cabecinha despontando no meio delas. E tinham fotos de si mesmos quando bebês, às centenas. Não passava um arroto dessas crianças sem que um adulto apontasse a câmera para eles e pedisse um repeteco – como se vivessem a vida em dobro, uma vez de verdade e outra para a foto.

Não era o meu caso. Apesar da coleção de antiguidades do Neil, não existiam

câmeras que funcionassem de verdade em nossa casa. Melanie me contou que todas as fotos da minha primeira infância se perderam num incêndio. Só uma idiota para acreditar numa coisa dessas, de forma que acreditei.

Agora eu vou contar da estupidez que cometi e das consequências dela. Não tenho orgulho dessa minha atitude: em retrospecto, percebo a burrice que foi. Mas, na época, eu não via assim.

Uma semana antes do meu aniversário, haveria uma passeata de protesto contra Gilead. Um novo lote de imagens de execuções ocorridas em Gilead havia sido contrabandeado e mostrado nos telejornais: mulheres sendo enforcadas por heresia e apostasia e também por tentar retirar bebês de Gilead, coisa que na legislação deles era considerada traição à pátria. As duas séries mais velhas da nossa escola ganharam permissão para ir à manifestação como parte da Conscientização Sobre a Situação Mundial.

Nós havíamos produzido cartazes: SANÇÕES COMERCIAIS A GILEAD! JUSTIÇA PARA AS MULHERES DE GILEASNO! BEBÊ NICOLE, NOSSA ESTRELA-GUIA! Alguns alunos tinham feito cartazes ecológicos: GILEAD MENTE: AQUECIMENTO GLOBAL EXISTE! GILEAD QUER VER O MUNDO TORRAR!, com imagens de incêndios florestais e peixes, pássaros e pessoas mortas. Vários professores e alguns pais voluntários nos acompanhariam para que nenhuma violência acontecesse com a gente. Eu estava empolgada pois aquela seria minha primeira passeata. Mas aí Neil e Melanie disseram que eu não poderia ir.

– Por que não? – perguntei. – Todo mundo vai!

– De jeito nenhum – disse Neil.

– Vocês sempre estão dizendo que a gente tem que defender nossos princípios – falei.

– Isso é diferente. Pode ser perigoso, Daisy – disse Neil.

– Viver é perigoso, você mesmo diz isso. De qualquer forma, vão muitos professores. E é coisa de escola; se eu não for, vou perder nota! – Essa última parte não era exatamente verdade, mas Neil e Melanie gostavam que eu tirasse notas boas.

– Talvez ela possa ir – disse Melanie. – Se pedirmos a Ada para ir junto com ela?

– Não sou criança, não preciso de babá – falei.

– Você pirou? – disse Neil a Melanie. – Vai ter imprensa nesse negócio! Vai sair na TV! – Ele estava repuxando os cabelos, o pouco que restava deles. Sinal de que estava preocupado.

– É pra isso que *serve* – falei. Eu tinha produzido um dos cartazes que íamos carregando, com letras garrafais vermelhas e uma caveira preta. GILEAD = MORTE CEREBRAL. – A ideia é justamente sair na TV!

Melanie cobriu os ouvidos com as mãos:

– Estou ficando com dor de cabeça. O Neil tem razão. Não. Minha resposta é não. Você vai ficar aqui na loja me ajudando a tarde toda, e ponto.

– Tá bom, me encarcera mesmo, então – falei. Saí pisando duro e bati a porta do meu quarto. Não podiam me obrigar.

Eu frequentava um colégio chamado Wyle. O nome vinha de Florence Wyle, uma escultora de muito tempo atrás cujo retrato ficava na entrada principal. Aquele colégio deveria estimular a criatividade, segundo Melanie, e a compreensão da liberdade democrática e o pensamento independente, segundo Neil. Disseram que era por isso que me matricularam lá, ainda que em geral não concordassem com o conceito de escolas particulares; mas os padrões das escolas públicas eram tão baixos, e é claro que todos nós deveríamos fazer nossa parte para melhorar o sistema, mas enquanto isso eles não queriam que eu acabasse esfaqueada por algum traficante juvenil. Hoje eu acho que eles escolheram o colégio Wyle por outro motivo. O Wyle exigia frequência exemplar: matar aula era impossível. Assim, Melanie e Neil sempre sabiam onde eu me encontrava.

Eu não adorava o colégio Wyle, mas também não o odiava. Era uma etapa necessária para eu chegar à vida real, cujos contornos logo ficariam mais claros para mim. Havia pouco tempo eu aspirava ser uma veterinária de animais de pequeno porte, mas depois esse sonho acabou me parecendo algo infantil. Depois disso, eu resolvi ser cirurgiã, mas aí assisti a um vídeo de cirurgia na escola e fiquei enjoada. Outros alunos do colégio Wyle queriam ser cantores, designers e outras profissões criativas, mas eu era desafinada e desajeitada demais para isso.

Eu tinha alguns amigos na escola: amigas para fofocar, sempre meninas; amigos para trocar dever de casa, um pouco de cada. Eu fazia questão de que

minhas notas parecessem mais burras do que deveriam – eu não queria me destacar – de forma que meu dever de casa não valesse grande coisa na hora de ser trocado. Mas em educação física e esportes – nestes, tudo bem você ser boa, e eu era, especialmente qualquer esporte envolvendo altura e velocidade, como basquete. Com isso, eu era popular na hora de ser escolhida para os times. Mas fora da escola eu levava uma vida restritiva, já que Neil e Melanie morriam de medo de tudo. Não me deixavam ir a shoppings porque estavam cheios de viciados em crack, dizia Melanie, nem matar o tempo em parques, dizia Neil, por causa dos homens desconhecidos que os rondavam. De forma que minha vida social era praticamente zero: consistia apenas em coisas que me deixariam fazer quando eu estivesse mais velha. A palavra mágica de Neil em nossa casa era *Não*.

Dessa vez, porém, eu não ia me conformar: eu iria àquele protesto não importava como. A escola havia contratado alguns ônibus para nos levar. Melanie e Neil haviam tentado me impedir telefonando à diretora para negar sua autorização, e a diretora me pedira para ficar na escola, e eu dissera para ela que é claro que eu compreendia, sem problema, e que eu ficaria aguardando Melanie vir me buscar de carro. Mas havia apenas o motorista de ônibus conferindo os nomes dos alunos na lista, e ele não sabia qual era qual, e todos zanzavam a esmo por ali, e os pais e professores não estavam prestando atenção nem sabiam que não era para eu ir, de forma que eu troquei de carteira de identidade com uma pessoa do meu time de basquete que não queria ir e entrei no ônibus, me sentindo muito satisfeita comigo mesma.

10

No começo, a passeata foi empolgante. Foi no centro, perto da Assembleia Legislativa, embora não tivesse sido bem uma passeata já que ninguém andou para lugar nenhum, estava lotado demais para isso. As pessoas faziam discursos. Um parente canadense de uma mulher que morrera limpando material radioativo mortífero nas Colônias de Gilead falou sobre trabalho escravo. O líder dos Sobreviventes do Genocídio dos Territórios Nacionais de Gilead falou sobre as marchas forçadas para a Dakota do Norte, em que as pessoas foram amontoadas feito gado em cidades-fantasma cercadas sem água nem alimento, e com isso milhares morreram, e havia gente arriscando a vida para ir andando até o Canadá no inverno, e ele mostrou a mão sem alguns dedos e falou: Queimadura de frio.

Então uma oradora da SanctuCare – a organização para mulheres refugiadas de Gilead – falou sobre as mulheres de quem haviam tirado os filhos, e como isso era cruel, e que se você tentasse reaver o seu bebê eles te acusavam de desrespeitar a Deus. Eu não conseguia ouvir os discursos na íntegra porque às vezes o sistema de som falhava, mas o sentido estava claro. Havia muitos cartazes sobre a Bebê Nicole: TODOS OS BEBÊS DE GILEAD SÃO A BEBÊ NICOLE!

Então nosso grupo do colégio começou a gritar coisas e levantar nossos cartazes bem alto, e outras pessoas exibiam cartazes diferentes: ABAIXO OS FASCISTAS DE GILEASNO! REFÚGIO PARA REFUGIADOS! Bem nesse momento, alguns manifestantes contrários apareceram com outros tipos de cartaz: FECHEM A FRONTEIRA! GILEAD, FIQUE COM SUAS VADIAS E PIRRALHOS, AQUI JÁ TEMOS DEMAIS! FORA, INVASORES! XÔ, BEBÊS DE PUNHETA! Entre eles havia um grupo de Pérolas com seus vestidos prateados e pérolas – com cartazes dizendo MORTE A LADRÕES DE

CRIANÇAS e DEVOLVAM A BEBÊ NICOLE. Pessoas do nosso lado jogavam ovos nelas e davam vivas quando algum acertava, mas as Pérolas só mantinham seu sorriso glacial de sempre.

Começou o tumulto. Um grupo vestido de preto e com o rosto coberto começou a quebrar vidraças de loja. De repente surgiu um monte de policial de roupa de choque. Não se via de onde tinham saído. Avançavam batendo com os cassetetes nos escudos, e também os usavam para bater nos adolescentes e em outros.

Até então eu estava empolgada, mas a partir daí fiquei apavorada. Tentei ir embora, mas estava tão tumultuado que eu mal conseguia sair do lugar. Não conseguia achar o resto da minha turma, e o pessoal estava em pânico. Gente correndo para todo lado, muita gritaria. Tomei um golpe no estômago: acho que uma cotovelada. Eu respirava rápido e sentia que estava começando a chorar.

– Por aqui – disse uma voz rouca atrás de mim. Era Ada. Ela me agarrou pelo colarinho e me arrastou com ela. Não sei muito bem como ela abriu caminho: deve ter chutado um monte de canelas. Então nos vimos em uma rua atrás da baderna, como mais tarde chamaram o protesto na TV. Quando vi as imagens, pensei, Agora sei como é estar num tumulto: parece que estou me afogando. Não que já tenha me afogado.

– A Melanie falou que você poderia estar aqui. Vou te levar para casa – disse Ada.

– Não, mas... – falei. Eu não queria admitir que estava com medo.

– Agora. Anda logo. Sem mas nem meio mas.

Eu me vi no noticiário da noite: eu estava segurando um cartaz e gritando. Pensei que Neil e Melanie iam ficar furiosos comigo, mas não ficaram. Ficaram nervosos.

– Por que você foi fazer isso? – disse Neil. – Não ouviu o que a gente disse?

– Vocês sempre dizem que a pessoa tem que se posicionar contra injustiças – falei. – A escola também acha. – Eu sabia que tinha desobedecido, mas também não estava pronta para me desculpar.

– E agora, o que a gente faz? – disse Melanie, não para mim, mas para Neil. – Daisy, pode me trazer um copo d'água? Tem na geladeira.

– Pode ser que não dê nada – disse Neil.

– Não podemos arriscar – ouvi Melanie dizer. – Precisamos nos mexer, que nem ontem. Vou ligar para a Ada, ela pode arrumar uma van.

– Não há nenhum plano B pronto – disse Neil. – Não podemos...

Voltei para a sala com o copo d'água:

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Você não tem dever de casa para fazer? – perguntou Neil.

11

Três dias depois, alguém invadiu a Clothes Hound. A loja tinha alarme, mas os ladrões entraram e saíram antes que a polícia chegasse, e era esse o problema com alarmes, disse Melanie. Não encontraram dinheiro algum porque Melanie nunca deixava dinheiro na loja, mas levaram um pouco da Arte que veste, e reviraram o escritório do Neil – os arquivos dele estavam esparramados pelo chão. Também levaram alguns itens de sua coleção – alguns relógios de parede e câmeras antigas, um palhaço de corda antigo. Eles incendiaram a loja, mas de forma amadora, segundo o Neil, de forma que foi logo apagado.

A polícia veio e perguntou se Neil e Melanie tinham inimigos. Disseram que não tinham não, e que estava tudo bem – deviam ser só uns moradores de rua atrás de dinheiro para drogas –, mas eu percebi que estavam nervosos porque estavam falando daquele jeito que falavam quando não queriam que eu escutasse.

– Eles pegaram a câmera – disse Neil a Melanie quando eu estava entrando na cozinha.

– Que câmera? – perguntei.

– Ah, só uma câmera velha – disse Neil. Arrancou o cabelo mais um pouco. – Mas é rara.

Desse dia em diante, Neil e Melanie foram ficando cada vez mais amedrontados. O Neil encomendou um novo sistema de alarme para a loja. A Melanie disse que talvez a gente fosse se mudar de casa, mas quando comecei a perguntar mais ela falou que era só uma possibilidade. O Neil disse *Ninguém se machucou* sobre a invasão à loja. Ele falou isso várias vezes, o que me fez ficar pensando qual teria sido o verdadeiro prejuízo, fora o sumiço de sua câmera preferida.

Na noite depois da invasão, flagrei Melanie e Neil assistindo à TV.

Geralmente eles não assistiam à TV de verdade – ela simplesmente vivia ligada –, mas dessa vez, estavam concentrados nela. Uma Pérola identificada apenas como "Tia Adrianna" fora encontrada morta em um apartamento de condomínio que ela e sua Pérola companheira haviam alugado. Ela fora amarrada a uma maçaneta com seu próprio cinto prateado apertado no pescoço. Estava morta há vários dias, segundo o perito legista. Fora um vizinho de condomínio quem detectara o cheiro e chamara a polícia. A polícia dizia ter sido um suicídio, pois esse método de autoestrangulamento era comum.

Mostraram uma foto da Pérola morta. Estudei-a com atenção: às vezes era difícil de se distinguir uma Pérola da outra por causa de suas roupas, mas eu me lembrava de que aquela tinha estado na Clothes Hound há pouco tempo, distribuindo panfletos. E viera junto com sua dupla, identificada como "Tia Sally", que – segundo o âncora do telejornal – estava desaparecida. Mostraram uma foto dela também: a polícia pedia que quem tivesse informações entrasse em contato. O Consulado de Gilead ainda não havia feito nenhum comentário.

– Que coisa horrível – disse Neil a Melanie. – Coitadinha. Que catástrofe.

– Por quê? – perguntei. – As Pérolas trabalham para Gilead. Elas nos odeiam. Todo mundo sabe disso.

Os dois ficaram olhando para mim com uma cara que não sei bem do que chamar. De *desolados*, eu acho. Fiquei sem entender nada: por que se importavam tanto?

Aconteceu uma coisa horrível no meu aniversário. A manhã começou normalmente. Levantei, vesti meu uniforme xadrez verde do colégio Wyle – cheguei a dizer que tínhamos uniforme? Calcei meus sapatos de cadarço em cima das minhas meias verdes, fiz o rabo de cavalo que constava entre os penteados permitidos da escola – mechas soltas eram proibidas – e desci as escadas.

Melanie estava na cozinha, que tinha uma ilha central de granito. Eu preferiria que fosse uma bancada de resina com objetos reciclados, como a da nossa cantina da escola – dava para enxergar por dentro da resina e ver os objetos presos nela, inclusive, em um dos balcões, havia um esqueleto de guaxinim, de forma que sempre havia algo para contemplar.

Era na ilha da cozinha que fazíamos a maioria das nossas refeições. Tínhamos uma sala de jantar com mesa. Supostamente era para festas e jantares, mas

Melanie e Neil nunca davam festas ou jantares; em vez disso, faziam reuniões, que tinham a ver com várias causas que defendiam. Na noite anterior, tínhamos recebido visitas: ainda havia muitas xícaras de café na mesa, e um prato com migalhas de biscoito e algumas uvas ressecadas. Eu não tinha visto nenhuma dessas pessoas porque estava no meu quarto, lá em cima, evitando as consequências do que quer que eu tivesse feito. Era algo evidentemente maior do que a mera desobediência.

Entrei na cozinha e sentei-me à ilha. A Melanie estava de costas para mim; ela olhava pela janela. Via-se nosso quintal dessa janela – vasos de planta redondos de cimento com arbustos de alecrim, o pátio com mesa e cadeiras de área externa, e uma esquina da rua à frente.

– Bom dia – falei. Melanie deu um pulo e se voltou.

– Ah! Daisy! – disse ela. – Não te ouvi chegar! Feliz aniversário! Feliz dezesseis anos!

O Neil não apareceu para o café da manhã até que fosse hora de eu sair para a escola. Estava ao telefone no andar de cima. Fiquei meio magoada, mas não muito: ele era muito avoado.

A Melanie me levou de carro, como geralmente fazia: ela não gostava que eu fosse de ônibus para a escola, ainda que o ponto fosse bem do lado de nossa casa. Ela dizia – como sempre – que estava a caminho da Clothes Hound e então podia muito bem me levar lá.

– De noite você vai ganhar seu bolo, com sorvete – disse ela, sua voz se elevando no final como se fosse alguma pergunta. – Te pego depois da escola. Temos algumas coisas para te falar, Neil e eu, agora que você tem idade.

– Tá bom – falei. Pensei que o assunto da conversa seriam meninos e o significado de consentimento, que a escola vivia repisando. Com toda certeza a coisa ia ser constrangedora, mas eu teria que aguentar e ponto.

Eu pensei em pedir desculpas por ter ido à passeata, mas aí chegamos na escola e eu ainda não tinha falado nada. Saí do carro sem uma palavra; a Melanie aguardou até eu estar junto à entrada. Dei tchauzinho para ela, e ela me deu de volta. Não sei por que eu fiz isso – não era o costume. Acho que era uma forma de pedir desculpas.

Não me lembro muito desse dia no colégio, porque que motivos teria para

isso? Foi tudo normal. O normal é como olhar pela janela de um carro. As coisas vão passando, isso e aquilo e aquilo outro, sem muito significado. Você não registra essas horas; elas são habituais, feito escovar os dentes.

Uns colegas que trocavam dever de casa comigo cantaram parabéns para mim na cantina durante o almoço. Outros bateram palmas.

Então veio a tarde. O ar ficou mais parado, o relógio ficou mais lento. Tive aula de francês, em que era para lermos uma página de uma novela de Colette – *Mitsou*, sobre uma estrela de *music hall* que escondia dois homens em seu guarda-roupa. Além de ser em francês, deveria demonstrar como costumava ser terrível a vida das mulheres, mas a vida da Mitsou não me parecia tão terrível assim. Esconder um homem bonito no armário – quem me dera fazer o mesmo. Mas mesmo se eu conhecesse um homem desses, onde eu poderia ocultá-lo? Não no closet do meu quarto: Melanie perceberia logo de cara, e, se não percebesse, eu teria que dar comida para ele. Ponderei a respeito: que tipo de comida eu poderia levar sem Melanie perceber? Queijo e biscoitos? Fazer sexo com ele estaria fora de cogitação: seria arriscado demais deixá-lo sair do closet, e não tinha espaço para eu me espremer com ele lá dentro. Era esse tipo de devaneio a que eu me entregava na escola: ajudava a passar o tempo.

Ainda assim, aquilo era um problema na minha vida. Eu nunca tinha saído com ninguém porque nunca tinha conhecido ninguém com quem tivesse vontade de sair. E me parecia impossível de vir a acontecer. Meninos do colégio Wyle, nem pensar: eu estudara com eles desde o fundamental, eu os vira tirar meleca do nariz, e alguns deles já tinham feito xixi na calça. Não dá para se sentir romântica com essas imagens na cabeça.

A esta altura eu me sentia melancólica, um dos efeitos que um aniversário pode ter: você fica à espera de uma transformação mágica, mas aí ela não vem. Para me obrigar a ficar acordada, eu arrancava fios de cabelo de trás da orelha direita, apenas dois ou três de cada vez. Eu sabia que, se arrancasse do mesmo ponto muitas vezes, estava arriscada a criar uma falha no cabelo, mas eu só começara a fazer aquilo havia poucas semanas.

Por fim as aulas acabaram e chegou a hora da saída. Andei pelo corredor encerado até a portaria da frente e saí do prédio. Chuviscava; eu estava sem capa de chuva. Passei os olhos pela rua: o carro de Melanie não estava.

De repente Ada surgiu do meu lado, com sua jaqueta de couro preto.

– Venha. Vamos para o carro – disse ela.

– O quê? – perguntei. – Por quê?

Olhei para a cara dela, e entendi na hora: alguma coisa muito ruim havia acontecido. Se eu fosse mais velha, teria perguntado o que era de imediato, mas não perguntei porque queria adiar o momento em que ficaria sabendo. Em livros, eu já topara com a expressão *pavor inominável.* Durante a leitura, tinham sido apenas palavras, mas naquela hora era exatamente o que eu sentia.

Quando entramos no carro e saímos dirigindo, perguntei:

– Alguém teve ataque do coração? – Foi a única possibilidade em que consegui pensar.

– Não – disse Ada. – Presta bem atenção e não quero ver você surtar. Não vai dar para você voltar para casa.

A sensação horrível no meu estômago ficou pior.

– O que houve? Foi incêndio?

– Uma explosão – disse ela. – Bomba no carro. Do lado de fora da Clothes Hound.

– Que merda. Destruiu a loja? – perguntei. Primeiro a invasão, e agora isso.

– Foi o carro da Melanie. Ela e o Neil estavam nele.

Fiquei um minuto inteiro parada sem responder; simplesmente não conseguia que aquilo entrasse na minha cabeça. Que maníaco tentaria matar Neil e Melanie? Eles eram tão normais.

– Então eles morreram? – falei, afinal. Eu tremia. Tentei imaginar a explosão, mas só conseguia ver um vazio. Um quadrado preto.

V

Van

12

Quem é você, leitor? E quando está você? Talvez no dia de amanhã, talvez a cinquenta anos de mim, talvez nunca.

Possivelmente você é uma das nossas Tias de Ardua Hall, que esbarrou nesse relato por acidente. Depois de se horrorizar com minha depravação por um momento, será que você vai tocar fogo nessas páginas para preservar minha imagem virtuosa? Ou será que vai sucumbir à sede de poder universal e sair correndo para contar tudo aos Olhos?

Ou será você um estrangeiro enxerido, perscrutando os arquivos do Ardua Hall depois da queda do regime? Nesse caso, o arquivo de documentos incriminatórios que construí por tantos anos terá sido aproveitado não só no meu julgamento – se o destino for maldoso a este ponto, e se eu viver o bastante para comparecer a tal julgamento –, como também no julgamento de muitas outras pessoas. Eu me encarreguei de descobrir onde cada corpo está enterrado.

A essa altura você deve estar se perguntando como evitei ser expurgada pelos maiorais – se não nos primeiros dias de Gilead, pelo menos quando o regime amadureceu e se tornou um mundo onde é cada um por si. Àquela altura, uma série de ex-notáveis havia sido enforcada no Muro, pois aqueles no pináculo da hierarquia se precaviam para que nenhum ambicioso viesse a lhes tomar o lugar. Talvez você presuma que, sendo mulher, eu estivesse especialmente vulnerável a ser descartada feito joio do trigo, mas você estaria errado. Simplesmente por ser mulher, eu estava fora da lista de usurpadores em potencial, pois nenhuma mulher jamais poderia tomar assento no Conselho dos Comandantes; então nesta frente, ironicamente, eu estava segura.

Mas existem outros três motivos para minha longevidade política. Em

primeiro lugar, o regime precisa de mim. Eu controlo o lado feminino do empreendimento deles com um punho de ferro dentro de uma luva de couro sob uma luva de tricô, e mantenho tudo em ordem: feito um eunuco num harém, estou em posição única para fazê-lo. Em segundo, sei demais sobre os líderes – sujeira demais – e eles não sabem muito bem o que eu posso ter feito a partir disso em matéria de documentação. Se me mandarem para a forca, será que essa sujeira poderia vir a ser vazada? Eles podem muito bem desconfiar de que tomei precauções para o caso de algo me acontecer, e estariam corretos.

Em terceiro lugar, eu sou discreta. Cada um destes homens eminentes sempre sentiu que seus segredos estão a salvo comigo; mas – conforme deixei veladamente claro – isso vale desde que eu esteja a salvo também. Há muito que sou partidária do sistema de freios e contrapesos.

Apesar dessas medidas de segurança, não me permito baixar a guarda. Gilead é um lugar arriscado: acidentes acontecem com muita frequência. Alguém já até escreveu o discurso do meu enterro, nem preciso dizer. Estremeço: que pés caminham sobre a minha sepultura?

Tempo, rogo ao ar, só mais um pouco de tempo. Só preciso disso.

Ontem recebi um convite inesperado para uma reunião particular com o Comandante Judd. Não é o primeiro convite do gênero que recebo. Alguns dos primeiros encontros em que estive foram desagradáveis; outros, mais recentes, foram proveitosos para ambas as partes.

Enquanto eu avançava pelo gramado raquítico que recobre o terreno entre o Ardua Hall e o quartel-general dos Olhos, e subi – com um bocado de esforço – a verdadeira colina que era a escadaria branca que leva à entrada principal e suas muitas colunas, fiquei me perguntando de qual tipo seria esta reunião. Preciso admitir que meu coração estava batendo mais rápido do que de costume, e não só por causa das escadas: é que nem todo mundo que entrou por essa porta saiu depois.

Os Olhos são sediados em uma grandiosa ex-biblioteca. Agora os únicos livros que ela abriga são os deles, sendo que o conteúdo original ou foi queimado ou, caso fosse valioso, acrescentado às coleções particulares de diversos Comandantes de mão leve. Sendo hoje em dia devidamente instruída nas Escrituras, sei citar com capítulo e versículo os alertas quanto a surrupiar artigos

proibidos pelo Senhor, mas a prudência é a faceta mais nobre da coragem, então não o faço.

Fico feliz em reportar que ninguém apagou os murais laterais da escadaria interior deste prédio: como eles retratam soldados mortos, anjos e coroas de louros, eles são virtuosos o bastante para serem considerados aceitáveis, ainda que a bandeira dos ex-Estados Unidos da América no mural à direita tenha sido substituída pela de Gilead.

O Comandante Judd subiu na vida desde que o conheci. Obrigar as mulheres de Gilead a andar na linha não atendia às ambições de seu ego nem lhe amealharia respeito suficiente. Mas enquanto atual Comandante encarregado dos Olhos, ele agora é universalmente temido. Sua sala fica no fundo do prédio, em um local antes dedicado a estocar livros e cubículos para pesquisadores. Um amplo Olho com um cristal de verdade na pupila fica no centro da porta. Assim, ele consegue ver quem está prestes a bater.

– Entre – disse ele enquanto eu erguia minha mão. Os dois Olhos juniores que até então me acompanhavam entenderam isso como sinal para partir.

– Tia Lydia, querida – disse ele, sorrindo amplamente por trás de sua enorme escrivaninha. – Muito obrigado por honrar meu humilde escritório com sua presença. Você está boa, espero?

Ele não esperava coisa nenhuma, mas deixei passar.

– Louvado seja – falei. – E o senhor? E sua Esposa? – Aquela Esposa estava durando mais do que o normal. Suas Esposas tinham o costume de morrer: o Comandante Judd possui um grande apreço pelos efeitos revigorantes de meninas moças, tal qual o rei Davi e uma miríade de chefões do tráfico centro-americanos. Após cada período de luto respeitável, ele dá a entender que está disponível novamente para uma noiva infantil. Sendo clara: ele dá a entender para mim.

– Eu e minha Esposa estamos bem, muito grato – disse ele. – Trago notícias maravilhosas. Sente-se, por favor. – Eu obedeci, preparada para ouvir com atenção. – Nossos agentes no Canadá tiveram êxito em identificar e eliminar dois dos agentes mais ativos do Mayday. Eles se acobertavam como donos de um brechó em uma área decadente de Toronto. Fizemos uma busca inicial das instalações e parece que eles tiveram grande importância como cúmplices e participantes da Rota Clandestina Feminina.

– A Providência nos abençoou – disse eu.

– Os nossos jovens e zelosos agentes canadenses realizaram a operação, mas as suas Pérolas mostraram o caminho. É muito útil você nos passar esses laivos de intuição feminina que elas têm.

– Elas são observadoras, bem treinadas e obedientes – falei.

As Pérolas tinham sido ideia minha, originalmente – outras religiões tinham missionários, então por que não a nossa? E outros missionários haviam conseguido converter pessoas, então por que não os nossos? E outros missionários haviam recolhido informação a ser utilizada em espionagem, então por que não os nossos? – mas, não sendo nada tola ou pelo menos não este tipo de tola, deixei que o Comandante Judd levasse o crédito pelo plano. Oficialmente, as Pérolas só se reportam a mim, pois seria malvisto um Comandante se envolver nos detalhes do que é essencialmente um trabalho de mulher; embora, é claro, eu precise informar a ele tudo que eu julgue ou necessário, ou inevitável. Se eu o informar de mais, eu perderia o controle; se eu o informar de menos, suspeitariam de mim. Seus belos panfletos são redigidos por nós, e o design e impressão são da pequena gráfica do Ardua Hall localizada em um dos nossos porões.

Minha iniciativa das Pérolas chegou num momento crucial para ele, justo quando a tolice de sua iniciativa, o fiasco dos Territórios Nacionais Autônomos, estava se tornando inegável. As acusações de genocídio lançadas por organizações internacionais de direitos humanos haviam se tornado uma vergonha, o fluxo de reassentados na Dakota do Norte atravessando a fronteira para se refugiar no Canadá era uma torrente humana incontrolável, e o absurdo esquema do Certificado de Raça Branca inventado pelo Comandante Judd malogrou sob escândalos de falsificação e propinas. A invenção das Pérolas salvou o pescoço dele, embora desde então eu esteja me perguntando se foi sábio da minha parte tê-lo salvado. Ele me deve uma, mas isso pode não funcionar a meu favor. Há quem deteste ficar em dívida com os outros.

Naquela hora, porém, o Comandante Judd era todo sorrisos.

– De fato, estas Pérolas têm Grande Valor. E, com esses dois agentes do Mayday fora de combate, você terá menos problemas, espera-se. Menos Aias em fuga.

– Louvado seja.

– Não vamos anunciar em público nossa precisão cirúrgica nessa ação de limpeza, é claro.

– Vão nos culpar de qualquer forma – falei. – A mídia canadense e a internacional. Naturalmente.

– E nós vamos negar tudo – disse ele. – Naturalmente.

Houve um momento de silêncio enquanto nos olhávamos por cima da mesa, talvez feito dois enxadristas; ou dois velhos camaradas – pois nós dois havíamos sobrevivido a três expurgos. Só por isso já se criara uma espécie de laço entre nós.

– Porém, há uma coisa que vem me incomodando – disse ele. – Aqueles dois terroristas do Mayday devem ter contado com um correspondente aqui em Gilead.

– É mesmo? Não pode ser! – exclamei.

– Fizemos uma análise de todas as fugas registradas: o sucesso de tantas delas não pode ser explicado sem algum tipo de vazamento. Alguém em Gilead, alguém com acesso à posição das nossas forças de defesa, só pode ter vazado informações para a Rota Clandestina Feminina. Quais rotas estão sendo vigiadas, quais provavelmente estarão liberadas, esse tipo de coisa. Como você sabe, por causa da guerra, o pessoal, especialmente em Vermont e no Maine, anda escasso. A mão de obra está em outros lugares, mais necessários.

– Quem poderia trair Gilead assim? – indaguei. – Trair nosso futuro!

– Estamos trabalhando nisso – disse ele. – Enquanto isso, se lhe ocorrer alguma ideia...

– É claro – respondi.

– Tem outra coisa – disse ele. – A Tia Adrianna. A Pérola encontrada morta em Toronto.

– Sim. Estarrecedor – falei. – Há alguma nova informação?

– Estamos esperando o Consulado nos atualizar – disse ele. – Mantenho você informada.

– O que eu puder fazer – disse eu. – Você sabe que pode contar comigo.

– E de tantas formas, querida Tia Lydia – disse ele. – Seu valor excede o de rubis, louvado seja.

Eu gosto de elogios tanto como qualquer outra pessoa.

– Obrigada – respondi.

A minha vida poderia ter sido muito diferente. Quem me dera ter simplesmente olhado ao meu redor, prestado atenção no quadro geral. Quem me dera ter feito as malas com a antecedência necessária, como algumas fizeram, e deixado o país – o país que eu ainda acreditava, ingenuamente, continuar sendo o mesmo a que eu pertencera por tantos anos.

Não há sentido prático nessas lamúrias. Eu fiz escolhas e, uma vez feitas, isso me deixava menos escolhas. Dois caminhos divergiam em um bosque amarelado, e eu peguei o que a maioria dos viandantes pegava. Estava pontilhado de cadáveres, como a maioria dos caminhos do gênero. Mas, como você percebeu, meu cadáver não está entre eles.

Nesse meu país desaparecido, as coisas andavam mal fazia anos. Enchentes, incêndios, tornados, furacões, secas, faltas d'água, terremotos. De certas coisas havia de mais, de outras coisas havia de menos. A infraestrutura decadente – por que alguém não desativou aqueles reatores atômicos antes que fosse tarde demais? A economia em declínio, o desemprego, a baixa natalidade.

As pessoas ficaram com medo. Depois elas ficaram com raiva.

A falta de soluções viáveis. A busca de um bode expiatório.

Por que achei que apesar de tudo as coisas correriam normalmente? Acho que porque já estávamos ouvindo notícias como aquelas há muito tempo. Você não acredita que o céu está caindo até que um pedaço dele caia em cima de você.

Fui presa pouco depois que os Filhos de Jacob liquidaram o Congresso. No início, nos disseram que tinham sido terroristas islâmicos: declarou-se Estado de Emergência em todo o país, mas nos disseram para continuar como sempre, que a Constituição logo seria restabelecida, e que o estado de emergência logo chegaria ao fim. Isso era verdade, mas não da forma como pensávamos.

O dia estava quente como o diabo. Os tribunais estavam fechados – temporariamente, até que fossem restabelecidos uma linha de comando válida e o estado de direito, segundo o que nos disseram. Apesar disso, algumas pessoas tinham ido trabalhar – o tempo liberado poderia sempre ser utilizado para debelar a papelada acumulada, ou pelo menos era essa minha desculpa. Na verdade, eu queria companhia.

Estranhamente, nenhum dos nossos colegas homens havia sentido aquela necessidade. Talvez estivessem se consolando em meio a suas esposas e filhos.

Quando eu estava imersa na leitura de um dos meus processos, uma jovem colega minha – Katie, nomeada recentemente, trinta e seis anos de idade, e grávida de três meses via banco de esperma – entrou na minha sala.

– Precisamos ir embora – disse ela.

Eu olhei bem para ela.

– Como assim? – perguntei.

– Precisamos sair do país. Está acontecendo alguma coisa.

– Sim, claro... o estado de emergência...

– Não, pior. Cancelaram meu cartão do banco. E meus dois cartões de crédito. Eu estava tentando comprar uma passagem de avião, por isso que descobri. Seu carro está aqui?

– O quê? – falei. – Por quê? Não podem simplesmente confiscar seu dinheiro!

– Parece que podem sim – disse Katie. – Se você for mulher. Foi o que a companhia aérea falou. O governo provisório acabou de aprovar novas leis: o dinheiro das mulheres agora pertence ao parente homem mais próximo.

– É pior do que você pensa – disse Anita, uma colega mais velha. Ela também entrou na minha sala. – Bem pior.

– Eu não tenho parente homem – falei. Estava atordoada. – Isso é completamente inconstitucional!

– Esquece a Constituição – disse Anita. – Acabaram de aboli-la. Ouvi isso no banco, quando tentei... – Ela rompeu em choro.

– Recomponha-se – falei. – Precisamos pensar.

– Você deve ter um parente homem em algum lugar – disse Katie. – Eles devem estar planejando isso há anos: me disseram que meu parente homem mais próximo é meu sobrinho de doze anos.

Naquele momento, arrombaram a portaria principal. Cinco homens entraram, dois a dois e mais um sozinho, submetralhadoras em punho. Katie, Anita e eu saímos da minha sala. A recepcionista geral, Tessa, deu um grito e se escondeu atrás da própria mesa.

Dois dos homens eram jovens – talvez abaixo dos trinta –, mas os outros três eram de meia-idade. Os mais novos estavam em forma, os outros tinham barriga de cerveja. Usavam roupas camufladas que mais pareciam de figurante de TV, e, se não fosse pelas armas, talvez eu tivesse dado risada, sem perceber ainda que o riso feminino estava para se tornar artigo raro.

– O que é isso? – falei. – Era só bater na porta! Ela estava aberta!

Os homens me ignoraram. Um deles – creio que o líder – disse a sua dupla:

– Está com a lista?

Experimentei um tom mais indignado:

– Quem é o responsável por esse estrago? – Eu estava começando a ficar em choque: estava sentindo frio. Seria aquilo um assalto? E nós as reféns? – O que vocês querem? A gente não guarda dinheiro aqui.

Anita me cutucou com o cotovelo para que eu calasse a boca: ela já tinha melhor noção das circunstâncias do que eu.

O segundo em comando estava com uma folha de papel na mão.

– Quem é a grávida? – disse ele.

Nós três nos entreolhamos. Katie se apresentou:

– Sou eu – disse ela.

– Sem marido, não é?

– Não, eu... – Katie pusera as mãos diante do ventre, protegendo-o. Ela decidira ser mãe solteira, como tantas naquela época.

– Pro colégio – disse o líder. Os dois rapazes se adiantaram.

– Venha conosco, senhora – disse o primeiro.

– Por quê? – disse Katie. – Vocês não podem simplesmente invadir e...

– Venha conosco – disse o segundo rapaz. Eles a seguraram pelos braços e a levaram arrastada. Ela gritava, mas lá se foi pela porta do mesmo jeito.

– Parem com isso! – falei. Ouvíamos os gritos dela pelo corredor, cada vez mais distantes.

– Eu que dou as ordens agora – disse o líder. Ele usava óculos e tinha um bigode de guidão, mas eles não o deixavam com aspecto bonachão. Tive razões para perceber, ao longo do que pode ser chamado de minha "carreira" em Gilead, que o subalterno que fica poderoso de repente é o que mais abusa do poder.

– Não se preocupe, ninguém fará mal a ela – disse o segundo. – Ela vai para um local seguro.

O homem com a lista leu nossos nomes. Não havia por que negar quem éramos: eles já sabiam.

– Cadê a recepcionista? – perguntou o líder. – Essa tal de Tessa.

A pobre Tessa brotou de trás da mesa. Estava trêmula de medo.

– O que você acha? – perguntou o homem da lista. – Vai pro atacadão, pro colégio ou pro estádio?

– Quantos anos você tem? – perguntou o líder. – Esquece, tem aqui. Vinte e sete.

– Vamos dar uma chance para ela. Atacadão. Talvez algum sujeito queira casar com ela.

– Fique em pé aqui – disse o líder a Tessa.

– Ah, meu Deus, ela se mijou – disse o terceiro homem.

– Não tome o nome Dele em vão – disse o líder. – Isso é bom. Ela é medrosa, talvez seja obediente.

– Duvido muito que seja – disse o terceiro. – São todas mulheres.

Acho que ele estava fazendo graça.

Os dois rapazes que haviam levado a Katie retornaram.

– Ela está na van – disse um deles.

– E onde estão essas duas outras que se dizem juízas? – perguntou o líder. – Essa Loretta e essa Davida?

– Estão almoçando – disse Anita.

– Vamos levar essas duas. Esperem aqui com ela até elas voltarem – disse o líder, indicando Tessa. – Então tranquem ela na van do atacadão. Depois tragam as duas que saíram pro almoço.

– Atacadão ou estádio? Para essas duas aqui?

– Estádio – disse o líder. – Uma delas passou da idade, as duas estudaram direito, e são mulheres juízas. Você sabe as nossas ordens.

– Se bem que, em alguns casos, é um desperdício – disse o segundo, apontando Anita com a cabeça.

– A Providência vai decidir – disse o líder.

Anita e eu fomos conduzidas escada abaixo, por cinco lances. Será que o elevador estava funcionando? Não sei. Então fomos algemadas com as mãos para a frente e enfiadas numa van preta, com um painel opaco nos separando do motorista e janelas gradeadas com vidros escuros.

Nós duas ficamos quietas esse tempo todo, porque o que poderíamos dizer? Era óbvio que pedir socorro não adiantaria nada. Não havia por que gritar ou nos jogar contra a lataria da van: teria sido mero desperdício de energia. De forma que preferimos esperar.

Pelo menos havia ar-condicionado. E assentos, onde nos sentamos.

– O que será que vão fazer? – cochichou Anita. Não víamos nada pelas janelas. Mal nos enxergávamos, víamos apenas borrões turvos.

– Não sei – respondi.

A van parou – suponho que em um posto de controle – e depois andou, e por fim brecou completamente.

– Ponto final – disse uma voz. – Pra fora!

As portas traseiras da van se abriram. Anita saiu primeiro, aos tropeços.

– Anda – disse uma voz diferente. Foi difícil descer da van com minhas mãos algemadas; alguém pegou no meu braço e deu um puxão, e acabei sendo jogada no chão.

Enquanto a van se afastava, me pus de pé com dificuldade e dei uma olhada ao redor. Eu estava num local aberto com muitos outros grupos de gente – mulheres, note-se – e um grande número de homens armados.

Eu estava num estádio. Mas já não era um estádio. Agora era um presídio.

VI

A SEIS MORREU

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

13

Tem sido muito difícil para mim falar de como foi a morte da minha mãe e das mudanças que a acompanharam. Tabitha me amava incondicionalmente, e agora que ela partira, tudo ao meu redor me parecia incerto e vacilante. A nossa casa, o jardim, até mesmo meu quarto: eles não me pareciam mais reais – como se fossem virar névoa e desaparecer. Eu ficava pensando num versículo bíblico que a Tia Vidala nos fizera decorar:

> *Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os levas como uma corrente de água; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce. De madrugada floresce e cresce; à tarde corta-se e seca.*

Floresce e cresce, corta-se e seca. Parecia um trava-língua – como se Deus não soubesse falar com clareza. Muitas alunas haviam gaguejado ao chegar nessa parte.

Para o funeral da minha mãe, me deram um vestido preto. Compareceram alguns Comandantes e suas Esposas, e nossas Marthas. O caixão estava fechado e continha o invólucro carnal de minha mãe, e meu pai fez um breve discurso sobre como ela sempre fora uma excelente Esposa, sempre pensando nos outros antes de pensar em si, e depois fez uma prece agradecendo a Deus por libertá-la do sofrimento, e todos disseram amém. Não se fazia grande estardalhaço nos funerais de mulheres em Gilead, nem mesmo nos da alta patente.

As pessoas importantes vieram a nossa casa depois do cemitério, e tivemos uma pequena recepção. Zilla fez folhadinhos de queijo, uma de suas especialidades, e me deixou ajudar. Isso me consolou um pouco: permitirem que

eu colocasse o avental, e ralasse o queijo, e espremer a bisnaga de massa no tabuleiro, e ficar observando os folhados crescerem pela porta de vidro do forno. Assamos os folhados de última hora, assim que as pessoas chegaram.

Então tirei o avental e fui para a recepção com meu vestido preto, conforme meu pai tinha pedido, e fiquei em silêncio, também conforme meu pai havia pedido. A maioria das visitas me ignorou, exceto por uma Esposa chamada Paula. Ela era viúva, e um bocado famosa, porque seu marido, o Comandante Saunders, tinha sido morto no próprio escritório pela Aia deles, com um espeto de churrasco – escândalo que fora objeto de muita fofoca na escola no ano anterior. O que aquela Aia estava fazendo no escritório? Como teria entrado?

A versão de Paula era de que a moça era doida, e tinha descido de mansinho à noite, roubado o espeto da cozinha, e quando o coitado do Comandante Saunders abrira a porta do escritório, ela o pegara de surpresa – assassinando um homem que sempre tivera o maior respeito por ela e por sua função. Depois disso a Aia fugira, mas a haviam apanhado e enforcado, deixando-a em exposição no Muro.

A outra versão era da Shunammite, que soubera pela sua Martha, que soubera pela principal Martha dos Saunders. Tinha a ver com impulsos violentos e uma ligação impura. A Aia deve ter dado algum jeito de provocar o Comandante Saunders, que então ordenou que ela descesse escondido na hora em que todos deveriam estar dormindo, à noite. Então ela se esgueirava para o escritório onde o Comandante já a esperava, e os olhos dele se acendiam feito holofotes. Quem sabe que exigências depravadas ele deve ter feito a ela? Exigências antinaturais, que levaram a Aia à loucura, não que fosse um salto tão longe assim com algumas delas, que já estavam à beira de um surto normalmente, mas aquela devia ser ainda pior que as outras. Nem caía bem pensar muito nisso, disseram as Marthas, que não deviam pensar em outras coisas.

Quando seu marido não apareceu para o café da manhã, Paula fora procurá-lo e o descobrira deitado no chão sem a calça. Paula vestira a calça nele de volta antes de chamar os Anjos. Ela precisou pedir ajuda a uma de suas Marthas: cadáveres ou eram duros, ou muito moles, e o Comandante Saunders era um homem corpulento e desajeitado. A Shunammite ainda disse que a Martha disse que a Paula se ensanguentou inteira ao enfiar as roupas de volta no cadáver, e que deve ter nervos de aço, porque fizera o certo para salvar as aparências.

Eu preferia a versão da Shunammite à da Paula. Pensei nela na recepção após o funeral, quando meu pai me apresentou a Paula. Ela estava comendo um folhadinho de queijo; seu olhar me media inteira. Parecia o olhar que a Vera fazia quando espetava um palito no bolo para ver se estava pronto.

Ela deu um sorriso e disse:

– Agnes Jemima. Que gracinha. – E me deu dois tapinhas na cabeça como se eu tivesse cinco anos de idade, e acrescentou que eu devia estar contente em ter ganhado um vestido novo. Minha vontade foi de mordê-la: o vestido novo deveria bastar para compensar a morte da minha mãe? Mas era melhor dobrar a língua em vez de mostrar o que realmente sentia. Nem sempre eu tinha sucesso nessas tentativas, mas daquela vez, consegui.

– Obrigada – respondi. Imaginei-a ajoelhada no chão sobre uma poça de sangue, tentando enfiar um par de calças num cadáver. Isso a colocou numa situação embaraçosa na minha cabeça, e com isso me senti melhor.

Vários meses após a morte de minha mãe, meu pai se casou com a viúva Paula. O anel mágico de minha mãe reapareceu em seu dedo. Acho que meu pai preferiu não desperdiçá-lo, por que comprar um novo anel se o antigo, tão lindo e caro, já estava disponível?

As Marthas resmungaram:

– Sua mãe queria que esse anel ficasse com você – disse Rosa.

Mas é claro que elas não podiam fazer nada. Eu fiquei furiosa, mas também não podia fazer nada. Fiquei retraída e amuada, mas nem meu pai nem Paula deram qualquer atenção a isso. Eles haviam começado a fazer uma coisa que chamavam de "relevar meu comportamento", o que na prática queria dizer ignorar os sentimentos que eu demonstrava de forma que eu acabasse aprendendo que não seria capaz de influenciá-los com silêncios insistentes. Eles até mesmo conversavam sobre essa técnica pedagógica na minha frente, falando de mim na terceira pessoa. *Estou vendo que a Agnes está de mau humor de novo. Sim, é que nem mau tempo, logo passa. É sempre assim quando ficam mocinhas.*

14

Pouco depois de meu pai ter se casado com Paula, aconteceu algo muito perturbador na escola. Estou relatando isso aqui não porque quero ser macabra, mas porque me deixou muito impressionada, e pode ajudar a explicar por que certas pessoas naquele tempo e lugar agiam como agíamos.

Isso aconteceu na aula de Religião, que, como já falei, era ministrada pela Tia Vidala. Ela era a encarregada de nossa escola, e das outras escolas iguais às nossas – o nome delas era Escolas Vidala –, mas o retrato dela que ficava na parte de trás de toda sala de aula era menor do que o da Tia Lydia. Haviam cinco retratos como esse: o da Bebê Nicole em cima, porque tínhamos que orar por seu retorno em segurança todos os dias. Depois a Tia Elizabeth e a Tia Helena, depois a Tia Lydia, depois a Tia Vidala. A Bebê Nicole e a Tia Lydia tinham molduras douradas, enquanto que as outras três tinham apenas molduras prateadas.

É claro que todas nós sabíamos quem eram as quatro mulheres: eram as Fundadoras. Mas do que elas eram fundadoras, isso nós não sabíamos direito, nem ousávamos perguntar: não queríamos ofender a Tia Vidala chamando atenção para o seu retrato menor. A Shunammite dizia que os olhos do retrato da Tia Lydia te seguiam pela sala e que ele conseguia ouvir o que a gente dizia, mas ela era exagerada e gostava de inventar coisas.

A Tia Vidala estava sentada sobre o tampo de sua escrivaninha enorme. Ela gostava de ter um bom panorama da gente. Ela nos mandou levar nossas carteiras para a frente e deixá-las bem próximas umas das outras. Aí ela disse que já tínhamos idade para ouvir uma das histórias mais importantes de toda a Bíblia – importante porque era uma mensagem de Deus especialmente para meninas e mulheres, então que prestássemos bastante atenção. Era a história da Concubina Cortada em Doze Pedaços.

Shunammite, sentada a meu lado, sussurrou:

– Já conheço essa.

Becka, sentada do outro lado, esgueirou a mão até segurar a minha sob o tampo da carteira.

– Quieta, Shunammite – disse a Tia Vidala. Depois de assoar o nariz, ela nos contou a seguinte história.

A concubina de um homem – uma espécie de Aia – fugiu de seu dono, voltando para a casa do pai. Foi uma grande desobediência da parte dela. O homem foi buscá-la, e, sendo do tipo bondoso e compassivo, pediu apenas para tê-la de volta. O pai, conhecendo as regras, disse sim – pois estava muito decepcionado com a desobediência da filha – e os dois homens cearam juntos para celebrar seu compromisso. Mas por causa disso, o homem e sua concubina tardaram em partir dali, e quando escureceu, eles se refugiaram em uma cidade onde o homem não conhecia ninguém. No entanto, um cidadão generoso disse que eles podiam passar a noite na casa dele.

Mas outros cidadãos, repletos de impulsos impuros, vieram a casa e exigiram que o viajante fosse entregue a eles. Queriam fazer coisas pecaminosas com ele. Coisas pecaminosas e depravadas. Mas fazer isso entre homens seria particularmente pecaminoso, de forma que o homem generoso e o viajante colocaram a concubina fora de casa em vez dele.

– Bem que ela mereceu, não foi? – disse Tia Vidala. – Ela não devia ter fugido. Pensem só no sofrimento que causou aos outros!

Mas quando amanheceu, disse a Tia Vidala, o viajante abriu a porta, e a concubina estava deitada na soleira.

– Levante-se – disse-lhe o homem. Mas ela não se levantou, pois estava morta. Os homens ímpios tinham matado ela.

– Como? – perguntou Becka. A sua voz mal se ouvia; ela apertava minha mão com toda a força. – Como eles mataram ela? – Duas lágrimas lhe escorriam pelas bochechas.

– Quando muitos homens cometem luxúria com uma mulher de uma vez só, ela morre – disse Tia Vidala. – Com essa história, Deus quer nos dizer que devemos nos contentar com nosso destino e não nos rebelar contra ele.

A mulher deveria honrar o homem que tem direito sobre ela, ela acrescentou. Se não, esse era o resultado. Deus sempre dava o castigo adequado ao crime.

Só depois fui saber o restante da história – que o viajante cortou o corpo da concubina em doze pedaços e mandou um para cada Tribo de Israel, conclamando-as a vingar o abuso de sua concubina com a execução dos assassinos, e que a Tribo de Benjamim se recusou, porque os assassinos eram benjaminitas. Na guerra de vingança que se seguiu, a Tribo de Benjamim foi quase obliterada e suas esposas e filhos foram todos mortos. Então as outras onze tribos decidiram que acabar com a décima segunda seria ruim, e pararam com a matança. Os benjaminitas que sobraram não podiam se casar oficialmente com nenhuma outra mulher para produzir novos filhos, já que as outras tribos tinham feito um pacto para impedir isso, mas deixaram que eles raptassem umas moças para casar com elas extraoficialmente, e foi isso que fizeram.

Mas não ouvimos o restante da história naquela ocasião porque a Becka tinha começado a chorar.

– Isso é horrível, é horrível! – dizia ela. As outras ficaram bem quietinhas.

– Controle-se, Becka – disse a Tia Vidala. Mas Becka não conseguia. O choro dela era tão convulsivo que pensei que ela fosse ficar sem fôlego.

– Posso abraçá-la, Tia Vidala? – perguntei por fim. Nos incentivavam a orar pelas outras meninas, mas não a travarmos contato físico.

– Dessa vez pode – disse a Tia Vidala, de má vontade. Abracei Becka, e ela ficou chorando no meu ombro.

A Tia Vidala estava irritada com aquele estado da Becka, mas também preocupada. O pai da Becka não era Comandante, e sim dentista, mas era um dentista importante, e a Tia Vidala tinha problemas nos dentes. Ela se levantou e deixou a sala.

Muitos minutos depois, a Tia Estée chegou. Era a ela que chamavam quando precisávamos ser acalmadas.

– Está tudo bem, Becka – disse ela. – A Tia Vidala não quis te assustar. – Não era exatamente verdade, mas Becka parou de chorar e ficou só nos soluços. – Tem outro jeito de se olhar para essa história. A concubina estava arrependida de sua atitude, e queria se redimir, então se sacrificou para evitar que o viajante bondoso fosse morto por aqueles homens malvados.

Becka voltou a cabeça ligeiramente para o lado: estava prestando atenção.

– Foi um ato nobre e corajoso da concubina, não acha? – Becka fez um discreto sim com a cabeça. A Tia Estée suspirou. – Todos nós precisamos fazer

sacrifícios para ajudar os outros – disse ela, em tom apaziguador. – Os homens precisam se sacrificar na guerra, e as mulheres precisam fazer outros tipos de sacrifícios. É assim que as coisas estão divididas. Agora vamos espantar a tristeza com um lanchinho. Eu trouxe uns biscoitos de aveia para nós. Meninas, podem socializar à vontade.

Ficamos ali comendo os biscoitos de aveia.

– Deixa de ser criança – cochichou Shunammite para Becka por cima de mim. – É só uma história.

Becka não pareceu lhe dar ouvidos.

– Eu nunca, jamais vou me casar – murmurou ela, quase para si mesma.

– Vai sim – disse Shunammite. – Todo mundo casa.

– Não casa não – disse Becka, mas só para mim.

15

Alguns meses após o casamento de Paula com meu pai, nossa casa recebeu uma Aia. O nome dela era Ofkyle, já que o nome do meu pai era Comandante Kyle.

– O nome dela deve ter sido outro antes – disse Shunammite. – De algum outro homem. Elas ficam passando de mão em mão até terem um bebê. São todas vadias, mesmo, não precisam de nomes de verdade.

Shunammite disse que vadia era uma mulher que tinha ficado com mais homens do que seu marido. Ainda que não soubéssemos direito o que "ficar com" queria dizer.

E as Aias devem ser vadias em dobro, disse Shunammite, porque nem marido tinham. Mas supostamente não era para você ser grossa com as Aias nem chamá-las de vadias, dizia Tia Vidala, secando o nariz com um lenço, porque estavam se redimindo com a comunidade ao lhe prestar um serviço, e todas nós deveríamos ser gratas a elas por isso.

– Não entendi por que ser vadia é prestar serviço – cochichou Shunammite.

– É por causa dos bebês – sussurrei de volta. – As Aias conseguem ter bebês.

– Tem outras mulheres que conseguem também – disse Shunammite. – E não são vadias.

Era verdade, algumas Esposas conseguiam, e algumas das Econoesposas: já as havíamos visto com suas barrigonas. Mas a maioria das mulheres não conseguia. Toda mulher quer ter um bebê, segundo a Tia Estée. Toda mulher que não fosse Tia, nem Martha. Porque, se você não fosse nem Tia nem Martha, disse Tia Vidala, que utilidade você tinha no mundo se não tivesse um filho?

A chegada daquela Aia significava que minha nova madrasta, Paula, queria ter um bebê porque, para ela, eu não contava como filha: a minha mãe era a Tabitha.

Mas e o Comandante Kyle? Eu também não parecia contar como filha dele. Parecia que eu tinha ficado invisível para os dois. Os olhares deles passavam direto por mim, e era como se contemplassem a parede.

Quando a Aia ingressou na nossa casa, eu estava quase em idade núbil, pelas contas de Gilead. Eu tinha crescido, meu rosto estava mais alongado, e meu nariz crescera. Minhas sobrancelhas tinham escurecido, não a ponto de virarem lagartas peludas como a da Shunammite nem ralas feito as da Becka, mas se curvando em meios-círculos, e meus cílios tinham ficado mais escuros. Meu cabelo tinha engrossado e passado de pardacento a castanho. Isso tudo me deixava contente, e eu ficava olhando meu rosto no espelho, girando para absorvê-lo de cada ângulo, apesar de todos os alertas contra a vaidade.

O mais alarmante eram meus seios crescendo, e pelos começando a nascer em áreas do meu corpo em que nos aconselhavam a não prestar atenção: pernas, axilas, e a parte pudenda que merece tantos nomes evasivos. Uma vez que a menina entrasse nessa fase, ela não era mais uma flor valiosa: era uma criatura perigosa.

Havíamos sido preparadas para isso na escola – a Tia Vidala apresentara uma série de aulas embaraçosamente ilustradas, que deveriam nos deixar informadas a respeito do papel e dos deveres da mulher para com seu corpo – o papel da mulher casada –, mas elas não tinham sido lá muito informativas nem apaziguadoras. Quando a Tia Vidala perguntou se havia alguma dúvida, ninguém se manifestou, porque por onde começar? Eu tinha vontade de perguntar por que tinha que ser daquele jeito, mas eu já sabia a resposta: porque era o plano de Deus. Era assim que as Tias se esquivavam de tudo.

Eu podia me preparar para o sangue que logo escorreria dentre minhas pernas: isso já acontecera com muitas meninas na escola. Deus não podia ter arrumado as coisas de outro jeito? Mas Ele tinha grande interesse em sangue, o que sabíamos pelos versículos das Escrituras que haviam sido lidos para nós: sangue, purificação, mais sangue, mais purificação, sangue para purificação dos impuros, ainda que não fosse para você tocá-lo com as mãos. O sangue era sujo, em especial quando vinha de mulheres, mas antigamente Deus gostava de recebê-lo em Seus altares. Porém, Ele havia abandonado essa prática – disse a Tia Estée – passando a preferir frutas, verduras, sofrimento sem queixas e boas obras.

Pelo que eu entendia, o corpo da fêmea adulta era uma grande arapuca. Se houvesse um buraco, com certeza algo seria enfiado nele e depois outra coisa sairia dele, e isso valia para qualquer tipo de buraco: um buraco na parede, um buraco na montanha, um buraco na terra. Havia tanta coisa que poderia ser feita com ele ou dar errado com ele, com este corpo feminino adulto, que eu acabei sentindo que estaria melhor sem ele. Passou pela minha cabeça me tornar menor deixando de comer, e tentei fazer isso por um dia, mas senti tanta fome que não consegui persistir na ideia, e fui à cozinha no meio da noite e comi restos de frango da panela de sopa.

Meu corpo efervescente não era minha única preocupação: meu status na escola havia diminuído muito. As outras colegas não me respeitavam mais, não me cortejavam mais. As meninas interrompiam as conversas quando eu chegava e me olhavam de um jeito estranho. Algumas até davam as costas. A Becka não fazia isso – ainda dava um jeito de sentar-se ao meu lado –, mas olhava direto para a frente e não segurava mais a minha mão sob a carteira escondido.

A Shunammite ainda dizia ser minha amiga, em parte, eu sei, porque não era popular com as outras, mas agora era ela quem me fazia o favor de ser minha amiga em vez do contrário. Isso tudo me magoava, embora eu ainda não compreendesse por que o clima havia mudado tanto.

Mas minhas colegas sabiam. A fofoca devia ter passado de boca em boca, de ouvido em ouvido – partindo da minha madrasta Paula, passando pelas nossas Marthas, que percebiam tudo, e delas para as outras Marthas, que encontravam quando iam às compras, e dessas Marthas às Esposas de outras casas, e dessas Esposas a suas filhas, minhas colegas.

E qual era o conteúdo das fofocas? Em parte, era que eu já não estava mais sob as graças do meu poderoso pai. Minha mãe, Tabitha, tinha sido minha protetora; mas agora que ela se fora, minha madrasta não me queria bem. Em casa ela ou me ignorava, ou gritava comigo – *Apanhe isso! Postura!* Eu tentava ficar tão longe da vista dela quanto possível, mas até mesmo minha porta fechada deve ter parecido uma afronta para ela. Ela devia saber que, atrás da porta, meus pensamentos eram os mais corrosivos.

Mas minha desvalorização ia além de não estar mais nas graças do meu pai. Havia novas informações circulando, informações bem prejudiciais para mim.

Sempre que havia um segredo a ser contado – especialmente se fosse escandaloso –, a Shunammite adorava ser a mensageira.

– Sabe do que fiquei sabendo? – disse ela um dia enquanto almoçávamos nossos sanduíches. Estava sol e era meio-dia: nos haviam permitido fazer um piquenique ao ar livre, no gramado da escola. O terreno era cercado por um muro alto com arame farpado concertina e havia dois Anjos guardando o portão, que ficava trancado exceto para a entrada e saída dos carros das Tias, de forma que estávamos perfeitamente seguras.

– Do quê? – perguntei. Os sanduíches eram uma mistura de queijo artificial que substituíra o queijo de verdade em nossos sanduíches escolares, já que nossos soldados precisavam do verdadeiro. O sol estava cálido, a grama estava macia, eu tinha conseguido sair de casa naquela manhã sem Paula me ver, e naquele momento eu estava ligeiramente contente com a minha vida.

– A sua mãe não era sua mãe de verdade – disse Shunammite. – Eles te tomaram da sua mãe de verdade porque ela era uma vadia. Mas fique tranquila, você não tem culpa, você era muito pequena e não sabia de nada.

Senti uma pontada no estômago. Cuspi um pedação do sanduíche na grama.

– Que mentira! – quase gritei.

– Calma – disse Shunammite. – Eu já falei que você não tem culpa.

– Não acredito em você – falei.

Shunammite me lançou um sorriso de pena, deliciando-se:

– É verdade. Minha Martha ouviu a história toda da sua Martha, que ouviu da sua madrasta nova. As Esposas sabem dessas coisas; foi assim que algumas conseguiram os filhos. Mas eu não, eu nasci do jeito normal.

Tive muito ódio dela naquela hora.

– Então onde está minha mãe de verdade? – exigi saber. – Já que você sabe de tudo!

Minha vontade era de dizer: você é muito, muito má. Eu estava entendendo que ela devia ter me traído: antes de me contar, ela já devia ter contado às outras meninas. Por isso é que estavam tão frias comigo: meu nome estava manchado.

– Sei lá, talvez ela tenha morrido – disse Shunammite. – Ela estava te roubando de Gilead, tentou fugir por uma floresta e atravessar a fronteira com você. Mas alcançaram ela e te salvaram. Sorte a sua!

– Quem me salvou? – perguntei baixinho. Enquanto me contava a história,

Shunammite continuava a mastigar. Eu contemplava sua boca, da qual emanava minha ruína. Havia queijo artificial laranja nos seus dentes.

– Eles, ora. Os Anjos, os Olhos, eles. Eles te resgataram e te deram para a Tabitha porque ela não podia ter filhos. Te fizeram um favor. Assim você ganhou uma casa bem melhor do que com a vadia.

A aceitação começou a subir pelo meu corpo feito uma paralisia. A história que a Tabitha costumava contar, aquela em que me resgatava e fugia das bruxas más, em parte era verdade. Mas não fora a mão de Tabitha que eu segurara, e sim a mão da minha verdadeira mãe – minha verdadeira mãe, a vadia. E não eram bruxas que nos perseguiam, mas homens. Eles portariam armas, porque homens assim sempre levavam as suas.

Mas de fato Tabitha me escolhera. Dentre muitas crianças arrancadas das mãos desesperadas de suas mães e pais. Ela me escolheu e me acalentou. Ela me amou. Essa parte era verdade.

Só que agora eu estava órfã de mãe, porque onde estaria minha mãe de verdade? Também estava órfã de pai – o Comandante Kyle não tinha mais parentesco comigo do que o homem na Lua. Ele só me tolerava porque eu era o projetinho de Tabitha, seu brinquedinho, seu bicho de estimação.

Não era de se admirar que a Paula e o Comandante Kyle quisessem uma Aia: eles queriam um filho de verdade em meu lugar. Eu não era filha de ninguém.

Shunammite continuava mastigando, observando satisfeita como sua mensagem ia sendo digerida.

– Eu vou ficar ao seu lado – disse ela na voz mais falsamente virtuosa que conseguiu fazer. – Não faz diferença nenhuma para a sua alma. A Tia Estée diz que todas as almas são iguais no céu.

Só mesmo no céu, pensei. E aqui não é o céu. Esse lugar é como o jogo das serpentes e escadas, e embora eu já tenha estado no alto de uma escada apoiada junto à Árvore da Vida, agora deslizei pelo dorso de uma serpente. Que delícia deve ser para os outros assistir a minha queda! Não era surpresa a Shunammite não resistir à tentação de espalhar aquela notícia tão ferina e apetitosa. Eu já ouvia a zombaria pelas minhas costas: *Vadia, vadia, filha da vadia.*

A Tia Vidala e a Tia Estée já deviam saber também. As duas já deviam saber desde sempre. Era o tipo de segredo que as Tias conheciam. Era assim que elas

garantiam seu poder, segundo as Marthas: conhecendo segredos.

E a Tia Lydia – cujo retrato carrancudo-sorridente de moldura dourada com o uniforme marrom feioso estava pendurado em todas as nossas salas de aula – deve saber mais segredos do que todas, porque era a mais poderosa. O que Tia Lydia teria a dizer sobre meu suplício? Será que ela me ajudaria? Será que entenderia minha tristeza, será que me salvaria? E seria a Tia Lydia uma pessoa de verdade, afinal? Eu nunca a havia visto. Talvez ela fosse como Deus – real mas irreal ao mesmo tempo. E se eu rezasse para a Tia Lydia à noite, em vez de para Deus?

Cheguei a tentar, no decorrer da semana. Mas a ideia era inimaginável – rezar para uma mulher –, de forma que parei.

16

Passei o restante daquela tarde horrível feito uma sonâmbula. Estávamos bordando jogos de lenços para as Tias, com flores personalizadas para seus nomes – equináceas para Elizabeth, hortênsias para Helena, violetas para Vidala. Eu estava bordando lilases para Lydia, e meti uma agulha no fundo do meu dedo sem perceber até que Shunammite disse:

– Tem sangue no seu bordado.

Gabriela – uma menina miúda, espertalhona, que agora desfrutava da popularidade que um dia eu já tivera porque seu pai fora promovido a três Marthas – sussurrou:

– Talvez ela tenha finalmente menstruado, só que pelo dedo. – E todas riram porque a maior parte já tinha menstruado, até a Becka.

Tia Vidala ouviu as risadas e levantou os olhos do livro, dizendo:

– Parem com isso.

A Tia Estée me levou para o banheiro e nós enxaguamos juntas o sangue da minha mão, e ela pôs um curativo no meu dedo, mas o lenço em *petit point* precisou ser mergulhado em água fria, que era o truque que nos ensinavam para tirar mancha de sangue, especialmente em tecido branco. Tirar manchas de sangue era algo que deveríamos saber enquanto Esposas, disse a Tia Vidala, porque faria parte de nossos deveres: teríamos que supervisionar nossas Marthas para garantir que elas estavam fazendo certo. Limpar manchas de sangue e outras substâncias corporais era parte do dever feminino, o dever de cuidar das outras pessoas, especialmente crianças pequenas e idosos, disse a Tia Estée, que sempre realçava o lado positivo das coisas. Este era um talento das mulheres devido a seus cérebros especiais, que não eram precisos e concentrados como os cérebros masculinos, e sim suaves, moles, mornos e envolventes feito... feito o

quê? Ela não chegou a terminar a frase.

Feito lama ao sol, pensei. Era isso que havia dentro da minha cabeça: lama aquecida.

– Algum problema, Agnes? – perguntou Tia Estée depois que meu dedo estava limpo.

Respondi que não.

– Então por que está chorando, querida?

Aparentemente, eu estava mesmo: lágrimas escorriam dos meus olhos, da minha cabeça úmida e lamacenta, apesar do meu esforço para controlá-las.

– Porque dói! – falei, já soluçante. Ela não perguntou o que estava doendo, embora com certeza soubesse que não era meu dedo furado. Ela passou o braço pelo meu ombro e o comprimiu de leve.

– Muitas coisas doem – disse ela. – Mas a gente tem que tentar se animar. Deus gosta de nos ver alegres. Ele se agrada quando apreciamos as coisas boas que ele pôs no mundo.

Tivemos muitas aulas sobre o que Deus gostava e desgostava, dadas pelas Tias, especialmente Tia Vidala, que mais parecia sua amiga íntima. Certa vez Shunammite disse que ia perguntar à Tia Vidala do que Deus gostava no café da manhã, o que escandalizou as meninas mais tímidas, mas ela nunca chegou a perguntar para valer.

Fiquei pensando o que Deus acharia das mães, as reais e as irreais. Mas eu sabia que não ia dar em nada interrogar a Tia Estée sobre minha mãe de verdade ou sobre a Tabitha ter me escolhido, e nem mesmo sobre a minha idade na época. As Tias da escola evitavam conversar conosco sobre nossos pais.

Assim que cheguei em casa naquele dia, encurralei Zilla na cozinha, onde ela estava fazendo biscoito, e repeti tudo que a Shunammite me contara na hora do almoço.

– Sua amiga é muito linguaruda. – Foram as palavras dela. – Ela devia aprender a ficar calada mais vezes. – Palavras surpreendentemente duras, para ela.

– Mas é verdade? – perguntei. Naquela hora eu ainda tinha um fiapo de esperança de que ela fosse negar tudo.

Ela deu um suspiro.

– Que tal me ajudar a fazer biscoito?

Mas eu já estava muito velha para ser subornada com favores simplórios como aquele.

– Me conte logo – falei. – Por favor.

– Bem – disse ela. – Segundo sua nova madrasta, sim. Essa história é verdade. Ou algo do gênero.

– Então a Tabitha não era a minha mãe – falei, retendo as lágrimas que já renasciam, controlando a minha voz.

– Depende do que você considera uma mãe – disse Zilla. – Sua mãe é aquela que te dá à luz ou aquela que te ama mais?

– Não sei – falei. – Talvez aquela que me ama mais.

– Então sua mãe era a Tabitha – disse Zilla, cortando os biscoitos. – E nós, as Marthas, também somos suas mães, pois também te amamos. Embora talvez nem sempre você ache isso. – Ela ia apanhando biscoito por biscoito redondo com a espátula e os depositava no tabuleiro. – Todas nós queremos muito o seu bem.

Isso me fez perder um tanto de confiança nela, porque a Tia Vidala dizia coisas semelhantes sobre querer nosso bem, geralmente antes de nos dar algum castigo. Ela gostava de nos dar varetadas nas pernas em locais não visíveis, e às vezes mais acima, obrigando-nos a nos debruçar e levantar a saia. Às vezes ela castigava a menina assim em frente à turma inteira.

– O que aconteceu com ela? – perguntei. – Com minha outra mãe? A que fugiu pela floresta? Depois que me tiraram dela?

– Não tenho certeza – disse Zilla, sem olhar para mim, empurrando os biscoitos para dentro do forno quente. Tive vontade de pedir um assim que eles saíssem – estava com desejo de um biscoitinho quente –, mas parecia um pedido infantil demais para fazer no meio de uma conversa séria daquelas.

– Eles atiraram nela? Mataram ela?

– Ah, não – disse Zilla. – Não teriam feito uma coisa dessas.

– Por quê?

– Porque ela conseguia ter filhos. Ela teve você, não teve? Isso provava que ela conseguia. Eles nunca matariam uma mulher valiosa dessas a não ser que não tivesse outro jeito. – Ela fez uma pausa para que eu absorvesse aquela

informação. – O mais provável é que eles tenham avaliado se ela poderia ser... As Tias do Centro Raquel e Lea orariam junto dela; conversariam com ela no começo, para ver se conseguiam fazê-la mudar de ideia.

Corriam boatos sobre o Centro Raquel e Lea na escola, mas eram muito vagos: nenhuma de nós sabia o que ocorria naquele lugar. Ainda assim, o simples conceito de ser benzida por um monte de Tias já era assustador. Nem todas eram tão boazinhas como a Tia Estée.

– E se não conseguirem que ela mude de ideia? – perguntei. – Será que a matariam? Ela morreu?

– Ah, tenho certeza de que conseguiram fazê-la mudar de ideia – disse Zilla. – São boas nisso. Mudam cabeça e coração.

– Então, onde ela está agora? – perguntei. – A minha mãe de verdade... minha outra mãe?

Fiquei me perguntando se aquela mãe se lembrava de mim. Devia lembrar sim. E devia me amar, ou não teria tentado me levar junto quando fugiu.

– Ninguém sabe disso, querida – disse Zilla. – Quando viram Aias, elas ficam sem o nome antigo, e com aquelas roupas que elas usam, você mal vê o rosto delas. Parecem todas iguais.

– Ela é uma Aia? – perguntei. Então era verdade o que a Shunammite tinha dito. – A minha mãe?

– É isso que fazem lá no Centro – disse Zilla. – Transformam elas em Aias, de um jeito ou de outro. As que conseguem pegar. Agora, que tal um biscoitinho quente? Estou sem manteiga agora, mas posso pingar um melzinho nele se quiser.

Agradeci. Comi o biscoito. Minha mãe era Aia. Por isso que Shunammite tinha repetido tanto que ela era uma vadia. Todos sabiam que todas as Aias já tinham sido vadias, tempos atrás. E ainda eram, mas de outra forma.

Dali em diante, nossa nova Aia passou a me fascinar. Quando ela chegara eu a ignorara, tal como haviam me ensinado – era o mais bondoso a fazer, disse Rosa, porque ou ela teria um bebê e seria levada para outro lugar, ou não teria um bebê e seria levada para outro lugar assim mesmo, mas de qualquer forma, ela não permaneceria muito tempo em nossa casa. Então fazia mal a elas se apegarem, especialmente a crianças ou jovens da casa em que se encontravam, porque logo

teriam que renunciar a esse apego, e imagine só como seria difícil para elas.

Então eu desviava o rosto da Ofkyle e fingira não notá-la quando ela adentrava a cozinha de vestido vermelho para pegar a cesta de compras e dar sua caminhada. As Aias caminhavam duas a duas todos os dias; eram bem visíveis nas calçadas. Ninguém as perturbava, nem falava com elas, nem encostava nelas, porque elas eram – em certo sentido – intocáveis.

Mas a partir daquele momento eu passei a observar Ofkyle de canto de olho sempre que podia. Seu rosto era pálido, oval e inexpressivo, feito a impressão digital de uma luva. Eu mesma sabia fazer uma expressão vazia, de forma que não acreditava que ela era mesmo vazia por dentro. Antes ela tivera outra vida, completamente diferente. Como teria sido sua aparência em sua vida de vadia? As vadias ficavam com mais de um homem. Com quantos homens teria ela ficado? O que isso queria dizer exatamente, ficar com homens, e que tipo de homens? Será que ela deixava partes do corpo para fora da roupa? Será que tinha usado calças, feito um homem? Isso era tão profano que era quase inimaginável! Mas se ela fizera aquilo, que audácia! Devia ter sido alguém muito diferente do que era agora. Devia ter tido muito mais energia.

Eu ia à janela para vê-la pelas costas quando ela saía para a caminhada, passando pelo nosso jardim e pela trilha até o portão social. Então eu tirava os sapatos, atravessava o corredor pé ante pé, e entrava escondido no quarto dela, que ficava nos fundos da casa, no terceiro andar. Era um quarto de tamanho médio com seu próprio banheiro acoplado. Havia um tapete trançado; na parede, havia um quadro de um vaso com flores azuis que pertencera a Tabitha.

Minha madrasta pusera o quadro ali para tirá-lo de vista, suponho, porque estava expurgando as partes sociais da casa de tudo que pudesse fazer seu novo marido se lembrar de sua antiga Esposa. Paula não estava fazendo isso de forma escancarada, era mais sutil – ela mudava coisas de lugar ou se livrava delas uma a uma –, mas eu sabia o que ela estava fazendo. Era mais um motivo pelo qual eu não gostava dela.

Por que estou medindo tanto as palavras? Não preciso mais fazer isso. Não é que eu não gostasse dela, eu a odiava. O ódio é uma emoção horrível porque faz a alma azedar – a Tia Estée nos ensinou isso –, mas, embora eu não admita com orgulho e tivesse o costume de rezar para ser perdoada por isso, o que eu sentia era ódio, sim.

Quando eu chegava ao quarto da Aia e fechava a porta com cuidado, eu bisbilhotava. Quem seria ela na verdade? E se *ela* fosse minha mãe desaparecida? Eu sabia que isso era um faz de conta, mas eu estava muito sozinha; eu gostava de pensar em como as coisas seriam se aquilo fosse verdade. Nós nos jogaríamos uma nos braços da outra, num abraço apertado, tão felizes por termos nos encontrado de novo... Mas e depois, o quê? Eu não tinha nenhuma versão do que poderia acontecer depois, embora tivesse uma vaga ideia de que seria turbulento.

Não existia nada no quarto de Ofkyle que desse qualquer ideia de quem ela era. Seus vestidos vermelhos estavam pendurados no armário feito uma ordenada procissão, suas peças íntimas brancas lisas e suas folgadas camisolas de pano ficavam perfeitamente dobradas nas prateleiras. Ela possuía um segundo par de sapatos para caminhada, um hábito extra, e um chapéu branco sobressalente. Ela tinha uma escova de dentes com cabo vermelho. Havia uma maleta em que trouxera essas coisas, mas estava vazia.

17

Por fim nossa Aia conseguiu ficar grávida. Eu fiquei sabendo disso antes de me contarem, porque em vez de tratá-la feito um cachorro de rua que estavam tolerando por piedade, as Marthas começaram a se preocupar com ela e a lhe preparar refeições maiores, e a colocar um vasinho de flor em sua bandeja de café da manhã. Como eu estava obcecada por ela, eu reparava ao máximo em detalhes como esse.

Eu ficava escutando as Marthas conversarem animadamente na cozinha quando pensavam que eu não estava, ainda que eu nem sempre fosse capaz de entender o que diziam. Quando eu estava junto delas, a Zilla sorria sozinha bastante, e a Vera baixava sua voz rude como se estivesse numa igreja. Até a Rosa adquirira uma certa expressão convencida, como se tivesse comido uma laranja bem gostosa mas sem contar para ninguém.

Quanto à Paula, minha madrasta, ela andava até mais corada. Estava sendo mais gentil comigo quando eventualmente nos víamos no mesmo cômodo, ocasiões que eu tentava fazer com que não fossem frequentes. Eu pegava o café da manhã direto da cozinha antes de ser levada para a escola, e pedia licença do jantar o mais rápido possível, alegando ter dever de casa: algum trabalho em *petit point*, bordado ou costura, um desenho que precisava terminar, uma aquarela que precisava pintar. Paula nunca se opôs: a vontade dela de me ver não era maior que a vontade que eu tinha de vê-la.

– A Ofkyle está grávida, não é? – perguntei a Zilla certa manhã. Tentei perguntar com displicência, para o caso de eu estar errada. Zilla foi pega de surpresa.

– Como você soube? – perguntou ela.

– Não sou cega – falei em um tonzinho superior que deve ter sido muito

irritante. Eu estava na idade.

– Não é para ficarmos falando nada disso – disse Zilla – até o terceiro mês. Os primeiros três meses são a época perigosa.

– Por quê? – perguntei. Afinal de contas eu não sabia tanto assim, apesar da apresentação de slides sobre fetos da Tia Vidala, com sua coriza permanente.

– Porque se for um Não bebê, é aí que a cria pode... é quando pode nascer cedo demais – disse Zilla. – E nesse caso morreria.

Eu sabia que existiam Não bebês: não se ensinava sobre eles, mas se cochichava sobre eles. Dizia-se que nasciam aos montes. A Aia da Becka tinha dado à luz uma menina: mas nascera sem cérebro. A coitada da Becka ficou muito abalada, pois queria uma irmã.

– Estamos rezando pela cria. Pela bebê – dissera Zilla, na época. Reparei no *cria*.

Mas a Paula deve ter insinuado às outras Esposas que Ofkyle tinha engravidado, porque de repente meu status na escola começou a melhorar de novo. Shunammite e Becka disputavam minha atenção, e as demais me reverenciavam como se eu tivesse uma espécie de aura invisível.

Um bebê em gestação conferia um fulgor a todos que estavam próximos dele. Era como se nossa casa estivesse imersa numa névoa dourada, e a névoa só ficasse mais fulgurante e mais dourada à medida que o tempo passava. Quando o limiar dos três meses foi cruzado, houve uma festa extraoficial na cozinha e Zilla fez bolo. Quanto à Ofkyle, sua expressão era menos de alegria do que de alívio, pelo que consegui ver do seu rosto.

Em meio àquele júbilo reprimido, eu mesma me encontrava numa nuvem negra. O bebê desconhecido no interior de Ofkyle estava absorvendo todo o amor: não parecia restar nenhum para mim, em lugar nenhum. Eu estava absolutamente sozinha. E com ciúmes: aquele bebê teria mãe, e eu nunca teria uma. Até as Marthas estavam se afastando de mim e buscando a luz que emanava da barriga de Ofkyle. Tenho vergonha de admitir isso – ciúmes de um bebê! –, mas a verdade é essa.

Foi nesta época que aconteceu uma coisa que eu deveria deixar passar, porque é melhor esquecer, mas teve peso na escolha que eu faria pouco tempo depois. Agora que sou mais velha e já vi mais o mundo exterior, entendo que talvez não

pareça tão significativo assim para algumas pessoas, mas eu era uma jovem de Gilead, e não tinha sido exposta a situações assim, então esse acontecimento não foi insignificante para mim. Foi horripilante, isso sim. Também foi vexaminoso: quando fazem algo vergonhoso com você, a vergonha se cola a você. Você se sente suja.

O começo foi trivial: eu precisei ir ao dentista para minha revisão anual. O dentista era o pai da Becka, e o nome dele era dr. Grove. Ele era o melhor dentista, segundo Vera: todos os Comandantes importantes e suas famílias se tratavam com ele. O consultório dele era no Prédio Bênçãos da Saúde, que abrigava médicos e dentistas. Na fachada havia o desenho de um coração sorridente e um dente sorridente.

Uma das Marthas sempre ia junto comigo ao médico ou dentista e me aguardava na sala de espera, porque era assim que ficava bem, conforme Tabitha costumava me dizer sem explicar por quê, mas Paula disse que o Guardião podia me levar lá sozinho, já que havia tanto trabalho a ser feito em casa em preparação para as mudanças que estavam por vir – ela se referia ao bebê –, e seria perda de tempo mandar uma Martha ir comigo.

Não me incomodei. Na verdade, ir sozinha fez com que eu me sentisse muito adulta. Sentei empertigada no assento de trás do veículo guiado pelo nosso Guardião. Então entrei no prédio e apertei o botão de elevador que tinha a figura de três dentes, e encontrei o andar certo e a porta certa, e fiquei na sala de espera olhando os quadros de dentes transparentes na parede. Quando chegou minha vez, entrei no consultório, conforme o assistente, o sr. William, me pediu para fazer, e me sentei na cadeira do dentista. O dr. Grove chegou e o sr. William trouxe minha ficha, e depois saiu e fechou a porta, e o dr. Grove olhou a minha ficha, e perguntou se eu estava com alguma queixa dos dentes, e eu respondi que não.

Ele futucou a minha boca com seus ferrinhos e instrumentos e seu espelhinho, como sempre. E como sempre, eu via seus olhos de muito perto, ampliados pelos seus óculos – azuis e cheios de vasos sanguíneos, as pálpebras feito joelhos de elefante –, e tentava não inspirar quando ele estava expirando porque ele estava com bafo – como sempre – de cebola. Ele era um homem de meia-idade sem grandes traços característicos.

De um estalo, ele arrancou suas luvas médicas de borracha branca e lavou as

mãos na pia, que ficava nas minhas costas. Ele disse:

– Dentes perfeitos. Perfeitos. – E depois ele disse: – Você está ficando uma moça, Agnes.

Então ele pôs a mão no meu seio pequeno mas em crescimento. Estava no verão, de forma que eu estava usando o uniforme escolar de verão, que era rosa e de tecido leve de algodão.

Atônita, fiquei paralisada. Então era tudo verdade, aquilo dos homens com seus ímpetos ferozes e desordenados, e, somente por ter me sentado na cadeira do dentista, eu o havia provocado. Eu estava envergonhadíssima – o que eu poderia dizer? Eu não sabia, de forma que simplesmente fingi que nada estava acontecendo.

O dr. Grove estava bem atrás de mim, de forma que era a mão esquerda dele no meu seio esquerdo. Eu não conseguia ver o resto do corpo dele, só a mão, que era enorme e tinha pelos avermelhados no dorso. Estava quente. Repousava sobre meu seio feito um caranguejo quente e enorme. Eu não sabia o que fazer. Devia pegar a mão dele e tirar do meu peito? Será que isso atiçaria ainda mais sua luxúria? Será que eu devia tentar escapar? Aí a mão apertou meu seio. Os dedos encontraram meu mamilo e o apertaram. Foi como se tivessem enfiado uma tachinha na minha pele. Levantei meu tronco – precisava sair correndo daquela cadeira –, mas a mão estava me prendendo ali. De repente ela se ergueu, e então uma parte restante do corpo do dr. Grove entrou no meu campo de visão.

– Já era tempo de você ter visto um desses – disse ele na voz normal com que dizia tudo. – Logo vai ter um desses dentro de você. – Ele pegou minha mão e a posicionou naquela parte do corpo dele.

Não acho que eu precise te contar o que aconteceu em seguida. Ele tinha uma toalha à mão. Ele se limpou e enfiou seu apêndice de volta nas calças.

– Pronto – disse ele. – Boa menina. Não te machuquei. – Ele me deu um tapinha paternal nas costas. – Não se esqueça de escovar os dentes duas vezes por dia, e depois passar fio dental. O sr. William vai te dar uma escova nova.

Saí da sala com enjoo no estômago. O sr. William estava na sala de espera, com seu rosto reservado de trintão impassível. Ele estendeu uma tigela contendo escovas de dentes novas, azuis e rosas. Eu não era besta de não pegar uma rosa.

– Obrigada – falei.

– De nada – disse o sr. William. – Alguma cárie?

– Não – respondi. – Dessa vez, não.

– Ótimo – disse o sr. William. – Não coma doces e talvez nunca tenha uma. Nada deteriorado. Está tudo bem com você?

– Sim – respondi. Onde era a porta mesmo?

– Você está pálida. Tem gente que tem medo de dentista. – Era um sorrisinho que eu estava vendo? Será que ele sabia o que tinha me acontecido?

– Não estou pálida – falei burramente. Como eu podia saber se não estava pálida? Achei a maçaneta da porta e saí aos trancos e barrancos, cheguei ao elevador, apertei o botão de descer.

Será que agora isso ia acontecer toda vez que eu fosse ao dentista? Eu não podia dizer que não queria mais voltar ao dr. Grove sem dizer o porquê, e se eu dissesse o porquê, estaria encrencada. As Tias da escola ensinavam que você deveria dizer a uma pessoa com autoridade – ou seja, elas – se algum homem tocasse você de maneira imprópria, mas sabíamos muito bem que era burrice fazer escândalo, especialmente se fosse um homem respeitado feito o dr. Grove. Além disso, como ficaria a Becka se eu falasse aquilo do pai dela? Ela ficaria humilhada, destruída. Seria a pior das traições.

Certas meninas haviam denunciado coisas do tipo. Uma tinha dito que o Guardião dela havia passado a mão em suas pernas. A outra tinha dito que um Econolixeiro havia aberto a braguilha das calças na sua frente. A primeira menina tinha recebido varetadas atrás das pernas por ter mentido, e a segunda recebera a resposta de que as boas meninas não reparavam demais nas palhaçadas inofensivas dos homens, simplesmente desviavam o olhar.

Mas no meu caso eu não podia ter desviado o olhar. Não havia outro lugar para se olhar.

– Não vou querer jantar – falei para Zilla na cozinha. Ela me lançou um olhar penetrante.

– Foi tudo bem no seu dentista, minha querida? – disse ela. – Alguma cárie?

– Não – respondi. Experimentei um sorriso lânguido. – Tenho dentes perfeitos.

– Você está com enjoo?

– Talvez eu esteja ficando resfriada – respondi. – Só preciso me deitar um pouco.

Zilla me preparou uma bebida quente com mel e limão e me trouxe no quarto

de bandeja.

– Eu devia ter ido com você – disse ela. – Mas ele é o melhor dentista. Todo mundo diz.

Ela sabia. Ou no mínimo suspeitava. Estava me alertando para não dizer nada. Era essa a linguagem em código que utilizavam. Ou melhor: que todas nós utilizávamos. Será que a Paula sabia também? Será que ela previu que algo assim aconteceria comigo no dr. Grove? Será que foi por isso que me mandou ir sozinha?

Devia ser isso, sim, decidi. Ela fizera de propósito para que beliscassem o meu seio e manipulassem aquele negócio imundo na minha frente. Ela desejara meu aviltamento. Era uma palavra da Bíblia: *aviltar*. Ela devia estar dando gargalhadas maliciosas pensando naquilo – na piada suja que me pregara, porque eu entendia que, a seus olhos, seria uma piada.

Depois disso, parei de orar para ser perdoada pelo ódio que eu sentia dela. Eu estava certa em odiá-la. Eu estava preparada para pensar as piores coisas dela, e pensei mesmo.

18

Passaram-se os meses; minha vida de andar na ponta do pé e ouvir escondido prosseguiu. Eu me empenhava em ver sem ser vista e ouvir sem ser ouvida. Descobri as fendas entre umbrais e portas quase fechadas, os postos de escuta em corredores e escadas, as seções mais finas das paredes. A maior parte do que eu escutava chegava em fragmentos e até silêncios, mas eu estava começando a ficar boa em encaixar esses fragmentos como peças e preencher as partes não ditas das frases.

Ofkyle, nossa Aia, foi ficando maior a cada dia – ou melhor, sua barriga foi ficando –, e quanto maior ficava, mais entusiasmado nosso lar se tornava. Digo, quem se entusiasmava eram as mulheres. Quanto ao Comandante Kyle, era difícil dizer como ele se sentia. Ele sempre tivera um rosto impassível, e de qualquer modo, não ficava bem os homens demonstrarem emoções chorando ou até mesmo rindo abertamente; embora certo riso se ouvisse, sim, por trás das portas fechadas da sala de jantar quando ele convidava seus grupos de Comandantes, com vinho e uma das sobremesas de festa com creme chantilly, quando era possível obter, que Zilla preparava tão bem. Mas suponho que até ele estivesse moderadamente vibrante com a barrigona de Ofkyle.

Às vezes eu pensava no que meu próprio pai estaria sentindo a meu respeito. Eu tinha alguma ideia a respeito da minha mãe – ela fugira me levando, fora transformada em Aia pelas Tias –, mas não tinha a menor ideia sobre meu pai. Eu devia ter um, todos tinham um. Talvez você pense que eu devo ter preenchido o vazio com imagens idealizadas sobre ele, mas não: o vazio continuava vazio.

A Ofkyle agora era quase uma celebridade. As Esposas enviavam suas Aias à nossa casa com alguma desculpa – pegar um ovo emprestado, devolver uma vasilha –, mas, na verdade, era para perguntar como ela estava. Elas podiam

entrar em nossa casa; e aí ela podia ser chamada a descer, e elas colocavam a mão em sua barriga redonda para sentir o bebê chutar. Era incrível ver a expressão no rosto delas enquanto realizavam esse ritual: Maravilhamento, como se estivessem presenciando um milagre. Esperança, porque se Ofkyle conseguia fazer aquilo, elas também conseguiriam. Inveja, porque ainda não tinham conseguido. Anseio, porque queriam muito ser capazes. Desespero, porque talvez nunca acontecesse com elas. Eu ainda não sabia que fim poderia ter uma Aia que, apesar de ter sido julgada viável, se mostrasse estéril em todos os seus postos designados, mas acho que eu já desconfiava que não seria nada bom.

Paula deu vários chás da tarde com presença das demais Esposas. Elas a parabenizavam e a admiravam e a invejavam, e em troca ela sorria humildemente e aceitava os parabéns, e dizia que todas as bênçãos vêm do alto, e aí mandava Ofkyle aparecer na sala de estar para que as Esposas pudessem ver com os próprios olhos, exclamar e fazer um estardalhaço em cima dela. Às vezes até chamavam Ofkyle de "querida", coisa que jamais faziam com uma Aia comum, uma de barriga reta. Então viravam para Paula e perguntavam que nome ela iria dar para o bebê.

O seu bebê. Não de Ofkyle. Fiquei pensando o que Ofkyle pensaria disso. Mas nenhuma delas estava interessada no que se passava em sua cabeça, apenas em sua barriga. Elas apalpavam sua barriga e às vezes até a auscultavam, enquanto eu ficava de pé atrás da porta aberta da sala observando o rosto dela pela fresta. Eu a via tentando manter aquele rosto duro feito mármore, mas nem sempre ela conseguia. Seu rosto parecia mais arredondado ao sair do que quando chegava – praticamente inchado – e a mim parecia que isso se devia a todas as lágrimas que ela não estava se permitindo chorar. Será que ela as chorava escondido? Mesmo que eu ficasse à espreita colando minha orelha à porta fechada do seu quarto, nunca conseguia ouvi-la.

Nesses momentos de espionagem eu ficava com raiva. Eu já tivera uma mãe, e fora arrancada dessa mãe e dada a Tabitha, assim como aquele bebê ia ser arrancado de Ofkyle e dado a Paula. Era assim que as coisas aconteciam, era assim que as coisas eram, era assim que tinham de ser para o bem do futuro de Gilead: alguns poucos precisam fazer sacrifícios em prol de muitos. As Tias concordavam com isso; ensinavam isso; mas ainda assim eu sabia que aquela parte não estava certa.

Mas eu era incapaz de condenar Tabitha, ainda que tivesse aceitado um bebê roubado. Ela não fizera o mundo ser como era, e fora uma mãe para mim, e eu a amara e ela me amara. Eu ainda a amava, e talvez ela ainda me amasse. Quem sabe? Talvez seu espírito prateado estivesse junto de mim, pairando ao redor, vigiando. Eu gostava de pensar assim.

Eu precisava pensar assim.

Por fim, chegou o Dia do Nascimento. Eu estava em casa e não na escola, porque finalmente havia tido minha primeira menstruação e as cólicas estavam horríveis. Zilla preparara uma bolsa de água quente, passara uma pomada analgésica e me dera um chá, e eu estava enrodilhada na cama morrendo de pena de mim quando ouvi o Partomóvel descendo a rua com sirene aberta. Me arrastei para fora da cama e fui à janela: sim, a van vermelha já havia entrado em nosso portão e as Aias desciam dela, uma dúzia ou até mais. Eu não podia ver seus rostos, mas só pelos movimentos delas – mais enérgicos do que de costume – eu já via que estavam empolgadas.

Então começaram a chegar os carros das Esposas, e também elas afluíram a nossa casa com seus idênticos hábitos azuis. Dois carros de Tias também chegaram, e Tias saíram deles. Não eram minhas conhecidas. Ambas eram mais velhas, e uma segurava uma valise negra com asas vermelhas e a cobra enroscada e a lua para simbolizar que era uma valise de Socorrista Médica, da divisão feminina. Muitas Tias tinham treinamento de socorristas e parteiras, embora não pudessem ser médicas de verdade.

Supostamente, não era para eu presenciar um Nascimento. Meninas e jovens em idade casadoura – como eu acabava de me tornar assim que menstruei – eram impedidas de presenciar ou saber o que acontecia, porque vê-lo e ouvi-lo não era algo adequado para nós e poderia ser prejudicial – poderíamos ficar enojadas ou assustadas. Aquele saber vermelho e encorpado era das mulheres casadas e das Aias, e das Tias, é claro, para que pudessem ensinar às Tias-parteiras em treinamento. Mas é claro que eu reprimi minha própria dor de cólicas, vesti meu robe e pantufas, e me esgueirei até a metade das escadas para o terceiro andar, onde eu não seria percebida.

As Esposas estavam no andar de baixo tomando chá na sala de estar, à espera do momento importante. Eu não sabia qual momento seria exatamente, mas eu

as ouvia rindo e papeando. Estavam bebendo champanhe além de chá, como descobri ao ver as garrafas e taças vazias na cozinha mais tarde.

As Aias e as Tias em serviço estavam com a Ofkyle. Ela não estava no quarto dela – um quarto que não comportaria tanta gente assim –, mas no quarto principal do segundo andar. Eu ouvia um grunhido como que de um animal, e as Aias entoando um cântico – *Força, força, força, respira, respira, respira* – e nos intervalos, uma voz angustiada que eu não reconhecia – mas devia ser a de Ofkyle – dizendo *Meu Deus, Meu Deus*, grave e tenebrosa como se viesse de um poço profundo. Sentada na escada abraçando meus joelhos, comecei a tiritar. O que estava acontecendo? Que tortura, que castigo? O que estavam fazendo com ela?

Aqueles ruídos continuaram pelo que me pareceu muito tempo. Ouvi passadas apressadas pelo corredor – as Marthas, trazendo o que quer que tivessem lhe pedido, levando coisas embora. À noite, fuxicando a roupa suja, vi que algumas dessas coisas eram lençóis e toalhas empapados de sangue. Então uma das Tias veio para o corredor e começou a bradar em seu Compufone:

– Agora mesmo! O mais rápido que puder! A pressão dela está muito baixa! Está perdendo muito sangue!

Ouviu-se um grito, depois outro. Uma das Tias desceu as escadas e berrou para as Esposas:

– Subam já aqui!

As Tias geralmente não gritavam desse jeito. Um tropel de passos escada acima, e uma voz dizendo:

– Ai, Paula!

Então veio outra sirene, de outro tipo. Conferi o corredor – ninguém – e corri para o meu quarto para espiar pela janela. Um carro negro, as asas vermelhas e a cobra, mas um triângulo dourado pontudo: um médico de verdade. Ele praticamente pulou para fora do carro, batendo a porta, e disparou escada acima. Eu ouvi suas palavras:

– *Merda! Merda! Merda! Meu Deus do céu, que merda!*

Isso foi eletrizante por si só: eu nunca tinha ouvido um homem dizer nada parecido antes.

Era um menino, um filho saudável para Paula e o Comandante Kyle. Foi

batizado de Mark. Mas a Ofkyle morreu.

Fiquei junto das Marthas na cozinha depois que as Esposas e as Aias e toda a gente tinham ido embora. As Marthas saboreavam a comida que sobrara da festa: sanduíches com as cascas aparadas, bolo, café de verdade. Elas me ofereceram algumas das guloseimas, mas falei que estava sem fome. Perguntaram das cólicas; amanhã eu me sentiria melhor, disseram elas, e depois de um tempo não seria mais tão ruim, e de qualquer modo você ia se acostumando com aquilo. Mas não era por aquilo que eu não tinha apetite.

Teríamos que arranjar uma ama de leite, segundo elas: seria uma das Aias que perdera o bebê. Isso, ou fórmula, embora todos soubessem que fórmula não era tão bom quanto leite. Ainda assim, com isso o bichinho ia viver.

– Pobre menina – disse Zilla. – Passar por tudo isso por nada.

– Pelo menos salvaram o bebê – disse Vera.

– Era ou um, ou outro – disse Rosa. – Tiveram que abri-la ao meio.

– Vou deitar – falei.

Ofkyle ainda não fora levada da nossa casa. Estava no quarto dela, embrulhada em um lençol, o que descobri quando subi pé ante pé as escadas dos fundos.

Descobri o seu rosto. Estava branco feito cera: não devia ter restado sequer uma gota de sangue dentro dela. Suas sobrancelhas eram louras, suaves e finas, curvadas para cima como que surpresas. Seus olhos estavam abertos, olhando para mim. Talvez aquela fosse a primeira vez em que ela estivesse me vendo. Dei-lhe um beijo na testa.

– Não vou te esquecer nunca – disse para ela. – Os outros vão, mas prometo que eu não.

É melodramático, eu sei: na verdade, eu ainda era criança. Mas, como você vê, eu mantive minha palavra: nunca me esqueci dela. Ela, Ofkyle, a sem nome, sepultada sob uma pequena laje quadrada que podia muito bem estar em branco. Localizei-a no cemitério das Aias, alguns anos depois.

E quando eu tive o poder para fazê-lo, busquei-a nos Arquivos das Linhagens Genealógicas, e a encontrei. Encontrei seu nome original. Não significa nada, eu sei, exceto para aqueles que possam tê-la amado e então sido arrancados de perto dela. Mas para mim, foi como encontrar uma mão estampada em uma caverna: era um sinal, uma mensagem. *Eu estive aqui. Eu existi. Eu fui real.*

Qual era o nome dela? É claro que você quer saber.

Era Crystal. E é assim que me lembro dela hoje. Eu me lembro dela como a Crystal.

Fizeram um pequeno funeral para Crystal. Permitiram que eu comparecesse: agora que eu menstruara, era oficialmente uma mulher. As Aias presentes no Nascimento tiveram permissão para vir também, assim como todos os membros da nossa casa. Até o Comandante Kyle apareceu lá, em sinal de respeito.

Cantamos dois hinos – "Exaltai os humilhados" e "Bendito seja o fruto" – e a lendária Tia Lydia fez um discurso. Eu a olhava com admiração, como se o retrato dela tivesse ganhado vida: afinal de contas, ela existia. Porém, estava mais velha do que no retrato, e não parecia tão assustadora assim.

Ela falou que nossa irmã de serviço, a Aia Ofkyle, fizera o sacrifício supremo, e havia expirado com a honra de uma mulher nobre, e se redimira de sua antiga vida de pecado, dando assim um grande exemplo para as outras Aias.

A voz de Tia Lydia tremulava um pouco enquanto ela proferia estas palavras. A Paula e o Comandante Kyle tinham ar solene e devoto, assentindo de vez em quando, e algumas das Aias choraram.

Eu não chorei. Já tinha chorado o bastante. A verdade era que tinham aberto a Crystal ao meio para tirar o bebê, e assim a haviam matado. Não fora escolha dela. Ela não tinha se oferecido para morrer com a honra de uma mulher nobre nem para ser um grande exemplo, mas nisso ninguém falou.

19

Na escola, minha situação era a pior de todos os tempos. Eu me tornara um tabu: nossa Aia morrera, o que era tido entre as meninas como mau agouro. Era um grupo um tanto supersticioso. Na Escola Vidala havia duas religiões: a oficial, ensinada pelas Tias, sobre Deus e o devido lugar das mulheres, e a não oficial, que era passada de menina para menina através de brincadeiras e músicas.

As meninas mais novas tinham uma série de cantigas com números, como *Um ponto meia, dois pontos liga, Um marido pra toda vida; Um ponto liga, dois pontos meia, Ele morreu, com outro pareia*. Para as meninas menores, um marido não era uma pessoa de verdade. Eram feito mobília, substituíveis, como na casinha que eu tive na infância.

A brincadeira com cantiga mais popular entre as meninas menores se chamava "Forca". Era assim:

Quem que foi pra forca no Muro? Rá rá rá ri rá!
Foi a Aia! Qual o nome dela? Rá rá rá ri rá!
Era a (aqui dizíamos o nome de uma de nós) *e agora já era. Rá rá rá ri rá!*
Tinha bebê na barriga dela (aqui dávamos tapas nas nossas barriguinhas). *Rá rá rá ri rá!*

As meninas formavam fila sob as mãos erguidas de duas outras enquanto todo mundo cantava: *A uma matou, a duas beijou, a três pariu, a quatro sumiu, a cinco viveu, a seis morreu, e a sete peguei, te peguei, te peguei!*

E a sétima menina era pega pelas duas que faziam a contagem, e era obrigada a andar em círculo antes de receber um tapa na cabeça. Aí ela estava "morta", e

podia escolher as duas próximas "carrascas". Sei que isso parece ao mesmo tempo sinistro e fútil, mas as crianças inventam brincadeiras com o que quer que tenham à mão.

As Tias deviam pensar que aquela brincadeira continha uma dose benéfica de advertência e ameaça. Mas afinal por que "a uma matou"? Por que primeiro a morte, depois o beijo? Por que não depois, quando pareceria mais natural? Pensei nisso muitas vezes desde então, e nunca cheguei a nenhuma resposta.

Em horário escolar, nos deixavam brincar de outras coisas. Jogávamos Serpentes e Escadas – se você caísse em uma Oração, subia em uma escada na Árvore da Vida, mas se caísse em um Pecado, deslizava pelo dorso de uma serpente satânica. Ganhávamos livros para colorir, e coloríamos as placas das lojas – TODA A CARNE, PÃES E PEIXES – como forma de aprendermos o que diziam. Coloríamos a roupa das pessoas também – Esposas em azul, Econoesposas de listras, Aias de vermelho. Uma vez a Becka se encrencou com a Tia Vidala por ter colorido uma Aia de roxo.

Entre as meninas maiores, as superstições eram cochichadas e não cantadas, e não eram brincadeiras. Eram levadas a sério. Uma delas era assim:

Se tua Aia morrer serena,
O sangue dela te condena.
Se o bebê da tua Aia morre,
Tua vida pelo ralo escorre.
Se tua Aia morre no parto,
Amaldiçoado será o teu fado.

Ofkyle tinha morrido durante o parto, então eu era vista pelas outras meninas como amaldiçoada; mas ao mesmo tempo, porque o pequeno Mark estava vivo e bem de saúde e era meu irmão, eu também era vista como especialmente abençoada. As outras meninas não me provocavam abertamente, mas me evitavam. A Huldah semicerrava os olhos na direção do teto quando me via chegando; a Becka me virava a cara, ainda que me passasse bocados de seu almoço quando via que ninguém estava olhando. Shunammite se distanciou de mim totalmente, seja por medo devido à morte, seja por inveja devido ao Nascimento, ou ainda por uma mistura dos dois.

Em casa, todas as atenções eram para o bebê, das quais fazia questão. Ele sabia berrar bem alto. E ainda que Paula adorasse o prestígio de ter um bebê – um filho homem, ainda por cima –, no fundo ela não era muito maternal. O pequeno Mark era arrumado para ser exibido às amigas dela, mas um pouco disso já bastava para satisfazer Paula e logo ele era entregue à ama de leite, uma Aia rechonchuda e tristonha que até há pouco se chamara Oftucker, mas agora era, é claro, Ofkyle.

Quando não estava comendo, dormindo nem sendo ostentado, Mark ficava na cozinha, onde era adorado pelas Marthas. Elas adoravam dar banho nele, soltando exclamações sobre seus dedinhos, seus pezinhos, suas covinhas e seu pintinho, com o qual ele conseguia projetar um chafariz de xixi realmente impressionante. Que rapazinho mais robusto!

Esperava-se que eu participasse da adoração, e quando eu não demonstrava devoção suficiente, mandavam eu desamarrar a cara, porque logo eu teria meu próprio bebê, e aí eu ficaria feliz. Eu duvidava muito disso – não tanto do bebê, mas da felicidade. Eu passava o máximo de tempo que podia no meu quarto, evitando a alegria da cozinha e ponderando sobre a injustiça do universo.

VII

Estádio

20

Os açafrões derreteram, os narcisos definharam até virarem papel, as tulipas realizaram sua dança provocante, virando a barra de suas pétalas-saia pelo avesso antes de largá-las pelo solo. As ervas medicinais cultivadas nos limites do Ardua Hall pela Tia Clover e sua turma de carregadoras de pá semivegetarianas estão cheias de viço. *Mas, Tia Lydia, você precisa beber este chá de hortelã, vai fazer milagre para a sua digestão!* Tira o bedelho da minha digestão, quero gritar para elas; mas sua intenção é boa, tento me lembrar. Será que isso chega a ser uma desculpa convincente quando as coisas saem do controle?

Eu também tinha ótimas intenções, conforme às vezes resmungo baixinho. Eu queria o melhor, ou o melhor disponível, o que não é a mesma coisa. Ainda assim, pense só em quanto poderia ter sido pior se não fosse por mim.

Até parece, me respondo, em certos dias. Ainda assim, em outros dias quero me dar um tapinha nas costas. Quem foi que disse que consistência é uma virtude?

Quem vem a seguir na dança das flores? Lilases. Tão confiáveis. Tão vistosos. Tão cheirosos. Logo minha velha inimiga, a Tia Vidala, vai começar a espirrar. Talvez seus olhos inchem e ela então não consiga me espiar pelo canto deles, torcendo para detectar algum deslize, alguma fragilidade, algum lapso na correção teológica que possa ser instrumentalizado para a minha derrocada.

Pode torcer à vontade, sussurro para ela. Me orgulho do fato de que sou capaz de estar sempre a um passo adiante de você. Mas por que apenas um? Vários. Me derrube que derrubarei o templo.

Gilead tem um problema que vem de longe, caro leitor: para um Reino dos Céus na terra, ele tem uma taxa de emigração vergonhosamente alta. O vazamento

constante de nossas Aias, por exemplo: muitas delas têm escapulido de nossas mãos. Conforme revelou a análise de fugas do Comandante Judd, logo que uma rota de saída é descoberta e bloqueada por nós, outra se abre.

Nossas zonas-tampão são permeáveis demais. As partes mais agrestes do Maine e de Vermont são um espaço liminar que não controlamos plenamente, onde os nativos são, se não abertamente hostis, dados a heresias. Também são, conforme sei por experiência própria, densamente inter-relacionados por uma rede de casamentos que mais parece um bordado surreal, e tendem à vendeta quando se aborrecem. Por esse motivo, é difícil fazer com que um traia o outro. Suspeita-se há algum tempo de que existem guias em seu meio, atuando seja por vontade de ser mais espertos do que Gilead, seja por simples cobiça, porque sabe-se que o Mayday paga, e bem. Um habitante de Vermont que caiu em nossas mãos nos contou que há um dito entre eles: "o Mayday fecha o mês".

As montanhas e pântanos, os rios serpeantes, as baías pedregosas que levam ao mar, com suas marés altas – tudo isso ajuda os clandestinos. Na história particular da região, há contrabandistas de rum, de cigarro, de drogas, traficantes de bens ilegais de todo tipo. Fronteiras são insignificantes para eles: passam de lá para cá, nos dão uma banana, pegam o dinheiro e se mandam.

Um tio meu fazia parte desse meio. Sendo nossa família o que era – moradores de trailers, encrencados com a polícia, simpatizantes do lado errado da lei –, meu pai tinha orgulho dele. Mas não de mim: eu era menina, e, pior ainda, uma menina metida a espertinha. Nada a fazer senão tirar essa pretensão de mim a safanões, com punhos, botas ou o que quer que estivesse mais à mão. Cortaram-lhe a cabeça antes do triunfo de Gilead, ou eu teria arrumado quem o fizesse. Mas chega dessas memórias da minha gente.

Há algum tempo, Tia Elizabeth, Tia Helena e Tia Vidala conceberam um plano detalhado para melhorar o controle. *Operação Beco Sem Saída* era o seu nome. *Um plano para eliminar o problema das mulheres emigrantes nos territórios costeiros nordestinos.* Determinava as medidas necessárias para impedir as Aias fugitivas de chegar ao Canadá, e conclamava à declaração de uma Emergência Nacional, além de pedir a duplicação da quantidade de cães rastreadores e um sistema de interrogatório mais eficiente. Detectei o dedo da Tia Vidala nessa última medida: secretamente ela se ressente de que arrancar unhas e eviscerar

pessoas não constem de nossa lista de corretivos.

– Muito bom – falei. – Parece muito bem arquitetado. Vou ler tudo com o maior cuidado, e garanto que suas preocupações são também as do Comandante Judd, que já deu início aos trabalhos, ainda que eu não tenha liberdade para dividir os detalhes com vocês nesse momento.

– Louvado seja – disse a Tia Elizabeth, ainda que não houvesse entusiasmo em sua voz.

– Esse negócio das fugas têm que ser reprimido de uma vez por todas – declarou Tia Helena, olhando de rabo de olho para Tia Vidala em busca de confirmação. Para enfatizar, ela bateu o pé no chão, o que deve ter doído considerando que seu pé é chato: ela acabou com os pés na juventude de tanto usar saltos-agulha Blahnik. O mero calçar desses sapatos já garantiria uma denúncia hoje em dia.

– De fato – disse eu cortesmente. – E de fato parece ser um negócio, ao menos em parte.

– Devíamos desmatar a área inteira! – disse a Tia Elizabeth. – Eles são unha e carne com o Mayday canadense.

– O Comandante Judd é da mesma opinião – falei.

– Essas mulheres precisam cumprir sua obrigação no Plano Divino como todas nós – disse a Tia Vidala. – Não estamos na vida a passeio.

Ainda que elas tivessem maquinado seu plano sem antes pedir minha autorização – um ato de insubordinação –, senti que era meu dever repassá-lo ao Comandante Judd; especialmente em vista de que, se não o fizesse, ele com certeza ouviria falar nisso e perceberia minha recalcitrância.

Nessa tarde, as três vieram me visitar novamente. Estavam muito felizes: batidas no norte do estado de Nova York haviam acabado de render uma diversificada apreensão de sete quacres, quatro agricultores, dois guias canadenses de caça a alces, e um contrabandista de limões, todos eles suspeitos de serem elos na corrente da Rota Clandestina Feminina. Quando toda informação extra que pudessem ter fosse arrancada deles, eles seriam descartados, a não ser que se descobrisse que tinham valor de troca: permuta de reféns entre Mayday e Gilead não era algo inédito.

É claro que eu já estava a par desses acontecimentos.

– Parabéns – falei. – Todas vocês devem levar algum crédito, ainda que por baixo dos panos. O Comandante Judd vai ficar com o palco, naturalmente.

– Naturalmente – replicou Tia Vidala.

– É um prazer servir – disse a Tia Helena.

– Eu também tenho algumas novidades para contar a vocês, da parte do próprio Comandante Judd. Mas não pode sair daqui. – Elas se aproximaram: quem não ama um segredo. – Dois dos principais agentes Mayday no Canadá foram eliminados pelos nossos agentes.

– Sob o Olho Dele – disse Tia Vidala.

– As nossas Pérolas foram proverbiais – acrescentei.

– Louvado seja! – exclamou Tia Helena.

– Houve uma baixa entre elas – falei. – Tia Adrianna.

– O que aconteceu com ela? – perguntou a Tia Elizabeth.

– Estamos aguardando esclarecimentos.

– Vamos orar pela sua alma – disse a Tia Elizabeth. – E a Tia Sally?

– Creio que esteja em segurança.

– Louvado seja.

– De fato – falei. – A má notícia, no entanto, é que descobrimos uma brecha em nossas defesas. Os dois agentes Mayday devem ter contado com a ajuda de traidores de dentro da própria Gilead. Alguém estava passando recados para eles, daqui para lá, informando-os de nossas operações de segurança, e até sobre nossos agentes e voluntários no Canadá.

– Quem faria uma coisa dessas? – disse Tia Vidala. – É apostasia!

– Os Olhos estão averiguando – respondi. – Então, se perceberem algo estranho, seja o que for, em quem for, até mesmo em membras do Ardua Hall, me informem na mesma hora.

Deu-se uma pausa enquanto elas se entreolhavam. *Em membras do Ardua Hall* as incluía, as três.

– Ah, não pode ser! – disse Tia Helena. – Pense só na vergonha que seria para nós!

– O Ardua Hall é ilibado – disse Tia Elizabeth.

– Mas o coração humano é enganoso – disse a Tia Vidala.

– Devemos tentar estar alerta ao máximo – disse eu. – Por ora, recebam meus parabéns. Mantenham-me informada sobre como vocês se dão com os quacres e

tudo o mais.

Eu escrevo e escrevo; embora talvez em vão, temo eu. A tinta negra para desenho que venho usando está quase no fim: logo vou mudar para azul. Requisitar um frasco dos suprimentos da Escola Vidala não deve apresentar dificuldades: eles têm aulas de desenho por lá. Nós, Tias, costumávamos conseguir canetas esferográficas no mercado paralelo, mas agora isso acabou: nosso fornecedor de New Brunswick foi preso, finalmente pego ao se esgueirar mais uma vez por debaixo da cerca.

Mas eu estava contando da van com vidros escuros – não, voltando uma página, vejo que já chegamos ao estádio.

Uma vez em terra firme de novo, Anita e eu fomos sendo tocadas para o lado direito até nos juntarmos a uma manada de outras mulheres: a descrição parece de gado porque estávamos sendo tratadas como tal. O ajuntamento foi sendo encaminhado até uma seção das arquibancadas demarcadas por aquela fita amarela de cena de crime. Devíamos estar em quarenta, mais ou menos. Uma vez lá instaladas, nossas algemas foram retiradas. Presumi que seriam necessárias para outras.

Anita e eu nos sentamos uma ao lado da outra. À minha esquerda havia uma mulher que eu não conhecia, que se dizia advogada; à direita de Anita havia outra advogada. Atrás de nós, quatro juízas; à nossa frente, mais quatro. Todas éramos juízas ou advogadas.

– Devem estar nos separando por profissão – disse Anita.

E era isso mesmo. Num momento de desatenção dos guardas, a mulher no final de nossa fileira conseguiu se comunicar com a mulher na seção do outro lado do corredor. Lá, todas eram médicas.

Não havíamos almoçado, e também não nos deram almoço. Durante as horas que se seguiram, as vans continuaram a chegar e a descarregar suas contrariadas passageiras.

Nenhuma delas poderia ser chamada de jovem. Profissionais mulheres de meia-idade, de terninho e com bons cortes de cabelo. Nada de bolsas, porém: não nos deixavam ficar com elas. Então nada de pentes, nada de batons, nada de espelhos, nada de balinhas para a garganta, nem de lenços descartáveis. É incrível

como você se sente nua sem essas coisas. Ou já se sentiu, naquele tempo.

O sol nos desancava: estávamos sem chapéus nem protetor solar, e eu já previa o tom rubro alarmante com que eu estaria ao fim da tarde. Pelo menos, as cadeiras tinham encosto. Não teriam parecido desconfortáveis caso estivéssemos ali para fins recreativos. Mas não estavam nos entretendo, e não podíamos nem nos levantar para nos alongar: quando tentávamos, eles reagiam aos gritos. Ficar sentada sem se mexer se torna necessariamente chato e penoso para as nádegas, costas e coxas. Era uma dor leve, mas doía.

Para passar o tempo, fiquei me xingando. Burra, burra, burra: acreditei naquela papagaiada toda de vida, liberdade, democracia, e dos direitos do indivíduo que eu absorvera feito esponja no curso de direito. Eram verdades eternas e nós as defenderíamos para todo sempre. Eu já me fiara nelas como se fossem um amuleto mágico.

Você se orgulha de ser realista, disse a mim mesma, então encare a realidade. Foi dado um golpe aqui nos Estados Unidos, assim como já houve tantos em tantos outros países. Toda mudança de governo pela força é seguida de um movimento para esmagar a oposição. A oposição é liderada por pessoas instruídas, logo quem tem instrução é eliminado primeiro. Você é juíza, logo você, goste ou não, é instruída. Eles não vão querer você por perto.

Eu passei meus primeiros anos fazendo coisas que me disseram ser impossíveis para alguém como eu. Ninguém na minha família fora à faculdade, eles me detestavam por eu ter ido, eu tinha chegado lá com bolsas e virando noites em subempregos. Isso te fortalece. Você fica obstinada. Eu não pretendia ser eliminada sem luta. Mas nada do meu verniz pós-faculdade me serviria naquela situação. Eu precisava retornar à garota acintosa de classe baixa, à burra de carga determinada, à prodígio intelectual, à alpinista estratégica que me alçara ao alto nível social do qual eu acabava de ser destituída. Eu precisava comer pelas beiradas, uma vez que eu tivesse descoberto onde elas estavam.

Eu já havia passado por apertos antes. Eu tinha prevalecido. Era essa a minha história para mim mesma.

A metade da tarde nos trouxe garrafas d'água, distribuídas por homens em trios: um para levar as garrafas, um para passá-las, e um para nos cobrir com a arma caso começássemos a pular, nos debater e a morder, como os crocodilos que

somos.

– Vocês não podem deixar a gente aqui! – disse uma mulher. – Não fizemos nada de errado!

– A gente não tem permissão para conversar com vocês – disse o que passava garrafas.

Não permitiram que nenhuma de nós fosse ao banheiro. Surgiram fios de urina, escorrendo das arquibancadas em direção ao campo esportivo. Esse tratamento tinha o objetivo de nos humilhar, de baixar nossa resistência, pensei; mas resistência ao quê? Não éramos espiãs, não estávamos sonegando informações secretas, não éramos soldadas do inimigo. Ou será que éramos? Se eu olhasse no fundo dos olhos de um desses homens, será que encontraria um ser humano a me olhar de volta? E se não, o quê?

Tentei me imaginar no lugar daqueles que haviam nos colocado em currais. O que será que estariam pensando? Qual o seu objetivo? Como pretendiam alcançá-lo?

Às quatro da tarde, nos apresentaram um espetáculo. Vinte mulheres, de diversos tamanhos e faixas etárias, mas todas com roupas profissionais, foram levadas para o centro do campo. Digo levadas porque estavam vendadas. Suas mãos, algemadas à frente do corpo. Elas foram dispostas em duas fileiras, de dez e dez. A fila da frente foi obrigada a se ajoelhar, como se fosse para uma foto de grupo.

Um homem de uniforme preto discursou num microfone sobre como os pecadores sempre eram observados pelo Olho Divino e seu pecado ia achá-los. Um murmúrio de assentimento, como uma vibração, emanou dos guardas e espectadores. *Hummmm*... parecia um motor funcionando.

– Deus vai prevalecer – concluiu o orador.

Ouviu-se um coro barítono de améns. Então os homens que haviam escoltado as mulheres vendadas ergueram suas armas e atiraram nelas. Tinham mira certeira: as mulheres tombaram.

Veio um gemido coletivo de todas nós sentadas nas arquibancadas. Ouvi gritos e soluços. Algumas mulheres ficaram em pé de um pulo, bradando – algo que não consegui entender –, mas logo foram silenciadas com coronhadas de armas nas nucas. Nada de golpes repetidos: um bastava. Mais uma vez, mira

certeira: aqueles homens estavam bem treinados.

Devíamos assistir sem falar: a mensagem estava clara. Mas por quê? Se iam matar a todas nós, por que aquele espetáculo?

O pôr do sol trouxe sanduíches, um para cada. O meu era de salada de ovo. Devo admitir envergonhada que o consumi com apetite. Houve alguns ruídos distantes de engulhos, mas, dadas as circunstâncias, foram surpreendentemente poucos.

Depois disso, nos mandaram ficar de pé. Então saímos uma atrás da outra, fileira por fileira – o processo foi lugubremente silencioso, e muito ordeiro –, e fomos guiadas até os vestiários e aos corredores que levavam até eles. Foi ali que passamos a noite.

Não havia comodidades básicas, colchões, nem travesseiros, mas pelo menos havia banheiros, ainda que numa imundice só. Não havia guardas para nos impedir de conversar, embora me escape o motivo de supormos que ninguém estava ouvindo. Mas, naquele momento, nenhuma de nós estava pensando com clareza.

As luzes permaneceram acesas, o que foi uma bênção.

Não, não foi bênção coisa nenhuma. Foi para a conveniência dos encarregados. Bênção era um conceito que não existia naquele lugar.

VIII

CARNARVON

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

21

Eu estava sentada no carro de Ada, tentando absorver o que ela me contara. Melanie e Neil. Explodidos por uma bomba. Do lado de fora da Clothes Hound. Era impossível.

– Aonde estamos indo? – perguntei. Era uma bobagem perguntar isso, de tão normal que soava; mas nada era normal. Por que eu não estava gritando?

– Estou pensando – disse Ada. Ela olhou pelo retrovisor, depois embicou na entrada de uma garagem. A casa em questão tinha uma placa com os dizeres REFORMAS ALTERNA. Toda casa em nosso bairro estava sempre sendo reformada; então alguém a comprava e a reformava de novo, o que deixava Neil e Melanie enfurecidos. Por que gastar tanto dinheiro arrancando as entranhas de casas perfeitamente habitáveis?, perguntava Neil. Aquilo fazia os preços dispararem e impedia os pobres de comprar casas.

– A gente vai ficar aqui? – De repente eu me sentia exausta. Seria ótimo entrar numa casa e deitar um pouco.

– Não – disse Ada. Ela pegou uma pequena chave de porca da sua mochila de couro e destruiu seu celular. Fiquei olhando ele estalar e estilhaçar: a carcaça se espatifando, as peças metálicas do interior se deformando até desmontarem.

– Por que você está destruindo o celular? – perguntei.

– Porque cuidado nunca é demais. – Ela pôs os restos em um saquinho plástico. – Espere esse carro ter passado, depois saia e jogue tudo naquela lixeira.

Isso era coisa de traficante – usar telefones descartáveis. Eu estava me arrependendo de ter ido com ela. Ela não era só uma pessoa severa, era assustadora.

– Obrigada pela carona – falei –, mas preciso voltar à minha escola agora. Posso contar para eles da explosão, eles vão saber o que fazer.

– Você está em choque. Não é de se admirar – disse ela.

– Estou bem – falei, mesmo sem ser verdade. – Posso só descer aqui.

– Você é quem sabe – disse ela –, mas eles vão ter que avisar um assistente social, e eles vão colocar você com uma família, e quem sabe que tipo de família vai ser? – Eu não havia pensado naquilo. Ela prosseguiu: – Então, quando tiver jogado fora meu celular, você pode ou voltar para o carro, ou continuar a caminhar. Você decide. Só não vá para casa. Isso não é uma ordem, é um conselho.

Fiz como ela tinha pedido. Agora que ela me apresentara minhas opções, que escolha me restava? De volta ao carro, comecei a fungar, porém, exceto por me dar um lenço, Ada não demonstrou reação. Deu meia-volta com o carro e partiu para o sul. Ela era uma motorista rápida e eficiente.

– Sei que não confia em mim – disse ela após algum tempo –, mas você precisa confiar em mim. As mesmas pessoas que colocaram aquela bomba no carro podem estar te procurando nesse minuto. Não estou dizendo que estejam, não sei ao certo, mas você está em risco.

Em risco – era isso que diziam no noticiário sobre crianças que foram encontradas mortas por espancamento apesar de inúmeros alertas dos vizinhos, ou de mulheres que pediram carona devido à falta de ônibus e acabaram sendo encontradas pelo cachorro de alguém em uma cova rasa de pescoço quebrado. Meus dentes batiam, embora o tempo estivesse quente e úmido.

Não acreditei muito nela, mas também não duvidei.

– Podíamos falar com a polícia – falei timidamente.

– Seria inútil.

Eu já ouvira falar de como a polícia não servia para nada – Neil e Melanie viviam expressando aquela opinião. Ela ligou o rádio do carro: música calma com harpas.

– Não pense em nada por enquanto – disse ela.

– Você é polícial? – perguntei para ela.

– Não – disse ela.

– Então você é o quê?

– Quanto menos dito, melhor – disse ela.

Paramos em frente a um enorme prédio de ângulos retos. A placa dizia CASA DE

REUNIÕES e SOCIEDADE RELIGIOSA DE AMIGOS (QUACRES). Ada estacionou o carro nos fundos, ao lado de uma van cinza.

– É o nosso próximo veículo – disse ela.

Entramos pela porta lateral. Ada cumprimentou com a cabeça um homem sentado a uma pequena mesa no local.

– Elijah – disse ela. – Temos trabalho a fazer.

Eu não olhei muito para ele. Eu a acompanhei pela Casa de Reuniões propriamente dita, com seu silêncio vazio e ecos e cheiro um tanto gelado, passando para uma sala maior, mais iluminada e com ar-condicionado. Havia uma fila de camas – do tipo dobrável –, algumas ocupadas por mulheres deitadas, cobertas com mantas, em diferentes cores. Em outro canto, havia cinco poltronas e uma mesinha de centro. Várias mulheres ali sentadas conversavam em voz baixa.

– Não encare – disse-me Ada. – Não estamos no zoológico.

– Que lugar é esse? – perguntei.

– É a SanctuCare, organização de refugiados de Gilead. A Melanie trabalhava com ela, e o Neil também, de forma diferente. Agora quero que você se sente nessa poltrona e fique bem quietinha. Não saia daqui e não diga um A. Aqui você está segura. Preciso arrumar algumas coisas para você. Devo voltar em mais ou menos uma hora. Logo eles vão te trazer algum açúcar, você está precisando.

Ela foi até uma das mulheres que tomava conta do lugar, falando com ela, e em seguida deixou o local. Depois de algum tempo, a mulher me trouxe uma xícara de chá bem quente e doce e um biscoito com gotas de chocolate, e perguntou se estava tudo bem comigo e se eu precisava de mais alguma coisa, e respondi que não. Mas de qualquer modo ela retornou com um cobertor, um azul e verde, e me embrulhou bem nele.

Consegui beber um pouco de chá, e meus dentes pararam de bater. Fiquei ali sentada assistindo ao tráfego de pessoas, tal como eu costumava fazer na Clothes Hound. Chegaram várias mulheres, uma delas com um bebê. Elas estavam um caco, e muito assustadas. As mulheres do SanctuCare foram recebê-las, deram as boas-vindas, e disseram, "Agora está tudo bem, vocês estão aqui", e as mulheres de Gilead começaram a chorar. Naquela hora pensei, Chorar pra quê, vocês tinham que estar felizes, conseguiram fugir. Mas depois de tudo que me aconteceu desde aquele dia, entendi por quê. Você fica prendendo tudo dentro

de si, seja o que for, até ter ultrapassado o pior. Aí, quando está segura, pode se dar ao luxo de chorar todas as lágrimas que antes teriam sido perda de tempo.

As mulheres cuspiam palavras engasgadas, aos borbotões:

Se disserem que eu preciso voltar...
Tive que deixar meu menino pra trás, tem algum jeito de...
Perdi o bebê. Não tinha ninguém...

As mulheres no comando lhes davam lenços. Diziam coisas apaziguadoras como *Você tem que ser forte.* Estavam tentando ajudar. Mas pode ser uma grande pressão para uma pessoa ouvir que precisa ser forte. É outra coisa que depois aprendi.

Depois de mais ou menos uma hora, Ada retornou.

– Você ainda está viva – disse ela. Se foi alguma piada, achei péssima. Fiquei só olhando para ela. – Você tem que se livrar do xadrez.

– O quê? – perguntei. Parecia que ela estava falando outra língua.

– Sei que isso é difícil pra você – disse ela –, mas agora estamos sem tempo para isso, precisamos nos mexer e rápido. Não quero ser alarmista, mas temos problemas. Então vamos arrumar outras roupas. – Ela me pegou pelo braço e me içou da cadeira: era surpreendentemente forte.

Passamos por todas as mulheres, entrando num quarto nos fundos onde havia uma mesa com camisetas e suéteres e um par de araras com cabides. Reconheci algumas coisas: era ali que vinham parar as doações da Clothes Hound.

– Escolha alguma coisa que você nunca usaria na vida real – disse Ada. – Você precisa parecer uma pessoa totalmente diferente.

Peguei uma camiseta preta com uma caveira branca, um par de leggings, preta com caveirinhas brancas. Coloquei tênis de cano alto, pretos e brancos, e meias. Tudo usado. Cheguei a pensar em piolhos e percevejos: Melanie sempre perguntava se as coisas que as pessoas tentavam lhe vender tinham sido lavadas. Uma vez ficamos infestados de percevejos na loja e foi um inferno.

– Eu viro de costas – disse Ada. Não tinha provador. Rebolei para sair do uniforme da escola e coloquei minhas novas roupas usadas. Eu sentia os meus movimentos muito lentos. E se ela estivesse me sequestrando?, pensei, grogue.

Sequestrando. Era isso que acontecia com as meninas que eram traficadas e transformadas em escravas sexuais – havíamos aprendido isso na escola. Mas meninas como eu não eram sequestradas, exceto às vezes por homens se fingindo de corretores de imóveis que as trancafiavam em porões. Às vezes homens assim têm mulheres que os ajudam. Será que era o caso de Ada? E se a história dela sobre Melanie e Neil terem sido explodidos fosse inventada? Naquele momento, os dois podiam estar enlouquecidos por eu ainda não ter aparecido. Podiam estar ligando para a escola ou até mesmo para a polícia, mesmo que a achassem inútil.

Ada ainda estava de costas para mim, mas senti que mesmo se eu só pensasse em sair correndo – pela porta lateral da Casa de Reunião, por exemplo – ela saberia de antemão. E supondo que eu corresse, para onde eu iria? O único lugar aonde eu queria ir era para casa, mas, se Ada estivesse falando a verdade, eu não devia fazer isso. Aliás, se Ada estivesse dizendo a verdade, não seria mais minha casa porque Melanie e Neil não estariam mais nela. O que eu faria totalmente só em uma casa vazia?

– Acabei – falei.

Ada deu meia-volta.

– Nada mau – disse ela. Ela tirou sua jaqueta preta e enfiou-a numa sacola, e vestiu um casaco verde que estava na arara. Então ela prendeu o cabelo e colocou óculos de sol. – Solta o cabelo – mandou ela, então eu puxei meu elástico e sacudi o cabelo. Ela me arrumou um par de óculos de sol: laranjas e espelhados. Ela me deu um batom, e eu me desenhei uma nova boca vermelha.

– Faz cara de durona – disse ela.

Eu não sabia como, mas tentei. Fiz uma carranca, e um beicinho com meus lábios cobertos de cera vermelha.

– Pronto – disse ela. – Ninguém diria. Nosso segredo está seguro.

Qual seria o nosso segredo? Que eu não existia mais oficialmente? Algo assim.

22

Entramos na van cinza e dirigimos por algum tempo, com Ada prestando muita atenção no trânsito atrás de nós. Então nos enfurnamos por um emaranhado de ruas secundárias, e paramos em frente a uma enorme e antiga mansão de pedra marrom. No semicírculo de um extinto canteiro de flores, que ainda exibia resquícios de tulipas entre o mato alto e os dentes-de-leão, havia uma placa espetada com a foto de um futuro condomínio.

– Onde estamos? – perguntei.

– Parkdale – respondeu Ada.

Eu nunca estivera em Parkdale, mas já ouvira falar: alguns dos garotos chapados da escola achavam que era um lugar legal, o que costumavam dizer de bairros decadentes que agora estavam se regentrificando. Havia algumas boates da moda por ali, para quem gostava de mentir a idade.

A mansão ficava num terreno grande e malcuidado com um par gigantesco de árvores. Fazia tempo que ninguém varria as folhas do chão; fiapos de plástico colorido, vermelhos e prateados, rebrilhavam em meio à papa de folhas decompostas.

Ada se dirigiu à casa, olhando para trás para ver se eu estava indo junto.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Estou – respondi. Eu sentia uma leve tontura. Acompanhei Ada pelo calçamento torto; parecia que eu pisava em esponjas, que meu pé poderia atravessar a qualquer momento. O mundo não era mais sólido e confiável, era poroso, enganoso. Tudo podia desaparecer. Ao mesmo tempo, tudo me parecia muito nítido. Era como um dos quadros surrealistas que havíamos estudado na escola no ano anterior. Relógios derretendo no deserto, sólidos, mas irreais.

Degraus pesados de pedra levavam à porta social. Era emoldurada por um

arco de pedra com um nome gravado, naquelas letras celtas que às vezes se veem em construções mais velhas de Toronto – CARNARVON –, rodeado de folhas em pedra e rostos élficos; aquilo deveria estar ali para dar um ar travesso, mas me pareceu maligno. Naquele momento, tudo me parecia maligno.

O pórtico cheirava a xixi de gato. A porta era larga e pesada, cravejada de pregos negros. Os grafiteiros haviam deixado sua marca em tinta vermelha: aquelas letras pontudas que gostam de fazer, e uma palavra mais legível que parecia ser GORFO.

Apesar do ar de cortiço, o trinco da porta era de chave magnética. Lá dentro havia um velho carpete castanho e uma escadaria larga levando ao andar de cima, com um belo corrimão em curva.

– Funcionou como pensão um tempo – disse Ada. – Agora tem apartamentos mobiliados.

– O que era antes? – Eu estava encostada na parede.

– Casa de veraneio – disse Ada. – De gente rica. Vamos subir, você precisa deitar.

– O que é "Carnarvon"? – Comecei a subir as escadas com certa dificuldade.

– Local galês – disse Ada. – Alguém devia estar com saudade de casa. – Ela me deu seu braço. – Vamos lá, conte degrau por degrau.

Pensei: saudade de casa. Eu ia começar a fungar de novo. Fiz força para me segurar.

Chegamos ao alto da escadaria. Outra porta pesada, outro trinco magnético. Lá dentro havia uma sala de estar com sofá, duas poltronas, mesa de centro e mesa de jantar.

– Tem um quarto para você – disse Ada, mas eu não sentia vontade de vê-lo. Tombei no sofá. De repente, eu não tinha mais forças; achei que seria impossível levantar.

– Você está tremendo de novo – disse Ada. – Vou diminuir o ar-condicionado.

Ela trouxe um edredom de um dos quartos, um novo, branco.

Tudo naquela sala era mais real que o real. Havia um vaso de planta sobre a mesa, embora talvez fosse de plástico; suas folhas eram borrachudas e lustrosas. A estampa do papel de parede era escura, com árvores, e o fundo era rosado. Havia buracos de prego em lugares onde já deviam ter estado quadros. Esses

detalhes me pareciam tão vívidos que eram quase fulgurantes, como se iluminados por trás.

Fechei meus olhos para me isolar da luz. Devo ter cochilado, porque de repente, era o início da noite, e Ada estava ligando a TV de tela plana. Creio que era para mim – para eu poder ver que ela me dizia a verdade –, mas foi brutal. A destruição da Clothes Hound – as janelas estilhaçadas, a porta arrombada. Pedaços de tecido esparramados pela calçada. Em frente, a carcaça do carro de Melanie, enrugada feito um marshmallow carbonizado. Viam-se duas viaturas policiais, e a fita amarela que passavam em volta de zonas de desastre. Não havia nem sinal de Neil e Melanie, e que bom: eu teria horror a ver sua carne enegrecida, seus cabelos calcinados, seus ossos crestados.

O controle remoto estava em uma mesinha de canto ao lado do sofá. Tirei o som: não queria ouvir a voz ponderada do âncora falando como se aquilo fosse a mesma coisa que um político embarcando num avião. Quando o carro e a loja desapareceram e a cabeça do apresentador surgiu na tela feito um balão de gás, desliguei a TV.

Ada voltou da cozinha. Ela trazia um sanduíche num prato: salada de frango. Eu disse que estava sem fome.

– Tem maçã – disse ela. – Quer?

– Não, obrigada.

– Sei que isso é bizarro – disse ela. Não falei nada. Ela saiu e voltou de novo. – Arrumei um bolo de aniversário pra você. De chocolate. Com sorvete de baunilha. O que você mais gosta.

O bolo estava em um prato branco, com um garfo plástico. Como ela sabia do que eu mais gostava? Melanie deveria ter dito para ela. Elas deviam conversar sobre mim. O prato branco era ofuscante. Havia uma única vela espetada no pedaço de bolo. Quando eu era mais nova, fazia um desejo. Que desejo eu faria naquela hora? Que pudesse voltar no tempo? Que voltássemos para ontem? Fiquei pensando em quantas pessoas já não teriam feito aquele desejo.

– Onde fica o banheiro? – perguntei. Ela me disse, e eu fui até lá e vomitei. Então voltei a me deitar no sofá e a tremer. Depois de algum tempo, ela me trouxe refrigerante de gengibre.

– Você precisa botar mais açúcar no sangue – disse ela. Ela saiu da sala, apagando as luzes.

Era como não ir à escola por estar com gripe. Os outros te cobriam e te traziam coisas para beber; eles lidavam com a vida real por você. Seria ótimo ficar daquele jeito para sempre: aí eu nunca teria que pensar em nada, nunca mais.

A distância, ouvia-se o som da cidade: tráfego, sirenes, um avião sobrevoando. Da cozinha vinha o som de Ada fazendo coisas; ela tinha um andar lépido e leve, como se caminhasse nas pontas dos pés. Eu ouvia o murmúrio de sua voz falando ao celular. Ela estava no comando, embora eu não soubesse o que era comandado; não obstante, me sentia ninada e protegida. De olhos fechados, escutei a porta do apartamento se abrir, fazer uma pausa, e se fechar.

23

Quando acordei de novo, estava de manhã. Eu não sabia que horas eram. Será que eu dormira demais e estava atrasada para a escola? Então eu me lembrei: não tem mais escola. Nunca mais eu voltaria lá, nem a nenhum outro lugar que eu conhecesse.

Eu estava em um dos quartos de Carnarvon, com um edredom branco me cobrindo, ainda de camiseta e leggings, mas sem as meias e os sapatos. Havia uma janela com uma persiana de rolo baixada. Me ergui cautelosamente. Vi uma mancha vermelha na fronha, mas era só batom por ter dormido de boca pintada ontem. Eu já não sentia enjoo nem zonzeira, mas estava confusa. Dei uma boa coçada na cabeça e uns puxões no meu cabelo. Uma vez, quando tive dor de cabeça, Melanie me dissera que puxar o cabelo aumentava a circulação do cérebro. Ela dissera que era por isso que Neil fazia tanto aquilo.

Uma vez de pé, me senti mais desperta. Me examinei no espelho de corpo inteiro que havia na parede. Eu não era mais a mesma de ontem, ainda que me parecesse um pouco com ela. Abri a porta e percorri descalça o corredor para a cozinha.

Ada não estava lá. Estava na sala, sentada em uma das poltronas com uma caneca de café. No sofá, estava o homem por quem passamos ao entrar no SanctuCare pela porta lateral.

– Você acordou – disse Ada.

Os adultos gostavam mesmo de dizer o óbvio – *Você acordou* era algo que Melanie poderia ter me dito, como se fosse algum mérito meu – e fiquei decepcionada ao perceber que nisso Ada não era exceção.

Olhei para o homem e ele para mim. Ele usava jeans preto, sandálias e uma camiseta cinza que dizia DUAS PALAVRAS, UM DEDO e um boné do Blue Jays. Fiquei

me perguntando se ele saberia o que sua camiseta realmente queria dizer.

Ele devia ter uns cinquenta anos, mas seus cabelos eram fartos e escuros, então talvez fosse mais novo. O rosto dele parecia couro enrugado, e ele tinha uma cicatriz na lateral da bochecha. Ele sorriu para mim, mostrando dentes brancos com um molar a menos do lado esquerdo. Um dente a menos assim faz a pessoa parecer um marginal.

Ada indicou o homem a seu lado com o queixo:

– Você se lembra do Elijah, do SanctuCare. É amigo do Neil. Está aqui para nos ajudar. Tem cereal na cozinha.

– E depois a gente conversa – disse Elijah.

O cereal era o que eu gostava, rosquinhas redondas feitas de sementes. Eu levei a tigela para a sala de estar e sentei na outra poltrona, esperando eles começarem a falar.

Nenhum dos dois falou nada. Ficavam se entreolhando. Comi duas colheradas para ver se eu ainda não estava de estômago virado. Eu ouvia as rosquinhas sendo trituradas dentro da minha cabeça.

– Por onde começamos? – perguntou Elijah.

– Pela parte mais difícil – disse Ada.

– Certo – respondeu ele e olhou direto nos meus olhos. – Ontem não foi o seu aniversário.

Fiquei surpresa:

– Foi sim – repliquei. – Primeiro de maio. Fiz dezesseis.

– Na verdade, você é uns quatro meses mais nova – disse Elijah.

Como você pode comprovar sua data de nascimento? Tem que haver uma certidão de nascimento em algum lugar, mas onde será que Melanie a guardava?

– Está no meu cartão saúde. A minha data de nascimento – falei.

– Tente de novo – disse Ada a Elijah. Ele olhou para o carpete.

– A Melanie e o Neil não eram seus pais – disse ele.

– Claro que eram! – falei. – Por que está dizendo uma coisa dessas?

Eu sentia lágrimas brotarem nos meus olhos. Tinha outro vácuo se abrindo na realidade: Neil e Melanie estavam se dissolvendo, mudando de forma. Eu percebia que na realidade não sabia muito sobre eles, nem sobre o passado deles. Não haviam me falado dele, nem eu lhes perguntado. Ninguém nunca pergunta muito isso aos próprios pais, não é?

– Sei que isso é um choque para você – disse Elijah –, mas é importante, então vou repetir. O Neil e a Melanie não eram seus pais. Desculpe ser tão direto, mas não temos muito tempo.

– Então quem eram? – perguntei. Eu piscava. Uma das lágrimas escapuliu; eu a limpei.

– Não eram seus parentes – disse ele. – Você foi dada a eles por segurança quando era bebê.

– Isso não é verdade – falei. Porém menos convencida.

– Já deviam ter te contado antes – disse Ada. – Eles queriam te poupar da preocupação. Eles iam te contar no dia em que eles... – Ela parou de falar, fechou a boca. Ela fizera tanto silêncio sobre a morte de Melanie, como se nem sequer fossem amigas, mas agora eu via quanto ela estava abalada de verdade. Aquilo me fez gostar mais dela.

– Parte da função deles era te proteger e te manter em segurança – disse Elijah. – Sinto muito ter que te dar essa notícia.

Por trás do cheiro de mobília nova da sala, eu sentia o cheiro de Elijah: um cheiro suado, sólido, de sabão de lavar roupa básico. Sabão de lavar roupa orgânico. Era o tipo que Melanie usava. Usara.

– Então, quem eram? – sussurrei.

– O Neil e a Melanie eram membros veteranos e valorizados do...

– Não – falei. – Meus outros pais. Os de verdade. Quem eram? Eles também morreram?

– Vou fazer mais café – disse Ada. Ela se levantou e foi para a cozinha.

– Ainda estão vivos – disse Elijah. – Ou até ontem, estavam.

Fiquei olhando para ele. Fiquei imaginando se estaria mentindo, mas por que ele mentiria? Se quisesse me enganar, poderia ter inventado algo melhor que aquilo.

– Não acredito em nada disso – falei. – Não sei nem por que você está me dizendo essas coisas.

Ada voltou à sala com uma caneca de café e perguntou se alguém mais queria, podem se servir, e quem sabe eu estivesse precisando ficar a sós para pensar um pouco.

Pensar um pouco no quê? O que havia para ser pensado? Tinham assassinado meus pais, mas eles não eram meus verdadeiros pais, e uma nova dupla de pais

havia surgido em seu lugar.

– Pensar em quê? – respondi. – Não sei o suficiente para pensar sobre nada.

– O que você quer saber? – disse Elijah em tom gentil, mas cansado.

– Como aconteceu? – falei. – Onde estão meus pais de ver... meus outros pai e mãe?

– Quanto você sabe a respeito de Gilead? – perguntou Elijah.

– Bastante. Vejo o noticiário. Aprendemos na escola – falei, amuada. – Fui àquela manifestação. – Naquela hora eu queria mais que Gilead se evaporasse e nos deixasse em paz.

– Foi lá que você nasceu – disse ele. – Em Gilead.

– Está de brincadeira – falei.

– Você foi tirada de lá pela sua mãe e pelo Mayday. Todos arriscaram a vida. Gilead fez um escândalo por sua causa; queriam você de volta de qualquer jeito. Disseram que seus supostos pais segundo a lei tinham direito à sua guarda. O Mayday te escondeu; muita gente ficou atrás de você, e a mídia também ficou em cima.

– Que nem com a Bebê Nicole – falei. – Tive que fazer uma redação sobre ela na escola.

Elijah olhou para o chão de novo. Depois ele olhou para mim:

– Você é a Bebê Nicole.

IX

Thank Tank

24

Naquela tarde recebi outra convocação do Comandante Judd, em mãos, trazida por um Olho júnior. O Comandante Judd poderia simplesmente ter passado a mão no telefone e discutido o assunto por aquele meio – há uma linha interna entre a sala dele e a minha, e o aparelho de telefone é vermelho –, mas, tal como eu, ele não sabe quem pode estar na escuta. Além do mais, acho que ele gosta de nossos pequenos tête-à-têtes, por motivos tanto complexos quanto perversos. Ele pensa que eu sou obra dele: a manifestação corpórea de sua vontade.

– Espero encontrá-la bem, Tia Lydia – disse ele assim que me sentei a sua frente.

– Vigorosamente bem, louvado seja. E você?

– Minha saúde vai bem, obrigado, mas infelizmente minha Esposa anda doente. Um peso no meu coração.

Isso não foi surpresa para mim. Da última vez em que a vi, a atual Esposa de Judd me parecera um tanto desgastada.

– Fico desolada em saber – falei. – Qual vem a ser a doença?

– Não está claro – disse ele. Nunca está. – Algum mal nos órgãos internos.

– Gostaria de uma consulta com alguém da nossa Clínica Bálsamo e Calma?

– Acho que ainda é cedo – disse ele. – Provavelmente é coisa pouca, talvez até imaginária, como tantas dessas queixas femininas.

Fez-se uma pausa enquanto nos olhávamos. Meu medo era que logo, logo, ele ficasse viúvo novamente, e de volta ao mercado para desposar outra criança.

– Como eu puder lhe servir – falei.

– Obrigado, Tia Lydia. Você me entende tão bem – disse ele, sorrindo. – Mas não foi este o motivo para chamá-la aqui. Nós tomamos uma posição sobre a

morte da Pérola que perdemos no Canadá.

– O que se passou, afinal? – Eu já sabia a resposta, mas não tinha intenção de dividir com ele.

– A posição oficial canadense é de que foi suicídio – disse ele.

– Estou estarrecida em ouvir uma coisa dessas – respondi. – A Tia Adrianna era uma das mais fiéis e eficientes... depositei grande confiança nela. Sua coragem era excepcional.

– Nossa versão aqui é de que os canadenses estão encobrindo a verdade, e que os terroristas imundos do Mayday, cuja presença ilegal é tolerada pela permissividade deles, mataram a Tia Adrianna. Ainda que, cá entre nós, a gente esteja aturdido. Vai saber? Pode ter sido até um desses assassinatos fortuitos por motivo de drogas que grassa naquela sociedade decadente. A Tia Sally estava comprando ovos na loja da esquina. Quando retornou e descobriu a tragédia, sabiamente decidiu que retornar rápido para Gilead era sua melhor opção.

– Muito sabiamente – falei.

Após seu retorno inesperado, Tia Sally, abalada, viera direto a mim. Ela me contou como se dera o fim de Tia Adrianna.

– Ela me atacou. Do nada, pouco antes de sairmos para o Consulado. Não sei por quê! Ela pulou em cima de mim e tentou me esganar, e eu resisti. Foi autodefesa – soluçava ela.

– Um surto psicótico passageiro – dissera eu. – O esforço em permanecer num ambiente estranho e debilitante, como o Canadá, pode ter esse efeito. Você fez o certo. Não teve escolha. Não vejo motivos para que ninguém mais saiba disso, e você?

– Ah, muito obrigada, Tia Lydia. Estou desolada com tudo isso.

– Ore pela alma de Adrianna, e esqueça isso – eu dissera. – Há algo mais de que eu precise ficar sabendo?

– Bem, você nos pediu para ficar de olho caso detectássemos a Bebê Nicole. O casal proprietário da Clothes Hound tem uma filha mais ou menos da idade certa.

– Uma especulação interessante – dissera eu. – Você pretendia enviar um relatório pelo Consulado? Em vez de esperar para tratar direto comigo ao retornar?

– Bem, pensei que você deveria se inteirar imediatamente. A Tia Adrianna disse que seria prematuro; ela foi expressamente contra. Discutimos por isso. Eu insisti que era importante – dissera Tia Sally defensivamente.

– De fato, era – dissera eu. – Porém, arriscado. Tal relatório poderia dar início a um boato infundado, com consequências terríveis. Já tivemos tantos alarmes falsos, e todos os membros do Consulado são Olhos em potencial. E os Olhos às vezes podem ser muito diretos; não têm finesse. Sempre há um motivo para as instruções que eu dou. Para as minhas ordens. Não cabe às Pérolas tomar iniciativas sem autorização.

– Ah, eu não sabia... eu não achei. Mas, ainda assim, a Tia Adrianna não devia...

– Quanto menos dito, melhor. Sei que você teve a melhor das intenções – dissera eu, apaziguadora.

Tia Sally começara a chorar.

– De fato, tive mesmo.

De boas intenções o inferno está cheio, eu ficara tentada a dizer. Mas me contive.

– Onde está a menina em questão agora? – eu perguntara. – Ela deve ter ido a algum lugar depois que seus pais sumiram de cena.

– Não sei. Talvez não tenha sido uma boa ideia explodir o Clothes Hound logo em seguida. Nesse caso, poderíamos ter...

– Concordo. De fato, alertei para não se precipitarem. Infelizmente, os agentes dos Olhos no Canadá são jovens e entusiasmados, e têm um pendor pelos explosivos. Mas como é que eles poderiam ter descoberto? – Eu fizera uma pausa, fixando nela o meu melhor olhar penetrante. – E você não comunicou suas suspeitas sobre esta possível Bebê Nicole a mais ninguém?

– Não. Só a você, Tia Lydia. E à Tia Adrianna, antes de ela...

– Vamos guardar isso só para nós, certo? – dissera eu. – Não é preciso que isso chegue a um julgamento. Agora, creio que você precisa de um pouco de paz e descanso. Vou reservar uma estadia para você em nosso maravilhoso Retiro Margery Kempe, em Walden. Você logo será uma nova mulher. O carro irá levá-la até lá em meia hora. E se o Canadá fizer barulho quanto à infeliz ocorrência naquele condomínio – se quiserem te interrogar ou até mesmo acusá-la de algum crime – simplesmente diremos que você sumiu.

Eu não queria a Tia Sally morta: simplesmente a queria incoerente; e assim foi. O pessoal do Retiro Margery Kempe sabe como manter a discrição.

Mais agradecimentos lacrimosos de Tia Sally.

– Não agradeça a mim – eu dissera. – Sou eu que devia estar grata a você.

– Tia Adrianna não deu a vida em vão – dizia o Comandante Judd. – Suas Pérolas nos abriram um caminho promissor: já realizamos outras descobertas.

Meu coração se contraiu.

– Fico feliz de minhas meninas terem sido úteis.

– Como sempre, obrigado por sua iniciativa. Desde a nossa operação envolvendo o brechó indicado pelas suas Pérolas, descobrimos com certeza o meio pelo qual informações vêm sendo trocadas nesses últimos tempos entre o Mayday e seu contato desconhecido aqui em Gilead.

– E qual vem a ser este meio?

– Com o arrombamento – com a operação especial – recuperamos uma câmera de microponto. Estamos fazendo testes com ela.

– Microponto? – perguntei. – O que é isso?

– Uma velha tecnologia que caiu em desuso, mas que ainda é perfeitamente viável. Fotografam-se documentos com uma minicâmera que os reduz a um tamanho microscópico. Então eles são impressos em pontos de plástico minúsculos, que podem ser aplicados a quase qualquer superfície e lidos pelo destinatário com um visualizador personalizado muito pequeno, a ponto de poder ser ocultado numa caneta, por exemplo.

– Espantoso – exclamei. – Não é por nada que dizemos, no Ardua Hall, que temos "Inveja da Pena".

Ele deu risada.

– De fato – disse ele. – Nós, os donos da pena, precisamos ter cuidado para evitar o opróbrio. Mas é inteligente da parte do Mayday recorrer a este método: pouca gente hoje teria ciência dele. Como dizem por aí: quem não procura, não acha.

– Engenhoso.

– É apenas uma ponta do esquema: do Mayday. Como disse, há outra ponta em Gilead: alguém aqui que está recebendo os micropontos e respondendo com suas mensagens. Ainda não identificamos este ou estes indivíduos.

– Pedi às minhas colegas do Ardua Hall para ficarem de olhos e ouvidos bem abertos – falei.

– E quem melhor para fazer isso do que as Tias? – disse ele. – Vocês têm acesso a qualquer casa em que desejem entrar e, com sua intuição feminina apurada, ouvem certas coisas que nós, homens estúpidos, somos surdos demais para registrar.

– Vamos pegar o Mayday no pulo um dia desses – falei, cerrando meus punhos, projetando meu queixo.

– Gosto do seu entusiasmo, Tia Lydia – disse ele. – Formamos uma equipe e tanto!

– A verdade vencerá – eu disse. Eu estremecia com o que esperava que passasse por integridade indignada.

– Sob o Olho Dele – ele respondeu.

Depois disso tudo, meu leitor, eu estava precisando me recobrar. Fui até o Café Schlafly para tomar um leite quente. Depois vim até a Biblioteca Hildegard para continuar minha jornada com você. Pense em mim como uma guia. Pense em você como um viandante em uma floresta escura. Que vai ficar mais escura.

No nosso último encontro, ou página, eu havia lhe trazido até o estádio, e de lá prosseguiremos. À medida que o tempo foi se arrastando, começou a se desenhar um padrão. Dormir à noite, se você conseguisse. Suportar os dias. Abraçar as que choramingavam, embora eu deva dizer que o choro se tornou tedioso. Assim como o berreiro.

Nas primeiras noites, tentou-se fazer música – algumas mulheres, as mais otimistas e vigorosas, se encarregaram de puxar a cantilena, e experimentaram entoar "We Shall Overcome" e outros números arcaicos de colônias de férias que não existem mais. Algumas tiveram dificuldade em se lembrar da letra, mas pelo menos isso trazia uma variedade.

Nenhum guarda vetou essas tentativas. No entanto, já no terceiro dia aquela empolgação se desgastara e poucas se dispunham a acompanhar, e começaram os resmungos – "Silêncio aí, por favor!" "Pelo amor de Deus, calem a boca!" –, de forma que as líderes Bandeirantes, depois de protestarem um pouco – "A gente só queria ajudar" –, se calaram e desistiram.

Eu não cheguei a cantar. Por que desperdiçar energia? Não estava no clima

melódico. Eu me sentia um rato num labirinto, isso sim. Será que havia saída? E qual? Seria aquilo uma espécie de teste? O que estariam tentando descobrir?

Algumas mulheres tinham pesadelos, como seria de se esperar. Gemiam e se debatiam enquanto os tinham, ou sentavam-se eretas feito tábuas soltando gritos alterados. Não estou criticando: eu mesma tinha pesadelos. Devo lhe descrever um? Não, não vou fazê-lo. Tenho plena ciência da facilidade com que todo mundo se entedia com os pesadelos alheios, tendo ouvido uma série deles recitada para mim desde então. Na hora da verdade, só os nossos próprios pesadelos são de algum interesse ou significado.

A cada manhã, a alvorada era perpetrada via sirene. Aquelas cujos relógios não tinham sido confiscados – o confisco de relógios fora feito mal e porcamente – relataram que aquilo acontecia às seis da manhã. Pão e água de café da manhã. Que sabor delicioso tinha aquele pão! Algumas eram esganadas feito lobas, mas eu fazia a minha porção durar o máximo possível. Mastigar e engolir distraem das maquinações mentais abstratas e inúteis. Além disso, fazem passar o tempo.

Depois, formávamos filas para ir ao banheiro imundo, e boa sorte se a sua privada estava entupida, porque não mandariam ninguém para desentupi-la. Minha teoria? Os guardas vinham de madrugada enfiar todo tipo de traste nas privadas para piorar ainda mais a situação. Algumas das mais ordeiras procuravam limpar os toaletes, mas quando viram quanto seu esforço era em vão, desistiram. Desistir virou a normalidade, e preciso dizer que era contagioso.

Já falei que não havia papel higiênico? Então, como fazer? Usar a mão, tentar limpar seus dedos emporcalhados sob a água que às vezes gotejava das torneiras, às vezes não. Estou certa de que eles também fizeram isso de caso pensado, para nos dar esperança e nos arrasar a intervalos aleatórios. Eu quase podia ver a cara satisfeita do torturador de gatinhos cretino incumbido daquele serviço, ligando e desligando o sistema que abastecia nossa água.

Haviam nos dito para não beber a água daquelas torneiras, mas algumas tiveram a imprudência de fazê-lo. O resultado foram vômitos e diarreia, mais uma contribuição para a alegria geral.

Não havia toalhas de papel. Não havia qualquer tipo de toalha. Limpávamos as mãos nas nossas saias, tivessem elas sido lavadas ou não.

Desculpe eu me demorar tanto falando das instalações sanitárias, mas você ficaria surpreso em saber a importância que essas coisas adquirem – necessidades

básicas a que você nem dá valor mais, que nem sequer passam pela sua cabeça até que lhe faltem. Em meus devaneios – e todas nós devaneávamos, pois uma estase forçada e sem acontecimentos produz devaneios e o cérebro precisa se ocupar de alguma coisa –, eu costumava visualizar um lindo vaso sanitário branco, bem limpo. Ah, e uma pia para combinar, com um forte jato de água pura e cristalina.

Naturalmente, começamos a feder. Além daquele tormento do banheiro, vínhamos dormindo com roupas de trabalho, sem trocar a roupa íntima. Algumas já haviam entrado na menopausa, mas outras não, de forma que o cheiro de sangue coagulado se somou ao do suor, das lágrimas, da merda e do vômito. Respirar era nauseante.

Eles estavam nos reduzindo a bichos – bichos de cativeiro –, à nossa natureza animal. Estavam esfregando a nossa natureza animal na nossa cara. Para que nos considerássemos sub-humanas.

O resto de cada dia se desdobrava feito uma flor tóxica, pétala a pétala, lenta e agonicamente. Às vezes éramos algemadas de novo, mas nem sempre, depois marchávamos em fila e éramos posicionadas nas arquibancadas para ficarmos sentadas sob o sol escaldante, e uma vez – para nossa alegria – sob uma garoa fresca. Naquela noite fedíamos a roupa molhada, mas menos ao nosso próprio cheiro.

Hora a hora as vans iam chegando, descarregando seu lote de mulheres, partindo vazias. O mesmo pranto das recém-chegadas, as mesmas ordens e brados dos guardas. Que tédio é uma tirania em fase de montagem. É sempre o mesmo roteiro.

O almoço era sanduíches de novo, e certo dia – o da garoa –, foi palitos de cenoura.

– Nada como uma refeição balanceada – disse Anita. Havíamos dado um jeito de sentar juntas na maior parte dos dias, e dormir próximas. Antes desse momento ela não tinha sido uma amiga próxima, só colega de trabalho, mas só de estar perto de alguém que eu conhecia já era um consolo; alguém que personificava minhas conquistas anteriores, minha vida anterior. Digamos que tenha se criado um laço.

– Você era excelente juíza – sussurrou-me ela no terceiro dia.

– Obrigada. Você também – sussurrei de volta. O *era* era assustador.

Das demais em nosso setor, não fiquei sabendo muito. Seus nomes, às vezes. Os nomes de seus escritórios. Alguns escritórios haviam se especializado em direito de família – divórcios, guarda dos filhos, coisas assim –, então se as mulheres tinham passado a ser o inimigo, eu entendia o motivo delas serem um alvo; porém, se especializar em direito imobiliário, cível, sucessório ou corporativo não parecia protegê-las nem um pouco. Bastava um diploma em direito e um útero: era a combinação fatal.

As tardes eram o horário escolhido para as execuções. O mesmo desfile até o centro do campo, com as condenadas vendadas. Eu percebia mais detalhes a cada vez: algumas mal conseguiam andar, algumas mal pareciam conscientes. O que acontecera com elas? E por que haviam sido selecionadas para morrer?

O mesmo homem de uniforme preto bradando no microfone: *O Senhor vai prevalecer!*

Depois os tiros, os corpos tombando moles. Depois a limpeza. Havia um caminhão para os cadáveres. Será que eram enterrados? Queimados? Ou será que daria trabalho demais? Talvez simplesmente fossem levados para um lixão e deixados aos corvos.

No quarto dia, uma variação: três dos atiradores eram mulheres. Não estavam com roupas de trabalho, mas sim com vestes compridas marrons que mais pareciam roupões de banho, com echarpes amarradas na garganta. Aquilo nos chamou a atenção.

– Monstros! – sussurrei para Anita.

– Como podem? – respondeu ela também num sussurro.

No quinto dia, havia seis mulheres de marrom no pelotão de fuzilamento. Houve também um alvoroço, já que uma delas, em vez de mirar nas vendadas, deu meia-volta e atirou em um dos homens de uniforme preto. Imediatamente foi golpeada até cair e cravejada de balas. As arquibancadas seguraram a respiração em uníssono.

Ah, pensei. Eis um jeito de escapar.

De dia, novas mulheres iam sendo acrescentadas ao nosso grupo de advogadas e juízas. Ele continuava do mesmo tamanho, no entanto, pois a cada noite algumas eram levadas. Saíam uma por vez, entre dois guardas emparelhados. Não

sabíamos aonde estavam sendo levadas, nem por quê. Nenhuma voltava.

Na sexta noite, Anita foi desaparecida. Aquilo acontecia silenciosamente. Às vezes a selecionada gritava e resistia, mas Anita não fez isso, e admito envergonhada que eu estava dormindo quando ela foi suprimida. Acordei com a sirene matinal e ela simplesmente não estava mais lá.

– Sinto muito pela sua amiga – disse-me uma boa alma na fila para as privadas regurgitantes.

– Também sinto muito – sussurrei de volta. Mas eu já estava me endurecendo para o que com certeza vinha pela frente. Sentir muito não resolve nada, eu dizia para mim mesma. Com o passar dos anos – tantos anos – aquilo se provou verdadeiro até demais.

Na sétima noite, foi a minha vez. Anita fora abduzida sem ruído – aquele silêncio tinha seu próprio efeito desmoralizante, já que a pessoa podia sumir, parece, sem ninguém perceber e sem qualquer som –, mas não estava nos planos eu ir sem fazer barulho.

Fui acordada com uma botinada no quadril.

– Calada e levanta daí – bramiu uma das vozes. Antes de estar propriamente acordada, fui posta de pé aos trancos e obrigada a andar. Ouviam-se murmúrios à minha volta, uma voz dizendo "Não", outra dizendo "Merda", e outra dizendo "Deus te guarde", e outra dizendo "*Cuídate mucho*".

– Sei andar sozinha! – falei, mas isso não fez nenhuma diferença para as mãos na parte de cima dos meus braços, uma de cada lado. Acabou, pensei: vou ser fuzilada. Mas não, me corrigi: isso é coisa para a tarde. Sua idiota, reconsiderei: podem te fuzilar onde e quando quiserem, e mesmo assim, fuzilar não é o único método.

Esse tempo todo eu me encontrava razoavelmente calma, o que pode ser difícil de acreditar, e na verdade nem eu acredito mais: eu não estava razoavelmente calma, estava fatalisticamente calma. Enquanto eu pensasse em mim mesma como se já estivesse morta, sem preocupações com o futuro, as coisas seriam mais fáceis para mim.

Fui guiada pelos corredores, até passarmos por uma saída de serviço e entrar em um carro. Dessa vez não era uma van, e sim um Volvo. O estofamento do banco de trás era macio, mas firme, o ar-condicionado era como o sopro divino.

Infelizmente, o ar fresco me lembrou dos meus próprios odores acumulados. Apesar de tudo me refestelei naquele luxo, apesar de espremida entre meus dois guardas, ambos homens robustos. Nenhum falava nada. Eu não passava de um pacote a ser transportado.

O carro parou junto de uma delegacia de polícia. Mas já não era uma delegacia: o letreiro fora coberto, e na porta da frente, havia uma imagem: a de um olho com asas. O logotipo dos Olhos, embora eu ainda não soubesse disso.

Subimos os degraus da frente, meus dois companheiros a passos largos, eu aos tropeços. Meus pés doíam: percebi como eles estavam sem prática, e também como meus sapatos estavam destruídos e imundos, depois de molhados, esturricados, e das diversas substâncias a que haviam sido expostos.

Percorremos o corredor. Um vozerio barítono escoava de trás das portas; homens com vestes similares às dos que me escoltavam passavam apressados, com um brilho objetivo nos olhos, vozes sincopadas. Há algo nos uniformes, nas insígnias, nos distintivos lustrosos, que automaticamente endireita as espinhas. Aqui não há frouxos!

Dobramos e entramos em uma das salas. Ali, atrás de uma enorme escrivaninha, estava sentado um homem com um vago ar de Papai Noel: gorducho, barba branca, bochechas rosadas, nariz vermelho feito cereja. Ele deu um sorriso radiante.

– Pode sentar – disse ele.

– Obrigada – respondi. Não que eu tivesse opção: meus dois amiguinhos estavam me enfiando na cadeira e me algemando a ela com correias plásticas, cada braço num braço. Então eles nos deixaram, fechando a porta com suavidade ao sair. Tive a impressão de que haviam saído de costas, como se em presença de um antigo deus-rei, mas eu não podia enxergar nada às minhas costas.

– Vou me apresentar – disse ele. – Sou o Comandante Judd, dos Filhos de Jacob.

Era a primeira vez que nos víamos.

– Suponho que você saiba quem eu sou – respondi.

– Correto – disse ele, com um leve sorriso. – Peço desculpas pelas inconveniências a que você foi submetida.

– Não foi nada – respondi, o rosto impassível.

É tolice brincar com quem tem poder absoluto sobre você. Eles não gostam;

pensam que você não compreende toda a extensão de seus poderes. Agora que eu tenho meu próprio poder, não dou trela à petulância nos meus subordinados. Mas naquela época, eu era mais despreocupada. Agora, sou mais sábia.

O sorriso dele desapareceu.

– Você está grata por estar viva? – perguntou ele.

– Bem, sim – respondi.

– Você está grata por Deus ter lhe feito em corpo de mulher?

– Acho que sim – falei. – Nunca pensei muito a respeito.

– Não estou certo de que você está grata o suficiente – disse ele.

– Como seria grata o suficiente? – perguntei.

– Grata o suficiente para cooperar conosco – disse ele.

Eu já mencionei que ele tinha um pequenino par de óculos meia-lua? Nesse momento ele os tirou do rosto e os contemplou. Seus olhos, sem os óculos, eram menos cintilantes.

– O que você quer dizer com "cooperar"? – perguntei.

– É sim ou não.

– Estudei para ser advogada – falei. – Sou juíza. Não assino contratos em branco.

– Você não é juíza – disse ele –, não é mais. – Ele apertou um botão em um interfone. – Thank Tank – disse ele. E aí, para mim: – Vamos torcer para você se tornar uma pessoa mais agradecida. Vou orar nesse propósito.

E foi assim que fui parar no Thank Tank. Era uma solitária em uma delegacia adaptada, de aproximadamente quatro passos por quatro. Tinha uma cama embutida, ainda que sem colchão. Tinha um balde, que eu concluí rapidamente ser para os subprodutos da digestão humana, pois ainda havia alguns lá dentro, conforme prenunciava o cheiro. A cela já tivera iluminação, mas não mais: agora tinha apenas um soquete, e sem energia. (É claro que eu meti o dedo lá dentro depois de algum tempo. Você teria feito o mesmo.) Toda luz disponível viria do corredor lá fora, pelo buraco pelos quais os inevitáveis sanduíches logo chegariam. Mastigando na escuridão, esse era o plano para mim.

Ao anoitecer apalpei até encontrar a laje que fazia as vezes de cama, sentei nela. Pensei, eu consigo. Eu vou passar por isso.

Eu estava certa, mas por pouco. Você ficaria surpreso em saber como a mente

se deteriora na ausência de outras pessoas. Uma pessoa sozinha não é uma pessoa inteira: existimos na relação com os outros. Eu era uma pessoa: perigava me tornar nenhuma.

Passei algum tempo no Thank Tank. Não sei quanto foi. De vez em quando um olho me observava pela persiana móvel que estava lá para fins de observação. De vez em quando se ouvia um berro ou uma gritaria vindo de algum lugar próximo: tortura em desfile. Às vezes havia gemidos duradouros; às vezes uma série de grunhidos e ofegos que pareciam sexuais, e provavelmente eram. Gente indefesa é uma tentação.

Eu não tinha como saber se esses ruídos eram reais ou se eram apenas gravações, reproduzidas para me dar nos nervos e arrasar minha determinação. O que quer que restasse dela: depois de alguns dias, perdi o fio daquela trama. A trama da minha determinação.

Fiquei esquecida na minha cela crepuscular por sabe-se lá quanto tempo, mas não pode ter sido tanto assim a julgar pelo comprimento das minhas unhas quando me tiraram dela. Mas o tempo passa diferente quando você está trancada no escuro sozinha. Passa mais devagar. Você nem sabe quando está dormindo ou acordada.

Havia insetos? Sim, havia. Eles não me mordiam, então acho que eram baratas. Eu sentia suas patinhas palmilhando o meu rosto, afetuosamente, cautelosamente, como se minha pele fosse de gelo fino. Eu não as afugentava. Depois de um tempo, você fica grata por qualquer contato físico.

Certo dia, se é que era dia, três homens entraram na minha cela sem aviso, mirando uma lanterna ofuscante nos meus olhos ceguetas, me atirando ao chão, e ministrando uma precisa surra de pontapés, além de outros cuidados. Emiti ruídos que me pareceram familiares: já os ouvira ali por perto. Não entrarei em mais detalhes, exceto para dizer que armas de choque também foram usadas.

Não, não fui estuprada. Suponho que eu já estava velha e rija demais para esse fim. Ou talvez eles tivessem um certo orgulho de seus altos padrões morais, mas disso eu duvido muito.

O procedimento de chutes e choques foi repetido mais duas vezes. Três é um número mágico.

Se eu chorei? Sim: lágrimas escorreram dos meus dois olhos visíveis, meus

olhos humanos úmidos e chorosos. Mas eu tinha um terceiro olho, bem no meio da testa. Eu o sentia: ele era frio feito pedra. Este não chorava: via tudo. E por trás dele, alguém pensava: *vocês vão me pagar por isso. Não me importa quanto tempo leve nem quantos sapos eu tenha que engolir, mas vou me vingar.*

Então, depois de um período indefinido e sem aviso, a porta da minha cela Thank Tank se abriu com um estalido metálico, a luz a inundou, e dois uniformes negros me levaram. Nada foi dito. Eu – a esta altura um farrapo trêmulo, ainda mais fedida do que antes – fui escoltada ou arrastada pelo corredor pelo qual eu chegara, passando pela porta por que entrara, e jogada numa van com ar-condicionado.

Daí quando vi estava em um hotel – sim, um hotel! Não era nenhum hotel grandioso, mais tipo um Holiday Inn, se esse nome ainda significa algo para você, embora eu ache que não. Aonde foram parar as marcas de antigamente? E o vento levou. Ou melhor, o pincel de parede e a bola de demolição levaram, porque, enquanto eu era empurrada para a recepção, acima de nós havia homens trabalhando, apagando o letreiro.

Na recepção não havia nenhum recepcionista de sorriso doce para me dar boas-vindas. Em vez disso, havia um homem com uma lista na mão. Deu-se uma conversa entre eles e meus dois guias turísticos, e fui atirada num elevador, descendo depois um corredor que demonstrava seus primeiros sinais da ausência de camareiras. Mais alguns meses e teriam um sério problema com fungos, pensei com meu cérebro deteriorado enquanto abriam uma porta com um cartão.

– Aproveite a estadia – disse um dos meus guardas. Não acho que ele estivesse sendo irônico.

– Três dias de descanso pra você – disse o segundo. – Se precisar de algo, ligue para a recepção.

A porta foi trancada comigo dentro. Na mesinha havia uma bandeja com suco de laranja e uma banana, e uma salada verde, e salmão cozido! Uma cama com lençóis! Várias toalhas, mais ou menos brancas! Um chuveiro! Sobretudo, um vaso sanitário lindo, de cerâmica! Dobrei os joelhos e orei, sim, de todo coração, mas a quem ou ao quê, eu não saberia dizer.

Depois de eu ter consumido toda a comida – não me importei se estivesse

envenenada, tal a felicidade que me invadia – passei as horas seguintes tomando banhos. Só um não foi suficiente: havia tantas camadas de sujeira acumulada a serem esfregadas e removidas. Inspecionei minhas escoriações mal-curadas, meus hematomas amarelados e arroxeados. Eu perdera peso: via minhas costelas, ressurgidas após uma ausência de décadas devido à dieta de fast-food. Durante minha carreira jurídica, meu corpo tinha sido um mero veículo para me impulsionar de conquista em conquista, mas naquele momento eu o redescobria com ternura. Como eram róseas minhas unhas do pé! Como era intricado o desenho das veias em minhas mãos! Eu não consegui fixar bem o meu rosto no espelho do banheiro, no entanto. Quem era aquela pessoa? Os traços pareciam borrados.

Então, dormi por muito tempo. Quando acordei, me deparei com outra deliciosa refeição, estrogonofe de carne com aspargos, e pêssegos Melba, e, oh, glória! uma xícara de café! Um martíni teria caído muito bem, mas percebi que o álcool não faria parte do cardápio das mulheres naquela nova era.

Minhas antigas e imundas roupas haviam sido subtraídas por mãos invisíveis: parecia que a proposta era eu viver no roupão branco do hotel.

Meu estado ainda era de desordem mental. Eu era um quebra-cabeça atirado ao chão. Mas, na terceira manhã, ou talvez tarde, acordei me sentindo um pouco mais coerente. Parecia que eu conseguia pensar de novo; parecia que eu conseguia pensar a palavra *eu*.

Além disso, e como se comemorasse isso, havia uma roupa nova à minha espera. Não era exatamente uma túnica e não exatamente feita de pano de saco marrom, mas algo nessa linha. Eu já a vira antes, no estádio, vestindo as fuziladoras do pelotão. Senti um calafrio.

Eu a vesti. Que mais eu poderia ter feito?

X

VERDE PRIMAVERIL

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

25

Agora vou descrever os preparativos que levaram à minha proposta de casamento, pois foi expresso algum interesse no modo como essas coisas eram feitas em Gilead. Devido à reviravolta que minha vida sofreu, eu pude observar o processo do casamento de dois lados: da noiva sendo preparada, e das Tias que o preparam.

O acerto do meu casamento foi como de costume. Os temperamentos dos futuros noivos, assim como suas respectivas posições na sociedade de Gilead, deviam exercer alguma influência sobre as escolhas disponibilizadas. Mas o objetivo, em todos os casos, era sempre o mesmo: toda menina – tanto as de boa família como as menos favorecidas – deveria ser casada cedo, antes que algum encontro fortuito com um homem indesejável pudesse levar ao que se costumava chamar de amor ou, pior, à perda da virgindade. Essa última desgraça em especial deveria ser evitada a todo custo, pois renderia péssimas consequências. Apedrejamento até a morte não era o que ninguém queria para seus filhos, e a mancha no nome da família podia ser praticamente indelével.

Certa noite, Paula solicitou minha presença na sala – ela enviara Rosa para me tirar da concha, em suas palavras – e me mandou ficar de pé na sua frente. Obedeci, porque desobedecer não daria em nada. O Comandante Kyle estava ali, e Tia Vidala também. Lá estava também outra Tia – uma que eu nunca vira antes – que me apresentaram como Tia Gabbana. Falei que estava encantada em conhecê-la, mas devo ter dito isso em tom rabugento, porque Paula disse:

– Viu só o que eu falei?

– É a idade – disse a Tia Gabbana. – Até meninas antes doces e afáveis passam por essa fase.

– Com certeza ela já tem idade – disse Tia Vidala. – Ensinamos a ela tudo o que podíamos. Se ficam tempo demais na escola, começam a criar problemas.

– Ela já é mulher mesmo? – disse Tia Gabbana, me observando atentamente.

– É claro – disse Paula.

– Nada disso é enchimento? – disse Tia Gabbana, indicando meus seios com um meneio.

– De jeito nenhum! – disse Paula.

– Você havia de se espantar com as artimanhas de certas famílias. Ela tem o quadril largo, bom, nada dessas pélvis estreitas. Deixe-me ver seus dentes, Agnes.

Como é que era para eu obedecer a uma ordem daquelas? Abrir bem a boca, como no dentista? Paula entendeu que eu estava confusa:

– Sorria – disse ela. – Só dessa vez.

Repuxei meus lábios numa carantonha.

– Dentição perfeita – disse Tia Gabbana. – Muito saudável. Bem, sendo assim, vamos começar a procurar.

– Só em famílias de Comandantes – disse Paula. – Nada abaixo disso.

– Isso já está entendido – disse Tia Gabbana. Ela estava anotando coisas em uma prancheta. Observei admirada ela mexendo os dedos, que seguravam um lápis. Que símbolos poderosos estaria escrevendo?

– Ela é um pouco nova – disse o Comandante Kyle, em quem eu não pensava mais como meu pai. – Possivelmente.

Fiquei grata a ele pela primeira vez em muito tempo.

– Treze anos não é tão nova. Depende muito – disse Tia Gabbana. – Se encontrarmos o par perfeito, pode fazer muito bem a elas. Elas se adaptam rapidinho. – Ela se levantou. – Não se preocupe, Agnes – disse-me ela. – Você vai poder escolher entre três candidatos. Eles vão considerar uma honra – disse ela ao Comandante Kyle.

– Se precisar de mais alguma coisa, nos diga – disse Paula afavelmente. – E quanto antes, melhor.

– Entendido – disse Tia Gabbana. – Podemos contar com a doação de costume ao Ardua Hall, uma vez que haja resultados satisfatórios?

– É claro – disse Paula. – Vamos orar pelo seu êxito. Que possa o Senhor abrir.

– Sob o Olho Dele – disse Tia Gabbana. As duas Tias saíram, trocando

sorrisos e cumprimentos com meus não pais.

– Pode ir, Agnes – disse Paula. – Vamos te informando dos desdobramentos. O ingresso de uma mulher na instituição sagrada do casamento precisa ser feito com muita cautela, e seu pai e eu vamos tomar esses cuidados por você. Você é uma menina muito privilegiada. Espero que você dê valor à sua sorte. – Ela me deu um meio-sorriso malicioso: sabia que aquilo era tudo conversa fiada. Na verdade, eu era um estorvo que precisava ser descartado de forma aceitável perante a sociedade.

Voltei para o meu quarto. Eu devia ter previsto aquilo: coisas assim haviam acontecido a meninas não muito mais velhas do que eu. Uma menina estava na escola um dia e, no seguinte, não estava mais: as Tias não gostavam de exageros sentimentais, de despedidas lacrimosas. Em seguida, haveria boatos de noivado, depois de casamento. Nunca permitiam que fôssemos àqueles casamentos, mesmo que a menina tivesse sido nossa amiga próxima. Quando você estava sendo preparada para o casamento, desaparecia da sua vida anterior. Da próxima vez em que fosse vista, você estaria trajando o nobre vestido azul de Esposa, e as meninas solteiras teriam que te dar a vez ao passar pelas portas.

Agora aquela seria a minha realidade. Eu seria ejetada da minha própria casa – da casa de Tabitha, da casa de Zilla, Vera e Rosa – porque Paula já não me aguentava mais.

– Hoje você não vai à escola – disse Paula certa manhã, e pronto. Depois não aconteceu muita coisa por uma semana, exceto por eu ficar me lastimando e me angustiando no meu quarto, apesar de que, por eu ter praticado essas atividades no meu quarto, elas não tiveram qualquer influência no que aconteceu.

Eu tinha que estar terminando um projeto abominável de *petit point* para ocupar minha cabeça – a figura era uma cesta de frutas que poderia ser transformada em pufe para os pés, um presente para meu futuro marido, fosse ele quem fosse. Em um canto do quadrado do pufe, eu bordei uma pequena caveira: representava a caveira da minha madrasta Paula, mas, se alguém me perguntasse o que era aquilo, eu responderia que era um *memento mori*, um lembrete do fato de que todos morreríamos um dia.

Dificilmente poderiam contestar isso, já que era um símbolo religioso: havia caveiras assim nas lápides do velho adro de igreja próximo à nossa escola. Não

era para irmos até lá, exceto em caso de funerais: os nomes dos falecidos estavam nas lápides, e isso poderia levar à leitura, e isso, por sua vez, à devassidão. Ler não era coisa de menina: só homens tinham força para lidar com o poder da leitura; e as Tias, é claro, porque não eram como nós.

Eu começava a me perguntar como uma mulher passava a ser Tia. Tia Estée certa vez dissera que você precisava ser chamada por Deus a ajudar todas as mulheres em vez de a uma só família; mas como é que as Tias haviam recebido esse chamado? Como haviam recebido sua força? Será que tinham cérebros especiais, nem fêmeos nem machos? Será que sob seus uniformes eram mesmo mulheres? Será que poderiam ser homens disfarçados? Essa mera suspeita já era impensável, mas, se fosse verdade, que escândalo! Fiquei pensando em como as Tias ficariam caso fossem obrigadas a usar rosa.

No meu terceiro dia de ócio, Paula fez as Marthas trazerem várias caixas de papelão para o meu quarto. Disse ela que era hora de me despedir das coisas de criança. Meus pertences poderiam ser guardados num depósito, pois muito em breve eu não moraria mais ali. Depois, quando eu estivesse organizando meu novo lar, eu poderia decidir quais pertences deveriam ser doados aos pobres. Uma menina menos privilegiada de uma Econofamília ficaria muito contente em ganhar minha velha casa de bonecas, por exemplo; embora a qualidade não fosse das melhores e ela estivesse um tanto acabada, uma pinturinha aqui e ali faria maravilhas.

Há muitos anos a casa de boneca residia junto à minha janela. Os momentos felizes que eu passara com Tabitha ainda permaneciam nela. Lá estava a boneca da Esposa, sentada à mesa de jantar; lá estavam as menininhas, todas bem-comportadas; lá estavam as Marthas na cozinha, fazendo pão; lá estava o Comandante, devidamente trancafiado em seu escritório. Quando Paula foi embora, arranquei a boneca da Esposa de sua cadeira e a atirei do outro lado do quarto.

26

A seguir, a Tia Gabbana trouxe uma equipe de costureiras, nas palavras de Paula, já que eu era considerada incapaz de escolher o que eu deveria usar até o casamento, e especialmente na cerimônia em si. É preciso entender que eu não era considerada uma pessoa propriamente dita – ainda que fosse de classe alta, eu não passava de uma mocinha a ser confinada ao casamento. Casamento: tinha o som de algo metálico, como uma porta de ferro sendo fechada.

A equipe de costureiras estava a cargo do que poderia ser chamado de cenografia: o figurino, a comida, a decoração. Nenhuma delas tinha uma personalidade dominadora, que era o preciso motivo de terem sido relegadas àquelas tarefas relativamente servis; de forma que, embora todas as Tias tivessem alto prestígio, Paula – que tinha, ela sim, uma personalidade dominadora – teve a oportunidade de mandar e desmandar na brigada de Tias casamenteiras, dentro de certos limites.

As três subiram ao meu quarto, com Paula acompanhando, local onde eu – tendo terminado meu projeto do pufe – estava me entretendo o melhor que podia jogando paciência.

O baralho que eu usava era comum em Gilead, mas caso ele não seja conhecido no resto do mundo, vou descrevê-lo. É claro que não havia nenhuma letra nas cartas do Ás, do Rei, da Rainha e do Valete, nem números nas cartas de número. Os Ases eram um grande Olho espiando do meio de uma nuvem. Os Reis usavam uniformes de Comandante, as Rainhas eram Esposas, e os Valetes eram Tias. As cartas com rostos eram as mais fortes. Os naipes eram Anjos em vez de Espadas, Guardiões em vez de Paus, Marthas em vez de Ouros e Aias em vez de Copas. Cada carta com rosto tinha um contorno com figurinhas menores: a Esposa de Anjos era uma Esposa azul com uma borda de minúsculos Anjos

vestidos de preto, e o Comandante de Aias era rodeado de pequeninas Aias.

Depois, quando obtive acesso à biblioteca do Ardua Hall, pesquisei aquelas cartas. Descobri que Copas queria dizer copos ou cálices. Talvez por isso as Aias fossem Copas: eram recipientes preciosos.

As três Tias da equipe de costureiras entraram no meu quarto.

– Guarde as cartas e fique de pé, por favor, Agnes – disse Paula com a voz mais doce de que era capaz, a voz que eu mais detestava porque sabia a fraude que era. Obedeci, e as três Tias me foram apresentadas: Tia Lorna, rosto gorducho e sorridente; Tia Sara Lee, ombros caídos e taciturna; e Tia Betty, hesitante e sempre pedindo desculpas.

– Estão aqui para tirar medidas – disse Paula.

– O quê? – respondi. Ninguém nunca me avisava nada; não viam necessidade disso.

– Não diga *o quê*, diga *perdão* – disse Paula. – Medidas das roupas que você vai usar nas suas aulas preparatórias para as núpcias.

Paula ordenou que eu tirasse meu uniforme, que eu ainda usava já que não possuía nenhum outro tipo de roupa, a não ser meu vestido branco de ir à igreja. Fiquei parada no meio do quarto só de combinação. Não estava fazendo frio, mas eu sentia a pele cravejada num arrepio, por estar sendo tão olhada e medida. Tia Lorna tirou minhas medidas, e Tia Betty as anotou em um caderninho. Eu a observei atentamente; sempre gostei de observar as Tias enquanto escrevinhavam mensagens secretas para si mesmas.

Então me disseram que eu podia voltar a vestir o meu uniforme, e assim fiz.

Discutiu-se a questão de se eu precisava ou não de novas roupas íntimas para aquele período intermediário. Tia Lorna achou que seria bom, mas Paula falou que não era necessário, já que o período em questão era curto e as que eu tinha ainda cabiam em mim. Paula venceu a discussão.

Então as três Tias se foram. Voltaram dias depois com duas roupas, uma para primavera e verão e outra para outono e inverno. Seu tema era o verde: verde primaveril com detalhes em branco – debruns dos bolsos e colarinhos – para o verão e a primavera, e verde primaveril com detalhes em verde-escuro para outono e inverno. Eu já vira meninas da minha idade usando aqueles vestidos, e eu sabia o que queriam dizer: verde primavera queria dizer folhas jovens, ou seja, a menina estava pronta para casar. No entanto, às Econofamílias não se

permitiam aquelas extravagâncias.

As roupas que as Tias me trouxeram eram usadas, mas não a ponto de estar desgastadas, já que ninguém usava aquelas roupas verdes por muito tempo. Haviam feito ajustes para que coubessem em mim. As saias eram cinco dedos acima da canela, as mangas iam até o pulso, as cinturas não eram marcadas, os colarinhos eram altos. Cada conjunto incluía um chapéu com aba e fitinha. Eu odiava aquelas roupas, mas não tanto: se eu precisava usar roupas, aquelas não eram das piores. Depositei minha esperança no fato de que haviam incluído todas as quatro estações: talvez eu pudesse passar o outono e o inverno inteiros sem ser obrigada a casar.

Minhas velhas roupas rosas e violetas foram embora; após lavadas, seriam reutilizadas por meninas mais novas. Gilead estava em guerra; não gostávamos de jogar nada fora.

27

Quando recebi as roupas verdes, eu fui matriculada em outra escola – a Escola Preparatória Pré-Nupcial Rubis, que era para moças de boa família que estavam estudando para o casamento. Seu lema vinha da Bíblia: "Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis."

Essa escola também era gerida pelas Tias, mas aquelas Tias – apesar de usarem uniformes sem graça idênticos aos das outras – de algum jeito tinham mais estilo. Supostamente, seu trabalho era nos ensinar como atuar enquanto donas de casa competentes em lares de alta patente. Digo "atuação" com duplo sentido: devíamos ser atrizes no palco de nosso futuro lar.

Shunammite e Becka, da Escola Vidala, estavam na mesma turma que eu: era comum que alunas da Vidala fossem para a Rubis. Não se passara muito tempo, na verdade, desde que eu as vira, mas elas me pareceram muito mais velhas. Shunammite passara a enrodilhar suas tranças negras atrás da cabeça e fizera a sobrancelha. Você não diria que estava bonita, mas estava mais serelepe do que nunca. Observe-se que *serelepe* era uma palavra que as Esposas usavam com desaprovação: queria dizer desajuizada.

Shunammite disse que estava louca para se casar. Na verdade, não parava de falar nisso e apenas nisso – que tipo de marido estavam vendo para ela, que tipo ela mais gostaria, que mal via a hora de casar. Ela queria um viúvo de uns quarenta anos que não tivesse amado muito sua primeira Esposa e não tivesse filhos, e tivesse patente alta e fosse bonito. Ela não queria um pirralho estúpido que nunca tivesse transado antes porque seria um desconforto para ela – e se ele não soubesse direito onde meter seu negócio? Ela sempre fora desbocada, mas estava mais do que nunca. Talvez tivesse absorvido aquelas expressões novas e rudes de alguma Martha.

Becka estava ainda mais magra. Seus olhos castanho-esverdeados, sempre grandes em proporção com o seu rosto, pareciam maiores do que nunca. Ela me contou que estava feliz em estar naquela turma comigo, mas não feliz por estar na turma em si. Ela implorara encarecidamente à família que ainda não a desse em casamento – ela era muito nova, não estava pronta –, mas eles haviam recebido uma excelente oferta: o filho mais velho de um Filho de Jacob e Comandante que estava a caminho de se tornar ele mesmo um Comandante. Sua mãe lhe dissera que não fosse boba, que nunca mais veria uma oferta daquelas de novo, e se ela não aceitasse aquela, as ofertas só fariam piorar quanto mais ela envelhecesse. Se ela chegasse aos dezoito sem se casar, seria considerada mercadoria seca e estaria fora de cogitação para Comandantes: teria sorte em ser desposada por um Guardião. Seu pai, o dentista dr. Grove, disse que era incomum um Comandante levar em consideração uma moça de baixa patente como ela, e seria um insulto recusar, e o que ela queria, acabar com a vida dele?

– Mas eu não quero! – choramingava ela para nós quando Tia Lise saía da sala. – Que um homem fique rastejando por cima de mim, tipo, tipo um monte de minhocas! Odeio isso!

Ocorreu-me que ela não disse que odiaria, disse que já odiava. O que será que acontecera com ela? Alguma desdita que ela não podia contar? Fiquei me lembrando de como tinha se impressionado com a história da Concubina Cortada em Doze Pedaços. Mas resolvi não perguntar: a desdita de outra menina podia te contaminar, se você chegasse perto demais.

– Não vai doer tanto – disse Shunammite – e pense só nas coisas que você vai ter! Sua própria casa, seu próprio carro e Guardiões, e suas próprias Marthas! E se você não puder ter filhos, vai ganhar Aias, quantas precisar!

– Não me importo com carros nem Marthas, muito menos Aias – disse Becka. – É aquela sensação horrível. Molhada.

– Como assim? – disse Shunammite, dando risada. – Quer dizer a língua deles? Não é pior do que língua de cachorro.

– É muito pior! – disse Becka. – Cachorro é amigo.

Eu não falei nada sobre como eu me sentia a respeito do casamento. Eu não podia contar a história da minha consulta dentária com o Dr. Grove: ele ainda era o pai de Becka, e Becka ainda era minha amiga. Em todo caso, minha reação fora mais de nojo e aversão, que agora me parecia trivial face ao verdadeiro

horror que Becka sentia. Ela acreditava de fato que o casamento iria obliterá-la. Ela seria esmigalhada, aniquilada, derretida feito neve até que nada restasse dela.

Longe de Shunammite, perguntei a ela por que sua mãe não a ajudava. Ela chorou: sua mãe não era sua mãe de verdade, ela descobrira isso pela sua Martha. Era uma vergonha, mas sua verdadeira mãe era uma Aia – "Como a sua, Agnes", disse ela. Sua mãe oficial tinha usado aquele fato contra ela: por que ela estava com tanto medo de fazer sexo com um homem, se a vadia da mãe Aia dela não tivera medo? Muito pelo contrário!

Eu a abracei, e disse que entendia.

28

Era para a Tia Lise nos ensinar etiqueta e boas maneiras: qual garfo usar, como servir o chá, como ser bondosa mas firme com as Marthas, e como evitar problemas emocionais com nossa Aia, caso necessitássemos de uma. Todos tinham uma função em Gilead, todos serviam à sua própria maneira, e todos eram iguais aos olhos de Deus, mas cada um tinha dons diferentes dos outros, disse Tia Lise. Se os vários dons se confundissem e todos tentassem ser tudo, o resultado só poderia ser caótico e nocivo. Ninguém deve esperar que uma vaca saiba voar!

Ela nos ensinou jardinagem básica, com ênfase em rosas – a jardinagem era um passatempo adequado às Esposas – e como avaliar a qualidade da comida cozinhada para nós e servida à nossa mesa. Naqueles tempos de escassez nacional, era importante não desperdiçar alimento nem deixar de extrair todo o seu potencial. Os animais haviam morrido por nós, Tia Lise nos relembrou, e as verduras também, acrescentou em tom piedoso. Precisávamos ser gratas por aquilo, pela generosidade de Deus. Era um desrespeito – talvez até um pecado – tão grande destratar a comida preparando-a sem cuidado quanto era jogá-la fora sem comer.

Assim, aprendemos como fazer ovos pochê perfeitos, e em que temperatura servir o quiche, e a diferença entre o *bisque* e o *potage*. Não lembro muito mais dessas lições hoje em dia, porque nunca cheguei ao ponto de praticá-las.

Ela também revisou conosco as orações apropriadas para se fazer antes das refeições. Nossos maridos recitariam as orações quando presentes, como cabeças da família, mas em sua ausência – que seria frequente, já que teriam que trabalhar até tarde, e não deveríamos nunca criticar seus atrasos – então seria nosso dever fazer aquelas orações perante o que Tia Lise esperava que seriam

nossos numerosos filhos. Aqui ela deu um curto e breve sorriso.

Em minha cabeça eu repassava a oração inventada com que Shunammite e eu nos divertíamos quando éramos melhores amigas na Escola Vidala:

Se minha taça transbordar
Pelo chão se entornar
Ó Senhor, vou vomitar
E pedir outro papá.

O som de nossas risadinhas infantis se distanciava e sumia. Nos achávamos tão malcomportadas naquela época! Aquelas pequenas rebeldias me pareciam tão inocentes e ineficazes agora que eu estava me preparando para casar.

Conforme o verão foi passando, a Tia Lise foi nos ensinando o básico da decoração de interiores, embora as decisões finais sobre o estilo das nossas casas fossem, é claro, da competência de nossos maridos. Então ela nos ensinou a fazer arranjos florais, em estilo japonês e em estilo francês.

Quando começamos a aprender o estilo francês, Becka andava muito abatida. Seu casamento estava planejado para novembro. O escolhido já fizera a primeira visita a sua família. Ele fora recebido na sala, e conversara amenidades com o pai dela enquanto ela ficava ao lado calada e sentada – era este o protocolo, e esperava-se que eu fizesse o mesmo –, e ela dissera que ele lhe dava arrepios. Ele tinha espinhas e um bigodinho irregular, e tinha a língua branca.

Shunammite deu risada e disse que devia ser pasta de dentes, ele deve ter escovado os dentes antes de ir porque queria deixar uma boa impressão nela, e não era fofo? Mas Becka disse que queria estar doente, muito doente, com algo não só duradouro como contagioso, porque aí o casamento teria que ser cancelado de qualquer maneira.

No quarto dia da aula de arranjo de flores à moda francesa, quando estávamos aprendendo a montar vasos formais simétricos com texturas contrastantes mas complementares, Becka abriu o pulso esquerdo com o podão e precisou ser levada para o hospital. O corte não fora profundo a ponto de ser fatal, mas saíra um bocado de sangue mesmo assim. Estragou as margaridas brancas.

Eu estava olhando quando ela se cortou. Nunca esqueci a expressão dela:

tinha uma ferocidade que nunca vira nela antes, e que achei muito perturbadora. Era como se ela tivesse se transformado numa outra pessoa – uma muito mais selvagem –, ainda que só por um instante. Quando chegaram os paramédicos para levá-la embora, ela parecia serena.

– Adeus, Agnes – ela me dissera, mas eu não tinha sabido como responder.

– Que menina imatura – disse Tia Lise. Ela usava um *chignon* muito elegante no cabelo. Ela nos olhou de soslaio, pela lateral de seu extenso nariz aquilino. – Diferente de vocês, mocinhas.

Shunammite deu um sorriso radiante – estava toda animada para ser adulta – e eu consegui produzir um pequeno sorriso. Eu pensei que estava aprendendo a atuar; ou melhor, a ser uma atriz. Ou a ser melhor atriz do que antes.

XI

Pano de saco

29

Na noite passada tive um pesadelo. Já o tive antes.

Antes, neste relato, cheguei a dizer que não abusaria da sua paciência narrando meus sonhos. Mas como este tem relevância para o que vou contar para você, vou abrir uma exceção. Você, é claro, tem total controle do que decide ler ou não, e pode pular este sonho à vontade.

Estou de pé no estádio, vestida com o tal roupão que me forneceram no hotel adaptado enquanto eu me recuperava do Thank Tank. Numa fila comigo estão várias outras mulheres com a mesma veste de penitência, e vários homens de uniforme preto. Cada um de nós segura um rifle. Sabemos que alguns desses rifles contêm balas de festim, e outros não; mas seremos todos assassinos de qualquer modo, porque o que vale é a intenção.

De frente para nós, mulheres dispostas em duas fileiras: umas de pé, outras de joelhos. Elas não estão usando vendas. Vejo seus rostos. Eu as reconheço, cada uma delas. Ex-amigas, ex-clientes, ex-colegas; e, mais recentemente, mulheres e meninas que passaram pelas minhas mãos. Esposas, filhas, Aias. Algumas têm dedos a menos, outras têm só um pé, outras um olho só. Algumas têm cordas no pescoço. Eu as julguei, eu as sentenciei: uma vez juíza, sempre juíza. Mas todas estão sorrindo. O que vejo nos olhos delas? Medo, desprezo, desafio? Piedade? É impossível precisar.

Nós que temos rifles os levantamos. Disparamos. Algo entra em meu pulmão. Não consigo respirar. Engasgada, caio por terra.

Acordo suando frio, o coração aos pulos. Dizem que um pesadelo pode te matar de susto, que seu coração pode literalmente parar. Será que esse pesadelo vai me matar uma noite dessas? Quero crer que vai precisar de mais do que isso.

Eu lhes falava da minha reclusão no Thank Tank e do luxo que me esperava no quarto de hotel a seguir. Era como uma receita para preparar carne dura: primeiro marteladas, depois marinar e amaciar.

Uma hora depois de eu vestir a roupa de penitência que me deixaram, bateram à porta; uma dupla de homens esperava para me escoltar. Fui levada pelo corredor até outro quarto. Meu interlocutor de barba branca me esperava lá, agora não atrás de uma mesa, mas confortavelmente sentado em uma poltrona.

– Pode sentar – disse o Comandante Judd. Dessa vez não me obrigaram a sentar: eu sentei por vontade própria.

– Espero que nosso regimezinho não tenha sido forte demais para você – disse ele. – Você recebeu apenas o Nível Um. – Não havia nada que eu pudesse responder a isso, então nada falei. – Foi iluminador?

– Como assim?

– Você viu a luz? A Luz Divina? – Qual seria a resposta certa para aquilo? Ele saberia se eu tentasse mentir.

– Foi iluminador – falei. Isso pareceu bastar.

– Cinquenta e três?

– Você diz a minha idade? Sim – falei.

– Você teve amores – disse ele. Fiquei me perguntando como ele teria descoberto aquilo, e fiquei um pouco lisonjeada de ele ter se dado ao trabalho.

– Breves – falei. – Vários. Nada de longo prazo. – Será que eu já amara na vida? Eu achava que não. Minha experiência com os homens da minha família não era um incentivo à confiança. Mas o corpo tem suas ânsias, e saciá-las pode ser tanto humilhante quanto gratificante. Nenhum dano duradouro foi infligido à minha pessoa, dei e recebi minha cota de prazer, e nenhum daqueles indivíduos tomou sua rápida dispensa de minha vida como afronta pessoal. Por que esperar algo mais?

– Você fez um aborto – disse ele. Então eles vinham revirando arquivos.

– Apenas um – falei com complacência. – Eu era muito nova.

Ele resmungou em reprovação:

– Você está ciente de que essa forma de homicídio agora é punida com pena de morte? A lei é retroativa.

– Eu não estava a par disso. – Fiquei gelada. Mas se iam me fuzilar, por que aquele interrogatório?

– Um casamento?

– Muito breve. Um erro.

– Divórcio agora é crime – disse ele. Eu não respondi nada.

– Nunca teve a bênção de ter filhos?

– Não.

– Desperdiçou seu corpo feminino? Renegou sua função natural?

– Não aconteceu – respondi, com grande esforço para a raiva não chegar à voz.

– Uma pena – disse ele. – Em nosso tempo, toda mulher virtuosa pode ter um filho, de um jeito ou de outro, conforme o plano de Deus. Mas creio que você tenha se ocupado plenamente na sua, ah, suposta carreira.

Ignorei a alfinetada.

– Sim, eu tinha um dia a dia extenuante.

– Dois semestres como professora escolar?

– Sim. Mas voltei para o direito.

– Direito de família? Agressão sexual? Crimes cometidos por mulheres? Prostitutas processando o Estado para terem mais proteção? Direitos sobre imóveis em divórcios? Imperícia médica, especialmente de ginecologistas? Crianças retiradas de mães incapazes? – Ele puxara uma lista e começara a ler dela.

– Quando necessário, sim – falei.

– Breve período como voluntária em um centro de auxílio a vítimas de estupro?

– Quando eu era estudante – falei.

– No South Street Sanctuary, não é? E você parou porque...?

– Estava muito ocupada – falei. Então acrescentei outra verdade, já que não havia por que não ser franca. – Além disso, me exauria.

– Sim – disse ele, olhos cintilantes. – Isso exaure a pessoa. Todo esse sofrimento feminino desnecessário. Nosso intento é eliminá-lo. Sei que você concorda com isso. – Ele fez uma pausa, como se me desse um momento para ponderar. Então ele abriu um novo sorriso. – Então. O que vai ser?

Se fosse meu velho eu teria redarguido, “o que vai ser do quê?”, ou algo do gênero. Em vez disso, repliquei:

– Você quer dizer sim ou não?

– Correto. Você já experimentou as consequências do *não*, pelo menos em parte. Enquanto que o *sim*... digamos que quem não é por nós, está contra nós.

– Entendi – falei. – Então é *sim*.

– Você vai precisar provar que está falando sério – disse ele. – Está preparada?

– Sim – disse eu outra vez. – Como?

Passei por uma provação. Você já deve ter desconfiado do que se tratava. Foi idêntico ao meu pesadelo, exceto pelo fato de as mulheres estarem vendadas e de que, quando atirei, não caí. Era essa a prova do Comandante Judd: se não passar, seu compromisso com a única via verdadeira seria anulado. Se passar, haverá sangue nas suas mãos. Como alguém disse certa vez, precisamos viver juntos ou vamos todos morrer separados.

Demonstrei, sim, alguma fraqueza: depois do ato, vomitei.

Um dos alvos era Anita. Por que ela fora separada para morrer? Mesmo depois do Thank Tank, ela deve ter dito não em vez de sim. Deve ter escolhido a saída rápida. Mas, na verdade, não tenho ideia do porquê. Talvez fosse muito simples: ela não era considerada útil ao regime, enquanto que eu era.

Hoje de manhã levantei uma hora mais cedo para subtrair alguns momentos antes do desjejum com você, caro leitor. Você se tornou uma obsessão e tanto – meu único amigo e confidente –, pois a quem eu contaria a verdade senão a você? Em quem mais posso confiar?

Não que eu possa confiar em você. Quem tem a maior chance de me trair no final? Vou ficar encostada em algum canto empoeirado ou embaixo da cama enquanto você vai a piqueniques e bailes – sim, a dança retornará, é difícil impedi-la para todo sempre – ou a um *rendez-vous* com um corpo ardente, bem mais charmoso do que o papiro esfacelado que terei me tornado. Mas eu te perdoo desde já. Eu também já fui como você: fatalmente viciada na vida.

Por que presumo que sua existência é garantida? Talvez você nunca se materialize: você é só um desejo, uma possibilidade, um fantasma. Ouso dizer uma esperança? Tenho direito à esperança, é claro. Ainda não é a meia-noite da minha vida; o sino ainda não cantou, e Mefistófeles ainda não apareceu para cobrar o devido preço pelo nosso trato.

Pois houve um trato. É claro que houve um. Ainda que eu não o tenha feito

com o Diabo: eu o fiz com o Comandante Judd.

Minha primeira reunião com Elizabeth, Helena e Vidala aconteceu no dia seguinte ao meu julgamento por assassinato no estádio. Nós quatro fomos conduzidas a uma das salas de conferência do hotel. Todas nós éramos diferentes naquela época: mais novas, mais esbeltas, menos encarquilhadas. Elizabeth, Helena e eu estávamos vestindo as roupas de saco marrom que mencionei, mas Vidala já tinha um uniforme propriamente dito: não o uniforme das Tias criado depois, mas um todo preto.

O Comandante Judd nos aguardava. Ele estava sentado à cabeceira da mesa de reuniões, é claro. Diante dele, havia uma bandeja com um bule de café e xícaras. Ele nos serviu com muita cerimônia, sorrindo.

– Parabéns – principiou ele. – Vocês passaram no teste. São tições retirados da fornalha. – Ele serviu o próprio café, acrescentou substituto de leite, bebericou. – Vocês devem estar se perguntando por que uma pessoa com a minha história, o meu relativo sucesso mesmo sob o regime corrupto anterior, tomou a atitude que eu tomei. Não pensem que não percebo a gravidade do meu comportamento. Há quem qualifique a remoção de um governo ilegítimo de traição; sem dúvida, muitos pensaram isso de mim. Agora que vocês se juntaram a nós, muitos pensarão o mesmo de vocês. Mas a lealdade a uma verdade maior não é traição, porque o plano de Deus não é o plano dos homens, e com toda certeza não é nem um pouco o plano das mulheres.

Vidala nos observava receber aquele sermão com um pequenino sorriso: seja lá aquilo de que ele estivesse nos convencendo, ela já o tinha como credo absoluto.

Cuidei para não demonstrar reação. É uma habilidade não reagir. Ele olhou de rosto vazio em rosto vazio.

– Podem tomar seus cafés – falou ele. – Uma mercadoria valiosa cuja obtenção tem sido cada vez mais difícil. Seria pecado recusar aquilo que Deus, em sua infinita generosidade, concedeu a seus escolhidos. – Ouvindo isso, tomamos de nossas xícaras como se estivéssemos em uma cerimônia de comunhão.

Ele prosseguiu:

– Já vimos os frutos do excesso de permissividade, do excesso de cobiça por

bens materiais, e da ausência de estruturas significativas que levam a uma sociedade equilibrada e estável. Nossa taxa de natalidade, por diversos motivos, mas principalmente porque as mulheres optaram pelo egoísmo, está em queda livre. Concordam que os seres humanos sentem grande infelicidade em meio a esse caos absoluto? Que regras e limites fomentam a estabilidade, e, portanto, a felicidade? Estão me acompanhando até agora?

Fizemos que sim.

– Isso foi um sim? – Ele apontou para Elizabeth.

– Sim – disse ela num ganido de medo. Na época, ela era mais nova e ainda bela; ainda não tinha deixado seu corpo se estufar. Desde então, me apercebi de que certos homens gostam de implicar com mulheres bonitas.

– Sim, Comandante Judd – repreendeu ele. – Títulos merecem respeito.

– Sim, Comandante Judd.

Eu sentia o cheiro do medo dela mesmo estando do outro lado da mesa; fiquei me perguntando se ela podia sentir o cheiro do meu. O cheiro do medo é ácido. Corrosivo.

Ela também passou algum tempo sozinha no escuro, pensei. Sofreu a provação do estádio. Ela também olhou para dentro de si, e viu o abismo.

– A sociedade se sai melhor quando servida por círculos apartados de homens e mulheres – continuou o Comandante Judd num tom mais duro. – Nós já vimos os resultados desastrosos de se tentar amalgamar esses círculos. Alguma dúvida até agora?

– Sim, Comandante Judd – falei. – Eu tenho uma dúvida.

Ele sorriu, embora friamente.

– Prossiga.

– O que vocês querem?

Ele deu outro sorriso.

– Obrigado. O que queremos de vocês em especial? Estamos construindo uma sociedade em congruência com a ordem Divina, uma cidade sobre a montanha para às outras servir de farol, e agimos assim por consideração e caridade. Acreditamos que vocês, devido a suas formações privilegiadas, são qualificadas para nos ajudar a suavizar a terrível sina das mulheres atuais, cuja causa vem a ser a sociedade decadente e corrupta que acabamos de abolir. – Ele fez uma pausa. – Vocês desejam ajudar? – Desta vez, o dedo em riste mirava em Helena.

– Sim, Comandante Judd. – Quase num sussurro.

– Ótimo. Vocês todas são mulheres inteligentes. Devido às suas antigas... – Ele não queria dizer profissões. – Devido às suas antigas experiências, vocês conhecem bem a vida das mulheres. Vocês sabem como elas costumam pensar, ou melhor dizendo, como costumam reagir a estímulos, tanto positivos como menos positivos. Assim, vocês podem ser úteis, e essa utilidade pode qualificá-las a obter certas regalias. Nossa ideia era que vocês atuassem como guias espirituais e mentoras – líderes, de certa forma – dentro do círculo feminino. Mais café? – Ele nos serviu. Nós mexemos, provamos e aguardamos.

– Dizendo de maneira simples – prosseguiu ele – queremos que vocês nos ajudem a organizar esse círculo à parte: o círculo das mulheres. E o objetivo seria uma quantidade otimizada de harmonia, tanto cívica quanto doméstica, e uma quantidade otimizada de filhos. Alguma outra dúvida?

Elizabeth levantou a mão.

– Sim? – disse ele.

– Nós vamos ter que... rezar e tudo o mais? – perguntou ela.

– A oração é cumulativa – disse ele. – Vocês vão entender com o tempo quantos motivos possuem para agradecer à força maior. Minha, hã, colega... – Ele apontou para Vidala. – ... se ofereceu para ser a instrutora espiritual de vocês, tendo participado do nosso movimento desde a sua fundação.

Um intervalo mudo enquanto Elizabeth, Helena e eu absorvíamos aquela informação. Por força maior, ele queria dizer ele mesmo?

– Sei que somos capazes de ajudar – falei, por fim. – Mas isso vai demandar um esforço considerável. Faz muito tempo que as mulheres vêm ouvindo que podem ser iguais aos homens nas esferas pública e profissional. Elas não vão aceitar facilmente a... – Busquei uma palavra. – A segregação.

– Foi uma crueldade sem tamanho lhes prometer igualdade – disse ele –, pois, por sua própria natureza, nunca podem chegar a isso. Já principiamos a tarefa piedosa de lhes baixar as expectativas.

Eu não quis sondar quais meios estavam sendo usados para tal. Seriam eles semelhantes aos empregados comigo? Ficamos à espera enquanto ele se servia de mais café.

– Vocês vão precisar criar leis e tudo o mais, é claro – disse ele. – Vão receber uma verba, uma base de operações, e um dormitório. Separamos um alojamento

estudantil inteiro para vocês, dentro do complexo murado de uma das ex-universidades que requisitamos. Não vai necessitar de grandes alterações. Sei que proverá o conforto necessário.

Nesse ponto, decidi me arriscar.

– Se tem de ser um círculo feminino à parte – disse eu –, então deve ser separado de verdade. Dentro dele, o comando deve ser das mulheres. Exceto em casos de extrema necessidade, os homens não devem penetrar nos limites de nossas instalações, nem questionar nossos métodos. Seremos julgadas unicamente pelos nossos resultados. Embora, é claro, não seja nossa intenção deixar de notificar as autoridades quando e se for necessário.

Ele me mediu de cima a baixo, depois abriu as mãos e mostrou as palmas.

– Carta branca – disse ele. – Dentro do razoável, e dentro do orçamento. Sujeito, é claro, à minha aprovação final.

Olhei para Elizabeth e Helena, e vi admiração relutante. Eu dera um lance pelo poder que elas jamais teriam a ousadia de tentar, e vencera.

– Naturalmente – disse eu.

– Não estou certa de que seja sensato fazê-lo – disse Vidala. – Deixá-las gerir suas questões a este ponto. Mulheres são vasos frágeis. Mesmo à mais forte delas não se deve permitir...

O Comandante Judd a interrompeu.

– Os homens têm mais o que fazer do que se ocupar das minúcias cotidianas do círculo feminino. – Ele assentiu para mim, e Vidala me lançou um olhar odiento. – As mulheres de Gilead terão motivo para serem gratas a vocês – prosseguiu ele. – Tantos regimes erraram nesse ponto. Um desperdício lamentável! Se vocês fracassarem, seu fracasso pesará sobre todas as mulheres. Tal como o de Eva. Agora deixo vocês a sós para deliberarem em conjunto.

E assim começamos.

Naquelas sessões iniciais, tomei notas mentais sobre minhas colegas Fundadoras – pois, como Fundadoras, seríamos reverenciadas em Gilead, conforme prometera o Comandante Judd. Se você já esteve num recreio escolar daqueles mais barra-pesada, ou num galinheiro, ou na verdade em qualquer situação em que há poucas recompensas, mas muita competição por elas, você compreenderá o mecanismo em questão. Apesar de nossa fingida harmonia, ou até fingida

colegialidade, a hostilidade subjacente já estava se criando. Se aqui é um galinheiro, pensei, quero ser a galinha-alfa. Para isso, preciso estabelecer minha hierarquia dentro da lei do galinheiro.

Eu já fizera uma inimiga em Vidala. Ela se via como a líder natural, mas essa ideia havia saído de cogitação. Ela haveria de se opor a mim de todo jeito – mas eu tinha uma vantagem: eu não seguia uma ideologia cegamente. Isso me daria uma flexibilidade que a ela faltava, no longo prazo que nos era apresentado.

Das outras duas, Helena seria a mais fácil de manobrar, pois de todas nós ela era a mais insegura. Na época, era rechonchuda, ainda que tenha minguado depois; um de seus empregos anteriores havia sido em uma lucrativa empresa de perda de peso, segundo nos contou. Isso foi antes de ela virar RP de uma fabricante de lingerie de alta costura e adquirir uma extensa coleção de sapatos.

– Sapatos tão lindos – lamentava-se ela antes de Vidala calar sua boca com um franzir de testa.

Helena iria para onde soprasse o vento predominante, avaliei; e isso para mim estava ótimo, desde que eu fosse esse vento.

Elizabeth era de um círculo social mais alto, e com isso quero dizer imensamente mais alto que o meu. Aquilo a faria me subestimar. Ela tinha estudado em Vassar, e trabalhara como assistente executiva de uma poderosa senadora em Washington – com potencial para presidente, confidenciara ela. Mas o Thank Tank tinha destruído algo nela; seu berço e educação privilegiados não a haviam salvo, e ela estava meio fora de esquadro.

Uma a uma eu seria capaz de lidar com elas, mas, caso se unissem num trio, eu passaria maus bocados. Meu lema seria dividir para conquistar.

Fique firme, disse a mim mesma. Não conte demais da sua vida, isso será usado contra você. Ouça com cuidado. Guarde bem todas as pistas. Não demonstre medo.

Por semanas a fio nós inventamos: leis, uniformes, lemas, hinos, nomes. Por semanas a fio fizemos relatórios ao Comandante Judd, que se voltava para mim como a porta-voz do grupo das mulheres. Pelos conceitos que ele aprovava, ele assumia o crédito. Aplausos afluíam dos demais Comandantes. Como ele estava indo bem!

Eu detestava a estrutura que estávamos concebendo? Em certo sentido, sim:

traía tudo o que nos ensinaram em nossa vida passada, e tudo o que havíamos conquistado. Eu me orgulhava de tudo o que conseguimos realizar, apesar das limitações? Também sim, em certo sentido. As coisas nunca são simples.

Por algum tempo quase acreditei no que se entendia que devíamos acreditar. Perfilei-me ao lado dos crentes pelo mesmo motivo que tantos em Gilead o fizeram: porque era menos perigoso. De que serve se jogar na frente do rolo compressor por princípios morais e ser achatado feito uma meia fora do pé? Melhor se apagar na multidão, multidão carola, beata, santimônia e odienta. Melhor apedrejar do que ser apedrejada. Ou, pelo menos, melhor para se continuar viva.

Eles sabiam disso muito bem, os arquitetos de Gilead. O tipo deles sempre soube disso muito bem.

Que fique registrado aqui que, anos depois – quando eu já havia garantido meu controle sobre o Ardua Hall e usado este posto como plataforma para adquirir o poder extenso mas silencioso que possuo em Gilead –, o Comandante Judd, sentindo que o equilíbrio mudara, procurou me apaziguar.

– Espero que você tenha me perdoado, Tia Lydia – disse ele.

– Pelo quê, Comandante Judd? – perguntei no mais afável dos tons. Será que ele estava ficando com um pouco de medo de mim?

– Pelas medidas rigorosas que fui obrigado a tomar no princípio de nossa parceria – disse ele. – Para separar o joio do trigo.

– Ah – falei. – Com certeza você tinha a mais nobre das intenções.

– Creio que sim. Ainda assim, foram medidas duras. – Eu sorri e não disse nada. – Logo vi que você era trigo, desde o começo. – Sustentei meu sorriso. – Seu rifle tinha uma bala de festim – disse ele. – Sei que gostaria de saber disso.

– Bondade sua me contar – respondi. Os músculos do meu rosto começavam a doer. Em certas condições, sorrir é um exercício físico.

– Então estou perdoado? – perguntou ele.

Se eu não estivesse tão agudamente a par da preferência dele por moças mal entradas em idade núbil, eu teria achado que era um flerte. Peguei a esmo algo do saco de retalhos de eras passadas:

– Errar é humano, perdoar é divino. Nas palavras dos velhos tempos.

– Você é tão erudita.

Na noite passada, após terminar de escrever, guardei meu manuscrito em segurança dentro da cave do cardeal Newman, e estava a caminho do Café Schlafly, quando fui abordada na vereda pela Tia Vidala.

– Tia Lydia, poderia trocar uma palavrinha com você? – perguntou ela.

É um pedido cuja resposta deve sempre ser sim. Convidei-a a me acompanhar ao café.

No lado oposto do Pátio, o quartel-general de colunatas brancas dos Olhos estava inteiramente aceso: fiéis a seu homônimo, o Olho de Deus sem pálpebra, eles nunca dormem. Três deles estavam de pé na escadaria exterior branca, fumando. Nem olharam para o nosso lado. Na visão deles, as Tias são como sombras – sombras deles, que dão medo em outros, mas não neles mesmos.

Quando passamos pela minha estátua, conferi as oferendas: menos ovos e laranjas do que de costume. Será que estou deixando de ser popular? Resisti ao impulso de embolsar uma laranja: eu poderia voltar depois.

Tia Vidala espirrou, o que prenunciava uma declaração importante. Depois, pigarreou:

– Nesse momento eu gostaria de lhe comunicar que sua estátua tem sido citada como motivo de preocupação – disse ela.

– É mesmo? – perguntei. – Como assim?

– As oferendas. As laranjas. Os ovos. Tia Elizabeth crê que esse excesso de atenção é perigosamente próximo da adoração. E isso seria idolatria – ajuntou ela. – Que é um pecado grave.

– De fato – respondi. – Que opinião iluminada.

– Além disso, é desperdício de alimento valioso. Diz ela que é praticamente sabotagem.

– Concordo plenamente com isso – falei. – Mais do que ninguém, desejo evitar qualquer semelhança com um culto à personalidade. Você sabe como sou rígida no que se refere às normas de ingestão de nutrientes. Nós, líderes do Hall, precisamos dar o melhor exemplo, até mesmo em questões como repetir o prato, especialmente se ele for ovos cozidos. – Naquele ponto, fiz uma pausa: eu tinha imagens em vídeo de Tia Elizabeth no Refeitório, ocultando aquele alimento portátil nas mangas, mas não era ainda a ocasião para revelá-lo. – Quanto às oferendas, tais manifestações por parte de outras pessoas estão além do meu controle. Não tenho como impedir desconhecidos de deixarem sinais de afeição e

respeito, de lealdade e gratidão, tais como bolos e frutas, aos pés da minha efígie. Embora eu mesma não o mereça, desnecessário dizer.

– Não podem ser impedidos antes que aconteçam – disse Tia Vidala. – Mas podem ser detectados e castigados.

– Não há regra que verse sobre esses atos – respondi. – Portanto, nenhuma regra foi infringida.

– Então deveríamos formular alguma – disse Tia Vidala.

– Vou ponderar sua sugestão – respondi. – E o corretivo adequado. Essas medidas precisam ser adotadas com todo o tato. – Seria uma pena me despedir das laranjas, refleti: elas são intermitentes, dada a insegurança no abastecimento. – Mas creio que você tem mais a acrescentar?

A esta altura já havíamos chegado ao Café Schlafly. Sentamo-nos a uma das mesas cor-de-rosa.

– Aceita uma xícara de leite quente? – perguntei. – Estou convidando.

– Não posso tomar leite – disse ela, ofendida. – Estimula o muco.

Sempre ofereço um leite quente por minha conta a Tia Vidala, o que demonstra a minha generosidade – já que o leite não faz parte de nossas rações normais, e sim da eletiva, a ser paga com fichas que recebíamos segundo o nosso status. Ela sempre recusa com raiva.

– Oh, perdão – falei. – Esqueci. Aceita chá de hortelã, então?

Quando nossas bebidas chegaram, ela foi direto ao assunto.

– A questão é que – disse ela – testemunhei eu mesma que Tia Elizabeth vem depositando alimentos ao pé de sua estátua. Especialmente ovos cozidos.

– Fascinante – repliquei. – Por que ela faria uma coisa dessas?

– Para gerar provas contra você – disse ela. – Na minha opinião.

– Provas? – Eu pensara que Elizabeth vinha simplesmente comendo os ovos. Aquele uso era bem mais criativo: eu estava até orgulhosa dela.

– Creio que ela vem se preparando para denunciar você. Para desviar atenção dela mesma e de suas atividades desleais. Talvez seja ela a traidora entre nós, aqui no Ardua Hall, trabalhando com os terroristas do Mayday. Há muito suspeito de sua heresia – disse Tia Vidala.

Senti um frêmito de empolgação. Não tinha passado pela minha cabeça uma coisa daquelas: Vidala delatando Elizabeth – e justamente para mim, apesar de me odiar há tanto tempo! Quem haveria de pensar!

– Se for verdade, é uma notícia aterradora. Muito obrigada por me revelar – respondi. – Você será recompensada. Embora presentemente não existam provas, por precaução vou comunicar suas suspeitas ao Comandante Judd.

– Obrigada – disse Tia Vidala por sua vez. – Confesso que já tive dúvidas sobre sua capacidade de liderança do Ardua Hall, mas orei nesse propósito. Foi um erro duvidar de você. Peço desculpas.

– Todo mundo erra – falei, magnânima. – Errar é humano.

– Sob o Olho Dele – disse ela, baixando a cabeça em reverência.

Mantenha os amigos por perto e os inimigos ainda mais perto. Não tendo amigos, preciso me virar com inimigas.

XII

CARPITZ

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

30

Eu estava contando do momento em que Elijah me contou que eu não era quem eu pensava. Não gosto de recordar essa sensação. Foi como se um ralo se abrisse no chão e me sugasse – não só eu como minha casa, meu quarto, meu passado, tudo que eu sempre soube sobre mim, até meu visual –, foi como se eu caísse, fosse sufocada e as luzes se apagassem, tudo ao mesmo tempo.

Devo ter ficado lá parada por um minuto inteiro, pelo menos, sem dizer nada. Eu sentia dificuldade para respirar. Estava toda gelada.

A Bebê Nicole, com seu rostinho redondo e olhos inocentes. Toda vez que eu vira aquela foto famosa, eu estava olhando era para mim. Aquela criança tinha criado muito problema para muita gente simplesmente por ter nascido. Como eu podia ser aquela pessoa? Em minha cabeça eu renegava tudo, gritava que não podia ser. Mas pela boca não saía nada.

– Não gosto disso – falei, por fim, em voz baixa.

– Nenhum de nós gosta disso – disse Elijah com brandura. – Todos queríamos que a realidade fosse outra.

– Eu queria que não existisse Gilead – falei.

– É a nossa meta – disse Ada. – O fim de Gilead. – Ela disse isso com aquele jeito prático dela, como se acabar com Gilead fosse tão fácil quanto consertar uma torneira quebrada. – Quer tomar um café?

Fiz que não. Eu ainda estava tentando assimilar aquilo. Então eu era uma refugiada, igual à mulher assustada que eu vira no SanctuCare; igual aos outros refugiados que todos viviam debatendo. Meu cartão saúde, minha única prova de identidade, era falso. Eu nunca estivera legalizada no Canadá. Podia ser deportada a qualquer momento. Minha mãe era uma Aia? E o meu pai...

– Então meu pai é um desses...? – respondi. – Comandantes? – A ideia de que

parte dele fizesse parte de mim, estivesse de fato dentro do meu corpo, me fez estremecer.

– Por sorte, não – disse Elijah. – Ou, segundo sua mãe, não, embora ela não queira colocar seu verdadeiro pai em perigo dizendo isso, pois ele ainda pode estar em Gilead. Mas Gilead reivindica você com base no seu pai oficial. Foi sempre sob esse argumento que demandaram sua volta. A volta da Bebê Nicole – esclareceu ele.

Gilead nunca desistira da ideia de me encontrar, disse-me Elijah. Nunca tinham parado de procurar; eram muito tenazes. Segundo sua mentalidade, eu era propriedade deles, e tinham direito a me rastrear e arrastar pela fronteira seja lá por que meios, legais ou ilegais. Eu era menor de idade, e embora aquele Comandante específico tivesse sumido de cena – provavelmente em algum expurgo – eu era dele, segundo o sistema legal de Gilead. Ele tinha parentes vivos, de forma que, se o caso chegasse aos tribunais, era bem possível que obtivessem minha guarda. O Mayday não podia me proteger porque era internacionalmente classificado como organização terrorista. Existia por baixo dos panos.

– Fomos plantando algumas pistas falsas com o passar do tempo – disse Ada. – Você foi avistada em Montreal, e também em Winnipeg. Depois disseram que você estava na Califórnia, e depois disso, no México. Nós te fizemos viajar bastante.

– Era por isso que a Melanie e o Neil não queriam que eu fosse à passeata?

– De certa forma – disse Ada.

– Então fui eu. A culpa foi minha – falei. – Não foi?

– Como assim? – disse Ada.

– Eles não queriam que me *vissem* – falei. – Eles foram assassinados porque estavam me escondendo.

– Não exatamente – disse Elijah. – Eles não queriam fotos de você circulando, não queriam você na TV. É possível que Gilead mandasse procurar nas imagens da passeata, tentar ver se batiam. Tinham sua foto de bebê; devem ter uma ideia aproximada da sua provável aparência atual. Mas acontece que suspeitaram de forma independente de que Melanie e Neil fossem do Mayday.

– Talvez andassem me seguindo – disse Ada. – Podem ter me vinculado à SanctuCare, e daí com a Melanie. Já infiltraram informantes no Mayday antes:

pelo menos uma falsa Aia fugida, talvez outras.

– Talvez até mesmo dentro do SanctuCare – disse Elijah. Pensei nas pessoas que costumavam ir às reuniões na nossa casa. Era de virar o estômago pensar que alguma delas estivesse tramando para matar Melanie e Neil entre uvas e fatias de queijo.

– Então essa parte não teve nada a ver com você – disse Ada. Fiquei me perguntando se ela estaria apenas tentando me consolar.

– Detesto ser a Bebê Nicole – falei. – Não pedi para ser ela.

– A vida não presta, pronto – disse Ada. – Agora temos que descobrir como continuar daqui.

Elijah foi embora, dizendo que voltava em algumas horas.

– Não saia, não olhe pela janela – disse ele. – Não use nenhum telefone. Vou arrumar outro carro.

Ada abriu uma lata de canja de galinha; ela disse que eu precisava ingerir algum alimento, de forma que fiz um esforço.

– E se eles vierem aqui? – perguntei. – Como é a cara deles?

– Eles podem ter qualquer cara – disse Ada.

À tarde, Elijah voltou. Junto dele estava George, o velho morador de rua que eu já tinha pensado ser *stalker* da Melanie.

– É pior do que pensávamos – disse Elijah. – O George viu.

– Viu o quê? – perguntou Ada.

– A loja estava com placa de FECHADA. Nunca fecha durante o dia, então estranhei – disse George. – Então saíram três homens e puseram a Melanie e Neil dentro do carro. Estavam andando meio junto deles, como se estivessem bêbados. Estavam conversando, fingindo um ar sociável, como se tivessem acabado de bater papo e estivessem se despedindo. Melanie e Neil ficaram sentados no carro. Lembrando agora, estavam meio caídos, como que com sono.

– Ou mortos – disse Ada.

– Sim, talvez – disse George. – Os três sujeitos foram embora. Passou um minuto mais ou menos e o carro explodiu.

– Isso é muito pior do que pensávamos – disse Ada. – Não sabemos o que podem ter confessado antes, dentro da loja.

– Eles não diriam nada – disse Elijah.

– Não temos como ter certeza – disse Ada. – Depende da tática. Os Olhos são terríveis.

– Precisamos sair daqui rápido – disse George. – Não sei se eles me viram. Eu não queria vir aqui, mas não sabia o que fazer, então liguei para o SanctuCare e Elijah veio me pegar. Mas e se grampearam meu telefone?

– Vamos destruí-lo – disse Ada.

– Como eram os homens? – perguntou Elijah.

– De terno. Executivos. Respeitáveis – disse George. – Estavam com maletas.

– Entendi – disse Ada. – E largaram uma delas no carro.

– Sinto muito por tudo isso – disse George para mim. – O Neil e a Melanie eram boas pessoas.

– Licença – falei porque ia começar a chorar; então entrei no meu quarto e fechei a porta.

Não tive muito tempo. Em dez minutos ouvi uma batida à porta, e Ada a abriu.

– Estamos de saída – disse ela. – Anda logo.

Eu estava na cama enfiada no edredom até o nariz.

– Para onde? – perguntei.

– A curiosidade escaldou o gato. Vamos logo.

Descemos a grande escadaria, mas, em vez de sair, entramos em um dos apartamentos do andar de baixo. Ada tinha a chave.

O apartamento era como o de cima: mobiliado com móveis novos, nada com personalidade. Ele parecia ter sido habitado, mas por pouco tempo. Havia um edredom na cama, idêntico ao do apartamento de cima. No quarto, havia uma mochila preta. No banheiro havia uma escova de dentes, mas nada no armário. Eu sei porque bisbilhotei. Melanie dizia que 90 por cento das pessoas bisbilhotavam o armário do banheiro alheio, então não guarde seus segredos ali. Agora eu me perguntava onde ela estaria guardando seus segredos, porque devia ter um monte.

– Quem mora aqui? – perguntei a Ada.

– O Garth – disse ela. – Ele vai nos transportar. Agora, bico calado.

– O que estamos esperando? – perguntei. – Quando vai acontecer alguma coisa?

– Dê tempo ao tempo e você não vai se desapontar – disse Ada. – Acontecer,

alguma coisa vai. Você talvez só não goste dela.

31

Quando acordei, estava escuro e tinha um homem na sala. Tinha uns vinte e cinco anos, era alto e magro. Estava de jeans preto e camiseta preta lisa.

– Garth, essa é a Daisy – disse Ada. Eu disse oi.

Ele me olhou com interesse e disse:

– Bebê Nicole?

– Não me chame assim – respondi.

– Certo. Me disseram para não dizer esse nome – disse ele.

– Tudo pronto? – perguntou Ada.

– Até onde sei – respondeu Garth. – Ela devia se cobrir. Você também.

– Com o quê? – respondeu Ada. – Não trouxe meu véu de Gilead. Vamos na carroceria. É o melhor que podemos fazer.

A van em que chegamos tinha sumido, e outra estava em seu lugar – uma van de entregas com os dizeres DESENTUPIDORA SPEEDY, com a imagem de uma cobrinha simpática saindo de um ralo. Ada e eu entramos na carroceria. Lá havia algumas ferramentas de bombeiro hidráulico, mas também um colchão, que foi onde nos sentamos. O ambiente era escuro e abafado, mas o veículo correu muito, pelo que senti.

– Como foi que me tiraram de Gilead? – perguntei a Ada depois de algum tempo. – Quando eu era a Bebê Nicole?

– Não faz mal você saber agora – respondeu ela. – Essa rede foi desmantelada faz anos, Gilead acabou com essa rota; agora é cão farejador de ponta a ponta.

– Por minha causa?

– Nem tudo é por sua causa. Enfim, o que aconteceu foi o seguinte: sua mãe lhe entregou para amigos de confiança; eles te levaram para o norte, subindo a

rodovia, depois passando pela floresta em Vermont.

– Você era um dos amigos de confiança?

– Falamos que estávamos caçando cervos. Eu já fui guia por aquelas partes, conhecia um pessoal. Colocamos você numa mochila; te demos um remédio para você não abrir o berreiro.

– Drogaram um bebê. Podiam ter me matado – disse eu, indignada.

– Mas não matamos – disse Ada. – Te levamos pelas montanhas, e entramos no Canadá em Three Rivers. Trois-Rivières. Essa rota era muito usada para tráfico de pessoas antigamente.

– Antigamente quando?

– Ah, por volta de 1740 – disse ela. – Costumavam sequestrar moças da Nova Inglaterra, usá-las de reféns, trocá-las por dinheiro ou então casá-las com alguém. Quando as moças tivessem tido filhos, não teriam mais vontade de voltar. Foi assim que obtive minha ancestralidade mista.

– Mista como?

– Meio ladra, meio muamba – disse ela. – Sou ambidestra.

Ponderei sobre isso, sentada no escuro em meio a utensílios de encanador.

– Então onde ela está agora? Minha mãe?

– Arquivo lacrado – disse Ada. – Quanto menos gente souber, melhor.

– Ela simplesmente deu as costas e me abandonou?

– Ela estava envolvida até o pescoço nessa confusão – disse Ada. – Você tem sorte de ter saído viva. Ela também tem sorte, já tentaram matá-la duas vezes, que eu saiba. Nunca perdoaram que ela os tapeou nessa história da Bebê Nicole.

– E quanto ao meu pai?

– Mesma história. Está escondido tão fundo que precisa de um *snorkel*.

– Acho que ela não se lembra mais de mim – falei com tristeza. – Não dá a mínima para mim.

– Ninguém sabe dizer a mínima que o outro dá – disse Ada. – Ela se separou de você para o seu próprio bem. Ela não queria te colocar em perigo. Mas acompanha sua vida o máximo que pode, dadas as circunstâncias.

Isso me agradou, ainda que eu não estivesse a fim de abrir mão da minha raiva.

– Como? Ela veio à nossa casa?

– Não – disse Ada. – Ela não se arriscaria a te transformar em alvo. Mas

Melanie e Neil mandaram fotos suas para ela.

– Eles nunca tiravam fotos minhas – falei. – Era uma mania deles: nada de fotos.

– Eles tiraram muitas fotos – disse Ada. – À noite. Com você dormindo.

Aquilo era esquisitíssimo, e falei que era.

– A esquisitice está nos olhos de quem vê – disse Ada.

– Então eles mandaram essas fotos para ela? Como? Se eram secretas, não estavam com medo de...

– Por portador – disse Ada.

– Todo mundo sabe que essas transportadoras são a maior furada.

– Não falei por transportadora. Falei por portador.

Pensei por um minuto.

– Ah – falei. – Você as levou para ela?

– Não *levei*, não diretamente. Fiz chegar a ela. Sua mãe adorou as fotos – disse ela. – As mães sempre adoram ver fotos dos filhos. Ela as olhava e depois as queimava, para que, seja lá como fosse, Gilead nunca pudesse vê-las.

Depois de cerca de uma hora, acabamos chegando a uma ponta de estoque e atacadão de tapetes em Etobicoke. O logotipo era um tapete voador, e seu nome era Carpitz.

A frente da Carpitz era um atacado de tapetes legítimo, com um *showroom* e muitos carpetes expostos, mas, nos fundos, atrás do estoque, havia uma sala apertada com meia dúzia de cubículos nas laterais. Alguns continham sacos de dormir ou edredons. Um homem de short dormia em um deles, de barriga para cima.

Havia uma área no meio com mesas, cadeiras e computadores, e um surrado sofá colado à parede. Havia mapas nas paredes: América do Norte, Nova Inglaterra, Califórnia. Um par de homens e três mulheres estavam nos computadores, muito atarefados; estavam com roupa de quem fica bebendo *latte* gelado ao ar livre no verão. Eles constataram a nossa chegada com uma olhada, e voltaram ao que estavam fazendo.

Elijah estava sentado no sofá. Ele se levantou, veio até mim e perguntou se estava tudo bem comigo. Respondi que estava bem, e pedi por favor um copo d'água, porque de repente eu estava com muita sede.

Ada falou:

– A gente tem comido pouco. Vou buscar algo.

– Melhor vocês duas ficarem aqui – disse Garth. E foi para a frente da loja.

– Ninguém aqui sabe quem você é, fora o Garth – disse-me Elijah em tom baixo. – Não sabem que você é a Bebê Nicole.

– Vamos continuar assim – disse Ada. – Bocas fechadas salvam armadas.

Garth nos trouxe um saco de papel com sanduíches de croissant murchos, e quatro copos para viagem de um café horrendo. Entramos em um dos cubículos e sentamo-nos em cadeiras de escritório gastas, e Elijah ligou a pequena TV de tela plana para assistirmos ao noticiário enquanto comíamos.

O Clothes Hound ainda era notícia, mas ninguém tinha sido preso. Um especialista culpou terroristas, uma afirmação genérica, já que havia muitos tipos de terroristas. Outro falou em "agentes externos". O governo canadense disse que estavam explorando diversas possibilidades, e Ada falou que a possibilidade preferida deles era o cesto de lixo. Gilead soltou uma nota oficial em que dizia nada saber sobre a bomba. Houve um protesto em frente ao Consulado de Gilead em Toronto, mas poucos compareceram: Melanie e Neil não eram famosos, e nem políticos.

Eu não sabia se ficava triste ou com raiva. Melanie e Neil terem sido assassinados me deixava com raiva, assim como me recordar das coisas boas que haviam feito. Mas as coisas que deviam me deixar com raiva, como o motivo de estarem deixando Gilead sair impune, só me deixavam triste.

Quem estava de volta ao noticiário era Tia Adrianna – a missionária das Pérolas que encontraram enforcada na maçaneta de um apartamento. A hipótese de suicídio estava descartada, dizia a polícia, e suspeitava-se de uma armação. A Embaixada de Gilead em Ottawa apresentara uma denúncia formal de que a organização terrorista Mayday teria cometido aquele homicídio e que as autoridades canadenses o estariam acobertando, e dizia que era hora de extirpar a operação ilegal do Mayday por completo e fazer justiça.

Não havia nada no noticiário sobre eu estar desaparecida. Minha escola não deveria ter informado isso?, perguntei.

– O Elijah deu um jeito nisso – disse Ada. – Ele conhece um pessoal na sua escola, foi assim que conseguimos te matricular lá. Assim você fica longe dos holofotes. É mais seguro.

32

Dormi de roupa naquela noite, em um dos colchões. De manhã, Elijah chamou nós quatro para uma reunião.

– A maré não está pra peixe – disse Elijah. – Talvez a gente tenha que sair daqui muito em breve. O governo canadense está sofrendo muita pressão de Gilead para reprimir o Mayday. O exército de Gilead é maior e louco pra meter bala.

– Esses canadenses são uns capachos – disse Ada. – Basta um peteleco e eles se jogam no chão.

– Pior que isso, ouvimos dizer que o próximo alvo de Gilead pode ser a Carpitz.

– De onde veio essa informação?

– Da nossa fonte lá dentro – disse Elijah –, mas soubemos disso antes de invadirem a Clothes Hound. Perdemos contato com essa pessoa, e com a maior parte do nosso pessoal de resgate dentro de Gilead. Não sabemos o que aconteceu com eles.

– Então para onde a mandamos? – disse Garth, me indicando com um meneio. – Para ficar a salvo deles?

– Que tal pra perto da minha mãe? – perguntei. – Você disse que tentaram matá-la e não deu certo, então ela deve estar segura, ou mais segura do que aqui. Eu podia ir para lá.

– Segurança é uma questão de tempo, para ela – disse Elijah.

– Então que tal para outro país?

– Até pouco tempo poderíamos ter te tirado via Saint-Pierre – disse Elijah –, mas os franceses fecharam essa passagem. E depois do levante dos refugiados, Inglaterra nem pensar, a Itália a mesma coisa, e a Alemanha, e aqueles países

menores da Europa. Nenhum deles quer encrenca com Gilead. Sem falar na reação do próprio povo de cada país, nesse clima político atual. Até a Nova Zelândia fechou a porta.

– Há países que dizem que mulheres fugitivas de Gilead são bem-vindas, mas você não duraria um dia na maioria deles, logo te venderiam como escrava sexual – disse Ada. – E esqueça a América do Sul, ditaduras demais. É difícil entrar na Califórnia por causa da guerra, e a República do Texas está com medo. Lutaram até conseguir uma trégua na guerra contra Gilead, mas também não querem ser invadidos. Estão evitando provocar.

– Então melhor eu desistir porque vão me matar mais cedo ou mais tarde? – Isso não era o que eu realmente achava, mas era como eu me sentia naquele momento.

– Ah, não – disse Ada. – A *você* eles não querem matar.

– Matar a Bebê Nicole seria péssimo para a imagem deles. Querem você em Gilead, viva e sorridente – disse Elijah. – Ainda que não tenhamos mais como ficar sabendo o que eles querem.

Fiquei pensando a respeito daquilo.

– Vocês já tiveram como saber?

– Nossa fonte em Gilead – disse Ada.

– Alguém em Gilead estava ajudando vocês? – perguntei.

– Não sabemos quem. Fomos avisados sobre batidas, sobre bloqueios em estradas, recebemos mapas. A informação sempre estava correta.

– Mas não avisaram Melanie e Neil – falei.

– A pessoa não parecia ter acesso total às operações internas dos Olhos – disse Elijah. – Então, seja lá quem for, não está no topo da cadeia de comando. Deve ser algum funcionário de menor prestígio, pelo que supomos. Mas que arrisca a própria vida.

– Por que a pessoa faria isso? – perguntei.

– Não temos ideia, mas por dinheiro, não é – disse Elijah.

Segundo Elijah, a fonte utilizava micropontos, uma tecnologia antiga – tão antiga que Gilead nem pensara em procurá-la. Você os fabricava com uma câmera especial, e eram tão pequenos que eram quase invisíveis: Neil os lia com um visualizador embutido em uma caneta-tinteiro. Gilead passava pente-fino em qualquer objeto que cruzasse a fronteira, mas o Mayday utilizava os folhetos das

Pérolas como seu sistema de transporte.

– Por algum tempo, era infalível – disse Elijah. – Nossa fonte fotografava os documentos para o Mayday e os colava nos folhetos da Bebê Nicole. As Pérolas visitavam o Clothes Hound sem falta: a Melanie estava na lista de possíveis futuras convertidas, porque sempre aceitava os panfletos. Neil tinha uma câmera de microponto, então ele colava as mensagens de resposta nos mesmos folhetos, e aí a Melanie os devolvia às Pérolas. Elas tinham ordens para levar qualquer folheto que sobrasse de volta a Gilead para reaproveitar em outros países.

– Mas os pontos não funcionam mais – disse Ada. – Neil e Melanie morreram, Gilead descobriu a câmera deles. Agora prenderam todo mundo da rota de fuga do norte do estado de Nova York. Vários quacres, alguns contrabandistas, dois guias de caça. Vem por aí um enforcamento em massa.

Ouvindo isso eu começava a perder a esperança. Gilead era todo-poderosa. Haviam assassinado Melanie e Neil, iam descobrir onde estava minha mãe secreta e matá-la também, depois varrer o Mayday do mapa. Dariam um jeito de me prender e me arrastar para Gilead, onde mulheres eram tratadas feito gatos de estimação e todo mundo era fanático religioso.

– O que nós podemos fazer? – perguntei. – Não vejo saída.

– Estou chegando nessa parte – disse Elijah. – Por acaso temos sim uma chance. Digamos que uma esperança tênue.

– Melhor tênue do que nenhuma – disse Ada.

A fonte vinha prometendo entregar um volumoso dossiê de documentos secretos ao Mayday, disse Elijah. Seja lá qual fosse o conteúdo daquele dossiê, seria capaz de mandar Gilead pelos ares, pelo menos era o que alegava a fonte. Mas a pessoa ainda não havia terminado de montá-lo quando a Clothes Hound foi roubada e a conexão encerrada.

No entanto, a fonte montara um plano alternativo, que tinha confiado ao Mayday muitos micropontos atrás. Uma moça que alegasse ter sido convertida à fé de Gilead pelas Pérolas missionárias poderia ingressar facilmente em Gilead – isso já acontecera muitas vezes. E a melhor moça para transferir o dossiê – na verdade, a única jovem aceitável, na opinião da fonte – seria a Bebê Nicole. A fonte achava difícil que o Mayday não soubesse de seu paradeiro.

A fonte deixara bem claro: sem Bebê Nicole, nada de dossiê; e se não tivesse dossiê, Gilead seguiria na mesma toada. O tempo do Mayday ia se esgotar, e

Melanie e Neil teriam morrido em vão. Isso sem falar em tudo que a minha mãe viveu. Mas, com a queda de Gilead, tudo seria diferente.

– Por que só sirvo eu?

– A fonte foi bem firme nesse ponto. Disse que você é a maior chance de dar certo. Primeiro que, se você for pega, não vão ter a audácia de te matar. A Bebê Nicole virou um ícone grande demais para isso.

– Não tenho como destruir Gilead – falei. – Sou uma só.

– Sozinha não tem como, claro que não – disse Elijah. – Mas você transportaria a munição.

– Não me acho capaz – respondi. – Não passaria por convertida. Nunca iam acreditar em mim.

– Nós vamos te treinar – disse Elijah. – Em oração e defesa pessoal. – Aquilo me pareceu saído direto de um esquete de televisão.

– Defesa pessoal? – perguntei. – Contra quem?

– Lembra da Pérola que acharam morta no apartamento? – disse Ada. – Ela estava trabalhando para a nossa fonte.

– Não foi o Mayday que a matou – disse Elijah. – Foi a outra Pérola, a dupla dela. A Adrianna deve ter tentado coibir as suspeitas da parceira sobre o paradeiro da Bebê Nicole. Devem ter lutado. E Adrianna perdeu.

– Tem tanta gente morrendo – falei. – Os quacres, Neil e Melanie, e essa Pérola.

– A Gilead não economiza quando se trata de violência – disse Ada. – São uns fanáticos.

Ela falou que eles supostamente deveriam estar se dedicando a vidas virtuosas em Deus, mas era possível a pessoa acreditar que estava vivendo de forma virtuosa e cometer assassinatos caso fosse fanática. O fanático acredita que matar gente é virtuoso, ou pelo menos matar determinadas pessoas. Eu sabia disso porque tive aulas na escola sobre fanatismo.

33

De algum jeito, acabei concordando em ir para Gilead sem jamais chegar a concordar de vez. Eu disse que ia pensar, e na manhã seguinte todos agiam como se eu tivesse dito sim, e Elijah disse que eu era muito corajosa e ia fazer a diferença, e que daria esperança a muita gente sem saída; de forma que fiquei mais ou menos sem ter como voltar atrás. De qualquer modo, eu sentia que devia aquilo ao Neil e à Melanie, e às demais pessoas mortas. Já que eu era a única pessoa que a tal fonte dizia que ia aceitar, então eu tinha que tentar.

Ada e Elijah disseram que queriam me preparar ao máximo no pouco tempo de que dispunham. Prepararam um miniginásio em um dos cubículos, com um saco de pancadas, uma corda para pular e uma *medicine ball* de couro. Garth deu essa parte do treinamento. No começo, ele não conversava muito comigo sem ser sobre o que estávamos fazendo: pular, socar, jogar a bola para frente e para trás. Mas depois de um tempo ele baixou um pouco a guarda. Contou que vinha da República do Texas. Tinham declarado sua independência no começo de Gilead, e Gilead não gostara nem um pouco; estourara uma guerra, que terminara em empate e numa nova fronteira.

Naquele momento, então, o Texas era oficialmente neutro, e qualquer ato anti-Gilead por parte de seus cidadãos era considerado ilegal. Não que o Canadá também não estivesse neutro, disse ele, mas era neutro de maneira mais frouxa. *Frouxa* foi palavra dele, não minha, e achei que era um insulto, até ele dizer que o Canadá era frouxo de um jeito bom. Então ele e alguns amigos tinham vindo para o Canadá para participar da Brigada Lincoln do Mayday, para estrangeiros que quisessem lutar pela liberdade. Era novo demais para ter lutado na Guerra de Gilead ao lado do Texas, tinha apenas sete anos na época. Mas seus dois irmãos mais velhos tinham morrido nela, e uma prima deles fora pega e levada para

Gilead, e desde então nunca mais tinham tido notícias dela.

Eu fazia contas mentais para entender qual seria a idade dele exatamente. Mais velho do que eu, mas não muito mais. Será que ele pensava em mim como algo além de uma incumbência? Por que eu estava perdendo meu tempo pensando naquilo? Eu precisava me concentrar seja lá no que pretendiam que eu fizesse.

No começo eu me exercitava duas vezes por dia, por duas horas, para aumentar a resistência. Garth disse que eu não estava fora de forma, e era verdade – na escola eu era boa em esportes, num tempo que me parecia já muito remoto. Então ele me ensinou alguns bloqueios e chutes, a dar joelhadas no meio das pernas, e como acertar um soco no coração – fechar a mão em punho, polegar sobre a segunda falange dos dedos médio e indicador, e desferir o soco com o antebraço reto. Este nós praticamos um bocado: você precisava atacar primeiro se tivesse a chance, disse ele, porque a surpresa seria sua vantagem.

– Bate – dizia ele. Então ele me jogava de lado e me acertava o estômago; não com força excessiva, mas forte o bastante para que eu sentisse. – Contraia os músculos – dizia ele. – Quer uma lesão no baço? – Se eu gritava, fosse de dor ou frustração, ele não se condoía, em vez disso se aborrecia. – Você quer fazer isso ou não quer? – perguntava ele.

Ada trouxe uma cabeça de manequim de plástico com olhos de gel, e Garth tentou me ensinar a arrancar olhos; mas a ideia de esmigalhar globos oculares com meus polegares me dava arrepios. Seria tão aflitivo quanto pisar em vermes descalça.

– Putz. Isso deve machucar demais – falei. – Meter o polegar no olho.

– Você *precisa* machucá-los – disse Garth. – Você precisa *querer* machucá-los. Eles vão querer te machucar, não duvide disso.

– Que nojo – falei para Garth quando ele pediu para eu praticar como arrancar olhos. Eu os imaginava com nitidez excessiva, aqueles olhos. Como uvas sem casca.

– Você quer o quê, uma mesa-redonda para decidirem se você vive ou não? – disse Ada, que assistia à sessão. – A cabeça não é de verdade. Agora, *ataca*!

– Eca.

– Eca não muda o mundo. Você tem que sujar as mãos. Ter mais estômago,

mais garra. Agora, tenta de novo. Assim. – Ela o fez, sem escrúpulos.

– Não desiste, não. Você tem potencial – disse Garth.

– Muito obrigada – falei. Eu estava usando um tom sarcástico, mas estava sendo sincera: eu não queria que ele pensasse que eu tinha potencial. Eu estava a fim dele, uma paixonite ardorosa e desesperançada. Apesar das minhas fantasias, na parte realista da minha cabeça eu não via futuro para nós dois. Uma vez que eu entrasse em Gilead, o mais provável era que eu nunca mais o visse.

– Como está indo? – perguntava Ada a Garth todo dia depois do exercício.

– Melhor.

– Ela já sabe matar só com os polegares?

– Está chegando lá.

A outra parte do plano de treinamento deles era a oração. Ada tentou me ensinar. Ela era muito boa nisso, eu achei. Já eu não levava nenhum jeito pra coisa.

– Como você sabe rezar? – perguntei a ela.

– Onde eu cresci, todo mundo sabia – respondeu ela.

– Onde foi?

– Em Gilead. Antes de ser Gilead – disse ela. – Eu vi o que estava por vir e saí a tempo. Muita gente que eu conhecia não saiu.

– Então é por isso que você trabalha com o Mayday? – perguntei. – É pessoal?

– Tudo é pessoal, se olhado de perto – respondeu ela.

– E o Elijah? – perguntei. – Também era pessoal para ele?

– Ele dava aulas na faculdade de direito – disse ela. – O nome dele estava numa lista. Avisaram ele antes. Ele chegou à fronteira só com a roupa do corpo. Agora vamos tentar de novo. *Pai do Céu, perdoai nossos pecados, e abençoai...* para de rir, por favor.

– Desculpe. Neil sempre dizia que Deus era um amigo imaginário, e que se fosse assim você podia muito bem acreditar na porra da Fada do Dente. Ele só não dizia *porra*.

– Você precisa levar isso a sério – disse Ada –, porque Gilead leva. E outra coisa: pare com os palavrões.

– Eu quase não falo palavrão nenhum – respondi.

A fase seguinte, pelo que me disseram, seria eu me vestir como moradora de rua e pedir esmolas em algum lugar frequentado por Pérolas. Quando elas começassem a conversar comigo, eu devia deixá-las me convencerem a ir com elas.

– Como você sabe que as Pérolas vão querer me levar? – perguntei.

– É bem provável – disse Garth. – É o trabalho delas.

– Não sei ser uma mendiga, não vou saber o que fazer – falei.

– Aja naturalmente – disse Ada.

– Os outros moradores de rua vão ver que sou um embuste. E se perguntarem como eu fui parar lá, onde estão meus pais, eu digo o quê?

– O Garth vai estar lá com você. Ele vai dizer que você não fala muito porque é traumatizada – disse Ada. – Diga que você vem de um lar violento. Todo mundo vai sacar. – Pensei na ideia de Melanie e Neil sendo violentos comigo: era ridícula.

– E se eles não gostarem de mim? Os outros mendigos?

– E daí? – disse Ada. – Eles que se lixem. Nem todo mundo que você conhecer na vida vai gostar de você.

Eles que se lixem. Onde é que ela arrumava aquelas expressões?

– Mas não tem uns deles que são... bandidos?

– Traficam, se picam, bebem – disse Ada. – Tudo isso. Mas o Garth vai tomar conta de você. Ele vai dizer que é seu namorado, e vai interferir se alguém tentar bulir contigo. Ele vai ficar junto com você até as Pérolas te recolherem.

– Quanto tempo isso vai levar? – perguntei.

– Pelo que sei, não muito – disse Ada. – Depois que as Pérolas te pegarem, o Garth não vai poder te acompanhar. Mas elas vão te tratar a pão de ló. Você vai virar uma nova Pérola preciosa no colar delas.

– Mas quando você chegar a Gilead, vai ser diferente – disse Elijah. – Vai ter que usar o que te mandarem usar, cuidar para não falar o que não deve, e ficar alerta aos costumes deles.

– Mas, se você souber demais logo de cara – disse Ada –, eles vão suspeitar de que nós te treinamos. Então vai ser um equilíbrio delicado.

Fiquei pensativa: será que eu tinha cabeça para isso?

– Não sei se consigo fazer isso.

– Na dúvida, é só se fazer de boba – disse Ada.

– Vocês já mandaram falsos convertidos pra lá antes?

– Alguns – disse Elijah. – Com resultados variados. Mas eles não tinham a proteção que você vai ter.

– Você diz a fonte? – A *fonte*. Eu só conseguia imaginá-la como uma pessoa com uma sacola na cabeça. Quem seria ela, afinal? Quanto mais eu ouvia falar na fonte, mais esquisita ela me parecia.

– Puro palpite, mas achamos que deve ser alguma Tia – disse Ada. O Mayday não sabia muito sobre as Tias: elas não apareciam nos noticiários, nem mesmo nos de Gilead; eram os Comandantes que davam as ordens, criavam as leis, e apresentavam os comunicados. As Tias operavam nos bastidores. Isso era tudo que aprendíamos na escola.

– Dizem que elas são muito poderosas – disse Elijah. – Mas isso é puro boato. Não temos muitos detalhes.

Ada tinha algumas fotos delas, mas bem poucas. Tia Lydia, Tia Elizabeth, Tia Vidala, Tia Helena: essas eram as chamadas Fundadoras de Gilead.

– Bando de harpias – disse ela.

– Ótimo – falei. – Parece divertido.

Garth disse que, quando fôssemos para a rua, eu precisava seguir suas ordens, porque ele é que tinha experiência com as ruas. Era desaconselhável eu provocar os outros a brigar com ele, então dizer coisas como "Não sou sua escrava" e "Você não manda em mim" não seria uma boa.

– Não falo essas coisas desde os oito anos de idade – falei.

– Você disse as duas ontem mesmo – disse Garth. Eu devia escolher outro nome, disse ele. As pessoas podiam estar procurando uma Daisy, e Nicole eu não podia ser, de jeito nenhum. Então eu resolvi que me chamaria Jade. Eu queria algo mais resistente do que uma flor.

– A fonte disse que ela precisa ter uma tatuagem no antebraço esquerdo – disse Ada. – Sempre foi um ponto inegociável do trato.

Eu pedira uma tatuagem aos treze anos, mas Melanie e Neil tinham sido terminantemente contra.

– Legal, mas por quê? – perguntei então. – Ninguém fica de braço de fora em Gilead, então quem vai vê-la?

– Achamos que é para as Pérolas – disse Ada. – Quando elas te recolherem.

Vão receber instruções para procurar especificamente por isso.

– Elas vão saber quem eu sou, a coisa da Nicole? – perguntei.

– Elas só cumprem instruções – disse Ada. – Não pergunte, não conte.

– Que tatuagem eu faço, uma borboleta? – Foi uma piada, mas ninguém riu.

– A fonte disse que deveria ser assim – disse Ada. Ela desenhou:

L
G O D
V
E

– Não posso botar isso no meu braço – falei. – É errado. – Era muita hipocrisia: Neil ficaria chocado.

– Talvez seja errado pra você – disse Ada. – Mas é correto para a situação.

Ada trouxe uma conhecida para fazer a tatuagem e o resto da minha fantasia de moradora de rua. O cabelo dela tinha um tom pastel de verde, e a primeira coisa que fez foi tingir meu cabelo do mesmo tom. Eu gostei: achei que me deixava com cara de personagem perigosa de videogame.

– É um começo – disse Ada, avaliando o resultado.

A tatuagem não foi simplesmente tatuada, foi escarificada: letras em alto-relevo. Doía como o diabo. Mas tentei fingir que não era nada, porque queria mostrar a Garth como estava comprometida com a missão.

No meio da madrugada, tive um palpite ruim. E se a fonte fosse só um engodo, criado para tapear o Mayday? E se não houvesse nenhum dossiê de documentos importantes? Ou se a fonte fosse uma pessoa má? E se a história toda fosse uma arapuca – um estratagema elaborado para me atrair para Gilead? Eu entraria e não conseguiria mais sair. Então dariam muitos desfiles, cheios de bandeiras e corais, e comícios gigantescos como os que víamos na TV, e eu seria a figura central. A Bebê Nicole de volta ao seu lar, aleluia. Sorria para a TV de Gilead.

De manhã, enquanto eu comia meu café da manhã gordurento com a Ada, o Elijah e o Garth, contei desse medo.

– Já pensamos nessa possibilidade – disse Elijah. – É um risco.

– É um risco toda vez que você levanta da cama de manhã – disse Ada.

– Esse risco é mais sério – disse Elijah.
– Eu aposto em você – disse Garth. – Vai ser muito incrível se você vencer.

XIII

Podão

34

Leitor, tenho uma surpresa para você. Também foi uma surpresa para mim.

Sob o manto da escuridão, e com o auxílio de uma furadeira para pedra, um par de alicates, e um pouco de argamassa, instalei duas câmeras de vigilância a pilha na base da minha estátua. Sempre tive jeito com ferramentas. Reapliquei cuidadosamente o musgo, refletindo que eu precisava mesmo mandar limpar a minha réplica. O musgo só confere respeitabilidade até certo ponto. Eu estava começando a parecer peluda.

Aguardei os resultados com certa impaciência. Seria excelente possuir um lote de fotos irrefutáveis de Tia Elizabeth plantando provas na forma de ovos cozidos e laranjas aos meus pés pétreos, num esforço para me desacreditar. Ainda que não fosse eu a perpetrar aqueles atos idólatras, o fato de outros os realizarem prejudicaria a minha imagem: diriam que eu havia tolerado tais atitudes, e talvez até as estimulado. Tais calúnias poderiam muito bem ser usadas por Elizabeth para me derrubar do meu poleiro. Eu não tinha ilusões quanto à lealdade do Comandante Judd para comigo: se fosse possível encontrar um meio seguro – seguro para ele –, ele não hesitaria em me denunciar. Ele tinha grande prática em matéria de acusar os outros.

Mas eis que houve a surpresa. Vários dias se passaram sem atividade – ou sem atividade digna de nota, já que estou descontando as três jovens Esposas chorosas que obtiveram acesso à área por serem casadas com Olhos proeminentes, e que ofereceram no total um *muffin*, uma pequena broa de fubá, e dois limões – valem ouro hoje em dia, os limões, levando em conta os desastres na Flórida e nossa incapacidade de ganhar terreno na Califórnia. Estou feliz em obtê-los, e farei deles bom uso: se a vida te der limões, faça uma limonada. Também vou procurar descobrir a procedência desses limões. É inútil tentar

extinguir todo comércio paralelo – os Comandantes precisam de suas pequenas regalias –, mas, naturalmente, desejo saber quem está vendendo o quê, e como é contrabandeado pelas nossas fronteiras. As mulheres são somente uma das mercadorias – hesito em chamá-las de mercadoria, mas quando tem dinheiro em cena, é isso que elas são – transportadas sob os panos. Será que entram limões e saem mulheres? Vou consultar minhas fontes no mercado paralelo: elas não gostam de concorrência.

As tais Esposas chorosas pretendiam aliciar meus poderes arcanos em sua busca pela fertilidade, pobrezinhas. *Per Ardua Cum Estrus*, entoavam elas, como se falar em latim fosse ter mais efeito do que em inglês. Vou ver o que se pode arranjar para elas, ou melhor, quem se pode arranjar – tendo seus maridos se comprovado tão débeis nesse aspecto.

Mas de volta à minha surpresa. No quarto dia, o que assoma no campo de visão da câmera bem no romper da alvorada senão o nariz grande e vermelho da Tia Vidala, seguido de seus olhos e boca. A segunda câmera forneceu uma tomada mais ampla: ela usava luvas – astuto de sua parte – e do bolso ela retirou um ovo, seguido de uma laranja. Tendo olhado a seu redor para garantir que ninguém a observava, depositou essas oferendas votivas aos meus pés, juntamente com um bebezinho de plástico. Então, no chão, ao lado da estátua, ela deixou cair um lencinho bordado de lilases: um conhecidíssimo acessório meu, do projeto escolar de Tia Vidala de anos atrás em que as meninas bordavam jogos de lenços para as Tias principais com flores simbolizando seus nomes. As minhas são lilases, Elizabeth tem equináceas, Helena hortênsias, Vidala suas violetas; cinco para cada uma de nós – é muito bordado. Mas essa ideia começou a ser considerada perigosamente próxima da leitura, e, assim, foi deixada de lado.

Agora, tendo me dito anteriormente que Elizabeth é quem tentava me incriminar, era a própria Vidala que plantava a prova contra mim: aquele inocente trabalho artesanal. Onde será que o arrumara? Pilhando a roupa suja, suponho. Promover a idolatria herege à minha pessoa. Que acusação brilhante! Você imagine como fiquei deliciada. Qualquer passo em falso por parte da minha grande rival era uma dádiva do destino. Arquivei as fotos para utilizá-las quando fosse conveniente – é sempre desejável guardar qualquer fragmento que lhe chegue à mão, seja na cozinha ou em qualquer outro lugar – e decidi que

aguardaria os desdobramentos.

Minha estimada colega Fundadora, Elizabeth, precisa ficar sabendo em breve de que Vidala a acusou de traição. Será que acrescento Helena também? Qual era a mais dispensável caso fosse necessário sacrificar alguém? Quem seria a mais cooptável caso houvesse necessidade? Qual a melhor forma de voltar uma contra a outra as membras desse triunvirato louco para me solapar, senão abatendo-as uma por uma? E como Helena se posicionava no que dizia respeito a mim? Ela iria na onda do momento, seja lá qual ela viesse a se mostrar. Ela sempre foi a mais frágil das três.

Estou me aproximando de uma grande virada. A Roda da Fortuna gira, inconstante como a lua. Logo aqueles que estavam por baixo vão ficar por cima. E vice-versa, é claro.

Vou informar ao Comandante Judd que a Bebê Nicole – agora uma moça – está finalmente quase ao meu alcance, e que em breve pode ser atraída para Gilead. Vou dizer *quase* e *pode* para deixá-lo em suspense. Ele vai ficar muito empolgado, já que há muito compreendeu as virtudes propagandísticas que uma Bebê Nicole repatriada teria. Vou dizer que meus planos estão em curso, mas que naquele momento vou preferir não dividi-los: trata-se de um cálculo delicado, e uma palavra descuidada no local errado pode estragar tudo. As Pérolas estão envolvidas, e agem sob minha supervisão; são parte do círculo especial feminino, em que os homens, com seus métodos drásticos, não devem se imiscuir, direi, abanando um audacioso dedo na direção dele.

– Logo você terá o galardão em suas mãos. Pode confiar – direi com voz melodiosa.

– Tia Lydia, você é boa demais – replicará ele, radiante.

Boa demais para ser verdade, pensarei eu. Boa demais para essa terra. Serás meu mal, ó bem.

Para que você entenda o que acontece neste momento, devo fornecer um pequeno histórico. Um incidente que passou praticamente despercebido à época.

Há nove anos ou coisa assim – no mesmo ano em que minha estátua foi inaugurada, ainda que não na mesma estação – eu me encontrava em meu escritório, rastreando as Linhagens para uma proposta de casamento, quando fui interrompida pela aparição de Tia Lise, a das pestanas adejantes e penteado

pretensioso – um coque banana modificado. Quando foi conduzida ao meu escritório, ela estava torcendo as mãos de nervoso; senti vergonha dela por ser tão romanesca.

– Tia Lydia, sinto muito por tomar seu tempo tão valioso – principiou ela. Todas dizem isso, mas isso nunca as impede de fazê-lo. Sorri de um jeito que eu torci para não ser intimidante.

– Qual foi o problema? – perguntei. Há um repertório padrão de problemas: Esposas em guerra umas com as outras, filhas rebeldes, Comandantes insatisfeitos com a seleção de Esposas propostas, Aias fujonas, Nascimentos dando errado. Ocasionalmente um estupro, que castigamos severamente se decidimos torná-lo público. Ou um assassinato: ele mata ela, ela mata ele, ela mata ela, e, raras vezes, ele mata ele. Nas Econoclasses, o ciúme furioso pode tomar conta e facas podem entrar em jogo, mas, entre os eleitos, o assassinato de homem por homem costuma ser metafórico: uma punhalada nas costas.

Em dias mornos eu me flagro com vontade de algo mais original – um caso de canibalismo, por exemplo –, mas aí eu me repreendo: *Cuidado com o que você deseja*. Eu já desejei muitas coisas que depois vim a receber. Se você quer fazer Deus rir, conte-lhe os seus planos, conforme se dizia antigamente; hoje, no entanto, a ideia de Deus dando risada é quase uma blasfêmia. Agora Deus se tornou um sujeito supersério.

– Tivemos outra tentativa de suicídio entre as alunas da Preparatória Pré-Nupcial na Rubis – disse Tia Lise, enfiando uma mecha de cabelo solta atrás da orelha. Ela retirara o desgracioso acessório de cabeça que somos obrigadas a usar em público para evitar que os homens se abrasem, embora a ideia de qualquer homem se abrasar seja pela Tia Lise, de perfil impressionante mas com rugas alarmantes, seja por mim, com meu telhado de sapê grisalho e corpo de saco de batatas, é tão ridícula que mal precisa ser articulada.

Suicídio, não; de novo, não, pensei. Mas Tia Lise falara em *tentativa*, o que significava que o suicídio não tivera êxito. Sempre há inquérito quando eles chegam a termo, e apontam-se dedos para o Ardua Hall. A acusação usual é má seleção de cônjuge – sendo nós, do Hall, as responsáveis pela triagem inicial, já que temos as informações das Linhagens. Há muitas opiniões, porém, sobre o que é de fato apropriado.

– O que foi dessa vez? Overdose com ansiolítico? Queria só que as Esposas

não deixassem essas pílulas largadas para qualquer um pegar. Essas e os opioides: que tentação. Ou ela tentou se enforcar?

– Não foi isso – disse Tia Lise. – Ela tentou cortar os pulsos com o podão. Aquele que eu uso para os arranjos de flores.

– Um método bastante direto – falei. – E depois, o que aconteceu?

– Bem, ela não fez um corte muito profundo. Ainda que tenha saído muito sangue, e tenha sido um tanto... ruidoso.

– Ah. – Com ruidoso, ela queria dizer gritaria: que meninas mal-educadas. – E depois?

– Chamei os paramédicos, e eles a sedaram e levaram ao hospital.

– Fez muito bem. Guardiões ou Olhos?

– Uns de cada.

Assenti.

– Você parece ter feito o melhor possível nas circunstâncias. O que resta a tratar comigo?

Tia Lise pareceu contente após eu a elogiar, mas logo modificou seu semblante para um de terrível preocupação.

– Ela alega que vai tentar de novo, caso... a não ser que haja mudança de planos.

– Mudança de planos? – Eu sabia o que ela queria dizer, mas é sempre melhor exigir clareza.

– A não ser que o casamento seja cancelado – disse Tia Lise.

– Temos conselheiros – falei. – Eles fizeram o trabalho deles?

– Eles tentaram todos os métodos usuais, sem êxito.

– Você a ameaçou com o ultimato?

– Ela diz não ter medo de morrer. Não quer é viver. Nessas circunstâncias.

– Ela tem objeção quanto a este candidato específico, ou ao casamento em geral?

– Em geral – disse Tia Lise. – Apesar dos benefícios.

– Fazer arranjos de flores não a convenceu? – disse eu secamente. Tia Lise valoriza muito os arranjos.

– Não convenceu.

– Foi a perspectiva do parto? – Isso eu podia entender, sendo a taxa de mortalidade o que é; principalmente a de recém-nascidos, mas também a das

mães. Surgem complicações, especialmente quando o formato dos bebês não é normal. Outro dia nasceu um sem braços, o que foi interpretado como um comentário divino depreciativo a respeito da mãe.

– Não, não o parto – disse Tia Lise. – Diz ela que gosta de bebês.

– Então, o que é? – Me agradava fazê-la dizer em voz alta: faz bem para a Tia Lise encarar a realidade de vez em quando. Ela passa tempo demais bolinando pétalas.

Ela brincou com a mecha solta de novo.

– Não me agrada dizê-lo. – E olhou para o chão.

– Prossiga – disse eu. – Não vai me escandalizar.

Ela fez uma pausa, corou, pigarreou.

– Bem. São os pênis. É quase uma fobia.

– Os pênis – repeti pensativa. – De novo eles. – Quando moças tentam o suicídio, costuma ser este o caso. Talvez precisemos modificar nosso currículo educacional, pensei: meter menos medo, evocar menos estupradores centáuricos e genitais masculinos flamejantes. Porém, se enfatizássemos demais as teóricas delícias do sexo, o resultado seria quase com certeza a curiosidade e a experimentação, seguidas de degeneração moral e apedrejamentos punitivos. – Não há chance de ela ser convencida a ver o item em questão como um meio para um fim? Como prelúdio para o bebê?

– De forma alguma – disse Tia Lise, firme. – Isso, já tentamos.

– Submissão das mulheres conforme ordenado desde a Criação?

– Tudo em que pudemos pensar.

– Tentaram deixá-la sem dormir orando por 24 horas, revezando supervisores?

– Ela é inflexível. Diz também que recebeu o chamado para uma missão maior, ainda que saibamos que muitas vezes usam isso como desculpa. Mas eu esperava que nós... que você...

Suspirei.

– Não há por que aniquilar uma jovem vida feminina sem razão – falei. – Será que ela tem capacidade para aprender a ler e escrever? É inteligente o bastante?

– Ah, sim. Um pouco inteligente demais – disse Tia Lise. – Imaginativa demais. Acredito que foi isso que aconteceu no que diz respeito... àquilo.

– Sim, pênis de projeções mentais podem sair do controle – falei. – Tendem a

adquirir vida própria.

Fiz uma pausa; Tia Lise se remexia, inquieta.

– Vamos admiti-la por um período de experiência – falei, por fim. – Vamos dar seis meses e ver se ela é capaz de aprender. Como você sabe, precisamos repovoar nosso contingente aqui no Ardua Hall. Nós, da geração mais antiga, não vamos viver para sempre. Mas precisamos ter cautela. Basta um elo fraco... – Já conheço essas meninas excepcionalmente suscetíveis. De nada vale obrigá-las: elas não conseguem aceitar a realidade palpável. Mesmo que se consumasse a noite de núpcias, logo seriam encontradas enforcadas num lustre ou em coma sob uma roseira, após engolir todos os comprimidos da casa.

– Obrigada – disse Tia Lise. – Teria sido uma pena.

– Perdê-la, você diz?

– Sim – disse Tia Lise. Ela tem coração mole; por isso que ficou encarregada de ensinar arranjo floral e coisas assim. Em sua vida anterior, fora professora de literatura francesa do século XVIII, pré-Revolução. Dar aula na Preparatória Pré-nupcial Rubis é o mais próximo que ela jamais poderá chegar de ter um salão literário.

Tento adequar a profissão às qualificações. É melhor que nada, e sou uma grande defensora do *melhor que nada*. Na falta do *melhor que tudo*.

Que é como vivemos agora.

E foi assim que tive que me envolver no caso da menina Becka. É sempre aconselhável eu me encarregar pessoalmente no começo quando se trata dessas suicidas que alegam querer ser uma de nós.

Tia Lise a trouxe ao meu escritório: uma menina magra, de beleza delicada, com olhos grandes e iluminados e um curativo no pulso esquerdo. Ela ainda trajava a roupa verde de futura noiva.

– Pode entrar – falei. – Eu não mordo.

Ela se encolheu como se duvidasse.

– Pode se sentar nessa cadeira – falei. – Tia Lise vai sentar a seu lado.

Hesitante, ela se sentou, joelhos pudicamente fechados, mãos juntas sobre o colo. Olhou para mim desconfiada.

– Então você deseja se tornar Tia – falei. Ela fez que sim. – Trata-se de um privilégio, e não de um direito. Presumo que você compreenda isso. Também

não se trata de uma recompensa por sua patética tentativa de tirar a própria vida. Isso foi um erro e uma afronta a Deus. Tenho fé de que não acontecerá de novo, supondo que aceitemos seu ingresso.

Ela fez que não e desceu-lhe uma lágrima, que ela não enxugou. Seria um jogo de cena para tentar me impressionar?

Pedi a Tia Lise que aguardasse do lado de fora. Então engatei no meu sermão: Becka estava recebendo uma segunda chance na vida, falei, mas tanto ela quanto eu tínhamos que ter certeza de que aquele era o caminho certo para ela, porque a vida das Tias não era para qualquer uma. Ela precisava prometer obedecer às ordens de suas superioras, precisava ser aplicada tanto nos estudos árduos como nas tarefas corriqueiras que seriam de sua responsabilidade, precisava orar toda noite e toda manhã rogando por orientação divina; então, após seis meses, caso aquela fosse de fato sua escolha sincera e se nós estivéssemos satisfeitas com o seu progresso, ela faria o voto do Ardua Hall e renunciaria a todos os demais caminhos possíveis, e mesmo assim ela seria apenas uma Postulante a Tia até concluir com êxito seu trabalho missionário de Pérola no exterior, o que demoraria vários anos para chegar a termo. Ela se declarava disposta a passar por tudo isso?

Ah, sim, respondeu Becka. Ela estava tão agradecida! Faria tudo que lhe fosse solicitado. Nós a havíamos salvado de, de... Ela embatucou e parou de falar, corando.

– Algum infortúnio se abateu sobre você em sua vida anterior, minha filha? – perguntei. – Algo envolvendo um homem?

– Não quero falar sobre isso – disse ela. Estava mais pálida do que nunca.

– Está com medo de ser castigada? – Ela fez que sim. – A mim você pode contar – falei. – Já ouvi muitas histórias desagradáveis. Entendo de fato o que algumas de vocês devem ter passado. – Mas ela ainda relutava, de forma que não insisti. – Os moinhos dos deuses moem lentamente, mas moem muito fino.

– Perdão? – Ela parecia confusa.

– Quero dizer que, seja lá quem tenha feito isso, virá a ser punido com o tempo. Tire isso da cabeça. Aqui, conosco, estará segura. Nunca mais será incomodada por ele. – Nós, Tias, não trabalhamos abertamente nesses casos, mas trabalhamos. – Agora, espero que você prove ser digna da confiança que depositei em você.

– Ah, sim – disse ela. – Vou provar!

No começo, todas essas meninas são assim: servis de alívio, rastejantes, prostradas. Com o tempo isso pode mudar, é claro: já tivemos renegadas, já tivemos escapadas sorrateiras para encontros com Romeus imprudentes, já tivemos fujonas desobedientes. Essas histórias não costumam ter final feliz.

– A Tia Lise vai levá-la para buscar seu uniforme – falei. – Amanhã você terá sua primeira sessão de leitura, e vai começar a aprender nossas regras. Mas agora você tem que escolher seu novo nome. Temos uma lista dos adequados. Pode ir. Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida – falei com o máximo de alegria que consegui conjurar.

– Não sei como te agradecer, Tia Lydia! – disse Becka. Seus olhos faiscavam. – Estou tão agradecida!

Dei meu sorriso hibernal.

– Muito me agrada ouvir isto – falei, e de fato me agradava. Dou grande valor à gratidão: gosto de armazená-la para o tempo das vacas magras. Você nunca sabe quando ela pode vir a ser útil.

Muitos são chamados mas poucos são escolhidos, pensei. Embora no Ardua Hall aquilo não fosse bem verdade: só um punhado das moças chamadas teve de ser descartado. Com certeza a menina Becka seria uma das que permaneciam. Ela era uma planta caseira maltratada, mas, bem cuidada, haveria de florescer.

– Feche a porta ao sair – falei. Ela saiu da sala praticamente aos pulinhos. A vivacidade dessas meninas!, pensei. Que inocência tocante! Será que eu já fora assim algum dia? Não que eu me lembrasse.

XIV

ARDUA HALL

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

35

Depois que Becka enfiou o podão no pulso e sangrou nas margaridas e foi levada ao hospital, fiquei muito preocupada: será que ela ia ficar boa, será que ia receber algum castigo? Mas o outono e o inverno chegaram e se foram, e continuei sem saber de nada. Nem nossas Marthas ouviram nada sobre o que poderia ter acontecido com ela.

Shunammite disse que Becka só queria chamar a atenção. Eu discordei, e infelizmente nossa amizade esfriou até as aulas acabarem.

Quando a primavera ia tomando corpo, Tia Gabbana anunciou que as Tias haviam chegado a três candidatos para a consideração de Paula e do Comandante Kyle. Ela visitou nossa casa e mostrou as fotos deles e, lendo de seu caderno, recitou suas biografias e qualificações, e Paula e o Comandante Kyle iam escutando e assentindo. Esperava-se que eu visse as fotos e ouvisse a exposição, mas não dissesse nada por ora. Eu teria uma semana para pensar. Naturalmente, minha inclinação pessoal seria levada em conta, disse Tia Gabbana. Paula sorriu ao ouvir isso.

– Mas claro – disse ela. Eu não falei nada.

O primeiro candidato era um Comandante de patente máxima, mais velho que o Comandante Kyle. Ele tinha o nariz vermelho, com olhos um tanto bulbosos – a marca, disse a Tia Gabbana, de uma personalidade forte, de alguém que protegeria e sustentaria sua Esposa para todo sempre. Ele tinha barba branca em cima do que parecia ser uma papada dupla, ou possivelmente um barbilhão: uma prega de pele em forma de pêndulo. Tratava-se de um dos primeiros Filhos de Jacob e, portanto, de um homem muito virtuoso, além de essencial aos primeiros esforços de implantação da República de Gilead. Dizia-se até que ele tinha feito parte do grupo que concebera o ataque ao Congresso moralmente

corrupto dos antigos Estados Unidos. Ele já tivera várias Esposas – infelizmente, falecidas – e já recebera cinco Aias, mas ainda não fora abençoado com filhos.

Seu nome era Comandante Judd, ainda que eu não saiba se essa informação vá lhes ser útil caso estejam tentando estabelecer a verdadeira identidade dele, já que os líderes dos Filhos de Jacob trocavam de nome com frequência durante os estágios secretos de planejamento de Gilead. Eu não sabia nada a respeito daquelas trocas de nome naquele momento: vim a saber delas depois, graças às minhas incursões aos Arquivos das Linhagens Genealógicas no Ardua Hall. Mas até mesmo lá o nome original de Judd havia sido obliterado.

O segundo candidato era mais jovem e mais magro. Sua cabeça tinha o cume pontudo e suas orelhas eram inexplicavelmente grandes. Ele era bom com números, disse Tia Gabbana, e era intelectual, nem sempre algo desejável – especialmente não para mulheres –, mas em um marido, isso poderia ser tolerado. Ele conseguira ter um filho com sua outra Esposa, que falecera em um hospício para perturbados mentais, mas o pobre neném falecera antes de completar um ano de idade.

Não, disse Tia Gabbana, não se tratava de um Não bebê. No momento do parto não havia nada de errado com ele. A causa fora câncer infantil, que crescia a níveis alarmantes.

O terceiro homem, filho mais novo de um Comandante de baixa patente, tinha apenas vinte e cinco anos. Tinha muito cabelo mas um pescoço grosso, e olhos muito juntos. Não é um candidato tão renomado quanto os dois outros, disse Tia Gabbana, mas a família estava muito entusiasmada com a possível noiva, o que queria dizer que eu seria tratada com o devido apreço pelos sogros e parentes. Isso não deveria ser menosprezado, já que sogros hostis podem tornar a vida da moça um suplício: sempre criticando, e sempre ficando do lado do marido.

– Não tire conclusões imediatas, Agnes – disse Tia Gabbana. – Pense com cuidado. Seus pais querem a sua felicidade. – Muito bonito, mas falso: eles não queriam a minha felicidade, eles me queriam longe.

Naquela noite me deitei para dormir com as três fotografias dos candidatos a noivo flutuando no escuro à minha frente. Imaginei-os um a um em cima de mim – pois ali é que ficariam – tentando enfiar seu apêndice detestável no meu corpo frio feito uma lápide.

Por que eu estava pensando no meu corpo como frio feito uma lápide?, me perguntei. Logo percebi: ficaria frio feito lápide porque eu estaria morta. Eu ficaria tão lívida e dessangrada quanto a pobre Ofkyle – cortada ao meio para retirarem o bebê de dentro dela, depois imóvel, embrulhada em um lençol, olhando para mim com seus olhos mudos. Havia um certo poder naquilo, naquele silêncio e imobilidade.

36

Pensei em fugir de casa, mas como eu faria isso e aonde eu poderia ir? Eu não tinha noção de geografia: não a estudávamos na escola, já que nosso próprio bairro deveria nos bastar, e do que mais uma Esposa precisava? Eu não sabia nem de que tamanho era Gilead. Até onde ia, onde terminava? Pensando no lado prático, como eu me deslocaria, o que comeria, onde dormiria? E se eu fugisse, Deus iria me odiar? Eu não seria perseguida com toda certeza? Eu faria muita gente sofrer, como na história da Concubina Cortada em Doze Pedaços?

O mundo estava infestado de homens que com certeza achariam tentadora uma menina desencaminhada: essas meninas seriam vistas como mulheres de moral dúbia. Talvez eu não chegasse nem ao outro quarteirão antes de ser estraçalhada, conspurcada e reduzida a uma pilha de pétalas verdes murchas.

A semana que me haviam concedido para escolher o marido foi passando. Paula e o Comandante Kyle preferiam o Comandante Judd: era o mais poderoso. Ensaiaram uma tentativa de me convencer, já que era melhor se a noiva quisesse de bom grado. Fofocava-se sobre casamentos de alto nível que tinham dado muito errado – choradeira, desmaios, tapas desferidos pela mãe da noiva. Eu ouvira as Marthas dizendo que antes de certos casamentos davam tranquilizantes na veia. Precisavam tomar cuidado com a dosagem: um leve cambaleio e fala arrastada podem ser atribuídos à emoção, ao fato do casamento ser um momento tão importante para as meninas, mas uma cerimônia em que a noiva estivesse inconsciente não contava.

Estava claro que eu seria casada com o Comandante Judd quisesse eu ou não. Odiasse eu ou não. Mas guardei para mim minha aversão e fingi estar me decidindo. Conforme eu disse, eu aprendera a atuar.

– Pense na posição que vai adquirir – dizia Paula. – Não dá para querer

melhor.

O Comandante Judd já não era jovem e não ia viver para sempre, e embora longe dela desejar uma coisa dessas, o mais provável era que eu sobrevivesse muito tempo depois dele, dizia ela, e depois que ele morresse eu seria viúva, com mais margem para escolher meu próximo marido! Pense só em como isso seria bom! Naturalmente, todos os meus parentes homens, incluindo os adquiridos pelo casamento, teriam influência sobre minha escolha de um segundo marido.

Em seguida Paula criticava as qualificações dos outros dois candidatos, depreciando suas aparências físicas, suas personalidades, e seus status na vida. Ela não precisava ter se dado ao trabalho: eu detestava ambos.

Enquanto isso, eu ponderava que outras atitudes poderia tomar. Havia o podão de estilo francês para arranjos florais, como aquele que Becka utilizara – Paula tinha um idêntico –, mas estava na casa de ferramentas, que estava trancada. Eu ouvira falar de uma menina que se enforcara com a faixa do roupão para não casar. Vera contara a história no ano anterior, com as outras Marthas fazendo cara triste e sacudindo a cabeça.

– Suicídio é falta de fé – disse Zilla.

– Dá o maior problema – disse Rosa.

– É uma mancha na família – disse Vera.

Havia alvejante, mas ficava na cozinha, tal como as facas; e as Marthas – que não eram tolas e tinham olhos na nuca – estavam atentas ao meu desespero. Tinham começado a soltar provérbios, como "Quem quer a rosa, aguente o espinho" e "Não há carne sem osso, nem fruta sem caroço" e até mesmo "Os melhores amigos da mulher são os diamantes". Rosa chegou a dizer, como se falasse consigo própria, "Só a morte não tem jeito nem conserto" me olhando de rabo de olho.

Não havia como pedir a nenhuma das Marthas para me ajudar, nem mesmo a Zilla. Embora talvez tivessem pena de mim, embora talvez quisessem o meu bem, não tinham poder algum para influir nos acontecimentos.

No final da semana, anunciaram meu noivado: foi com o Comandante Judd, como teria sido de qualquer maneira. Ele apareceu em casa de uniforme completo com medalhas, apertou a mão do Comandante Kyle, fez uma reverência para Paula, e sorriu para a minha testa. Paula se aproximou de mim, passou o braço por trás das minhas costas, e descansou a mão de leve na minha

cintura: ela nunca fizera aquilo antes. Será que ela pensou que eu ia tentar fugir?

– Boa noite, Agnes, minha querida – disse o Comandante Judd. Concentrei a atenção em suas medalhas: era mais fácil olhar para elas do que para ele.

– Você pode dar boa-noite – disse Paula baixinho, com um pequeno beliscão dado pela mão que estava atrás de mim. – Boa noite, *senhor*.

– Boa noite – consegui balbuciar. – Senhor.

O Comandante se adiantou, arrumou um sorriso no rosto derretido, e grudou a boca à minha testa num beijo casto. Seus lábios estavam desagradavelmente quentes; fizeram um som de chupada ao se separarem da minha pele. Imaginei um pequeno naco do meu cérebro sendo sugado pela minha testa e entrando em sua boca. Mais mil beijos daquele e meu crânio estaria destituído de massa cinzenta.

– Espero te fazer muito feliz, minha querida – disse ele.

Eu sentia o cheiro de seu bafo, uma mistura de álcool, enxaguante bucal de hortelã como o do dentista, e dentes cariados. Eu tive uma visão não solicitada da noite de núpcias: uma enorme bolha branca opaca avançava para mim na penumbra de um quarto estranho. A bolha tinha cabeça, mas não tinha rosto: apenas um orifício feito uma boca de sanguessuga. Da metade do seu corpo saía um terceiro tentáculo que abanava a esmo pelo ar. A coisa chegava à cama onde eu estava deitada paralisada de terror, e ainda por cima nua – você precisava ficar nua, ou pelo menos seminua, segundo a Shunammite. E depois, o quê? Eu fechei os olhos, tentando sufocar a cena interior, depois os abri de novo.

O Comandante Judd se afastou, analisando-me com atenção. Será que eu estremecera no momento do beijo? Eu tentara não fazê-lo. Paula estava beliscando minha cintura mais forte agora. Eu sabia que esperavam que eu dissesse alguma coisa, como *Obrigada* ou *Eu também* ou *Sei que vai*, mas não consegui. Eu sentia náuseas: e se eu vomitasse bem ali, no carpete? Que vergonha seria.

– Ela é extremamente recatada – disse Paula entredentes, me olhando de esguelha.

– Uma característica encantadora – disse o Comandante Judd.

– Pode ir agora, Agnes Jemima – disse Paula. – Seu pai e o Comandante têm assuntos a tratar. – Então fui andando na direção da porta. Eu sentia um pouco de tontura.

– Ela parece ser obediente – ouvi o Comandante Judd dizendo enquanto eu deixava o cômodo.

– Ah, sim – disse Paula. – Sempre foi uma criança respeitadora.

Mas que mentirosa. Ela sabia muito bem quanta raiva fervia em meu peito.

As três cerimonialistas do casamento, Tia Lorna, Tia Sara Lee e Tia Betty, retornaram à nossa casa, desta vez para tirar minhas medidas para o vestido de noiva: haviam trazido alguns esboços. Pediram minha opinião sobre de qual modelo eu mais gostava. Apontei para um qualquer.

– Está tudo bem com ela? – perguntou Tia Betty a Paula com voz branda. – Ela parece tão cansadinha.

– É um momento de grande emoção para elas – respondeu Paula.

– Ah, é – disse Tia Betty. – Grande emoção!

– Você deveria mandar as Marthas prepararem uma bebida para acalmá-la – disse Tia Lorna. – Algo com camomila. Ou um sedativo.

Além do vestido, eu ganharia novas peças íntimas, e uma camisola especial para a noite de núpcias, com laços de fita na parte da frente – facílimas de abrir, feito um embrulho para presente.

– Não sei por que nos dar ao trabalho dessas frioleiras – disse Paula às Tias, falando por cima de mim. – Ela não vai dar valor.

– Não é ela que vai ficar olhando – disse Tia Sara Lee com inesperada franqueza. Tia Lorna sufocou o ronco de uma risada.

Quanto ao vestido de noiva em si, seria um "modelo clássico", segundo a Tia Sara Lee. Clássico era o melhor estilo: as linhas simples ficariam muito elegantes, na opinião dela. Um véu e grinalda simples com galantos e miosótis. A confecção de flores artificiais era um dos trabalhos manuais recomendados às Econoesposas.

Deu-se uma conversa em tom baixo sobre arremates em renda – aplicá-los, conforme defendia Tia Betty, porque isso daria um charme a mais, ou omiti-los, que seria preferível na opinião de Paula, já que charme não era o foco principal. O que não se falou: que o foco principal era acabar logo com aquilo e me transformar em coisa do passado dela, onde eu ficaria armazenada, não reativa feito chumbo, não mais combustível. Ninguém poderia dizer que ela não cumprira seu dever enquanto Esposa de seu Comandante e cidadã leal de Gilead.

A cerimônia de casamento se daria assim que o vestido estivesse pronto – era seguro, portanto, marcá-lo para dali a duas semanas. Paula já tinha os nomes das pessoas que ela desejava convidar?, perguntou Tia Sara Lee. As duas desceram para compilar a lista: Paula recitaria os nomes para Tia Sara Lee os anotar. As Tias iam preparar e entregar em pessoa os convites verbais: uma de suas funções era transportar essas mensagens peçonhentas.

– Não está animada? – perguntou-me Tia Betty enquanto ela e Tia Lorna guardavam seus desenhos e eu vestia minhas roupas de volta. – Em duas semanas você vai ter sua própria casa!

Havia uma melancolia na voz dela – ela jamais teria uma casa própria –, mas não fiz caso. Duas semanas, pensei. Apenas catorze escassos dias de vida me restavam na terra. Como eu os usaria?

37

Conforme os dias corriam, fui ficando cada vez mais desesperada. Onde estava a saída? Eu não tinha arma, não tinha pílulas letais. Lembrei de uma história – que Shunammite propagou pela escola – sobre uma Aia que tinha bebido produto de limpar ralos.

– A parte de baixo inteira da cara dela desmanchou – sussurrou Shunammite deliciada. – Simplesmente... se dissolveu! Ficou só espuminha! – Na época eu não tinha acreditado nela, mas, naquele momento, acreditei.

Uma banheira cheia d'água? Mas eu ia me engasgar e tossir e subir para pegar ar, e não conseguiria amarrar uma pedra a mim na banheira, diferentemente de num lago, rio ou mar. Mas não havia como eu chegar a lago, rio ou mar nenhum.

Talvez eu tivesse que enfrentar a cerimônia e depois matar o Comandante Judd na noite de núpcias. Afanar uma faca e meter na garganta dele, depois na minha. Seria muito sangue a ser lavado dos lençóis. Mas não seria eu que iria esfregá-los. Imaginei o desalento de Paula ao entrar no local da carnificina. Um verdadeiro açougue. E sua posição social indo por água abaixo.

Essas ideias eram fantasias, é claro. Por baixo dessas maquinações complexas, eu sabia muito bem que seria incapaz de me suicidar ou cometer assassinato. Lembrei da expressão feroz de Becka ao cortar o pulso: sua intenção era firme, ela estava mesmo preparada para morrer. Ela tinha uma força que a mim faltava. Eu nunca teria aquela determinação.

À noite, quando estava caindo no sono, eu fantasiava fugas miraculosas, mas todas elas careciam da ajuda de outras pessoas, e quem poderia me ajudar? Teria que ser algum desconhecido: um salvador, o guardião de alguma porta oculta, o detentor de alguma senha secreta. Nada disso me parecia possível pela manhã,

depois que eu acordava. Eu estava às voltas dentro da minha cabeça: que fazer, que fazer? Eu mal conseguia pensar, mal conseguia comer.

– Nervosa com o casamento, que bênção – disse Zilla. Eu queria mesmo uma bênção, mas não via como ela poderia acontecer.

Quando faltavam apenas três dias, recebi uma visita inesperada. Zilla veio ao meu quarto e me chamou para descer.

– A Tia Lydia veio te visitar – disse ela num sussurro. – Boa sorte. Todas nós te desejamos sorte.

A Tia Lydia! A Fundadora principal – a foto com moldura dourada ao fundo de todas as salas de aula, a Tia mais importante de todas – tinha vindo me visitar? O que será que eu tinha feito? Desci as escadas tremendo.

Paula tinha saído, o que me pareceu uma sorte; embora depois que vim a conhecer melhor Tia Lydia tenha percebido que sorte nada tinha a ver com aquilo. Tia Lydia estava sentada no sofá da sala. Ela estava menor do que me parecera no funeral da Ofkyle, mas talvez fosse porque eu tivesse crescido. Ela sorriu para mim, um sorriso enrugado com dentes amarelos.

– Agnes, querida – disse ela. – Pensei que você se agradaria de ter notícias de sua amiga Becka. – Eu estava tão impressionada com sua presença que foi difícil abrir a boca para falar.

– Ela faleceu? – sussurrei, o coração apertado.

– De modo algum. Está segura e feliz.

– Onde ela está? – consegui balbuciar.

– Ela está no Ardua Hall, conosco. Ela quer se tornar Tia e está matriculada como Postulante.

– Ah – falei. Uma luz se anunciava, uma porta se abria.

– Nem toda menina se presta ao casamento – prosseguiu ela. – Para algumas, é simplesmente desperdício de potencial. Há outras formas de a menina ou a mulher contribuir para o plano de Deus. Um passarinho me contou que você talvez concordasse. – Quem havia lhe contado? Zilla? Ela pressentira como eu estava violentamente infeliz.

– Sim – falei. Talvez minhas antigas preces à Tia Lydia tivessem adiantado, afinal, embora de forma diferente do que eu esperava.

– Becka foi chamada para uma missão maior. Se você também tiver essa

vocação – disse ela –, ainda está em tempo de nos avisar.

– Mas como eu... eu não sei como...

– Não cairia bem se eu propusesse diretamente esse caminho a você – disse ela. – Seria contrariar o direito paterno capital de decidir sobre o casamento da filha. O chamado divino pode sobrepujar o direito paterno, mas você é que deve nos abordar primeiro. Suspeito que a Tia Estée seria toda ouvidos. Caso sua vocação se mostre forte o bastante, você descobrirá um meio de chegar a ela.

– E quanto ao Comandante Judd? – perguntei atemorizada. Ele era muito poderoso: se eu me esquivasse do casamento, com certeza ele ficaria furioso, pensei.

– Ah, o Comandante Judd conta sempre com muitas opções – disse ela com uma expressão que não fui capaz de ler.

Minha tarefa seguinte foi encontrar um caminho até a Tia Estée. Eu não podia declarar abertamente minhas intenções: Paula ia me proibir. Ia me trancar no quarto, poderia até mesmo me dopar. Ela iria até o inferno por aquele casamento. Eu uso a expressão *até o inferno* apropriadamente: ela estava arriscando a alma por ele; embora, conforme vim a saber depois, sua alma já estivesse em chamas há tempos.

No dia seguinte à visita da Tia Lydia, fiz um pedido a Paula. Eu queria conversar com Tia Lorna sobre meu vestido de casamento, que eu já tinha provado duas vezes e estava sendo ajustado. Eu queria que tudo fosse perfeito no meu dia especial, falei. E sorri. Na minha opinião o vestido mais parecia um abajur, mas meu plano consistia em demonstrar alegria e gratidão.

Paula me lançou um olhar incisivo. Duvido que tenha acreditado no meu sorriso; mas, já que eu me dispunha a fazer um teatro, tanto melhor se a encenação fosse do seu gosto.

– Fico feliz que você esteja tomando tento – disse ela secamente. – Que bom que Tia Lydia veio visitá-la. – Naturalmente, ela ouvira falar daquilo, embora desconhecesse o teor da conversa.

Mas seria tão incômodo para Tia Lorna se deslocar até nossa casa, disse Paula. Não convinha, como eu bem deveria saber – havia comida por preparar, flores a arranjar, Paula não tinha como perder tempo com uma visita demorada daquelas.

– Tia Lorna está na casa da Shunammite – falei. Eu soubera disso por Zilla: o casamento de Shunammite também estava prestes a acontecer. Nesse caso, nosso Guardião poderia me levar até lá, disse Paula. Meu coração se acelerou, em parte por alívio, em parte por medo: agora eu teria que levar a cabo meu plano arriscado.

Como as Marthas sabiam quem estava onde? Não lhes permitiam usar Compufones nem receber cartas. Deviam ter descoberto por outras Marthas, ainda que também podia ter sido via Tias, e algumas Esposas. Tias, Marthas, Esposas: apesar de viverem cheias de inveja e rancor, apesar de talvez até odiarem umas às outras, as notícias corriam entre elas como se conduzidas por uma teia invisível.

Nosso motorista Guardião foi chamado e Paula lhe deu as instruções. Creio que ela ficou feliz por me ver fora de casa: minha infelicidade parecia exalar um cheiro azedo que a deixava irritada. Shunammite costumava dizer que colocavam remedinho da felicidade no leite quente das meninas que estavam para se casar, mas não tinham posto remedinho feliz nenhum no meu.

Sentei no banco de trás do nosso carro enquanto nosso Guardião segurava a porta para mim. Inspirei fundo, metade empolgada, metade aterrorizada. E se meu estratagema desse errado? E se desse certo? De qualquer forma eu estava de saída para o desconhecido.

Cheguei mesmo a consultar Tia Lorna, que estava mesmo na casa de Shunammite. Shunammite falou que era muito bom me ver, e quando estivéssemos casadas, podíamos nos visitar sempre! Ela me fez entrar rápido e me levou para ver seu vestido de noiva, e ouvir tudo sobre seu futuro marido, que (sussurrou ela, entre risadas) tinha cara de carpa, queixo atrofiado e olhos esbugalhados, mas que estava do meio para cima na hierarquia dos Comandantes.

Não era o máximo, falei. Admirei o vestido, que – como falei para Shunammite – era muito mais chique do que o meu. Shunammite deu uma gargalhada, e disse que ouviu dizer que eu praticamente ia me casar com Deus, de tão importante que era meu futuro marido, e que sorte a minha; e olhei para baixo e respondi que, de qualquer modo, o vestido dela era mais bonito. Isso a agradou, e ela falou que com certeza íamos passar pela parte do sexo sem fazer

escândalos. Seguiríamos as instruções da Tia Lise e ficaríamos pensando num arranjo de flores, e logo tudo teria terminado, e talvez até tivéssemos filhos de verdade, sozinhas, sem precisar de Aias. Ela perguntou se eu aceitava um biscoito de aveia, e mandou a Martha ir buscar alguns. Peguei um e o mordisquei, ainda que estivesse sem apetite.

Eu não podia ficar muito tempo, falei, porque tinha muitos afazeres, mas será que eu podia ver a Tia Lorna? Nós fomos encontrá-la do outro lado do corredor em um dos quartos vagos, examinando seu caderninho. Pedi-lhe que acrescentasse uma coisa qualquer ao meu vestido – um laçarote branco, uma renda branca, não me lembro. Me despedi de Shunammite, agradeci-lhe o biscoito e repeti como seu vestido era lindo. Saí pela porta social, dando-lhe tchauzinhos animados feito uma menina normal, e voltei para o nosso carro.

Depois disso, coração aos pulos, perguntei ao nosso motorista se ele se importaria de dar uma passada na minha ex-escola, pois eu gostaria de agradecer à Tia Estée, minha ex-professora, por tudo que ela me havia ensinado.

Ele estava de pé ao lado do carro, segurando a porta para eu entrar. Franziu a testa, desconfiado.

– Não são essas as minhas ordens – disse ele.

Eu sorri de um jeito que torci para ser charmoso. Minha cara parecia endurecida, como se recoberta de cola seca.

– Não tem perigo nenhum – falei. – A Esposa do Comandante Kyle não vai fazer caso. A Tia Estée é uma *Tia*! A função dela é cuidar de mim!

– Bem, não sei não – respondeu ele, dúbio.

Olhei no rosto dele. Eu nunca tinha prestado muita atenção nele antes, já que geralmente eu só tinha vista para sua nuca. Ele era um homem de formato de ogiva, pequeno no topo, largo no meio. Ele não se barbeara com grande cuidado, e tinha fiapos esparsos e uma área irritada no rosto.

– Logo vou estar casada – falei. – Com um Comandante muito poderoso. Mais poderoso do que a Paula... do que a Esposa do Comandante Kyle. – Fiz uma pausa para ele absorver a informação, e então confesso com vergonha que pousei minha mão de leve sobre a dele, onde ela segurava a porta do carro. – Você vai ser recompensado – acrescentei.

Ele piscou um pouco, corando.

– Nesse caso – disse ele, mas não sorriu.

Então é assim que as mulheres conseguem as coisas, pensei. Se tiverem a cara de pau de adular, mentir e descumprir a própria palavra. Tive nojo de mim mesma, mas você há de reparar que isso não me segurou. Sorri outra vez, e repuxei um pouco minha saia, exibindo o tornozelo ao jogar as pernas para dentro do carro.

– Obrigada – falei. – Você não vai se arrepender.

Ele me levou até minha antiga escola conforme eu lhe pedira, e conversou com os Anjos que a vigiavam, e o portão duplo se abriu, e o carro entrou nele. Falei para o motorista me esperar lá fora: eu não ia demorar. Então entrei calmamente no prédio da escola, que agora me parecia muito menor do que quando eu o deixara.

O expediente já havia acabado; dei sorte de Tia Estée ainda estar por lá, embora talvez não fosse sorte. Ela estava sentada à mesa em sua sala de aula de sempre, escrevendo num caderno. Ela me olhou assim que entrei.

– Ora, Agnes! – disse ela. – Você está uma moça!

Eu não tinha planejado nada para além daquele momento. Minha vontade era de me jogar no chão e abrir o berreiro. Ela sempre fora boa comigo.

– Estão me obrigando a casar com um homem horrível, nojento! – falei. – Prefiro morrer! – E então eu de fato rompi em lágrimas e desabei na mesa dela. De certa forma eu estava atuando, e talvez fosse uma atuação ruim, mas era uma atuação verdadeira, se é que você me entende.

Tia Estée me fez levantar e ir até uma cadeira.

– Sente aqui, minha querida – disse ela –, e me conte tudo.

Ela me fez as perguntas que tinha obrigação de fazer. Eu já pensara no lado positivo daquele casamento para o meu futuro? Eu lhe disse que conhecia os benefícios, mas não me importava com eles porque não via futuro para mim, não se fosse aquele. E quanto aos demais candidatos? perguntou ela. Seria preferível algum outro? Eles não eram muito melhores, respondi, e de qualquer forma Paula já se decidira a favor do Comandante Judd. Eu falava sério sobre a vontade de morrer? Eu disse que sim, e que se não conseguisse me matar antes de me casar, o faria com certeza depois, e mataria o Comandante Judd na primeira vez em que ele encostasse um dedo em mim. Eu ia conseguir uma faca, falei. E cortar sua garganta.

Falei com convicção para que ela visse que eu seria capaz de fazê-lo, e naquele

momento cheguei a acreditar que era. Eu quase senti o sangue jorrando dele. E depois meu próprio sangue. Eu quase o enxergava: uma maré vermelha.

A Tia Estée não disse que eu era uma perversa, como Tia Vidala talvez dissesse. Em vez disso, ela compreendeu minha agonia.

– Mas você sente que haveria outra maneira de contribuir para o bem maior? Talvez você tenha sentido algum chamado?

Eu havia me esquecido daquela parte, mas acabava de me lembrar.

– Ah, sim – falei. – Recebi sim. Senti que sou chamada a uma missão maior.

Tia Estée me contemplou e examinou longamente. Então ela me perguntou se podia orar em silêncio: precisava pedir orientação quanto ao que fazer. Observei calada ela juntar as mãos, fechar os olhos, e reclinar a cabeça. Fiquei torcendo: por favor, meu Deus, mande a mensagem certa para ela. Foi esta minha oração.

Por fim, ela abriu os olhos e sorriu para mim.

– Vou conversar com seus pais – disse ela. – E com Tia Lydia.

– Obrigada – respondi. Eu estava começando a chorar novamente, dessa vez de alívio.

– Você quer vir comigo? – disse ela. – Conversar com seus pais?

– Não posso – falei. – Eles vão me pegar e me prender no quarto, e depois me dopar. Você sabe que vão.

Ela não negou.

– Às vezes isso é o melhor – disse ela –, mas no seu caso, creio que não. Porém, você não tem como ficar aqui na escola. Não posso impedir que os Olhos entrem aqui, te levem embora e façam com que você mude de ideia. Você não quer que os Olhos façam uma coisa destas. É melhor vir comigo.

Ela deve ter avaliado Paula, e chegado à conclusão de que ela seria capaz de qualquer coisa. Eu não sabia, na época, como a Tia Estée havia obtido aquela informação sobre Paula, mas agora eu sei. As Tias tinham seus métodos, e seus informantes: para elas não havia parede sólida, nem porta trancada.

Saímos e ela disse ao meu motorista para informar à Esposa de seu Comandante que ela sentia muito por ter retido a Agnes Jemima por tanto tempo, e que esperava que aquilo não fosse motivo para preocupação. Ele também diria que ela, a Tia Estée, estava prestes a fazer uma importante visita à Esposa do Comandante Kyle, para resolver uma questão importante.

– E quanto a ela? – disse ele, se referindo a mim.

Tia Estée disse que ia se responsabilizar por mim, de forma que ele não precisava se inquietar. Ele me deu um olhar de censura – na verdade, um olhar de ódio: acabava de entender que eu o enganara, e que ia se encrencar. Mas ele entrou no carro e saiu pelo portão. Os Anjos eram Anjos da Escola Vidala: obedeciam a Tia Estée.

Então a Tia Estée usou seu bipe para chamar seu motorista Guardião pessoal, e entramos no carro dela.

– Vou te levar para um lugar seguro – disse ela. – Você precisa ficar lá até eu ter conversado com os seus pais. Quando chegarmos lá, você me promete que vai comer alguma coisa?

– Não vou ter apetite – respondi. Eu ainda estava prendendo o choro.

– Vai ter, sim, assim que se instalar – disse ela. – Um copo de leite quente, pelo menos. – Ela pegou minha mão e a apertou. – Vai ficar tudo bem – disse ela. – Tudo vai entrar nos eixos. – Então ela soltou minha mão e deu dois tapinhas nela.

Isso me reconfortou tanto quanto poderia nas circunstâncias, mas eu estava de novo prestes a chorar. Às vezes, a bondade dá nisso.

– Como? – perguntei. – Como vão entrar nos eixos?

– Não sei – respondeu Tia Estée. – Mas vão. Tenho fé. – Ela suspirou. – Às vezes, ter fé dá uma trabalheira.

38

O sol estava se pondo. A atmosfera primaveril estava repleta da névoa dourada que costuma surgir nessa época do ano: poeira, ou pólen. As folhas das árvores estavam lustrosas e sadias, jovens e viçosas; era como se fossem dádivas, cada uma delas, se desnovelando, livrando-se de seu papel de embrulho. Como se Deus estivesse acabado de criá-las, ensinava Tia Estée nas aulas de Apreciação da Natureza, evocando a visão de Deus passando a mão sobre as árvores mortiças de inverno, fazendo-as brotar novamente suas copas frondosas. Cada folha é única, acrescentava Tia Estée, igualzinho a cada uma de vocês! Era uma imagem linda.

Tia Estée e eu fomos sendo transportadas pelas ruas douradas. Será que eu voltaria a ver aquelas casas, aquelas árvores, aquelas calçadas? As calçadas vazias, as ruas pacíficas. As luzes se acendiam nas casas; lá dentro devia ter gente feliz, gente que sabia a que lugar pertencia. Eu já estava me sentindo uma pária; mas eu mesma resolvera me tornar uma, de forma que não podia me dar ao luxo de ficar com pena de mim.

– Aonde estamos indo? – perguntei a Tia Estée.

– Ao Ardua Hall – respondeu ela. – Você pode ficar lá enquanto visito seus pais.

Eu já ouvira falar no Ardua Hall, sempre aos cochichos, porque era um lugar especial para as Tias. Seja lá o que as Tias fizessem quando não estavam na nossa frente, não era da nossa conta, dizia Zilla. Elas eram um grupo reservado e não devíamos ser bisbilhoteiras.

– Mas eu não gostaria de ser uma delas – acrescentava Zilla.

– Por que não? – perguntei a ela certa vez.

– Fazem trabalhos sujos – disse Vera, que estava passando carne de porco pelo

moedor para rechear uma torta. – Ficam com as mãos sujas.

– Para a gente não ter que sujar – disse Zilla delicadamente, espalhando a massa de torta com o rolo.

– A cabeça delas também se suja – falou Rosa. – Queiram elas ou não. – Ela estava picando cebola com um cutelo. – Livros! – Ela deu uma cutelada extraforte. – Nunca gostei deles.

– Nem eu – disse Vera. – Sabe lá no que elas são obrigadas a chafurdar! Sabe lá em que pocilga.

– Antes elas do que nós – disse Zilla.

– Elas não podem ter marido – disse Rosa. – Não que eu mesma fosse querer um, mas ainda assim. Nem bebê. Também não podem ter.

– São velhas demais, de qualquer forma – disse Vera. – Tudo ressecado já.

– A massa está pronta – disse Zilla. – Tem algum aipo sobrando?

Apesar daquela visão desanimadora sobre as Tias, eu me interessava pela ideia do Ardua Hall. Desde que eu ficara sabendo que Tabitha não era minha mãe, tudo que era secreto me atraía. Mais nova, eu costumava decorar o Ardua Hall na minha cabeça, tornando-o enorme, conferindo-lhe poderes mágicos: o local com tanto poder subterrâneo mas mal compreendido devia ser imponente. Seria ele feito um enorme castelo, ou mais feito um presídio? Seria ele parecido com nossa escola? Era bem provável que tivesse vários enormes cadeados nas portas que só uma Tia era capaz de destrancar.

Onde existir vácuo, a mente o preencherá com avidez. O medo sempre está à mão para preencher qualquer vazio, assim como a curiosidade. Tive ampla experiência com ambos.

– Você mora aqui? – perguntei a Tia Estée quando chegamos. – No Ardua Hall?

– Todas as Tias da cidade moram aqui – respondeu ela. – Mas circulamos por aí.

Quando os postes de luz começavam a se acender, deixando tudo num tom laranja opaco, chegamos a um portão em um muro alto de tijolos vermelhos. O portão de barras de ferro estava fechado. Nosso carro se deteve; em seguida, o portão se abriu. Vi holofotes; vi árvores. A distância, um grupo de homens com o uniforme escuro dos Olhos estava parado em uma escadaria larga em frente a um palacete muito iluminado com pilastras brancas, ou pelo menos parecia um

palacete. Eu logo ia ficar sabendo que ele já fora uma biblioteca.

Nosso carro estacionou, e o motorista abriu a porta, primeiro para a Tia Estée, depois para mim.

– Obrigada – disse Tia Estée para ele. – Espere aqui, por favor. Volto logo.

Ela me pegou pelo braço, e andamos junto à lateral de um prédio gigantesco de pedra cinza, depois passamos por uma estátua de mulher com algumas outras mulheres a seu redor. Não se costumavam ver estátuas de mulheres em Gilead, só de homens.

– Aquela é a Tia Lydia – disse Tia Estée. – Ou uma estátua dela. – Terá sido minha imaginação, ou Tia Estée ensaiou uma pequena mesura?

– Ela é diferente do que a da vida real – falei. Eu não sabia se a visita que recebi de Tia Lydia era para ser secreta, de forma que acrescentei: – Eu a vi num funeral. Ela não é tão alta assim.

Tia Estée não respondeu por alguns instantes. Vejo, em retrospecto, que era uma questão espinhosa: ninguém quer afirmar em público que uma pessoa poderosa é baixinha.

– Não – disse ela. – Mas estátuas não são gente de verdade.

Dobramos e entramos em uma vereda pavimentada. A um dos seus lados ficava um comprido prédio de três pavimentos em tijolo vermelho pontuado por uma série de portas vermelhas idênticas, cada uma com alguns degraus à frente e um triângulo branco acima do umbral. Dentro do triângulo havia algo escrito, que eu ainda não era capaz de ler. Ainda assim, fiquei surpresa de ver algo escrito num lugar tão público.

– Este é o Ardua Hall – disse Tia Estée. Fiquei desapontada: esperava algo bem mais imponente. – Pode entrar. Aqui você vai estar segura.

– Segura? – repliquei.

– Por ora – disse ela. – E, espero, por algum tempo. – Ela deu um sorriso bondoso. – Nenhum homem pode entrar aqui sem autorização das Tias. Isso é lei. Você pode descansar aqui até meu retorno.

Eu podia até estar protegida dos homens, pensei, mas e das mulheres? A Paula podia invadir o lugar e me arrastar com ela, me obrigar a ir para um lugar onde houvesse maridos.

Tia Estée me levou até um salão de tamanho médio onde havia um sofá.

– Esta é a área comum. Tem um banheiro depois daquela porta. – Ela subiu

comigo um lance de escadas e entramos num quartinho com uma cama de solteiro e uma mesa. – Uma Tia vai te trazer leite quente. Depois você devia tirar um cochilo. Não precisa se preocupar. Deus me disse que vai dar tudo certo. – Eu não tinha essa fé que ela parecia ter, mas aquilo me tranquilizou um pouco.

Ela aguardou junto de mim até o leite quente chegar, trazido por uma Tia silenciosa.

– Obrigada, Tia Silhouette – disse ela. A outra assentiu com a cabeça e se retirou. Tia Estée me tocou o braço e saiu, fechando a porta depois.

Eu bebi só um gole do leite: estava desconfiada dele. Será que as Tias seriam capazes de me dopar, me sequestrar e me devolver às mãos de Paula? Não achei que Tia Estée fosse capaz disso, ainda que a Tia Silhouette sim. As Tias estavam do lado das Esposas, ou pelo menos era o que as meninas diziam na escola.

Fiquei andando em círculos pelo cubículo; por fim deitei na cama estreita. Mas estava agitada demais para dormir, de forma que levantei de novo. Havia um quadro na parede: Tia Lydia, sorrindo um sorriso inescrutável. Na parede oposta estava uma foto da Bebê Nicole. Eram as mesmas fotos já familiares das salas de aula da Escola Vidala, e eu as achei estranhamente reconfortantes.

Sobre a mesa, havia um livro.

Eu havia pensado e feito tanta coisa proibida naquele dia que me vi pronta a fazer mais uma. Fui até a mesa e fiquei contemplando o livro. O que havia lá dentro que o tornava tão perigoso para meninas como eu? Tão inflamável? Tão pernicioso?

39

Estendi a mão. Apanhei o livro.

Abri a capa. Labaredas não me devoraram.

Havia muitas páginas brancas lá dentro, com várias marcas em cima. Pareciam mosquinhas, insetos pretos despedaçados dispostos em linha, feito formigas. Eu parecia saber que aquelas marcas guardavam som e sentido, mas não conseguia me lembrar como.

– É difícil no começo – disse alguém atrás de mim.

Eu não tinha ouvido a porta se abrir. Assustada, me voltei.

– Becka! – falei. A última vez em que a vira fora na aula de arranjo floral da Tia Lise, sangue jorrando de seu pulso aberto. Na hora, seu rosto estava muito pálido, e resoluto, e desesperado. Agora ela parecia muito melhor. Usava um vestido marrom, com a parte de cima folgada, a cintura marcada; seu cabelo estava partido ao meio e puxado para trás.

– Não me chamo mais Becka – disse ela. – Agora me chamo Tia Immortelle; sou Postulante. Mas quando estivermos sozinhas, pode me chamar de Becka.

– Então no fim das contas você não se casou – falei. – Tia Lydia me contou que você sentiu um chamado para uma missão maior.

– Sim – disse ela. – Não vou ter que me casar, nunca. Mas e você? Ouvi dizer que você vai se casar com alguém muito importante.

– Querem que eu case – falei. Comecei a chorar. – Mas não posso. De jeito nenhum! – Limpei o nariz na manga.

– Eu sei – disse ela. – Falei para eles que preferia morrer. Você deve ter dito a mesma coisa. – Fiz que sim. – Você falou que sentiu o chamado? Para ser Tia? – Fiz que sim de novo. – Você sentiu mesmo?

– Não sei – respondi.

– Nem eu – falou Becka. – Mas passei no período de experiência de seis meses. Daqui a nove anos, quando eu tiver idade, vou poder me candidatar ao trabalho missionário das Pérolas, e, quando tiver cumprido esta etapa, vou ser uma Tia plena. Aí talvez eu sinta mesmo um chamado. Estou orando por um.

Eu já parara de chorar.

– O que vou ter que fazer? Para passar no teste?

– Primeiro você vai ter que lavar pratos e esfregar o chão e limpar privadas e ajudar a lavar roupa e cozinhar, que nem as Marthas – disse Becka. – E você tem que começar a aprender a ler. Ler é bem mais difícil que limpar privada. Mas agora já sei ler um pouco.

Entreguei-lhe o livro.

– Mostra! – falei. – Esse livro é do mal? Tem um monte de coisa proibida, como dizia a Tia Vidala?

– Esse aqui? – disse Becka. Ela deu um sorriso. – Esse, não. É só o *Estatuto do Ardua Hall*, com a história, os votos e os hinos. E a escala semanal da lavanderia.

– Lê um pouco, vai! – Eu queria ver se ela conseguia mesmo traduzir as marquinhas de inseto preto em palavras. Ainda que como eu poderia atestar se eram as palavras certas, já que eu mesma não tinha como lê-las?

Ela abriu o livro.

– Aqui, na primeira página, tem "Ardua Hall. Teoria e prática, protocolos e procedimentos, *Per Ardua Cum Estrus*. – Ela me mostrou. – Está vendo isso? É um *A*.

– O que é um *A*?

Ela deu um suspiro.

– Hoje não dá para fazer isso porque preciso ir para a Biblioteca Hildegard, estou com o turno da noite, mas prometo que te ajudo depois, se te deixarem ficar. Podemos pedir a Tia Lydia para você morar aqui comigo. Tem dois quartos vazios.

– Você acha que ela vai deixar?

– Não sei – disse Becka, baixando a voz. – Mas nunca fale nada de mal dela, de jeito nenhum, mesmo se achar que está num lugar seguro, como esse quarto. De algum jeito ela fica sabendo. – Ela sussurrou: – De todas as Tias, ela é a mais assustadora!

– Mais do que a Tia Vidala? – sussurrei também.

– A Tia Vidala quer que a gente erre – disse Becka. – Mas a Tia Lydia... é difícil descrever. A sensação que dá é que ela quer que você seja melhor do que é.

– Parece inspirador – falei. *Inspirador* era uma das palavras preferidas da Tia Lise: ela a usava para se referir aos arranjos florais.

– Ela te olha como se realmente te visse.

Já tanta gente havia me olhado sem me ver.

– Acho que eu ia gostar – falei.

– Não – disse Becka. – É por isso que ela assusta tanto.

40

Paula foi ao Ardua Hall tentar me fazer mudar de ideia. Tia Lydia disse que seria de bom tom eu me encontrar com ela e assegurá-la em pessoa de que minha decisão era sábia e abençoada por Deus, e portanto lá fui eu.

Paula me aguardava em uma mesa cor-de-rosa no Café Schlafly, que é onde nós, do Ardua Hall, podemos receber visitas. Ela estava com muita raiva.

– Você tem ideia do trabalho que seu pai e eu tivemos para acertar seu casamento com o Comandante Judd? – disse ela. – Você desonrou o seu pai.

– Ser membra das Tias não é desonra, de modo algum – falei devotadamente. – Fui chamada a uma missão maior. Não podia recusá-la.

– Mentirosa – disse Paula. – Deus jamais ia escolher umazinha do seu tipo para nada. Exijo que volte para casa agora mesmo.

De repente, me ergui e espatifei minha xícara no chão.

– Como ousa questionar a vontade de Deus? – respondi. Eu estava quase gritando. – Seu pecado a descobrirá! – Eu mesma não sabia a que tipo de pecado me referia, mas todos cometemos algum pecado.

"Se faça de louca", aconselhara-me Becka. "Assim, não vão querer que você case, pois se você cometer alguma violência, a culpa vai ser deles."

Paula foi pega de surpresa. Por um momento ela não soube o que responder, mas em seguida disse:

– As Tias precisam da autorização do Comandante Kyle, e ele nunca vai conceder. Então pode fazer suas malas, porque você vai para casa agora.

Nesse momento, porém, a Tia Lydia entrou no café:

– Posso dar uma palavra com você? – pediu ela a Paula. As duas se mudaram para uma mesa a certa distância de mim. Fiz força para escutar o que a Tia Lydia dizia, mas não consegui. Quando Paula se pôs de pé, porém, estava lívida. Deixou

o café sem me dizer uma palavra, e naquela mesma tarde o Comandante Kyle assinou a autorização formal para as Tias se tornarem minhas novas responsáveis. Correriam muitos anos até eu vir a descobrir o que Tia Lydia dissera a Paula para obrigá-la a abrir mão de mim.

A seguir, precisei passar por uma entrevista com cada Tia Fundadora. Becka havia me aconselhado sobre a melhor forma de agir com cada uma: Tia Elizabeth apreciava a dedicação ao bem maior, Tia Helena preferia acabar logo com aquilo, mas Tia Vidala gostava de que nos rastejássemos e humilhássemos, de forma que eu saí a campo preparada.

A primeira entrevista foi com a Tia Elizabeth. Ela perguntou se eu me opunha ao casamento, ou apenas ao casamento com o Comandante Judd? Eu disse que me opunha ao casamento em geral, o que pareceu agradá-la. Eu já havia pensado em como minha decisão poderia magoar o Comandante Judd – ferir seus sentimentos? Eu quase falei que o Comandante Judd não parecia ter sentimentos, mas Becka me alertara para não dizer nada desrespeitoso porque as Tias não tolerariam.

Respondi que eu havia orado pelo bem-estar emocional do Comandante Judd e que ele merecia a felicidade, que eu tinha certeza de que outra Esposa seria capaz de lhe trazer, mas que eu recebera uma orientação divina de que eu não poderia contribuir para fazê-lo feliz daquela forma, aliás, nem a ele nem a qualquer outro homem, de forma que eu pretendia me consagrar a servir todas as mulheres de Gilead em vez de a um só homem e a uma só família.

– Se você fala sério sobre suas intenções, tem a mentalidade e o espírito certo para se sair muito bem aqui no Ardua Hall – disse ela. – Vou votar a favor de sua aprovação condicional. Daqui a seis meses veremos se essa vida é mesmo o caminho para o qual você foi escolhida. – Agradeci-lhe imensamente, frisando como me sentia grata, e ela pareceu se agradar disso.

Minha entrevista com a Tia Helena não foi nada de mais. Ela ficou escrevendo em seu caderno e nem olhou direito na minha cara. Ela disse que Tia Lydia já se convencera, então é claro que ela teria que assinar embaixo. Ela deixou implícito que eu era um aborrecimento e uma perda de tempo.

Minha entrevista com Tia Vidala foi a mais difícil. Ela tinha sido minha professora, e, já na época, não ia com a minha cara. Ela disse que eu estava

impugnando o meu dever, pois toda menina que recebia a dádiva de um corpo feminino deveria oferecer aquele corpo em sacrifício a Deus e em prol da glória de Gilead e da humanidade, e também cumprir a função que aqueles corpos haviam recebido desde o momento da Criação, e que esta era a lei da natureza.

Respondi que Deus havia concedido outros dons à mulher além daqueles, tais como os que ela mesma recebera. Ela perguntou: quais viriam a ser esses dons? Respondi: o dom de ser capaz de ler, pois todas as Tias o haviam recebido. Ela replicou que a leitura realizada pelas Tias era de textos sacros, a serviço de todas as coisas que ela já mencionara – ela as recitou outra vez – e será mesmo que eu me considerava tão santa assim?

Respondi que eu me dispunha a realizar todo trabalho árduo que fosse necessário para poder me tornar uma Tia feito ela, pois ela era o mais alto exemplo entre as Tias, e eu ainda não me considerava nem um pouco santa, mas talvez através da oração e pela graça divina eu viesse a receber alguma medida de santidade, embora nem sequer ousasse sonhar com o nível de santidade que ela mesma havia adquirido.

Tia Vidala disse que eu demonstrava a devida humildade, um bom indício de que minha integração à comunidade de servidoras do Ardua Hall correria bem. Deu até mesmo um de seus sorrisos contidos antes de eu sair da sala.

Minha última entrevista foi com Tia Lydia. As outras tinham me deixado ansiosa, mas, quando cheguei do lado de fora da porta da sala de Tia Lydia, me vi aterrorizada. E se ela tivesse pensado melhor a respeito do meu ingresso? Ela tinha reputação de não só ser assustadora como também imprevisível. Quando eu estava erguendo a mão para bater à porta, veio sua voz lá de dentro:

– Não fique aí parada. Entre logo.

Será que ela estava me observando por uma minicâmera escondida? Becka me contara que ela instalara várias, ou pelo menos era esse o boato que corria. Conforme eu logo ia descobrir, o Ardua Hall era uma câmara de ecos: um boato ia alimentando o outro, de modo que você nunca sabia de onde eles haviam partido.

Entrei no escritório. Tia Lydia estava sentada atrás de sua mesa, que sustentava pilhas altas de pastas de arquivo.

– Agnes – disse ela. – Meus parabéns. Apesar dos inúmeros obstáculos, você

conseguiu chegar até aqui, e respondeu ao chamado para se juntar a nós. – Fiz que sim. Tive medo de que ela me perguntasse em que forma tinha vindo o chamado: fora uma voz que eu ouvira? Mas ela não perguntou.

– Você tem absoluta certeza de que não deseja se casar com o Comandante Judd?

Fiz que não.

– Sábia decisão – disse ela.

– O quê? – Aquilo me surpreendeu: tinha achado que ela ia me passar um sermão sobre os deveres da mulher, ou algo do gênero. – Digo, perdão?

– Sei que você não teria como ser uma Esposa adequada a ele.

Exalei de alívio.

– Não, Tia Lydia – respondi. – Não teria. Espero que ele não fique muito decepcionado.

– Já propus uma alternativa mais adequada a ele – disse ela. – Sua ex-colega de escola, Shunammite.

– A Shunammite? – repliquei. – Mas ela vai se casar com outro!

– Esses acertos sempre podem ser modificados. Será que agradaria a Shunammite a troca de maridos, na sua opinião?

Recordei-me da mal disfarçada inveja que Shunammite demonstrou de mim e de seu entusiasmo com as vantagens materiais que seu casamento lhe traria. Casar com o Comandante Judd lhe traria dez vezes aquilo.

– Estou certa de que ela ficará muito grata – respondi.

– Concordo. – Ela sorriu. Parecia um nabo velho sorrindo: daqueles bem enrugados, que nossas Marthas costumavam jogar no caldo de carne das sopas. – Bem-vinda ao Ardua Hall – prosseguiu ela. – Você foi aprovada. Espero que esteja grata pela oportunidade, e pela ajuda prestada.

– Estou, Tia Lydia – consegui me obrigar a dizer. – Estou extremamente grata.

– Fico feliz em ouvi-lo – disse ela. – Talvez um dia você venha a ter a oportunidade de me ajudar tal como foi ajudada. Boa ação se paga com boa ação. Esta é uma das nossas regras de ouro aqui no Ardua Hall.

XV

Raposa e gato

41

Quem espera, sempre alcança. Aqui se faz, aqui se paga. A paciência vale ouro. A mim pertence a vingança.

Esses adágios encanecidos nem sempre são verdade, mas às vezes são. Eis um que é sempre verdadeiro: é tudo questão de *timing*. Como nas piadas.

Não que contemos muitas piadas por aqui. Não gostaríamos de ser acusadas de mau gosto ou frivolidade. Em uma hierarquia de poderosos, só quem está no topo pode fazer graça, e mesmo assim o fazem a portas fechadas.

Mas voltemos ao que interessa.

Foi por demais essencial ao meu desenvolvimento mental ter tido o privilégio de ser uma mosquinha na parede; ou, para ser mais precisa, um ouvido na parede. Tão instrutivas, as confidências partilhadas entre moças que pensam que ninguém mais está ouvindo. Com o passar dos anos fui aumentando a sensibilidade dos meus microfones, ajustando-os para captar até mesmo o sussurro, apostando comigo mesma qual das nossas novas recrutas seria aquela a me render as informações vexaminosas pelas quais eu tanto ansiava e colecionava. Pouco a pouco meus dossiês foram crescendo, feito um balão de ar quente se preparando para a decolagem.

No caso de Becka, levou anos. Ela sempre fora tão reticente quanto à causa principal de sua aflição, até mesmo com sua amiga de escola, Agnes. Precisei esperar até que estabelecessem maior confiança mútua.

Foi Agnes que enfim abordou a questão. Uso seus nomes anteriores nesse relato – Agnes, Becka –, pois eram estes os nomes que empregavam entre si. Sua transformação em Tias perfeitas estava longe de chegar a termo, o que me aprazia. Aliás, quando você olha bem, a de todo mundo está.

– Becka, o que aconteceu com você, afinal? – disse Agnes certo dia quando

estavam concentradas em seus estudos bíblicos. – Para te deixar tão revoltada contra o casamento. – Silêncio. – Sei que aconteceu alguma coisa. Por favor, não quer me contar o que foi?

– Não posso.

– Pode confiar em mim, eu não conto.

Então, aos trancos e barrancos, ela foi contando. O desgraçado do dr. Grove não tinha se limitado a apalpar suas jovens pacientes na cadeira de dentista. Eu já sabia daquilo havia tempos. Eu chegara até a coletar provas fotográficas, mas as omitira, porque os depoimentos das jovens – se é que seria possível extrair depoimentos delas, o que nesse caso eu duvidava – de pouco ou nada valeriam. Até mesmo com mulheres adultas, quatro testemunhas mulheres valem o mesmo que um homem, aqui em Gilead.

Grove se fiara nisso. Além disso, era o homem de confiança dos Comandantes: era excelente dentista, e os poderosos dão ampla margem de ação a profissionais capazes de aliviar sua dor. Médicos, dentistas, advogados, contadores: no novo mundo de Gilead, assim como no antigo, seus pecados frequentemente lhes são perdoados.

Mas o que Grove fizera à pequena Becka – quando muito pequena, e depois à Becka mais velha, porém ainda pequena –, aquilo, na minha opinião, carecia de um castigo.

Não se podia confiar na própria Becka para executá-lo. Ela jamais deporia contra Grove, disso eu tinha certeza. Sua conversa com Agnes confirmou isso.

AGNES: Precisamos contar para alguém.

BECKA: Não, não tem ninguém a quem contar.

AGNES: Poderíamos falar para a Tia Lydia.

BECKA: Ela vai dizer que ele era meu pai e que temos que obedecer a nossos pais, está no plano de Deus. É isso que o meu pai dizia.

AGNES: Mas ele não é seu pai de verdade. Não se ele fez isso com você. Você foi roubada da sua mãe, entregue ainda bebê...

BECKA: Ele disse que sua autoridade sobre mim vinha de Deus.

AGNES: E quanto à sua suposta mãe?

BECKA: Ela não quis acreditar em mim. Mesmo que acreditasse, ia dizer que eu que provoquei. Todo mundo diria a mesma coisa.

AGNES: Mas você tinha quatro anos!

BECKA: Iam dizer isso do mesmo jeito. Você sabe que iam. Não podem começar a acreditar na palavra de... de gente como eu. E supondo que acreditassem em mim, iam matar ele, mandá-lo para ser dilacerado por Aias numa Particicução, e a culpa ia ser minha. Eu não conseguiria viver com isso. Seria como cometer assassinato.

Não incluí as lágrimas, as tentativas de consolo de Agnes, os votos de amizade eterna, as orações. Mas teve isso tudo. O suficiente para amolecer o coração mais duro. Quase amoleceu o meu.

No fim, Becka decidiu oferecer seu sofrimento silencioso como sacrifício para Deus. Não sei dizer o que Deus achou disso, mas para mim, não bastava. Uma vez juíza, sempre juíza. Eu julguei, proferi a sentença. Mas como executá-la?

Após ponderar por algum tempo, na semana passada resolvi agir. Convidei Tia Elizabeth para tomar uma xícara de chá de hortelã no Café Schlafly.

Ela estava toda sorrisos: caíra em minhas graças.

– Tia Lydia – disse ela. – Que surpresa boa o seu convite! – Ela era extremamente bem-educada quando queria. Uma vez educada em Vassar, sempre educada em Vassar, como às vezes eu dizia, maliciosa, para mim mesma, ao vê-la moer de pancada os pés de alguma candidata recalcitrante a Aia no Centro Raquel e Lea.

– Pensei que precisávamos ter uma conversa em particular – falei. Ela se debruçou para a frente, esperando uma fofoca.

– Sou toda ouvidos – disse ela. Uma inverdade – suas orelhas compreendiam apenas uma pequena parte de seu rosto –, porém deixei passar.

– Eu andei pensando – falei. – Se você fosse um bicho, que bicho você seria?

Ela reaprumou o corpo, sem entender.

– Eu jamais ponderei essa questão – disse ela. – Pois Deus não me criou como animal.

– Só para matar minha curiosidade – falei. – Por exemplo: raposa ou gato?

Aqui, meu leitor, creio que lhe devo uma explicação. Quando criança eu li um livro chamado *Fábulas de Esopo*. Eu o peguei na biblioteca da escola: minha família não gastava dinheiro com livros. Naquele livro estava uma história sobre

a qual meditei muitas vezes. Era a seguinte:

Seu Raposo e Dona Gata estavam contando como cada um fugia dos caçadores e de seus cães. Raposo disse que tinha uma série de diferentes truques, e se os caçadores aparecessem com os cachorros, ele ia tentando aplicar um por um – voltar correndo por cima das próprias pegadas, atravessar um rio para atrapalhar o faro deles, entrar numa toca com múltiplas saídas. Os caçadores se exauriam com o estratagema do Raposo e desistiam, e com isso Raposo continuava à solta para cometer seus roubos de galinha e delitos afins.

– E a senhora, Dona Gata? – perguntou ele. – Que truques você usa?

– Só tenho um – respondeu a Gata. – Quando o perigo é extremo, sei subir em árvores.

O Raposo agradeceu à Gata pelo agradável colóquio pré-refeição e revelou que agora era a hora do jantar, e que a Gata estava no cardápio. A mandíbula raposina estala, chumaços de pelo felino flutuam pelo ar. Uma coleira é cuspida no chão. Cartazes de Gata perdida são colados a postes telefônicos, com apelos emocionados de crianças acabrunhadas.

Perdão. Eu me empolgo. A fábula continua da seguinte forma:

Os caçadores chegam ao local com seus cachorros. Raposo tenta pregar todos os seus truques, mas é encurralado e morto. A Gata, enquanto isso, escalou uma árvore e assiste à cena com todo o sossego.

– Não é tão sagaz assim, afinal! – zomba ela. Ou alguma observação marota do gênero.

No princípio de Gilead, eu costumava me perguntar se eu era o Raposo ou a Gata. Devo me desdobrar em mil, empregando os segredos em meu poder para manipular os outros, ou devo fechar a matraca e comemorar quando os outros querem ser tão espertos que se lascam? Obviamente eu era ambos, já que – diferentemente de muita gente – ainda estou aqui. Ainda tenho um monte de truques. E ainda estou no alto da árvore. Mas Tia Elizabeth nada sabia das minhas meditações particulares.

– Honestamente, não sei – respondeu ela. – Talvez um gato.

– Sim – falei. – Eu lhe tomava por um gato. Mas agora talvez você tenha que evocar sua raposa interior.

Fiz uma pausa.

– Tia Vidala está tentando te incriminar – prossegui. – Ela alega que você está

me acusando de heresia e idolatria e por isso vem plantando ovos e laranjas na minha estátua.

Tia Elizabeth ficou fora de si.

– Calúnia! Por que Vidala diria uma coisa dessas? Eu nunca fiz mal a ela!

– Quem pode conhecer os segredos da alma humana? – falei. – Nenhuma de nós é isenta de pecado. Tia Vidala é ambiciosa. Ela pode ter percebido que você é de fato meu braço direito. – Nesse ponto, Elizabeth se alegrou, porque isso era novidade para ela. – Nesse caso ela também deduziu que você é a próxima na linha de sucessão aqui do Ardua Hall. Ela deve ter invejado isso, já que se considera mais antiga que você, e até mesmo do que eu, já que foi apoiadora de Gilead desde o primeiro momento. Eu já não sou jovem nem com perfeita saúde; ela deve achar que, para obter a posição que é dela por direito, precisa eliminar você. Daí seu desejo por novas normas que proíbam oferendas à minha estátua. Com punições – acrescentei. – Ela deve estar tramando para que eu seja expulsa das Tias, e você também.

Elizabeth, a essa altura, já chorava.

– Como ela pode ser tão perversa? – soluçava ela. – Eu pensava que éramos amigas.

– Às vezes a amizade, infelizmente, não passa de aparência. Não se preocupe. Eu vou protegê-la.

– Sou muitíssimo grata, Tia Lydia. Você é tão íntegra!

– Obrigada – respondi. – Mas desejo que você me faça um pequeno favor em troca.

– Ah, sim! Mas claro – disse ela. – O que é?

– Quero que preste falso testemunho – respondi.

Aquele não era um pedido qualquer: Elizabeth estaria em grande perigo. Gilead vê com péssimos olhos o falso testemunho, embora isso aconteça a todo momento.

XVI

PÉROLAS

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

42

Meu primeiro dia como Jade, a fugitiva, foi uma quinta-feira. Melanie costumava dizer que eu tinha nascido na quinta então era boa-pinta – era uma rima infantil antiga que também dizia que criança que nasce quarta vai pro raio que a parta, então quando eu estava rabugenta dizia que ela tinha errado o dia da semana e que na verdade eu tinha nascido na quarta, e ela dizia que não, claro que não, ela sabia muito bem em que dia eu nascera, como poderia esquecer?

Enfim, era uma quinta. Eu estava sentada de pernas cruzadas na calçada com o Garth, usando calça de malha preta rasgada – Ada que as fornecera, mas o rasgo eu mesma fizera – e short magenta por cima, e sapatos de plástico prateados tão gastos que pareciam ter sido digeridos por um guaxinim. Eu usava uma blusa rosa encardida – sem mangas, porque Ada disse que eu deveria exibir minha tatuagem nova. Eu tinha um casaco de capuz cinza amarrado na cintura e um boné preto. Nenhuma das roupas era do meu tamanho: tinham que parecer ter sido pegas da caixa de caridade. Eu tinha sujado meu cabelo para dar a impressão de que eu andava dormindo ao relento. O verde já estava ficando desbotado.

– Você está maravilhosa – disse Garth ao me ver com a fantasia completa, pronta para sair.

– Maravilhosamente uma merda – falei.

– Uma merda excelente – disse Garth. Achei que ele estivesse só tentando ser legal comigo, e foi por isso que levei a mal. Eu queria que ele me dissesse aquilo a sério. – Mas quando estiver em Gilead, vai ter que parar com os palavrões. Talvez até deixá-los te converter desse hábito.

Havia muitas instruções a serem lembradas. Eu estava nervosa – convencida

de que ia meter os pés pelas mãos – mas Garth disse para simplesmente me fazer de burra, e eu respondera: que bom que você disse *me fazer*.

Eu não flertava lá muito bem. Nunca tinha feito aquilo antes.

Nós dois nos aboletamos na porta de um banco, que Garth disse ser um excelente local para se pedir dinheiro: na saída do banco, o pessoal tem mais chance de te dar algum. Outra pessoa – uma mulher de cadeira de rodas – costumava ficar naquele ponto, mas o Mayday tinha pagado a ela para ficar em outro lugar pelo tempo que precisássemos: as Pérolas seguiam sempre uma rota, e nosso ponto ficava no meio dela.

O sol estava escaldante, de modo que nos colamos à parede numa pequena faixa de sombra. Eu tinha deixado um velho chapéu de palha à minha frente com uma placa de papelão escrita com giz de cera: SEM TETO AJUDE POR FAVOR. Havia algumas moedas dentro do chapéu: Garth falou que, se as pessoas vissem que alguém já havia contribuído, teriam maior chance de fazer o mesmo. Minhas ordens eram para me fazer de perdida e desorientada, o que não era difícil, já que era assim mesmo que eu me sentia.

Em um quarteirão ao leste, George estava postado em outra esquina. Ele ia ligar para Ada e Elijah se houvesse algum problema, fosse com as Pérolas ou com a polícia. E eles estavam em uma van, circulando pela área.

Garth não falava muito. Percebi que ele era uma mistura de babá e guarda-costas, então não estava ali para ficar de papo, nem nenhuma regra ditava que ele tinha que ser simpático comigo. Ele estava usando uma camiseta preta sem mangas que deixava suas tatuagens à mostra – uma lula num dos bíceps, um morcego no outro, ambos pretos. Ele tinha um gorro de lã, também preto.

– Sorria para as pessoas quando elas derem dinheiro – disse ele depois que não fiz isso para uma senhora de cabelos brancos. – Diga alguma coisa.

– Tipo o quê? – perguntei.

– Tem gente que diz "Deus te abençoe".

Neil ficaria chocado se me visse dizer uma coisa daquelas.

– Seria mentira. Já que eu não acredito em Deus.

– Tudo bem então. Serve "Obrigada" – disse ele pachorrentamente. – Ou "Tenha um bom dia".

– Não posso dizer isso – falei. – É hipócrita. Não sinto gratidão, nem ligo pra

porra do dia deles.

Ele deu risada.

– Agora você se preocupa com mentiras? Então por que não muda seu nome para Nicole de novo?

– Não fui eu que escolhi esse nome. É o último que eu queria na vida, você sabe. – Cruzei os braços sobre os joelhos e dei as costas para ele. A cada minuto que passava eu ficava mais infantil: era o efeito que ele tinha sobre mim.

– Não desperdice sua raiva comigo – disse Garth. – Faço parte do cenário, só. Guarde isso para Gilead.

– Vocês todos disseram para eu ser petulante. Só estou obedecendo.

– Lá vêm as Pérolas – disse ele. – Não olhe para elas. Nem de relance. Faz cara de chapada.

Não sei como ele conseguiu percebê-las sem dar bandeira de que tinha olhado, pois estavam muito longe. Mas logo estavam coladas conosco: eram duas, com seus vestidos cinza prata de saia comprida, seus colarinhos brancos, seus chapéus brancos. Uma era ruiva, pelos fios de cabelo que escapavam do chapéu, e a outra morena, a julgar pelas sobrancelhas. Elas sorriram para mim onde eu estava, colada na parede.

– Bom dia, querida – disse a ruiva. – Como você se chama?

– Podemos te ajudar – falou a morena. – Não há sem-teto em Gilead.

Olhei para ela fixamente, torcendo para eu parecer tão desamparada quanto me sentia. Estavam tão bem cuidadas e arrumadinhas; perto delas eu me sentia triplamente encardida.

Garth agarrou meu braço direito, possessivo:

– Ela não vai falar com vocês – disse ele.

– O que é isso no seu braço? – disse a mais alta, a morena. Ela se inclinou para espiar.

– Ele está te molestando, querida? – perguntou a ruiva.

A outra sorriu.

– Ele está te *vendendo*? A vida pode ser bem melhor com a gente.

– Vão se foder, vagabundas de Gilead – disse Garth com uma truculência espantosa. Eu olhei para cima, para as duas, limpinhas e arrumadas em seus vestidos perolados e colares alvos, e, acredite ou não, uma lágrima escorreu do meu rosto. Eu sabia que elas tinham segundas intenções e não davam a mínima

para o meu bem-estar – só queriam me pegar e me acrescentar à sua cota –, mas a simpatia delas me baqueou um pouco. Minha vontade era que alguém me tirasse dali e me pusesse na cama.

– Ora, ora – disse a ruiva. – Mas que príncipe. Pelo menos deixe ela levar isso. – Ela atirou um panfleto para mim. Dizia "Há um lar em Gilead para *você*!". – Deus a abençoe. – As duas então se foram, com uma última olhada para trás.

– Não era para eu deixar elas me levarem? – perguntei. – Não é para eu ir com elas?

– Não de primeira. Não podemos deixar tão fácil para elas – disse Garth. – Se alguém em Gilead estiver de olho, fica muito suspeito. Não se preocupe, elas voltam.

43

Naquela noite, dormimos embaixo da ponte. Ela ficava em cima de uma ravina, com um riacho embaixo. Subia uma névoa: depois do dia quente, estava frio e úmido. A terra cheirava a mijo de gato, ou talvez a gambá. Vesti o casaco cinza, afrouxando a manga ao passá-la sobre a cicatriz da tatuagem. Ainda doía um pouco.

Havia quatro ou cinco pessoas embaixo da ponte conosco, três homens e duas mulheres, acho, embora estivesse escuro e fosse difícil ter certeza. Um dos homens era o George; ele fingiu que não nos conhecia. Uma das mulheres ofereceu cigarros, mas eu não ia ser burra de tentar fumar – eu ia tossir e me denunciar. Uma garrafa também estava passando de mão em mão. Garth tinha me dito para não fumar nem beber nada, porque quem poderia saber o que tinha ali dentro?

Ele também me falou para não dar papo para ninguém: qualquer pessoa ali poderia ser plantada por Gilead, e se tentassem desentocar minha história e eu falasse bobagem, eles desconfiariam e avisariam as Pérolas. Ele é que falava, na maioria das vezes grunhidos. Ele parecia já conhecer alguns deles. Um deles disse "O que ela tem, é retardada? Como assim ela não fala?", e Garth respondeu "Ela só fala comigo", e o outro disse "Bom trabalho, qual é o segredo?".

Tínhamos vários sacos de lixo verde para deitar. Garth me abraçou, e com isso fiquei mais quentinha. No início eu afastei o braço que ele colocou por cima, mas ele sussurrou no meu ouvido, "Lembra que você é minha namorada", então parei de me remexer. Eu sabia que o abraço dele era fingido, mas naquele momento eu não liguei. Eu quase sentia que ele era mesmo meu primeiro namorado. Não era muito, mas já era alguma coisa.

Na noite seguinte, Garth arranjou briga com um dos sujeitos embaixo da

ponte. A briga foi rápida e Garth ganhou. Não vi como – foi um movimento breve, veloz. Então ele falou que era melhor a gente mudar de lugar, de forma que na noite seguinte dormimos dentro de uma igreja no centro. Ele tinha a chave; não sei onde a arrumou. Não éramos os únicos a dormir ali, a julgar pelos detritos embaixo dos bancos: mochilas abandonadas, garrafas vazias, uma ou outra seringa.

Comíamos em lanchonetes, o que me curou do gosto por fast-food. Houve tempo em que eu via esse tipo de comida com certo glamour, provavelmente porque Melanie a condenava, mas, quando você só come isso o tempo todo, fica enjoada e se sentindo inchada. Era também onde eu ia ao banheiro, de dia, quando não estava de cócoras em alguma ravina.

A quarta noite foi num cemitério. Cemitérios eram seguros, segundo Garth, mas muitas vezes tinha gente demais neles. Havia quem achasse divertido sair de trás de uma lápide e pular em cima dos outros, mas geralmente eram pirralhos que fugiram de casa no fim de semana. Gente de rua mesmo sabia que assustar os outros assim no escuro podia acabar em facada, porque nem todo mundo que rondava cemitérios era totalmente bom da cabeça.

– Como você, por exemplo – falei. Ele não demonstrou reação. Eu devia estar enchendo o saco dele.

Preciso mencionar aqui que Garth não se aproveitou, mesmo provavelmente percebendo que eu estava caidinha por ele. Ele estava lá para me proteger, e assim fez, me protegendo até dele mesmo. Gosto de pensar que ele achou isso difícil.

44

– Quando é que as Pérolas vão dar as caras de novo? – perguntei no quinto dia de manhã. – Acho que elas não querem saber de mim.

– Paciência – disse Garth. – Como disse a Ada, já mandamos pessoas a Gilead assim antes. Algumas conseguiram entrar, mas outras foram com muita sede ao pote, se deixaram levar já na primeira oportunidade. Foram descartadas antes mesmo de transpor a fronteira.

– Obrigada – respondi com voz de sofrimento. – Aí é que fico confiante mesmo. Sei que vou foder com tudo, eu sei.

– Esfria essa cabeça, vai ficar tudo bem – disse Garth. – Você consegue. Estamos todos contando com você.

– Sem pressão, tá? – falei. – Você diz pra pular, eu pergunto que altura? – Eu estava insuportável, mas não conseguia me controlar.

Naquele mesmo dia, mais tarde, as Pérolas deram as caras de novo. Elas fizeram hora, passando perto da gente, depois atravessando a rua e caminhando para o outro lado, olhando vitrines. Então, quando o Garth saiu para comprar hambúrgueres, elas vieram e começaram a conversar comigo.

Perguntaram o meu nome, e falei Jade. Então elas se apresentaram: Tia Beatrice era a morena, e Tia Dove era a ruiva sardenta.

Elas perguntaram se eu era feliz, e balancei a cabeça em negativa. Então elas olharam para a minha tatuagem, e disseram que eu era muito especial para ter me submetido a tal sofrimento em nome do Senhor, e estavam felizes que eu soubesse que Deus me valorizava. E Gilead também me valorizaria, pois eu era uma flor valiosa, toda mulher era uma flor valiosa, em especial as meninas da minha idade, e que se eu estivesse em Gilead eu seria tratada como a menina

especial que eu era, e seria protegida, e ninguém – homem nenhum – jamais poderia me fazer mal. E aquele homem que estava comigo, ele me batia?

Eu detestava mentir daquele jeito sobre o Garth, mas fiz que sim.

– E ele te força a fazer coisas ruins?

Fiz cara de besta, de forma que Tia Beatrice – a mais alta – disse:

– Ele te força a fazer sexo? – Assenti com o menor dos movimentos, como se tivesse vergonha daquilo.

– E ele te empresta para outros homens?

Aquilo já era demais – eu não imaginava Garth fazendo uma coisa daquelas –, de modo que fiz que não. E Tia Beatrice falou que talvez ele não tivesse tentado aquilo ainda, mas, se eu permanecesse com ele, faria sim, porque é isso que homens do tipo dele faziam – pegavam meninas novas e fingiam que as amavam, mas logo as estavam vendendo a quem quer que pagasse.

– Amor livre – disse Tia Beatrice com desprezo. – Nunca é tão livre assim. Sempre se paga o preço.

– Nem amor é – disse Tia Dove. – Por que você está com ele?

– Eu não sabia para onde ir – falei, rompendo em lágrimas. – Na minha casa tinha violência!

– Nunca há violência em nossos lares em Gilead – disse Tia Beatrice.

Então Garth voltou e fingiu estar bravo. Me agarrou pelo braço – o esquerdo, com a cicatriz – e me obrigou a ficar de pé, e gritei, porque doeu. Ele disse para eu calar a boca e que já estávamos indo.

– Posso conversar com você? – perguntou Tia Beatrice.

Ela e Garth se afastaram de modo que não pudéssemos ouvi-los, e Tia Dove me entregou um lenço para limpar o choro, dizendo:

– Posso abraçá-la em nome do Senhor? – Eu disse que sim.

Tia Beatrice voltou e disse:

– Podemos ir.

– Louvado seja – disse Tia Dove.

Garth tinha ido embora. Nem sequer tinha olhado para trás. Não consegui nem me despedir dele, o que me fez chorar ainda mais.

– Está tudo bem, agora você está em segurança – disse Tia Dove. – Seja forte. – Que era o mesmo tipo de coisa que era dito às refugiadas de Gilead no SanctuCare, exceto por estarem indo na direção oposta.

Tia Beatrice e Tia Dove andavam muito junto de mim, uma de cada lado, para que ninguém me perturbasse, segundo elas.

– Aquele rapaz vendeu você – disse Tia Dove com desprezo.

– Vendeu? – perguntei. Garth não havia me contado que pretendia fazer aquilo.

– Eu só precisei perguntar quanto era. Olha o pouco que ele te valorizava. Que sorte que ele te vendeu para a gente e não para alguma quadrilha de exploradores sexuais – disse Tia Beatrice. – Ele queria muito dinheiro, mas eu regateei. No fim, ele aceitou metade.

– Infiel nojento – disse Tia Dove.

– Ele disse que você era virgem, e que por isso você custava caro – disse Tia Beatrice. – Mas não foi o que você nos disse, não é?

Pensei rápido.

– Eu queria que vocês ficassem com pena de mim – sussurrei – para me levarem embora.

As duas se entreolharam por cima de mim.

– Nós entendemos – disse Tia Dove. – Mas de agora em diante, você precisa falar a verdade.

Fiz que sim, e falei que diria.

Elas me levaram para o condomínio onde estavam morando. Fiquei pensando se seria o mesmo apartamento onde haviam encontrado a Pérola morta. Mas meu plano naquela hora era dizer o menos possível; não queria estragar tudo. Também não queria ser encontrada amarrada a uma maçaneta.

O apartamento era muito moderno. Tinha dois banheiros, cada um com banheira e chuveiro, e janelas enormes, e uma ampla varanda abrigando árvores de verdade em vasos de concreto. Logo descobri que a porta da varanda estava trancada.

Eu estava morta de vontade de tomar um banho: eu fedia a camadas de cascão, suor e chulé de meias vencidas, e ao lodo fedorento da ponte, e ao cheiro de fritura e gordura das lanchonetes de fast-food. O apartamento era tão limpo e com tanto desodorizante cítrico que fiquei achando que meu fedor se destacava mais que de costume.

Quando Tia Beatrice me perguntou se eu queria tomar banho, aceitei rápido.

Mas Tia Dove disse que eu precisava tomar cuidado com o meu braço: não podia molhá-lo para as casquinhas não saírem. Preciso admitir que fiquei tocada com a preocupação delas, ainda que fosse fingida: não queriam levar uma imprestável purulenta para Gilead em vez de uma Pérola.

Quando saí do chuveiro, embrulhada numa toalha branca felpuda, minhas roupas velhas haviam desaparecido – estavam tão sujas que nem havia por que lavá-las, disse Tia Beatrice – e haviam deixado para mim um vestido cinza prata igual ao delas.

– É para eu usar isso aqui? – perguntei. – Mas eu não sou Pérola. Pensei que vocês é que eram as Pérolas.

– Tanto as que procuram as Pérolas como as Pérolas recolhidas são Pérolas – disse Tia Dove. – Você é uma Pérola preciosa. Uma Pérola de Grande Valor.

– Por isso que corremos tantos riscos por você – disse Tia Beatrice. – Temos muitos inimigos aqui. Mas não se preocupe, Jade. Vamos te proteger.

Em todo caso, disse ela, mesmo que eu não fosse oficialmente uma Pérola, seria preciso usar o vestido para poder sair do Canadá, porque as autoridades canadenses vinham apertando o cerco à exportação de convertidos menores de idade. Viam isso como tráfico de pessoas, o que era um erro da parte deles, acrescentou ela.

Então Tia Dove lhe recordou que ela não devia usar a palavra *exportação*, já que meninas não eram mercadorias; e a Tia Beatrice pediu desculpas e disse que o que quisera dizer foi "facilitação de transposição de fronteiras". E ambas sorriram.

– Não sou menor de idade – falei. – Tenho dezesseis anos.

– Você tem alguma identidade? – perguntou Tia Beatrice. Fiz que não com a cabeça.

– Achamos mesmo que não – disse Tia Dove. – Então vamos arranjar uma para você.

– Mas, para evitar qualquer problema, você vai ter documentos que te identificam como Tia Dove – disse Tia Beatrice. – Os canadenses sabem que ela entrou. Portanto, quando você passar pela fronteira, vão pensar que você é ela.

– Mas sou muito mais nova – falei. – E não pareço com ela.

– Seus documentos vão ter sua foto – disse Tia Beatrice. A verdadeira Tia Dove, segundo ela, ficaria no Canadá, e iria embora com a próxima menina que

fosse recolhida, assumindo o nome de uma Pérola que chegasse depois. Estavam acostumadas a trocar de identidade daquele jeito.

– Os canadenses não sabem nos diferenciar – disse Tia Dove. – Para eles, somos todas iguais. – As duas riram, como se estivessem pregando uma peça engraçadíssima.

Então Tia Dove disse que o motivo mais importante além daquele para usar o vestido prateado era facilitar minha entrada em Gilead, pois lá mulher não usava roupa de homem. Eu falei que leggings não eram roupa de homem, e elas disseram – calma, porém firmemente – que eram sim, e que estava na Bíblia, eram uma abominação, e que, se eu quisesse fazer parte de Gilead, teria que aceitar isso.

Lembrei a mim mesma de não discutir com elas, portanto coloquei o vestido; e o colar de pérolas, que era falso, que nem Melanie tinha falado. Havia um chapéu de sol branco, mas eu só precisava usá-lo quando estivesse fora de casa, disseram elas. Era permitido mostrar o cabelo em locais fechados desde que não houvesse homens à vista, porque os homens tinham fixação com cabelos, e, se os viam, perdiam o controle, disseram elas. E o meu cabelo era ainda mais provocante que o normal por ser esverdeado.

– É só tonalizante, logo vai sair – falei em tom de desculpas para que soubessem que eu já renunciara à minha temerária seleção de matiz capilar.

– Está tudo bem, querida – disse Tia Dove. – Ninguém nem vai vê-lo.

Na verdade, o vestido me pareceu muito confortável depois daquelas minhas roupas velhas. Era fresquinho e macio.

Tia Beatrice pediu pizza no almoço, que comemos com sorvete que havia na geladeira. Eu disse estar surpresa de vê-las comendo *junk food*: Gilead não era contra, especialmente no caso de mulheres?

– Faz parte da nossa prova enquanto Pérolas – disse Tia Dove. – É para experimentarmos as tentações carnais no estrangeiro para melhor compreendê-las, e depois rejeitá-las de todo o coração. – Ela deu mais uma mordida na pizza.

– De qualquer modo, essa vai ser minha última chance de experimentá-las – disse Tia Beatrice, que acabara com sua pizza e já estava no sorvete. – Sinceramente não vejo qual é o problema do sorvete, desde que não tenha aditivos químicos. – Tia Dove a censurou com o olhar. Tia Beatrice lambeu sua colher.

Recusei o sorvete. Estava muito nervosa. Além disso, não gostava mais de sorvete. Era uma recordação forte demais da Melanie.

Naquela noite, antes de ir para a cama, eu me olhei bem no espelho do banheiro. Apesar do banho e da comida, eu estava podre. Tinha olheiras profundas; tinha emagrecido. Estava mesmo parecendo uma mocinha desamparada precisando de resgate.

Dormir em uma cama de verdade em vez de embaixo da ponte era maravilhoso. Mas eu sentia saudade de Garth.

Em todas as noites que passei naquele quarto, elas trancaram a porta. E tomaram cuidado para que, enquanto eu estivesse acordada, nunca estivesse sozinha.

Os dias seguintes foram usados para preparar meus documentos com o nome da Tia Dove. Tirei fotos e digitais para poderem me fazer um passaporte. O passaporte foi autenticado na Embaixada de Gilead em Ottawa, depois reenviado ao Consulado por correio diplomático especial. Haviam colocado os números de identificação da Tia Dove, mas com a minha foto e dados físicos no lugar, e tinham se infiltrado até no banco de dados da imigração canadense, onde estava registrada a entrada de Tia Dove, removendo temporariamente a verdadeira Tia Dove, e inserindo meus dados no lugar, com direito a *scan* de retina e digital do polegar.

– Temos muitos amigos dentro da infraestrutura do governo canadense – disse Tia Beatrice. – Você ficaria surpresa.

– Tantos que querem o nosso bem – disse Tia Dove. Então ambas disseram: – Louvado seja.

Eles haviam aposto um selo em alto-relevo a uma das páginas com a palavra PÉROLA. Isso queria dizer que eu ia entrar de imediato em Gilead, sem maiores trâmites: era como ser diplomata, disse Tia Beatrice.

Agora eu era a Tia Dove, mas uma Tia Dove diferente. Eu tinha um Visto Canadense Temporário de Pérola Missionária que precisava devolver às autoridades de fronteira ao sair. Era simples, disse Tia Beatrice.

– Olhe bem para o chão quando estivermos passando – disse Tia Dove. – Assim você esconde o rosto. De qualquer forma, é o recato que convém.

Tia Beatrice e eu fomos levadas ao aeroporto em um carro preto do governo de Gilead, e passei pelas autoridades de fronteira sem problemas. Nem mesmo nos revistaram.

O avião era um jatinho particular. Estava estampado com um olho alado. Era prateado, mas a mim pareceu escuro – feito um enorme pássaro preto, à espera para me levar para onde? Para o nada. Ada e Elijah haviam tentado me ensinar tudo que podiam sobre Gilead; eu assistira a documentários e programas de TV; mas ainda não conseguia imaginar o que estaria à minha espera naquele lugar. Eu não me sentia nem um pouco à altura da tarefa.

Fiquei me lembrando da SanctuCare, e das refugiadas. Eu olhava para elas mas na verdade não as enxergava. Não tinha parado para pensar em como era sair de um lugar que conhecia, e perder tudo, e viajar para o desconhecido. Na sensação vazia e soturna que aquilo devia dar, exceto talvez pela pequena chama de esperança que te permitia assumir aquele risco.

Logo, logo, eu também ia me sentir daquele jeito. Eu estaria no escuro, com uma pequena centelha de luz nas mãos, tentando achar o meu caminho.

45

Nossa decolagem atrasou, e pensei que talvez tivesse sido descoberta e que seríamos pegas no fim das contas. Mas assim que alçamos voo, me senti mais leve. Eu nunca tinha entrado num avião – no começo, fiquei muito empolgada. Mas o céu ficou nublado, e a vista se tornou monótona. Eu devo ter dormido, porque logo Tia Beatrice estava me cutucando com delicadeza e dizendo:

– Estamos quase chegando.

Olhei pela janelinha. O avião já voava mais baixo, e eu via alguns prédios bonitos lá embaixo, com telhados em cone e torres, e um rio tortuoso, e o mar.

Então o avião pousou. Saímos por uma escadinha que baixou da porta. O tempo estava quente e seco, e ventava; nossas longas saias cor de prata se colaram às nossas pernas. De pé no asfalto, havia uma dupla fileira de homens de uniforme preto, e caminhamos entre elas, de braços dados.

– Não olhe para o rosto deles – sussurrou ela.

Então me concentrei em seus uniformes, mas eu sentia olhos, olhos e mais olhos em mim a ponto de parecerem mãos. Eu nunca me sentira sob risco tão grande na vida – nem mesmo embaixo da ponte com o Garth, cercada de desconhecidos.

Então todos os homens fizeram uma saudação.

– O que foi isso? – murmurei para Tia Beatrice. – Por que a saudação?

– Porque minha missão foi cumprida – disse Tia Beatrice. – Eu trouxe uma Pérola preciosa. Você.

Fomos levadas a um carro negro e nele fomos até a cidade. Não havia muita gente nas ruas, e todas as mulheres usavam vestidos compridos de diferentes

cores como os dos documentários. Eu vi até algumas Aias andando em pares. Não havia letreiro nas lojas – só figuras nas fachadas. Uma bota, um peixe, um dente.

O carro se deteve na frente de um portão no meio de um muro de tijolos. Dois guardas fizeram sinal para que passássemos. O carro entrou e parou, e aí eles abriram as portas para nós. Saímos, e Tia Beatrice passou o braço pelo meu e disse:

– Não vai dar tempo de te mostrar o lugar onde você vai dormir, o avião saiu muito atrasado. Precisamos ir direto para a capela, para a Ação de Graças. Basta fazer o que eu disser.

Eu sabia que aquilo devia ser alguma cerimônia relacionada às Pérolas – Ada me alertara a respeito dela, Tia Dove me explicara como era –, mas eu não tinha prestado muita atenção, então não sabia muito bem o que esperar.

Entramos na capela. Já estava cheia: mulheres de mais idade com os uniformes marrons das Tias, as mais jovens com o vestido das Pérolas. Cada Pérola tinha uma menina mais ou menos da minha idade junto dela, também com vestidos prateados temporários como o meu. Bem na frente havia um enorme retrato com moldura dourada da Bebê Nicole, o que não me animou nem um pouquinho.

Enquanto a Tia Beatrice me guiava pelo corredor, todas cantavam:

Trazendo as Pérolas
Trazendo as Pérolas
Vamos com alegria
Trazendo as Pérolas

Elas sorriam e me cumprimentavam com um meneio: pareciam muito felizes. Talvez isso não vá ser tão ruim assim, pensei.

Todas nos sentamos. Então uma das mulheres mais velhas subiu ao púlpito.

– Tia Lydia – sussurrou Tia Beatrice. – Nossa Fundadora principal.

Eu a reconheci da foto que Ada havia me mostrado, embora ela estivesse bem mais velha do que na foto, ou assim me pareceu.

– Estamos aqui para dar graças pelo retorno seguro das nossas Pérolas de suas respectivas missões, seja lá por onde tenham passado neste mundo em suas idas e

vindas, semeando a boa obra de Gilead. Louvamos sua coragem e bravura física e espiritual, e agradecemos a elas de todo o coração. Declaro que, de agora em diante, as Pérolas que retornaram deixam de ser Postulantes, tornando-se Tias de pleno direito, com todo poder e privilégio a elas conferidos. Sabemos que cumprirão o seu dever, seja lá onde e como a ocasião se apresentar.

Todas disseram "Amém".

– Pérolas, apresentai as Pérolas recolhidas – disse Tia Lydia. – Primeiro, as da missão do Canadá.

– Levante-se – cochichou Tia Beatrice. Ela me conduziu para a frente, me segurando pelo braço esquerdo. A mão dela estava em cima do DEUS/AMOR, e doía.

Ela retirou seu colar de pérolas, depositou-o em uma enorme travessa rasa em frente à Tia Lydia, e disse:

– Devolvo-lhes estas pérolas em estado puro, tal qual as recebi, e que elas abençoem o serviço da próxima Pérola a portá-las com orgulho em sua missão. Graças à Divina Providência, venho somar às joias do tesouro de Gilead. Apresento-lhes Jade, uma Pérola de Grande Valor, salva da morte certa. Que ela seja lavada da poluição do mundo, purificada de desejos impuros, extirpada de todo pecado, e consagrada ao serviço que Gilead julgar por bem lhe atribuir.

Ela pôs as mãos nos meus ombros e me empurrou para baixo para eu ajoelhar. Eu não estava preparada para aquilo – quase que caio para o lado.

– O que você está fazendo? – sussurrei.

– Shhh – disse Tia Beatrice. – Quieta.

Então Tia Lydia disse:

– Bem-vinda ao Ardua Hall, Jade, e que você seja abençoada na escolha que realizou, Sob o Olho Dele, *Per Ardua Cum Estrus*.

Ela pôs a mão na minha cabeça, depois a retirou, assentiu para mim e deu um sorriso seco.

Todas repetiram:

– Boas-vindas à Pérola de Grande Valor, *Per Ardua Cum Estrus*, amém.

O que eu estou fazendo aqui?, pensei. Esse lugar é esquisito pra caralho.

XVII

Dentição perfeita

46

Meu frasco de tinta azul para desenho, minhas páginas de caderno com suas margens aparadas para caberem em seu esconderijo: é com eles que confio minha mensagem a você, leitor. Mas que mensagem é esta? Em alguns dias me vejo como o Anjo que Registra, coligindo todos os pecados de Gilead, inclusive os meus; noutros dias eu rejeito esse tom tão moralista. Não sou eu, no fundo, uma mera atravessadora de fofocas sórdidas? Sinto que nunca saberei seu veredito sobre a questão, infelizmente.

Meu maior medo: que todos os meus esforços se provem inúteis, e Gilead perdure por um milênio. Na maior parte do tempo, é assim que nos sentimos aqui, longe da guerra, no coração inerte do tornado. Tão pacíficas, as ruas; tão tranquilas, tão organizadas; ainda assim, sob a superfície enganosamente plácida, um tremor, como aquele próximo a linhas de alta voltagem. Estamos no limite da tensão, todos nós; vibramos; estremecemos, estamos sempre alerta. *Reinado de terror*, como costumavam dizer, mas o terror não reina, não exatamente. Ele paralisa. Daí essa calmaria anormal.

Mas há os pequenos consolos. Ontem eu assisti – no circuito fechado de TV na sala do Comandante Judd – à Particicução presidida pela Tia Elizabeth. O Comandante Judd havia pedido café – um excelente café, de difícil obtenção; me contive e não perguntei como ele o havia conseguido. Ele acrescentou uma dose de rum ao seu e me perguntou se eu aceitava. Recusei. Ele disse então que tinha um coração sensível e nervos fracos e precisava se preparar para ver aquilo, pois achava que fazia mal à saúde assistir àqueles espetáculos sanguinolentos.

– Compreendo – falei. – Mas é nosso dever verificar que a justiça esteja sendo feita.

Ele suspirou, bebeu tudo e se serviu de outra dose.

Dois homens condenados seriam Particicutados: um Anjo flagrado vendendo limões do mercado paralelo contrabandeados via Maine, e dr. Grove, o dentista. O verdadeiro crime do Anjo não eram os limões, no entanto: ele fora acusado de aceitar propina do Mayday e de auxiliar várias Aias a fugir, com sucesso, por várias de nossas fronteiras. A versão oficial era de que não existiam Anjos corruptos, e muito menos Aias fugidas; pois por que alguém renunciaria ao reino de Deus para mergulhar de cabeça no abismo flamejante?

Em todo o decorrer do processo que culminaria naquele momento com a morte de Grove, Tia Elizabeth atuara de forma irrepreensível. Ela fizera teatro na faculdade, e fora Hécuba em *As troianas* – um factoide que eu coletara durante nossas primeiras conferências, quando ela, Helena, Vidala e eu estávamos burilando a forma do círculo especial feminino no começo de Gilead. Uma camaradagem se cria em tais circunstâncias, vidas passadas se revelam. Tomei cuidado para não revelar muito da minha.

A experiência de palco de Elizabeth não a deixara na mão. Ela marcara consulta com o dr. Grove, conforme as minhas ordens. Então, no momento apropriado, ela saltara da cadeira do dentista, rasgara as próprias roupas, e gritara que Grove tinha tentado estuprá-la. Então, aos prantos, cambaleou até a sala de espera, onde o sr. William, assistente do dentista, pôde testemunhar perfeitamente como estava desgrenhada e em estado de extrema perturbação.

O corpo de uma Tia é supostamente sacrossanto. Não era de se admirar que Tia Elizabeth tenha ficado tão incomodada com aquela violação, foi a opinião geral. O homem deve ser um louco perigoso.

Eu obtivera uma sequência fotográfica por meio da minicâmera que eu instalara atrás de um belo diagrama de uma dentição completa. Se Elizabeth tentasse algum dia escapar da coleira, eu poderia ameaçar mostrar aquilo como prova de sua mentira.

O sr. William testemunhou contra Grove no julgamento. Ele não era burro: vira imediatamente que seu chefe estava com a corda no pescoço. Ele descreveu a ira de Grove no momento da descoberta. *Sua filha da puta* foi como o monstruoso Grove se referira à Tia Elizabeth, segundo ele. Nenhuma palavra do tipo foi dita – na verdade, Grove dissera "Por que você está fazendo uma coisa dessas?" –, mas o que valeu no julgamento foi o relato de William. O público

ficou impressionado, e o público incluía todas as moradoras do Ardua Hall: chamar uma Tia de palavras tão vulgares era quase uma blasfêmia! Ao ser interrogado, William admitiu com relutância que já tivera alguns motivos antes para suspeitar das irregularidades do seu patrão. Anestésicos, disse ele com tristeza, podem ser uma tentação nas mãos erradas.

O que Grove poderia dizer em sua defesa exceto alegar inocência quanto à acusação e depois citar a Bíblia naquele trecho tão conhecido da falsa acusadora de estupro, a esposa de Potifar? Um homem inocente negando ser culpado soa exatamente igual a um homem culpado, como sei que você já deve ter percebido, caro leitor. Aquele que ouve não se sente inclinado a acreditar em nenhum dos dois.

Dificilmente Grove poderia admitir que jamais encostaria um dedo libidinoso na Tia Elizabeth por motivos de só sentir desejo por meninas menores de idade.

Em vista da atuação excepcional de Tia Elizabeth, acreditei que seria mais do que justo permitir que ela mesma presidisse a Particicução no estádio. Grove foi o segundo a ser despachado. Ele precisou assistir a um Anjo ser chutado até morrer e depois ser literalmente despedaçado por setenta Aias aos gritos.

Quando ele foi conduzido ao campo, braços manietados, gritou:

– Eu não fiz nada!

Tia Elizabeth, a própria imagem da virtude indignada, soprou o apito com firmeza. Em dois minutos já não havia mais dr. Grove. Punhos foram erguidos, apertando chumaços de cabelo ensanguentado arrancado pela raiz.

As Tias e Postulantes estavam todas presentes para apoiar a justiça feita a uma das reverendas Fundadoras do Ardua Hall. Em uma das laterais estavam as Pérolas recém-recrutadas; elas haviam chegado no dia anterior, então aquele momento era como se fosse seu batismo. Passei os olhos por seus rostos juvenis, mas àquela distância não conseguia lê-los. Repulsa? Deleite? Repugnância? É sempre bom saber. A Pérola de maior valor de todas estava entre elas; logo após o evento esportivo que estávamos prestes a presenciar, eu a colocaria na unidade residencial mais adequada aos meus objetivos.

Enquanto Grove estava sendo reduzido a papa pelas Aias, Tia Immortelle desmaiou, o que era de se esperar: ela sempre foi sensível. Prevejo que ela agora deve se culpar de alguma maneira: por mais que tenha sido desprezível seu

comportamento, Grove ainda assim ocupara o papel de seu pai.

O Comandante Judd desligou a televisão e deu um suspiro.

– Uma pena – disse ele. – Era um ótimo dentista.

– Ele era – falei. – Mas não devemos deixar passar os pecados só porque o pecador tem talento.

– Ele era mesmo culpado? – perguntou ele levemente interessado.

– Sim – falei –, mas não disso. Ele não teria sido capaz de estuprar Tia Elizabeth. Era pedófilo.

O Comandante Judd suspirou novamente.

– Pobre homem – disse ele. – É uma moléstia grave. Oremos por sua alma.

– De fato – falei. – Mas ele andava inutilizando muitas meninas para o casamento. Em vez de aceitar as núpcias, as flores valiosas vinham desertando para as Tias.

– Ah – disse ele. – Foi este o caso da menina Agnes? Deduzi que devia ter acontecido algo do gênero.

Ele queria que eu confirmasse, porque aí a aversão dela não teria sido à pessoa dele.

– Não tenho como ter certeza – falei. A expressão dele desabou. – Mas creio que sim. – Não é uma boa ideia provocá-lo demais.

– Seu discernimento é sempre ímpar, Tia Lydia – disse ele. – Nesta questão do Grove, você de fato tomou a melhor decisão por Gilead.

– Obrigada. Eu oro pela orientação divina – falei. – Mas, mudando de assunto, venho informar que a Bebê Nicole acaba de ser importada com segurança para Gilead.

– Ah, que bela jogada! Muito bem! – disse ele.

– As minhas Pérolas foram da maior eficiência – falei. – Cumpriram minhas ordens. Deram guarida a uma nova convertida, e convenceram-na a se juntar a nós. Conseguiram subornar o rapaz que estava exercendo influência sobre ela. Tia Beatrice foi quem barganhou, embora, é claro, não estivesse a par da verdadeira identidade da Bebê Nicole.

– Mas você estava, cara Tia Lydia – disse ele. – Como é que você conseguiu identificá-la? Meus Olhos vêm tentando há anos.

Teria eu detectado um certo tom de inveja ou, pior, de desconfiança? Passei por cima como se não fosse nada.

– Tenho meus jeitinhos. E certos informantes prestimosos – menti. – Dois e dois às vezes de fato dão quatro. E nós, mulheres, embora míopes, muitas vezes notamos certos detalhes mais refinados que podem escapar ao olhar mais amplo e altivo dos homens. Mas Tia Beatrice e Tia Dove só tinham ordens para procurarem uma tatuagem específica que a pobre criança havia se infligido. E, por sorte, a encontraram.

– Uma tatuagem autoinfligida? Corrompida como todas essas meninas. Em que parte do corpo? – perguntou ele com interesse.

– Só no braço. O rosto dela está intacto.

– Os braços dela devem permanecer cobertos em todo evento público – disse ele.

– Ela está usando o nome de Jade; talvez até acredite que é este seu nome verdadeiro. Preferi não informá-la de sua verdadeira identidade até tê-lo consultado.

– Excelente decisão – disse ele. – Que mal lhe pergunte: qual era a natureza do relacionamento dela com o tal rapaz? Seria melhor se ela estivesse, como se diz, intocada, mas no caso dela, abriríamos uma exceção. Seria um desperdício torná-la Aia.

– Sua virgindade ainda não foi confirmada, mas acredito que ela seja pura nesse aspecto. Eu a coloquei junto de nossas duas Tias mais jovens, meninas boas e compreensivas. Ela dividirá suas expectativas e medos com elas, sem dúvida; assim como suas crenças, que sei que podem ser moldadas para se ajustarem às nossas.

– Mais uma vez, excelente, Tia Lydia. Você de fato é uma joia. Quando podemos revelar a Bebê Nicole a Gilead e ao mundo?

– Primeiro precisamos nos assegurar de que ela é uma crente convertida – falei. – Firme na fé. Isso vai demandar certo cuidado e tato. Essas recém-chegadas chegam aqui trazidas pelo entusiasmo, com expectativas irreais. Precisamos colocar seus pés no chão, precisamos informá-la dos deveres que a esperam: aqui não se trata só de cantar hinos e exaltar o Senhor. Além disso, ela precisa conhecer sua própria história pessoal: será um choque para ela descobrir que é a famosa e querida Bebê Nicole.

– Deixarei esses assuntos em suas mãos competentes – disse ele. – Tem certeza de que não aceita uma gota de rum no seu café? Auxilia a circulação.

– Talvez uma colher de chá – falei. Ele me serviu. Erguemos nossas canecas, brindamos com elas.

– Que Deus abençoe nossos esforços – disse ele. – Como estou convencido que fará.

– No devido tempo – disse eu, sorrindo.

Depois de seu grande empenho no consultório do dentista, no julgamento, e na Particicução, Tia Elizabeth sofreu um colapso nervoso. Fui visitá-la com Tia Vidala e Tia Helena no local onde ela se recuperava, uma de nossas Casas de Repouso. Ela nos cumprimentou entre lágrimas.

– Não sei o que há de errado comigo – disse ela. – Sinto-me completamente esgotada.

– Depois de tudo que você passou, não é de se admirar – disse Helena.

– Você é considerada quase uma santa no Ardua Hall – falei. Eu sabia o que a inquietava de fato: ela havia cometido um perjúrio sem volta; e aquilo, caso descoberto, seria o seu fim.

– Estou tão grata pela sua orientação, Tia Lydia – disse ela olhando para mim e, de soslaio, para Vidala. Agora que eu era sua aliada garantida, agora que ela cumprira meu pedido inortodoxo, ela deve ter pensado que Tia Vidala não teria mais como prejudicá-la.

– Fiquei feliz em ajudar – falei.

XVIII

SALÃO DE LEITURA

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

47

Becka e eu vimos Jade pela primeira vez na Ação de Graças realizada para receber as Pérolas que retornavam e suas convertidas. Ela era alta, um pouco desengonçada, e ficava olhando ao seu redor de um jeito que era quase ousado demais. Eu pressentia que ela não acharia fácil a adaptação ao Ardua Hall, isso sem falar ao resto de Gilead. Mas não pensei muito mais nela porque eu estava envolvida com a cerimônia, tão bonita.

Logo nós seríamos elas, pensei. Becka e eu estávamos terminando nosso treinamento de Postulantes; estávamos quase prontas para nos tornar Tias plenas. Muito em breve receberíamos os vestidos prateados de Pérolas, tão mais graciosos que nosso marrom habitual. Herdaríamos colares de pérolas; partiríamos em nossa missão; cada uma de nós traria uma Pérola convertida.

Nos meus primeiros anos do Ardua Hall, essa perspectiva me encantava. Eu ainda era absoluta e fervorosamente crente – se não em tudo a respeito de Gilead, pelo menos no serviço altruísta prestado pelas Tias. Mas naquele momento eu já não sentia tanta firmeza.

Não vimos Jade de novo até o dia seguinte. Como todas as novas Pérolas, ela passara a noite toda em vigília na capela, em meditação e oração silenciosas. Então ela teria trocado seu vestido prateado pelo marrom que todas nós usávamos. Não que seu destino obrigatório fosse se tornar Tia – as Pérolas recém-chegadas eram observadas cuidadosamente antes de serem alocadas como Esposas ou Econoesposas em potencial, ou Postulantes, ou, em alguns casos infelizes, Aias – mas, enquanto isso, entre nós, se vestiam como uma de nós, com o acréscimo de um grande broche de imitação de pérola em formato de lua nova.

A aclimatação de Jade aos costumes de Gilead foi um tanto brusca, já que no

dia seguinte ela presenciou uma Particicução. Pode ter sido um choque para ela assistir a dois homens sendo literalmente despedaçados por Aias; pode ser um choque até para mim, que já vi isso tantas vezes no decorrer dos anos. As Aias normalmente são tão reservadas, e a demonstração de tanta raiva por parte delas pode ter grande impacto.

Foram as Tias Fundadoras que conceberam essas regras. Becka e eu teríamos optado por um método menos extremo.

Um dos eliminados na Particicução foi o dr. Grove, o antigo pai dentista de Becka, que fora condenado por ter estuprado Tia Elizabeth. Ou por quase estuprá-la: pensando na minha própria experiência com ele, para mim não fazia muita diferença. Sinto dizer que fiquei contente em ver seu castigo.

Já Becka reagiu de modo muito diferente. Dr. Grove a tratara de forma indecorosa quando ela era criança, e eu era incapaz de perdoar aquilo, embora ela perdoasse. Ela era mais clemente do que eu; eu admirava este seu traço, mas era incapaz de emulá-lo.

Quando o dr. Grove foi despedaçado na Particicução, Becka desmaiou. Algumas Tias atribuíram aquela reação ao amor filial – dr. Grove era um homem perverso, mas ainda assim um homem, e de grande prestígio. Também era pai, a quem a filha obediente devia respeitar. No entanto, eu sabia o que era: Becka sentia-se responsável pela sua morte. Ela estava arrependida de ter me contado os crimes dele. Eu lhe garanti que não havia revelado suas confidências para mais ninguém, e ela disse que acreditava em mim, mas que Tia Lydia devia ter dado um jeito de descobrir. Era assim que as Tias acumulavam seu poder: descobrindo as coisas. Coisas que jamais deveriam ter sido tema de conversa.

Becka e eu havíamos voltado da Particicução. Eu lhe preparara um chá e sugeri que se deitasse um pouco – ela ainda estava pálida –, mas ela respondeu que havia controlado suas emoções e já ia ficar melhor. Estávamos entretidas em nossas leituras bíblicas quando alguém bateu à porta. Tivemos a surpresa de encontrar Tia Lydia ao abrir; junto dela se encontrava a nova Pérola, Jade.

– Tia Victoria, Tia Immortelle, vocês foram escolhidas para uma missão muito especial – disse ela. – Nossa mais nova Pérola, a Jade, está sendo confiada a vocês. Ela vai dormir no terceiro quarto, que pelo que eu sei está vago. A tarefa de vocês será ajudá-la de todas as formas possíveis, e instruí-la sobre os detalhes

da nossa vida de labor em prol de Gilead. Vocês possuem lençóis e toalhas suficientes? Caso não tenham, eu vou providenciá-los.

– Sim, Tia Lydia, louvado seja – respondi. Becka me imitou. Jade sorriu para nós, um sorriso que conseguia ser indeciso e teimoso ao mesmo tempo. Ela não era a típica recém-convertida vinda do exterior: estas geralmente ou eram muito subservientes ou muito fervorosas.

– Bem-vinda – falei para Jade. – Pode entrar.

– Tá – disse ela. Ela cruzou nosso umbral. Meu coração se apertou: eu já sabia que a vida superficialmente plácida que Becka e eu vínhamos levando no Ardua Hall havia nove anos estava por se encerrar – a mudança tinha chegado –, mas ainda não me dava conta de quão radical seria aquela mudança.

Eu disse que nossa vida era plácida, mas talvez essa não seja a palavra certa. Era bem organizada, embora um tanto monótona. Nosso tempo vivia tomado, mas estranhamente ele parecia não passar. Eu tinha catorze anos quando fui admitida como Postulante, e embora tivesse crescido, a mim mesma eu não parecia nem um pouco mais velha. O mesmo valia para Becka: parecíamos, de algum modo, congeladas; preservadas, como se no gelo.

As Fundadoras e as Tias mais velhas tinham certas arestas. Tinham sido modeladas em uma era pré-Gilead, viveram lutas de que tínhamos sido poupadas, e essas lutas haviam raspado fora a brandura que talvez um dia tivesse estado ali. Mas nós não tínhamos sido obrigadas a passar por aquelas tribulações. Tínhamos sido protegidas, nunca precisamos lidar com a dureza do mundo real. Éramos as beneficiárias dos sacrifícios realizados pelas nossas precursoras. Disso éramos relembradas constantemente, com ordens para demonstrar gratidão. Mas é difícil ser grata pela ausência de uma incógnita. Sinto que nunca aquilatamos devidamente o quanto a geração de Tia Lydia foi purificada pelo fogo. Faltava em nós o que elas tinham de implacáveis.

48

Apesar dessa sensação de que o tempo não passava, na verdade eu tinha mudado. Já não era mais a mesma de quando ingressara no Ardua Hall. Eu havia me tornado uma mulher, ainda que inexperiente; antes, eu era uma criança.

– Estou muito feliz pelas Tias terem te deixado ficar – disse Becka no meu primeiro dia. Seu olhar tímido estava inteiramente voltado para mim.

– Eu também estou feliz – falei.

– Sempre te admirei na escola. Não só por causa das suas três Marthas e da sua família com Comandante – disse ela. – Você mentia menos do que as outras. E era amável comigo.

– Eu não era tão amável assim.

– Era mais amável comigo do que as outras – disse ela.

Tia Lydia permitira que eu ficasse na mesma unidade residencial que Becka. O Ardua Hall era dividido em muitos apartamentos; no nosso estava escrito a letra *C* e o lema do Ardua Hall: *Per Ardua Cum Estrus.*

– Significa "Pelo trabalho de parto com o ciclo reprodutivo feminino" – disse Becka.

– Significa tudo isso?

– Está em latim. Soa melhor em latim.

– O que é latim? – perguntei.

Becka falou que era uma língua muito antiga que ninguém mais falava, mas que era nela que se escreviam lemas. Por exemplo, o lema de tudo que estava dentro do Muro já foi *Veritas*, que queria dizer "verdade" em latim. Mas tinham raspado aquela palavra e pintado por cima dela.

– Como você soube disso? – perguntei. – Se já não tem a palavra?

– Na Biblioteca Hildegard – disse ela. – É só para nós, para as Tias.

– O que é biblioteca?

– É onde guardam livros. Tem salas e mais salas cheias de livros.

– Eles fazem mal? – perguntei. – Esses livros? – Imaginei um monte de explosivos dentro de uma sala.

– Não os que já li. Os mais perigosos são guardados no Salão de Leitura. Você precisa de uma autorização especial para entrar lá. Mas você pode ler os outros livros.

– Elas deixam? – Eu estava atônita. – Você pode simplesmente entrar lá e ficar lendo?

– Se você tiver autorização. Exceto pelo Salão de Leitura. Se você fizer isso sem autorização, você sofreria um Corretivo, lá embaixo, num dos porões. – Cada apartamento do Ardua Hall tinha um porão à prova de som, que costumava ser usado para a prática do piano, entre outras coisas. Mas agora o porão R era onde Tia Vidala aplicava os Corretivos. Corretivos eram castigos dados por desrespeitar as regras.

– Mas castigos são dados em público – falei. – A criminosos. Você sabe, as Particicuções, e os enforcados que deixam expostos no Muro.

– Sim, eu sei – disse Becka. – Queria que não deixassem eles expostos tanto tempo. O cheiro chega aos nossos quartos, fico enjoada. Mas os Corretivos no porão são diferentes, são para o nosso bem. Agora, vamos te arrumar uma roupa, e depois escolher seu nome.

Tinha uma lista de nomes autorizados, compilada pela Tia Lydia e as outras Tias seniores. Becka disse que os nomes eram referências a produtos de que as mulheres gostavam, de forma que confiariam mais neles, mas ela mesma não sabia que produtos eram. Ninguém da nossa idade sabia, disse ela.

Ela leu a lista de nomes para mim em voz alta, já que eu ainda não sabia ler.

– Que tal Maybelline? – disse ela. – Soa bem bonito. Tia Maybelline.

– Não – respondi. – Muito afetado.

– Que tal Tia Ivory?

– Frio demais – respondi.

– Achei um: Victoria. Acho que já houve uma Rainha Victoria. Você seria chamada de Tia Victoria: mesmo enquanto Postulantes, temos direito ao título de Tia. Mas quando tivermos terminado nossa obra missionária fora de Gilead,

em outros países, vamos ter grau de Tias plenas.

Na Escola Vidala não aprendíamos muito sobre as Pérolas – apenas que eram corajosas, e assumiam riscos e faziam sacrifícios por Gilead, e que devíamos respeitá-las.

– A gente vai sair de Gilead? Não dá medo ir para tão longe? Gilead não é enorme? – Seria como cair da beira do mundo, porque certamente Gilead não tem fim.

– Gilead é menor do que você pensa – disse Becka. – Tem outros países em volta. Vou te mostrar no mapa.

Eu devo ter feito uma expressão totalmente confusa, porque ela deu um sorriso e falou:

– Um mapa é uma figura. Aqui a gente também aprende a ler mapas.

– Ler figuras? – falei. – Como assim? Figura não é escrito.

– Você vai ver. No começo eu também não conseguia. – Ela sorriu de novo. – Com você aqui, não vou me sentir tão sozinha.

O que será que ia me acontecer depois de seis meses? Eu me preocupava. Será que iam me deixar ficar? Era enervante ver as Tias me inspecionando como se eu fosse um legume. Era difícil direcionar meu olhar para o chão, conforme nos requisitavam: mais alto do que isso e talvez eu estivesse contemplando seus troncos, o que era maus modos, ou seus olhos, o que era presunçoso. Era difícil nunca falar nada a não ser que uma das Tias seniores falasse primeiro. Obediência, subserviência, docilidade: eram estas as virtudes requeridas.

Além disso havia a leitura, que eu achava frustrante. Talvez eu já tivesse passado da idade de aprendê-la, pensei. Talvez fosse como bordados finos: era preciso começar desde pequena; senão você nunca pegaria o jeito. Mas, pouco a pouco, fui ficando melhor.

– Você leva jeito – disse Becka. – Está bem melhor do que eu era no começo!

Os livros que me deram para aprender eram sobre um menino e uma menina chamados Dick e Jane. Eram cartilhas muito antigas, e suas figuras tinham sido alteradas no Ardua Hall. Jane estava com saias e mangas longas, mas se via nos locais onde tinham passado tinta que sua saia já havia estado acima dos joelhos e suas mangas só até antes dos cotovelos. O cabelo dela já estivera descoberto.

O mais impressionante naquelas cartilhas era que Dick, Jane e Sally, a

bebezinha, moravam em uma casa sem nada em volta a não ser uma cerca branca, tão frágil e baixa que qualquer pessoa poderia pular por cima. Não havia Anjos, nem Guardiões. Dick, Jane e Sally ficavam brincando ao ar livre, ao alcance de qualquer um. A bebê podia ser sequestrada por terroristas a qualquer momento e levada ilegalmente para o Canadá, como a Bebê Nicole e outras crianças inocentes. Os joelhos nus de Jane podiam ter suscitado impulsos malignos em qualquer homem que passasse por ali, apesar do fato de que tudo menos o rosto dela havia sido recoberto com tinta. Becka disse que pintar as figuras de livros como aquele era uma tarefa que me pediriam para fazer, pois costumava ser atribuída às Postulantes. Ela mesma já havia pintado muitos livros.

Não estava garantido que minha estadia seria definitiva, disse ela: nem todas tinham vocação para Tias. Antes da minha chegada a Ardua Hall, ela conhecera duas meninas que tinham sido aceitas, mas uma delas mudou de ideia depois de três meses e sua família a recebera de volta, e o casamento planejado para ela acontecera afinal.

– E o que aconteceu com a outra? – perguntei.

– Uma coisa ruim – disse Becka. – Ela se chamava Tia Lily. No começo não parecia haver nada de errado com ela. Todo mundo falava que estava se saindo bem, mas aí ela recebeu um Corretivo por ser respondona. Não acho que tenha sido dos piores Corretivos: a Tia Vidala pode ser um tanto cruel. Ela pergunta: "Está gostando disso?" no meio do Corretivo, e não existe uma resposta certa.

– Mas e a Tia Lily?

– Depois disso, ela nunca mais foi a mesma. Ela queria ir embora do Ardua Hall – dizia que não levava jeito para ser Tia – e as Tias disseram que, se fosse esse o caso, o casamento planejado para ela teria que acontecer; mas ela também não queria isso.

– Ela queria o quê? – perguntei. De repente, a Tia Lily me interessava muito.

– Ela queria morar sozinha e trabalhar numa fazenda. Tia Elizabeth e Tia Vidala disseram que a culpa era da leitura precipitada: ela tinha absorvido as ideias erradas na Biblioteca Hildegard antes de sua mente estar forte o suficiente para rejeitá-las, e havia diversos livros questionáveis que deveriam ser destruídos. Disseram que ela teria que passar por um Corretivo mais severo para ajudá-la a filtrar seus pensamentos.

– E o que foi? – Eu imaginava se minha mente seria forte o bastante, e se também receberia diversos Corretivos.

– Deram para ela um mês no porão, sozinha, só a pão e água. Quando a deixassem sair de novo, ela não deveria falar com ninguém a não ser para responder sim ou não. Tia Vidala disse que a cabeça dela era fraca demais para ser Tia, e que ela teria que se casar, no fim das contas. No dia em que deveria ir embora do Ardua Hall, ela não apareceu no desjejum, e nem no almoço. Ninguém sabia para onde tinha ido. Tia Elizabeth e Tia Vidala disseram que ela devia ter fugido, o que era uma falha na segurança, e deu-se uma grande busca. Mas não a encontraram. E aí a água do chuveiro começou a ficar com um cheiro estranho. Então deram outra busca, e desta vez abriram a cisterna de águas pluviais do telhado, que é a água do nosso banho, e ela estava lá dentro.

– Ah, que horror! – falei. – Ela estava... alguém a matou?

– No começo, foi o que as Tias disseram. A Tia Helena ficou histérica, e chegaram a autorizar alguns Olhos a entrar no Ardua Hall para procurar pistas, mas não acharam nada. Algumas Postulantes subiram até a cisterna e olharam lá dentro. Não dava para ela simplesmente ter caído: tem uma escada, depois uma portinha.

– Você a viu? – perguntei.

– Foi caixão fechado – disse Becka. – Mas ela deve ter feito de propósito. Estava com pedras nos bolsos, dizem. Não deixou bilhete, ou se deixou, Tia Vidala picotou e jogou fora. No funeral, disseram que ela morreu de aneurisma cerebral. Não queriam deixar vazar que uma Postulante tinha acabado tão mal. Todas nós oramos por ela; creio que Deus a perdoou.

– Mas por que ela fez isso? – perguntei. – Ela queria morrer?

– Ninguém quer morrer – disse Becka. – Mas tem gente que não quer viver de nenhuma das formas permitidas.

– Mas se afogar de propósito! – falei.

– Dizem que é tranquilo – disse Becka. – Você ouve sinos e cânticos. Tipo os dos anjos. Foi o que Tia Helena nos falou para nos acalmar.

Depois que eu já dominara os livros do Dick e da Jane, recebi o *Dez rimas para moças*, um livro de poesias escrito pela Tia Vidala. Vou recitar uma de que me lembro:

Olhem só a Tirza! Lá vai ela,
Mechas ao léu, se achando bela;
Passa pela rua como quem desfila,
Toda soberba, a cabeça altiva.
Chama a atenção de um Guardião,
Fazendo-o cair em tentação.
Ela não quer mudar o seu jeito,
Ela não ora, nem dobra o joelho!
Logo em pecado ela cairá
E no Muro com a vida pagará.

As histórias de Tia Vidala eram sempre sobre coisas que meninas não deveriam fazer e as coisas horripilantes que lhes aconteceriam caso fizessem. Hoje eu percebo que não eram poemas muito bons, e mesmo na época eu já não gostava de ler as histórias dessas pobres meninas que erravam por conta de um lapso e recebiam castigos severos ou até pena de morte; não obstante, eu estava emocionada por conseguir ler seja lá o que fosse.

Um dia, eu estava lendo a história de Tirza em voz alta para Becka, para ela corrigir meus possíveis erros, quando ela disse:

– Isso jamais aconteceria comigo.

– O que não aconteceria? – perguntei.

– Eu nunca ia dar uma esperança dessas a nenhum Guardião. Eu nunca ia querer chamar a atenção deles. Não quero nem olhar para eles – disse Becka. – Para homem nenhum. São todos horríveis. Inclusive o Deus de Gilead.

– Becka! – falei. – Por que você está dizendo essas coisas? Como assim, "Deus de Gilead"?

– Eles querem que Deus seja uma coisa só – disse ela. – Deixam certas coisas de fora. Diz na Bíblia que somos feitos à imagem de Deus, tanto o homem quanto a mulher. Você vai ver, quando as Tias te deixarem ler.

– Não diga uma coisa dessas, Becka – falei. – A Tia Vidala ia achar... heresia.

– Pra você eu posso dizer, Agnes – disse ela. – Eu te confiaria a minha vida.

– Não faça isso – falei. – Não sou uma pessoa boa, não como você.

No meu segundo mês no Ardua Hall, Shunammite veio me visitar. Fui encontrá-

la no Café Schlafly. Ela estava usando o vestido azul de uma Esposa oficial.

– Agnes! – gritou ela, estendendo ambas as mãos. – Que alegria te encontrar! Está tudo bem com você?

– É claro que está tudo bem – respondi. – Agora me chamo Tia Victoria. Você aceita um chá de hortelã?

– É que a Paula insinuou que talvez você tivesse... que tinha algo errado com...

– Que eu estou doida – falei, sorrindo. Notei que Shunammite estava se referindo a Paula como uma amiga íntima. Shunammite agora era mais graduada do que ela, o que devia ter deixado Paula contrariadíssima: uma menina tão nova promovida a uma posição superior à sua. – Sei que ela pensa isso de mim. Aliás, parabéns pelo seu casamento.

– Você não está brava comigo? – disse ela, retrocedendo ao nosso tom escolar.

– Por que eu estaria "brava" com você, como você diz?

– Bem, eu roubei o seu marido. – Era isso que ela pensava? Que tinha ganhado uma competição? Como eu poderia negar aquilo sem insultar o Comandante Judd?

– Fui chamada a uma missão maior – falei com a maior compostura que consegui.

Ela deu uma risadinha.

– É mesmo? Bem, eu fui chamada a uma missão menor, mesmo. Tenho quatro Marthas! Queria que você pudesse ver a minha casa!

– Sei que deve ser linda – respondi.

– Mas está mesmo tudo bem com você? – Sua preocupação comigo pode ter sido em parte verdadeira. – Esse lugar não te cansa? É tão árido.

– Estou ótima – respondi. – Te desejo muita felicidade.

– A Becka também está nessa masmorra, não está?

– Não é masmorra – respondi. – Sim. Dividimos um apartamento.

– Você não tem medo de ela te atacar com o podão? Ela ainda é louca?

– Ela nunca foi louca – respondi. – Só infeliz. Foi excelente a visita, Shunammite, mas preciso voltar aos meus afazeres.

– Você não gosta mais de mim – disse ela meio a sério.

– Estou aprendendo a ser Tia – falei. – Na verdade, não é para eu gostar de ninguém.

49

Minha alfabetização progrediu lentamente e aos inúmeros tropeços. Becka me ajudou muito. Usávamos versículos bíblicos para praticar, de uma seleção aprovada para Postulantes. Com meus próprios olhos pude ler trechos das Escrituras que antes só havia escutado. Becka me ajudou a encontrar a passagem em que tanto pensei na época em que Tabitha faleceu:

> *Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os levas como uma corrente de água; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce. De madrugada floresce e cresce; à tarde corta-se e seca.*

Laboriosamente, me pus a ler letra por letra. As palavras pareciam diferentes na página: não fluíam, sonoras, do jeito que as havia recitado em minha cabeça, mas pareciam ressecadas, insípidas.

Becka disse que saber juntar as letras não era igual a ler: a leitura acontecia, segundo ela, quando você conseguia ouvir as palavras como se fossem música.

– Talvez eu nunca consiga – falei.

– Consegue, sim – disse Becka. – Vamos tentar ler músicas de verdade.

Ela foi à biblioteca – eu ainda não podia entrar lá – e trouxe consigo um dos hinários do Ardua Hall. Nele, havia a canção de ninar infantil que Tabitha costumava me cantar com sua voz de sininhos de prata:

Vou deitar pra descansar

Rogo a Deus pra me guardar...

Cantei a música para Becka, e depois de algum tempo consegui ler para ela.

– Essa música dá uma esperança – disse ela. – Seria um conforto acreditar que

há dois anjos sempre prontos a me levar embora. – Depois ela disse: – Nunca tive ninguém que cantasse para mim antes de dormir. Você teve muita sorte.

Além de ler, tive que aprender a escrever. De certas maneiras, isso era mais difícil, mas de outras, mais fácil. Usávamos tinta para desenho e canetas-tinteiro retas com bico de pena de metal, e às vezes, lápis. Dependia do que tinha sido alocado recentemente para o Ardua Hall dos armazéns de importados.

Materiais de escrita eram prerrogativa dos Comandantes e das Tias. Afora isso, em geral não estavam disponíveis em Gilead; não tinham serventia para as mulheres, e nem para a maioria dos homens, exceto para relatórios e estoques. Sobre o que mais as pessoas estariam escrevendo?

Havíamos aprendido a bordar e a pintar na Escola Vidala, e Becka disse que escrever era quase a mesma coisa – cada letra era feito uma figura ou uma carreira de bordado, e além disso também era feito uma nota musical; você só precisava aprender a formar as letras, e depois como aglutiná-las, como pérolas num fio de colar.

Ela tinha a caligrafia linda. Muitas vezes ela me ensinou, com a maior paciência; depois, quando eu já conseguia escrever, ainda que desajeitadamente, ela selecionou vários versículos bíblicos para eu copiar.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.
O amor é forte como a morte.
As aves dos céus levariam a voz, e os que têm asas dariam notícia do assunto.

Eu os copiava e recopiava. Comparando as diferentes versões escritas das mesmas frases, eu podia ver como tinha melhorado, disse Becka.

Eu fiquei pensando nas palavras que eu estava copiando. Será que o amor era mesmo maior que a fé, e será que eu tinha algum deles? Será que o amor era forte como a morte? De quem era a voz que as aves iam levar?

Saber ler e escrever não respondia todas as perguntas. Só levava a outras perguntas, e a mais outras.

Além de aprender a ler, consegui cumprir devidamente as demais tarefas de que

fui incumbida naqueles primeiros meses. Algumas dessas tarefas não eram pesadas: eu gostava de pintar as saias, mangas e chapéus nas meninas das cartilhas do Dick e da Jane, e não me incomodava de trabalhar na cozinha, picotando nabos e cebolas para as cozinheiras e lavando a louça. Todas no Ardua Hall tinham que contribuir para o bem-estar geral, e o trabalho braçal não devia ser menosprezado. Não se considerava nenhuma Tia acima dele, embora na prática as Postulantes fizessem a maior parte do trabalho pesado. Também, por que não? Éramos mais novas.

Porém, limpar latrinas era desagradável, especialmente quando você tinha que esfregá-las de novo mesmo já estando perfeitamente limpas da primeira vez, e de novo uma terceira vez. Becka me alertara que as Tias exigiriam aquela repetição – a questão não era o estado das privadas, disse ela. Era um teste de obediência.

– Mas não tem cabimento nos fazer limpar a mesma privada três vezes – falei. – É um desperdício de recursos nacionais valiosos.

– Água sanitária não é um recurso nacional valioso – disse ela. – Não tanto quanto grávidas. Mas sem cabimento é, sim, e por isso que é uma prova. Querem ver se você vai obedecer a ordens descabidas sem reclamar.

Para tornar a prova mais difícil, eles deixavam como supervisora a Tia mais jovem de todas. Receber ordens imbecis de alguém quase da sua idade é bem mais irritante do que quando a pessoa é mais velha.

– Odeio isso! – Falei depois da quarta semana seguida de limpeza de latrina. – Odeio a Tia Abby com todas as minhas forças! Como ela é maldosa, e pretensiosa, e...

– É uma prova – recordou-me Becka. – Como a provação de Jó, quando Deus o testou.

– A Tia Abby não é Deus. Só pensa que é – falei.

– Devemos nos empenhar em ser pacientes – disse Becka. – Sugiro que você reze para seu ódio se dissipar. Imagine que ele está saindo pelo seu nariz, feito ar.

Becka tinha várias dessas técnicas de autocontrole. Experimentei algumas. Às vezes, funcionavam.

Quando passei no meu exame de seis meses e fui aceita como Postulante permanente, fui autorizada a entrar na Biblioteca Hildegard. É difícil descrever a sensação que aquilo me deu. Na primeira vez em que entrei por aquela porta,

senti como se tivesse recebido uma chave de ouro – uma chave capaz de destrancar uma porta secreta depois da outra, me revelando todo o tesouro que havia em seu interior.

No começo eu só tinha acesso ao salão geral, mas depois de algum tempo recebi um passe para o Salão de Leitura. Lá eu tinha minha própria escrivaninha. Uma das minhas tarefas constantes era passar a limpo os discursos – ou talvez deva chamá-los de sermões – que a Tia Lydia proferia em ocasiões especiais. Ela reutilizava esses discursos, mas sempre alterando alguma coisa, e nós precisávamos incorporar suas observações anotadas à mão em uma cópia datilografada legível. Àquela altura eu já aprendera a datilografar, ainda que devagar.

Quando eu estava em minha escrivaninha do Salão de Leitura, às vezes Tia Lydia passava por mim a caminho de sua própria saleta, onde, diziam, estava trabalhando em importantes pesquisas para a melhoria de Gilead: esta era a missão da vida de Tia Lydia, diziam as Tias seniores. Os preciosos Arquivos das Linhagens Genealógicas tão meticulosamente mantidos pelas Tias seniores, as Bíblias, os discursos teológicos, as obras perigosas da literatura mundial – todos estavam atrás daquela porta trancada. Só nos dariam acesso quando nossas cabeças estivessem fortalecidas o suficiente.

Passaram-se os meses e os anos, e Becka e eu nos tornamos amigas próximas, e nos contamos muitas coisas sobre nós mesmas e nossas famílias que nunca contaríamos a mais ninguém. Eu confessei o ódio que sentia da minha madrasta, Paula, ainda que tivesse me empenhado para abandonar aquele sentimento. Descrevi a trágica morte de nossa Aia, Crystal, e o quanto eu tinha ficado abalada. E ela me contou do dr. Grove e do que ele lhe fizera, e eu lhe contei minha história com ele, o que a fez ficar abalada por minha causa. Conversamos sobre nossas verdadeiras mães e como queríamos saber quem tinham sido. Talvez não devêssemos ter revelado tantas coisas uma à outra, mas foi muito reconfortante.

– Queria ter uma irmã – disse ela para mim, certo dia. – E, se tivesse, queria que fosse você.

50

Eu descrevi nossa vida como pacífica, e, à primeira vista, era mesmo; mas havia turbulências e conflitos internos que depois vim a saber não serem tão raros entre os que buscam se dedicar a uma missão maior. Meu primeiro conflito pessoal veio quando, depois de quatro anos lendo textos mais elementares, recebi permissão para ler o texto integral da Bíblia. Nossas Bíblias ficavam trancafiadas, como em toda parte em Gilead: só quem tivesse a mente fortalecida e firmeza de caráter podia lidar com elas, e isso excluía as mulheres, a não ser pelas Tias.

Becka começara a ler a Bíblia há mais tempo – ela estava à minha frente, tanto em prioridade como em proficiência –, mas as iniciadas naqueles mistérios eram proibidas de falar sobre suas experiências de leitura sacra com as outras, então nunca tínhamos conversado sobre suas descobertas.

Chegou o dia em que a caixa de madeira com tranca contendo a Bíblia reservada para mim seria trazida ao Salão de Leitura e, por fim, eu ia abrir o livro mais proibido de todos. Eu estava muito entusiasmada com aquilo, mas naquela manhã Becka disse:

– Preciso te prevenir de uma coisa.

– Me prevenir? – repliquei. – É o livro santo.

– Ele não diz o que dizem que diz.

– Como assim? – perguntei.

– Não quero ver você decepcionada. – Ela se deteve. – Sei que a Tia Estée tinha as melhores intenções. – Por fim, ela disse: – Juízes, capítulos 19 a 21.

Foi tudo o que ela quis me dizer. Mas quando cheguei ao Salão de Leitura e abri a caixa de madeira e peguei a Bíblia, aquele foi o primeiro trecho que procurei. Era a Concubina Cortada em Doze Pedaços, a mesma história que Tia Vidala havia nos contado há tanto tempo, na escola – a mesma que tinha deixado

Becka tão perturbada quando era pequena.

Eu me lembrava bem da história. E me lembrava também da explicação que Tia Estée nos havia dado. Ela dissera que o motivo da concubina ter sido morta era estar arrependida de sua desobediência, tendo preferido se sacrificar para evitar que seu dono fosse estuprado pelos benjaminitas perversos. Tia Estée tinha dito que a concubina fora nobre e corajosa. Tinha dito que foi tudo escolha da concubina.

Mas agora eu estava lendo a história na íntegra. Procurei a parte de nobreza e bravura, procurei a escolha da concubina, mas não havia nada disso. A moça era simplesmente escorraçada de casa e estuprada até morrer, depois esquartejada feito uma vaca por um homem que a tratava, quando viva, feito um animal de cabresto. Não era de se admirar ela ter fugido dele.

Foi um choque doloroso: a prestimosa e gentil Tia Estée tinha mentido para nós. A verdade não era nobre, era horrível. Era isso que as Tias queriam dizer, então, quando diziam que as mentes femininas eram frágeis demais para a leitura. Nós desmoronávamos, ruíamos sob o peso das contradições, seríamos incapazes de aguentar firme.

Até aquele momento, eu nunca tinha duvidado de fato da retidão e especialmente da veracidade da teologia de Gilead. Se eu não atingia a perfeição, a culpa eu atribuía a mim mesma. Mas conforme eu ia descobrindo tudo o que fora alterado por Gilead, o que tinha sido acrescido, e o que tinha sido omitido, eu fui ficando com medo de perder minha fé.

Se você nunca teve fé em nada, não vai compreender o que isso significa. Você sente como se o seu melhor amigo estivesse para morrer; como se tudo aquilo que te define estivesse sendo lambido pelo fogo; que você está para ser abandonada e ficar totalmente sozinha. Você se sente no exílio, perdida numa floresta escura. Parecia o que eu tinha sentido quando Tabitha morreu: que o mundo se esvaziava de todo significado. Tudo era oco. Tudo se ressecava.

Falei com Becka um pouco do que estava se passando comigo.

– Eu sei – disse ela. – Aconteceu comigo também. Todo mundo na alta hierarquia de Gilead nos enganou.

– Mas como assim?

– Deus não é como eles dizem – disse ela. Ela disse que ou você acreditava em Gilead, ou acreditava em Deus, nos dois não dava. Foi assim que ela havia lidado

com a própria crise.

Eu disse que eu não sabia se seria capaz de escolher só um. Em segredo, eu temia ser incapaz de acreditar em qualquer um dos dois. Ainda assim, eu queria acreditar; na verdade, ansiava por isso; e, no fim das contas, quanta crença não nasce por causa de anseios?

51

Três anos depois, ocorreu algo ainda mais alarmante. Como disse, uma das minhas tarefas na Biblioteca Hildegard era passar a limpo os discursos de Tia Lydia. As páginas do discurso em que eu deveria trabalhar naquele dia eram deixadas na minha escrivaninha, dentro de uma pasta prateada. Certa manhã descobri, enfiada atrás da pasta prateada, uma azul. Quem a colocara ali? Será que tinham se enganado?

Eu a abri. O nome da minha madrasta, Paula, estava no alto da primeira página. O que se seguia era o relato da morte de seu primeiro marido, o que ela tivera antes de se casar com meu suposto pai, o Comandante Kyle. Conforme já contei, o marido dela, o Comandante Saunders, fora assassinado em seu escritório pela Aia do casal. Ou pelo menos essa foi a história que circulou.

Paula dissera que a menina era desequilibrada e perigosa, e furtara um espeto de churrasco da cozinha, atacando e matando o Comandante Saunders sem qualquer motivação. A Aia fugira, mas depois fora apanhada e enforcada, e seu cadáver havia sido exposto no Muro. Mas Shunammite dissera que sua Martha dissera que o motivo era um caso ilícito e depravado – a Aia e o marido tinham adquirido o hábito de fornicar no escritório. Foi por isso que a Aia teve oportunidade de assassiná-lo, e era também essa a sua motivação: ele vinha lhe pedindo coisas que a tinham feito enlouquecer de vez. O resto da história de Shunammite era igual: Paula descobrindo o cadáver, a captura da Aia, a forca. Shunammite havia acrescentado um detalhe: Paula teria ficado coberta de sangue ao vestir a calça no Comandante morto para manter as aparências.

Mas a história da pasta azul era bem diferente. Tinha o acréscimo de fotografias, e transcrições de muitas conversas gravadas às escondidas. Nunca existira nenhuma ligação ilícita entre o Comandante Saunders e sua Aia – apenas

as Cerimônias regulares, conforme disposto na lei. No entanto, Paula e o Comandante Kyle – meu antigo pai – vinham mantendo um caso antes mesmo de Tabitha, minha mãe, falecer.

Paula tinha feito amizade com a Aia e se ofereceu para ajudá-la a escapar de Gilead, já que sabia como a menina estava infeliz. Tinha até fornecido para ela um mapa e instruções, e o nome de diversos contatos do Mayday pelo caminho. Depois da partida da Aia, fora Paula quem enfiara o espeto no Comandante Saunders. Fora por isso que estava com tanto sangue nas roupas, e não por vestir a calça nele. Na verdade, ele nunca tinha chegado a tirá-la, pelo menos não naquela noite.

Ela tinha subornado sua Martha para confirmar sua história sobre a Aia assassina, conjugando o suborno com ameaças. Depois, chamara os Anjos acusando sua Aia, e todo o resto aconteceu. A infeliz menina foi encontrada vagando à toa pelas ruas, desesperada, já que o mapa era impreciso e os contatos do Mayday não existiam.

A Aia fora interrogada. (A transcrição do interrogatório estava em anexo, e foi uma leitura incômoda.) Embora ela tivesse admitido a tentativa de fuga e revelado a participação de Paula nisso, ela sustentava ser inocente na questão do assassinato – na verdade, sua total ignorância sobre o assassinato – até a dor ser demais para ela, e ela confessar o que não fizera.

Ela era visivelmente inocente. Mas ainda assim foi enforcada.

As Tias sabiam a verdade. Ou pelo menos uma delas sabia. Lá estavam as provas, na pasta bem diante dos meus olhos. Ainda assim, nada tinha acontecido com Paula. E uma Aia havia sido enforcada pelo crime em seu lugar.

Fiquei atordoada como se tivesse sido acertada por um raio. Mas eu não estava atordoada apenas por causa da história, eu estava atônita também quanto ao motivo dela ter sido colocada na minha escrivaninha. Por que uma desconhecida havia me passado uma informação tão perigosa?

Uma vez que uma história que você tinha como verdadeira se mostra falsa, você começa a desconfiar de todas as histórias. Será que alguém estava empenhado em me voltar contra Gilead? Será que as provas eram falsas? Será que foi a ameaça de Tia Lydia de revelar o crime de Paula que fez minha madrasta desistir de me casar à força com o Comandante Judd? Será que aquela

história horrível tinha comprado meu lugar de Tia no Ardua Hall? Seria aquilo um jeito de me contar que a minha mãe, Tabitha, não morrera por conta de uma doença e sim assassinada por Paula de algum modo, talvez até pelo Comandante Kyle? Eu não sabia no que acreditar.

Não havia pessoa a quem eu pudesse confiar aquela história. Nem mesmo Becka: não queria colocá-la em perigo tornando-a minha cúmplice. A verdade pode ser um perigo para aqueles que não deveriam conhecê-la.

Terminei meu trabalho daquele dia, deixando a pasta azul no local onde a encontrara. No dia seguinte, havia ali um novo discurso a ser copiado, e a pasta azul do dia anterior havia desaparecido.

No decorrer dos dois anos seguintes, vim a encontrar muitas pastas semelhantes à minha espera na escrivaninha. Todas continham provas sobre algum crime. As que continham crimes de Esposas eram azuis, as dos Comandantes pretas, as de profissionais – tais como médicos –, cinza, as das Econopessoas, listradas, as das Marthas, verde-fosco. Não havia nenhuma listando os crimes das Aias, e nenhuma para os das Tias.

A maioria dos arquivos que me deixavam era azul ou preto, e descrevia os mais diversos crimes. Aias eram forçadas a cometer ilegalidades, e depois a culpa era jogada nelas; Filhos de Jacob haviam maquinado um contra o outro; subornos e favores haviam sido trocados nos níveis mais altos da hierarquia; Esposas haviam tramado contra outras Esposas; Marthas ouviam conversas às escondidas e angariavam informações que depois vendiam; ocorreram misteriosas intoxicações alimentares, bebês haviam trocado de mão, passando de Esposa para Esposa, devido a boatos escandalosos que no entanto eram infundados. Esposas haviam sido enforcadas por adultérios inexistentes porque um Comandante desejava outra Esposa, mais jovem. Julgamentos públicos – que deveriam expurgar os traidores e purificar a liderança – tinham sofrido reviravoltas devido a confissões falsas, extraídas à base de tortura.

Prestar falso testemunho não era a exceção, era o costume. Por baixo de seu verniz de virtude e pureza, Gilead estava podre.

Fora o da Paula, o arquivo que me dizia respeito mais diretamente foi o do Comandante Judd. Era uma pasta grossa. Dentre outros delitos, continha provas

relativas às sinas de suas Esposas anteriores, com as quais ele havia sido casado antes do nosso breve noivado.

Ele se livrara de todas elas. A primeira tinha sido empurrada escada abaixo; tinha quebrado o pescoço. Disseram que ela deu um passo em falso e caiu. Conforme descobri lendo os outros arquivos, não era muito difícil fazer esse tipo de coisa parecer acidental. Dizia-se que duas de suas Esposas haviam morrido no parto, ou pouco depois; os bebês eram Não bebês, mas as mortes das Esposas tinham sido por septicemia ou choque deliberadamente induzidos. Em um dos casos, o Comandante Judd recusara-se a autorizar a operação quando um Não bebê de duas cabeças ficara alojado no canal endocervical. Não havia nada que se pudesse fazer, disse ele piedosamente, pois o coração do feto ainda batia.

A quarta Esposa tinha adquirido o hobby de pintar flores por sugestão do Comandante Judd, que fizera até a gentileza de comprar as tintas para ela. Então ela começou a desenvolver sintomas que podiam ser atribuídos à intoxicação por cádmio. Cádmio, observava o arquivo, era um conhecido agente cancerígeno, e a quarta Esposa sucumbira ao câncer de estômago pouco tempo depois.

Parece que eu evitara uma sentença de morte, e por pouco. E tinham me ajudado a evitá-la. Naquela noite, fiz uma prece agradecendo por aquilo: apesar das dúvidas, eu continuava a rezar. Obrigada, Senhor, falei. Ajuda-me com minha falta de fé. E acrescentei: ajuda também a Shunammite, porque com certeza ela vai precisar.

Nas primeiras vezes em que li aqueles arquivos, fiquei alarmada e enojada. Será que alguém estava tentando me fazer sofrer? Ou será que aquelas pastas faziam parte da minha educação? Estaria minha mente ficando mais forte? Será que eu estava sendo preparada para as tarefas de que depois, como Tia, eu viria a ser incumbida?

Era isso que as Tias faziam, foi o que aprendi. Elas registravam. Aguardavam. Usavam suas informações para atingir objetivos que somente elas conheciam. Suas armas eram segredos poderosos, mas que as contaminavam, como as Marthas sempre diziam. Segredos, mentiras, astúcia, logro – mas os segredos, as mentiras, a astúcia e o logro dos outros, assim como os delas.

Se eu continuasse morando no Ardua Hall – se eu realizasse meu trabalho missionário de Pérola e voltasse como Tia plena – era aquilo que eu ia me tornar.

Todos os segredos que eu havia descoberto, e sem dúvida muitos outros, seriam meus, para usar como eu julgasse conveniente. Todo aquele poder. Todo aquele potencial para julgar os perversos em silêncio, e para castigá-los de maneiras que seriam incapazes de prever. Toda aquela vingança.

Conforme já falei, eu tinha um lado vingativo pelo qual já havia sentido remorso. Havia sentido remorso, mas não o extirpara.

Não estaria sendo honesta se dissesse que não fiquei tentada.

XIX

Escritório

52

Levei um susto desagradável no começo da noite passada, meu leitor. Estava eu escrevinhando furtivamente na biblioteca deserta com minha pena e minha tinta azul para desenho, a porta aberta para o ar fluir, quando a cabeça de Tia Vidala subitamente brotou na beirada do meu escaninho particular. Não demonstrei o susto – tenho nervos de polímeros curáveis, como os de cadáveres plastinados –, porém tossi, por reflexo nervoso, fazendo deslizar o *Apologia pro vita sua* fechado sobre a folha que eu vinha escrevendo.

– Ah, Tia Lydia – disse Tia Vidala. – Espero que você não esteja se resfriando. Já não era hora de você estar na cama? – O sono eterno, pensei: é isso que você está me desejando.

– Apenas uma alergia – falei. – Muita gente as tem nessa época do ano. – Isso ela não poderia negar, já que ela mesma sofria tanto com elas.

– Desculpe incomodar – disse ela com falsidade. Seu olhar foi parar no volume do cardeal Newman. – Sempre pesquisando, pelo que vejo – disse ela. – Um herege de grande fama.

– Conhece teu inimigo – falei. – Posso ajudá-la com alguma coisa?

– Tenho uma questão crucial a discutir. Posso lhe oferecer uma xícara de leite quente no Café Schlafly? – perguntou ela.

– Que gentileza a sua – respondi. Recoloquei o Cardeal Newman na minha prateleira, dando as costas para ela para assim esconder minha página em tinta azul lá dentro.

Logo estávamos as duas sentadas a uma mesinha do café, eu com meu leite morno, Tia Vidala com seu chá de hortelã.

– Notei algo estranho na Ação de Graças das Pérolas – principiou ela.

– O que vem a ser? Acredito que tudo tenha corrido de forma bastante

normal.

– Aquela menina nova, a Jade. Ela não me convence – disse Tia Vidala. – Sua conversão não me parece provável.

– A conversão de todas parece improvável no começo – falei. – Mas elas querem um porto seguro, proteção contra a pobreza, a exploração, e a ruína que é tal vida moderna. Querem estabilidade, ordem, e regras claras. Vai demorar um pouco até ela se adaptar.

– A Tia Beatrice me contou daquela tatuagem ridícula no braço dela. Suponho que ela também tenha lhe contado. Imagine! Deus e Amor! Como se fôssemos nos deixar engabelar por essa tentativa descarada de bajulação! E que heresia! Para mim, tem cara de tapeação. Como você sabe se ela não é uma infiltrada do Mayday?

– Fomos perfeitamente capazes de identificá-los no passado – respondi. – Quanto à mutilação corporal, a juventude canadense é pagã; tem todo tipo de símbolo bárbaro incutido na pele. Creio que a tatuagem demonstre boas intenções; pelo menos não é uma libélula, caveira ou algo do gênero. Mas vamos prestar mais atenção nela.

– Devíamos apagar a tal tatuagem. É uma blasfêmia. A palavra *Deus* é sagrada, não pode ficar à mostra num braço.

– Apagá-la seria muito doloroso para ela nesse momento. Isso pode esperar. Não queremos desanimar nossa jovem Postulante.

– Se ela for uma a sério, do que eu duvido muito. Seria típico do Mayday tentar uma artimanha dessas. Acredito que ela tenha de ser interrogada. – Por ela mesma, era o que queria dizer. Ela gosta um pouco demais desses interrogatórios.

– A pressa é inimiga da perfeição – respondi. – Prefiro métodos mais sutis.

– Não costumava preferir, no começo – disse Vidala. – Você adorava um preto no branco. Antigamente um pouco de sangue não a incomodava. – Ela espirrou. Talvez devêssemos fazer algo a respeito do mofo nesse café, pensei. Por outro lado, talvez não.

Por ser tarde, liguei para o Comandante Judd em seu escritório domiciliar e solicitei uma reunião de emergência, que me foi concedida. Falei para o meu motorista me aguardar do lado de fora.

Quem abriu a porta foi a esposa de Judd, Shunammite. Ela não estava com a aparência nada boa: magra, pálida, olheiras profundas. Até que, relativamente, ela havia durado muito tempo, para uma Esposa do Judd; mas pelo menos ela havia tido um filho, ainda que tivesse sido um Não bebê. Agora, no entanto, seu tempo parecia estar se esgotando. Fiquei me perguntando o que Judd estaria colocando em sua sopa.

– Ah, Tia Lydia – disse ela. – Entre, por favor. O Comandante está à sua espera.

Por que ela viera pessoalmente abrir a porta? Abrir portas é serviço de Martha. Ela devia estar querendo alguma coisa comigo. Falei baixo:

– Shunammite, querida. – E sorri. – Você está doente? – Ela já fora uma moça tão vivaz, ainda que rude e importuna, mas agora não passava de um espectro adoentado.

– Eu não devia dizer que estou – sussurrou ela. – O Comandante me diz que não é nada. Diz que minhas queixas são imaginárias. Mas sei que estou com alguma coisa de errado.

– Posso providenciar uma avaliação em nossa clínica do Ardua Hall – falei. – Alguns exames.

– Eu teria que ter a permissão dele – disse ela. – Ele não quer me deixar.

– Vou obter a permissão dele para você – falei. – Não tema. – Então vieram as lágrimas e os obrigadas. Noutros tempos, ela teria se ajoelhado e beijado a minha mão.

Judd me aguardava em seu escritório. Eu já havia estado lá, às vezes com ele dentro, às vezes sem. É um espaço repleto de informações. Ele não devia levar trabalho para casa de seu gabinete nos Olhos e deixá-lo tão descuidadamente à vista.

Na parede à direita – a que não é visível da porta, para não chocar as moradoras do sexo feminino – há um quadro do século XIX com uma menina recém-entrada em idade núbil totalmente nua. Acrescentaram-se a ela asas de libélula para torná-la uma fada, sendo fadas naqueles tempos conhecidas por sua aversão a roupas. Ela tem um sorriso amoral e travesso e está parada sobre um cogumelo. É disso que Judd gosta – de meninas novas que podem ser vistas como não inteiramente humanas, com um quê de obscenas. Isso serve de

desculpa para a forma como as trata.

O escritório é forrado de livros, tal e qual todos esses escritórios de Comandantes. Eles gostam da acumulação, e de se gabar de suas aquisições, e de ostentar para os outros as suas pilhagens. O Judd tem uma coleção respeitável de biografias e livros de história – Napoleão, Stálin, Ceaușescu, e diversos outros líderes e controladores da humanidade. Ele tem várias edições de grande valor que invejo: o *Inferno* ilustrado por Doré, o *Alice no País das Maravilhas* do Dalí, o *Lisístrata* de Picasso. Ele tem ainda outro tipo de livro, menos respeitável: pornografia de época, que conheço por já ter examinado. Um gênero tedioso em grandes quantidades. Maus-tratos ao corpo humano têm um repertório limitado.

– Ah, Tia Lydia – disse ele, meio que levantando de sua poltrona num eco do que já foi considerado um comportamento cavalheiresco. – Sente-se e me conte o que lhe traz aqui tão tarde da noite. – Um sorriso radiante mas não refletido na expressão de seus olhos, que traíam temor e dureza.

– Temos uma emergência – falei, sentando-me na cadeira diante dele.

Seu sorriso desapareceu.

– Espero que nada grave.

– Nada irremediável. Tia Vidala suspeita que a menina chamada Jade seja uma infiltrada, enviada para desencavar informações e prejudicar nossa imagem. Ela quer interrogar a menina. Isso seria desastroso para qualquer utilização futura da Bebê Nicole.

– Concordo – disse ele. – Não conseguiríamos televisá-la depois disso. Em que posso ajudá-la?

– *Nos* ajudar – falei. É sempre bom relembrá-lo de que nosso pequeno navio corsário tem dois a bordo. – Uma ordem dos Olhos protegendo a menina de interferências até sabermos que ela pode ser apresentada de forma plausível como a Bebê Nicole. A Tia Vidala não está a par da identidade de Jade – acrescentei. – E não se deve revelar a ela. Ela já não é inteiramente confiável.

– Pode me explicar por quê? – perguntou ele.

– Por ora, você vai ter de confiar na minha palavra – falei. – E mais uma coisa. A sua Esposa, Shunammite, deve ser enviada à Clínica Bálsamo e Calma no Ardua Hall para receber tratamento médico.

Deu-se uma longa pausa enquanto nos olhávamos nos olhos por cima da escrivaninha.

– Tia Lydia, você leu a minha mente – disse ele. – Seria de fato preferível que ela estivesse a seus cuidados do que sob os meus. Caso alguma coisa venha a acontecer... caso ela seja acometida de alguma enfermidade fatal.

Venho relembrar aqui que não existe divórcio em Gilead.

– Uma sábia decisão – falei. – Você deve permanecer acima de qualquer suspeita.

– Eu dependo da sua discrição. Estou em suas mãos, cara Tia Lydia – disse ele, levantando-se detrás da mesa. Verdade, pensei. E é muito fácil uma mão se fechar em punho.

Agora, meu leitor, estou sob o fio da espada. Tenho duas opções: ou prossigo com meu plano, arriscado a ponto de ser temerário, e tento transferir meu pacote explosivo por meio da jovem Nicole, e, caso tenha êxito, estarei dando em Judd e Gilead o primeiro empurrão para o precipício. Caso eu não tenha êxito, naturalmente ficarei marcada como uma traidora e viverei na infâmia; ou melhor, morrerei na infâmia.

Ou posso escolher o caminho mais seguro. Posso entregar a Bebê Nicole ao Comandante Judd, onde ela brilharia intensamente por um momento antes de ser extinguida feito uma vela por sua insubordinação, já que a chance de ela aceitar humildemente sua posição aqui é zero. Então eu colheria minha recompensa em Gilead, que potencialmente é enorme. Tia Vidala seria neutralizada; talvez eu até conseguisse enviá-la a uma instituição psiquiátrica. Meu controle sobre o Ardua Hall passaria a ser completo e minha venerável velhice estaria garantida.

Eu teria que deixar de lado a ideia de me vingar de Judd, porque daí em diante ficaríamos mancomunados sem volta. A Esposa de Judd, Shunammite, seria uma fatalidade colateral. Eu coloquei Jade no mesmo dormitório de Tia Immortelle e Tia Victoria, de forma que, quando ela fosse eliminada, o destino das outras duas penderia na balança: culpa por associação se aplica em Gilead, tanto como em qualquer outro lugar.

Será que eu sou capaz de tal duplicidade? Seria capaz de trair tão absolutamente? Tendo cavado o túnel até tais profundezas de Gilead e deixado tanta pólvora lá, será que vou titubear? Sendo eu humana, é perfeitamente possível.

Nesse caso, eu destruiria essas páginas que escrevi com tanto afinco; e junto com elas eu destruiria você, meu futuro leitor. Um risco de fósforo e lá se vai você – eliminado como se jamais tivesse existido, como se nunca fosse existir. Eu te negaria a existência. Que sensação divina! Ainda que de um deus aniquilador.

Eu hesito, eu hesito.

Mas amanhã é outro dia.

XX

LINHAGENS

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

53

Eu tinha conseguido entrar em Gilead. Eu pensava que sabia muito sobre o país, mas viver a coisa é sempre diferente, e com Gilead, era muito diferente. Gilead era escorregadio feito gelo: eu vivia sentindo que estava perdendo o equilíbrio. Eu não conseguia ler o rosto das pessoas, e muitas vezes não sabia o que estavam dizendo. Eu ouvia as palavras, compreendia as palavras em si, mas não conseguia extrair sentido delas.

Naquela primeira reunião na capela, depois de ajoelharmos e cantarmos, quando Tia Beatrice me levou a um banco para que eu sentasse, contemplei o salão cheio de mulheres. Todas estavam me olhando fixamente e sorrindo de um jeito meio simpático, meio faminto, como naquelas cenas de filmes de terror em que você percebe que os aldeões vão acabar se revelando vampiros.

Então teve a vigília da madrugada inteira para as novas Pérolas: era para meditarmos em silêncio ajoelhadas. Ninguém tinha me falado aquilo: Quais eram as regras? Será que era preciso levantar a mão para ir ao banheiro? Caso esteja se perguntando, a resposta era sim. Horas disso depois – minhas pernas estavam com cãibra, a sério – uma das novas Pérolas, acho que uma do México, começou a chorar histericamente e depois a berrar. Duas Tias a pegaram pelo braço e saíram com ela. Depois fiquei sabendo que a transformaram em Aia, então que bom que fiquei de bico calado.

No dia seguinte, recebemos umas roupas marrons muito feias, e de repente estávamos sendo tocadas feito gado para um estádio esportivo onde nos fizeram sentar na arquibancada, enfileiradas. Ninguém tinha falado em esportes em Gilead – eu achava que não tinham nenhum –, mas aquilo não era esporte. Era uma Particicução. Tinham nos contado que existiam na escola, mas não forneceram grandes detalhes, creio que porque não queriam nos traumatizar.

Hoje eu consigo entender o porquê.

Era uma execução dupla: dois homens literalmente reduzidos a pedaços por uma turba furiosa de mulheres. Gritava-se, chutava-se, mordia-se, sangue por toda parte, especialmente nas Aias: elas ficaram recobertas. Algumas levantavam os pedaços que tinham nas mãos – chumaços de cabelo, aparentemente um dedo – e aí as outras gritavam e davam vivas.

Foi repulsivo; foi aterrorizante. Acrescentou uma camada totalmente nova ao que eu entendia ser uma Aia. Talvez minha mãe tivesse sido daquele jeito, pensei eu: feroz.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

54

Becka e eu fizemos o melhor possível para instruir a nova Pérola, Jade, da forma como Tia Lydia nos pediu, mas era como falar com a parede. Ela não tinha paciência para se sentar direito; ela se remexia, se contorcia, não parava com os pés no lugar.

– É assim que a mulher deve se sentar – dizia-lhe Becka, demonstrando.

– Sim, Tia Immortelle – dizia ela, e ensaiava uma tentativa. Mas essas tentativas nunca duravam muito, e logo ela estava toda encurvada de novo e cruzando os tornozelos sobre os joelhos.

No primeiro jantar de Jade no Ardua Hall, ela sentou entre nós, pois ela era muito desleixada. Apesar disso, ela teve um comportamento insensato. Tinha pão e uma sopa indefinida – às segundas-feiras, muitas vezes elas misturavam as sobras e acrescentavam algumas cebolas – e uma salada de ervilhaca com nabo.

– Esta sopa – disse ela. – Parece água suja com mofo. Não vou comer isso.

– Shhh... Agradecei o alimento recebido – sussurrei para ela em resposta. – Deve ser nutritiva mesmo assim.

A sobremesa foi tapioca mais uma vez.

– Isso aí não dá. – Ela largou a colher, que retiniu na mesa. – Olhos de peixe no molho de cola.

– É falta de respeito não comer tudo – disse Becka. – A não ser que você esteja jejuando.

– Pode ficar com a minha – disse Jade.

– Está todo mundo olhando – falei.

Quando ela chegou, tinha o cabelo esverdeado – era esse tipo de mutilação que gostavam de se infligir no Canadá, pelo jeito –, mas fora do nosso apartamento ela tinha que deixar o cabelo coberto, de forma que isso não foi

notado por muitas. Então ela começou a arrancar fios da própria nuca. Disse ela que isso a ajudava a pensar.

– Se ficar fazendo isso, vai acabar ficando com uma falha – disse-lhe Becka. Tia Estée nos ensinara aquilo quando estávamos na Escola preparatória Pré-nupcial Rubis: se você arrancar cabelos com frequência, eles não voltam mais a crescer. O mesmo valia para sobrancelhas e cílios.

– Eu sei – disse Jade. – Mas ninguém vê nosso cabelo nesse lugar, mesmo. – Ela nos sorriu, confiante. – Um dia vou raspar minha cabeça.

– Não faça isso! O cabelo da mulher é sua glória – disse Becka. – Você o ganhou para ficar coberta. Isso está em Coríntios I.

– Só uma glória? O cabelo? – disse Jade. Seu tom era abrupto, mas não acho que tivesse a intenção de ser rude.

– Por que você gostaria de se envergonhar raspando a própria cabeça? – perguntei com a maior suavidade que pude. Se você fosse mulher, não ter cabelo era sinal de desonra: às vezes, depois que o marido reclamava, as Tias tosquiavam o cabelo de uma Econoesposa desobediente ou ranzinza antes de prendê-la no tronco em público.

– É só para ver como eu fico careca – disse Jade. – Está na minha lista do balde.

– Tome cuidado com o que diz para as outras – aconselhei. – Becka... Tia Immortelle e eu perdoamos, e entendemos que você acabou de vir de uma cultura degenerada; estamos tentando te ajudar. Mas outras Tias, especialmente as mais velhas como a Tia Vidala, estão sempre à procura de falhas.

– Sim, você tem razão – disse Jade. – Quer dizer, sim, Tia Victoria.

– O que é uma lista do balde? – perguntou Becka.

– Coisas que quero fazer antes de morrer.

– Por que se chama assim?

– Vem de "chutar o balde" – disse Jade. – É só um ditado. – Porém, vendo como estávamos confusas, ela continuou. – Acho que é da época em que costumavam enforcar o pessoal em árvores. Faziam a pessoa subir num balde e colocavam a corda no pescoço, e os pés da pessoa ficavam chutando, e naturalmente acabavam chutando o balde. É minha teoria.

– Aqui a gente não enforca as pessoas assim – disse Becka.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

55

Logo percebi que as duas jovens Tias do Corredor C não me aprovavam; mas elas eram tudo o que eu tinha, porque eu não tinha abertura para falar com mais ninguém. Tia Beatrice tinha sido amável comigo enquanto me convertia, em Toronto, mas agora que eu já estava ali, já não era problema dela. Ela sorria para mim de forma distante quando eu cruzava com ela, mas era só.

Quando parava para pensar na situação, eu sentia medo, mas tentei não deixar o medo me dominar. Eu também estava me sentindo muito sozinha. Não tinha nenhum amigo por ali, nem podia entrar em contato com ninguém de casa. Ada e Elijah estavam bem longe. Eu sentia muita saudade de Garth. Eu devaneava lembrando das coisas que tínhamos feito juntos: dormir no cemitério, pedir dinheiro na rua. Eu sentia saudade até da *junk food* que comíamos. Será que eu voltaria para lá algum dia, e se voltasse, o que ia acontecer? Garth devia ter namorada. Como poderia não ter? Eu nunca havia lhe perguntado porque não queria saber a resposta.

Mas uma das minhas maiores angústias era sobre a pessoa que Ada e Elijah chamavam de fonte – seu contato dentro de Gilead. Quando essa pessoa iria surgir na minha vida? E se ela não existisse? Se não houvesse "fonte", eu ficaria presa ali em Gilead para sempre, porque não existiria ninguém para me tirar dali.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

56

Jade era muito desorganizada. Ela deixava seus objetos jogados pela nossa sala comum – suas meias, o cinto de seu novo uniforme de Postulante noviça, às vezes até os sapatos. Nem sempre ela dava a descarga no vaso sanitário. Encontrávamos seus fios de cabelo rolando pelo chão do banheiro, sua pasta de dentes na pia. Ela tomava banhos em horários não autorizados até frisarmos muito que era proibido, várias vezes. Sei que são coisas triviais, mas, quando se mora junto, isso vai se acumulando.

Também havia a questão da tatuagem em seu braço esquerdo. Dizia DEUS e AMOR, em formato de cruz. Ela alegava ser um sinal de sua conversão legítima à nossa fé, mas disso eu duvidava, já que em certa ocasião ela deixou escapar que achava que Deus era "um amigo imaginário".

– Deus é um amigo de verdade, não um imaginário – disse Becka.

– Desculpe se desrespeitei a crença da sua cultura – disse Jade, o que não melhorou a situação aos olhos de Becka: chamar Deus de "crença da sua cultura" era pior ainda do que chamá-lo de amigo imaginário. Percebemos que Jade nos achava burras; no mínimo, nos achava supersticiosas.

– Você devia mandar apagar essa tatuagem – disse Becka. – É uma blasfêmia.

– É, talvez você tenha razão – disse Jade. – Digo, sim, Tia Immortelle, obrigada pelo conselho. De qualquer forma, coça como o diabo.

– O diabo faz coisa pior que dar coceira – disse Becka. – Vou orar por sua salvação.

Quando Jade estava em seu quarto, no andar de cima, muitas vezes ouvíamos batidas e gritos abafados. Seria aquilo alguma forma bárbara de oração? Afinal acabei perguntando o que ela estava fazendo lá dentro.

– Treinando – disse ela. – É uma espécie de exercício físico. Pra continuar forte.

– Os homens são fortes no corpo – disse Becka. – E na mente. As mulheres são fortes de espírito. Ainda que seja permitido o exercício físico moderado, como caminhadas, caso a mulher esteja em idade fértil.

– Por que você acha que precisa ter o corpo forte? – perguntei a ela. Cada vez mais eu me via curiosa a respeito de suas crenças pagãs.

– Para o caso de algum cara te agredir. Você precisa saber como enfiar seus dedos no olho dele, acertar joelhada no saco, dar um soco no coração. Vou mostrar como se faz. O punho tem que ser fechado assim: dobrar os dedos bem fechados, o polegar bem preso entre os nós, e ficar com o antebraço reto. Aí é só mirar no coração. – Ela acertou um soco forte no sofá.

Becka ficou tão atônita que teve de sentar.

– Mulher não bate em homem – disse ela. – Nem em ninguém, exceto quando é requerido por lei, como nas Particicuções.

– Ora, que conveniente! – disse Jade. – Então é pra deixar eles fazerem o que bem entendem?

– Você não deve incitar os homens – disse Becka. – Se você fizer isso, o que acontecer é culpa sua, em parte.

Jade ficou olhando para nós, da cara de uma para a da outra.

– Culpar a vítima? – disse ela. – Sério isso?

– Perdão? – disse Becka.

– Esquece. Então você está me dizendo que é um beco sem saída – disse Jade. – O que quer que a gente faça, estamos ferradas. – Nós duas ficamos olhando para ela em silêncio. Nenhuma resposta já é uma resposta, como dizia Tia Lise.

– Tá certo – disse ela. – Mas vou praticar mesmo assim.

Quatro dias depois que Jade chegou, Tia Lydia me chamou e também chamou Becka para o seu escritório.

– Como está indo a nova Pérola? – perguntou ela. Quando hesitei, ela disse: – Fale de uma vez!

– Ela não sabe se portar – falei.

Tia Lydia sorriu seu sorriso de nabo encarquilhado.

– Lembrem-se, faz pouco tempo que ela veio do Canadá – disse ela –, então

não tem noção das coisas. Convertidas recentes costumam ser assim ao chegar. É dever de vocês, no momento, ensiná-la a se portar de forma mais segura.

– Nós temos tentado, Tia Lydia – disse Becka. – Mas ela é muito...

– Teimosa – disse Tia Lydia. – Não me surpreendo com isto. O tempo cura isto. Façam o melhor possível. Podem ir. – Saímos da sala quase de lado, como sempre fazíamos ao sair do escritório de Tia Lydia: era falta de educação ficar de costas para ela.

As pastas com crimes continuaram a surgir na minha escrivaninha na Biblioteca Hildegard. Eu não conseguia decidir o que pensar: num dia eu sentia que seria uma bênção ser uma Tia plena – conhecendo todos os segredos cuidadosamente guardados das Tias, exercendo poderes ocultos, infligindo retaliações. No dia seguinte eu pensava na minha alma – porque eu acreditava ter uma – e em como ela ficaria desvirtuada e corrupta caso eu viesse a agir daquela maneira. Estaria meu cérebro mole e pantanoso se enrijecendo? Estaria eu me tornando dura, pétrea, inflexível? Estaria eu trocando minha natureza feminina suave e atenciosa por uma cópia imperfeita da natureza espinhosa e fria dos homens? Eu não queria fazer isso, porém como evitá-lo se minha aspiração era ser Tia?

Então aconteceu algo que alterou minha percepção do universo e me fez dar graças novamente pela intervenção da Providência Divina.

Ainda que eu tivesse ganhado acesso à Bíblia e tivesse recebido uma série de arquivos sobre crimes perigosos, eu ainda não havia obtido autorização para acessar os Arquivos das Linhagens Genealógicas, que ficavam em uma sala trancada. Quem podia entrar dizia que a sala continha estantes e mais estantes de pastas. Elas estavam organizadas nas prateleiras segundo a patente, apenas dos homens: Econo-homens, Guardiões, Anjos, Olhos, Comandantes. Dentro dessas categorias, as Linhagens estavam organizadas por local, e em seguida por sobrenome. As mulheres estavam dentro das pastas dos homens. As Tias não possuíam pastas; não se registravam suas Linhagens porque elas não teriam filhos. Aquilo secretamente me dava certa tristeza: eu gostava de crianças, sempre quis ter filhos, eu só não queria o que vinha junto com elas.

Todas as Postulantes recebiam um breve informe sobre a existência e a finalidade dos Arquivos. Eles continham o conhecimento de quem as Aias

tinham sido antes de ser Aias, e quem eram seus filhos, e quem eram os pais: não só os pais declarados, como também os ilegais, pois havia muitas mulheres – tanto Esposas como Aias – que estavam desesperadas por filhos viessem como viessem. Mas em todos os casos as Tias registravam as Linhagens: com tantos homens de mais idade se casando com meninas tão jovens, Gilead não podia se arriscar a permitir a procriação consanguínea perigosa e pecaminosa entre pais e filhas, o que podia muito bem ocorrer se ninguém tomasse conta.

Mas somente depois de concluído meu trabalho como missionária Pérola eu teria acesso àqueles Arquivos. Eu mal podia esperar pelo momento em que eu teria a capacidade de pesquisar minha própria mãe – não Tabitha, mas a mãe que fora Aia. Naqueles arquivos secretos, eu conseguiria descobrir quem ela era, ou tinha sido – será que ainda estava viva? Eu sabia que era arriscado – talvez eu não gostasse do que iria descobrir –, mas eu precisava tentar, pelo menos. Talvez conseguisse até rastrear meu verdadeiro pai, ainda que as chances disso fossem menores, pois ele não era um Comandante. Se eu conseguisse encontrar minha mãe, eu teria uma história em vez de um zero. Eu teria um passado além do meu próprio passado, ainda que talvez não fosse ter necessariamente um futuro com aquela mãe desconhecida dentro dele.

Certa manhã, descobri uma pasta dos Arquivos sobre a minha escrivaninha. Havia um bilhete escrito à mão preso com um clipe à frente: *A linhagem de Agnes Jemima*. Prendi a respiração ao abrir aquela pasta. Lá dentro havia o registro das Linhagens do Comandante Kyle. Paula estava na pasta, e seu filho, Mark. Eu não fazia parte dessa Linhagem, de forma que não constava como irmã de Mark. Mas seguindo a linha do Comandante Kyle consegui descobrir o verdadeiro nome da pobre Crystal – a Ofkyle, que morrera no parto –, porque o pequeno Mark também fazia parte da Linhagem dela. Fiquei me perguntando se alguém contaria para ele algum dia que ela lhe dera à luz. Não, a não ser em último caso, foi o que pensei.

Enfim localizei a Linhagem sobre mim. Não estava onde deveria estar – dentro da pasta do Comandante Kyle, no período relativo à sua primeira Esposa, Tabitha. Em vez disso, estava no fundo da pasta, em uma subpasta isolada.

Havia a foto da minha mãe. Era uma foto dupla, como aquelas que vemos nos cartazes de Procuradas, com as Aias fugitivas: o rosto de frente, o perfil. Seu cabelo era claro, puxado para trás; ela era jovem. Ela me olhava direto nos olhos:

o que estaria tentando me dizer? Não estava sorrindo, mas por que o faria? Sua foto certamente tinha sido tirada pelas Tias, ou senão, pelos Olhos.

O nome sob a foto havia sido suprimido com tinta azul muito opaca. Havia, porém, atualizações anotadas: *Mãe de Agnes Jemima, atual Tia Victoria. Fugiu para o Canadá. Atualmente trabalha como agente de inteligência da organização terrorista Mayday. Houve duas tentativas de eliminação (sem sucesso). Localização atualmente desconhecida.*

Embaixo disso, dizia *Pai Biológico,* mas o nome dele também havia sido suprimido. Não havia foto. As anotações diziam: *Atualmente no Canadá. Dizem ser agente do Mayday. Localização desconhecida.*

Será que eu me parecia com a minha mãe? Eu queria achar que sim.

Será que eu me lembrava dela? Eu tentei. Eu sabia que eu devia ser capaz de conseguir, mas o passado era obscuro demais.

A memória era uma coisa tão cruel. Não conseguimos lembrar do que foi que esquecemos. Do que nos obrigaram a esquecer. Do que tivemos que esquecer, para poder fingir que vivemos aqui com alguma normalidade.

Me perdoe, sussurrei. Ainda não posso te trazer de volta. Ainda não.

Pus a mão sobre a foto da minha mãe. Será que estava quentinha? Eu queria que estivesse. Eu queria crer que aquela foto irradiava amor e afeto – não era uma imagem muito lisonjeira, mas não me importava. Eu queria achar que aquele amor estava entrando em mim pela minha mão. Um faz de conta bastante infantil, eu sei. Mas me reconfortou de qualquer forma.

Virei a página: havia outro documento. Minha mãe tivera outra filha. Essa filha fora levada clandestinamente para o Canadá ainda bebê. Seu nome era Nicole. Havia uma foto.

Bebê Nicole.

Bebê Nicole, por quem orávamos em toda ocasião solene no Ardua Hall. Bebê Nicole, cujo rostinho iluminado de querubim aparecia tantas vezes na televisão de Gilead como símbolo do injusto tratamento internacional para com Gilead. Bebê Nicole, que era praticamente uma santa e mártir, e com certeza um ícone – aquela Bebê Nicole era minha irmã.

Sob o último parágrafo de texto havia uma linha de caligrafia bruxuleante em tinta azul: *Ultrassecreto. A Bebê Nicole está aqui em Gilead.*

Parecia impossível.

Senti uma torrente de gratidão – eu tinha uma irmã mais nova! Mas também sentia medo: se a Bebê Nicole estava aqui em Gilead, por que as pessoas não estavam todas sabendo? Haveria grande júbilo e a comemoração seria generalizada. Por que tinham contado justo para mim? Eu me sentia enredada, ainda que com redes invisíveis. Será que minha irmã estava correndo perigo? Quem mais sabia que ela estava aqui, e o que fariam contra ela?

Àquela altura eu já sabia que a pessoa que me deixava aquelas pastas só podia ser Tia Lydia. Mas por que estaria fazendo aquilo? E como ela pretendia que eu reagisse? Minha mãe estava viva, mas também estava sentenciada à morte. Fora considerada uma criminosa; pior ainda, uma terrorista. Quanto dela havia dentro de mim? Será que eu continha alguma mácula? Seria essa a mensagem? Gilead tinha tentado assassinar minha mãe renegada e fracassara. Eu deveria ficar feliz com isso, ou triste? A quem eu deveria minha lealdade?

Então, por impulso, fiz uma coisa muito perigosa. Prestando atenção para ver se ninguém ia perceber, surrupiei as duas páginas com suas fotos coladas da pasta das Linhagens, as dobrei várias vezes e as escondi na manga. É que eu não conseguia suportar a ideia de me separar delas. Foi uma atitude tola e impensada, mas não foi a única coisa tola e impensada que já fiz na vida.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

57

Era quarta, dia do raio que o parta. Depois do café da manhã pútrido de sempre, recebi um recado de que deveria comparecer imediatamente ao escritório de Tia Lydia.

– O que quer dizer isso? – perguntei a Tia Victoria.

– Ninguém nunca sabe o que Tia Lydia tem em mente – respondeu ela.

– Será que fiz alguma coisa ruim? – Uma coisa era certa: a seleção de coisas ruins a serem feitas era grande.

– Não necessariamente – disse ela. – Talvez você tenha feito alguma coisa boa.

Tia Lydia estava à minha espera em seu escritório. A porta estava entreaberta, e ela me mandou entrar antes mesmo de eu bater.

– Feche a porta e sente-se – disse ela.

Eu me sentei. Ela olhou para mim. Eu olhei para ela. É estranho, porque eu sei que ela deveria ser a abelha-rainha poderosa e malvada do Ardua Hall, mas naquele momento não a achei assustadora. Ela tinha uma enorme pinta no queixo: tentei não olhar fixamente. Fiquei me perguntando por que não tinha mandado tirá-la.

– O que está achando daqui, Jade? – disse ela. – Está se adaptando?

Eu devia ter dito que sim, ou muito bem, ou algo do gênero, conforme meu treinamento. Em vez disso o que saiu foi:

– Nada bem.

Ela sorriu, exibindo seus dentes amarelados.

– Muitas se arrependem no começo – disse ela. – Você gostaria de voltar ao Canadá?

– Mas como? – perguntei. – Com macacos alados?

– Sugiro que refreie esse tipo de comentário insolente quando estiver em

público. As repercussões podem ser dolorosas para você. Você tem algo a me mostrar?

Eu não entendi nada.

– Como o quê? – perguntei. – Não, eu não trouxe...

– No seu braço, por exemplo. Embaixo da manga.

– Ah – falei. – O meu braço.

Arregacei a manga: lá estava o DEUS/AMOR, não exatamente em boa forma.

Ela olhou bem para ele.

– Obrigada por cumprir o que foi solicitado – disse ela.

Fora ela quem solicitara aquilo?

– Você é a fonte? – perguntei.

– A o quê?

Será que eu estava com problemas?

– Você sabe, aquela que... quer dizer...

Ela me interrompeu:

– Você precisa aprender a editar seus pensamentos – disse ela. – Engula-os. Agora, seguindo em frente. Você é a Bebê Nicole, conforme deve ter ouvido falar no Canadá.

– Sim, mas preferia não ser – falei. – Não estou feliz com isso.

– Sei que diz a verdade – disse ela. – Mas muitos de nós preferíamos não ser quem somos. Não temos opções ilimitadas nesse setor. Agora, você está pronta para ajudar seus amigos lá do Canadá?

– O que preciso fazer? – perguntei.

– Venha até aqui e coloque o braço na escrivaninha – disse ela. – Não vai doer nada.

Ela pegou uma lâmina fina e fez um cortezinho na minha tatuagem, na base do *O*. Depois, usando uma lupa e um minúsculo par de pinças, ela inseriu algo muito diminuto no meu braço. Ela estava errada quanto a não doer.

– Ninguém pensaria em procurar dentro de Deus. Agora você é um pombo-correio, só nos falta te transportar. É mais difícil hoje em dia do que antigamente, mas daremos nosso jeito. Ah, e não conte isso a ninguém até ser autorizada. Bocas fechadas salvam armadas, e quando elas não se salvam, pessoas morrem. Não é?

– É sim – respondi. Agora eu tinha uma arma letal no braço.

– Sim, *Tia Lydia*. Nunca, jamais negligencie a boa educação aqui. Você pode ser denunciada, mesmo que por uma pequeneza dessas. A Tia Vidala adora aplicar Corretivos.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

58

Duas manhãs depois de eu ter lido meu arquivo de Linhagens, fui convocada ao escritório de Tia Lydia. Solicitaram também a presença de Becka; fomos andando juntas. Achamos que iam nos perguntar de novo como Jade estava se saindo, se estava feliz conosco, se estava pronta para seu teste de alfabetização, se era firme na fé. Becka disse que ia pedir para Jade ser transferida para outro lugar, porque nós tínhamos sido incapazes de lhe ensinar qualquer coisa. Ela simplesmente não nos dava ouvidos.

Mas Jade já estava no escritório de Tia Lydia quando chegamos ali, sentada em uma cadeira. Ela nos sorriu um sorriso apreensivo.

Tia Lydia nos pediu para entrar, depois olhou para os dois lados do corredor antes de fechar a porta.

– Obrigada por virem até aqui – disse ela. – Podem se sentar.

Sentamos nas duas cadeiras disponíveis, uma de cada lado de Jade. Tia Lydia também se sentou, apoiando ambas as mãos sobre a mesa ao se abaixar. Suas mãos tremiam de leve. Peguei-me pensando: Ela está ficando velha. Mas aquilo parecia impossível: Tia Lydia era eterna.

– Tenho informações para dividir com vocês que vão afetar seriamente o futuro de Gilead – disse Tia Lydia. – Vocês três terão um papel crucial a desempenhar. Vocês têm a coragem necessária? Estão preparadas?

– Sim, Tia Lydia – falei, e Becka repetiu o mesmo. As Postulantes mais jovens estavam sempre ouvindo que tinham um papel crucial a desempenhar, e que precisavam demonstrar coragem. Geralmente, queria dizer que você ia ter que renunciar a algo como tempo ou alimento.

– Que bom. Vou ser breve. Primeiro de tudo, devo informar a você, Tia Immortelle, algo que as outras duas já estão a par. A Bebê Nicole está aqui, em

Gilead.

Não entendi: por que tinham contado a Jade uma notícia de tal importância? Ela não devia nem ter ideia do impacto que a aparição daquele ícone causaria entre nós.

– É mesmo? Ah, louvado seja, Tia Lydia! – disse Becka. – Que notícia maravilhosa. Aqui? Em Gilead? Mas por que todos já não estão sabendo? Parece milagre!

– Controle-se, por favor, Tia Immortelle. Agora preciso acrescentar que a Bebê Nicole é meia-irmã da Tia Victoria.

– Puta merda! – exclamou Jade. – Não acredito!

– Jade, vou fingir que não ouvi isso – disse Tia Lydia. – Autorrespeito, autoconhecimento, autocontrole.

– Desculpe – murmurou Jade.

– Agnes! Digo, Tia Victoria! – disse Becka. – Você tem uma irmã! Que alegria!! E é a Bebê Nicole! Que sorte, a Bebê Nicole é uma gracinha. – A foto-padrão da Bebê Nicole estava na parede de Tia Lydia: de fato, ela era uma gracinha, mas, afinal de contas, todo bebê é. – Posso te dar um abraço? – pediu Becka. Ela estava fazendo força para não levar a mal. Deve ter sido triste para ela eu descobrir que tinha uma parente sem ter, ela mesma, nenhum: até seu pai de mentira tinha acabado de ser executado na maior desonra.

– Acalme-se, por favor – disse Tia Lydia. – Já passou muito tempo desde que a Bebê Nicole era bebê. Agora ela já cresceu.

– Claro, Tia Lydia – disse Becka. Ela se sentou e juntou as mãos sobre o colo.

– Mas se ela está aqui em Gilead, Tia Lydia – perguntei – onde ela está, exatamente?

Jade deu risada. Que mais parecia um latido.

– Ela está no Ardua Hall – disse Tia Lydia, sorrindo. Parecia uma brincadeira de charadas: ela estava se divertindo. Nossas expressões deviam estar totalmente confusas. Conhecíamos todas em Ardua Hall, então onde estaria a Bebê Nicole?

– Ela está nessa sala mesmo – anunciou Tia Lydia. Ela fez um gesto com a mão: – A Jade aqui é a Bebê Nicole.

– Não pode ser! – falei. A Jade era a Bebê Nicole? E por conseguinte era minha irmã?

Becka estava boquiaberta, olhando para Jade.

– Não – murmurou ela. Seu rosto era de infelicidade.

– Desculpe não ser uma gracinha – disse Jade. – Eu tentei, mas sou péssima nisso. – Acredito que para ela isso era uma espécie de piada, para deixar a atmosfera mais leve.

– Ah... não quis dizer que... – falei. – É só que... você não se parece com a Bebê Nicole.

– Não se parece, mesmo – disse Tia Lydia. – Mas se parece com você.

Era verdade até certo ponto: os olhos sim, mas o nariz não. Reparei nas mãos de Jade, que desta vez por acaso estavam juntas em seu colo. Tive vontade de lhe pedir que estendesse seus dedos para eu poder compará-los aos meus, mas senti que isso poderia ofendê-la. Não queria que ela pensasse que eu estava demandando provas demais de sua identidade, ou pior, rejeitando-a.

– Estou muito contente de ter uma irmã – disse para ela educadamente, agora que eu estava começando a superar o choque. Aquela garota desajeitada tinha a mesma mãe que eu. Eu ia ter que me esforçar ao máximo.

– Que sorte a de vocês – disse Becka. Sua voz era tristonha.

– E você é como se fosse minha irmã – falei para ela – então Jade é sua irmã também. – Eu não queria que Becka se sentisse de fora.

– Posso te dar um abraço? – disse Becka para Jade; ou, como suponho que deva chamá-la nesse relato, Nicole.

– Sim, acho que sim – disse Nicole. E recebeu um breve abraço de Becka. Eu fiz o mesmo em seguida. – Obrigada – disse ela.

– Obrigada, Tias Immortelle e Victoria – disse Tia Lydia. – Vocês estão demonstrando um excelente espírito de aceitação e inclusão. Agora, necessito que prestem a máxima atenção.

Voltamos os rostos para ela.

– Nicole não ficará conosco por muito tempo – disse Tia Lydia. – Ela vai deixar o Ardua Hall em breve, e vai viajar de volta para o Canadá. Ela vai levar consigo uma importante mensagem. Desejo que vocês duas a ajudem.

Fiquei pasma. Por que Tia Lydia ia deixá-la voltar? Nenhuma convertida jamais voltava para seu local de origem – era traição –, e, caso a pessoa fosse a Bebê Nicole, a traição era dez vezes pior.

– Mas, Tia Lydia – falei. – Isso é contra a lei, e também contra a vontade de Deus segundo os Comandantes.

– De fato, Tia Victoria. Mas conforme você e Tia Immortelle têm lido em boa parte das pastas secretas que venho encaminhando a vocês, não estão a par do grau de corrupção deplorável em que Gilead atualmente se encontra?

– Sim, Tia Lydia, mas, com certeza... – Antes, eu não tivera certeza de que Becka também ganhara os arquivos criminais. Ambas havíamos obedecido à classificação ULTRASSECRETA; porém, mais importante, cada uma se preocupou em poupar a outra.

– No começo, as metas de Gilead eram puras e nobres, todas nós concordamos nisto – disse ela. – Mas foram subvertidas e conspurcadas por egoístas com sede de poder, como tantas vezes já aconteceu no decorrer da história. Deve ser da vontade de vocês que isso seja corrigido.

– Sim – disse Becka, assentindo. – É da nossa vontade, sim.

– Lembrem-se, além disso, de seus votos. Vocês se comprometeram a ajudar mulheres e meninas. Quero crer que o fizeram a sério.

– Sim, Tia Lydia – falei. – Foi a sério.

– Isso vai ajudar estas mulheres e meninas. Não quero obrigá-las a fazer nada contra a própria vontade, mas por outro lado preciso explicar bem o que está em jogo. Agora que lhes revelei este segredo, de que a Bebê Nicole está aqui, e que ela vai atuar como minha mensageira em breve, cada minuto transcorrido sem vocês revelarem este segredo aos Olhos contará como traição. Porém, mesmo que decidam revelar, ainda assim podem vir a sofrer castigos severos, talvez até mesmo serem eliminadas por terem segurado a informação, ainda que por apenas um instante. Desnecessário dizer que eu serei executada, e Nicole logo será praticamente um papagaio na gaiola. E, caso não obedeça, vão matá-la, de um jeito ou de outro. Não vão nem hesitar: vocês leram os arquivos criminais.

– Você não pode fazer isso com elas! – disse Nicole. – Isso não é justo, é chantagem emocional!

– Compreendo seu ponto de vista, Nicole – disse Tia Lydia –, mas suas ideias juvenis sobre justiça não se aplicam neste caso. Guarde o que sente para você, e se deseja voltar a ver o Canadá, o mais sábio é considerar isso uma ordem.

Ela se voltou para nós duas.

– Vocês têm, é claro, liberdade para tomar suas decisões. Vou deixar a sala; Nicole, venha comigo. Queremos que sua irmã e a amiga dela tenham privacidade para melhor ponderar as possibilidades. Voltamos em cinco

minutos. Então, vou pedir que respondam apenas com sim ou não. Outros detalhes relativos à sua missão serão fornecidos no devido tempo. Venha, Nicole. – Ela tomou o braço de Nicole e a levou para fora.

Os olhos de Becka estavam arregalados, assustados, assim como os meus deviam estar.

– Nós temos que aceitar – disse Becka. – Não podemos deixá-las morrer. A Nicole é sua irmã, e Tia Lydia...

– Aceitar o quê? – repliquei. – Não sabemos o que ela está nos pedindo.

– Ela está nos pedindo obediência e lealdade – disse Becka. – Lembra como ela nos salvou, a mim e a você? Nós temos que dizer sim.

Depois de sairmos da sala de Tia Lydia, Becka foi à biblioteca cumprir seu turno diurno, e Nicole e eu voltamos andando para nosso apartamento.

– Agora que somos irmãs – falei – você pode me chamar de Agnes quando estivermos sozinhas.

– Certo, vou tentar – disse Nicole.

Chegamos à sala comum.

– Tenho algo para lhe mostrar – falei. – Só um minuto.

Subi as escadas. Eu tinha guardado as duas páginas dos arquivos de Linhagens embaixo do meu colchão, dobradas bem pequenas. Quando voltei, desdobrei-as com cuidado e as alisei com a mão. Uma vez que eu as coloquei sobre a mesa, Nicole – tal como eu – não resistiu a repousar a mão em cima da foto de nossa mãe.

– Que incrível – disse ela. Ela tirou a mão, contemplou a foto mais um pouco. – Você acha que ela se parece comigo?

– Fiquei pensando a mesma coisa – falei.

– Você consegue se lembrar de alguma coisa dela? Eu devia ser muito nova.

– Não sei – falei. – Às vezes, acho que sim. Parece que me lembro, sim, de alguma coisa. Será que morei numa outra casa? Será que fiz uma viagem longa? Mas talvez eu estivesse querendo muito lembrar.

– E os nossos pais? – disse ela. – Por que apagaram os nomes deles?

– Talvez seja para nos proteger de alguma forma – respondi.

– Obrigada por me mostrar – disse Nicole. – Mas não acho que você deva guardar isso aqui. E se te pegam?

– Eu sei. Tentei colocar as páginas no lugar, mas a pasta já não estava onde encontrei.

No fim, resolvemos rasgar as páginas em pedacinhos bem pequenos e mandá-las descarga abaixo.

Tia Lydia havia nos dito que tínhamos de ter grande força mental para a missão que nos aguardava. Enquanto isso, devíamos continuar com a vida normalmente, e não fazer nada que pudesse chamar a atenção para Nicole, nem levantar suspeitas. Isso foi difícil, pois estávamos ansiosas; eu, pessoalmente, vivia sob um temor constante: se Nicole fosse descoberta, será que Becka e eu seríamos acusadas?

Becka e eu devíamos partir em nossa missão de Pérolas muito em breve. Será que iríamos mesmo, ou será que Tia Lydia tinha outro destino em mente? Tudo o que podíamos fazer era esperar. Becka havia estudado o guia padrão das Pérolas para o Canadá, com a moeda, os costumes, e os meios de compra, incluindo cartões de crédito. Ela estava bem mais preparada do que eu.

Quando faltava menos de uma semana para a cerimônia da Ação de Graças, Tia Lydia nos chamou de novo ao seu escritório.

– Eis o que vocês precisam fazer – disse ela. – Reservei um quarto para Nicole em um de nossos Retiros no campo. Os documentos estão em ordem. Mas é você, Tia Immortelle, quem vai para lá no lugar de Nicole. Ela vai assumir o seu lugar, e vai viajar como Pérola para o Canadá.

– Então eu não vou? – perguntou Becka, consternada.

– Você vai depois – disse Tia Lydia.

Já naquele momento, suspeitei que era mentira.

XXI

Bate-estaca

59

Pensei que estivesse com tudo em ordem, mas, por melhor que seja o plano, não poucas vezes ele vem a malograr, e desgraça nunca vem sozinha. Escrevo isto às pressas, ao fim de um dia muito atribulado. Meu escritório mais parecia o Terminal Grand Central – antes desse venerável edifício ser reduzido a escombros durante a Guerra de Manhattan – de tantos pés que passaram por ele.

A primeira a dar as caras foi Tia Vidala, logo depois do desjejum. Vidala e mingau por digerir são uma combinação penosa: jurei ir atrás de um chá de hortelã assim que fosse praticável.

– Tia Lydia, há uma questão que desejo trazer à sua atenção com urgência – disse ela.

Soltei um suspiro interior.

– É claro, Tia Vidala. Sente-se, por favor.

– Não vou tomar muito do seu tempo – disse ela, aboletando-se na cadeira em preparo para fazer exatamente isso. – É sobre a Tia Victoria.

– Sim? Ela e a Tia Immortelle vão partir em breve para a missão de Pérolas no Canadá.

– É justamente sobre isso que desejo consultá-la. Tem certeza de que estão prontas para isso? São imaturas para a idade, até mais do que as outras Postulantes de sua geração. Nenhuma delas tem qualquer experiência com o mundo em geral, mas algumas das outras têm, ao menos, uma firmeza de caráter que a estas duas falta. Digamos que eu as ache maleáveis em excesso; serão suscetíveis demais às tentações materiais disponíveis no Canadá. Além disso, na minha opinião, periga Tia Victoria nos desertar. Ela tem lido materiais questionáveis.

– Espero que você não esteja se referindo à Bíblia como questionável – falei.

– É claro que não. O material a que me refiro são suas próprias pastas de Linhagem dos Arquivos Genealógicos. Isto lhe dará ideias perigosas.

– Ela não possui acesso aos Arquivos das Linhagens Genealógicas – falei.

– Alguém deve ter obtido a pasta para ela. Por acaso eu a avistei em sua escrivaninha.

– Quem teria feito isso sem minha autorização? – falei. – Devo investigar; não admito insubordinação. Mas estou certa de que a Tia Victoria, a esta altura, é bastante resistente a ideias perigosas. Apesar de sua opinião sobre a jovialidade dela, creio que ela atingiu um nível admirável de maturidade e fortitude mental.

– Mero verniz – disse Vidala. – A teologia dela é muito débil. Suas noções sobre oração são as mais simplórias. Quando criança, ela era leviana, além de recalcitrante em seus deveres escolares, especialmente com os bordados. Além disso, a mãe dela era...

– Eu sei quem era a mãe dela – falei. – O mesmo pode ser alegado a respeito de muitas de nossas Esposas mais jovens, enquanto prole biológica de Aias. Mas a degeneração não é necessariamente hereditária. A mãe adotiva de Tia Victoria era um modelo de retidão e sofrimento abnegado.

– Quanto a Tabitha, você tem razão – disse Tia Vidala. – Mas, conforme sabemos, a mãe original de Tia Victoria é um caso especialmente grave. Não apenas negligenciou o seu dever, abandonando o posto que lhe fora atribuído, e desafiando aqueles que possuíam Autoridade Divina sobre ela, como também foi a mandante no caso do roubo da Bebê Nicole de Gilead.

– Águas passadas, Vidala – falei. – Nossa missão é redimir, e não condenar com base em acontecimentos puramente contingentes.

– Sem dúvida, no que diz respeito a Victoria; mas aquela mãe dela tinha que ser cortada em doze pedaços.

– Sem dúvida – falei.

– Corre um boato interessante de que ela está trabalhando com a Inteligência do Mayday no Canadá, além de todas as outras traições.

– Ganha-se aqui, perde-se ali – respondi.

– Que expressão mais estranha – disse Tia Vidala. – Não se trata de um esporte.

– Bondade sua me estender suas observações sobre falas aceitáveis – falei. – Quanto aos seus comentários sobre a Tia Victoria, só o tempo dirá. Tenho

certeza de que ela vai realizar sua missão de Pérola de maneira extremamente satisfatória.

– Veremos – disse Tia Vidala. – Mas, se ela desertar, faça o favor de lembrar que eu avisei.

A próxima a chegar foi Tia Helena, toda esbaforida por vir mancando desde a biblioteca. A cada dia que passa, os pés a incomodam mais.

– Tia Lydia – disse ela. – Creio que seja da minha competência lhe informar que a Tia Victoria vem lendo sua própria pasta de Linhagem dos Arquivos Genealógicos sem autorização. Creio que, em vista da identidade de sua mãe biológica, este ato seja altamente temerário.

– Acabo de ser informada deste fato por Tia Vidala – falei. – Ela compartilha da mesma opinião que você sobre a debilidade moral de Tia Victoria. Porém, Tia Victoria desfrutou de uma educação primorosa desde criança, tanto em casa como em uma de nossas excelentes Escolas Vidala. Você é da opinião de que as características inatas prevalecem sobre as adquiridas? Nesse caso, a natureza pecaminosa de Adão predominará em todos nós apesar de nosso rigoroso empenho em eliminá-la, e temo que nosso projeto em Gilead estará condenado.

– Ah, de forma alguma! Não quis insinuar uma coisa dessas – disse Helena, alarmada.

– Você já leu a pasta de Linhagem da Agnes Jemima? – perguntei a ela.

– Sim, há muitos anos. Naquele tempo, estava restrita às Tias Fundadoras.

– Tomamos a decisão correta. Se a informação de que a Bebê Nicole era meia-irmã de Tia Victoria tivesse se disseminado excessivamente, teria sido prejudicial a seu desenvolvimento quando criança. Creio hoje que pessoas inescrupulosas em Gilead talvez viessem a usá-la como moeda de troca para tentar recuperar a guarda da Bebê Nicole, caso estivessem cientes desse parentesco.

– Não tinha pensado nisso – disse Tia Helena. – Você tem razão, é claro.

– Pode lhe interessar saber – disse eu – que o Mayday está a par desse parentesco fraternal; eles têm estado com a Bebê Nicole a seu alcance já há algum tempo. Cremos que talvez a queiram reunir a sua mãe degenerada, já que seus pais adotivos morreram subitamente. Em uma explosão – acrescentei.

Tia Helena torceu suas mãozinhas, que eram feito garras.

– O Mayday é tão cruel que não tem peias em deixá-la aos cuidados de uma

criminosa imoral como a mãe dela, e nem em sacrificar a vida inocente dessa jovem.

– A Bebê Nicole se encontra em perfeita segurança – falei.

– Louvado seja! – disse Tia Helena.

– Ainda assim, ela ignora o fato de que é a Bebê Nicole – falei. – Mas cremos que logo chegará o dia em que ela vai assumir seu lugar de direito aqui em Gilead. Nesse momento, existe uma chance.

– Alegro-me em ouvir isto. Mas caso ela de fato venha a estar entre nós, precisamos agir com tato na questão de sua verdadeira identidade – disse Tia Helena. – A revelação tem que ser feita com brandura. Esse tipo de informação pode desestabilizar uma mente vulnerável.

– Minha exata opinião. Porém, nesse meio-tempo gostaria que você observasse os movimentos da Tia Vidala. Desconfio de que possa ter sido ela quem fez a pasta de Linhagem chegar às mãos de Tia Victoria, não imagino com que finalidade. Talvez ela pretenda que a Tia Victoria fique tomada de desespero ao ter notícia de sua ascendência degenerada, e caia num estado espiritual instável, tomando alguma atitude impensada.

– Vidala nunca gostou dela – disse Tia Helena. – Desde quando ela ia à escola.

Ela se foi, manquitolando, feliz por ter recebido uma incumbência.

Quando eu estava sentada no Café Schlafly tomando minha xícara vespertina de chá de hortelã, Tia Elizabeth veio correndo:

– Tia Lydia! – gemeu ela. – Olhos e Anjos entraram no Ardua Hall! Parecia uma invasão! Você não sancionou uma coisa dessas?

– Acalme-se – falei. Meu próprio coração retumbava feito um bate-estaca. – Onde exatamente eles estavam?

– Na gráfica. Eles confiscaram todos os nossos panfletos das Pérolas. Tia Wendy protestou, e infelizmente ela acabou indo presa. Eles chegaram a colocar as mãos nela! – Ela estremeceu.

– Isso não tem cabimento – reagi, levantando-me. – Vou solicitar uma reunião com o Comandante Judd imediatamente.

Rumei para o meu escritório, com a intenção de usar o telefone vermelho com a linha direta, mas não houve necessidade: Judd já estava lá antes mesmo de eu chegar. Ele deve ter simplesmente entrado a toda, alegando uma emergência. Lá

se ia nosso suposto acordo sobre manter um círculo santo, em separado.

– Tia Lydia. Acredito que se faz necessária uma explicação – disse ele. Ele não sorria.

– Estou certa de que existe uma excelente – falei, permitindo um pouco de frieza transparecer em minha voz. – Os Olhos e os Anjos ultrapassaram em muito os limites da decência, sem falar nos dos costumes e na lei.

– Tudo a serviço do seu bom nome, Tia Lydia. Posso me sentar? – Indiquei a cadeira. Ambos nos sentamos.

– Depois de uma série de becos sem saída, chegamos à conclusão de que os micropontos de que lhe falei devem ter sido trocados entre o Mayday e um contato ainda desconhecido aqui no Ardua Hall, com a mediação involuntária dos folhetos que as Pérolas vinham distribuindo.

Ele fez uma pausa para avaliar minha reação.

– Estou pasma! – falei. – Que descaramento! – Eu me perguntava por que teriam demorado tanto a descobrir. No entanto, micropontos eram muito pequenos, e quem haveria de suspeitar de nosso material de recrutamento tão bem-feito e ortodoxo? Não duvido que os Olhos tenham perdido muito tempo inspecionando sapatos e peças íntimas. – Vocês têm provas? – perguntei. – E, caso tenham, qual era a maçã podre em nosso cesto?

– Fizemos uma batida na gráfica do Ardua Hall, e detivemos a Tia Wendy para interrogatório. Parecia ser o caminho mais direto para a verdade.

– Não posso crer que Tia Wendy tenha qualquer envolvimento – falei. – Aquela mulher é incapaz de conceber tal esquema. Ela tem o cérebro de um peixe de aquário. Sugiro que a libertem imediatamente.

– Assim também concluímos. Ela vai se recuperar do choque na Clínica Bálsamo e Calma – disse ele.

Aquilo me deixou aliviada. Nada de dor desnecessária, mas, caso necessária, que haja dor. Tia Wendy é uma idiota útil, mas inócua feito um grão de ervilha.

– O que vocês averiguaram? – perguntei. – Encontrou algum desses micropontos, como você os chama, nos folhetos recém-impressos?

– Não, embora ao inspecionar os folhetos recém-devolvidos do Canadá tenhamos encontrado diversos pontos com mapas e outros itens que devem ter sido anexados pelo Mayday. A traidora desconhecida entre nós deve ter percebido que a eliminação do ramo da operação situada no Clothes Hound

tinha tornado esta via obsoleta, e parou de adornar os folhetos das Pérolas com informações sigilosas de Gilead.

– Há muito venho tendo minhas dúvidas a respeito de Tia Vidala – falei. – Tia Helena e Tia Elizabeth também estão autorizadas a acessar a gráfica, e eu mesma sempre fui a responsável por transmitir os folhetos novos às mãos das Pérolas antes de sua partida, de forma que eu mesma também devo ficar sob suspeita.

O Comandante Judd sorriu.

– Tia Lydia, você sempre com seus gracejos – disse ele –, até mesmo numa hora dessas. Venho perdendo prestígio junto ao Conselho: não paro de lhes prometer resultados. Venho sentindo o tratamento frio, os cumprimentos abruptos. Estou detectando os sintomas de um expurgo iminente: você e eu seremos acusados de permissividade beirando a traição, por permitir que o Mayday nos sobrepujasse dessa maneira, bem debaixo de nossos narizes, aqui no Ardua Hall.

– Trata-se de uma situação crítica – falei.

– Existe um meio de nos redimirmos – disse ele. – A Bebê Nicole deve ser desvendada imediatamente e exibida à exaustão. Televisão, cartazes, um megacomício.

– Vejo muito bem qual seria a vantagem disto – falei.

– Seria ainda mais eficaz caso eu pudesse anunciar seu noivado comigo, e transmitir pela televisão a cerimônia de casamento subsequente. Depois disso, você e eu passaríamos a ser intocáveis.

– Brilhante, como sempre – falei. – No entanto, você é casado.

– Como vai a saúde da minha Esposa? – perguntou ele, erguendo as sobrancelhas em censura.

– Melhor do que antes – falei –, mas ainda não tão boa quanto poderia estar. – Como ele pôde cometer a obviedade de utilizar veneno de rato? Mesmo em pequena quantidade, é tão fácil de detectar. Por mais que Shunammite tenha sido desagradável em seus tempos de estudante, eu não tinha o menor desejo de vê-la ingressar na câmara de noivas defuntas do Barba Azul de Judd. De fato, ela está se recuperando; porém, seu horror à possibilidade de retornar aos braços amorosos de Judd está retardando seu progresso. – Receio que ela possa vir a ter uma recaída – falei.

Ele suspirou.

– Vou orar para ela se libertar do sofrimento – disse ele.
– E estou certa de que suas orações logo serão atendidas.
Fitamos um ao outro por cima de minha mesa.
– Em quanto tempo? – ele não resistiu a perguntar.
– No devido tempo – respondi.

XXII

SOCO NO CORAÇÃO

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

60

Dois dias antes da data em que receberíamos nossos colares de pérolas – Beeka e eu –, tivemos uma inesperada visita de Tia Lydia durante nossas orações particulares do começo da noite. Becka abriu a porta.

– Ah, Tia Lydia – disse ela um tanto espantada. – Louvado seja.

– Faça o favor de me dar passagem e depois fechar a porta – disse Tia Lydia. – Estou com pressa. Onde está Nicole?

– No andar de cima, Tia Lydia – falei. Enquanto Becka e eu rezávamos, geralmente Nicole saía da sala e ia praticar seus exercícios físicos.

– Chame-a, por favor. É uma emergência – disse Tia Lydia. Ela respirava mais rápido do que de costume.

– Tia Lydia, você está bem? – perguntou Becka, ansiosa. – Quer um copo d'água?

– Sem cerimônias – disse ela. Nicole entrou na sala.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

– Na realidade, não – disse Tia Lydia. – Nos encontramos em um certo apuro. O Comandante Judd acaba de realizar uma batida em nossa gráfica em busca de traidoras. Apesar de causar grande aflição à Tia Wendy, ele nada encontrou de incriminador; porém, infelizmente, ele ficou sabendo que o verdadeiro nome de Nicole não é Jade. Ele descobriu que ela é a Bebê Nicole, e está determinado a se casar com ela assim que possível para poder aumentar o próprio prestígio. Ele quer que o casamento seja televisado em Gilead.

– Puta merda! – disse Nicole.

– Olha a boca, por favor – disse Tia Lydia.

– Não podem me obrigar a casar com ele! – disse Nicole.

– Dariam um jeito, sim – disse Becka. De repente ela estava muito pálida.

– Que coisa horrível – falei. Pela pasta que eu havia lido do Comandante Judd, era pior que horrível: era uma condenação à morte.

– O que podemos fazer?

– Você e Nicole têm que partir amanhã – disse-me Tia Lydia. – O mais cedo possível. Não vamos poder contar com um avião diplomático de Gilead; Judd ficaria sabendo e impediria a decolagem. Vocês vão ter que tomar outro caminho.

– Mas não estamos prontas – falei. – Não temos nossas pérolas, nem os vestidos, nem o dinheiro canadense, nem as mochilas prateadas.

– Vou lhes trazer os objetos necessários hoje mesmo, à noite – disse Tia Lydia. – Já arrumei um passe que identifica Nicole como a Tia Immortelle. Infelizmente, não haverá tempo para eu remarcar a estadia no Retiro para Tia Immortelle. Uma artimanha dessas não teria durado muito, de qualquer forma.

– Tia Helena vai perceber que a Nicole não está – falei. – Ela sempre conta as cabeças. E vão ficar se perguntando por que a Becka... por que a Tia Immortelle ainda está aqui.

– De fato – disse Tia Lydia. – Devo, portanto, pedir para que você preste um serviço especial, Tia Immortelle. Por favor se esconda por pelo menos quarenta e oito horas após a partida das outras duas. Na biblioteca, talvez?

– Ali, não – disse Becka. – Tem livros demais. Não tem lugar para uma pessoa.

– Sei que você vai conseguir pensar em alguma coisa – disse Tia Lydia. – Toda a nossa missão, sem falar na segurança de Tia Victoria e de Nicole, depende de você. É uma enorme responsabilidade: uma Gilead renovada só pode vir através de você; e você não quer que as outras sejam pegas e enforcadas.

– Não, Tia Lydia – murmurou Becka.

– Botem a cabeça para funcionar! – disse Tia Lydia energicamente. – Eu quero ideias!

– Você está demandando muito dela – disse Nicole a Tia Lydia. – Por que eu simplesmente não vou sozinha? Então a Tia Immortelle e a Agnes... a Tia Victoria... poderão viajar juntas no dia agendado.

– Não seja burra – falei. – Não dá. Você ia presa na mesma hora. Pérolas só andam duas a duas, e ainda que você não use o uniforme, uma moça da sua idade nunca viajaria desacompanhada.

– A gente podia dar a impressão de que a Nicole escalou o Muro – disse Becka. – Assim, não vão procurar no Ardua Hall. Eu vou ter que me esconder em algum lugar aqui dentro.

– Que ideia inteligente, Tia Immortelle – disse Tia Lydia. – A Nicole pode nos fazer o favor de escrever um bilhete que dê essa impressão. Ela pode dizer que percebeu que não serve para ser Tia: nisso vai ser fácil de acreditar. Então ela pode alegar que fugiu com um Econo-homem, algum funcionário de nível baixo fazendo consertos aqui para nós, que prometeu casamento e família para ela. Essa intenção ao menos demonstraria um desejo admirável de procriação.

– Até parece. Mas sem problema – disse Nicole.

– Sem problema o quê? – disse Tia Lydia, incisiva.

– Sem problema, Tia Lydia – disse Nicole. – Eu faço o bilhete.

Às dez da noite, quando já estava escuro, Tia Lydia apareceu de novo à nossa porta, com uma rechonchuda bolsa de pano preta. Becka lhe abriu a porta.

– Louvado seja, Tia Lydia – disse ela.

Tia Lydia não se deu ao trabalho de uma saudação formal.

– Trouxe tudo o que precisam. Vocês vão partir pelo portão leste às 6:30 da manhã em ponto. Lá vai haver um carro preto as aguardando à direita do portão. Vocês vão sair da cidade e vão seguir até Portsmouth, New Hampshire, onde vão pegar um ônibus. Aqui vai um mapa, com o trajeto marcado. Desçam no *X*. Lá, as senhas vão ser *Dia de maio* e *Lua de junho*. Este contato vai levá-las até o destino seguinte. Nicole, se esta missão for bem-sucedida, os assassinos dos seus pais adotivos serão revelados, isso se não tiverem que responder imediatamente pelos seus atos. Agora posso informar a vocês duas que, se de fato chegarem ao Canadá apesar de todos os obstáculos conhecidos, há uma chance nada desprezível de que talvez vocês possam – ênfase no *talvez* – reencontrar a sua mãe. Ela está a par dessa possibilidade já faz algum tempo.

– Ah, Agnes. Louvado seja. Isso seria uma maravilha – disse Becka em tom contido. – Para vocês duas – acrescentou ela.

– Estou verdadeiramente grata a você, Tia Lydia – falei. – Orei tanto por isso.

– Eu disse se vocês forem bem-sucedidas. É um grande *se* – disse Tia Lydia. – O sucesso não pode ser tomado como certo. Com licença. – Ela olhou ao redor, e sentou-se pesadamente no sofá. – Vou aceitar aquele seu copo d'água agora. –

Becka foi buscá-lo.

– Está tudo bem, Tia Lydia? – perguntei.

– Mal-estares comuns na minha idade – disse ela. – Espero que vocês vivam o suficiente para padecer com eles. Mais uma coisa. A Tia Vidala adquiriu o hábito de dar uma caminhada no início da manhã nas imediações de minha estátua. Se ela vir vocês vestidas como Pérolas, e assim estarão, ela vai tentar barrá-las. Vocês precisam agir rápido, antes que ela possa fazer alarde.

– Mas o que podemos fazer? – perguntei.

– Você é forte – disse Tia Lydia, olhando para Nicole. – A força é uma dádiva. Dádivas devem ser utilizadas.

– Você quer dizer que é para eu bater nela? – disse Nicole.

– É uma forma bem direta de se colocar a coisa – disse Tia Lydia.

Depois que Tia Lydia partiu, abrimos a bolsa preta. Lá estavam os dois vestidos, os dois colares de pérola, os dois chapéus brancos, as duas mochilas prateadas. Havia um pacote de folhetos e um envelope com cupons de alimentos de Gilead, um maço de cédulas canadenses, e dois cartões de crédito. Havia dois passes que nos permitiriam atravessar portões e postos de controle. Também havia duas passagens de ônibus.

– Acho que vou escrever o bilhete e ir dormir – disse Nicole. – Vejo vocês de manhãzinha. – Ela fingia coragem e despreocupação, mas eu via bem que estava nervosa.

Quando ela saiu da sala, Becka disse:

– Eu queria muito poder ir com vocês.

– Eu também queria muito que você viesse com a gente – falei. – Mas você vai estar nos ajudando. Você vai estar nos protegendo. E vou encontrar um jeito de te tirar daqui depois, eu juro.

– Não acho que vá ter como – disse Becka. – Mas vou orar para você estar certa.

– Tia Lydia falou em quarenta e oito horas. Isso quer dizer dois dias, apenas. Se você conseguir se esconder durante esse tempo...

– Sei onde – disse Becka. – No telhado. Na cisterna.

– Não, Becka! É muito perigoso!

– Ah, mas eu vou esvaziar toda a cisterna primeiro – disse ela. – Vou deixar

aberta a torneira da banheira do Corredor C.

– Elas vão perceber, Becka – falei. – Nos corredores A e B. Se não tiver água. Elas usam a mesma cisterna.

– Não vão perceber logo de cara. Não é para tomarmos banho assim de manhã cedo.

– Não faz isso – falei. – Não é melhor eu não ir e pronto?

– Você não tem escolha. Se você ficar, o que vai ser da Nicole? E Tia Lydia não quer que te interroguem e te obriguem a contar o que ela tramou. Ou então a Tia Vidala vai querer te questionar, e isso seria o fim.

– Você quer dizer que ela me mataria?

– No fim das contas. Ou outra pessoa te mataria – disse Becka. – É o que eles fazem.

– Tem que ter um jeito de nós te levarmos – falei. – Podemos te esconder no carro, ou...

– As Pérolas só viajam em duplas – disse ela. – Não chegaríamos muito longe. Vou estar com vocês em espírito.

– Obrigada, Becka – falei. – Você é mesmo uma irmã para mim.

– Vou pensar em vocês como aves, levantando voo – disse ela. – As aves dos céus levarão a voz.

– Vou orar por você – falei. Aquilo não parecia adequado.

– E eu por você. – Ela deu um leve sorriso. – Eu nunca amei ninguém sem ser você.

– Eu também amo você – falei. Então nos abraçamos e choramos um pouco.

– Melhor você ir dormir – disse Becka. – Você vai precisar de força para amanhã.

– Você também – falei.

– Vou ficar acordada – disse ela. – Vou fazer vigília por vocês.

Ela entrou em seu quarto, fechando a porta suavemente.

61

Na manhã seguinte, Nicole e eu nos esgueiramos pé ante pé ao deixar o Corredor C. As nuvens a leste eram róseas e douradas, os pássaros cantavam, o ar matinal ainda era ameno. Não havia vivalma. Andamos rápida e silenciosamente pela vereda em frente ao Ardua Hall, na direção da estátua da Tia Lydia. Assim que chegamos a ela, Tia Vidala saiu de trás do canto do prédio adjacente, caminhando resolutamente.

– Tia Victoria! – disse ela. – Por que está com esse vestido? A próxima Ação de Graças é só domingo! – Ela apertou os olhos ao ver Nicole. – E quem é essa com você? É a menina nova! A Jade! Ela não devia... – Ela esticou a mão e agarrou o colar de pérolas de Nicole, que se partiu.

Nicole usou o punho fechado. Foi tão rápido que mal vi como, mas ela acertou o tórax de Tia Vidala. Tia Vidala caiu para trás. Seu rosto estava descorado, seus olhos fechados.

– Ah, não... – comecei falando.

– Me ajuda – disse Nicole. Ela pegou Tia Vidala pelos pés e a arrastou para trás do pedestal da estátua. – Dedos cruzados – disse ela. – Vambora. – E me pegou pelo braço.

Havia uma laranja no chão. Nicole a pegou e a pôs no bolso do seu vestido de Pérola.

– Ela morreu? – sussurrei.

– Sei lá – disse Nicole. – Vem logo, temos que andar rápido.

Chegamos ao portão, mostramos nossos passes, os Anjos nos deixaram sair. Nicole segurava seu hábito fechado para ninguém dar pela falta das suas pérolas. Encontramos um carro preto mais para cima da rua, à direita, conforme Tia Lydia nos prometera. O motorista não voltou a cabeça quando entramos.

– Tudo pronto, madames? – disse ele.

Eu respondi "Sim, obrigada", mas Nicole respondeu "Não somos madames". Eu a cutuquei de leve com o cotovelo.

– Não fale assim com ele – sussurrei.

– Ele não é Guardião de verdade – disse ela. – Tia Lydia não é burra. – Ela tirou a laranja do bolso e começou a descascá-la. O aroma cítrico se espalhou pelo ar. – Quer um pouco? – ofereceu ela. – Pode ficar com a metade.

– Não, obrigada – respondi. – Não é certo comer isso. – A laranja tinha sido deixada como uma oferenda sagrada, afinal de contas. Ela comeu a fruta toda.

Ela vai dar um passo em falso, pensava eu. Alguém vai perceber. Vai fazer com que sejamos presas.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

62

Eu sentia remorso por ter dado o soco na Tia Vidala, mas não muito: se eu não tivesse feito isso, ela teria gritado e iam nos pegar ali mesmo. Ainda assim, meu coração pulava. E se eu tivesse mesmo matado ela? Assim que a encontrassem, viva ou morta, começariam a nos procurar. A gente estava metida naquilo até o pescoço, como diria Ada.

Enquanto isso, Agnes estava com aquele ar ofendido de boca franzida que as Tias faziam quando queriam te mostrar que você havia passado de algum dos limites delas. Provavelmente tinha sido a laranja. Talvez eu não devesse tê-la levado. Então pensei numa coisa ruim: cães. Laranjas têm um cheiro muito forte. Comecei a me preocupar com o que faria com as cascas.

Meu braço esquerdo começou a coçar de novo, justamente no *O*. Por que estava demorando tanto para sarar?

No momento em que a Tia Lydia colocara o microponto no meu braço, eu tinha achado seu plano genial, mas agora não já me parecia uma ideia tão boa. Se meu corpo e a mensagem eram uma coisa só, o que ia acontecer caso meu corpo não chegasse ao Canadá? Não era como se eu pudesse decepar meu braço e colocá-lo no correio.

Nosso carro passou por alguns postos de controle – passaportes, Anjos enfiando a cabeça na janela para ver se nós éramos nós mesmas –, mas Agnes havia me dito para deixar o motorista falar por nós, e foi o que ele fez: que as Pérolas isso e aquilo, e como éramos nobres, e como éramos abnegadas. Em um deles, o Anjo, falou:

– Boa sorte na missão de vocês.

Em outro – mais longe da cidade –, eles fizeram piada com o motorista:

– Vê se não vão trazer mulher feia nem piranha.

– Ou é uma, ou é outra. – Risadas de ambos os Anjos do posto de controle.

Agnes pôs a mão no meu braço.

– Não responda – disse ela.

Quando chegamos ao campo e estávamos em uma estrada, o motorista nos entregou dois sanduíches: queijo falso de Gilead.

– Acho que é nosso café da manhã – falei para Agnes. – Cascão de sola com pão branco.

– A gente devia dar graças – disse Agnes com seu tom de Tia carola, então acho que ela ainda estava de lua virada. Era estranho pensar nela como minha irmã; nós duas éramos tão diferentes. Mas eu não tinha tido tempo para absorver nada daquilo.

– Estou feliz de ter uma irmã – falei, para fazer as pazes.

– Eu também estou – disse Agnes. – E dou graças por isso. – Mas ela não soava lá muito grata.

– Eu também dou graças – falei. E isso foi o fim da conversa. Pensei em perguntar a ela por quanto tempo tínhamos que continuar com aquilo, com aquele jeito de falar de Gilead – já não dava para pararmos e agirmos naturalmente, agora que estávamos fugindo? Mas, por outro lado, talvez para ela aquele fosse o natural. Talvez ela não conhecesse nenhum outro jeito.

Em Portsmouth, New Hampshire, o motorista do nosso veículo nos deixou na rodoviária.

– Boa sorte, meninas – disse ele. – Façam o diabo.

– Viu? Ele não era Guardião de verdade – falei, tentando fazer Agnes voltar a conversar.

– Claro que não – disse ela. – Um Guardião de verdade jamais falaria "diabo".

A rodoviária era velha e caindo aos pedaços, o toalete feminino era uma colônia de germes, e não havia onde trocarmos nossos cupons alimentares de Gilead por nada remotamente comestível. Fiquei feliz por ter comido a laranja. Agnes, porém, não era enjoada, acostumada que estava à porcaria que passava por comida no Ardua Hall, de forma que comprou uma imitação de rosquinha com dois de nossos cupons.

Os minutos iam passando; eu comecei a ficar inquieta. Esperamos e

esperamos, até que o ônibus afinal chegou. Algumas pessoas a bordo nos cumprimentaram reclinando a cabeça quando entramos, como fariam com militares: uma mesura com a cabeça. Uma Econoesposa mais velha chegou a dizer:

– Deus as abençoe.

Cerca de quinze quilômetros depois teve outro posto de controle, mas os Anjos lá foram supereducados conosco. Um deles disse:

– Vocês têm muita coragem em viajar para Sodoma.

Se eu não estivesse com tanto medo, talvez tivesse dado risada – a ideia do Canadá como Sodoma era cômica, dado como era chata e corriqueira a vida por lá. Não é como se tivesse uma orgia perpétua rolando no país inteiro.

Agnes apertou a minha mão para me informar que ela é quem ia falar. Ela tinha a manha do Ardua Hall para conservar a expressão calma e ilegível.

– Só estamos cumprindo nosso dever para com Gilead – disse ela com aquele seu jeito robótico e discreto de Tia.

– Louvado seja – respondeu o Anjo.

A viagem foi cheia de solavancos. Eles deviam estar guardando sua verba de reparo de estradas para vias com maior tráfego de pessoas: já que o comércio com o Canadá estava praticamente morto hoje em dia, quem iria para o norte de Gilead senão quem morava lá?

O ônibus não estava cheio; todos os passageiros eram da Econoclasse. Estávamos seguindo um trajeto turístico, serpeando pelo litoral, mas não estava tão turístico assim. Havia muitos motéis e restaurantes fechados à beira da estrada, e algumas fachadas com lagostonas vermelhas e sorridentes caindo aos pedaços.

À medida que íamos subindo, a simpatia diminuía: surgiram olhares aborrecidos, e pressenti que nossa missão de Pérolas e até mesmo a coisa toda de Gilead estavam perdendo prestígio. Ninguém chegou a cuspir em nós, mas faziam caras feias como se desejassem.

Eu me perguntava se ainda faltava muito. Agnes estava com o mapa anotado por Tia Lydia, mas não me pareceu uma boa pedir para ela mostrá-lo; nós duas consultando um mapa seria suspeito. O ônibus era lerdo, e eu estava cada vez mais aflita: quanto tempo até alguém dar pela nossa falta no Ardua Hall? Será que iam acreditar no meu bilhete fajuto? Será que iam avisar os postos à nossa

frente, bloquear a estrada, parar o ônibus? Nós duas chamávamos tanta atenção.

Então entramos em um desvio, e era de mão única, e Agnes começou a remexer as mãos. Eu a cutuquei de leve com o cotovelo:

– Precisamos parecer serenas, lembra?

Ela me deu um sorriso débil e juntou as mãos sobre o colo; eu a senti inspirando fundo e exalando devagar. Ensinavam sim algumas coisas úteis às moças do Ardua Hall, e autocontrole era uma delas. *Aquela que não se controla não pode controlar o caminho até o dever cumprido. Não lute contra as ondas de raiva, faça da raiva o seu combustível. Inspire. Expire. Evada. Circunde. Desvie.*

Eu nunca teria dado certo como Tia de verdade.

Era por volta de cinco da tarde quando Agnes disse:

– É aqui que nós descemos.

– Aqui é a fronteira? – perguntei, e ela respondeu que não, era onde tínhamos que encontrar nosso próximo motorista. Tiramos nossas mochilas do porta-bagagem e saímos pela porta da frente do ônibus. As lojas da cidade estavam lacradas com tábuas e com as vitrines estilhaçadas, mas havia um posto de gasolina e uma loja de conveniência detonada.

– Que animador – falei, pessimista.

– Siga-me e não fale nada – disse Agnes.

Lá dentro, a lojinha tinha cheiro de torrada queimada e chulé. Mal havia artigos nas prateleiras, só uma fileira de comida em conserva com as letras pintadas de preto: enlatados, e biscoitos doces e salgados. Agnes foi até o balcão do café – um daqueles vermelhos com banquinhos de bar – e se sentou, de forma que a imitei. Havia um Econo-homem atarracado de meia-idade trabalhando no balcão. Se fosse o Canadá, teria sido uma mulher atarracada de meia-idade.

– Sim? – disse o homem. Claramente não estava impressionado com nossas roupas de Pérola.

– Dois cafés, por favor – disse Agnes.

Ele serviu os cafés em canecas e os empurrou por cima do balcão. O café devia ter ficado ali o dia inteiro porque foi o pior que eu já tinha tomado na vida, pior até mesmo que o do Carpitz. Não queria irritar o cara não tomando o café, então despejei um sachê de açúcar nele. Só fez ficar ainda pior.

– Está quente para um dia de maio – disse Agnes.

– Não estamos em maio – disse ele.

– Claro que não – disse ela. – Falha minha. É a lua de junho.

Agora o sujeito estava sorrindo.

– Vocês precisam usar o toalete – disse ele. – Vocês duas. Fica atrás daquela porta. Vou abrir pra vocês.

Cruzamos a porta. Não era um banheiro, era uma casinha de ferramentas com redes arrastão velhas, um machado quebrado, uma torre de baldes e uma porta dos fundos.

– Não sei por que essa demora – disse o homem. – Merda de ônibus, vive atrasando. Aqui suas coisas novas. Tem lanternas. Coloquem seus vestidos nas mochilas, mais tarde largo em algum lugar. Vou esperar lá fora. Precisamos sair logo.

As roupas eram jeans e camisetas compridas e meias de lã e botas de caminhada. Casacos xadrez, gorros de *fleece*, casacos à prova d'água. Tive um pequeno problema com a manga esquerda da camisa – alguma coisa enganchou no *O*. Falei "Puta merda" e, em seguida, "Desculpe". Acho que nunca troquei de roupa tão rápido na vida, mas, uma vez que tirei aquele vestido prateado e botei aquelas roupas no corpo, comecei a me sentir mais eu.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

63

Achei a roupa que nos forneceram extremamente desagradável. As peças íntimas eram bem diferentes das duráveis e simples que usávamos no Ardua Hall: a mim pareciam escorregadias e depravadas. Por cima disso, trajes masculinos. Era perturbador ter aquele tecido grosseiro roçando a pele das minhas pernas, sem uma anágua para apartá-los. Usar roupas como aquelas era traição de gênero e ia contra a vontade de Deus: no ano passado, um homem havia sido enforcado no Muro por vestir a roupa íntima da Esposa. Ela o flagrara e o denunciara, como era o seu dever.

– Preciso tirar essas roupas – falei para Nicole. – São de homem.

– Não são, não – disse ela. – São jeans femininos. O corte é diferente, e olha para esses minicupidos prateados. Com certeza, femininos.

– Nunca iam acreditar numa coisa dessas em Gilead – respondi. – Eu iria para a chibata ou coisa pior.

– Gilead – disse Nicole – não é para onde estamos indo. Temos dois minutos para encontrar com nosso colega lá fora. Então, aguenta a barra.

– Perdão? – Às vezes eu não conseguia compreender o que minha irmã estava falando.

Ela deu uma risadinha.

– Quer dizer "seja corajosa" – disse ela.

Estamos indo para um lugar do qual ela entende a língua, pensei. E eu não.

O homem tinha uma picape toda carcomida. Nós três nos espremmos no banco da frente. Começava a chuviscar.

– Obrigada por tudo que está fazendo por nós – falei. O homem resmungou.

– Me pagam – disse ele. – Para arriscar o meu pescoço. Estou velho demais

para isso.

O motorista devia ter bebido enquanto trocávamos de roupa: eu sentia o cheiro do álcool. Lembrava dele dos jantares que o Comandante Kyle dava quando eu era pequena. Rosa e Vera às vezes viravam o restinho dos copos na boca. Zilla, não tanto.

Agora que eu ia deixar Gilead de uma vez por todas, sentia saudades de Zilla, Rosa e Vera, e da minha ex-casa, e de Tabitha. Naqueles primeiros tempos não me senti órfã de mãe, mas agora me sentia. Tia Lydia tinha sido uma espécie de mãe, ainda que severa, e eu nunca mais a veria de novo. Tia Lydia dissera a Nicole e a mim que nossa verdadeira mãe estava viva e nos esperava no Canadá, mas eu pensava se não ia morrer pelo caminho. Se sim, nunca iria encontrá-la nesta vida. Naquele momento, ela não passava de uma fotografia rasgada. Ela era uma ausência, uma lacuna em mim.

Apesar do álcool, o homem dirigia bem e rápido. A estrada serpeava, e estava escorregadia por causa da chuva. Os quilômetros foram passando; a lua aparecera entre as nuvens, prateando o contorno negro das árvores. Aqui e ali, casas, escuras ou com poucas luzes acesas. Fiz um esforço consciente para dominar a ansiedade; e então eu dormi.

Sonhei com Becka. Ela estava a meu lado na frente da caminhonete. Eu não conseguia vê-la, mas sabia que estava lá. Falei para ela, no sonho:

– Afinal de contas você veio com a gente. Estou tão feliz. – Mas ela não me respondia.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

64

A noite transcorreu em silêncio. Agnes dormia, e o sujeito no volante de tagarela não tinha nada. Acho que ele nos via como carga a entregar, e quem é que ficava de papo com a carga?

Depois de um tempo nós pegamos uma estradinha lateral; via-se um lampejo d'água adiante. Estacionamos ao lado do que parecia ser um cais particular. Lá havia um barco a motor com alguém dentro.

– Acorde ela – disse o motorista. – Peguem suas coisas, está aí o barco de vocês.

Cutuquei a costela de Agnes e ela acordou num sobressalto.

– Bom dia, flor do dia – falei.

– Que horas são?

– Hora de entrar no barco. Vamos lá.

– Boa viagem pra vocês – disse nosso motorista. Agnes começou a lhe agradecer mais, mas ele a interrompeu. Ele jogou nossas mochilas novas para fora da caminhonete e sumiu de vista antes mesmo de chegarmos ao barco. Eu estava usando minha lanterna para enxergarmos o caminho.

– Desligue a lanterna – avisou a pessoa no barco em voz baixa. Era um homem, que usava um casaco impermeável com capuz sobre o rosto, mas, pela voz, era jovem. – Dá para enxergar legal. É só ir devagar. Sentem-se no lugar do meio.

– Aqui é o mar? – perguntou Agnes.

Ele deu risada.

– Ainda não – disse ele. – Esse é o rio Penobscot. Vocês logo vão chegar ao mar.

O motor era elétrico e muito silencioso. O barco ia bem pelo meio do rio; a

lua estava crescente, e a água a refletia.

– Olha – sussurrou Agnes. – Eu nunca vi uma coisa tão linda! Parece um rastro de luz! – Naquele momento me senti mais velha do que ela. Estávamos quase saindo de Gilead, e as regras estavam mudando. Ela estava indo para um novo lugar onde não conheceria as regras do jogo, mas eu estava indo para casa.

– Estamos a céu aberto aqui. E se alguém nos vir? – perguntei ao homem. – E se contarem para eles? Para os Olhos?

– As pessoas aqui não falam nada para os Olhos – disse ele. – Não gostamos de enxeridos.

– Você é contrabandista? – perguntei, lembrando do que Ada havia me contado. Minha irmã me cutucou: fui mal-educada mais uma vez. Em Gilead se evitavam perguntas objetivas.

Ele deu risada.

– Fronteiras são só rabiscos no mapa. As coisas passam por cima deles, as pessoas também. Eu sou só o rapaz da entrega.

O rio foi se alargando mais e mais. Subia uma névoa; as margens eram indistintas.

– Lá está ele – disse o homem afinal. Eu vi uma sombra mais escura, no meio da água. – O *Nellie J. Banks*. Sua passagem para o paraíso.

XXIII

Muro

65

Tia Vidala foi encontrada caída atrás da minha estátua em estado de coma pela idosa Tia Clover e duas de suas jardineiras septuagenárias. A conclusão a que os paramédicos chegaram foi de que ela tivera um infarto, diagnóstico este que nossos médicos confirmaram. O boato correu o Ardua Hall, cabeças se balançaram com tristeza, e prometeu-se rezar pela recuperação de Tia Vidala. Um colar de Pérolas em pedaços foi encontrado nas imediações: alguém deve tê-lo perdido em algum momento, que descuido, que desperdício. Depois vou publicar um memorando sobre a vigilância com respeito aos materiais que é nosso dever resguardar. Pérolas não dão em árvores, direi eu, nem mesmo as artificiais; e nem devem ser lançadas aos porcos. Não que haja qualquer suíno em Ardua Hall, acrescentarei prudentemente.

Fiz uma visita a Tia Vidala na Unidade de Tratamento Intensivo. Ela estava deitada de barriga para cima, de olhos fechados, com um tubo enfiado em seu nariz e outro em seu braço.

– Como vai nossa querida Tia Vidala? – perguntei à Tia enfermeira do turno.

– Tenho orado por ela – disse Tia Não Sei Quê. Nunca consigo me lembrar dos nomes das enfermeiras: é a sua sina. – Ela está em coma: isso pode auxiliar sua cura. Talvez ela tenha paralisia em algum grau. Estão com medo de que sua fala tenha sequelas.

– Se ela se recuperar – comentei.

– Quando ela se recuperar – reprovou a enfermeira. – Não gostamos de proferir nada negativo ao pé do ouvido de nossos pacientes. Eles podem dar a impressão de estar dormindo, porém muitas vezes estão perfeitamente cientes do que se passa.

Fiquei sentada ao lado de Vidala até a enfermeira ir embora. Então

inspecionei rapidamente os adjuvantes farmacêuticos a meu dispor. Será que eu deveria aumentar a anestesia? Sabotar o tubo que entrava em seu braço? Esganar sua entrada de oxigênio? Não fiz nada disso. Acredito no esforço, mas não no esforço desnecessário: Tia Vidala provavelmente estava organizando sua despedida deste mundo por si só. Antes de sair da Unidade de Tratamento Intensivo, embolsei um pequeno frasco de morfina, pois a prudência é uma das virtudes cardeais.

Quando tomávamos nossos assentos no Refeitório, Tia Helena comentou sobre a ausência da Tia Victoria e da Tia Immortelle.

– Creio que estão jejuando – falei. – Avistei-as no Salão de Leitura ontem, estudando suas Bíblias. Estão suplicando orientação para sua missão que está por vir.

– Admirável – disse Tia Helena. Ela continuou sua discreta contagem de cabeças. – Onde está nossa nova convertida, Jade?

– Talvez esteja doente – respondi. – Com indisposições femininas.

– Vou lá ver – disse Tia Helena. – Talvez ela queira uma bolsa de água quente. Corredor C, não é?

– Que gentileza a sua – falei. – Sim. Acredito que o quarto dela seja o do sótão, no terceiro andar. – Torci para Nicole ter deixado seu bilhete num local de fácil acesso.

Tia Helena voltou correndo de sua visita ao Corredor C, tonta de empolgação com sua descoberta: a jovem Jade tinha fugido para casar.

– Com um bombeiro hidráulico chamado Garth – acrescentou Tia Helena. – Diz ela que está apaixonada.

– Mas que desventura – falei. – Vamos ter que localizá-los, repreendê-los, e verificar se o casamento aconteceu mesmo nos devidos trâmites. Mas a jovem Jade é indócil demais; nunca poderia se tornar uma Tia respeitável. Vejamos pelo lado bom: a população de Gilead pode muito bem vir a aumentar pelo fruto dessa união.

– Mas como ela poderia ter conhecido o tal encanador? – disse Tia Elizabeth.

– Houve uma queixa sobre falta d'água nos chuveiros do Corredor A hoje de manhã – respondi. – Devem ter chamado o bombeiro. Claramente, foi amor à primeira vista. Os jovens são impetuosos.

– Não é para ninguém no Hall tomar banho pela manhã – disse Tia Elizabeth. – A não ser que alguém tenha burlado as regras.

– Isso não está fora de cogitação, infelizmente – falei. – A carne é fraca.

– Ah, sim, e como – concordou Tia Helena. – Mas como é que ela passou pelo portão? Ela não tem passe, não permitiriam que ela saísse.

– As moças são muito ágeis nessa idade – falei. – Creio que ela tenha pulado o Muro.

Prosseguimos com o almoço – sanduíches ressecados e algo pernicioso que fora infligido a tomates, e de sobremesa um manjar branco ranhento – e, ao final de nossa humilde refeição, a fuga prematura da jovem Jade, sua acrobática escalada de Muro, e sua decisão inconsequente de cumprir seu destino feminino nos braços de um Econo-homem bombeiro e empreendedor já eram do conhecimento de todas.

XXIV

O *NELLIE J. BANKS*

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

66

Encostamos ao lado da embarcação maior. No convés havia três silhuetas; uma lanterna se acendeu e apagou rapidamente. Subimos pela escadinha de corda.

– Sentem-se na beirada e joguem os pés para dentro – disse uma voz. Alguém me tomou pelo braço. Então nos vimos de pé no convés.

– Capitão Mishimengo – disse a voz. – Vamos lá para dentro. – Ouvi um zumbido grave e senti o barco sair do lugar.

Entramos em uma pequena cabine com cortinas blecaute nas janelas e alguns controles e o que parecia ser um radar marítimo, ainda que eu não tenha tido chance de olhá-lo mais de perto.

– Que bom que conseguiram chegar – disse o capitão Mishimengo. Ele apertou nossas mãos; na dele, faltavam dois dedos. Ele era parrudo, com cerca de sessenta anos de idade, pele bronzeada e uma barba negra e curta. – Agora, nossa história é a seguinte, supondo que venham a lhes perguntar: essa é uma escuna que pesca bacalhau, movida a energia solar, com motor auxiliar a combustível. A bandeira de conveniência é do Líbano. Entregamos uma carga de bacalhau e limões por licença especial, ou seja, no mercado paralelo, e agora estamos de saída. Vocês vão precisar se esconder durante o dia: ouvi do meu contato, por meio do Bert que deixou vocês no cais, que logo vão começar a procurar vocês. Vocês têm lugar para dormir, no compartimento de carga. Caso haja uma inspeção da guarda costeira, não vai a fundo, é gente conhecida nossa. – Ele esfregou os dedos uns nos outros, o que eu sabia que queria dizer dinheiro.

– Tem comida? – pedi. – Não comemos quase nada o dia todo.

– Certo – disse ele. Ele nos disse para aguardar ali e voltou com duas canecas de chá e alguns sanduíches. Eram de queijo, mas não queijo de Gilead, queijo de

verdade: queijo de cabra com cebolinha, uma variedade que Melanie adorava.

– Obrigada – disse Agnes. Eu já tinha começado a comer mas agradeci de boca cheia.

– Sua amiga Ada mandou um beijo, e um até breve – disse o capitão Mishimengo para mim.

Engoli o que estava na boca.

– Como você conhece a Ada?

Ele deu risada.

– É todo mundo parente. Pelo menos, por aqui. A gente costumava caçar cervos juntos na Nova Escócia, nos velhos tempos.

Chegamos ao nosso dormitório descendo uma escada vertical. O capitão Mishimengo desceu primeiro, acendendo as luzes. Havia alguns freezers no porão de carga, e uns caixotes metálicos retangulares enormes. Na lateral de uma das caixas havia uma aba com dobradiças, e lá dentro havia dois sacos de dormir que não me pareceram lá muito limpos: acho que não éramos as primeiras a utilizá-los. O lugar inteiro fedia a peixe.

– Vocês podem ficar com a porta da caixa aberta desde que não haja problemas – disse o capitão Mishimengo. – Durmam com os anjos. – Ouvimos seus passos se afastarem.

– Meio horrível isso daqui – cochichei para Agnes. – O fedor de peixe. Esses sacos de dormir. Aposto que deve ter piolho.

– Devíamos estar gratas – disse ela. – Vamos dormir.

Minha tatuagem DEUS/AMOR estava me incomodando, e precisei me deitar sobre o braço direito para evitar comprimi-la. Fiquei pensando se eu não teria contraído uma infecção, e das graves. Se tivesse, eu já era, pois com certeza não haveria médico a bordo.

Acordamos quando ainda estava escuro, com o balanço do barco. Agnes saiu da nossa caixa metálica e subiu a escada para ver o que estava acontecendo. Eu tive vontade de ir junto, mas não estava me sentindo nem um pouco bem.

Ela voltou com uma garrafa térmica e dois ovos cozidos. Já estávamos no mar, disse ela, e o barco estava jogando por causa das ondas. Ela nunca tinha imaginado ondas tão grandes, ainda que o capitão Mishimengo tenha dito que

aquelas não eram grande coisa.

– Ai, meu Deus – falei. – Espero que não aumentem mais. Detesto vomitar.

– Por favor, não use o nome de Deus em vão assim – disse ela.

– Desculpe – falei. – Mas, se não se importa de eu dizer, supondo que exista um Deus, ele ferrou totalmente com a minha vida.

Pensei que naquele momento ela fosse ficar com raiva, mas tudo o que disse foi:

– Você não é nada excepcional. A vida não é fácil para ninguém. Mas talvez Deus tenha ferrado sua vida, nas suas palavras, por algum motivo.

– Porra, mal posso esperar pra descobrir qual é – falei. A dor no meu braço estava me irritando demais. Eu não devia ter sido tão sarcástica, nem devia ter falado palavrão na frente dela.

– Mas pensei que você compreendia o verdadeiro teor da nossa missão – disse ela. – Salvar Gilead. Purificá-lo. Renová-lo. É por isso.

– Você acha que tem como salvar aquela merda putrefata? – falei. – Por mim podia só tocar fogo em tudo!

– Por que você quer ferir tanta gente assim? – perguntou ela com docilidade. – É o meu país. Foi onde eu cresci. Os líderes estão acabando com ele. Eu quero que melhore.

– Tá, tá certo – falei. – Entendi. Desculpe. Não quis dizer você. Você é minha irmã.

– Aceito suas desculpas – disse ela. – Obrigada por entender.

Ficamos sentadas no escuro por alguns minutos. Eu a ouvia respirando, e dando alguns suspiros.

– Você acha que isso vai dar certo? – perguntei, por fim. – Será que vamos conseguir chegar?

– Não está em nossas mãos – disse ela.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

67

No começo do segundo dia, eu estava muito preocupada com Nicole. Ela dizia não estar doente, mas tinha febre. Eu me recordava do que nos ensinaram no Ardua Hall sobre cuidar de doentes, de forma que tentei mantê-la hidratada. Havia limões a bordo, e eu misturei o sumo deles com chá e sal e um pouco de açúcar. Agora eu estava achando mais fácil subir e descer a escada vertical que levava ao nosso dormitório, e refleti que aquilo seria muito mais difícil de saia comprida.

Havia muita neblina. Ainda estávamos nas águas de Gilead, e por volta do meio-dia, a guarda costeira nos inspecionou. Nicole e eu fechamos a porta da nossa caixa de metal por dentro. Ela segurou a minha mão e eu a apertei forte, e ficamos absolutamente em silêncio. Ouvimos pisadas fortes ao nosso redor, e vozes, mas o ruído foi se afastando e meu coração foi parando de palpitar.

Mais tarde, no mesmo dia, o motor teve problemas, o que fiquei sabendo quando subi para preparar mais limonada. O capitão Mishimengo parecia preocupado: as marés da região eram muito altas e rápidas, disse ele, e sem força nós seríamos ou levados ao meio do mar, ou arrastados para a baía de Fundy e destroçados na costa canadense, e o barco seria apreendido e a tripulação iria presa. O navio estava à deriva para o sul; será que isso queria dizer que seríamos arrastadas de volta para Gilead?

Fiquei pensando se o capitão Mishimengo não estava arrependido de ter aceitado nos transportar. Ele me contou que, caso o barco fosse perseguido e capturado, e nós fôssemos encontradas, ele seria acusado de contrabando de mulheres. Seu barco seria apreendido, e, como originalmente ele vinha de Gilead e havia escapado do Território Nacional de Gilead pela fronteira canadense, alegariam que ele era cidadão nacional e o levariam a julgamento como

contrabandista, e seria o seu fim.

– Estamos fazendo você se arriscar demais – falei ao ouvir isso. – Você não tem um acerto com a guarda costeira? Quanto ao mercado paralelo?

– Eles negariam tudo, não há nada por escrito – disse ele. – Quem quer ser fuzilado por aceitar propina?

Para jantar, ganhamos sanduíches de frango, mas Nicole estava sem fome e queria dormir.

– Você está se sentindo muito mal? Posso tocar sua testa? – Sua pele estava queimando. – Só quero dizer que estou muito agradecida por você estar na minha vida – falei. – Estou feliz por você ser minha irmã.

– Eu também – disse ela. Depois de um minuto, ela perguntou: – Você acha que a gente vai chegar a conhecer a nossa mãe?

– Tenho fé que sim.

– Você acha que ela vai gostar da gente?

– Ela vai nos amar – falei para acalmá-la. – E nós vamos amá-la.

– Só porque as pessoas são da sua família não quer dizer que você tenha que amá-las – murmurou ela.

– O amor é disciplina, igual à oração – falei. – Eu queria orar por você, para você se sentir melhor. Você se importa?

– Não vai dar certo. Não vou me sentir melhor.

– Mas eu vou – falei. Então ela concordou.

– Amado Senhor – comecei –, que nós aceitemos o passado com todas as suas falhas, que adentremos um futuro melhor, pleno de perdão e compaixão pelo próximo. E que nós duas sintamos gratidão por sermos irmãs, e que encontremos novamente a nossa mãe, e também nossos dois pais. E lembremo-nos da Tia Lydia, e que ela seja perdoada pelos seus erros e ofensas, assim como esperamos que o Senhor nos perdoe os nossos. E que sempre sintamos gratidão pela nossa irmã Becka, onde quer que ela esteja. Abençoai todos eles. Amém.

Quando cheguei ao final, Nicole já dormia.

Tentei dormir também, mas o porão de carga estava mais abafado do que nunca. Então ouvi alguém descendo a escada de metal. Era o capitão Mishimengo.

– Desculpem, mas precisamos descarregar vocês – disse ele.

– Agora? – repliquei. – Mas está de noite.

– Desculpem – disse de novo o capitão Mishimengo. – Conseguimos fazer o motor funcionar, mas com baixa potência. Agora estamos em águas canadenses mas nem um pouco perto de onde deveríamos deixar vocês. Não podemos chegar a um porto, é perigoso demais para nós. A maré não está a nosso favor.

Ele disse que estávamos próximos à margem leste da baía de Fundy. Tudo o que Nicole e eu teríamos de fazer seria chegar àquele litoral e estaríamos salvas; no entanto, ele não podia arriscar seu barco e sua tripulação.

Nicole dormia profundamente; precisei sacudi-la para despertá-la.

– Sou eu – falei. – Sua irmã.

O capitão Mishimengo lhe repetiu a mesma história: que precisávamos sair naquele instante do *Nellie J. Banks*.

– Então, você quer que a gente nade? – perguntou Nicole.

– Vamos colocar vocês num bote – disse ele. – Avisei lá na frente, vão estar te esperando.

– Ela não está bem – falei. – Pode ser amanhã?

– Não – disse o capitão Mishimengo. – A maré está virando. Se a gente perde essa chance, vocês vão ser puxadas para o mar. Ponham a roupa mais quente que tiverem, estejam no convés em dez minutos.

– A roupa mais quente? – disse Nicole. – Como se tivéssemos trazido um guarda-roupa pro Ártico.

Vestimos todas as roupas que tínhamos. Botas, gorros de *fleece*, nossos casacos impermeáveis. Nicole subiu a escada primeiro: ela não parecia muito estável, e usou só o braço direito.

No convés, o capitão Mishimengo nos esperava com um dos tripulantes. Eles nos deram coletes salva-vidas e uma garrafa térmica. À esquerda do barco, um novelo de neblina se desenrolava em nossa direção.

– Obrigada – falei para o capitão Mishimengo. – Por tudo que fez por nós.

– Desculpem por sair do planejado – disse ele. – Deus as acompanhe.

– Obrigada – falei de novo. – E Deus os acompanhe também.

– Fiquem fora da neblina se puderem.

– Ótimo – disse Nicole. – Neblina. Só faltava essa.

– Pode ser uma bênção – falei.

Eles baixaram o bote inflável com a gente dentro. Ele tinha um pequeno

motor a energia solar: era simples operá-lo, disse o capitão Mishimengo: Ligar, Ponto Morto, Avançar, Ré. Havia dois remos.

– Dá impulso – disse Nicole.

– Perdão?

– Empurra nosso barco para longe do *Nellie*. Com as mãos não! Aqui, usa esse remo.

Eu consegui nos dar impulso, mas sem muito jeito. Eu nunca tinha segurado um remo antes. Eu me senti muito desajeitada.

– Adeus, *Nellie J. Banks* – falei. – Deus o abençoe!

– Não precisa dar tchauzinho, eles não conseguem te ver – disse Nicole. – Devem estar felizes em se livrar da gente, somos carga tóxica.

– Eles foram amáveis – falei.

– Você acha que não estão enchendo a burra de dinheiro?

O *Nellie J. Banks* estava se afastando de nós. Eu torci para dar tudo certo para eles.

Eu sentia a correnteza tentando levar o bote. Naveguem enviesado, dissera o capitão Mishimengo: bater de frente com a maré era perigoso, o bote podia virar.

– Segure a minha lanterna – disse Nicole. Ela estava mexendo nos botões do motor, usando a mão direita. O motor ligou. – Essa correnteza parece de rio. – Estávamos mesmo andando rápido. Víamos luzes na margem à nossa esquerda, muito longe. Estava frio, um frio desses que penetra mesmo com um monte de roupa.

– Estamos chegando? – falei depois de um tempo. – Na costa?

– Espero que sim – disse Nicole. – Porque, se não, logo estaremos de volta a Gilead.

– Podíamos pular no mar – falei. Não podíamos voltar a Gilead, de jeito nenhum: eles já deviam ter dado pela falta de Nicole, e percebido que ela não fugira com um Econo-homem. Não podíamos trair a Becka depois de tudo que ela fizera por nós. Seria melhor morrer.

– Puta merda – disse Nicole. – O motor deu pau.

– Ah, não – falei. – Você tem como...

– Estou tentando. Cacete, que merda!

– O quê? O que foi? – Eu precisei aumentar meu tom: a neblina estava em cima da gente, e o barulho do mar era alto.

– Curto-circuito, acho – disse Nicole. – Ou bateria descarregada.

– Será que fizeram de propósito? – falei. – Talvez queiram a gente morta.

– Nem pensar! – disse Nicole. – Por que matariam a clientela? Agora temos que remar.

– Remar? – falei.

– Sim, com os remos – disse Nicole. – Eu só posso usar o braço bom, o outro parece uma bufa de lobo. E nem pergunta o que é bufa de lobo!

– Não é minha culpa se eu não sei dessas coisas – falei.

– Vai querer mesmo ter essa conversa agora? Porra, sinto muito, mas é uma emergência! Agora, pega esse remo!

– Tudo bem – falei. – Pronto. Pegado.

– Encaixa na forqueta. Na forqueta! Nesse negócio! Agora, usa as duas mãos. Tá, agora olha como eu faço! Quando eu disser já, põe o remo na água e faz força pra trás – disse Nicole. Ela estava gritando.

– Não sei fazer isso. Sou uma inútil.

– Para de choramingar – disse Nicole. – Não quero saber! Só obedece! Quando eu disser *rema*, puxa o remo pro seu corpo! Tá vendo a luz? Está mais perto!

– Acho que não – falei. – Estamos tão longe. Vamos ser puxadas pro mar.

– Não vamos, não – disse Nicole. – Se você se esforçar, não. Agora, rema! E, rema! Isso mesmo! Rema! Rema! Rema!

XXV

Despertar

68

Tia Vidala abriu os olhos. Ela não falou nada até agora. Será que ainda tem um cérebro lá dentro? Será que ela se lembra de ver a jovem Jade com o vestido prateado de Pérola? Será que ela se lembra do golpe que deve tê-la derrubado? Será que vai contar? Se a resposta da primeira é sim, a resposta da segunda também é. Ela vai somar dois mais dois – quem senão eu podia ter facilitado aquele desdobramento? Se ela me denunciar a alguma enfermeira, a denúncia irá diretamente aos Olhos; e então, o relógio irá parar. Preciso tomar precauções. Mas quais, e como?

Rezam os boatos do Ardua Hall que seu infarto não foi espontâneo, e sim o resultado de algum choque, ou até mesmo de um ataque. Pelas marcas de sola na terra, parecia que ela havia sido arrastada para a parte de trás da minha estátua. Ela fora transferida da Unidade de Cuidado Intensiva para uma enfermaria, e Tia Elizabeth e Tia Helena estão se revezando à beira de sua cama, à espera de suas primeiras palavras, uma suspeitando da outra; de forma que não é possível eu ficar a sós com ela.

O bilhete sobre o casamento foi objeto de muita especulação. O noivo encanador fora um toque de mestre: um detalhe muito convincente. Estou orgulhosa da engenhosidade de Nicole, e sei que esta lhe será muito útil num futuro próximo. A capacidade de inventar mentiras plausíveis é um talento que não deve ser subestimado.

Naturalmente, requisitou-se minha opinião a respeito das medidas a serem tomadas. Não seria apropriado ordenar uma busca? A atual localização da menina não fazia grande diferença, falei, desde que os objetivos fossem o casamento e a procriação; mas Tia Elizabeth dizia que o homem talvez fosse um impostor lascivo, ou até mesmo um agente do Mayday infiltrado no Ardua Hall

sob disfarce; em todo caso, ele ia se aproveitar da jovem Jade e depois abandoná-la, e depois disso ela não prestaria para mais nada a não ser para o papel de Aia; portanto, devíamos encontrá-la imediatamente e prender o homem para interrogá-lo.

Caso tivesse existido mesmo algum homem, tais procedimentos teriam sido o óbvio: moças sensatas não fogem para se casar em Gilead e homens bem-intencionados não fogem para se casar com elas. De forma que tive de concordar, e uma equipe de busca de Anjos foi enviada para passar um pente-fino nas casas e ruas da vizinhança. Não estavam tão entusiasmados assim com a missão: perseguir mocinhas iludidas não era a ideia que tinham de heroísmo. Desnecessário dizer que a jovem Jade não foi encontrada; nem qualquer encanador fictício de Mayday desentocado.

Tia Elizabeth opinou que havia algo de muito estranho naquela história toda. Concordei, e disse que estava tão intrigada quanto ela. Mas, em seguida, perguntei: o que se podia fazer? Rastro perdido era rastro perdido. Precisávamos aguardar novas informações.

O Comandante Judd não foi tão fácil de engabelar. Ele me convocou à sua sala para uma reunião urgente.

– Você perdeu a Bebê Nicole. – Ele estava trêmulo de raiva sufocada, e de medo: ter tido a Bebê Nicole a seu alcance e tê-la deixado escapar não seria perdoado pelo Conselho. – Quem mais conhece a identidade dela?

– Mais ninguém – falei. – Você. Eu. E a própria Nicole, é claro; achei sensato compartilhar com ela a informação, para convencê-la de que seu destino era elevado. Mais ninguém.

– Ninguém pode ficar sabendo! Como você pôde deixar acontecer uma coisa dessas? Trazê-la aqui para Gilead, depois deixá-la ser arrancada de nós... A reputação dos Olhos vai sofrer, sem falar na das Tias.

Era mais divertido do que eu poderia expressar ficar assistindo à agonia de Judd, mas fiz um semblante lúgubre.

– Estávamos tomando os maiores cuidados – falei. – Ou ela de fato se evadiu, ou então foi sequestrada. Se for este último, os responsáveis certamente estão trabalhando para o Mayday.

Eu estava ganhando tempo. Sempre estamos tentando ganhar alguma coisa.

Eu contava cada hora que passava. Cada hora, minuto, segundo. Eu tinha bons motivos para acreditar que minhas mensageiras estavam seguindo o caminho planejado, transportando consigo as sementes do colapso de Gilead. Não era à toa que eu vinha fotografando os arquivos criminais ultrassecretos do Ardua Hall há tantos anos.

Duas mochilas das Pérolas foram descobertas ao lado da entrada de uma trilha silvestre abandonada em Vermont. Dentro dela havia dois vestidos de Pérolas, cascas de laranja, e um colar de pérolas. Efetuou-se busca na área, com cães farejadores. Sem resultado.

Manobras evasivas, como são eficazes.

O Departamento de Obras investigou a queixa de falta d'água das Tias dos Corredores A e B e descobriu a pobre Tia Immortelle dentro da cisterna, bloqueando a saída. A menina tão frugal tinha se despido como se quisesse deixar suas vestes para serem reaproveitadas por outras; seus trajes foram encontrados, muito bem dobrados, no primeiro degrau da escada. Ela conservara as peças íntimas por pudor. É a conduta que eu esperaria dela. Não pense que não fico triste pela sua perda; mas me recordo de que foi um sacrifício voluntário.

Tal notícia provocou nova onda de especulações: corria um boato de que Tia Immortelle teria sido assassinada, e quem poderia ter sido senão a recruta canadense desaparecida chamada Jade? Muitas Tias – entre as quais algumas que haviam saudado sua chegada com tanto júbilo e satisfação – agora diziam ter sempre desconfiado de que havia algo de fraudulento nela.

– Que escândalo – disse Tia Elizabeth. – Vai acabar com a nossa reputação!

– Vamos encobrir isso – falei. – Vou adotar o discurso de que a Tia Immortelle simplesmente tentou investigar o que havia de errado com a cisterna defeituosa, evitando com isso o dispêndio de mão de obra valiosa nessa tarefa. Ela deve ter escorregado ou então desmaiado. Foi um acidente por extrema dedicação e desprendimento. Será o meu discurso no funeral digno e louvável que vamos organizar.

– Mas que ideia genial – disse Tia Helena dubiamente.

– Você acha que alguém vai acreditar? – perguntou Tia Elizabeth.

– Vão acreditar no que for melhor para os interesses do Ardua Hall – disse eu,

com firmeza. – Que também corresponde ao melhor interesse de cada uma.

Mas a especulação foi crescendo. Duas Pérolas haviam passado pelo portão – os Anjos do turno juravam ser verdade – com seus documentos em ordem. Será que uma delas era Tia Victoria, que ainda não havia aparecido nas refeições? Se não, onde estaria ela? E se sim, por que partira mais cedo para sua missão, antes da Ação de Graças? Ela não podia estar acompanhada pela Tia Immortelle, então quem poderia ser a segunda Pérola? Seria a Tia Victoria cúmplice da fuga dupla? Pois, cada vez mais, estava parecendo uma fuga. Concluiu-se que o bilhete sobre a fuga para casar fazia parte da mesma armação: pretendia nos lograr, retardando a perseguição. Como podiam ser desonestas e astutas essas jovens, cochichavam as Tias – especialmente as estrangeiras.

Então veio a notícia de que Duas Pérolas haviam sido avistadas na estação de ônibus de Portsmouth em New Hampshire. O Comandante Judd ordenou uma operação de busca: aquelas impostoras – assim se referiu a elas – deviam ser capturadas e trazidas para interrogatórios. Não se devia permitir que conversassem com ninguém a não ser ele. Caso houvesse possibilidade de fuga, as ordens eram de atirar para matar.

– Medidas um tanto extremas – falei. – Elas são inexperientes. Podem ter sido tapeadas.

– Nas circunstâncias atuais, é muito mais útil para nós uma Bebê Nicole morta do que uma viva – disse ele. – Sei que você entende, Tia Lydia.

– Peço perdão pela minha estupidez – falei. – Acreditei na sinceridade dela; quero dizer, no seu sincero desejo de se unir a nós. Teria sido uma conquista maravilhosa, caso tivesse se concretizado.

– Claramente ela foi plantada, inserida em Gilead sob falsos pretextos. Caso esteja viva, ela poderia derrubar a nós dois. Não compreende como ficaríamos vulneráveis caso alguém a tivesse em seu poder e a fizesse falar? Eu perderia toda a minha credibilidade. Logo surgirão os longos punhais, e não só para mim: seu reinado aqui no Ardua Hall vai chegar ao fim, e – francamente – você também.

Bem me quer, mal me quer: estou assumindo a condição de mera ferramenta, a ser usada e descartada. Mas esse jogo é para dois.

– É a pura verdade – falei. – Infelizmente, há em nosso país quem viva obcecado pela vingança. Eles não acreditam que você tenha agido sempre com a

melhor das intenções, especialmente em suas ações para separar o joio do trigo. Mas também nessa questão você tomou a decisão mais sábia, como sempre.

Isso extraiu dele um sorriso, ainda que um sorriso tenso. Veio-me uma recordação, não pela primeira vez. Em meu roupão marrom de pano de saco, eu ergui a arma, mirei, atirei. Com bala ou sem bala?

Com bala.

Fui fazer mais uma visita a Tia Vidala. Tia Elizabeth estava de serviço, tricotando um desses gorrinhos para bebês prematuros que hoje em dia estão na moda. Permaneço profundamente grata pelo fato de que nunca cheguei perto de aprender a tricotar.

Os olhos de Vidala estavam fechados. Ela respirava de maneira constante: péssima sorte.

– Ela já falou? – perguntei.

– Não, nem uma palavra – disse Tia Elizabeth. – Não enquanto estive aqui.

– Sua dedicação é exemplar – falei –, mas você deve estar cansada. Vou te substituir. Vá tomar um chazinho. – Ela me deu uma olhada desconfiada, mas logo se foi.

Assim que ela saiu do quarto, me debrucei e falei alto ao ouvido de Tia Vidala:

– Acorde!

Seus olhos se abriram. Ela focalizou em mim. E sussurrou, sem engrolar as palavras:

– Você que fez isso comigo, Lydia. Você vai para a forca.

Sua expressão era vingativa e triunfante: finalmente ela tinha em seu poder uma acusação suficiente para acabar comigo, e meu cargo já era praticamente dela.

– Você está cansada – falei. – Volte a dormir.

Ela voltou a fechar os olhos.

Eu remexia no bolso procurando a morfina que trouxera comigo quando Elizabeth voltou.

– Esqueci meu tricô – disse ela.

– Vidala falou. Quando você saiu do quarto.

– O que foi que ela disse?

– Ela deve estar com dano cerebral – falei. – Ela a acusou de tê-la agredido. E

disse que você está mancomunada com o Mayday.

– Mas como alguém poderia acreditar nela – disse Elizabeth, empalidecendo. – Se alguém a agrediu, só pode ter sido aquela Jade!

– É difícil prever no que as pessoas vão acreditar – falei. – Há quem possa achar conveniente denunciar você. Nem todos os Comandantes ficaram felizes com a saída infame do dr. Grove. Ouvi dizerem que você não é de confiança: se você acusou o Grove, a quem mais poderia acusar? Nesse caso, eles vão aceitar o testemunho de Vidala contra você. As pessoas adoram um bode expiatório.

Ela se sentou.

– É um desastre – disse ela.

– Já estivemos em maus lençóis antes, Elizabeth – falei com brandura. – Lembre-se do Thank Tank. Ambas passamos por lá. Desde então, fizemos o que se fez necessário.

– Você é um esteio, Lydia – disse ela.

– É uma pena que a Vidala tenha tantas alergias – falei. – Espero que não sofra um ataque de asma enquanto dorme. Agora preciso me apressar, tenho uma reunião. Deixo Vidala em suas mãos competentes. Notei que o travesseiro dela carece de ser ajeitado.

Dois coelhos com uma cajadada só: se acontecer, que satisfação, tanto estética quanto prática, além de uma distração que irá criar uma sobrevida. Ainda que no fim das contas não para mim, já que há parcas chances de eu mesma escapar ilesa das revelações que certamente acontecerão assim que Nicole aparecer no noticiário do Canadá e o arquivo secreto de provas que ela transportou para mim for divulgado.

No tique-taque do relógio, os minutos vão passando. Eu espero e espero.

Voem bem, minhas mensageiras, minhas pombinhas de prata, meus anjos da aniquilação. Que pousem em segurança.

XXVI

TERRA À VISTA

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369A

69

Não sei quanto tempo ficamos no bote. Pareceram horas. Desculpe se não sei ser mais precisa.

Havia neblina. As ondas estavam muito grandes, e borrifavam água na gente. Fazia um frio de morte. A correnteza puxava muito, e nos levava na direção do mar. Eu estava mais que assustada: pensei que iríamos morrer. O bote iria alagar, seríamos jogadas em mar aberto, iríamos parar nas suas profundezas. A mensagem de Tia Lydia se perderia e todos os sacrifícios teriam sido em vão.

Amado Senhor, orei em silêncio. Por favor, que a gente chegue a salvo em terra. E, se mais alguém tiver que morrer, que seja só eu.

Nós remávamos e remávamos. Cada uma com um remo. Eu nunca entrara num barco antes, então não sabia como fazer. Eu estava sem força e cansada, e meus braços tinham câimbras de dor.

– Não dá mais – falei.

– Não para! – gritou Nicole. – Estamos indo bem!

O barulho das ondas quebrando na praia parecia próximo, mas estava tão escuro que eu não via onde estava a margem. Então uma onda enorme quebrou bem em cima do bote, e Nicole gritou:

– Rema! Rema pra não morrer!

Veio um barulho de raspada, que deve ter sido no cascalho, e daí veio outra onda, e o bote virou de lado, e nós fomos jogadas em terra. Eu fiquei de joelhos na água, fui derrubada por outra onda, mas consegui me aprumar, e a mão de Nicole surgiu da escuridão e me puxou para cima de umas pedras grandes. Então nos vimos de pé, fora do alcance do mar. Eu tremia inteira, meus dentes batiam, minhas mãos e pés estavam dormentes. Nicole abraçou meus ombros.

– Conseguimos! Conseguimos! Achei que a gente ia morrer! – gritou ela. –

Porra, só espero que seja o lugar certo! – Ela gargalhava mas também ofegava, sem fôlego.

No meu coração falei: muito obrigada, Senhor.

Transcrição do Depoimento da Testemunha 369B

70

Foi por muito pouco. Quase chutamos o balde. Podíamos ter sido puxadas pela maré e ter ido parar na América do Sul, mas mais provavelmente teríamos sido apanhadas por Gilead e condenadas à forca no Muro. Estou tão orgulhosa da Agnes – depois daquela noite passei mesmo a considerá-la minha irmã. Ela continuou remando, mesmo acabada. Eu não teria tido como remar aquele bote sozinha.

As pedras eram traiçoeiras. Havia muita alga escorregadia. Eu não enxergava muito pois estava muito escuro. Agnes estava a meu lado, o que foi bom, porque naquela altura eu já estava delirando. Meu braço esquerdo parecia que nem pertencia a mim – parecia solto, acoplado ao meu corpo apenas pela manga da camisa.

Escalamos pedras aos tropeções, pisando em poças, resvalando a cada dois passos. Eu não sabia para onde estávamos indo, mas desde que fosse para cima, seria para mais longe das ondas. Eu praticamente dormia em pé de tão cansada. Eu pensava: cheguei até aqui para cair dura, bater a cabeça e morrer na praia. Becka disse: *Falta pouco.* Eu não me lembrava dela no bote com a gente, mas na praia ela estava junto, eu só não a via porque estava muito escuro. Até que ela disse: *Olhe lá. Vá atrás da luz.*

Alguém falava aos brados num penhasco acima de nós. Lanternas zanzavam lá em cima, e uma voz berrou: "Achei elas!" E outra gritou: "Ali!" Eu estava exausta demais para gritar em resposta. Então o solo ficou mais arenoso, e as lanternas vieram nos encontrar descendo por um caminho à direita.

Uma delas estava na mão de Ada.

– Você conseguiu – disse ela.

– É – respondi, e depois desabei.

Alguém me pegou do chão e começou a me carregar. Era Garth. Ele falou:

– Não falei? Mandou bem! Sabia que você ia conseguir. – E isso me fez sorrir.

Subimos uma colina onde havia luzes fortes e gente com câmeras de televisão, e uma voz falou:

– Sorria pra gente.

E foi aí que eu apaguei.

Eles nos levaram de helicóptero para o Centro Médico de Refugiados Campobello e me encheram de antibiótico, de forma que, quando acordei, meu braço não estava mais tão inchado e dolorido.

Minha irmã, Agnes, estava ao lado da cama, com jeans e um moletom que dizia CORRENDO PARA SALVAR VIDAS: AJUDE A COMBATER O CÂNCER DE FÍGADO. Achei engraçado porque foi o que fizemos: corremos para salvar nossas vidas. Ela estava segurando a minha mão. Ada estava lá a seu lado, e Elijah, e Garth. Eles todos estavam sorrindo feito loucos.

Minha irmã falou:

– Foi um milagre. Vocês salvaram nossas vidas.

– Estamos muito orgulhosos de vocês duas – disse Elijah. – Mas peço desculpas pelo bote: o combinado era levarem vocês até a costa.

– Vocês são manchete no país inteiro – disse Ada. – "Irmãs escapam por pouco." "Bebê Nicole empreende fuga ousada de Gilead."

– E os documentos secretos – disse Elijah. – Também estão nas manchetes. São explosivos. Tantos crimes de gente de alta patente em Gilead... é muito melhor do que sonhávamos. A mídia canadense tem soltado segredos perturbadores um atrás do outro, e logo as cabeças vão começar a rolar. A fonte de Gilead cumpriu mesmo a palavra.

– Então Gilead já era? – perguntei. Eu sentia felicidade mas também uma irrealidade, como se não tivesse sido eu a fazer as coisas que tínhamos feito. Como pudemos nos arriscar tanto? O que nos impeliu a continuar?

– Ainda não – disse Elijah. – Mas começou.

– O Noticiário de Gilead está dizendo que é tudo mentira – disse Garth. – Conspiração do Mayday.

Ada deu uma risada curta feito um rosnado.

– Claro que vão dizer isso.

– Cadê a Becka? – perguntei. Eu estava zonza de novo, e fechei os olhos.

– A Becka não está – disse Agnes com doçura. – Ela não veio com a gente. Lembra?

– Ela veio, sim. Ela estava com a gente na praia – murmurei. – Ouvi a voz dela.

Acho que adormeci. Depois acordei.

– Ela ainda está com febre? – perguntou uma voz.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Shh – fez minha irmã. – Está tudo bem. Nossa mãe está aqui. Ela estava tão preocupada com você. Olha, ela está do seu lado.

Abri os olhos, e estava claro demais, mas vi uma mulher ali, de pé. Ela parecia feliz e triste ao mesmo tempo; chorava um pouco. Era quase igual à foto no arquivo das Linhagens, só que mais velha.

Eu senti que devia ser ela, então ergui os braços, o bom e o que estava sarando, e nossa mãe se debruçou na cama de hospital, e nos abraçamos com um braço só. Ela usou um só braço porque o outro abraçava Agnes, e disse:

– Minhas meninas queridas.

O cheiro dela era o certo. Parecia um eco, uma voz que por pouco não se ouve.

Ela deu um pequeno sorriso e disse:

– Vocês não se lembram de mim, é claro. Vocês eram muito pequenas.

E eu respondi:

– Não. Não lembro. Mas tudo bem.

E minha irmã falou:

– Ainda não. Mas vou lembrar.

E eu voltei a dormir.

XXVII

Despedida

71

Nosso tempo juntos se aproxima do final, meu leitor. Possivelmente você vê essas minhas páginas como um frágil baú do tesouro, a ser aberto com o maior dos cuidados. Possivelmente você vai rasgá-las ou queimá-las: isso costuma acontecer muito com escritos.

Talvez você esteja estudando história, e nesse caso espero que você faça algo de útil comigo: um retrato com verrugas e tudo, um relato definitivo da minha vida e época, com as devidas notas de pé de página; ainda que, se você não me acusar de má-fé, eu ficarei atônita. Na verdade, nem mesmo atônita: estarei morta, e mortos são difíceis de surpreender.

Eu te imagino como uma moça, inteligente, ambiciosa. Você vai estar tentando encontrar um nicho seu seja lá em que grutas acadêmicas obscuras e cheias de ecos que ainda persistam na sua época. Eu te vejo em sua escrivaninha, cabelo enfiado atrás da orelha, esmalte lascado nas unhas – porque o esmalte vai ter voltado, ele sempre volta. Você está franzindo um pouco a testa, um hábito que vai piorar com a idade. Eu pairo sobre seus ombros, espiando: sua musa, sua inspiração invisível, instando-a a trabalhar.

Você vai labutar nesse meu manuscrito, lendo e relendo, procurando pelo em ovo à medida que avança, desenvolvendo o ódio fascinado, mas também entediado, que biógrafos tantas vezes chegam a sentir por seus biografados. Como é que eu pude ser tão má, tão cruel, tão burra?, você vai se perguntar. Você pessoalmente nunca teria feito as coisas daquele jeito! Mas você pessoalmente nunca precisou fazê-las.

E assim chegamos ao meu fim. É tarde: tarde demais para Gilead impedir sua destruição iminente. Sinto muito não poder estar viva para presenciá-la – a

conflagração, a derrocada. E é tarde na minha vida. E é tarde da noite: uma noite límpida, conforme observei ao vir andando para cá. A lua cheia está no céu, iluminando a todos com seu ambíguo fulgor cadavérico. Três Olhos me saudaram quando passei por eles: sob o luar, seus rostos eram escaveirados, assim como o meu deve ter parecido a eles.

Eles vão chegar tarde demais, os Olhos. Minhas mensageiras alçaram voo. Quando o pior acontecer – o que deve vir muito em breve –, minha saída será célere. Bastará uma ou duas seringas cheias de morfina. Melhor assim: se eu me permitisse viver, vomitaria verdades demais. A tortura é como a dança: já estou velha demais para ambas. Que outros mais jovens se empenhem nessa bravura. Ainda que talvez não tenham escolha sobre isso, já que a eles faltam meus privilégios.

Mas agora é preciso encerrar nossa conversa. Adeus, meu leitor. Tente não pensar mal demais de mim, ou ao menos não mais do que eu mesma penso.

Em breve irei encaixar essas páginas no cardeal Newman e recolocá-lo na minha estante. Em meu fim está o meu começo, como já disseram uma vez. Quem foi, mesmo? Maria da Escócia, se a história não nos engana. Era seu lema, com uma fênix ressuscitando das cinzas, bordado em uma tapeçaria de parede. Que excelentes bordadeiras são as mulheres.

Aproximam-se os passos, uma bota após a outra. Num intervalo entre o inspirar e o expirar, alguém vai bater à minha porta.

O décimo terceiro simpósio

O décimo terceiro simpósio

OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS

Transcrição parcial das atas do Décimo Terceiro Simpósio em Estudos Gileadeanos, Convenção da Associação Histórica Internacional, Passamaquoddy, Maine, 29-30 de junho de 2197.

PRESIDENTE: *Professora Maryann Crescent Moon, Presidente, Universidade de Anishinaabe, Cobalt, Ontário.*
CONFERENCISTA DE ABERTURA: *Professor James Darcy Pieixoto, Diretor, Arquivos dos Séculos XX e XXI, Universidade de Cambridge, Inglaterra.*

CRESCENT MOON: Em primeiro lugar, eu gostaria de mencionar que este evento se realiza no território tradicional da Nação Penobscot, e agradeço aos mais velhos e aos antepassados por permitirem nossa presença aqui hoje. Gostaria também de ressaltar que esta localidade – Passamaquoddy, antiga Bangor – não somente era um ponto de partida crucial para os refugiados que deixavam Gilead, mas também um nó central da Ferrovia Subterrânea, as rotas clandestinas de escravos nos tempos pré-Guerra Civil, há mais de trezentos anos. Como dizem por aí, a história não se repete, mas rima.

Que prazer em fazer as honras de abertura desse Décimo Terceiro Simpósio sobre Estudos Gileadeanos! Como nossa organização cresceu, e como são bons os motivos para isso. Precisamos nos recordar incessantemente dos descaminhos tomados no passado para não voltarmos a repetir os mesmos erros.

Tratando do lado prático: para aqueles que gostariam de pescar no rio Penobscot, há duas turmas de excursão com inscrições abertas; por favor, lembrem-se do protetor solar e do repelente de insetos. Detalhes dessas

expedições, e do tour arquitetônico sobre o Período de Gilead na cidade, constam nos seus arquivos do simpósio. Acrescentamos um Canto Recreativo de Hinos do Período de Gilead na igreja de São Judas, com acompanhamento de três corais escolares da região. Amanhã é o Dia de Encenação em Trajes de Época, para aqueles que trouxeram os paramentos necessários. Faço um apelo para que não se deixem levar em excesso, como ocorreu durante o Décimo Simpósio.

Agora, por favor, recebam calorosamente um palestrante que todos conhecemos bem, tanto por suas publicações textuais como por sua fascinante série de televisão recente, *Por dentro de Gilead: A vida cotidiana em uma teocracia puritana*. Sua apresentação de objetos de coleção de museus do mundo todo – em especial dos artigos têxteis confeccionados com trabalho manual – foi verdadeiramente arrebatadora. Com vocês, o professor Pieixoto.

PIEIXOTO: Obrigado, Professora Crescent Moon, ou devo dizer Presidenta? Gostaríamos de parabenizá-la pela sua promoção, algo que jamais teria acontecido em Gilead. (*Aplausos.*) Agora que as mulheres vêm usurpando posições de liderança com tal aterrorizante frequência, faço um apelo para que não seja severa demais comigo. Levei a sério seus comentários sobre minhas piadinhas no Décimo Segundo Simpósio – admito que algumas delas não foram lá de muito bom gosto – e vou me empenhar em não ofendê-la novamente. (*Aplausos diferenciados.*)

É gratificante que um público tão numeroso tenha comparecido. Quem haveria de pensar que os Estudos sobre Gilead – por tantas décadas negligenciados – voltariam a desfrutar de tal popularidade? Nós, que tanto e por tanto tempo labutamos nos cantos obscuros da academia, estamos desacostumados às luzes ofuscantes da ribalta. (*Risos.*)

Todos vocês se recordam do entusiasmo de alguns anos atrás, quando foi encontrado um baú de uso militar contendo a coleção de fitas atribuída à Aia de Gilead conhecida como "Offred". Este achado aconteceu bem aqui, em Passamaquoddy, atrás de uma parede falsa. Nossas investigações e conclusões provisórias foram apresentadas em nosso simpósio anterior, e já originaram um número impressionante de publicações revisadas por especialistas.

Àqueles que questionaram este material e suas datas, hoje posso dizer com

segurança que meia dúzia de estudos independentes verificaram nossas hipóteses iniciais, embora alguma explicação se faça necessária. O Buraco Negro Digital do século XXI, que ocasionou o desaparecimento de tanta informação devido à rápida deterioração dos dados armazenados – aliado à sabotagem de um grande número de prédios de servidores e bibliotecas pelos agentes de Gilead no intuito de obliterar registros que pudessem entrar em conflito com os do seu país, assim como as revoltas populistas contra a vigilância digital repressora em diversos países –, implica até hoje a impossibilidade de datarmos com precisão muitos materiais de Gilead. Deve-se presumir uma margem de erro de entre dez e trinta anos. Dentro dessa faixa de tempo, porém, estamos tão confiantes quanto qualquer historiador jamais pode estar. (*Risos.)*

Desde a descoberta dessas importantes fitas, ocorreram duas outras descobertas espetaculares, as quais, caso sejam autênticas, aumentarão substancialmente nossa compreensão a respeito desse período longínquo da nossa história coletiva.

Primeiramente, o manuscrito conhecido como *O hológrafo de Ardua Hall.* Esta série de páginas escritas à mão foi descoberta no interior de uma edição do século XIX de *Apologia pro vita sua*, do cardeal Newman. O livro foi adquirido em um leilão por J. Grimsby Dodge, residente de Cambridge, Massachusetts. Seu sobrinho herdou a coleção e a vendeu a um especialista em antiguidades que reconheceu o seu potencial; foi assim que ele foi trazido à nossa atenção.

Eis o slide da primeira página. A caligrafia é legível àqueles fluentes em letra cursiva arcaica; as páginas foram aparadas de modo a caber no recorte dentro do tomo do cardeal Newman. A datação por carbono do papel não exclui o período tardio de Gilead, e a tinta utilizada nas primeiras páginas é uma tinta para desenho padrão do período, de cor preta, embora após certo número de páginas, empregue-se outra cor, o azul. A escrita era vedada a meninas e mulheres, com exceção das Tias, porém ensinava-se desenho nas escolas às filhas de famílias da elite; de forma que havia disponibilidade desse tipo de tinta.

O hológrafo de Ardua Hall diz ele mesmo ser obra de uma certa "Tia Lydia", que figura de forma um tanto desabonadora na série de fitas descoberta no baú militar. Indícios internos sugerem que ela talvez seja a mesma "Tia Lydia" identificada por arqueólogos como a modelo principal de uma grande e mal executada estátua descoberta em uma granja industrial abandonada setenta anos

depois da queda de Gilead. O nariz da figura central havia sido quebrado, e uma das outras figuras estava sem a cabeça, sugerindo vandalismo. Eu mesmo tirei essa foto, e não sou dos melhores fotógrafos. Devido a limitações orçamentárias, não pude contratar um profissional. *(Risos.)*

Esta personagem, "Lydia", é citada em diversas entrevistas com agentes do Mayday pós-infiltração prolongada como sendo uma pessoa implacável e astuta. Não fomos capazes de localizá-la na esparsa quantidade de material televisado que sobreviveu a este período, ainda que exista uma fotografia enquadrada com "Tia Lydia" escrito no verso, desenterrada das ruínas de uma escola para meninas bombardeada durante o colapso de Gilead.

Muitos indícios apontam para a possibilidade desta "Tia Lydia" de fato ter sido a autora do nosso manuscrito. Porém, como sempre, devemos exercer a cautela. Suponhamos que o manuscrito seja forjado; não uma tentativa fraudulenta e amadora de tempos recentes – o papel e a tinta logo tornariam manifesto esse engodo –, mas uma falsificação de dentro do próprio Gilead; na verdade, de dentro do próprio Ardua Hall.

E se nosso manuscrito tivesse o intuito de funcionar como uma armadilha, incriminando seu objeto, tal como as Cartas do Cofre usadas para condenar Maria da Escócia à morte? Seria possível que uma das supostas inimigas de "Tia Lydia", conforme explanado no próprio manuscrito – Tia Elizabeth, por exemplo, ou Tia Vidala, ressentida com o poder de Lydia, ambicionando sua posição, e familiarizada com sua caligrafia e estilo oratório, tenha redigido esse documento incriminatório, torcendo para que os Olhos o descobrissem?

Existe sim uma possibilidade remota. No entanto, olhando para o todo, tendo a afirmar que nosso manuscrito é verdadeiro. É fato comprovado que alguém dentro do Ardua Hall forneceu o microponto crucial às duas meias-irmãs fugitivas de Gilead cuja trajetória vamos examinar a seguir. Elas mesmas alegam que essa personagem era Tia Lydia: por que desacreditarmos delas?

A não ser, é claro, que a história das meninas sobre a "Tia Lydia" seja ela mesma um despiste, com intuito de proteger a identidade do verdadeiro agente duplo do Mayday para o caso de alguma traição de dentro do próprio Mayday. Sempre há essa possibilidade. Em nossa profissão, uma caixa misteriosa, ao ser aberta, muitas vezes revela outra.

Isso nos leva a um par de documentos que quase certamente são autênticos.

Eles estão identificados como transcrições de testemunhos de duas jovens que, conforme elas mesmas relatam, descobriram que são meias-irmãs por meio dos Arquivos de Linhagens Genealógicas alimentado pelas Tias. A jovem que se identifica como "Agnes Jemima" alega ter sido criada dentro de Gilead. A outra, que se chama "Nicole", parece ser oito ou nove anos mais jovem. Em seu testemunho, ela conta como descobriu, através de dois agentes do Mayday, que foi retirada clandestinamente de Gilead ainda bebê.

"Nicole" pode parecer jovem demais, tanto em anos como em experiência, para ter recebido a perigosa missão que as duas parecem ter cumprido com grande êxito, porém ela não era mais jovem que muitos envolvidos em operações de resistência e espionagem no decorrer dos séculos. Há historiadores que argumentam até mesmo que pessoas dessa faixa etária são especialmente adequadas a tais aventuras, pois os jovens são idealistas, subestimam a própria mortalidade, e são mortificados por um senso exagerado de justiça.

Crê-se que a missão descrita foi fundamental à derrocada final de Gilead, já que o material contrabandeado pela irmã mais nova – um microponto inserido em uma tatuagem escarificada, que devo admitir ser um método de transporte de informações muito inovador *(risos)* – revelou uma enorme quantidade de segredos pessoais infames de diversos oficiais de alto escalão. Especialmente digna de nota é a coleção de tramoias divisada por Comandantes para eliminar outros Comandantes.

A exposição destas informações detonou o que ficou conhecido como o Expurgo de Baal, que desfalcou os números da elite, enfraqueceu o regime, e instigou um golpe militar, assim como uma revolta popular. Os levantes e o caos que se seguiram levaram a uma campanha de sabotagem coordenada pela Resistência Mayday e a uma série de ataques bem-sucedidos partindo de certos pontos dos antigos Estados Unidos, tais como as montanhas do interior do Missouri, as áreas de Chicago e Detroit e suas imediações, o Utah – ressentido pelo massacre de mórmons que ali ocorrera –, a República do Texas, o Alasca, e a maior parte da Costa Oeste. Mas esta é outra história – uma que ainda está sendo recuperada e compreendida pelos historiadores especialistas em assuntos militares.

Vou me concentrar nos depoimentos das próprias testemunhas, registrados e

transcritos provavelmente para uso do movimento da Resistência Mayday. Esses documentos foram localizados na biblioteca da Universidade Innu em Sheshatshiu, Labrador. Ninguém os descobrira antes – possivelmente porque a pasta não estava identificada corretamente, por estar sob o título "Anais do *Nellie J. Banks*: duas aventureiras". Quem passasse os olhos nesse conjunto de significantes pensaria que se tratava de um relato mais antigo sobre contrabando de bebida alcóolica, pois o *Nellie J. Banks* foi uma escuna famosa por contrabandear rum no começo do século XX.

Foi só quando Mia Smith, uma de nossas alunas de pós-graduação em busca de um tema para sua tese, abriu a pasta que a verdadeira natureza de seu teor foi trazida à luz. Quando ela me passou o material para que eu o avaliasse, fiquei extremamente entusiasmado, pois narrativas em primeira pessoa de Gilead são praticamente inexistentes – especialmente as relativas à vida de meninas e mulheres. É difícil que pessoas afastadas das letras deixem esse tipo de registro.

Porém, enquanto historiadores, temos o dever de questionar nossas conjecturas iniciais. Seria aquela narração de dois gumes apenas uma falsificação muito bem-feita? Uma equipe de alunos da nossa pós-graduação refez o trajeto descrito pelas supostas testemunhas – primeiro traçando seu provável curso em mapas terrestres e marítimos, depois viajando por essa rota com o objetivo de recolher pistas que talvez ainda subsistissem. Um detalhe de enfurecer é que os textos em si não contêm data. Espero que vocês, caso venham a se envolver em alguma peripécia dessas proporções, possam dar uma mãozinha a historiadores futuros incluindo o mês e o ano. (*Risos.*)

Após uma série de becos sem saída e uma noite infestada de ratazanas em uma fábrica de lagosta em lata abandonada em New Hampshire, a equipe entrevistou uma idosa que residia aqui em Passamaquoddy. Ela disse que seu bisavô contava histórias sobre ter transportado gente para o Canadá – geralmente mulheres – em um barco de pesca. Ele possuía até um mapa do local, que a bisneta nos deu de presente, dizendo que estava prestes a jogar aquela velharia toda fora para que ninguém tivesse trabalho com aquilo quando ela morresse.

Vou colocar o slide desse mapa.

Com o ponteiro a laser, vou indicar a rota mais provável das nossas jovens refugiadas: de carro até aqui, de ônibus até aqui, de picape até aqui, de barco a

motor até aqui, e a bordo do *Nellie J. Banks* até essa praia próxima a Harbourville, Nova Escócia. Dali elas parecem ter sido transportadas de helicóptero até um centro médico e de processamento de refugiados na ilha Campobello, em New Brunswick.

Em seguida, nossa equipe de alunos visitou a ilha Campobello, e, nela, a residência de veraneio construída pela família de Franklin D. Roosevelt no século XIX, dentro da qual se localizava temporariamente o centro para refugiados. Gilead queria cortar qualquer laço com esse edifício, de forma que explodiu o elevado que partia do continente gileadeano, impedindo assim qualquer tentativa de fuga por terra por parte de nostálgicos da democracia. A casa passou por maus bocados desde então, mas depois foi restaurada e hoje é administrada como museu; infelizmente, a maior parte da mobília original desapareceu.

Nossas duas jovens podem ter passado ao menos uma semana nessa casa, pois, segundo seus próprios relatos, ambas necessitaram de tratamento para hipotermia e exposição a intempéries, e, no caso da irmã mais nova, para sepse devido a uma infecção. Ao dar busca pelo prédio, nossa jovem e dedicada equipe descobriu interessantes entalhes na madeira de um peitoril do segundo andar.

Ei-los aqui nesse slide – há uma camada de tinta por cima, mas ainda são visíveis.

Aqui tem um *N*, que talvez seja de "Nicole" – podemos ver aqui a haste ascendente – e um *A*, e um *G*: será que esses seriam referências a "Ada" e "Garth"? Ou será que o *A* é de "Agnes"? Aqui há um *V* – de "Victoria"? – ligeiramente abaixo, aqui. E ali, as letras *TL*, possivelmente em referência à "Tia Lydia" de seus testemunhos.

Quem teria sido a mãe dessas duas meias-irmãs? Sabemos que existiu uma Aia fugitiva que atuou como agente de campo do Mayday por alguns anos. Após sobreviver a pelo menos duas tentativas de assassinato, ela trabalhou alguns anos sob tripla proteção na unidade de inteligência do Mayday próxima a Barrie, em Ontário, que se fazia passar por uma fazenda de produtos orgânicos de cânhamo. Ainda não excluímos definitivamente essa pessoa como possível autora das fitas do "Conto da Aia" encontrados no baú militar; e, segundo a narrativa citada, esta pessoa teve ao menos duas filhas. Mas tirar conclusões apressadas pode nos induzir ao erro, então fico na dependência do exame mais atento da questão por futuros especialistas, caso seja possível.

Para conveniência das partes interessadas – no momento, uma oportunidade reservada apenas aos que compareceram ao nosso simpósio, embora, a depender do financiamento, possamos depois estendê-lo a uma comunidade de leitores mais ampla –, o meu colega Professor Knotly Wade e eu preparamos uma edição fac-símile desses três lotes de material, os quais intercalamos em certa ordem que para nós fez algum sentido narrativo. Você tira o historiador do contador de histórias, mas não tira o contador de histórias do historiador! (*Risadas, aplausos.*) Numeramos as seções para facilitar buscas e referências: desnecessário dizer que nenhum destes números aparece nos originais. Favor solicitar as cópias do fac-símile junto à recepção; porém, apenas um por pessoa, dado que o estoque é limitado.

Desejo boa viagem em sua jornada ao passado; e, enquanto estiverem por lá, peço que ponderem o significado dos intrigantes entalhes do peitoril. Limito-me a dizer que a correspondência das letras iniciais com diversos dos nomes cruciais de nossas transcrições é bastante evocativa, para dizer o mínimo.

Encerro a apresentação com mais uma fascinante peça do quebra-cabeça.

A série de slides que estou prestes a lhes mostrar são imagens de uma estátua atualmente localizada no Boston Common. Sua proveniência sugere que não pertence ao período de Gilead: o nome do escultor responsável corresponde ao de um artista atuante em Montreal algumas décadas após o colapso de Gilead, e a estátua deve ter sido transferida para sua atual localização alguns anos depois do caos pós-Gilead e da posterior Restauração dos Estados Unidos da América.

A inscrição parece se referir aos principais agentes citados em nossos materiais. Caso seja este mesmo o caso, nossas duas jovens mensageiras parecem ter sobrevivido não apenas para narrar suas histórias como também para se reunirem com sua mãe e respectivos pais, além de terem tido seus próprios filhos e netos.

Pessoalmente, considero essa inscrição um atestado convincente da autenticidade das transcrições de nossas duas testemunhas. A memória coletiva é famosa por suas limitações, e boa parte do passado simplesmente naufraga no oceano do tempo e se afoga de vez; porém, muito raramente, as águas se abrem, permitindo-nos vislumbrar algum tesouro oculto, mesmo que por um momento. Embora a história esteja repleta de nuances, e nós, historiadores, nunca

possamos demandar uma unanimidade, creio que vão concordar comigo ao menos nesse caso.

Como podem ver, a estátua mostra uma moça usando os trajes de uma Pérola: observem o chapéu característico, o colar de pérolas, e a mochila. Ela está segurando um buquê de flores que nosso consultor etnobotânico identificou como não-me-esqueças; em seu ombro direito há duas aves, que pertencem, ao que parece, à família do pombo.

Eis a inscrição. As letras estão danificadas pelo tempo e são de difícil leitura no slide, de forma que tomei a liberdade de transcrevê-las no slide seguinte, este. E com isto, encerro minha apresentação.

EM MEMÓRIA DA AMADA
BECKA, TIA IMMORTELLE

ESTE MEMORIAL FOI ERIGIDO POR SUAS IRMÃS
AGNES E NICOLE
E SUA MÃE, SEUS DOIS PAIS,
SEUS FILHOS E SEUS NETOS.
E EM RECONHECIMENTO AOS SERVIÇOS
INESTIMÁVEIS PRESTADOS POR T.L.

AS AVES DOS CÉUS LEVARIAM A VOZ, E OS QUE TÊM ASAS
DARIAM NOTÍCIA DO ASSUNTO.
O AMOR É FORTE COMO A MORTE.

Agradecimentos

Os testamentos foi escrito em diversos lugares: em um vagão de vista panorâmica de um trem preso em um ramal devido a um deslizamento de terra, em algumas embarcações, em uma série de quartos de hotel, no meio de uma floresta, no centro de uma cidade, em bancos de parque, e em cafés, com palavras que foram inscritas no proverbial guardanapo de papel, em cadernos, e em um laptop. O deslizamento foi algo além do meu controle, assim como algumas das outras ocorrências que afetaram o local da escrita. Já as outras circunstâncias foram inteiramente de minha culpa.

Porém, antes de se tornar palavras na página, *Os testamentos* foi escrito em parte nas cabeças dos leitores de seu antecessor, *O conto da aia*, que não paravam de perguntar o que tinha acontecido após o fim daquele romance. Trinta e cinco anos é um bom tempo para se pensar em respostas possíveis, e as respostas mudaram tanto quanto mudou a sociedade, e conforme possibilidades se tornaram realidades. Os cidadãos de muitos países, inclusive os Estados Unidos, estão atualmente sob muito mais pressão do que estavam há três décadas.

Uma pergunta a respeito de *O conto da aia* que sempre retornava era: como foi a queda de Gilead? *Os testamentos* foi escrito para responder a essa pergunta. Totalitarismos podem desmoronar de dentro para fora, à medida que deixam de cumprir as promessas que os levaram ao poder; ou podem ser atacados de fora para dentro; ou ambas as coisas. Não há fórmulas infalíveis, já que muito pouca coisa na história é inevitável.

Agradeço, em primeiro lugar, aos leitores de *O conto da aia*: o seu interesse e curiosidade têm sido inspiradores. E calorosos agradecimentos à grande equipe que deu vida ao livro na forma de uma série de televisão emocionante, bem produzida, e premiada da MGM e do Hulu: Steve Stark, Warren Littlefield, e Daniel Wilson como produtores; o *show-runner* Bruce Miller e sua excelente sala de roteiro; os ótimos diretores; e o maravilhoso elenco, para quem com certeza

esse não foi um trabalho qualquer: Elisabeth Moss, Ann Dowd, Samira Wiley, Joseph Fiennes, Yvonne Strahovski, Alexis Bledel, Amanda Brugel, Max Minghella, e tantos outros. A série de televisão respeitou um dos axiomas do romance: não se permitiu nela nenhum acontecimento que não tivesse precedente na história humana.

Todo livro publicado é um esforço conjunto, portanto devo muitos agradecimentos ao animado bando de editores e leitores iniciais de ambos os lados do Atlântico que ajudaram esse experimento mental de diversas maneiras, desde *Adorei isso!* até *Não vão deixar isso passar impunemente!* até *Não entendi direito, detalhe mais.* Esse grupo inclui, entre outros, Becky Hardie da Chatto/Penguin Random House do Reino Unido; Louise Dennys e Martha Kanya-Forstner da Penguin Random House do Canadá; Nan Talese e LuAnn Walther da Penguin Random House dos EUA; Jess Atwood Gibson, que é implacável; e Heather Sangster da Strong Finish, a copidesque demoníaca que encontra toda agulha em qualquer palheiro. E obrigada às equipes de copidesque e produção lideradas por Lydia Buechler e Lorraine Hyland na Penguin Random House dos EUA e por Kimberlee Hesas na Penguin Random House do Canadá.

Agradeço também a Todd Doughty e Suzanne Herz da Penguin Random House dos EUA; a Jared Bland e Ashley Dunn da Penguin Random House do Canadá; e a Fran Owen, Mari Yamazaki e Chloe Healy da Penguin Random House do Reino Unido.

Às minhas agentes hoje aposentadas, Phoebe Larmore e Vivienne Schuster; a Karolina Sutton, e a Caitlin Leydon, Claire Nozieres, Sophie Baker e Jodi Fabbri da Curtis Brown; a Alex Fane, David Sabel, e à equipe da Fane Productions; e a Ron Bernstein da ICM.

No departamento de serviços especiais: a Scott Griffin pelos conselhos sobre navegação; a Oberon Zell Ravenheart e Kirsten Johnsen; a Mia Smith, cujo nome aparece no texto como resultado de um leilão em benefício da instituição de caridade Freedom from Torture; e a vários membros da resistência durante a Segunda Guerra Mundial na França, Polônia e na Holanda que conheci no decorrer dos anos. A personagem Ada recebeu o nome da minha tia por via de casamento, Ada Bower Atwood Brannen, que foi uma das primeiras mulheres a ser guia de caça e pesca na Nova Escócia.

Agradeço aos que me ajudam a manter o meu modesto ritmo diário e me

lembram que dia é hoje, incluindo Lucia Cino da O.W. Toad Limited e Penny Kavanaugh; a V.J. Bauer, que faz o design e a manutenção do site; a Ruth Atwood e Ralph Siferd; a Evelyn Heskin; e a Mike Stoyan e Sheldon Shoib, a Donald Bennett, a Bob Clark e Dave Cole.

A Coleen Quinn, que me obriga a sair da Toca da Escritora e cair na estrada; a Xiaolan Zhao e Vicky Dong; a Matthew Gibson, que conserta as coisas; e a Terry Carman e The Shock Doctors, por manterem as luzes acesas.

E, como sempre, a Graeme Gibson, meu parceiro em tantas aventuras estranhas e maravilhosas há quase cinquenta anos.

Título original
THE TESTAMENTS

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © 2019 *by* O. W. Toad Ltd.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma sem a devida autorização.

Ilustração de capa © Noma Bar / Dutch Uncle
Design de capa © Suzanne Dean
Arte interior por Suzanne Dean (caneta-tinteiro) e
Noma Bar (perfil das meninas)

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
TIAGO LYRA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: novembro, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A899t
1. ed.
Atwood, Margaret
Os testamentos [recurso eletrônico] / Margaret Atwood ; tradução por Simone Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2019.
recurso digital

Tradução de: The testaments
ISBN 978-85-8122-782-5 (recurso eletrônico)

1. Romance canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Campos, Simone. II. Título.

19-60111

CDD: 819.13
CDU: 82-31(71)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

MARGARET ATWOOD, cuja obra foi publicada em mais de 45 países, é autora de mais de cinquenta livros, entre ficção, poesia, ensaios e graphic novels. Além de *O conto da aia*, adaptado em uma premiada série de TV, seus romances incluem *Olho de gato, Vulgo Grace,* ganhador do Prêmio Giller no Canadá e do Premio Mondello na Itália, *O assassino cego,* vencedor do Booker Prize, e a trilogia *MaddAddão.* Foi consagrada com alguns dos mais importantes prêmios internacionais, como o Príncipe de Astúrias, pelo conjunto de sua obra, o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão, o Prêmio Franz Kafka e o PEN Center USA Lifetime Achievement Award, além de ter sido agraciada com o título de Cavalheira de L'Ordre des Art et Lettres, na França. Em 2018, tornou-se membro da Ordem dos Companheiros de Honra por serviços prestados à literatura. Mora em Toronto, Canadá.

Índice

- Capa
- Folha de rosto
- Sumário
- O conto da aia
  - Folha de rosto
  - Epígrafe
  - Sumário
  - I NOITE
    - Capítulo Um
  - II COMPRAS
    - Capítulo Dois
    - Capítulo Três
    - Capítulo Quatro
    - Capítulo Cinco
    - Capítulo Seis
  - III NOITE
    - Capítulo Sete
  - IV SALA DE ESPERA
    - Capítulo Oito
    - Capítulo Nove
    - Capítulo Dez
    - Capítulo Onze
    - Capítulo Doze
  - V UM COCHILO
    - Capítulo Treze
  - VI PERTENCES DA CASA
    - Capítulo Catorze
    - Capítulo Quinze
    - Capítulo Dezesseis
    - Capítulo Dezessete
  - VII NOITE
    - Capítulo Dezoito
  - VIII DIA DO NASCIMENTO
    - Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e dois
Capítulo Vinte e três
IX NOITE
Capítulo Vinte e quatro
X ESCRITOS DA ALMA
Capítulo Vinte e cinco
Capítulo Vinte e seis
Capítulo Vinte e sete
Capítulo Vinte e oito
Capítulo Vinte e nove
XI NOITE
Capítulo Trinta
XII A CASA DE JEZEBEL
Capítulo Trinta e um
Capítulo Trinta e dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e quatro
Capítulo Trinta e cinco
Capítulo Trinta e seis
Capítulo Trinta e sete
Capítulo Trinta e oito
Capítulo Trinta e nove
XIII NOITE
Capítulo Quarenta
XIV SALVAMENTO
Capítulo Quarenta e um
Capítulo Quarenta e dois
Capítulo Quarenta e três
Capítulo Quarenta e quatro
Capítulo Quarenta e cinco
XV NOITE
Capítulo Quarenta e seis
Notas históricas
Notas históricas sobre O conto da aia
Créditos
A Autora
Os testamentos

Folha de rosto
Epígrafe
Sumário
I - Estátua
    Capítulo 1
II - Flor valiosa
    Capítulo 2
    Capítulo 3
    Capítulo 4
    Capítulo 5
III - Hino
    Capítulo 6
IV - The Clothes Hound
    Capítulo 7
    Capítulo 8
    Capítulo 9
    Capítulo 10
    Capítulo 11
V - Van
    Capítulo 12
VI - A seis morreu
    Capítulo 13
    Capítulo 14
    Capítulo 15
    Capítulo 16
    Capítulo 17
    Capítulo 18
    Capítulo 19
VII - Estádio
    Capítulo 20
VIII - Carnarvon
    Capítulo 21
    Capítulo 22
    Capítulo 23
IX - Thank Tank
    Capítulo 24
X - Verde primaveril
    Capítulo 25
    Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
XI - Pano de saco
Capítulo 29
XII - Carpitz
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
XIII - Podão
Capítulo 34
XIV - Ardua Hall
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
XV - Raposa e gato
Capítulo 41
XVI - Pérolas
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
XVII - Dentição perfeita
Capítulo 46
XVIII - Salão de leitura
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
XIX - Escritório
Capítulo 52
XX - Linhagens
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55

Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
XXI - Bate-estaca
Capítulo 59
XXII - Soco no coração
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
XXIII - Muro
Capítulo 65
XXIV - O Nellie J. Banks
Capítulo 66
Capítulo 67
XV - Despertar
Capítulo 68
XXVI - Terra à vista
Capítulo 69
Capítulo 70
XXVII - Despedida
Capítulo 71
O décimo terceiro simpósio
Agradecimentos
Créditos
A Autora